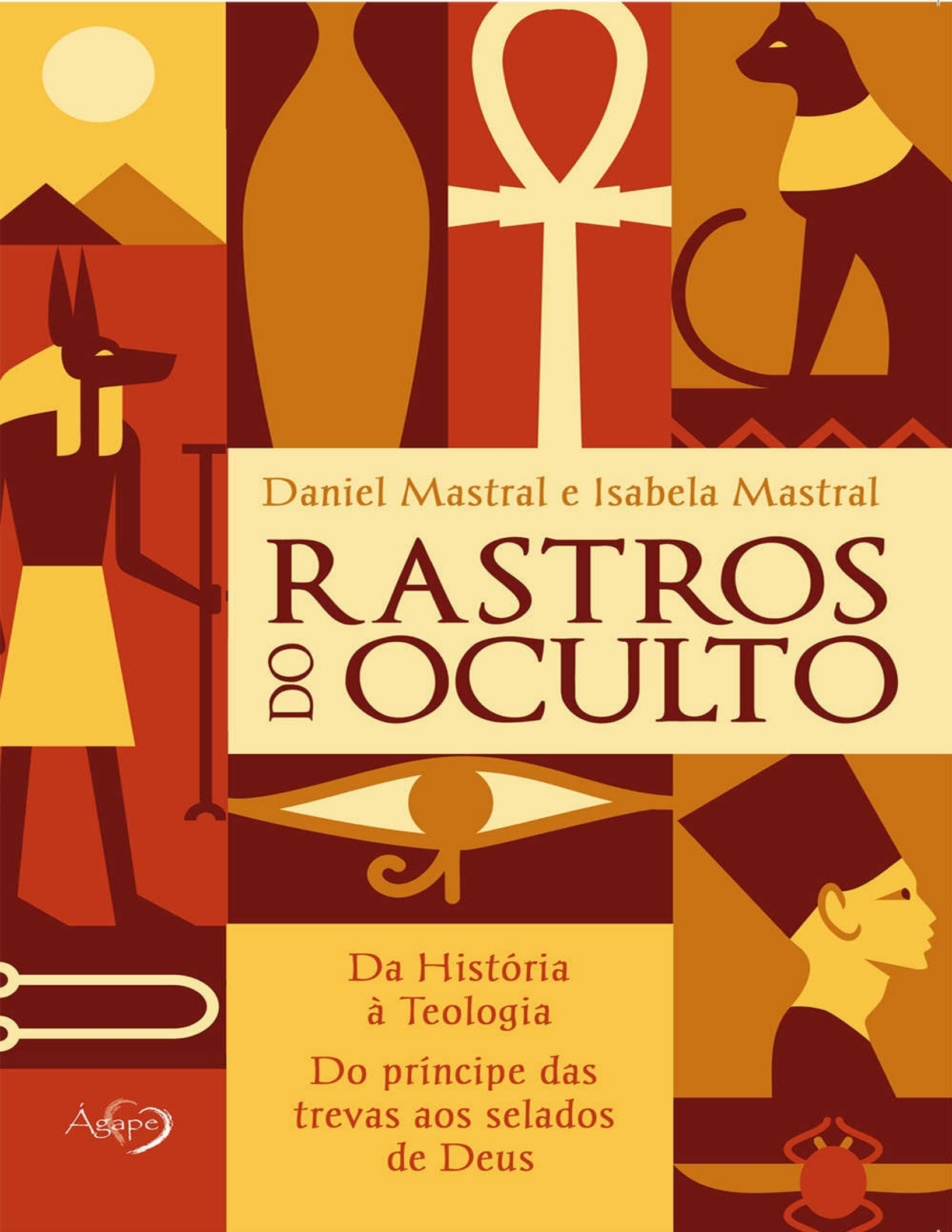


Daniel Mastral e Isabela Mastral

RASTROS DO OCULTO

Da História à Teologia

Do príncipe das trevas aos selados de Deus

Ágape

Daniel Mastral e Isabela Mastral

RASTROS DO OCULTO

Da História
à Teologia

Do Príncipe das Trevas
aos Selados de Deus

Ágape

SÃO PAULO, 2016

Rastros do oculto

Copyright © 2015 by Daniel Mastral – Isabela Mastral
Copyright © 2015 by Editora Ágape Ltda.

PRODUÇÃO EDITORIAL
SSegovia Editorial

CAPA
Débora Bianchi

PREPARAÇÃO
Thiago Fraga

DIAGRAMAÇÃO
Abreu's System

REVISÃO
Andrea Bassoto

GERENTE EDITORIAL
Lindsay Gois

EDITORIAL
João Paulo Putini
Nair Ferraz
Rebeca Lacerda
Vitor Donofrio

AUXILIAR DE PRODUÇÃO
Emilly Reis

DESENVOLVIMENTO DE EBOOK
Loope - design e publicações digitais | www.loope.com.br

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mastral, Daniel
Rastros do oculto: da história à teologia do príncipe das trevas aos selados de Deus / Daniel Mastral, Isabela Mastral. – Barueri, SP: Ágape, 2014.

ISBN: 978-85-8216-155-5

1. Deus 2. Diabo 3. Fé 4. Maldade 5. Tentação 6. Vida cristã I. Mastral, Isabela. II. Título.

14-10227 ;CDD-235.47

Índice para catálogo sistemático:
1. Diabo: Satanás: Doutrina cristã 235.47

EDITORA ÁGAPE LTDA.
Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1112
cep 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil
Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323
www.editoraagape.com.br | atendimento@agape.com.br

SUMÁRIO

Capa
Folha de Rosto
Créditos
Introdução
A História do Diabo
1) Introdução
2) A Formação do Diabo na Mente Humana – Aspectos Históricos
3) A História do Diabo e o Cristianismo
O que foi a Reforma Religiosa?
A Contrarreforma
O Diabo na História
1) A Criação
2) Os Anjos Caídos e a corrupção na Terra
3) Os Gigantes
4) A Reprodução dos Demônios
5) O modo de agir do Diabo
Abertura de Janelas Dimensionais – Espíritos Territoriais
Selo Espiritual – Um Chamado para a Capitania
A diferença entre os predestinados e os eleitos (chamados):
Quanto à vida de Jesus na Terra
Autoridade Espiritual
Moisés
Paulo
O nascimento e a juventude de Saulo
O treinamento de Paulo
Lugares onde Paulo andou neste segundo período de sua vida
As viagens Missionárias de Paulo
Os amigos de Paulo
O Pano de fundo do Missionário Itinerante
As perseguições, acusações e prisões do Apóstolo
Quais os verdadeiros motivos de atrito com o Império Romano?

O quarto e último período da vida de Paulo
Nota
Colclusão
Referências
Sobre o Autor
Colofão

INTRODUÇÃO

Embora muitos tenham vindo de Elites, de grandes feitos de Guerra, tenham muitos títulos e um enorme currículo... muitos não passarão no Treinamento proposto. Porque ele não é somente espiritual, mas vai mexer com as emoções e com o corpo. Muitos irão desistir! A maioria.

Sua força será tirada até a última gota de sangue. Seu "Lar" será um Campo de Treinamento de onde só os mais fortes vão sair; as necessidades diárias básicas e os afazeres dos seres humanos serão descartáveis. Somente os que foram verdadeiramente Eleitos ou Predestinados para o Ministério conseguirão. Como sabemos? Estatística! É um Fato Histórico. A decisão é sua.

O que nunca foi pedido a ninguém foi pedido a você. A dor será sua aliada, o sofrimento, seu companheiro. Mas eles o manterão acordado, com os olhos fitos no Alvo. Quem suportar a dor e o sofrimento será forjado.

Este Treinamento não é para todos. Toquem o Sino e serão poupados. Para isso, é preciso Humildade e reconhecimento da verdadeira posição a que você se destina. Não discuta com o Destino.

Muitas vezes não haverá limite de tempo para o trabalho e o tempo dos seres humanos normais não será levado em conta. Você viverá o que ninguém vive; não terá consolo de ninguém; praticamente nenhuma mão se estenderá para levantá-lo quando estiver prostrado. Não lhe darão crédito, desprezarão o que não conhecem; e quando precisar de um ombro, estará só. Porque faz parte aprender a estar só.

Só a força do General, a força do Senhor dos Exércitos pairará sobre você, sobre aqueles que Elegeu e Predestinou. Quando chegar o tempo do descanso, enquanto *os outros* descansam e tiram férias ao sol, você continuará trabalhando! Seu Treinamento durará dia e noite!

Os de fora do Treinamento não te compreenderão, por isso será injustiçado e caluniado muitas vezes. As feridas que lhe serão causadas sararão... mas deixarão marcas eternas, que ninguém entenderá, e muito menos acreditará que elas existam.

Especialmente as mulheres... preparem-se! Seu Treinamento será tão rigoroso, ou até mais, do que o dos homens. Algumas escondem por baixo da aparência

frágil a determinação da Águia, a força do Urso, a coragem do Leão. E estas não serão poupadas em nada!

Quer desistir? Toque o Sino!

O Treinamento será tão duro que você terá a impressão da Guerra já ter começado... mas é só um “risco calculado”. Assim será, cada vez mais intenso... até se tornar real!

Na Guerra, dois é Um e um é *nada*! Aqueles que foram treinados como você – aqui ou em qualquer outro lugar do Mundo, mesmo que agora te sejam invisíveis –, estes serão seus aliados, aqueles com quem você se tornará Um! Porque, como você, experimentaram... e passaram... e sabem exatamente do que estamos falando.

Durante o Treinamento, além de tudo o que ele exigirá de você, além de arrancar a sua pele, moldar o seu caráter e fortalecer o seu espírito... quando não lhe restar força no corpo, na mente e na alma... o que esperar dos Homens que não sabem o que é isso?

Esbarrará em todo tipo de problema: brigas por posição, corrupção, descrédito, mentiras, invejas, rancores e jogos de Poder. Discursos bonitos com palavras doces e suaves serão feitos para acusá-lo e incriminá-lo por erros que não cometeu. Serão movidos por interesses humanos e diabólicos.

Enfrentará oposição de todo tipo. Dos Inimigos e dos “Amigos”. Estará só!

Mesmo assim, o Treinamento – por mais intenso e descomunal que seja – ainda tem bases controladas. Mas, quando tiver passado pela Formatura e te mandarem para o *Front*, então a Guerra será real! E te exigirá tudo o que foi aprendido nos anos anteriores, quando passou pelas agruras que a maioria desconhece.

Contará com os que foram, como você, provados no mais alto grau que o ser humano possa suportar, e terminaram aprovados. E com o General que te comissionou, e que jamais te abandonará. O Senhor dos Exércitos!

Então sua vida não fará mais parte deste Mundo, pois seus olhos contemplarão o Alvo, somente o Alvo. E o impossível que se faz possível, pelo Poder sobre ti derramado, em Nome de Jesus, o Cristo!

Se você é um destes que vai passar, ou está passando, por tal treinamento... o conhecimento das verdades aqui reveladas serão de grande valia nesta trajetória.

NOTA: as citações acima foram baseadas na Obra Cinematográfica “Até o Limite da Honra” (do Original “G. I. Jane”), filme produzido e dirigido de Ridley Scott, da Hollywood Pictures.

A HISTÓRIA DO DIABO

DOS TEMPOS ANTIGOS À MODERNIDADE

1) Introdução

Ninguém, ao longo da História da Humanidade, recebeu tantos nomes nem foi objeto de tanta especulação quanto o Diabo. Cabível, sem dúvida alguma, nos primórdios dos Tempos, em que a imaginação fértil das pessoas precisava *de explicações* para o Mal. Contudo, hoje, no Terceiro Milênio, haveria ainda espaço para ele? Num Mundo de tanta Tecnologia, na Era da Internet, dos Computadores, dos grandes feitos da Ciência, da Globalização, dos avanços da Economia Mundial... que coisa mais retrógrada, não? Diabo?! Faça-me o favor, hein? Isso é bem coisa de gente que não tem mais o que fazer... Uma maneira de ludibriar o povo de menor renda e pouco privilegiado intelectualmente para fazer disso meio de vida!

Assim pensam muitos. Não deixam de ter uma certa razão, a julgar pelo que vemos diariamente acontecendo nas Igrejas.

Sabemos que ao falarmos sobre o Diabo – quer ele seja "aceito" pela maioria ou não – estaremos explicitamente citando o Ocultismo, além de fatos e práticas a que a maioria não tinha acesso e, muito certamente, ignorava. Nossa argumentação despertará neles o crédito ou o descrédito? Por enquanto, trataremos de História, pura e simplesmente. Contra fatos, como diz o ditado, não há argumentos. É um importante tópico que toda Liderança deveria dominar, pois a grande maioria dos leigos pensa que Satanás foi uma "invenção" da "*Igreja dos Crentes*". Cremos ser muito importante que os Líderes entendam de onde surgiu – historicamente falando – o nosso Adversário!

Para a maioria leiga, o Diabo está bastante "transformado", já sem tantos poderes quanto tinha antigamente. Mais ajustado ao Mundo de hoje; "modernizado". Podemos dizer até que ele ganhou um certo "glamour", principalmente entre os jovens. Torna-se mais interessante o jovem que tem algum tipo de "banda" que faz menção aos poderes das Trevas, e as moças costumam falar de boca cheia ao dizerem que são "Bruxas". Mas não é desse tipo de Ocultismo a que nos referimos, nem a esse Diabo "amigo" que fazemos menção.

Apesar das modificações que sofreu ao longo dos Séculos, ele continua sendo um só, e o mesmo, desde os primórdios dos Tempos, muito antes da Criação da Humanidade. Ainda assim, presente, bem presente... como veremos. Entretanto, um lembrete em tempo: nós, Cristãos, podemos estar a par das atividades consideradas demoníacas, sim. O que é fundamental, pois todos os que já fizeram o Seminário I sabem que "O Povo – a Igreja – perece por falta de

conhecimento". Mas é imprescindível que não nos deixemos envolver pela fascinação pelo Oculto, a *obsessão doentia*, que é o que está acontecendo com muita gente! Isto é péssimo, *péssimo*! Se houvesse outra palavra mais contundente do que esta, eu a usaria. Estamos diante de uma espécie de "surto coletivo", e o presente material visa pôr em ordem as ideias com coerência, e de forma inspirada pelo Espírito. Caso contrário... sinto muito dizer, estamos fazendo o jogo dele!

Falo isso não porque esteja "querendo achar pelo em ovo", mas tem sido, sim, uma realidade!

Na Igreja podemos, *e estamos*, incorrendo em dois extremismos. De um lado, há os que não creem no Diabo e suas práticas; a velha e cômoda história do "Jesus *já* morreu na Cruz, *já* venceu aos Principados e Potestades, colocou-os debaixo dos Seus pés, e deu autoridade à Igreja para fazer o mesmo. Não há Guerra. Cristo venceu a Guerra!". Não estou falando à toa. Escutei da boca de um Psiquiatra Cristão palavras assim, desse teor. Ao que ele acrescentou: "Isso é herança da nossa cultura afro-indígena, coisa de candomblé, de espiritismo... coisa de pessoas de pouca cultura. Não há Batalha alguma com Demônio algum. Jesus já fez isso por nós".

E há muitos Pastores e Líderes que pensam exatamente assim. Ou, pior ainda...: "Demônios existem, sim, mas não podem me tocar. O Sangue de Cristo me cobre; nenhum mal pode me atingir; a Bíblia diz que "o Maligno não nos toca"! (tanta coisa fora de contexto... mas, enfim, não é esta a tônica do assunto).

Por outro lado, há também um desenvolvimento excessivo, um interesse mórbido, algo tão complexo e de tal forma delirante que o Ocultismo torna-se figura e assunto principal na vida de muitos e muitos e muitos. Quando digo muitos, estou realmente querendo dizer *Muitoooos*! E todos os detalhe vis e sem importância, movidos por curiosidade e nada mais, tornam-se parte crucial da vida dessas pessoas, de cujo conhecimento depende a própria sobrevivência. Veja a que ponto se chega! Já não parece existir nenhum outro assunto na Bíblia, mas apenas Satanás, Satanás, Satanás! Com certeza, isso não é nem um pouco do agrado do Pai, seja um tipo de pessoa quanto o outro tipo.

Como não é possível esquivarmo-nos de que o sobrenatural *é* realidade, cabe a cada um de nós encontrar o equilíbrio dentro deste tipo de conhecimento. Portanto, vamos a isso!

Terminologia: o vocábulo "Oculto" deriva-se da palavra latina "***occultus*"** e significa escondido, secreto, obscuro; aquilo que é de falso fundamento, misterioso. São fenômenos que parecem escapar, como realmente escapam, ao domínio dos sentidos. A palavra sinônima de Oculto – popularmente falando – é "Esotérico" e está relacionada com a doutrina que é escondida das "pessoas em

geral", mas se revela apenas aos iniciados; isto já é uma prática longínqua, comum a todas as Antigas Culturas. O Dicionário de Religiões, Crenças e Ocultismo relata: "Ocultismo é o que está além da esfera do conhecimento empírico; o sobrenatural; o que é secreto ou escondido".

O termo "Ocultismo", criado no Século XIX pelo francês Eliphas Lévi (Alphonse Louis Constant), designa a série de teorias, práticas e rituais que tem por base conhecimentos secretos e a possibilidade de invocar forças desconhecidas, sejam da mente ou da natureza. A alquimia, a astrologia, a cabala e a bruxaria estão entre as mais antigas formas de Ocultismo. Com metodologia própria para curar enfermidades, obter determinados bens ou adivinhar o futuro, essas doutrinas pressupõem a existência de espíritos e de Forças Ocultas que governam o Universo. Muitas das formas de Ocultismo tiveram origem em Religiões secretas que vêm – pasme, se quiser! – desde a Antiguidade. Não surgiu apenas com a Bruxaria da Idade Média, como pensávamos todos.

Ao nos referirmos ao Ocultismo não estamos tratando de um Sistema Religioso específico ou de uma Organização Homogênea. Determinado grupo ou seita pode conter dentro do seu escopo doutrinário, ou regras de fé e práticas, ensinos extraídos do Ocultismo. Existem vários grupos que praticam, explicita ou implicitamente, o Ocultismo.

Ele – Asmodeo, Belzebu, Azazel, Belial, Baal são alguns dentre os muitos nomes com os quais os antigos Hebreus o rotularam. Ou Iblis, como dizem os Muçulmanos. Ou Arimã, para os seguidores de Zoroastro, na Pérsia. Seth, para os Egípcios. Ou simplesmente, como bem o sabem os brasileiros temerosos em mencionar-lhe o nome, o Rabudo, o Tinhoso, o Beiçudo, o Pai da Mentira, o *Cão*. O Demo. Satanás. Diabo. Ou Lucipher, como preferem os Filhos do Fogo. Uma das mais intrigantes figuras que povoaram e ainda povoam o imaginário do ser humano. É interessante notar que nenhuma Sociedade conseguiu viver sem uma personificação do Mal, sem uma "figura do Diabo". Isso não é Teologia. Veja muito bem isso e perceba a diferença deste estudo. É História.

O Diabo chegou ao Século XXI já sem sua aparência grotesca de bode, dragão alado, com chifres e rabo, com uma face monstruosa cheia de dentes pontiagudos. A não ser nas capas de CD's de *Hard Rock* e nas anedotas cômicas. Na maior parte do Mundo Moderno já não o responsabilizamos por toda doença ou tragédia do Mundo Natural. Foi preciso que o Diabo, antes tão cheio de fama, sobretudo na Europa Medieval, cedesse parte do seu lugar ao Pensamento Racional, aos avanços sobre a superstição e progressos da Ciência. Independente disso é curioso perceber que ele *continua*. Apesar de reduzido em suas ideias e poder originais, é inegável que ele continua influente em nossos dias, qualquer que seja a classe social, o nível cultural ou a nacionalidade das pessoas. É muito

difícil que o ser humano, bem no fundo das suas introspecções, ou mesmo de maneira aberta, deixe de precisar de uma explicação na qual somente Satanás se enquadra.

Nos Estados Unidos, por exemplo, maior potência do Mundo e centro tecnológico, de 1998 a 2000 cresceram em mais de 10 vezes o número de Exorcistas autorizados pela Igreja Católica. Na França, no mesmo período, eles foram de 15 para 120. Em quase todo o Mundo Desenvolvido (que não se dirá dos "Em Desenvolvimento"?). Isso significa que Demônios e seus seguidores continuam ainda fazendo parte do cotidiano.

Entre os fundamentalistas Islâmicos, Iblis ganhou as cores branca, vermelha e azul, sugestivamente as da Bandeira Norte Americana, país rotulado como "O Grande Satã". Foi, em suma, contra o próprio Diabo que os aviões foram lançados contra as Torres Gêmeas de Nova York, em setembro de 2001. Esta é uma luta também de cunho religioso, e Satanás é o grande vilão a ser enfrentado! Igualmente, para muitos norte-americanos e Cristãos de todo o Mundo foi a mão do Diabo que guiou aqueles suicidas Muçulmanos no fatídico e terrível dia.

É para impedir o ação de Demônios que o regime Taliban impõe o uso das burcas pelas mulheres, do mesmo modo que os órgãos sexuais de meninas eram mutilados – e talvez ainda sejam – em certas culturas Mundo afora. Da Europa à África, Belzebu segue com suas manipulações. No Brasil, é claro, há amplo terreno fértil para ele, como nós mesmos sabemos, nas suas mais diversas formas. Desde a Quimbanda e o Candomblé, até dentro das Igrejas Evangélicas, o Diabo está frequentemente presente.

A Igreja Católica, até meados do Século passado, pintava o Diabo com a mais horripilante máscara, mas nos presentes tempos teve que retocá-la para adaptar-se ao Mundo Atual. Mesmo assim, apesar de deixar de lado sua forma grotesca, não perdeu sua força. Pelo contrário, agora Satanás é mais ardiloso e sutil, induzindo o Coletivo que a verdadeira felicidade está em satisfazer as concupiscências da carne, deixando-se seduzir pelo poder, dinheiro e luxúria; afinal, "a Vida está aqui para ser vivida, sem restrições", e não é preciso servir ao Diabo para abraçar tal filosofia como forma de viver. A Igreja Católica assume esse tipo de ação como demoníaca, mas afastar o homem dos desígnios e caminhos de Deus também pode ser ação do "Bicho".

O Vaticano exorta seus fiéis a considerá-lo como toda "causa do Mal", ainda que sua ação esteja, hoje, mais requintada, menos caricaturizada e "menos evidente" (pelo menos, assim pensam alguns). Parece que o Diabo se tornou "mais inteligente" nos seus ardis. Ainda que possa apossar-se dos homens, como esclarece o documento "De todos os Exorcismos e Súplicas", de 1999, o Papa João Paulo II retoma, neste documento, a ideia do francês Baudelaire, do Séc.

XIX, cujo verso dos mais realistas é: “O mais belo estratagema do Diabo é nos persuadir de que ele *não* existe”.

Ao contrário do que muitos intelectuais pensavam, a superstição não regrediu com o avanço da tecnologia e das ciências. Muitos achavam que ninguém mais difundiria histórias mirabolantes sobre seres mirabolantes; aposentariam seus amuletos, suas imagens de Buda, seus cristais, pirâmides e patas de coelho; o mês de agosto deixaria de ser agourento, bem como as sextas 13... ninguém iria temer o mau-olhado, as invejas; o que não dizer da cartomancia, dos búzios e do tarô? As pessoas têm muita confiança em seus mestres, guias, gurus, médiuns, benzedeiros, pais de santo... E a coisa não termina por aí... percepção extra-sensorial, mandala, cabala, talismãs, duendes, “anjos”, benzimentos.....!

A grande verdade é que toda espécie de doutrina – até aquelas sem pé nem cabeça – não encontraria centenas, *milhares* de adeptos, se tais coisas não estivessem em moda. Isso quer dizer que, para desgosto de alguns, mesmo os mais intelectualizados creem em alguma forma de sobrenatural. Se bom, se mal... se der certo e ajudar na vida... qual o problema, afinal?! Ninguém disse que estamos a cultuar o Diabo... ou disse?

“Então, deixe de intrometer-se em minha vida, deixe-me aqui quieto, com meus Florais de Bach e minhas massagens energizantes e minhas manipulações de Chakhras... Sabia que Viagem Astral tem tudo a ver comigo?!!!”.

MAS, PERGUNTA-SE: quem, afinal de contas, é o Diabo?

Ele existe de fato? Está entre nós desde quando? (lembre- se, este estudo não é Teológico, mas Histórico). Historicamente, Satã, como o compreendemos hoje no Ocidente, é um ser que concentra em si a Maldade Absoluta. Mas como isso começou? É apenas ideia difundida pelo Cristianismo ou podemos encontrar as “pegadas do Diabo” ao longo da História, mesmo que ele não as quisesse deixar, preferindo surpreender a todos bem no “Final do Jogo da Vida”?

Em outras palavras..... Como foi que a figura do Diabo se tornou o que é?

2) A Formação do Diabo na Mente Humana – Aspectos Históricos

Em termo concretos, ele é resultado de uma longa gestação, decorrente basicamente de três aspectos:

> – **Sincretismo**: os arquétipos do Mal – imagens psíquicas do Inconsciente Coletivo que, segundo K. Jung, estruturam *modos de compreensão comuns* aos indivíduos de uma mesma Comunidade – foram ganhando formas concretas a partir deste fenômeno, o Sincretismo. Isto é, por meios da mistura da ideia do Mal que há nas diversas Religiões. Aqui no Brasil, por exemplo, que sofreu bastante influência indígena e africana, além do Catolicismo Português fica fácil de entender o conceito do Sincretismo. Foi tudo "misturado", numa enorme massa de Bolo, à medida que os Povos também se misturavam.

O Senhor não queria que o Sincretismo – algo inevitável quando Povos diferentes convivem num mesmo ambiente – contaminasse a Revelação Pura que tinha vindo dos Patriarcas e de Moisés. Como os Israelitas, em tempos antigos, estavam sujeitos a todo tipo de influência pagã. Era por esse motivo que Deus os exortava tão claramente a "não prestarem culto a outros deuses".

Fica claro perceber que quando se misturam diversas culturas, as ideias delas também se misturam, criando outras. Assim se dá o Sincretismo Religioso. Na Antiguidade, devido à expansão das Civilizações e à formação de Sociedades mais poderosas que outras, milênios de conquistas e grandes misturas entre os povos levou a uma enorme "miscelânea" em todos os sentidos. É bem a "massa de Bolo"! Nela se colocam diversos ingredientes de todos os tipos e, ao final, tem-se algo completamente diferente daquilo que tínhamos no começo. Isso sem contar que muitos dos "ingredientes" eram simplesmente impostos pelos conquistadores aos conquistados...

A mistura de tudo isso: linguagem, costumes, formas de vida e subsistência, religiosidade, artes e tudo o mais costuma ser muito forte, porque o Homem é um ser social, que se relaciona. E tudo vai sendo misturado na massa!

Imagine o processo de colonização do Brasil... Todos se misturaram com todos, alguns foram subjugados por outros, mas isso não apagou as suas marcas. Hoje, nosso modo de vida e de pensar tem raízes africanas, portuguesas, indígenas, italianas, germânicas, orientais... Nosso País é de enorme miscigenação! Hoje, em nosso Século, temos o privilégio de não sermos obrigados a adotar costumes de outros povos. Vivemos num País que permite a liberdade de Culto, um lugar onde o Católico convive com o Espírita, que é vizinho do Protestante, que tolera os Hare-Khrisna (embora queira convertê-lo!),

os quais já tomaram ciência das doutrinas Budistas, que certamente conhecem os princípios de Bodhidharma e a filosofia dos Esotéricos, os quais, tão certo como 2 + 2 é igual a 4, já espantaram de sua porta algumas Testemunha de Jeová, que se pelam de medo dos Muçulmanos... e etc..., etc..., etc...

No entanto, antes, muito antes.... na Antiguidade, Na Idade Média e mesmo ainda na Idade Moderna, quando um Reino era conquistado e subjugado, normalmente ocorria a somatória (Sincretismo), uma mistura que gerava algo diferente de ambas... ou então, o Povo dominado era obrigado a abandonar suas crenças e abraçar a as novas.

– **Processos de Transferência**: a "criação" do Diabo também é decorrente deles – a pessoa descarrega num mito, numa figura externa, num "ser maléfico absoluto" todo o mal que enxerga dentro de si. E, claro, por não querermos ver a nossa essência ruim, não queremos ver isso como fazendo parte de nosso ser e descarregamos isso de alguma maneira. Podem ser as mais absurdas terapias psicológicas. Mas como estamos tratando do Diabo e não dos desvarios do Consciente e do Inconsciente, a verdade é que tal ser – Satanás – torna-se responsável por tudo aquilo que consideramos ruim ou que se opõe a Deus, sinônimo do Bem e de tudo que é benéfico, altruísta, que perdoa, que tem compaixão, que tem solidariedade e bondade. Transferimos ou descarregamos o ódio, a raiva, o medo, as fobias, os desvios de personalidade, as paixões mundanas. Não aceitamos isso em nós, então, transferimos para algo ou alguém. O Diabo é uma ótima pedida!

– **Mitologia**: vem de diversas fontes. A primeira delas é Histórica e admite-se que muitos personagens mitológicos de fato existiram, mas as lendas e tradições fabulosas são apenas acréscimos e embelezamentos poéticos. Quer dizer, o fato histórico aconteceu, mas foi contado sob a forma de Poesia. É o caso da Ilíada e da Odisseia, tidos como acontecimentos reais, mas narrados de maneira a dar "leveza e suavidade" à narrativa. A segunda fonte é a Alegórica pura, em que se admite que os Mitos da Antiguidade eram apenas simbolismos, contendo alguma verdade moral, religiosa ou filosófica; mais ou menos como as Parábolas de Jesus, sabe? Outra fonte para dar asas à Mitologia é a Física, pois os principais elementos, ar, terra, fogo e água, bem como os principais elementos da Natureza, sempre foram objeto de adoração religiosa e as principais divindades de todos os Tempos sempre foram personificações de forças da Natureza, ou de seus derivados: deuses da Boa Colheita, do Sol, da Fertilidade, da Beleza, da Chuva, etc...

Percebendo desde os primórdios da Existência que nem tudo à nossa volta é reflexo do Bem, notamos que uma figura representante do Mal, afinal, torna-se

peça *necessária* à Vida! Nenhuma Sociedade Humana conseguiu viver sem ela – ou ele! Psicologicamente falando, como já foi comentado, ajuda-nos a exorcizar, a retirar de dentro de nós todo o Mal e colocá-lo em outro lugar. E Historicamente falando, a essência do Mal é *reconhecida* em toda e qualquer cultura.

A partir desta constatação, começaram as tentativa de personificá-lo. Personificar o Mal.

Teologicamente falando... bem... isso já é uma outra questão. Mas antes que todo Cristão Evangélico seja tachado de lunático, vamos ver o que nos diz a História.

E a História observou que, embora presente em todas as Culturas do Mundo, em todas as épocas, esse personagem – a figura do Mal –, é *essencial* no Cristianismo como em nenhuma outra Religião ou Povo. Parece que a função do Diabo como válvula de escape está muito clara, por exemplo, no Novo Testamento, base da Doutrina Cristã; aí há mais citações do Mal do que do Bem. E mais referências a Satã que a Deus....

(Naturalmente, esta é uma interpretação puramente teórica dos fatos. Não estamos tratando do assunto *Teologicamente*! Ainda...)

Mas vamos começar pelo começo. Em duas palavras: *como* começou a História do Diabo? Em que momento ele foi citado pela primeira vez pelo Homem, seja pelo motivo que for...? Em que momento a personificação do Mal se transformou nessa figura, nesse Nome?!...

A Civilização Humana, desde as suas mais remotas Antiguidades, procurava uma explicação para o Mal. Vamos ver *desde quando* podemos encontrar "Figuras do Mal", e como elas eram encaradas.

> •**Mesopotâmia: Sumérios, Acádios, Babilônios, Assírios, Neo-Babilônios, Caldeus, Persas**: são Sociedades Antigas que vêm desde a Pré-História, e que se desenvolveram na Mesopotâmia. Aqui surgiram Povos e Civilizações tão antigas quanto a do Egito. Os Sumérios foram os primeiros de importância na região; depois vieram os Semitas (Acádios, Babilônios, Assírios). Por fim, os Caldeus e os Persas. Estes são os mais importantes e de quem falaremos a seguir.
>
> **Mesopotâmia,** em grego, quer dizer "entre rios", e refere- se à região localizada no Oriente Médio, entre os rios Tigre e Eufrates. Formava a ponta do "Crescente Fértil", o arco de terra habitável que se estendia a oeste através da Síria, e para o sul em direção à Palestina e ao Egito. No uso moderno, o termo adquiriu um significado mais amplo porque se refere não só à terra entre os dois principais rios, mas também aos seus tributários e

vales circundantes, englobando uma área da qual faz parte o Iraque, a Síria oriental e o sudeste da Turquia.

A Região Mesopotâmica foi berço de muitas civilizações antigas: os Sumérios e os Babilônios ao sul; os Assírios ao norte e, mais tarde, os Persas a leste. Nos tempos antigos, por causa da sua riqueza natural, que sempre atraiu os povos procedentes das regiões vizinhas mais próximas, a região conhecida como Mesopotâmia foi alvo de muitas migrações e conquistas. Foi nesse território que o Homem aprendeu a adaptar-se ao meio ambiente, sobretudo através do controle dos cursos de água dos rios por meio de canais e diques, assim tirando proveito do potencial econômico da região. Por causa da cheia dos rios, o solo era irrigado e, por meio dos canais, fez-se mais fértil ainda, produzindo cultivos abundantes. Foi somente neste momento (quando se conseguiu canalizar a água dos rios e melhorar a qualidade do solo) que começaram a se desenvolver as primeiras comunidades em grande escala. As comunidades mais antigas que surgiram aí datam de 7000 anos a.C., e a partir de 6000 a.C. começaram a aparecer as civilizações que se tornariam as cidades do IV milênio a.C.

Os Homens começaram a lucrar com esse sistema além dos limites puros da subsistência e passaram a produzir um excedente, diversificar as atividades culturais e tirar proveitos cada vez maiores das comunidades de uma forma coletiva, isto é, na forma de “Cidade”. A “invenção” das cidades pode muito bem ter sido o maior legado da Civilização Mesopotâmica. Não havia apenas uma cidade, mas dezenas delas, cada uma controlando o seu próprio território rural e pastoril, e sua própria rede de irrigação. Cada cidade tinha seu caráter singular: havia Cidades Sagradas, Cidades do Saber, Cidades do Comércio, Cidades de Reis; cidades que floresceram por um tempo e depois foram abandonadas, mas também algumas que até os dias de hoje são habitadas! A primeira povoação da região é provavelmente Eridu, embora o exemplo mais notável seja Uruk (a Erech Bíblica), ao sul, onde os Templos de adobe eram decorados com refinada metalurgia e pedras lavradas.

Pouco temos a respeito da Religião adotada e rituais praticados, mas sabe-se que sua influência estendeu-se por toda a região vizinha, chegando, inclusive, a lugares distantes como a costa sírio-palestina. No início do seu florescimento, na Mesopotâmia, doenças, fome e seca eram vistas como as *faces zangadas* dos deuses. Ainda que aparentemente não houvesse a concepção de “Demônios”, havia uma distinção entre os deuses bons e aqueles encarregados de espalhar o Mal aos homens e à Natureza, segundo cada espécie. Havia o grupo que cuidava de espalhar as doenças contagiosas (lepra e malária), o grupo que influenciava na Natureza (vendavais, secas) e o grupo que influenciava o comportamento do

homem (raiva, ódio, fúria, epilepsia, distúrbios mentais). Para cada grupo específico havia os “Sacerdotes”, homens estudados e preparados para apaziguá-los por meio de rituais, magias, sacrifícios e chás preparados com ervas próprias. Havia, entretanto, o maior de todos, que nenhum Sacerdote conseguia derrotar: o deus da morte, que atemorizava principalmente as gestantes e crianças recém-nascidas. Claro que o índice de mortalidade infantil era muito elevado nesta região e época, e isto era atribuído a um ser espiritual horrível que não poupava as crianças de viverem. Este “deus” era concebido sob a forma de uma serpente. Por outro lado, a chuva e a boa colheita representavam proteção dos deuses. Quanto à criação, para eles o Mundo começou do Caos e sempre havia a possibilidade disto voltar a acontecer, uma vez que a Criação e a existência eram resultado de uma *luta* que começou no início dos Tempos.

Os **Sumérios** constituíram a primeira civilização influente a estabelecer-se na Mesopotâmia, em torno de 3000 a.C. Pouco se sabia sobre eles até 1970, quando tabuletas de argila foram encontradas em Ebla, na atual Síria, revelando uma cidade-estado bem organizada. Foram eles provavelmente os responsáveis pela primeira cultura urbana, que se estendeu até o norte do Eufrates. Outras Povoações Mesopotâmias importantes foram Adab, Isin, Kish, Larsa, Nippur e Ur. As tabuletas também registravam trechos de vários mitos, mostrando que deuses, como Enki, eram vistos como fonte de vida e fertilidade, aparecendo ora como deus-terra, ora como deus-água; Enki, junto com Anou ou An, deus-céu; e Enlil, deus do vento e, mais tarde, deus da terra, são os deuses mais primitivos da Suméria. Nin-ur-sag, também chamada de Nin- mah ou Aruru, a senhora da montanha, também era cultuada. A hierarquia entre esses deuses muda com o tempo. No início da civilização Suméria, Anou ocupa a principal posição. Depois, o deus supremo passa a ser Enlil, considerado o regente da Natureza, o senhor do destino e do poder dos Reis. Por sinal, o Rei assumia papel divino. Os antigos sumérios procuravam obter as graças divinas por meio de sacrifícios regulares e oferendas. Cada deus tinha sua festa especial. Os Sumérios foram os primeiros a inventar a escrita – os caracteres cuneiformes. Descobertas arqueológicas e a decifração da escrita cuneiforme têm revelado as tradições culturais e religiosas desses povos. Entre os documentos decifrados destacam-se alguns anteriores ao Século XV a.C.

Em 2330 a.C., a região foi conquistada pelos **Acádios**, que estenderam seu domínio sobre a Suméria, unificando toda a Mesopotâmia. Nessa época, percebemos algo mais na Mesopotâmia: a crença na existência de semideuses, por causa de certos achados artísticos. Talvez – quem sabe – foi legado dos Acádios. Também impressionantes Santuários foram construídos no período de 2121-2004 a.C., no período chamado Terceira Dinastia de Ur.

Declinou-se novamente a Civilização vigente, quando caíram sob o domínio de Hamurabi (1799-1750 a.C.), quando a região foi conquistada pelos **Babilônios**. Sumérios e Acádios perderam sua independência. Novamente, uma parte do que podemos saber a respeito da religiosidade deste momento vem evidenciada da Arte, pois dela se fez uso para imprimir e gravar rituais religiosos, em qualquer cultura do Mundo. Então, sabemos, indiretamente, por cerâmicas decoradas e estatuetas de mulheres sentadas, que eles acreditavam na existência das deusas da fertilidade, que certamente eram cultuadas. Os Babilônios (e posteriormente os Assírios) incorporaram os deuses Sumérios apenas trocando seus nomes e alterando a sua hierarquia. Anou, Enki e Enlil permaneceram como deuses principais, mas muitos outros deuses eram venerados pelo Babilônios: por exemplo Sin, o deus-lua; e Ishtar ou Astarté, deusa do dia e da noite, do amor e da guerra. No Reinado de Hamurabi, o deus Supremo passa a ser Marduk, o mesmo Enlil dos Sumérios, porém mais poderoso. Chamado de “pai dos deuses”, ou criador, Marduk sobrevive com o nome de Assur, deus supremo da Assíria, quando esse povo domina a Mesopotâmia. Sabemos também da existência das Torres Escalonadas (Zigurates), típicas construções religiosas dos Babilônios da Mesopotâmia, e também da existência de Templos. A ideologia religiosa dos Babilônios envolvia um sem número de personalidades divinas, governadas por deuses arbitrários, bons e ruins. Neste contexto sociológico erguia-se um complexo sistema de relações, o qual incluía o culto, o exorcismo e a magia.

Ainda que a Mesopotâmia, neste período, fosse sinônimo da presença dos Babilônios em toda a região, a **Cidade de Babilônia** foi a primeira Metrópole dos tempos antigos, no sentido mais real desta palavra. Multicultural, multi-étnica, cheia das incríveis realizações dos Mesopotâmios e das vidas de seus poetas, Sacerdotes, Reis, mulheres e homens de negócios, entretecidos com os Mitos da mais antiga Literatura do Mundo. Não há muitos relatos de como a vida era vivida na sua profundidade nessas cidades invisíveis há muito perdidas. Nippur, Sippar, Assur, Nínive, Ur, Acádia, Babilônia. Estas eram algumas das cidades importantes do Império Babilônico que se estabeleceu na Mesopotâmia.

Os Babilônicos tinham muitos deuses e deusas, os quais se comportavam de maneira estranha algumas vezes, exercendo tanto o Bem quanto o Mal, de acordo com seus *humores*. Daí surgiram muitos Rituais que tinham por objetivo satisfazer aos deuses ou aplacar-lhes a ira. A relação com os deuses é marcada pela total submissão às suas vontades, mas estes, por vezes, podem manifestá-las através de sonhos e de oráculos. Importante: perceba que segundo estas crenças, antigas o Bem e o Mal habitavam em *um só* personagem.

Como já foi comentado, claro que A Criação do Mundo era algo que muito

naturalmente despertava a curiosidade do Homem. Esses antigos Pagãos acreditavam que antes de serem criados terra, céu e mar, todas as coisas apresentavam um aspecto a que se dava o nome de Caos (lembra-se que os Sumérios tinham uma crença semelhante, de muitos anos antes?). Este Caos, uma enorme e confusa massa em que, entretanto, jaziam as sementes das coisas. Latentes.

Os deuses e a Natureza, por fim, intervieram e puseram fim a essa discórdia, a esse Caos. Segundo a crença Babilônia, no início do Caos havia deuses bons; mas aqueles que não eram bons *por completo* (o que é diferente de serem "maus"), criaram um exército para ajudá-los. Um exército a partir de pássaros, escorpiões, leões, touros e assim por diante. É uma ideia interessante esta, porque fala em "híbridos": metade deuses, metade animais, como já se evidenciava na Cultura Acádia, 500 anos antes, e irá evidenciar-se também em muitas outras culturas antigas, como veremos.

Marduk, deus da Babilônia, é elevado a deus principal pelo "Código de Hamurabi". Este código também estabelecia as leis que regiam a vida e propriedade dos súditos do imperador Hamurabi. A Religião de Marduk converteu-se na última das grandes sínteses das correntes espirituais mesopotâmicas. Neste sentido, o Sincretismo ganhou importância. A figura de Marduk (Baal ou Bel) tinha dois rostos, correspondendo à sua dupla personalidade, como filho do sol e deus da magia, e filho das águas profundas. A primeira forma do culto consistia na oração e na liturgia de atendimento aos deuses. Estes, como os mortais, deviam comer e beber, dormir e amar. Oferendas diárias deveriam ser oferecidas aos deuses, suas imagens expostas como forma de proteção, seus símbolos usados como sinal de bom agouro. Para os Babilônios, a hora da morte também era uma decisão dos deuses, e o mundo dos mortos consistia num universo de sombras e trevas que se esvaíam, como uma prisão sem saída. Ao que parece, a primeira menção a Demônios (seres puramente maus, ao contrário da crença de que o Bem e o Mal residiam no mesmo ser) vem da Babilônia. Os babilônicos acreditavam que todo o mal, físico ou psíquico, ligava-se ao pecado ou ocorria por ação de Demônios, instigados por feiticeiros. Se eram realmente "Demônios", como hoje os definimos, ou se foi uma nomenclatura definida posteriormente por estudiosos, não sei. Talvez fossem deuses maus que podiam ser comandados por feitiços, como ocorre na nossa Umbanda, Quimbanda e Candomblé. A prática rudimentar da consulta aos horóscopos também é de origem babilônica, mas acabou por se tornar popular em toda a Mesopotâmia. O horóscopo, sistema que relaciona datas e lugares geográficos à posição dos astros, passou a ser usado para previsões do futuro.

Depois do período Babilônico, houve uma sucessão de conquistas e migrações

na região. A Mesopotâmia era um lugar bom para se viver por causa do solo fértil e da possibilidade de colheitas abundantes, da formação já antiga de grandes cidades. A mais importante das migrações veio da **Assíria**. Próximo ao ano 1350 a.C. o Reino da Assíria começou a crescer e expandir-se. O apogeu do Império se deu com Assurbanipal II e Salmanasar III (883 – 824 a.C.), alcançando sua maior extensão territorial no período compreendido entre 730-650 a.C. Neste período, na Mesopotâmia os temas religiosos são apresentados de uma forma solene e as cenas profanas de maneira mais naturalista. Segundo relação encontrada na Biblioteca de Assurbanipal (668-626 a.C.), em Nínive, mais de 2.500 entidades eram divinizadas pelos Mesopotâmicos. A prática de exorcismo era uma atividade mágica na Religião. Rezas, penitências, ritos especiais e outras práticas orientadas por Sacerdotes eram feitas com o intuito de afastar as forças maléficas e abolir as causas do mal. Por encontrarem-se a Síria, a Fenícia e a Palestina na rota terrestre entre a Ásia Menor e a África, a arte antiga destas regiões mostra a influência dos Povos que as conquistaram, atravessaram-nas ou comercializaram com seus habitantes. Isto também aconteceu com a Mesopotâmia. Foram encontrados selos cilíndricos mesopotâmicos do período artístico Jemdet Nasr, tanto na cidade israelense de Megido quanto em Biblos, capital da Fenícia. A cerâmica, os trabalhos em pedra e os escaravelhos do Século XXIX a.C. foram influenciados pela arte egípcia. Punhais e outras armas cerimoniais, do início do segundo milênio a.C., são marcadamente de origem Fenícia.

A expansão foi tão grande nesse período que chegou ao Mediterrâneo e cobrou tributos dos Povos; o mesmo se deu com Jeú, Rei de Israel em 841 a.C. (diz o texto Bíblico que Jeú não foi 100% fiel ao Senhor no extermínio dos adoradores de Baal, pelo que o Senhor começou a diminuir as fronteiras de Israel nesse período). Esse adendo confere bastante bem com o relato Histórico, como poderão ver a seguir. Os Reis de Samaria mantinham relações comerciais diplomáticas com os Fenícios (tanto é que a ruína do Rei Israelense Acabe foi sua mulher fenícia, Jezabel, pouco antes da tomada definitiva de Samaria). A influência Fenícia é evidente, não somente nos Cultos a Baal, o pior de tudo, mas em todos os cantos: na casa de marfim de Acabe e nas centenas de incrustações de marfim, para mobília, escavadas em Samaria. Paredes esplêndidas do calcário local, cortadas no precioso estilo Fenício, cercavam o Distrito Real de Samaria. Era bem esse o Sincretismo que Deus abominava! Samaria sempre foi mais aberta a influências estrangeiras do que a Judeia (Reino do Sul).

Considera-se que a divisão do Reino de Israel e Judá se deu em 930 a.C.. Em 841 a.C., no Reinado de Jeú, a Assíria exigiu a subserviência de Israel (II Re 10:

32-33); entretanto, pouco mais de 100 anos depois, em 733-732 a.C., afinal o Reino de Israel tornou-se província Assíria (através de Hazael, Rei da Síria, ambicioso e traiçoeiro, dando continuidade ao que começou a ocorrer nos dias de Jeú, e segundo a profecia dada a Elias – II Re 8: 12-15; I Re 19:15 – pois já começara o Juízo de Deus). Lembre-se que a Síria faz parte e é considerada Região Mesopotâmica. O último vestígio de independência do Reinado Israelense chegou ao fim com Salmanasar V (II Re 17: 3-6), o que pela cronologia Bíblica aconteceu em 722 a.C.: em nada conflita com o relato Histórico. A Assíria transformou Samaria na Capital da Província de Samerina; os cidadãos mais destacados de samaria foram deportados e reassentaram ali gente de outro Povos conquistados vindos da Síria e da Mesopotâmia. Isso quer dizer que ali restou uma grande porcentagem de Israelitas. Estes foram, pouco a pouco, "contaminados em seus costumes e modos de viver (novamente o Sincretismo), pois foram deixados relativamente "soltos" na Província, apenas não ocupavam cargos importantes. Esse foi um dos principais motivos pelo grande "Cisma Samaritano", um rompimento religioso definitivo entre Jerusalém e Samaria, que pelos "Manuscritos do Mar Morto" demorou um pouco para acontecer de vez, não antes do Século II a.C.

O Exército de Alexandre, o Grande, destruiu Samaria em 331 a.C. após uma rebelião, mas ela foi reconstruída e tornou- se uma cidade Helenística que, tempos depois, Herodes, o Grande, embelezou em escala grandiosa. Ao que parece, os Samaritanos nunca mais exerceram o Judaísmo puro, tendo uma inclinação natural para transgredir as tradições. No entanto, nem todas as evidências Históricas e Bíblicas encontradas são imparciais em relação aos Samaritanos. Parece haver aí uma certa tendenciosidade religiosa e partidarismos. Talvez os Samaritanos não tenham de fato mantido só vínculos com a cultura estrangeira, embora pessoalmente eu discorde disso. É praticamente impossível conviver com outros Povos e costumes e não se "Sincretizar". Ainda porque a causa do Exílio de Israel foi a infidelidade ao Senhor, às tradições, à Lei, aos costumes. Como não havia nenhuma restrição humana ao Sincretismo, muito pelo contrário, eles foram deixados livres para seguirem as crenças conforme bem entendessem... Creio que os Judeus de Israel se perderam para sempre...! Contudo, todas as principais características dos Samaritanos surgem do Judaísmo pós-exílico; fica claro que no Período Romano eles eram um grupo identificável, porém distinto da Comunidade Judaica Convencional, mais ampla.

Voltemos à História.

Quando dominou de vez o Reino do Norte, Hazael pretendia marchar também contra Jerusalém; mas o Rei de Judá, Joás, "tomou todas as coisas santas (...) que

haviam dedicado, como também todo o ouro que se achava nos tesouros da Casa do Senhor e na casa do Rei, e os mandou a Hazael, Rei da Síria; e este se retirou de Jerusalém" (II Re 12: 17-18). Por este motivo Judá sobreviveu um pouco mais, mas sob altíssimo preço!!!

Embora Samaria (praticamente um sinônimo do Reino do Norte) tivesse caído e seus habitantes se perdessem para sempre do Senhor, pois o território de Israel foi anexado à Assíria, o Reino de Judá sobreviveu um pouco mais. Mas como "vassalo" da Assíria, como percebemos; além do tributo indescritível pago a Hazael, mais tarde foi Acaz, rei de Judá, completamente idólatra – pois ofereceu o próprio filho em sacrifício (II Re 16: 2-4) –, que pediu ajuda ao Rei da Assíria para defendê-lo contra o Rei da Síria e o Rei de Israel (guerras entre os Reis do Norte e do Sul eram relativamente comuns, mas agora Israel e Samaria eram Província Assíria). Mas... por que Israel lutaria contra Judá??? É que as Nações Poderosas exigiam tanto *tributos quanto lealdade* dos seus súditos conquistados; era bastante aconselhável um povo subjugado cumprir os desejos do seu Suserano. Era política bem melhor ajudar o futuro vencedor do que opor-se a ele!

Bem.... Hazael, rei da Síria, incumbiu-se de Israel e dominou Samaria, que ficou exilada sob domínio Assírio. Quanto a Judá, já há algum tempo as tentativas de libertar-se do domínio de Senaquerib, Rei da Assíria (705-681 a.C.) eram frustradas e acabaram levaram ao cerco de Jerusalém. O pagamento do tributo a Hazael não tinha nada a ver com Senaquerib. Depois que seu pai Sargon II foi morto em batalha, Senaquerib viu nisso sinal de desfavor divino e se dissociou da figura do pai. Sargon II tinha criado uma cidade de planta nova, Dur Sharrukin (atual Jorsabad), que estava rodeada por uma muralha com sete portas, três delas decoradas com relevos e tijolos vitrificados. No interior, erguia-se o palácio de Sargon, um grande Templo, as residências e os Templos menores. Já Senaquerib, querendo desvincular-se de tudo que rememorasse a lembrança de Sargon, e ao mesmo tempo sobrepujá-lo e também aos feitos arquitetônicos do Reino, mudou a capital da Mesopotâmia para a antiga **Nínive**, e construiu ali seu próprio palácio, o qual denominou "Palácio sem Rival". Embelezou a cidade abrindo amplos bulevares, trazendo água da Montanha por aqueduto, plantando árvores e projetando parques (Séc. VII a.C.).

Militarmente, empenhou-se profundamente nas campanhas em terras estrangeiras, sobretudo contra a Babilônia (nessa época dominada pelos Caldeus – comentaremos mais à frente). Em suas lutas contra a Babilônia, chegaram a uma grande crise depois que os Babilônios entregaram seu príncipe herdeiro, Asurnadim-sumi, aos elamitas, povo também implacavelmente perseguido por Senaquerib. Talvez fosse um grito de misericórdia a tentativa de aliança contra

os Assírios. Mas Senaquerib sitiou e destruiu ferozmente a cidade, desviando o curso d'água através dos escombros de modo a deixar aquele local arrasado para sempre. Imagine só.....!!! Bonzinho ele, hein?

E por fim chegou a vez de Judá. Alheios aos clamores dos seus Profetas, nada mais houve a ser feito senão o Senhor entregá-los igualmente ao Exílio. Só que desta vez foi diferente. Não tiveram a liberdade que foi concedida à Samaria. Em 701 a.C., Senaquerib liderou uma expedição à Palestina para restaurar a posição de um aliado que fôra deposto por seus súditos. A moderna Tell ed-Dweir, uma das principais cidades fortificadas de Israel no II e I milênios a.C. foi foco de várias escavações. O cerco de Laquis, que figura em relatos da conquista de Senaquerib sobre Judá, serviu também como quartel-general. A captura de Judá pelo Rei Assírio é descrita em detalhes em relevos encontrados em Nínive. Entre as descobertas mais significativas feitas no sítio arqueológico, diversos cacos de louça foram encontrados como fragmentos de cartas da época, provavelmente militares e Assírias. A mais famosa delas termina em tom de sofrimento: "Estamos aguardando os sinais de Laquis, segundo todas as indicações que meu senhor deu, porque não vemos Azeca". Tanto Laquis quanto Azeca foram cidades fortificadas de Judá que fortemente resistiam ao cerco. Esta carta talvez tenha sido escrita logo depois do texto de Jr. 34: 1-4.

Isso começou em 701 a.C., com Senaquerib. Mais 114 anos, em 587- 586 a.C. e a coisa já tinha mudado um pouco de figura e o grande vilão da história – conforme predição Divina – foi Nabucodonosor II, que tomou Jerusalém e arrasou o Templo!

Mas vamos por partes. Já tendo sob seu domínio o Reino do Norte, depois da queda de Laquis, Senaquerib acossou Ezequias em Jerusalém, aprisionando-o, na expressão dos anais Assírios, "como um pássaro na gaiola". Ezequias só conseguiu a paz pagando um grande tributo (exatamente como fez Joás...). E creio ter sido este o seu erro, pois Ezequias, apesar de filho e sucessor de um corrupto idólatra, confiava e fazia o que era reto perante o Senhor; por este motivo foi capaz de resistir a Senaquerib, Rei da Assíria, e não o serviu (II Re 18: 3-7). Mas creio que a pressão e a responsabilidade pelo Povo foram mais fortes, e ele tomou a razão pela Fé. Seja como for, Jerusalém foi poupada mais uma vez. Mas seu Povo não se arrependeu. Foi uma espécie de libertação miraculosa da cidade, celebrada mais tarde por Byron em sua obra "The destruction of Senacherib", que relata o assassinato deste monarca pelo seu filho Arda Mulishshi, em 681 a.C.. Pena que a salvação miraculosa da cidade tenha sido feita por mãos humanas (pagamento de tributo) e em nada levou ao arrependimento do Povo, como se evidencia em Jeremias 34: 1-4:

"Palavra do Senhor que veio a Jeremias, quando Nabucodonosor, Rei da

Babilônia (Neo-Babilônia), e todo o seu exército, e todos os reinos da terra que estavam debaixo do seu poder, e todos os povos pelejavam contra Jerusalém e contra todas as suas cidades, dizendo: Assim diz o Senhor, Deus de Israel: Vai, fala a Zedequias, Rei de Judá, e dize-lhe: Assim diz o Senhor: Eis que entrego esta cidade nas mãos do rei da Babilônia, o qual a queimará. Tu não lhe escaparás das mãos; pelo contrário, serás preso e entregue nas suas mãos; tu verás o Rei da Babilônia face a face, e ele te falará boca a boca, e entrarás na Babilônia!" (Jr. 34: 1-4).

Já dissemos que o Povo dominador exigia tributos e lealdade militar. Mas outra razão porque tantos Povos estavam dispostos a ir contra Jerusalém estava, muito provavelmente, na rixa e rivalidade que existia entre Israel e seus vizinhos, por causa das diferenças de Culto. Sem nenhum amor mútuo, os vizinhos de Israel ficariam contentes com sua derrota. Mas vamos agora deixar rapidamente de lado a História de Israel que cabia neste relato e continuemos na nossa sequência de derrotas e conquistas. Afinal... não era Senaquerib o que cercava Jerusalém?

Mas, Guerra vai, Guerra vem, muito antes que acontecesse Deus o havia previsto por boca do Seu Profeta que *Judá* cairia nas mãos de *Babilônia e Nabucodonosor*, não de *Senaquerib e da Assíria*. Não quero entrar em aspectos Teológicos, pois não é ainda o momento, mas este é um relato Histórico, portanto inclui aqui alguns Textos Bíblicos que comprovam o que nos diz a História. Como Cristãos, sabemos *porque* Judá foi exilado e porque a intercessão e lamentação do Profeta Jeremias não pôde ser atendida por Deus (tinham esgotado o "cálice da iniquidade", passado dos limites... e precisavam de disciplina. Mas esta é uma outra história... E que não cabe aqui, agora).

Indo adiante, os Assírios foram finalmente derrotados pelos Babilônios, novamente (lembre-se: o "nascimento" da Babilônia, se assim o podemos chamar, começou no período de Nabucodonosor I – 1125-1104 a.C.), embora nesse tempo a Assíria ainda continuasse dominando ao norte. Mas depois, quando o Império Neobabilônio ressurgiu, a Capital Assíria, Nínive, foi dominada (612 a.C., final do Séc. VII), de modo que os Assírios tentaram aliança com os Egípcios para salvarem-se. Em 609 a.C., Josias, Rei de Judá, não conseguiu deter os Egípcios que vinham em auxílio dos Assírios, mas seus exércitos os enfraqueceram. Vale a pena um pequeno aparte para comentar sobre este valoroso rei de Judá...

Josias foi feito Rei de Judá aos 8 anos, após o assassinato de seu pai, Amom, e foi tido como um dos mais conscienciosos Reis do Reino do Sul. Justamente em decorrência do declínio progressivo do Império Assírio ele foi capaz de promover os interesses de Judá durante seu Reinado. Sua alavanca para lutar

contra a idolatria começou com o desejo de restauração do Templo, aos 26 anos de idade. Remexendo ali, foi encontrado o “Livro da Lei”, desaparecido no meio da balbúrdia do Templo, esquecido havia muito por Sacerdotes e pelo Povo que pouco se importavam com o Senhor. Conhecedor do texto pela *primeira vez* na vida, Josias ficou em verdadeiro “pânico” ao perceber que nada do que deveria ser feito estava *sendo* feito! Rasgou suas vestes e mandou que consultassem o Senhor por ele, pois muito grande deveria ser o Seu furor. Diante da clareza do Livro da Lei, provavelmente o “Deuteronômio” de Moisés, Josias foi imediatamente convencido “do pecado, da Justiça e do Juízo”. Uma Profetisa foi consultada, Hulda, algo raro em Israel e Judá. As outras únicas mulheres Profetisas (numa Sociedade Patriarcal é de grande importância que Deus tivesse nos dado estes exemplos: Miriã, Débora e a esposa de Isaías eram profetisas). Através de Hulda, Deus confirmou o mal que viria sobre Judá por causa da desobediência e idolatria, mas viu o coração sincero de Josias, suas lágrimas, e disse-lhe que, embora já não pudesse mudar a sorte de Judá, não lhe permitiria ver o ocorrido (O Exílio): “Porquanto o teu coração se enterneceu, e te humilhaste perante o Senhor, o Deus de Israel, acerca das Palavras que ouviste contra este lugar e contra os seus moradores, que seriam para assolação e para maldição, e rasgaste as tuas vestes e chorastes perante Mim, também Eu te ouvi, diz o Senhor. Pelo que, eis que te reunirei a teus pais, e tu serás recolhido em paz à tua sepultura, e os teus olhos não verão todo o mal que hei de trazer sobre este lugar”.(II Re 22: 19-20).

Josias fez uma verdadeira “limpeza espiritual” em Judá (II Re 23), coisa que sem dúvida desagradou sobremaneira os Demônios. Não eram Entidades quaisquer, mas espíritos territoriais (falaremos mais adiante), e reinavam ali há muito tempo. Contudo, ninguém pôde impedir o Rei e Josias nada fez “meia-sola”: derrubou altares na Casa do Senhor e nas Portas da Cidade; fez em pedaços as colunas e derrubou os postes-ídolos; destruiu instrumentos de culto a Baal; derrubou casas de “prostituição cultual” que estavam na Casa do Senhor; destituiu Sacerdotes que foram constituídos para incensarem ao Sol, e à Lua, e aos Planetas, e aos exércitos do Céu, tanto em Judá quanto em Jerusalém; profanou Tofete, para que filhos e filhas não fossem mais queimados a Moloque; profanou todos Altos que estavam em Jerusalém e próximas a ela (alguns já bem antigos, da época de Salomão!); tirou os cavalos que os Reis de Judá tinham dedicado ao sol; queimou carros dedicados a deuses do Sol e das sepulturas que estavam no monte; mandou tirar os ossos e os queimou sobre o altar, profanando-o; tirou também todos os Santuários que estavam nos Altos até em Samaria!!!; aboliu Médiuns, feiticeiros, ídolos do lar e todas as abominações de Jerusalém e Judá. “Antes dele, não houve rei que lhe fosse semelhante, que se

convertesse ao Senhor de todo coração, e de toda a sua alma, e de todas as suas forças, segundo toda a Lei de Moisés; e, depois dele, nunca se levantou outro igual" (II Re 23: 25). Imagino a ira santa deste jovem Monarca, porque não descansou enquanto não limpou toda a terra e renovou a aliança com o Senhor, purificou e restabeleceu o Culto no Templo! Eis aí um grande e corajoso homem, que não se deteve por politicagens, se deveria agradar este ou aquele, mas honrou ao Senhor. Certamente, a muitos e muitos desagradou! Talvez, embora Deus já lhe tivesse predito a morte, esta tenha sido conspirada contra ele. Não é nem um pouco improvável....

Ela, de fato, não tardou. Em 609 a.C., o Faraó Necao, do Egito, marchou através de Judá a caminho de Carchemish para lutar ao lado dos Assírios contra a Babilônia. Josias interceptou os Egípcios em Megido, onde foi morto pelo Faraó (faço aqui um aparte novamente para reiterar que Necao reinou durante a 26ª Dinastia, de 610 a 595 a.C.! Bingo! Bateu em cima com a Cronologia Histórica!). Mas, retomando... talvez Josias esperasse preservar Judá. O Egito estava a favor da Assíria, talvez porque uma Assíria forte amortecesse conflitos contra o poder novamente em ascensão da Babilônia. Embora fosse muito bom para o Egito, era *péssimo* para Judá: espremido entre duas Potências, a Assíria e o Egito? Para Judá, o grito de misericórdia talvez fosse apoiar uma Potência mais distante como a Babilônia. Mas, morto Josias, a Reforma Religiosa foi abandonada, e ainda assim a sua intervenção militar – mesmo abalando os exércitos egípcios – não foi suficiente para livrar a Assíria, tampouco o Egito.

Como consequência, os Assírios foram derrotados de vez por Nabucodonosor II, na decisiva Batalha de Carchemish (605 a.C.); o Egito aproveitou-se por um curto tempo como conquistador de Judá, já que tinha matado seu Rei: cobrou ouro e prata, e impostos; também deportou Jeoacaz, filho de Josias, para o Egito. Este não estava nem aí para o pai! Nos três meses que reinou fez o que era mau perante Deus. Acabou morrendo no Egito. Este domínio Egípcio sobre Judá foi "relâmpago", pois no conflito Mundial logo foi também vencido pela imbatível Babilônia. Judá, de vassalo do Egito tornou-se puro despojo de Guerra e passou a vassalo da Babilônia. No lugar do infiel Jeoacaz, deportado ao Egito, ficou no trono de Jerusalém o igualmente infiel Jeoaquim, que também fez o que era mau perante o Senhor. Reinou em Jerusalém durante 11 anos (se Josias morreu em 609 a.C., provavelmente o ano último do Reinado de Jeoaquim foi em torno de 598 ou 597 a.C.).

Terminemos, portanto, rapidamente nosso "pequeno aparte sobre Israel e Judá": a conquista de Jerusalém foi progressiva. Primeiro, Nabucodonosor II subiu contra Jeoaquim e o tornou seu servo por 3 anos; então, Jeoaquim se rebelou e contra eles foram mandados bandos de Caldeus, de Siros, Moabitas e

Amonitas, que tinham aliança como vassalos da Babilônia, para destruir Judá. Morto Jeoaquim, reinou Joaquin em seu lugar durante oito anos. Naquele tempo, Nabucodonosor cercou Jerusalém. SE você fizer as contas verá que o relato e as datas Bíblicas batem *perfeitamente* com a cronologia histórica que diz que a queda de Jerusalém se deu em 587-586 a.C. As datas se encaixam perfeitamente! A Babilônia tornou-se senhora absoluta da Mesopotâmia e da Região Síria-Palestina! Desafiando o novo Suserano, os Judeus de Judá tiveram o fim do seu Reino. Joaquin foi exilado juntamente com uma série de outros Judeus proeminentes; as conquistas da Babilônia poderiam ter enchido o Império de escravos, mas os Babilônios foram seletivos porque um número exagerado de escravos seria contraproducente, levando ao enfraquecimento da Economia! Espertinhos.... Levaram o que havia de melhor: as Elites, em todos os sentidos. Os pobres e as pessoas sem treinamento específico de nenhum tipo foram deixadas em Jerusalém sob o comando de Zedequias, um parente do Rei Joaquin. Mais um tolo que fez o que era mau perante o Senhor... Quando a cerviz é dura... não adianta mesmo!!!! Impressionante!

O tonto do Zedequias rebelou-se contra a Babilônia, vê se pode! Mas era porque o Senhor já estava cheio deles e de suas atrocidades, tanto de Jerusalém quanto de Judá! Queria mais era retirá-los de sua presença (II Re 24: 20). O Profeta Jeremias tinha dito que, entregando-se, a vida lhe seria poupada e nada de mal lhe ocorreria (Jr. 38: 17-18). Mas não foi o que ele fez. Indignado, Nabucodonosor veio com todo o seu exército e sitiou Jerusalém, e a cercou durante um ano e meio. Mortos de fome, a cidade foi arrombada. Zedequias fugiu, mas foi pego, teve a vida poupada, mas assistiu à morte dos filhos e depois foi cegado. Cativo, acorrentado e cego era bem o exemplo que Nabucodonosor queria deixar bem claro! Ele mostraria a todos o que podia acontecer a um súdito que ousasse confrontar seu senhor. Jerusalém não foi destruída de imediato; quem merecia punição era o Rei rebelde. Mais ou menos 20 anos depois, a paciência de Babilônia dos Caldeus com a Cidade de Jerusalém parece ter-se esgotado. O Chefe da Guarda e servidor de Nabucodonosor veio a Jerusalém e queimou o Templo, o palácio do Rei e todos os edifícios importantes, e todas as casas da cidade. Todo o exército dos Caldeus que estava com o Chefe da guarda derrubou os muros de Jerusalém... Nada restou! O resto do Povo, a multidão e os desertores (que haviam passado para o lado dos Babilônios, por considerarem isso mais seguro) foram levados cativos à Babilônia. Somente os realmente pobres ficaram para vinhedos e lavouras. Tudo que havia de ouro, prata e bronze, e os tesouros do Templo foram levados. As colunas de bronze e os aparatos delas eram de um peso incalculável! Em Babilônia, o que restava dos nobres exilados, foram simplesmente todos mortos

(II Re 25: 8-22). Bem... O que é a idolatria, a dura cerviz, a desobediência aos verdadeiros Profetas de Deus, a ganância e o poder mau empregado... Nem precisa dizer mais...

Mas voltemos à continuação da nossa "Saga Mesopotâmica"! O "renascimento" **Neobabilônico** foi, sem dúvida, sublime! Havia agora um Sincretismo que se manifestava principalmente em sua arquitetura. A **Cidade da Babilônia**, novamente a Capital do Reino (ao invés de Nínive), alcançou seu máximo esplendor entre 626-539 a.C. (repare que a Guerra de Carchemish ocorreu em 605 a.C., momento em que, embora não houvesse apogeu, tudo indicava que a Babilônia se reerguia). Essa enorme cidade havia sido destruída em 689 a.C. por Senaquerib, Rei da Assíria (que foi assassinado em 681 a.C.), quando tomou a Mesopotâmia. A Cidade da Babilônia foi sendo reconstruída por iniciativa do Rei Nabopolasar e de seu filho Nabucodonosor II, atingindo o apogeu na data já citada acima.

Após a vitória sobre a Assíria, especialmente o Grande Zigurate merecia atenção. A Cidade não poderia estar completa sem ele – como já dissemos, era uma construção religiosa tipicamente Babilônica – portanto, recebeu atenção e cuidados especiais depois de tantos anos de negligência e abandono. Embora os Assírios tenham construído vastos Palácios para acomodar a Residência Real e a Administração Pública, seus Zigurates eram construções modestas, pequenas, de base retangular. Já na Babilônia, embora os palácios fossem de grande expressão, as maiores construções realmente foram destinadas inteiramente aos cerimoniais e fins religiosos, e se localizavam no próprio centro da cidade. Ou seja: nada era mais importante do que os Zigurates!

Nabopolassar tinha recebido intimação dos deuses para restaurar a construção sagrada; as dimensões foram calculadas de acordo com a revelação divina: "Reuni os oráculos de Shamá, Adade e Marduk e guardei décor as medições que os grandes deuses tinham decidido enviar-me através do oráculo; tinha que ser edificado sobre fundações seguras, no coração do Apsu, com seu ápice à altura do céu". Em outras palavras, a altura deveria ser igual à base, as dimensões das paredes laterais da base tinham que ser iguais à altura total do edifício; aproximadamente 92 x 92 x 92 metros. Portanto, a construção fixou firmemente toda a cidade dentro dos parâmetros Cósmicos. Novas sondagens na parte central do Zigurate, combinadas com uma avaliação cuidadosa sobre o material cuneiforme, levou a novos vislumbres sobre o aspecto original desta construção sagrada. As medidas e a elevação da rampa de acesso também não eram aleatórias, mas tiveram suas proporções indicadas. Os arquitetos de Nabopolassar apresentaram um novo esquema para incorporar os remanescentes do velho Zigurate semidestruído, e ao mesmo tempo dignificá-lo. Limparam o

terreno de forma a resguardá-lo de inundações, reformaram a muralha do rio e construíram uma plataforma de três metros e meio acima do nível da água, dentre outras providências de engenharia. O próprio Rei e seus filhos, bem como um grupo de altos dignatários do Império, no início das construções foram os primeiros a carregar os baldes contendo barro misturado com vinho e mel. A altura original do Zigurate estaria representada visualmente pelos dois primeiros estágios, os quais subiriam do solo em volumes puros e monumentais. Uma rampa em degraus colocada no centro da fachada sul conduzia diretamente ao topo do segundo estágio, que era de fato a altura em que se encontrava o embasamento do antigo Templo. Dois lances laterais de escadas levavam então ao primeiro estágio. Acima do segundo estágio, constava uma plataforma e erguiam-se todos os estágios subsequentes, Zigurate sobre Zigurate. Este consistia em quatro terraços dispostos em degraus regulares com uma escada interna. O elevado Templo na plataforma mais alta estaria organizado como uma sequência de salas em torno de um pátio descoberto. Aí estavam as “capelas” dos grandes deuses, o leito monumental de Marduk e, no lado oposto, o seu trono. Marduk foi dotado dos atributos dele mesmo associados aos das divindades Sumérias daqueles centros: notavelmente Enki, de Eridu; e Enlil, de Nippur. O terreno do Zigurate era o epicentro vital da Cidade de Babilônia e, a partir daí, do Império como um todo. Nele, onde Céu e Terra estavam conectados, os deuses pairavam em elevada segurança acima dos mortais e seu território. Ali, o Zigurate podia ser contemplado como um “Pilar Cósmico” que assegurava a continuidade da Nação.

O filho de Nabopolassar, Nabucodonosor II, queria que seus edifícios durassem para sempre, então, observa-se uma preocupação zelosa com o tipo de material a ser usado em todas as edificações, particularmente os Zigurates – claro! –, mas também em palácios e Templos, nas construções de defesa, nas ruas e no cais, nas portas da cidade, nas pontes e nos fossos. Tudo isso era não só decorado com estupenda magnificência, mas fazendo uso dos mais custosos materiais, como ouro, prata, lápis-lázuli e madeira de lei. Tudo para assegurar a durabilidade estrutural, mas também para enfatizar a superioridade mais cultural que marcial da Babilônia. A herdeira da mais antiga Civilização no Mundo!

Nabucodonosor II queria preservar tudo na forma e estado naturais do seu tempo. Ele assinalou em tudo um desejo perene de monumentalidade. Desta vez ele não se satisfaz com a mera proclamação desta intenção em documentos de fundação, como era o hábito. Ele providenciou para que sua identificação escrita fosse gravada em milhares de tijolos e inseriu centenas de placas comemorativas em suas paredes. E foi ainda mais longe na escolha de um material não perecível. Nabucodonosor se esmerou e dispôs-se a construir uma cidade

compatível com o *status* da Babilônia como uma nova Potência Internacional dos Tempos Antigos, a vencedora da Assíria e do Egito, então, a única Metrópole no Mundo! Era também uma cidade com uma antiga e venerável tradição Cultural, que contava com a Ciência mais avançada e as Artes mais refinadas!

O mais interessante nisso tudo é que Babilônia, como sabemos, não foi uma das cidades mais antigas da Mesopotâmia. Existem poucas provas de que ela fosse mais do que um lugarejo antes do período Babilônio Antigo, época do primeiro Reinado, que começou com Hamurabi (1799- 1750 a.C.), época em que a cidade floresceu. Mas nesse novo período Babilônia foi considerada uma das Potências Mundiais, juntamente com os Hititas e Egípcios. Havia o projeto de transformar a Cidade de Babilônia numa Metrópole consideravelmente grandiosa para representar as aspirações de um Império. Esse vasto empreendimento levaria 43 anos para ficar pronto. E-sagila, o Templo de Marduk, foi seu edifício mais notável, juntamente com Etemenanki – o Grande Zigurate –, de aproximadamente sete andares. Suas dimensões asseguravam que este edifício era, de fato, o *maior Zigurate construído na Mesopotâmia* e representava o triunfo da Babilônia sobre seus inimigos. Tais Edificações Monumentais, torres escalonadas que chegavam até os deuses do céu, tornaram-se símbolos do Período Neobabilônico. Mesmo assim há poucos indícios de que fossem degraus para a imortalidade. Estavam realmente mais ligadas ao "serviço religioso", fosse lá o que fosse que ali acontecesse!

Mais tarde, Etemenanki se tornou conhecido como "Torre de Babel", ou, pelo menos, foi associada ao que teria sido a Torre de Babel, talvez pelo tamanho, a altura e a magnificência da arquitetura. A Torre-Templo Suméria de Nanna, o deus da Lua, em Ur, poderia ter sido um modelo prévio da Torre de Babel. Ur é tradicionalmente identificada como o sítio Tell el Muqayyar, no sul da Mesopotâmia. Foi exaustivamente escavado, e entre suas descobertas, encontrou-se o Zigurate construído por Ur-Nammu, o fundador da Terceira Dinastia de Ur, no final do III milênio a.C. A identificação de "Ur dos Caldeus" com Tell el-Muqayyar não é universalmente aceita; observa-se que na Septuaginta "Ur dos Caldeus" (Terra Natal de Abraão) é traduzida por "Terra dos Caldeus".

Fato é que, independente da região e da nomenclatura, a imensa montanha de tijolos em terraços, encimada pelo Templo do deus, pelo menos 21 metros acima do nível do terreno, foi construída em 2100 a.C. Mas foi a visão monumental e impressionante que os Judeus tiveram do Grande Zigurate, o Templo de Marduk na Babilônia, é o que a narrativa Bíblica provavelmente cita. Ele causou uma impressão tal aos exilados que jamais seria esquecida! Segundo o Épico

Babilônico *Enuma Elish*, foi preciso um ano apenas para fazer os tijolos para essa estrutura colossalmente elevada.

A “Babel” da Bíblia é um símbolo de decadência, prepotência política, insensibilidade e excessos do ser humano. Durante o cativeiro Babilônico sofrido pelos Judeus, o Grande Zigurate (indiretamente associado a um protótipo da Torre de Babel), tornou-se um poderoso símbolo de insensatez e arrogância humanas. Diante disso, apesar do Cativeiro, os Judeus do Exílio pouco estavam se importando com as maravilhas arquitetônicas de um dos maiores Impérios da Terra! “Babel” é a palavra Hebraica para “Babilônia” que, segundo os próprios Babilônios, significava “Portão de Deus”! Essa etimologia provavelmente não é original, mas o significado é interessante para uma cidade famosa, cujo Templo Central tinha uma Torre que, ao que se dizia, chegava ao Céu. Gênesis 11: 1-9 conta como os descendentes de Noé vaguearam até a planície de Senaar (Babilônia), onde, aperfeiçoando a técnica da arquitetura monumental de tijolos, construíram a famosa Torre de Babel. Entende-se que a História Humana fez aqui um desvio decisivo! Diante de uma prepotência semelhante a de Satanás, Deus, irado, confunde a linguagem e dispersa o Povo pela Terra inteira. Os Zigurates Mesopotâmicos poderiam por certo ter simbolizado, *sim*, a presunção da elite urbana, sua ruína e o julgamento de Deus. Talvez por isso Babilônia será julgada com tanto rigor, pois exagerou em querer “igualar-se” a Deus, ou alcançá-lo por sua próprias forças!

E se Babel fosse um Portal??? Veremos isso em estudos a seguir! Não se apresse... mas por certo explicaria melhor a ira de Deus!

Já os autores gregos, particularmente Heródoto, tinham uma postura e visão muito diferente a respeito da Civilização Oriental. Suas descrições de edifícios e costumes revelam um interesse etnográfico totalmente ausente nos escritos Bíblicos. Daí vêm informações diversas sobre a cultura e o povo na Cidade da Babilônia. Como o indescritível e majestoso Palácio de Nabucodonosor II, considerada uma das sete maravilhas do Mundo. O “Palácio sem Rival” de Senaquerib ficou a desejar! Se existiram ou não, embora muito se fale deles, os “Jardins Suspensos da Babilônia” também seriam considerados obra arquitetônica magnífica e grandiosa, outra das sete maravilhas do Mundo, também obra de Nabucodonosor II. Acredita-se que os Jardins Suspensos foram construídos por amor, para a mais amada das mulheres do Rei.

Um Manual Topográfico do começo do Primeiro Milênio, preservado em plaquetas, aponta os muitos nomes e epítetos de Babilônia, numa enumeração à maneira de ladainha:

> “Babilônia, a criação de Enlil,

Babilônia, que assegura a vida da terra, Babilônia, cidade de abundância,
Babilônia, cidade cujos cidadãos acumulam riquezas,
Babilônia, cidade de festividades, alegrias e danças,
Babilônia, cidade cujos cidadãos celebram sem cessar,
Babilônia, cidade privilegiada que liberta os cativos,
Babilônia, cidade pura".

Mas nada dura para sempre na Terra dos Homens, de forma que desde o Século IX a.C. já tinha surgido no sul da Mesopotâmia uma nova coalizão de tribos, que ficou conhecida como **Caldeus**. Os Caldeus eram um grupo de cinco Tribos que se tornaram dominantes na Babilônia no final do Século VI. Eles não foram mencionados pelo nome em nenhuma fonte anterior ao Século IX a.C. (Isto corrobora para tornar a expressão "Ur dos Caldeus" um tanto ou quanto tardia).

Mais tarde, o Reino Neobabilônico decaiu e foi dominada por Ciro, o Grande (539 a.C.), Rei da Pérsia. Já no seu primeiro ano de Reinado, o Senhor o tocou e despertou o espírito deste homem, segundo fôra dito por intermédio de Jeremias. Em Ciro se cumpriu a profecia sobre a queda da Babilônia e o fim do Exílio, claro que nem tudo ao mesmo tempo. Isaías também tinha falado sobre um "conquistador" (Is. 41: 2, 25) e citou Ciro como o reconstrutor do Templo (Is, 44: 28 ; 45: 1, 13). Mas o fato é que o retorno dos primeiros exilados a Jerusalém foi logo de cara, em 538 a.C., mas considera-se que apenas uma minoria retornou. O altar foi reconstruído primeiro, e restabeleceram parte dos holocaustos e das festas. Sob comando de Zorobabel e Jesua, os fundamentos do Templo foram lançados novamente. Mas, então – claro –, os inimigos fizeram o trabalho na Casa do Senhor parar. E o Diabo lá queria restauração daquele Povinho??! O trabalho ficou parado durante 16 anos, por determinação de Artaxerxes, novo Rei da Pérsia. Os inimigos dos Israelitas fizeram o Rei Persa acreditar que, reconstruindo o Templo e a cidade, tornariam a rebelar-se. Foi somente depois da exortação de Ageu e Zacarias que novamente Zorobabel e Jesua retomaram o trabalho de reconstrução do Templo. Novos inimigos se levantam, querendo saber se o tal decreto de Ciro era mesmo verdadeiro e os Israelitas tinham o direito de fazer o que faziam. Isso já se deu no Reinado de Dario! Este concorda com Ciro e promete punir severamente quem se meta a fazer o contrário, atrapalhando os Israelitas. Por fim, 22 anos depois do início das obras, o templo está terminado! É dedicado a Deus e é celebrada a Páscoa!

Se você lembrar bem, a queda de Jerusalém aconteceu em 586 a.C., e o término da construção do templo se deu em 516 a.C., setenta anos depois! Um segundo retorno a Jerusalém é feito com Esdras, o escriba, para completar a obra

do Templo, adornando-o e instituindo o serviço. Porém, Esdras sentiu a falta dos Levitas, pois poucos tinham vindo (Ed. 2: 40-42). Foi preciso a Esdras apregoar um jejum e fazer confissão dos pecados do Povo, pois os Sacerdotes e Levitas não se tinham separado dos Povos de outras terras, com suas abominações (Ed. 9: 1). Alinhagem santa de Israel estava inteiramente contaminada. Quem poderia administrar e servir ao Senhor no Templo?! Não se podia recomeçar o Culto verdadeiro a Deus estando os Sacerdotes e levitas, e o povo aparentado com outros Povos (Ed. 9: 14-15). Milagrosamente, o Povo todo se arrependeu genuinamente vendo o estado em que se encontrava seu Líder, Esdras. E despediram as mulheres estrangeiras com quem se haviam casado e tido filhos!!! O Conselho Israelita levou 3 meses para investigar e apurar a culpa de 110 casos registrados dentre os Sacerdotes, Levitas, Cantores e do Povo em geral. Essa investigação cuidadosa mostrou que não encaravam com leviandade o rompimento desses lares. Talvez, em alguns casos o casal tenha sido inocentado, no caso da mulher converter-se ao Senhor genuinamente (Ed. 10: 16-17).

Até 331 a.C., a região Mesopotâmica ficou sob domínio Persa. Entretanto, as conquistas e guerras na Mesopotâmia não terminaram ao longo dos Séculos, sendo sucedidas por Gregos, Romanos, Árabes e Turcos, dentre outros menos importantes. Explicamos tudo isso sobre as Sociedades Antigas mais importantes para que fique claro a todos que a Mesopotâmia não era pouco importante. Pelo contrário... Seu legado tem lugar no nosso Mundo e, particularmente, nos primórdios das raízes do Satanismo. Um Satanismo “Infantil” ainda, é verdade... mas, como você sabe.... toda revelação é progressiva!

Embora seja praticamente impossível fazer um resumo das Religiões deste período tão longo e turbulento, fizemos o possível para conciliar este aspecto com a História, transformando este estudo num Relato Histórico e não Teológico, e incluindo a passagem de Israel e Judá como Nações. Um aspecto marcante da Mesopotâmia e dos Povos mencionados era a crença de que os deuses de um Povo conquistado também eram derrotados. Um detalhe Histórico interessante (não Teológico) é que essa convicção foi fortemente *negada* pelos Profetas Judeus do Exílio, e alguns dos próprios Hebreus. Mesmo exilados e destruídos como Nação, não deixaram de crer em YHWH como único Deus a ser adorado, e o Criador de tudo que existe, doutrina completamente oposta ao Politeísmo vigente.

De resto, em termos de achados religiosos concretos, a Babilônia em especial produziu importantes textos. Os mais notáveis foram os Épicos Babilônicos: Enuma-Elish – Poema Babilônico, e Atra-Hasis, que tratam da Criação; este último acompanha a sequência da Criação Humana até o Dilúvio. A Epopeia de Gilgamesh, denominado assim em homenagem ao lendário Rei Sumério da

cidade de Uruk, nas margens do Eufrates, inclui também um relato do Dilúvio. A Literatura da Sabedoria Babilônica, Lulul Bel Nemeqi, e a Teodisseia Babilônica, que tratam dos sofrimentos imerecidos dos Justos; o "Código de Leis de Hamurabi" também merece destaque, pois não se trata apenas de Leis, mas da elevação de Marduk a deus supremo do Império.

Em forte contraste com a Civilização Egípcia, na qual a crença na imortalidade provocou o início de uma duradoura arquitetura em pedra, os Babilônios acreditavam que nada sobreviveria à morte, exceto uma vaga sombra. Os sumérios, por exemplo, embora acreditassem na vida após a morte, a ideia não é muito diferente da Babilônica, pois a alma não passa de uma sombra que habita as trevas de Kur, espécie de inferno. Diz o Historiador Suíço: "Arquitetonicamente, os túmulos Mesopotâmicos não tinham qualquer significado. No entanto, foi nesse mesmo período que as Pirâmides de Quéops, Quéfren e Miquerinos enfureciam os céus".

Nosso estudo continuará na mesma linha – Histórica –, passando pelas diversas Culturas Antigas para tentar encontrar nelas os primeiros passos da revelação de Satanás. Creio que mesmo não abordando o assunto como Cristãos que somos, muita coisa já vimos sobre ele!

> •**Egito**: muito do que o Egito era e tinha em termos de riquezas na História foi apagado, roubado e destruído por homens gananciosos e sem visão alguma da conservação dos Patrimônios Históricos. Quando depertou-se o interesse pelo Egito, a Aristocracia Europeia passou a visitar pessoalmente as margens do Nilo (como todo conforto, naturalmente, apesar da pobreza reinante ao redor). Além de fotografarem o que quisessem, podiam levar *souvenires* sem restrições. Tais *"souvenires"* geralmente eram coleções de objetos que tinham um tamanho considerável...! Ataúdes e Múmias estavam entre os objetos mais procurados!!! Imagine o quanto não se perdeu nesse comércio "biscateiro" e absurdo! As Múmias, tanto melhor se estivessem ainda envoltas em suas bandagens e na Europa, o grande momento era o "desenrolar das Múmias". Obviamente, fazia parte do espetáculo madames e dondocas perderem seus sentidos. Havia também um imenso comércio de estátuas de Reis, Divindades, mobílias, amuletos, vasos, escaravelhos. Estruturas inteiras corriam o risco de ruírem ante a avidez dos "exploradores".

Até Jean F. Champollion (1790-1832), que foi o responsável pela decodificação dos hieróglifos, não resistiu à beleza incomparável dos relevos pintados na Tumba de Seth e decidiu remover o batente de uma porta; felizmente, hoje ela está em exposição no Louvre, em Paris. O amigo Toscano

dele seguiu seu exemplo e levou o outro batente para Florença (1800-1843).

Os Egípcios, a princípio, ficaram surpresos com o interesse e furor que aquilo tudo causava nos estrangeiros... “Talvez dentro das pedras houvesse algum tipo de tesouro”! Então, tornaram-se mestres em rebuscar o chão dos sítios arqueológicos à procura de joias e objetos preciosos. A falta de relíquias autênticas não foi problema, pois os habitantes das vilas logo começaram uma produção em massa de objetos falsos, só que muito bem feitos, capazes de enganar Egiptólogos da época. Esse furor havia começado com a expedição de Napoleão ao Egito, país até então inexplorado. Mas, infortunadamente, apenas 30 anos depois da expedição que causou tal efusão no Mundo Europeu em relação ao Egito, o País estava abarrotado de Europeus com essa característica bem típica, que foi a Tônica da Colonização do Novo Mundo: “Vou chegando, vou gostando,vou levando. Até mais ver!”.

As autoridades Egípcias locais chegaram a incentivar a saída das relíquias do País, em torno de 1769 até 1849, época em que o Governo era de Muhammad Ali, e ocupava o cargo de vice-rei por indicação de um sultão Otomano. Foi Ali quem iniciou esta estratégia – que era, na verdade, política – para abrir o Egito ao Mundo Ocidental. Era permitido que os representantes satisfizessem todos os seus desejos, especialmente os das Nações mais poderosas!.... A que preço! Nada era mais fácil para os estrangeiros do que conseguir os “Firmans” (termo persa que significa “Pedido”) e começar escavações por todo o Egito. Para os Egípcios, conceder a permissão para essa profusa esburacação custava uma bagatela, se vista sob o ponto de vista das vantagens econômicas e comerciais que poderiam resultar de relações cordiais com as Potências Europeias.

Acho que é desnecessário dizer as desgraças que a Cultura Milenar Egípcia sofreu, a “troco de banana”. Muhammad Ali de fato pôde melhorar o padrão de vida da classe média, mas os pobres continuaram tão pobres quanto antes. Seu projeto insano e ganancioso também levou à destruição de numerosos monumentos antigos.... Muitos foram simplesmente desmontados e seus blocos imensos de pedra serviram para alimentar os fornos de cal, ou na feitura de novos edifícios. Várias fábricas tinham licença oficial para procurar e utilizar Múmias, das quais se extraía um corante animal negro para uso industrial.

Esse foi o Egito que Champollion encontrou, em 1828 – totalmente concentrado no futuro e absurdamente desinteressado do seu Glorioso Passado! Com base nas ilustrações da obra “Description de l’Égypte”, magnífico trabalho dos estudiosos que acompanhavam os exércitos de Napoleão, o jovem acadêmico francês naturalmente percebeu a devastação daqueles 30 anos. Complexos inteiros de Templos haviam desaparecido sem deixar rastro; no lugar de Colossos e Estátuas havia apenas buracos enormes na areia. Completamente

chocado que as autoridades Egípcias pouco se importassem com o destino de tudo o que estava saindo do País sem qualquer regulamentação, teve receio de que todas aquelas relíquias viessem a "enfeitar" os lares de Europeus abastados e nunca mais fossem vistas novamente. No entanto, ele não via nenhum problema em retirar objetos do Egito e expô-los em Museus, tanto é que levou o batente ao Museu do Louvre.

Um dos defensores mais entusiastas da época era o Cônsul Francês Mimaut. Embora lhe interessasse ter as relíquias no Museu, foi terminantemente contra os absurdos que Ali estava permitindo que se fizesse em seu País. Apaixonado por Antiguidades não hesitou em protestar enfaticamente direto com o próprio Muhammad Ali, opondo-se ao desmanche de uma das Pirâmides de Gizé para usar suas rochas de calcário para construção de diques no Nilo! Bem ou mal, Mimaut foi o primeiro responsável oficial a despertar a atenção do Governo Egípcio para sua herança Cultural e artística sem precedentes.

Champollion propôs formalmente uma regulamentação para escavações e a exportação dos monumentos e objetos. Entretanto, o relatório foi pouco interessante e quase ninguém estava a fim de seguir as recomendações uma vez que as Antiguidades geravam lucro considerável aos comerciantes. Nem Egípcios, nem Europeus estavam de fato preocupados com a conservação das Obras. A mudança só chegou realmente através de Rifa'a al-Tahtawi, prestigiado acadêmico da Cultura Egípcia e que estudou algum tempo em Paris. Tahtawi conseguiu, através de sua filosofia, e também pelo fato de ser egípcio, aumentar a consciência Nacionalista do Povo sobre o valor inestimável das Antiguidades. Estabeleceu um decreto em 15 de agosto de 1835, que pela primeira vez regulamentou o Comércio. Além de proibir a exportação de "pedras e objetos entalhados", foi criado um local no Cairo, onde esses artefatos poderiam ser conservados e expostos, como acontecia em todas as cidades importantes da Europa!

Apesar de tomadas várias providências, o Decreto de 1835, já quase no meio do Século XIX, foi ignorado por vários anos. Seguindo a política de Muhammad Ali, seus sucessores viam o pequeno Museu mais como uma espécie de acervo particular onde podiam buscar um presente fino, adequado a certos "hóspedes importantes". O Museu empobreceu tanto que acabou! Um único salão do Ministério da Educação era suficiente para abarcar todos os objetos que ainda não tinham sido dados. A história do primeiro Museu do Cairo chegou a um fim definitivo quando, em 1855, Abbas Pasha ofereceu o que restava da coleção ao Arquiduque Austríaco durante uma visita oficial ao Egito.

Um assistente do Louvre, Auguste Mariette, viajou ao Egito e quis comprar uma coleção de manuscritos para enriquecer o acervo do Museu, o que não foi

possível, pois estavam guardados em Mosteiros. Diante do fracasso, decidiu escavar em Saqqarah onde, depois de quase um ano de trabalho, descobriu a entrada para o Túmulo do Touro Ápis, onde ficou por mais três anos. Suas experiências na areia do deserto o marcaram para sempre! Todas as dificuldades que teve que transpor convenceram-no definitivamente de que o Egito precisava de uma Legislação *eficaz* para promover a conservação dos seus Monumentos. Trabalhou muito para aumentar a consciência das autoridades.

Finalmente, em 1858, o vice-rei autorizou a criação do "Serviço Egípcio de Antiguidades", Instituição que supervisionava as escavações por todo o País. Mariette foi nomeado Diretor-Geral e imediatamente começou um programa intensivo de pesquisa arqueológica. Logo, uma quantidade enorme de objetos vinda do Egito inteiro foi acumulada no Cairo. Naturalmente, o Serviço de Antiguidades enfrentou o ódio dos Egípcios e dos Europeus nos primeiros anos. Roubos e desvios eram comuns, e Mariette fazia verdadeiros atos de heroísmo para recuperar as cargas ou impedir os roubos.

Apesar de tudo, em 1863 Mariette conseguiu abrir o primeiro e verdadeiro Museu de Arqueologia Egípcia ao Público, utilizando um prédio da Administração do Trânsito! Com vista para o Nilo, no lado virado para Bulaq, o espaço teve que ser ampliado várias vezes graças às numerosas escavações organizadas todos os anos por Mariette. Os artefatos eram descritos em um guia que precisou ser reimpresso seis vezes em 12 anos. Infelizmente, o espaço era sujeito às cheias do Nilo e em 1878 alguns objetos se perderam... Nenhum dos sucessores de Mariette tinham tido sucesso em mudar o Museu de Bulaq para outro lugar. A situação ficou tão catastrófica, também pelo fato de não caber mais nada lá dentro, e objetos de escavações terem que permanecer em barcos, no Nilo.

Somente em 1889 as coleções foram transferidas para uma das residências do Quediva Ismail, em Gizé. Em janeiro de 1890, o novo Museu estava pronto. Mais tarde, numa competição entre 73 projetos, o arquiteto francês Dourgnon venceu com um prédio projetado especificamente para um Museu, bastante inovador para a época. Ademais, foi o primeiro prédio no Mundo projetado com a finalidade de realmente *ser* um Museu, e não apenas um prédio reformado para tal! As escavações começaram em janeiro de 1897, e em novembro de 1901 as chaves foram dadas ao arquiteto italiano contratado pelo Serviço de Antiguidades. Em 9 de março de 1902, as coleções que estavam em Gizé começaram a ser transferidas. Em poucos meses tudo estava concluído e o mausoléu de Mariette foi colocado no jardim em frente ao Edifício do Museu.

O fluxo incessante de novas descobertas levou a mudanças contínuas na disposição das coleções. Algumas áreas ganharam maior popularidade e foram

feitas áreas específicas. Um bom exemplo é sobre o abrigo adequado que teve que ser encontrado para os tesouros funerários de Tutancâmon, que começaram a chegar em 1923. Hoje, a arquitetura do Museu Egípcio na Praça de Tahrir mudou muito; há hotéis à volta e a agitada praça Tahrir no centro da cidade. Porém, os restos mortais de Mariette ainda repousam em um sarcófago de pedra, agora do lado esquerdo do jardim; no centro dele há uma fonte. E o Museu em si exibe cerca de 150.000 artefatos, produzidos em um período que abrange mais de 5.000 anos, incluindo grandes obras-primas! O legado do Egito Antigo não é posse do Egito Moderno, sim um presente ao Mundo todo, pois a Civilização que se desenvolveu às margens do Rio Nilo, de uma forma ou de outra, é conhecida de todo ser humano na face da Terra e já emocionou de diversas maneiras todas as nações do Planeta.

Você pode estar se perguntando que interesse há em se narrar essa saga toda. Nós, Cristãos, muitas vezes deixamos de entender até mesmo as coisas Bíblicas por não contemplar de olhos abertos a História da nossa Humanidade. Não há erro em *estudar*! Não há erro em gostar de Artes, de Ciências, de todas as formas usadas para que o ser humano se comunique com o seu semelhante! Não há erro no *Conhecimento*, desde que este não seja adquirido por si próprio para "encher o vazio do coração e da mente", pois então, não passa de "vaidade", como já constatara o velho Salomão. Mas a própria Bíblia nos incentiva a buscar a sabedoria. Há muitas formas de sabedoria e, como você vai perceber ao longo da nossa caminhada e da leitura deste livro, elas se complementam e nos levam a uma Sabedoria bem maior: o conhecimento mais pleno do nosso Deus e da Sua Onisciência, Onipresença e Onipotência!

Contamos esses pormenores do que aconteceu às relíquias do Glorioso Império Egípcio, um dos maiores do Mundo, como "Historiadores" e não como Cristãos. Vamos entender melhor o por que de o Egito ter sido tão terrivelmente saqueado e destruído, e tudo o que era referente aos Faraós ter sofrido tanto a ponto de quase desaparecer, não fosse a intervenção de alguns.

Como "Historiador" imagino como não foi a Glória do Egito em seu Apogeu e, confesso... isso é algo que fascina!!!

Imagino o jovem José adentrando os Portões daquela terra como escravo, e olhando, olhando, olhando.... quase sem compreender como era possível existir algo tão monumental! Mas como Cristã, sei que a Mão de Deus não ficará encolhida. Ali, Satanás montou Base, como você entenderá no Módulo seguinte. Ali, o Povo de Israel sofreu seu maior Cativeiro. Ali, milhares de crianças Hebreias foram mortas. Ali, Moisés enfrentou os Principados, os deuses da terra e o próprio Lucipher!

Só que o mais importante em relação a essa Nação foi apagado da História,

riscado, para que a nós não chegasse esse conhecimento. Contudo, o conhecimento sobre o Egito que foi "volatilizado" será reencontrado – no outro Módulo.

Por enquanto, vamos ver brevemente se alguma pegada Histórica foi deixada pelo nosso Inimigo no solo Egípcio. Entenda bem... pegada *Histórica*! Não *Teológica*, porque pegadas Teológicas não nos faltam, não é mesmo?!

EGITO: o nome é derivado do grego *Aiguptus*, ele próprio uma versão do nome egípcio *Hwt-Ptah*, ou "Templo de Ptah". O nome egípcio para o País era *Keme*, "A Terra Negra"; em hebraico o nome aparece como *Misraym*.

Exceto pelo Delta, o Egito consiste em um estreito vale de terras férteis ao longo do Nilo, limitado a leste e oeste por desertos áridos e inóspitos. Apenas a região do Delta, formada por lodo depositado durante milênios pelo Nilo, é o melhor lugar, bom e de terra muito fértil. Ele é limitado a leste pelo Deserto do Sinai e a oeste pelo Deserto Líbio. Isso quer dizer que nos tempos antigos as fronteiras naturais se incumbiram de isolar o Egito do Oriente próximo, favorecendo com isso o desenvolvimento peculiar da sua Civilização, que em geral não tinha grandes problemas com invasões estrangeiras. Veja só a diferença com a Mesopotâmia neste aspecto!

Abençoados com um clima estável e terras extremamente férteis devido às cheias do Nilo... Por sinal, lembram-se da célebre frase de Heródoto, que aprendemos na escola, e até caía nas provas para a gente comentar: "O Egito é dádiva do Nilo"?

Sim... *sem* o Nilo *não* existiria Egito. Ele é o maior Rio do Mundo em *extensão*! (Calma! Não fique ofendido. O Rio Amazonas é o maior do Mundo em *volume de águas*).

Eles desenvolveram uma economia agrícola rica e em tempos muito remotos essa terra tornou-se o "Celeiro do Oriente Médio", especialmente em tempos de escassez. Fora sua ecomonia agrícola, o Egito era muito rico em excelentes tipos de pedras adequados às construções e entalhes – calcário, alabastro, arenito e granito –, mas pobre em minérios manipuláveis. A única exceção era o ouro do deserto leste, a Núbia, e do norte do Sudão.

A geografia do Egito favoreceu o aparecimento de muitos dialetos, e isso foi contornado pelo forma especial de escrita – hieroglífica – que vem desde o início da Era Faraônica. O trabalho de interpretar e escrever os hieróglifos era trabalho de um enorme corpo de escribas formados; um serviço civil primitivo que mantinha bem sucedida a Administração do Egito.

Quanto à Cronologia do Egito, tomamos por base o texto do Atlas of Ancient Egypt – Oxford, 1988, pois podem haver divergências. E esta foi a Cronologia adotada pelo livro "Tesouros do Egito", do próprio Museu Egípcio do Cairo.

Mais tarde você entenderá porque a cronologia Faraônica é importante para nosso estudo.

Em resumo: admite-se que foram 31 Dinastias, que percorreram quase 4000 anos a.C. (um pouco antes que os Sumérios formassem suas primeiras cidades). De 4000 a 3000 a.C. não se consideram exatamente “Dinastias”; é o Período Pré-Dinástico, o Período de Nagada I e II. A “Dinastia Zero” teve um único representante, o Faraó Narmer, cujo reinado se deu por volta do ano 3000 a.C. Daí pra frente é pra valer. Depois de 31 Dinastias Egípcias vem o Período Helenístico (332 – 30 a.C.), quando Alexandre, o Grande, foi bem recebido pelos Egípcios como seu libertador do domínio dos odiados Persas; depois que Alexandre morreu, houve divisão do seu Império entre seus Generais, e o Egito coube a Ptolomeu em 322 a.C., tornando-se o primeiro Soberano da Dinastia Ptolemaica ou Grega. Essa Dinastia terminou com Cleópatra que, como seu amante Marco Antônio, suicidou-se após sua derrota na Batalha de Áccio (31 d.C.). Então, o Egito tornou-se parte do Império Romano, dando origem ao Período Romano (30 a.C. – 311 d.C.), dominado pelos Césares.

O que temos de importante?

–A Civilização Faraônica foi herdeira dos elementos culturais que surgiram gradualmente na Era Neolítica e depois experimentaram um desenvolvimento natural a partir do 40 Milênio a.C. Mas desde 7000 a.C. os egípcios já cultivavam grãos e criavam animais (Como na Mesopotâmia). A partir de 4000 a.C. surgiu a cultura conhecida como Nagada; seu nome deriva de um local onde foram descobertos mais de 2.000 túmulos com ricas montagens funerárias. Um material similar foi descoberto em outros cemitérios, fornecendo evidências de crenças complexas na vida após a morte e de altos padrões de Maestria artística. Muito diferente da crença Mesopotâmica, que quase nada via depois da morte, a não ser uma sombra.... Esse é um dado importante! Até então, os dois Povos vinham mais ou menos em paralelo.

–Já nesse período (Nagada), foi possível encontrar estandartes que retratavam talismãs com divindades – símbolos semelhantes aos futuros hieróglifos. O Período Pré-dinástico foi seguido por uma explosão cultural que marcou a chamada Era Faraônica. Perto do ano 3000 a.C. foi erguido o primeiro *Estado da Humanidade*, e não simplesmente uma *cidade*. A Sociedade era baseada na Monarquia absoluta; o Faraó estava à frente dela como um rei divino (Teofania) e garantia a harmonia do Universo – seu poder era inexpugnável! Desse modo, cria-se que a Natureza podia ser manipulada pela intercessão Faraônica. Na qualidade de deus cabia ao

Faraó, além de suas funções políticas e guerreiras, o papel de mediador dos homens perante as divindades. Para isso ele devia cumprir uma série de obrigações, desde antes da coroação. Era iniciado em rituais misteriosos, em locais secretos, onde somente o Faraó e o Sumo Sacerdote, e por vezes, a Grande Esposa Real, podiam entrar. Esta também é uma diferença importante com a Mesopotâmia. Embora importantes, as cidades Mesopotâmicas eram cidades apenas; e se o rei tinha poder divino, não se compara ao poder do Faraó. Aparentemente não havia uma razão natural para o Egito *crescer mais e muitíssimo mais depressa*, especialmente porque o Sincretismo era muito mais forte na Mesopotâmia, o que naturalmente soma forças, ideias, inovações, culturas, ciências, conhecimentos, etc...

–Depois de coroado, embora o Faraó detivesse todo poder, tinha que, indiretamente, governar com o apoio dos Sumos-Sacerdotes dos Templos, por causa dos jogos de interesses políticos. Os principais Templos eram verdadeiras "entidades vivas", autossuficientes, que tinham grande poder sobre o Egito. Mantidos por imensas propriedades, eram estabelecidos para servir a vários deuses, que por sua vez serviam à Humanidade. Na verdade, os Templos eram mais Instituições Estatais, não lugares para devoção e preces individuais, nada disso! Haja visto a grandiosidade das Pirâmides de Gizé e, podem ter certeza, de que Templos como Karnak, Luxor, ou o de Amon eram de grandeza, luxo e poder indescritíveis. Isso quer dizer que havia uma importante ligação do poder do Faraó com o poder Sacerdotal. Isto não podia ser quebrado, ou mudado, sob pena do Egito "desmontar"! Assim era a regra (A Lei de Maat), assim tinha que ser!

–O Período Dinástico Inicial compreende as três primeiras Dinastias, e durou de 2920 até 2575 a.C., período em que a Mesopotâmia também estava em pleno desenvolvimento.

–A seguir temos o Período do Antigo Império, que começou na Quarta Dinastia. Essa foi muito importante, pois reinaram Quéops, Quéfren e Miquerinos, Faraós responsáveis pela construção das grandes Pirâmides de Gizé; aquelas famosas, que todo mundo já viu, ou ouviu falar, pelo menos uma vez na vida. O "cartão postal" do Egito. O Antigo Império representa o ponto culminante da Cultura Egípcia. Nesse período nasceu seu estilo particular e os cânones de sua Arte e Arquitetura. Era como se a Quarta Dinastia fosse um *plano-mestre* ou um programa iniciado para *definir* formatos, proporções e ordens específicas da Arte e da Arquitetura. Guarde isso! É informação importante!

–O Antigo Império terminou na Sexta Dinastia, em 2152 a.C., dando início

a um Período Intermediário muito conturbado. A Sétima Dinastia teve 70 reis, que reinaram durante 70 dias, em Mênfis! A Oitava teve mais de 20 reis efêmeros; o período turbulento só passou ao término da 11ª Dinastia. Segue-se o Médio Império e vem um segundo Período Intermediário meio confuso.

–O Novo Império (1550 – 1075 a.C.), iniciando com a 18ª Dinastia é interessante porque dele fazem parte Akhenaton e Tutancâmon, que comentaremos mais tarde. A 19ª Dinastia (1307 – 1196 a.C.) é para nós a mais importante, pois nela reinaram Ramsés I, Seth I e Ramsés II, fundamentais para nosso estudo.

–Continuam as Dinastias a suceder-se. Apenas lembrando: o Faraó Necao, da 26ª Dinastia, matou o Rei Josias, pouco antes do Exílio de Judá na Babilônia. Aí já entramos no Período Final do Egito, que começou na 25ª Dinastia, dividida entre Núbios e Egípcios.

–A 27ª Dinastia foi Persa, e nela entraram os Reis Dario II e Artaxerxes I, responsáveis por facilitar a reconstrução do Templo de Jerusalém pelos Exilados Judeus. Veja como as datas cronológicas batem perfeitamente: o Rei Artaxerxes I é mencionado no Livro de Esdras, e a segunda leva de exilados que retornou a Jerusalém com Esdras é datada em 458 a.C.; mais impressionante é a terceira leva, que vem com Neemias, para a reconstrução dos Muros da cidade. Aconteceu no ano 20º do Reinado de Artaxerxes I, em 445 a.C. 445 é o ano exato colocado à cronologia Bíblica. A Cronologia Egípcia encaixa o Rei Persa Artaxerxes I como subindo ao trono do Egito em 465 a.C., portanto, o 20º ano do seu Reinado é 445 a.C.! Não é demais?!!

Uma importante fatia do Religiosidade Egípcia era em relação à vida pós-morte. Em busca da vida eterna, Ritos dos mais diversos eram praticados para garantir essa vida pós-morte, e, dentre os rituais, o culto aos mortos era uma prática egípcia das mais importantes.

Já no período Dinástico Antigo, as Tumbas dos Faraós eram diferentes da de seus súditos, por suas imponentes dimensões e numerosas oferendas. A imensa estela de pedra que colocava o Rei morto sob a proteção dos deuses também proclamava sua posição elevada. Eram entalhadas com imagens e escritos, para perpetuar o espírito da pessoa morta. Os produtos deste período demonstram claramente as habilidades sofisticadíssimas dos artesãos egípcios, já aplicadas *segundo padrões rigorosamente definidos*. Temos também mostras isoladas de diversos rituais específicos nos quais essa condição divina era celebrada, incluindo a coroação e o festival *Sed*, durante o qual o Faraó renovava sua força

vital – o *ka* – e sua soberania por meio de Magia. O *ka* é o "segundo ser" do Faraó; a força vital não corpórea que se separa do corpo após a morte, *sobrevive* à morte; a persona espiritual de alguém que assumia uma residência temporária em uma estátua. O *ka* dos deuses também abrigavam-se nas estátuas, permitindo que eles se manifestassem na terra, podendo ser consultados.

Os Cemitérios de Abido e Saqqarah também oferecem muitas informações sobre as práticas funerárias.

As primeiras Pirâmides eram em degraus. Aliás, a primeira delas foi construída na planície de Saqqarah, perto de Mênfis, que na época era a capital do Egito. Imhotep foi o arquiteto responsável pela invenção das construções de pedras decoradas. Esses ensinamentos foram passados de geração em geração. Os primeiros arquitetos Dinásticos já haviam aperfeiçoado as técnicas de construção usando madeira, junco e palha na forma de tijolos não queimados. Mas a substituição do barro por blocos de pedra, mais atraentes e duráveis, viabilizou novas formas de arquitetura. Imhotep usou para a construção da primeira Pirâmide de Pedra uma área de 15 hectares. Originalmente, a estrutura tinha a forma de um "banco", mas depois ela foi ampliada para incorporar as tumbas da família real. Então, Imhotep adicionou 4 degraus a essa base (o "banco"), e então outros dois. Os seis andares subiam em direção ao céu, formando a primeira Pirâmide em degraus. Com 60 metros de altura e uma base medindo 109 por 121 metros, era visível a grande distância! Um reflexo das concepções da vida após a morte, a Pirâmide convidava o espírito do falecido Rei a ocupar seu lugar entre as estrelas imortais. O contorno do monumento também lembrava as antigas montanhas, das quais o sol surgia. Esse formato evocava uma versão do Mito da Criação, mas também aludia à passagem do sol, com o qual a morte se tenta fundir. Sob a Pirâmide, um labirinto de câmaras subterrâneas, lotados de milhares de vasos de pedra. O Rei possuía seu próprio compartimento funerário, embaixo da Pirâmide, com paredes cobertas de maravilhosos azulejos de faiança azul. As estelas de pedra calcária formavam portas falsas, entalhadas em baixo relevo, acompanhadas por inscrições em hieróglifos extremamente finos. Alguns cenários similares foram encontrados na Tumba Sul, que formava uma réplica do Complexo Funerário Principal, adjacente à Pirâmide. O Complexo inteiro era cercado por um muro de 10 metros de altura, construído com blocos de pedra calcária cuidadosamente adornados e com reentrâncias no estilo das fachadas de Palácio; esse imenso muro tinha uma única entrada, que levava a uma fabulosa galeria de colunas caneladas. Essa galeria, por sua vez, dava acesso a um pátio amplo. As salas e uma série de edifícios para rituais estendiam-se ao redor da Pirâmide. Os tetos dos relicários eram compostos por degraus e as pilastras assemelhavam-se a

troncos de árvores ou a ramalhetes de plantas, a ornamentos florais e a juncos assentados nas paredes. Não havia nada tosco ou mal feito. Pela primeira vez, os elementos herdados de uma arquitetura que usava materiais orgânicos e mais leves eram agora entalhados na fina pedra calcária de Tura. O Faraó comunicava-se com o mundo dos vivos por sua estátua, colocada na base da Pirâmide, onde poderia receber o ar revigorante do vento norte através de estreitas aberturas. A magnífica imagem de Djoser (3ª Dinastia), o Faraó que recebeu esse Complexo Funerário arquitetado por Imhotep, em pedra calcária pintada, foi a primeira efígie real em tamanho natural, e sua aparência causa bastante impacto. Usa o "Nemes", o turbante listrado típico, e a barba longa, ambos símbolos de Soberania.

Em Saqqarah, não muito longe das primeiras Pirâmides, os membros mais importantes da Corte eram sepultados em grandes mastabas de tijolos de barro, algumas das quais decoradas com relevos de pedra retratando cenas da festa do funeral. Eram colocados em Câmaras Funerárias abaixo do solo, cercados por mobílias e alimentos. Do lado de fora da Tumba, nichos onde se podiam continuar a pôr oferendas que garantissem a vida da pessoa morta.

Parece que os fundamentos da Religião Faraônica também já tinham sido lançados desde o Período Dinástico Inicial, talvez antes. De onde veio tudo isso? A História não pode saber ao certo, apenas conjectura... Caímos naquilo que dissemos antes... Mitologia... Sincretismo.... Adoração dos elementos Físicos.... mas... e daí? A nós, parece que a Religião Egípcia era profundamente caótica, uma mistura estranha, de panteísmo e culto de animais, cheia de crenças contraditórias. Ficam claras suas características de Culto e as principais crenças: o zoormorfismo (deuses em formas de animais) e o antropomorfismo (deuses em forma humana). Para nossa mentalidade moderna parece tudo uma bagunça, mas pode ter certeza de que não é por acaso tudo isso. Era bem interessante ao Diabo que no futuro fosse isso mesmo que todos pensassem!

Vamos falar rapidamente de algumas das principais divindades.

No Egito, as representações figurativas eram extremamente raras, mas as principais divindades adoradas eram, sem dúvida, as consideradas mais importantes, ou mais poderosas, pois sabemos que havia um sem número de deuses no Egito.

–Hórus, representado sempre por um falcão, associa-se à encarnação de alguns Faraós. Conta o Mito que perdeu um olho ao lutar contra Seth, na tentativa de vingar a morte de seu pai, Osíris. A marca característica que aparece no falcão é tradicionalmente associada à ferida de Hórus.

–Mito de Osíris: Osíris herdou um Império de seu pai, o qual abrangia toda

a Terra. Como sua irmã e esposa, Ísis trouxe a paz entre os homens e governou fazendo reinar a justiça. Ensinaram os homens a trabalhar e cultivar as terras, a fabricar pão, vinho e cerveja. Osíris era amado por seus súditos, mas seu irmão Seth, movido por profunda inveja, assassinou Osíris, retaliou seu corpo em 14 pedaços e os espalhou. Ísis, profundamente triste, recolheu os pedaços e, por meio de seus poderes mágicos, devolveu a vida a seu marido. Deitada sobre seu corpo ressuscitado, concebeu um filho, Hórus. Entretanto, Osíris deixou o Mundo dos Homens e foi reinar entre os mortos. Portanto, Osíris é o deus e senhor dos mortos, levado à morte pelo perverso irmão Seth, mas depois restaurado à vida. Talvez por isso, paradoxalmente a Mitologia Egípcia também o identifique como o fundador do Estado Faraônico e como ancestral primordial de todos os Governantes do Egito, pois seu filho Hórus ocupou o trono que lhe pertencia, tornando-se, assim, o primeiro Faraó. A crença numa vida de recompensas e punições no pós-morte seria presidida por Osíris, uma vez que ele mesmo experimentou a morte e o retorno à vida. Por causa desta “ressurreição”, o monarca do Mundo Subterrâneo também era cultuado como símbolo de vida: estes atributos o tornavam deus do Nilo, deus das águas, pois o Nilo era um símbolo de vida para o Egito. Osíris também está associado à vida do Egito no sentido da fertilidade: a inundação garante boas colheitas; a fertilização da terra é dádiva de Osíris. Portanto, ele personifica também o ciclo agrícola e o retaliamento do seu corpo simboliza a ceifa ou o corte do trigo, enquanto sua morte e ressurreição simbolizam o eterno ciclo da semeadura, do crescimento da plantação e da colheita.

–Ísis, deusa da terra e esposa de Osíris, anualmente era visitada durante a inundação, sendo fecundada por ele. Representada por uma mulher com uma peruca lisa de três partes que passa por trás das orelhas Ísis frequentemente era associada com Hathor, podendo usar uma coroa com o emblema dela. Ísis é uma das deidades da Tríade de Osíris. Ela é esposa de Osíris e mãe de Hórus, simbolicamente representada como o Trono (seu emblema tradicional). Todos os três são importantes Entidades Egípcias (Terra, Água e Ar? Só estou conjecturando!).

–Hathor é uma das deidades bovinas, a maior delas, simbolizada por uma vaca de chifres encurvados e orelhas proeminentes, ou uma mulher com chifres de vaca encurvados para cima e um típico disco solar entre eles; este disco é um emblema característico – um símbolo zoomórfico da deusa. Neste período essas deidades eram identificadas com o paraíso.

–O Touro Ápis também era deus dos mais importantes. Símbolo de Fertilidade, também aparece retratado com características que seriam

mantidas durante 3 milênios. Ápis, o Boi de Mênfis, era cultuado com a maior veneração, por tratar-se de um oráculo dos deuses. O animal escolhido para ser Ápis tinha que ter uma série de características: inteiramente preto, com um sinal branco e quadrado na testa, outro em forma de águia nas costas e, debaixo da língua, um caroço semelhante a um escaravelho. Por ocasião da Lua Nova ele era levado de barco pelo Nilo e colocado em magnífico Templo, etc... etc...etc... ritual afora.

–Anúbis era uma deidade funerária responsável pela guarda dos Cemitérios; presidia o processo de mumificação; sua representação mais comum era como um chacal; se aparecesse como um homem, podia vir acompanhado da figura de cachorros junto com ele, ou então com uma cabeça canina em corpo humano.

–Rá era o deus sol, criador e mantenedor do Mundo, representado por um disco solar. Hathor seria a filha e a esposa de Rá. Acho que não viam o incesto como algo impuro.

–Amon-Rá foi o único considerado deus do Estado, além de governante de Tebas; por sinal, foi justamente quando a Capital do Egito foi mudada Para Tebas, na 5ª Dinastia, que o antigo deus sol Rá tornou-se um "composto", ou uma associação de duas divindades: Amon-Rá. Uma inscrição hieroglífica dá a ele o epíteto de *Kamutef*, que literalmente significa "o Touro de sua mãe". Por sua palavra e vontade criou Kneph e Ator, de sexos diferentes, de quem procederam Osíris e Ísis. Ele foi um dos deuses mais importantes do Egito. Note o texto encontrado no Templo da deusa Hathor, em que Amon-Rá dirige-se ao Faraó Tutmés III – 18ª Dinastia: "Amon-Rá, Senhor do Trono das Duas Terras, Senhor dos Céus: Eu te dou vida, poder, estabilidade e alegria em meu nome e no de Rá, por toda a Eternidade". Percebe-se que se tratam de duas Entidades que trabalham juntas (o que não é incomum, muito ao contrário, é justamente o que ocorre no Reino Espiritual).

–Mais tarde Osíris tornou-se a divindade tutelar dos Egípcios, tão importante quanto Amon. Em certo tempo, supunha-se que a alma de Osíris habitava o corpo do Touro Ápis e que, com a morte deste, transferia-se para seu sucessor. Mas a enormidade de Osíris foi crescente. Sua forma habitual de representação é em aspecto mumiforme, com as mãos surgindo das bandagens, encostadas no peito, com um mangual e um cetro *heqa*. Usa uma coroa *atef*, que consiste na tiara do Alto Egito, com plumagens laterais e uma naja na frente. Sua face é quase idêntica à da deusa Ísis. Somente o queixo com a barba falsa diferem no rosto. Osíris foi adorado no Egito em todos os Períodos e de diversas formas, por vezes associado com outras

deidades. Foi adorado em Busiris, substituindo um deus local; em Mênfis chegou a ser adorado como Ptah-Sokaris-Osíris. Mas o principal local de culto ao deus dos mortos, do Faraó que morre e renasce como o novo governante Hórus, sempre foi Abido.
–O deus Kepri, "Ele que criou a si mesmo", o deus do sol matutino, símbolo de renascimento, e era simbolizado, pelo escaravelho. Este tipo de besouro era um amuleto poderoso e muito usado em joias. O Mito do escaravelho tinha a ver com o comportamento do besouro fêmea, que empurra pelo chão as bolas de esterco onde guardam seus ovos; os jovens besouros surgem depois de dentro dessas bolas. A bola era identificada como o sol nascente que, segundo se acreditava, era empurrado por um escaravelho para que se erguesse do horizonte todas as manhãs.
–Thoth, deus da lua, era simbolizado, às vezes, por babuínos.
–As duas deusas tutelares do Egito são a deusa naja Wadjet, senhora do Baixo Egito, usando coroa vermelha, e a deusa abutre Nekhbet, guardiã do Alto Egito, que usa coroa branca. Seu epíteto mais comum é "senhora dos céus". Juntas, simbolizam a união do País. São deusas muito importantes.
–Ptah garante vida, poder e saúde ao Faraó, mas é também o deus patrono dos artesãos.
–Sekhmet garante a eternidade.
–A deusa Maat é a Regra Universal, Deusa da Justiça. Simbolizada por uma mulher com o típico disco solar na cabeça, só que desta vez, com plumagens de avestruz. A crença no Julgamento Final surge a partir da 6ª Dinastia.
–Taweret, deusa da fertilidade feminina e protetora do parto, assumiu a forma de um hipopótamo combinado com elementos de outros animais. Nas paredes dos Templos aparece nas cenas dos casamentos dos deuses e dos nascimentos divinos dos reis. Plantas aquáticas podem ser desenhadas no corpo roliço do hipopótamo – flores de papiro abertas e flores de lotus.
–Seth era cruel. Um dos inúmeros desenhos egípcios a que temos acesso é o da pesagem do coração humano numa balança, após sua morte, em presença da deusa da verdade. Se fica patente que a pessoa não fez o bem em vida, o desenho mostra um monstro esperando para destruir a alma daquele cujo coração foi pesado. O uso desta monstruosidade faz alusão a um inimigo em potencial! A Força Maligna que os Egípcios identificavam na Humanidade era representada por Seth. Perceba que, neste caso, pela primeira vez aparece um deus que personifica o Mal; Seth não é como os outros deuses, que podem fazer o Bem e o Mal. Ele é a *essência do Mal*! Mas Seth era também o Rei das terras altas e das terras distantes.

Inicialmente, foi venerado como uma *parte necessária do Cosmos*. Mas a ocupação cruel do Egito pelos Persas mudou para sempre algumas coisas. Seth passou a ser visto como o deus dos estrangeiros – como os Persas vieram das colinas desertas e das terras altas, nesse momento Seth tornou-se o próprio Diabo e o deserto tornou-se a terra do espírito maligno.

–Ammut, representado por um animal de cabeça de hipopótamo coberta por uma peruca, corpo de leopardo, a cauda e a crista de um crocodilo. Este monstruoso é o "Devorador" descrito no Livro dos Mortos que está pronto a tragar a alma daquele que não conseguiu ser justificado pelo Tribunal de Osíris. Ammut também pode ter um significado positivo ao aparecer na forma de um porco.

–Neste caso, ele personifica a deusa Nut, o Céu, que ao engolir o falecido, ressuscita-o e lhe concede a reencarnação eterna.

Como o Faraó e a Rainha (Grande Esposa Real) são considerados Teofanias, são identificados comumentemente com estas divindades. O Faraó, quase sempre como Hórus ou Rá; a Rainha está mais ligada à deusa Hathor ou Ísis. Ísis e Hathor têm seu poder destrutivo também, e este é representado por uma leoa, Mehet, a divindade que encarna esse poder destrutivo que tem que ser aplacado todos os anos a fim de garantir a chegada normal de cheia do Nilo. Mehet, aplacada em seu furor, garantia o retorno sazonal da inundação.

Não nos importa o restante dos deuses e Rituais. Ficaríamos a falar deles eternamente. O Egito tinha milhares de divindades. Quero apenas que você perceba o seguinte: os deuses Egípcios foram aparecendo "aos poucos". Não foi de cara que todos foram cultuados ou que Templos foram construídos e dedicados a eles. Os mais antigos deuses sempre foram cultuados, mas apareceram outros com o passar dos tempos. Os mais antigos, que seriam divindades adoradas desde o Período Dinástico Inicial (ou até antes) até os fins dos dias dos Egípcios foram Hórus, Seth, Hathor, Anúbis, Rá, Ápis.

Mas perceba que alguns eram entidades *locais*. Mesmo Amon, que mais tarde foi considerado o Senhor das Duas Terras, primeiramente era Governante de Tebas (Provavelmente antes de ser ampliado seu território de atuação – veremos mais tarde como isto acontece). Ou Osíris, que de senhor do Nilo passou em certo momento a ter maior atuação no País; posteriormente. Mas veja que Ápis, por exemplo, era o Boi de Mênfis (uma das Capitais do Egito). Havia Wadjet e Nekhbet, senhoras de um território maior, uma do Baixo e a outra do Alto Egito, mas não do Egito *inteiro*! Do Egito inteiro, apenas Amon-Rá e Osíris chegaram a tal patamar de Poder. Seth era deus das terras altas e distantes. Anúbis guardava cemitérios. Outras entidades aparentemente não estão ligadas a um território,

mas são simplesmente adoradas. Como Kepri, Thot, Taweret, Ptah, Sekhmet, etc... Guarde essa informação, pois também será importante para os estudos a seguir.

As Teofanias eram encarnações das deidades divinas no Faraó e na Rainha. Dos Rituais não funerários pouco sabemos. Mas no Museu Egípcio encontra-se uma faca de pederneira com cabo de ouro, de 30,6 cm de comprimento e 6 cm de largura, com a ponta bifurcada e bordas minuciosamente serrilhadas para facilitar o corte, do Período Pré-Dinástico. Ela não foi confeccionada para o uso cotidiano; por causa da fina maestria artística, provavelmente ela era usada exclusivamente em cerimônias e rituais religiosos. De que tipo, não sabemos.

Era comum também a crença na astrologia, e uma particularidade desta era que os astros tinham influência sobre as diferentes partes do corpo. E os deuses também estavam relacionados com os astros. Magia e Religião estavam intimamente ligadas no Egito. A Numerologia fazia parte das crenças e era usada. Dentre os símbolos utilizados na Magia, a Serpente e as Chamas tinham particular lugar.

•**Bretanha/País de Gales (atual Inglaterra e França)**: por incrível que pareça, é bem escasso o material que se pode encontrar sobre os Celtas e os famosos Druidas. Na antiga língua celta, o termo “druida” significava “encontrar ou conhecer o carvalho”. Sendo o carvalho uma árvore grande e majestosa, o termo indiretamente remete-nos à sensação de algo “sólido, profundo e duradouro”; mas, *mais* do que isso, “conhecer” ou “encontrar” dá a ideia de uma percepção mais longínqua, mais abrangente... que vai além do simples *exterior* do carvalho, que pode ser contemplado e entendido por todos, mas que entra em sua essência, no seu “Oculto”. O carvalho era considerado sagrado, junto com o visco.

Mais adiante, no próximo Módulo, você entenderá a grande importância dos Druidas, suas crenças e práticas ritualísticas, tão ou mais importantes do que a dos Egípcios.

O que a História nos diz sobre eles?

–Os Druidas formavam a casta dos Sacerdotes cultos entre os antigos Celtas da Gália e da Bretanha, principalmente, mas também da Germânia. Embora possa ter havido alguma semelhança entre as crenças dos Bárbaros Germânicos e os verdadeiros Druidas, é tão somente coincidência. O forte da manifestação Druídica era no País de Gales, na Bretanha Maior e Menor. Os Druidas gozavam de muito prestígio na Sociedade de seu tempo, pertencendo a uma das duas classes mais respeitadas. A outra classe era a dos Nobres. Mais uma vez nos deparamos com uma espécie de “união” ou

parceria entre o poder político e o poder sacerdotal.
–Os Druidas, de fato, eram bastante consistentes na abrangência de seus conhecimentos e combinavam suas funções de Sacerdotes com o saber científico, pois estudavam e conheciam muito bem Astronomia, Medicina e Filosofia; eram os líderes intelectuais e sábios da época e colocavam-se em relação ao Povo Céltico na mesma razão proporcional e de maneira bem semelhante à posição ocupada pelos Magos da Pérsia ou os Sacerdotes do Egito.
–Ensinavam a existência de um deus de nome Beal e que parece ter afinidade com o Baal dos Fenícios, especialmente porque ambos identificavam essa divindade suprema com o sol. Contudo, há uma extrema distância de tempo entre esses Povos, já que os Fenícios são da época áurea dos Mesopotâmicos e Egípcios, e os Celtas datam de milhares de anos depois, surgindo pouco antes da Era Cristã, mas tendo seu apogeu em torno do Século V d.C., seguindo mais ou menos em paralelo com as Religiões Vikings (Nórdicas) cronologicamente (mas totalmente diferentes do ponto de vista de atuação Satânica).
–Como já dissemos, os Druidas adoravam o Sol, mas cultuavam também uma infinidade de deuses menores. Suas crenças religiosas incluíam a imortalidade do espírito e a reencarnação. Um detalhe curioso desta Religião era o fato de dispensarem a confecção e o uso de ídolos; mas o que mais chama atenção é o significativo fato de não cultuarem em Templos Grandes; existiam pequenos e simples santuários nas florestas, apenas para realização de oferendas de gratidão. Costumavam oferecer Rituais de Sacrifícios nas Florestas, mas seus santuários principais consistiam em Círculos de Pedras muito grandes. Ainda hoje existem centenas desses Círculos de Pedra, especialmente na Bretanha e na Escócia.
–Porém, o mais famoso e misterioso deles é Stonehenge, na planície de Salisbury, na Inglaterra. Ele foi erguido pela primeira vez muito antes, milhares de anos antes. Trata-se do mais famoso Monumento Megalítico da Inglaterra e a estrutura pré-Histórica mais importante da Europa. Dentre os Megálitos, somente a Grande Pirâmide de Quéops pode ser comparada a Stonehenge. Óbvio que isso *não é* uma coincidência!!!
–A “Dança dos Gigantes” – como também é conhecida Stonehenge –, por seu tamanho, complexidade e importância a tornam algo com características únicas. Os chamados Megálitos são pedras toscamente trabalhadas, que isoladas ou em conjunto formam uma estrutura para fins religiosos e são encontradas em diversas partes do Mundo, especialmente na Europa, China, América do Norte e Norte da África. Quem não ouviu falar das famosas

Cabeças de Pedra esculpidas (os Moais) da Ilha de Páscoa? Porém, não há nada semelhante a Stonehenge em todo o Mundo. Ainda que a História saiba que esses monumentos são para fins religiosos, Stonehenge tem sido usada há 5000 anos e até hoje não se tem certeza absoluta da sua finalidade.

–O Monumento é formada por quatro círculos concêntricos de Pedra. O círculo externo de Pedras media 86 metros de diâmetro; o círculo interno, 30 metros. Algumas das Pedras pesavam 45 toneladas e mediam 5 metros de altura! Havia ainda uma avenida de acesso principal, onde ficavam os Portais de Pedra, marcando o alinhamento do Sol, e os ciclos da Lua, bem como o nascimento deles no Solstício e no Equinócio. Supõe-se, portanto, que tenham sido usadas como Observatório Astronômico. Analisando as Pedras, percebeu-se que elas foram cortadas de maneira a encaixar-se perfeitamente umas nas outras, e isso numa época em que não havia ferramentas ou instrumentos para realizar este tipo de serviço, tão preciso. Novos construtores (pois Stonehenge foi construída em três fases) edificaram uma avenida de Monolitos, que ligava Stonehenge ao Rio Avalon, distante 3,2 quilômetros da estrutura de Pedra.

–No centro do Círculo ficava o altar, onde eram oferecidos sacrifícios; a História não conseguiu provar ou saber de que espécie eram eles, mas certamente eram humanos. Em Stonehenge, um dos dias mais importantes do ano era o do solstício de Inverno.

–Ao Mago Merlin foi atribuída a reconstrução deste Círculo. Os conhecimentos de engenharia e matemática que Merlin tinha o levaram a fazer um trabalho que também virou lenda, pois não se julgava possível, na época, tal façanha. Não foram os Druidas que construíram Stonehenge, pois a data de sua edificação vem de cerca de 1000 anos antes dos Druidas tomarem o Poder. A História apenas conhece a periferia do seu significado, pois acredita-se que Stonehenge seja o túmulo de um Rei. Segundo a lenda, o túmulo do Rei que era o pai desconhecido de Merlin. Embora a maioria desconheça, Merlin (ou Myrddin) muito provavelmente não foi um mito ou lenda, mas uma figura histórica de fato, que grande influência exerceu na Bretanha com seus poderes mágicos e sua aproximação íntima com mais de um Rei.

–Além dos Rituais em Stonehenge, dos quais sabemos poucas coisas, os Druidas tinham o hábito de cultuar a Lua cheia, especialmente o sexto dia da Lua. Júlio César foi a principal fonte de informações sobre os Druidas. Relatos Romanos, feitos por ele, afirmam a existência de práticas ritualísticas em que enormes imagens eram feitas, ocas, e eram colocadas pessoas vivas lá dentro, e depois tudo era queimado. Muitos dos

simpatizantes dos Celtas têm procurado desmentir os historiadores Romanos, mas sem grande sucesso.

–Afora o que acontecia em Stonehenge, os Druidas realizavam dois Festivais por ano. O primeiro no princípio de maio (Mês Cinco), chamado Beltane, ou “Fogo de deus”. Acendia-se grande fogueira nos Altos, em honra ao Sol, cujo regresso de Primavera era saudado depois da sombria desolação do Inverno. O outro grande Festival Druida era o “Samh’in”, ou “Fogo da Paz”, realizado no dia 1º de novembro (Mês Onze – só que nessa época o Halloween não se comemorava ainda em 31.10). Contudo, esse costume ainda permanece na região montanhosa da Escócia sob o nome de Hallow-eve. Nessa ocasião, a única coisa que sabemos é que, além do Festival, era reunida uma Assembleia Solene na parte mais central da região, para desempenhar as funções judiciais de sua classe e julgar todas as causas, públicas ou privadas, e todos os crimes. Talvez por isto o nome do Festival fosse Fogo da Paz. Os atos judiciais estavam ligados a certas práticas supersticiosas, especialmente ao ato de acender o fogo sagrado, o qual serviria, por sua vez, para acender todos os fogos da região. Esse costume de acender fogueiras no dia 1º de novembro perdurou nas Ilhas Britânicas até muito tempo depois do advento do Cristianismo.

–Um mistério aparentemente associado aos arredores de Stonehenge e outros Megálitos de importantes sítios arqueológicos são os “Círculos Ingleses”. Desta vez não se tratam de Pedras, mas de desenhos que costumam aparecer frequentemente em plantações e surgem quase que na sua totalidade durante a noite, no meio do silêncio e da escuridão dos campos de cereais. Segundo pesquisadores, esses Círculos, devido à sua complexidade, seriam impossíveis de serem feitos pelas mãos humanas.

–Bastante surpreendente é que os Druidas, embora Mestres de Religião, Cientistas e Sábios de sua época e de seu Povo, não deixaram para a História nada escrito, coisa alguma de suas doutrinas, história ou poesia. Seus ensinamentos eram orais e sua literatura preservada apenas pela Tradição. Entretanto os escritores Romanos admitem que “eles prestavam muita atenção à ordem e às leis da Natureza, investigavam profundamente e ensinavam aos jovens entregues aos seus cuidados (aprendizes) muitas coisas referentes às estrelas e seus movimentos, ao tamanho do Mundo e das Terras, e também concernentes à força e ao poder dos deuses imortais”.

–O Sistema Druídico estava em seu apogeu quando se deu a invasão Romana comandada por Júlio César, no Século I d.C. Aos Druidas foi dirigida toda fúria e perseguição, e seus rituais proibidos. Com a conquista da Inglaterra e da França por Júlio César, a Religião Celta desapareceu, a

casta Sacerdotal perdeu suas funções religiosas, mas manteve a posição erudita e de Liderança.

•**Grécia e Roma Antigas**: a Religião Grega Clássica floresceu durante o apogeu da Pólis, a Cidade-Estado Grega, no período entre 800 e 300 a.C., aproximadamente (o que é muito provável, pois a conquista de Alexandre, o Grande, na terra do Egito, o que deu origem à Dinastia Helenística, aconteceu em 331 a.C., o que prova o grande desenvolvimento dos Gregos neste período e no anterior a ele). Suas origens, contudo, são mais remotas, vêm desde 1950 a.C., quando os indo-europeus começaram a chegar à região que mais tarde seria a Grécia. Os Gregos são um Povo Indo-Europeu. Os primeiros foram os Jônios; permaneceram ali sozinhos até meados de 1580 a.C., quando chegaram Aqueus e Eólios. A ultima corrente Indo-europeia a estabelecer-se na região foi a dos Dórios, a partir de 1200 a.C. Os desdobramentos precisos permanecem obscuros, pois resta pouca Literatura ou evidência arqueológica, como pinturas em vasos, anteriores a 700 a.C. No entanto, a decifração da primeira escrita grega nas últimas décadas possibilitou notável avanço sobre a Civilização Grega do período compreendido entre 1950 e 800 a.C. A primeira Civilização Grega era denominada Micênica, que vai até cerca de 1100 a.C.; de 1100 até 800 a.C. é o chamado período Homérico; de 800 até 500 a.C., as Pólis (que já existiam) se desenvolveram e amadureceram, destacando-se entre elas Esparta e Atenas; a realeza (proveniente das Monarquias anteriores) converteu-se em pura Magistratura, dando logo lugar à ascensão da Aristocracia; de 500 até 338 a.C. temos o período Clássico, quando as Cidades-Estados atingiram o pleno apogeu e a democracia Ateniense chegou ao máximo de esplendor. Homero também foi profundo colaborador para o conhecimento da Época Micênica e Homérica, e delas teríamos outra impressão sem os poemas épicos reunidos na Ilíada e na Odisseia. Há quem diga que tais poemas tenham, para os Gregos, a mesma importância que a Bíblia teve para a Civilização Ocidental. A narrativa reúne elementos reais e fantásticos, imaginários e Históricos, deuses e seres mortais. Revela, por isso, muito daquilo que nos interessa, muito da cultura daquele tempo. A Ilíada narra as aventuras de Aquiles nos últimos anos da guerra dos Gregos contra os Troianos; destaca valores como a honra, a bravura, a fidelidade, a moral. Na Odisseia são narradas as aventuras de Ulisses na sua volta para casa, após o fim da guerra. O poema é muito rico em informações sobre o dia a dia dos Gregos no Período Homérico.

Em 338 a.C., Filipe II, rei da Macedônia, invadiu a Grécia e pôs fim à

independência das Cidades Gregas, dando início ao Período conhecido como Helenístico. O momento de crepúsculo da Grécia começou por causa de guerras fratricidas que enfraqueceram o Império Grego. Havia um agressivo expansionismo Ateniense e uma inquietação Espartana. A autodestruição da Grécia começou quando Atenas entrou em conflito com Corinto, aliada de Esparta, e deu-se o início da Guerra do Peloponeso (431- 401 a.C.). Quando Péricles, importante governante de Atenas, morreu, a guerra tomou um rumo inesperado e Atenas perdeu. Mas a vitória de Esparta não trouxe paz à Grécia. Contra ela ergueu-se uma nova Potência, a cidade de Tebas, que apesar de tudo não se saiu melhor. Desta vez, Atenas e Esparta uniram-se contra ela, mas o resultado foi o esfacelamento da Grécia e sua conquista pela Macedônia.

Com a morte de Filipe II, subiu ao trono seu filho Alexandre, o Grande, em 336 a.C. Foi ele que formou um vasto Império Universal. Começou com o esmagamento de diversas revoltas na Grécia; em 334 a.C., Alexandre começou sua campanha contra a Pérsia, e ao longo de 5 anos anexou ao seu domínio a Mesopotâmia e o Egito, chegando à Índia em 325 a.C. Seu sonho era a realização de um Império Universal, mas morreu aos 33 anos, na Babilônia. Construído durante um breve Reinado de 13 anos, no Império de Alexandre, o Grande, pode ser comparado ao Persa e ao Romano que, no entanto, formaram-se ao longo de Gerações. Nos territórios Orientais Alexandre fundou quase 70 cidades, muitas das quais foram batizadas com o nome de Alexandria. Mas a mais famosa Alexandria é a do Egito. Fundadas com o objetivo de abrigar tropas, essas cidades transformaram-se em importantes centros de difusão da Cultura Grega, fenômeno conhecido como Helenismo – a difusão da Cultura Grega no Oriente.

Apesar dos conflitos políticos, a *Religião Grega* em si somente chegou ao fim *de vez* em 393 d.C., quando o Imperador Romano Teodósio proibiu todos os Cultos Pagãos. E a morte de Alexandre (só para que você conheça o final da novela... e faça conexões aí em sua cabeça, unindo tudo que já estudamos até agora) fez com que esse grande Império não sobrevivesse, mas partiu-se em três Reinos independentes, cada qual tendo à frente um Militar que serviria sob as ordens de Alexandre: o Reino da Macedônia, sob Antígono; o Reino do Egito, sob Ptolomeu; e a Mesopotâmia, sob Seleuco.

Mas, e a Religião Grega?.... Vamos lá!

Na sua forma mais clássica, a Religião Grega significa cultuar doze divindades cujo lar era o Monte Olimpo – assim como doze também são os Signos do Zodíaco. Zeus (ou Júpiter) era o Líder Supremo e cada divindade possuía diferentes atributos. Na realidade, entretanto, a coisa era muito mais complexa porque havia milhares de deuses locais, de menor importância, alguns

identificados com os deuses do Olimpo, mas com “moradas distintas”: na terra, nas águas ou embaixo do Mundo. Sugestivo! Claro que essa quantidade enorme de divindades é, mais uma vez, fruto de sincretismo. Um indivíduo poderia cultuar quantas divindades quisesse, e quaisquer dentre todas, *desde que* reconhecesse os deuses do Olimpo. Aliás, essas doze divindades são as mais sugestivas, não só pela posição especial que ocupam, como também pelo seu número.

Um aspecto essencial da Religião grega era sua amplitude. Embora os Gregos não possuíssem uma palavra para “Religião”, esta permeava tudo e abrangia praticamente todas as atividades realizadas nas Pólis, a julgar pelas moedas que representam um Estado através de sua divindade ou herói principal. Vemos que existe uma clara hierarquia! E que diferentes lugares eram como que “morada” de determinadas Entidades. Além das características de caráter, ou principal forma de agir, nota-se a questão territorialista dos deuses gregos. Na verdade, não havia distinção entre o religioso e o secular; ambos se permeavam mutuamente, estavam incrustados no Consciente e Inconsciente Coletivo. Isto pode ser observado nos Festivais que dominavam o ano Grego, cujos mais importantes eram os quatro Festivais Nacionais (Pan-Helênicos), dedicados a uma variedade de deuses e cujas características essenciais (além de agradar e cultuar os deuses) eram as competições e jogos atléticos e musicais. Alguns duravam vários dias; em Atenas, quase metade do ano era tomada por Festivais... que Povo festivo esses Gregos, hein?! Mas nem tudo é o que parece ser. As Pólis tinham vários traços em comum, mas muitas particularidades que se destacavam, por isso essa tendência de “rivalizar” umas com as outras, em todos os campos. Como já dissemos, no terreno esportivo e artístico, mas também, por vezes, militarmente. Cada uma tinha sua (ou suas) divindade protetora, e apesar dos Festivais, as discórdias e conflitos eram comuns, especialmente entre cidades vizinhas. Atenas, por exemplo, era inimiga de Egina e Mégara; da mesma forma que Plateia era inimiga de Tebas, e Corinto de Árgos. Mas nenhuma oposição foi tão marcante quanto Atenas e Esparta.

Havia uma distinção muito clara entre os homens livres e os escravos, e nisto se deu o estopim para a emancipação intelectual Grega. Da generelização do trabalho escravo houve uma repercussão que podia ser notada na formulação do conceito de Liberdade em oposição ao conceito de Escravidão. Transferindo para os escravos não só os trabalhos pesados, mas também as tarefas manuais corriqueiras, os homens livres podiam dedicar-se integralmente às atividades intelectuais que notabilizaram a Sociedade Grega, e também a participação em atividades políticas que culminariam na construção da democracia. Em suma, tanto a excelência intelectual e artística da Grécia, quanto sua rica experiência

política, assentaram-se sobre o trabalho escravo de uma enorme massa. No mundo antigo isto era uma prática corriqueira: fazer a Guerra, vencer o inimigo e escravizá-lo. Nem o Egito e nem a Mesopotâmia desconheciam a escravidão, mas ambos ignoravam o escravismo como *Sistema*. Isto começou na Grécia, o eixo para o seu sistema de vida e, mais tarde, foi também para os Romanos. A Escravidão na Grécia e em Roma não era um mero acidente, fruto da necessidade de defender seus territórios, mas um mecanismo de reposição e expansão plenamente integrado na lógica do funcionamento da Sociedade. E foi tornando-se um sistema que os conceitos já citados de Homem Livre e Escravo se estabeleceram profundamente.

Nos Séculos VI e V a.C. Atenas experimentou e realizou diversos programas de construção, e as Pólis e os deuses se tornaram indissoluvelmente unidos através dos muitos e belos Templos construídos na Acrópole (parte alta da Cidade de Atenas). Isso fazia parte da mentalidade grega! Entenda, porém, um pouquinho mais da mentalidade Grega... Quando os Gregos se referiam a uma Pólis, não tinham em mente apenas o *território*. Ao dizer “Atenas”, estavam se referindo ao mesmo tempo aos Atenienses e ao seu Governo; portanto, a Pólis não era um *lugar geográfico*, mas um *espaço político*! A adoção de Leis escritas válidas para todos, como aconteceu em Atenas (621 a.C.) assinalou o declínio das formas aristocráticas de governo e paulatinamente a autoridade de um grande conjunto de Nobres foi sendo substituída por um conjunto de Leis. As pessoas passaram a estar submetidas ao Estado; foi assim que nasceu a Cidadania! Veio aos Gregos uma consciência clara de que uma Sociedade e as relações sociais tinham que ser regidas por normas, caso contrário haveria desarmonia e desordem. Pertencer à Pólis, então, passou a ter um significado especial. Além da vida privada, havia uma espécie de segunda existência – a política. Esta torpou-se a “arte de decidir através da discussão pública”. Esta é uma das razões porque a oratória e a argumentação racional foram valorizadas. A vida na cidade implicava no grave dever de participação política (naturalmente, ao homem livre) e, sobretudo, a necessidade de dar a sua própria vida em obediência às suas Leis.

Mas voltemos aos deuses gregos: eles tinham uma particularidade muito interessante: eram ciumentos e imprevisíveis, o que levava o povo a oferecer sacrifício às divindades. Normalmente realizado no interior de um Templo e geralmente oferendas de animais previamente selecionados. Mas era necessário que o cerimonial todo fosse seguido debaixo de regras estritas e perfeitamente realizadas para que a oferenda e o sacrifício fosse aceito e tivesse efeito. Quase sempre o pedido era por proteção, mas algumas vezes era oferecido com a finalidade de pedir algum favor a alguma divindade específica. Tais Ritos

também se realizavam em todos os Oráculos – locais sagrados onde determinada divindade poderia ser consultada em qualquer circunstância, embora as respostas pudessem ser notoriamente ambíguas.

O lado privado da Religião também era importante. Nos lares, uma taça de vinho nunca poderia ser bebida sem antes derramar-se um pouco para o determinado deus que fosse cultuado naquela casa. Muitas casas possuíam santuários à deusa dos lares, Héstia.

Os Gregos primitivos não haviam concebido a ideia de imortalidade da alma. O homem morria com a morte do corpo. Mas dentro do ideal de perfeição Grega, a vida jovem entregue heroicamente em Batalha elevava o Guerreiro a uma condição acima dos mortais comuns. Pela ação extraordinária, pela façanha heróica, acreditavam ser possível assegurar a imortalidade. Por isso, a ética aristocrática não podia conceber uma vida longa repleta de feitos insignificantes; o ideal era uma vida breve recheada de alguma grande façanha, para viver eternamente como lembrança na memória das Gerações futuras! A mais alta expressão desse primitivo ideal encontra-se expressa na figura exemplar do herói que foi Aquiles.

Mesmo assim, ao longo do tempo, viver apenas na memória dos outros não era muito satisfatório... Não o é para ninguém, pois o ser humano – pode dizer o que quiser! – não aprecia e nem nunca apreciou a morte! Havia um lado mais obscuro da Religião, pouco conhecido, mas que se podia constatar nos vários “cultos de mistério” que tinham seus Ritos Iniciáticos reservados. A natureza exata destes mistérios é obscura, mas parece que os devotos tinham uma remota esperança de vida depois da morte, esperança significativa para a grande maioria dos Gregos. Eles admitiam a existência de “regiões infernais”, “regiões dos mortos”. Segundo seus mais importantes filósofos, o lugar onde se localizava a entrada do Inferno era a região vulcânica perto do Vesúvio, toda cortada de fendas, da qual se levantam fendas sulfúreas e o solo é sacudido por desprendimento de vapores, e ruídos misteriosos saem das entranhas da terra. Supõe-se que o lago Averno ocupava a cratera de um vulcão extinto; tem a forma de um círculo e é muito profundo, com meia milha de largura. Nas épocas antigas suas margens eram muito elevadas e cobertas de vegetação. No entanto, vapores mefíticos levantavam-se de suas águas, de modo que não havia vida em suas margens e nem ave alguma as sobrevoava. Ali, segundo o poeta Virgílio, encontrava-se a gruta que dava acesso às regiões infernais. A Mitologia conta que Eneias, naquele lugar ofereceu sacrifícios às divindades infernais Prosérpina, Hécate e Fúrias. Os bosques foram sacudidos, bem como os morros, e os cães ladravam ao longe, pois elas se aproximaram. Eneias desceu à gruta junto com a Sibila; antes do limiar do Inferno passaram por um grupo de seres

que a Sibila revelou serem os Pesares, as vingativas Ansiedades, as pálidas Enfermidades, a melancólica Velhice, o Medo e a Fome que induzem ao crime, o Cansaço, a Miséria e a Morte. As Fúrias ali estavam, do mesmo modo a Discórdia; havia monstros, Briareu, as Hidras, as Quimeras. Depois de morrer, para chegar ao Inferno propriamente dito, a alma atravessava o negro rio *Styx* em companhia de um barqueiro, Caronte, que recebia em seu barco passageiros de todas as espécies, heróis magnânimos, jovens e virgens, tão numerosos quanto as folhas do Outono. As pessoas podiam entrar nesse mundo crepuscular governado por Hades, deus dos mortos, e simplesmente existir sob a forma de sombras.

Outro culto que oferecia a esperança de vida após a morte era o de Orfeu. Novamente os detalhes são incertos, mas embora o culto não tenha causado grande impacto sobre os gregos, tem importância histórica, pois influenciou a Filosofia de Platão de que o corpo é uma prisão ou túmulo de onde a alma precisa escapar. Para desfrutar de um prêmio no futuro, os Órficos tinham que levar uma vida de extremos ascetismo.

A Religião Grega também tinha seu lado obscuro, como evidencia o culto a Dionísio, deus do vinho, representante do lado selvagem e mercurial da natureza humana. As Mênades, mulheres participantes destes cultos, entravam em êxtase e eram capazes de despedaçar animais vivos. Havia ainda a crença em Maldições e Feitiçarias. Foram descobertas muitas tabuletas com maldições que tinham o propósito de causar mal a alguém, as *katadesmoi*. Mesmo assim, percebe-se que esse tipo de rito é semelhante à nossa Umbanda, Quimbanda e Candomblé, uma espécie de “Macumba”, que certamente era regido por demônios hierarquicamente pequenos, só para se “divertirem” um pouco.

Ainda que a Religiões antiga deste Povo já não encontre qualquer seguidor em nossos tempos, pertencendo os relatos apenas à Literatura, as grandes sagas da Mitologia Grega são conhecidas, algumas delas, por quase todos nós. Um detalhe interessante é que foi a Grécia Antiga que talvez primeiro admitiu de forma *muito clara* os Híbridos Humanos, os famosos “semideuses”, dos quais Hércules é um dos mais famosos. No Egito e na Mesopotâmia, os Reis e Faraós eram encarnações de deuses, Teofanias; mas agora admite-se de forma natural que um deus possa ter um filho com uma mulher humana. Pelo menos, *mitologicamente* falando! Se eles criam de fato na *existência* destes seres, isso já não sei. Parece conflitar um pouco com o tipo de pensamento lógico característico dos grandes Filósofos e Pensadores Gregos, mas nunca se sabe.... já que a Religião e o culto às divindades era uma porção tão importante e tão natural da vida dos Gregos, talvez realmente cressem em certos detalhes Mitológicos somo sendo reais e não apenas alegóricos.

Como citamos, Hércules, o Filho de Júpiter, ou Zeus (o principal dos deuses,

cujo pai foi Saturno), é também filho de Alcmena, uma mulher mortal. Isto faz de Hércules um “Híbrido”. Mas Juno (deusa), mulher de Júpiter, sempre hostil aos filhos de seu marido com mulheres mortais, declarou guerra a Hércules desde o nascimento. Mandou duas serpentes para matá-lo em seu berço, mas foi a criança, extremamente forte e diferente das demais, que acabou com as duas cobras. Deste pacto de morte decretado por Juno surgiram os “Doze trabalhos de Hércules”. O último trabalho de Hércules foi descer ao Hades para trazer o monstro Cérbero de volta ao Mundo dos vivos. Interessante notar que, quando Hércules morreu, envenenado e queimado vivo, seu pai Júpiter afirmou aos outros deuses: “Dele somente pode morrer a parte terrena, a parte materna; o que de mim recebeu é imortal”. Quando as chamas consumiram a parte materna, a parte “divina” pareceu assumir maior vigor, maior altivez, maior porte, além de maior dignidade. E ele tomou seu lugar nos “Céus”, segundo conta a Mitologia Grega. Também segundo a lenda Grega, é atribuída ao Rei Mítico Teseu a façanha de matar o Minotauro – lendário monstro (Híbrido?) cretense do labirinto, que tinha cabeça de touro num corpo humano.

Como esse Híbridos eram gerados?

Uma *Porta* de Nuvem, da qual tomavam conta as deusas chamadas “Estações”, abria-se a fim de permitir a passagem dos Imortais para a Terra e para dar-lhes entrada, em seu regresso. Interessante este conceito, não? O Portal tanto dava acesso aos deuses para vir como para voltar. Este conceito dos “Híbridos” e também o da passagem de deuses para a terra segundo a abertura das “Estações”, ainda que de forma poética e mitológica, é extremamente sugestiva e nos remete a dados atuais, utilizados hoje pela Irmandade.

É interessante que os Gregos também criam no Caos aquilo que existia antes que a raça humana se formasse. Segundo a Lenda, o homem foi criado por Prometeu, um dos Titãs, raça que habitou a Terra antes dos Homens. Note que a Cultura grega acreditava numa raça de Gigantes! Mais tarde a mulher foi criada e cada um dos deuses deu-lhe algo. Como presente de casamento, Júpiter entregou-lhe uma caixa, na qual cada um dos deuses havia posto um bem. Ela abriu a caixa inadvertidamente e deixou escapar todos os bens, exceto a esperança. Os Homens foram progressivamente tornando-se maus, e Júpiter e Netuno destruíram a Terra com uma enorme inundação. Sobrou apenas um casal, um homem e uma mulher Titã, devota dos deuses. Destes surgiu nova raça.

Ainda que pareça conflitante e disparatado, a verdade é que parece que o Racionalismo Grego convivia em paz com a Religião e a Mitologia. Mas chegou um momento, particularmente depois de criados e entendidos e praticados conceitos de Cidadania e Política, em que os Gregos não tardaram a descobrir que não somente a Sociedade era e tinha que ser regida por Leis e Normas, mas

o próprio pensamento era presidido por leis próprias. O conhecimento da verdade objetiva é uma capacidade comum e intuitiva a todos os Homens, mas foram os Gregos que pela primeira vez colocaram de maneira super sistemática, com muita clareza e lógica, as questões relativas à verdade. Até então tudo se resumia a atos de Fé – pois a "tirania" do pensamento religioso e mítico sobre os homens era total. A afirmação de que o Mundo e os Homens tinham sido criados pelos deuses era aceita sem a menor contestação, por toda parte. Mas os Gregos colocaram em dúvida essa afirmação. Essa também é uma informação importante para o nosso estudo, pois lembram-se da frase citada logo no início deste estudo? Que uma das maneiras mais belas do Diabo agir é convencer a todos da sua não existência?

Colocando em dúvida os preceitos da Fé, os Gregos deram origem a um tratamento dos segredos da Natureza confiando *exclusivamente na Razão*! E a coisa também não é por aí, não se pode ser assim extremista. Mas libertando o pensamento das superstições, eles abriram caminho que conduziria a Humanidade à descoberta da Ciência – um produto caracteristicamente Ocidental. Mas... e como fica o conhecimento dos antigos Egípcios, dos Celtas? Conhecimentos profundos que nem a mais moderna Ciência entende ou explica. Neste sentido, os Gregos deram asas ao Racionalismo e à Razão humanas puramente, e separaram o Mundo divino do Mundo humano. Isto também é ruim e uma forma sutil de ação de Entidades. Não há mais por que se preocupar com os deuses, estejam eles de bom ou de mau humor! "Vamos nos ocupar das nossas próprias ideias!".

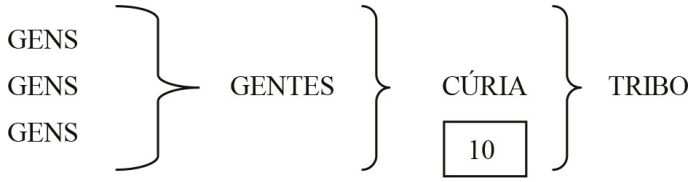
•**Roma**: situada na Planície do Lácio, às margens do Rio Tibre e próxima ao Litoral do Mar Tirreno, a cidade de Roma iniciou-se a partir da fusão de dois Povos: os Latinos e os Sabinos (povos da região da futura Itália, dentre outros como os Vestinos, os Volscos, Équos, Marsos, Auruncos, Etruscos, etc...). Inicialmente era uma aldeia pequena e pobre (nossa, quem diria, hein?!). Conquistada pelos Etruscos, os vizinhos do Norte, estes acabaram prestando bom serviço, pois fizeram de Roma uma cidade de verdade. Os Romanos também eram vizinhos dos Gregos, que moravam ao Sul, e seguiam em direção à Ásia. Dos Etruscos e Gregos os Romanos receberam muitas influências e com base nelas ergueram sua própria Civilização. Como os Gregos, os Romanos iniciaram sua Sociedade baseada na Monarquia (753 – 509 a.C.), experimentaram a República (509 – 27 a.C.) e terminaram seus dias sob o domínio de um Império Universal Despótico regido pelos Césares (27 a.C. – 476 d.C.). Esse Período do Império é costumeiramente dividido em Alto Império (27 a.C. – 235 d.C.) e Baixo

Império (235 – 476 d.C.).

NOTA: antes de falarmos exatamente da *Religião Romana*, vamos aproveitar o ensejo deste momento e fazer um "gancho" para entender melhor a formação e a estruturação do Império Romano. Isto nos será de grande valia para compreender o contexto da vida de Jesus e do Apóstolo Paulo (de quem falaremos mais tarde), e também da Igreja Católica Apostólica Romana.

Desde o tempo da Monarquia Roma estava dividida entre patrícios e plebeus. O que distinguia a ambos era a *gens* – somente os Patrícios pertenciam às *gentes* (plural de *gens*). Uma gens congregava os indivíduos que descendiam, pela linhagem masculina, de um ancestral comum. Portanto, *gens* nada mais era do que "Família" em sentido amplo. Esse era o nome que os Romanos davam àquilo que conhecemos como Clã. E, como qualquer Clã, a *gens* era composta de várias famílias individuais. O nome dos Patrícios, portanto, era composto de três elementos: o prenome, o nome da *gens* (gentílico) e o cognome ou designação especial, uma espécie de apelido. Por exemplo: Lúcio Cornélio Sila, Caio Júlio César... ou seja, Lúcio era da *gens* Cornélia; Caio era da *gens* Júlia. Entendeu?

A menor unidade social romana, portanto, era a *gens*. Um certo número de *gentes* formava uma cúria, e dez cúrias formavam uma Tribo. O número máximo de Tribos em Roma neste período foi de 35, sendo 31 rurais. Os Chefes das *gentes* eram os Patres (cada *gens* tinha um pater – "pai"), e estes formavam o Senado.



SENADO:

Conselho Superior que atou como Rei na época da Monarquia e que durante a República converteu-se no Órgão Dirigente Supremo. Seu equivalente, na Grécia, era a Gerúsia, em Esparta. Inicialmente composto por 100 anciãos, o Senado passou a ter 300, e depois 600 membros.

Os que não pertenciam a nenhuma *gens* eram plebeus e, portanto, estavam excluídos da vida política. Sem direitos políticos, eram considerados cidadão de segunda classe. Mesmo assim, isso não era sinônimo de servidão ou de pobreza, pois Roma também tinha seu sistema de escravatura. Os plebeus só passaram a ter alguma expressão política com a criação dos Comícios Centuriatos,

assembleias militares, obra do segundo Rei Etrusco (pois Roma tinha sido conquistada por eles, lembra?). A Centúria era o nome de uma unidade de infantaria com 80 membros. Destes participavam todos os cidadãos mobilizáveis para o Exército, incluindo os Plebeus. Ele também tinha sido criadas várias *gentes*, elevando alguns plebeus a nobres, e os patrícios acabaram reagindo a essa política exercida pelo segundo Rei Etrusco. A desigualdade entre patrícios e plebeus tinha se aprofundado muito e o intuito do Rei não era exatamente favorecer os plebeus, mas fortalecer o Poder Monárquico: a formação de uma classe plebeia vigorosa tinha por objetivo neutralizar o poder dos patrícios ou, pelo menos, diminui-lo. A revolta dos patrícios deu certo porque a Civilização Etrusca já estava em declínio, e isso fez com que não conseguissem realizar intervenção pronta.

Assim iniciou-se a República Romana. Algumas modificações de poder foram feitas, mas o Senado e os Comícios das Tribos (Curiato) e Centuriato permaneceram como estavam. Mas o poder, antes exercido pelo Rei Etrusco, foi dividido entre dois Cônsules (que se tornou a Magistratura), os quais ficavam apenas um ano no cargo. Deste modo, os patrícios eliminavam o risco de um retorno à Monarquia. Os plebeus tinham acesso somente aos Comícios Centuriatos, uma participação ínfima na vida política Romana. Por isso, nos 200 anos seguintes eles lutaram insistentemente pela ampliação de seus direitos. Embora houvesse plebeus ricos, seu problema era ser uma classe muito dividida. Mas depois de 200 anos conseguiram um Órgão Político que defendesse seus interesses, o Tribunato da Plebe, depois que os plebeus ameaçaram criar em 494 a.C. uma sociedade plebeia separada dos patrícios, nas vizinhanças de Roma. Os tribunos da Plebe eram invioláveis, primeiro em número de dois, e depois dez. Em 450 a.C., depois de uma revolta plebeia, foi publicado pela primeira vez um Código de Leis válido para patrícios e plebeus (Leis das Doze Tábuas). Em 366 a.C. foi dado acesso ao Consulado aos plebeus, através de duas leis, ambas Tribunos da Plebe. Foram criadas mais duas Magistraturas (funções políticas), a dos Censores e a dos Pretores, reservadas apenas aos Patrícios, mas os plebeus continuavam sempre exigindo sua participação em todas as Magistraturas. Não sei como conseguiram, mas em 326 a.C. já tinham conseguido uma medida importante que aboliu a escravidão por dívidas, que pesava sobre plebeus empobrecidos. Sobre a participação em todas as Magistraturas, sua luta teve êxito em 300 a.C., e lhes foi concedido o que queriam. Enfim, assim passou a funcionar a República Romana:

FUNÇÕES POLÍTICAS EM ROMA

Cargo	n.º Função

Cônsules	2	Magistrados Supremos. Presidiam cultos Religiosos e comandavam o Exército
Pretores	2	Funções Jurídicas
Edis	2	Abastecimento, policiamento; organizavam festas e jogos da cidade
Questores	8	Responsáveis pelas finanças
Censores	2	Recenseamento dos cidadãos e sua fortuna; elaboravam a lista dos Senadores
Tribunos da Plebe	10	No início, só Plebeus; invioláveis, podiam vetar Leis
Ditador	1	Em períodos excepcionais e graves o Senado tinha poder para indicar um dos Cônsules como Ditador. Este adquiria poderes extraordinário, por tempo lim.

A Expansão no Tempo da República: primeiro as guerras eram defensivas, para defenderem-se daqueles que queriam suas terras; depois, tornaram-se gradualmente Guerras de conquista. Até que, em 272 a.C., depois de 200 anos de luta, toda a Península Itálica tornou-se de dominação Romana. Grandes estradas foram construídas entre 312 a.C. e 283 a.C.: Via Salária, Via Ápia, Via Valéria, Via Clódia, 2ª Via Ápia, Via Cecília. Com isso, Roma tornou-se uma respeitável potência, mas passou a fazer fronteira com Cártago, no Norte da África, outra considerável potência. Três Guerras (Púnicas) contra eles, ao longo de cerca de 120 anos, (264 – 146 a.C.), possibilitaram a Roma maior aumento de seu território (Ilhas das Sardenha, Córsega e Sicília, além de Espanha e Norte da África). Depois disso, Roma não parou mais de expandir. Voltou-se então para o Leste e o Oriente Helenístico (antigo domínio de Alexandre o Grande). As terras da Gália (França) e parte da Espanha eram muito cobiçadas e foram simplesmente anexadas ao território Romano. Apesar de “públicas”, foram vendidas ou arrendadas aos patrícios, que chegaram a ter enormes latifúndios. Na Grécia, as maiores extensões de terra iam de 12 a 24 hectares; mas em Roma, os latifúndios eram geralmente de 120 hectares. Chegaram a atingir 1.200, e até mesmo 80.000 hectares! Mas a maioria não era de terra contínua, mas dispersa, situada em regiões diferentes. Foi justamente a privatização das terras públicas que impulsionou o processo de concentração delas nas mãos dos patrícios. Mas não apenas a conquista das terras do Ocidente enriqueceram Roma. Também a conquista do Oriente e a imposição da Administração Romana fez com que uma torrente de dinheiro e riquezas chegasse às mãos dos patrícios e do Estado. A ponto deste se dar ao luxo de nem sequer cobrar impostos fundiários e o *Tributum* do Povo em tempo de guerra!

Contudo, a transformação crucial do período da República Romana foi a constituição do Escravismo, de uma maneira que nunca tinha sido vista na Antiguidade. Trazidos do Oriente e do Ocidente, tornaram-se mão de obra tanto na agricultura quanto no artesanato, mas a grande originalidade de Roma foi a combinação inédita de latifúndio e escravidão.

Para você ter uma ideia, mesmo em comparação com o escravismo Grego, o Romano foi muito mais profundo, atingindo um número surpreendente de pessoas. Em 225 a.C., para cada 4.4 milhões de homens livres havia 60.000 escravos; já no final da República, em 43 a.C., para cada 4.5 milhões de homens livres havia 3 milhões de escravos!!!

Para os Plebeus, o expansionismo de Roma foi funesto: quanto mais a República crescia, mais os plebeus se arruinavam. Eles foram prejudicados de vários modos. Primeiro, porque estavam sendo sempre convocados para a guerra, os pequenos e médios proprietários, o que provocou sua ruína. Os que retornavam não tinham qualquer pagamento pelos serviços prestados ao Estado, o que dificultava muito seu recomeço no trabalho. A eles se devia o êxito no exterior... mas e daí?? Também, com a importação maciça de trigo das províncias Siciliana, Sardenha e do Norte da África, o preço despencou em Roma. Sem ter como se sustentar, em geral acabavam perdendo suas terras para credores patrícios. Quanto a estes, simplesmente mudaram o tipo de cultura produzida em suas terras; abandonaram o cultivo de cereais e se especializaram na vinha e na oliveira, além de árvores frutíferas. Tal reconversão não estava ao alcance dos pequenos e médios proprietários em virtude do tempo de maturação até a próxima colheita; era necessário possuir outro tipo de recurso para esperar a colheita, coisa que eles não tinham. Que fazer?! Com os Latifúndios saturados pelos escravos e o artesanato dominado em 90% também por eles, o campo de trabalho para plebeus se reduziu drasticamente, o que os obrigou a migrar do campo para as cidades, apenas para engrossar a fileira da Plebe Urbana, sem propriedade e sem trabalho. Ociosa, tinha como único meio de subsistência colocar-se sob a proteção de grandes e ricas famílias, transformando-se em sua “clientela”. Iam todos os dias receber mantimentos e algum dinheiro, e depois aguardavam a distribuição do trigo feita pelo Estado, a baixo preço. Para manter esta Plebe sobre controle, o estado oferecia, além do trigo, os espetáculos circenses. Submetidos a essa política do *Panem et Circenses* (Pão e Circo), a Plebe Urbana, desmoralizada e desocupada, perdeu toda a vontade de retornar ao campo e passou a ser um dócil instrumento na mão de nobres ambiciosos.

Para os patrícios era uma situação muito mais cômoda e menos onerosa do que distribuir terras. Mesmo porque, temia-se que, assim, voltassem à antiga participação cívica, algo nem um pouco interessante e que sempre foi feito de tudo para se evitar!

Enquanto tudo isso acontecia, as camadas superiores da Sociedade também se transformavam: no início da República o extrato superior era formado pela Nobreza Gentílica (apenas os membros das *Gentes*). No final da República existiam 47 destas Famílias tradicionais. Mas no decorrer do tempo a Nobreza

tinha aumentado; haviam surgido novas famílias de Nobres (*Nobilitas*). Isso se deve ao fato de algumas famílias de Plebeus terem pertencido ao Senado. Claro que se tratavam de famílias plebeias bastante ricas. Com o tempo, a tradicional Nobreza gentílica fundiu-se com a nova, dando origem à Nobreza Senatorial. Na prática, os cargos altos da Magistratura foram fechados pela Nobreza senatorial, ficando restritos ao seu grupo. Eles se apropriavam dos altos cargos militares e dos governos das Províncias. À sombra destes. Fez fortuna também uma mínima quantidade de famílias plebeias ligadas ao mundo dos Negócios (Comércio Marítimo, fornecedores do exército, chefes de organizações bancárias). Esse pequeno grupo de empreendedores tinha por base a riqueza mobiliária (dinheiro e mercadorias, portanto, riqueza móvel, em contraste com a riqueza inóvel da Nobrez – latifúndios). Sua importância econômica era enorme e pela fortuna de que dispunham, estavam bem acima da massa plebeia empobrecida. Os membros dessa nova camada receberam o nome de Cavaleiros. A eles os Censores contratavam para construir obras públicas e, nas Províncias, o Estado passou-lhes a responsabilidade de cobrar impostos. Estes chamavam-se Publicanos. A Nobreza Senatorial não cedeu um palmo de suas propriedades em favor dos plebeus e nada fizeram que pudesse afetar, por pequeno que fosse, seu poder.

Enquanto isso, o Exército incorporava cerca de 10% ou mais dos camponeses adultos, uma porcentagem bem elevada e que tornava o Exército Romano muito poderoso. Isso só foi permitido devido às conquistas em sequência que garantia um número crescente de escravos para substituir a mão de obra camponesa.

A luta por Reformas (das mais urgentes!) partiu de dois irmãos da mais alta hierarquia da Nobreza Romana, os irmãos Graco, Tibério e Caio Graco. A iniciativa partiu de Tibério, eleito Tribuno da Plebe em 133 a.C. Conhecedor da Filosofia Grega e admirador de Péricles, queria recriar a classe dos pequenos proprietários e apresentou uma Lei Agrária. O projeto era bastante moderado e simples: propunha a encampação das terras do Estado indevidamente ocupadas pelos grandes proprietários e usadas para criação de gado. O projeto previa uma espécie de indenização aos grandes proprietários em terra, em lotes suplementares. Apesar de moderado, o projeto da Lei Agrária foi violentamente rechaçado pela Nobreza. Elegeram Octavius como Tribuno, com a explícita intenção de rechaçar o projeto. A manobra dos Nobres era perfeitamente legal. Tibério, então, convenceu a plebe a votar à deposição de Octavius e aprovar seu projeto, o que era, obviamente, ilegal! Mas como eram maioria...

Uma vez aprovada a lei agrária, Tibério, Caio e um cunhado dele nomearam-se Comissão para executar o que a nova Lei determinava. O Senado recusou-se a autorizar os gastos. Tibério voltou a desafiar os poderosos, promovendo uma Assembleia Tribal que votou um projeto pelo qual as despesas seriam cobertas

pelo tesouro do Rei Átalo III, de Pérgamo. Por último, continuou a quebrar tradições tramando sua reeleição no ano seguinte. Naturalmente, Roma sempre foi Roma e logo Tibério foi morto por um grupo de Senadores decididos a impedir sua reeleição. O projeto de Tibério era realmente impraticável numa Sociedade já totalmente de feições escravistas, em que a plebe urbana não tinha interesse de voltar ao campo.

Não obstante, 10 anos depois, em 123 a.C., Caio Graco foi eleito Tribuno, com a intenção de continuar a obra de seu irmão. Por uma Lei que vinha vigente há dois anos, dava-se ao Tribuno direito de reeleição, e isso possibilitou a Caio aplicar a Lei Agrária, conseguindo distribuir alguns lotes. O dinheiro veio de uma inovação no comércio de trigo. Ele subia de preço no inverno, mas Caio o armazenava em silos, garantindo preço baixo o ano todo. Para garantir apuração de irregularidades, possibilitou aos Cavaleiros (ricos homens de negócios) o acesso a cargos nos Tribunais, ao lado dos Senadores e estabeleceu na Província da Ásia uma nova forma de cobrança de impostos. Os Tributos seriam cobrados por 5 anos por aquele que conseguisse arrecadar mais e comprasse esse direito pelo lance mais alto. Os concorrentes nesta disputa eram os Publicanos, que formavam uma verdadeira Sociedade em Roma, com administração e cargos próprios. A ganância levou a impostos extorsivos, cujo excedente ia para o bolso dos cobradores.

Reeleito Caio, propos novas medidas polêmicas e até “sacrílegas”. Enquanto a Nobreza temia perder o controle sobre as Eleições, os próprios beneficiários viam tudo isso com certa desconfiança. Bondade demais... todo mundo desconfia! Intrigas políticas impediram a reeleição e no ano de 121 a.C. toda a legislação criada por ele foi anulada por novo Tribuno. Em seguida, estourou uma desordem social e o Senado usou a desculpa para dar aos Cônsules o poder de tomar as medidas necessárias. Caio Graco fugiu e organizou suas forças, mas terminou morto por um escravo. Era ainda o ano de 121 a.C. Os irmãos Graco foram a derradeira chance de encaminhar Roma para uma democracia; as bases sociais para o êxito das reformas – aquelas forças sociais que, na Grécia, opuseram-se eficazmente ao egoísmo aristocrático – estavam totalmente corroídas. O fracasso dos Graco, formados na cultura Grega e inspirando-se em seu exemplo político, selaram o destino de Roma.

O Exército substituiu o Senado como núcleo de Poder e o exercício deste poder passou dos Senadores para um Ditador (nessa os patrícios dançaram, dada sua eterna ambição e egoísmo, de repente não havia mais lugar para eles). O Ditador, mais tarde, tornou-se um Imperador. A República foi substituída pelo Império. Com o tempo tinha sido imprescindível passar a remunerar o Exército, que gradualmente converteu-se em Exército Profissional. Foi o General Mário,

eleito Cônsul 6 vezes seguidas, e depois ainda mais uma vez, o autor desta mudança já na República. Ela levou os soldados a colocarem seus interesses acima dos interesses do Estado e a prestar mais apoio a um chefe militar que os beneficiasse do que ao governo constituído da República. Esses Generais Romanos estavam buscando exatamente este tipo de poder: algo acima do Estado, e a Lei Romana previa a Ditadura em certas circunstâncias especiais. Depois de Mário, que instituiu uma "Ditadura informal" e tornou-se o "Homem forte de Roma", Sila e César adotaram formalmente o título de Ditador. Mesmo assim, com as bases corroídas, nem mesmo o poderosíssimo César ousou abolir oficialmente a República, embora ela funcionasse cada vez menos. Pouco antes dele assumir o poder, houve um curto período de vigoramento do Triunvirato (Governo de três, feito por Pompeu, Crasso e César). Tendo vencido os outros dois, César assumiu o poder sozinho em 48 a.C. O espírito republicano, contudo, continuava a existir. E a isto se deve o assassinato de César, em 44 a.C., depois de uma conspiração liderada por Brutus, filho adotivo de Cássio.

Surgiu, apesar de tudo, o segundo triunvirato, sinal que a República não ia mesmo levar a melhor. Brutus e Cássio fugiram e assumiram homens ligados a César. O General Lépido, o mais inexpressivo, logo caiu fora perdendo seu poder para Otaviano, em 36 a.C., filho adotivo de César e herdeiro legítimo de Roma. Seu oponente era Marco Antônio, que governava o Oriente a partir do Egito e se preparava para enfrentá-lo, caso isto se fizesse necessário. A ocasião chegou em 31 a.C. e terminou com a vitória de Otávio. Marco Antônio foi amante de Cleópatra (que também já seduzira Júlio César) e comandava a frota egípcio-romana na Batalha de Ácio, quando foi derrotado. Impossibilitada de deixar a soberania do Egito a seus filhos, todos nós conhecemos o final desta história: suicidou-se. O Egito tornou-se, então, mais uma Província do vasto Império Romano. Otávio, cumulado de honrarias, a última delas como fundador do Império. Em 27 a.C. deu um golpe de mestre: numa sessão do Senado declarou restaurada a República; então, o Senado não apenas reafirmou seus poderes como concedeu-lhe novos títulos: "*Princeps*" = Primeiro Cidadão Romano; e conferiu- lhe o título "*Augusto*", dado apenas aos deuses. Otávio, agora conhecido como Augusto, saiu fortalecido do episódio. Em suma... era o Imperador!

O Império dividiu-se em duas fases: o Principado (27 a.C. – 235 d.C.), e o Dominato (235 – 476), que se separam entre si por um período de anarquia militar (235 – 284). Começando com Augusto, que tinha nas mãos o poder civil, militar e religioso, o poder social foi vinculado à renda do indivíduo, e a competência do Senado e Magistraturas restringiu-se apenas a assuntos civis relativos a Roma e à Itália. O Exército profissional foi reorganizado e Augusto

tornou-o permanente, não ligado somente a tempo de guerra. A obra de restauração do Império e o fim da anarquia militar estão ligados a dois Imperadores grandes do período: Diocleciano e Constantino. Ainda na fase final da anarquia, o Imperador começou a deixar de ser apenas o "*princeps*" e passou a ser "*Dominus et deus*" ("senhor e deus"). Coube a Diocleciano e Constantino dar a forma final ao Dominato; um dos traços característicos do novo regime foi a introdução do *direito divino* dos Imperadores. Ao mesmo tempo, o poder do Senado declinou até transformar-se numa Instituição meramente decorativa. Outro importante acontecimento do período de anarquia militar foi a quebra do Império em dois. A parte Ocidental (Roma) e a Oriental (Nicomédia) eram governadas por dois Imperadores, cada qual com seu vice, portanto, uma "Tetrarquia". Constantino reunificou o Império depois (306 – 337) e fundou a cidade de Constantinopla. Mas Teodósio o dividiu novamente (379 – 395), desta vez de forma definitiva.

Já a Religião Romana no período da República (509 – 27 a.C.) e do Primeiro Império (27 a.C. – 337 d.C.) foi um fenômeno tão diversificado que é impossível afirmar com exatidão quando e onde começou. Englobou muitas tendências diferentes, reflexo das constantes mudanças políticas e sociais que Roma sofreu nesse período. Júpiter, Minerva e Juno formavam uma Tríade muito importante até o Século V a.C.; depois, sob a influência Grega, foram introduzidas outras divindades. O desenvolvimento da Religião Romana foi suplementado por um processo de adaptação ao panteão Grego: assim, o Júpiter Romano é o Zeus dos Gregos, a Entidade mais poderosa; a Afrodite Grega tornou-se Vênus para os Romanos, deusa da beleza e do amor; Atena, deusa da sabedoria, para os Romanos agora é Minerva; Pan, deus Grego dos Campos, tornou-se Fausto para os Romanos; Ártemis, deusa das Florestas, tornou-se Diana; Poseidon, deus do Mar, transformou-se em Netuno, e assim por diante. Esse processo de "empréstimo" (Sincretismo) pode ser localizado até antes do Século V a.C., mas muito menos, cultuavam-se mais deuses locais e uma mistura com as divindades dos Etruscos. Com a expansão progressiva isso foi mudando e Roma passou a ter influências fortes do Oriente; de fato, a flexibilidade foi uma característica da Religião Romana.

Os Rituais Romanos eram uma mistura de Cerimônias repetidas com constância e extrema precisão. Não era nada envolvido com piedade ou misticismo. Ao contrário, o culto tinha por finalidade assegurar a boa vontade e o favor dos deuses (*Pax deorum*). Para isso, um minucioso ritual de preces deveriam ser ditas todos os dias com toda a exatidão, do mesmo modo que sacrifícios deviam ser realizados segundo regras específicas. O menor desvio tornava a prática sem efeito (acho que já vimos isso antes). Como os Gregos, os

Romanos não tinham uma palavra para Religião, o equivalente mais próximo, *cultus deorum*, significa “serviço aos deuses”. Esse serviço tinha duas facetas principais: o culto doméstico e o Culto Oficial.

Desde seus primórdios, Roma cultuava as divindades do lar; estas deram origem a Vesta, deusa adorada pelas Sacerdotisas chamadas Vestais. Mas o culto doméstico em si era dever dos *paterfamilias*. Os antepassados também eram cultuados, bem como outros deuses dos Lares (por exemplo, os Penates – espíritos guardiões da dispensa doméstica!.... Eles eram venerados junto com Vesta, deusa do fogo sagrado – privado e público – seja lá o que isto signifique!

O Culto Oficial era regulamentado pelo Estado, sendo o Senado o guardião da tradição religiosa da cidade. Então, os patrícios que dominavam o Senado tinham o controle político e religioso de Roma. A Religião Romana era associada de perto à vida pública, na medida em que se sobrepunha e se mesclava com a Política. O Senado (ou Conselho) fazia ligação entre o humano e o divino, resolvendo problemas religiosos e determinando o significado de eventos estranhos. As reuniões da Assembleia eram sempre precedidas de algum ritual religioso, a fim de saber se os deuses aprovavam sua realização. Como você pode notar, a Religião Romana não tinha nada de muito especial, era rudimentar, até. Mesmo neste contexto, os deuses romanos não eram vistos apenas como espectadores, mas como participantes profundamente envolvidos com a sorte de Roma.

Com o passar do tempo estabeleceu-se toda uma série de Cultos Públicos localizados em centenas de Santuários e Templos da cidade e dos seus arredores. Os Sacerdotes, que ofereciam conselhos e realizavam rituais e sacrifícios, formavam um subgrupo da Elite Política, e embora não constituíssem uma classe profissional, eram membros de uma aristocracia governante, ocupavam magistraturas e comandavam Exércitos, como já explicamos. Os mais importantes destes Sacerdotes eram os Pontífices, que supervisionavam as Festas Estatais; os Áugures, relacionados com a Adivinhação; os *Decemviri sacris Faciundis*, que se ocupavam dos livros sagrados e dos cultos estrangeiros. Outros tipos de Sacerdotes eram os *Flamines*, os *Fetiales*, os *Salii*, o *Rex sacrorum* e as Virgens Vestais. Todos estavam subordinados à autoridade do *Pontifex Maximus*, Chefe da Religião Estatal.

O Misticismo e a crença na vida pós-morte vieram importados do Oriente, além do desejo de paz e fraternidade em vida (mas acho que isso estava meio restrito às classes dominantes, não? A julgar pelo desenrolar das coisas...). Dos habitantes da Ásia Menor, importaram a deusa-mãe Cibele e seu amante Atis, que, com o Dom da morte e ressurreição, despertou nos Romanos semelhantes aos que tinham os Egípcios por Osíris.

Muito esperto, e com grande visão política, Júlio César (100 – 44 a.C.) e Augusto (27 a.C. –14 d.C.), este último quando o Império Romano atingia já quase sua máxima extensão, foram os primeiros Imperadores Romanos a alegar que os Governantes de Roma podiam comunicar-se com os deuses diretamente, dos quais chegavam até mesmo a ser parentes. As Sibilas colaboravam nisso. Eram profetisas que entravam em estado de transe e transmitiam as ordens ou os desejos dos deuses para os mortais. Tudo isso me parece muito conveniente para os Imperadores!

O primeiro Imperador Romano Augusto usou a Religião eficazmente para fortalecer seu novo regime, justamente depois daquele período turbulento de sublevação política e guerra civil. A fundação de um Templo para Apolo no Monte Palatino, em Roma, foi muito oportuna porque Apolo era o deus da Harmonia e da Civilização, ambas apropriadas para a nova era que se iniciava. Mas a jogada era política, apenas. A partir do Templo de Augusto, muitos rituais religiosos passaram a enfocar os próprios Imperadores.

Na época do Império propriamente dito, o Imperador chegou a ser declarado deus. Veja só como a coisa vai indo... mas, digo novamente, era pura politicagem. Contudo, essa também foi uma maneira de desviar a atenção dos Romanos da Verdade. Na época do Império Romano todas as moedas traziam a imagem da cabeça e o nome do Imperador, e o reverso delas exibia símbolos ilustrativos de Poder e realizações Imperiais. Nos Séculos I e II d.C. Roma dominou um vasto território, espalhando-se da Bretanha ao Norte da África, e da Espanha à Ásia Menor. Embora a veneração ao Imperador encorajasse algum grau de unidade religiosa, continuava existindo enorme diversidade de práticas locais (o próprio Cristianismo nascente e o Judaísmo faziam parte delas). Houve novamente uma certa amálgama com as práticas reinantes.

Fora os Cultos domésticos e Oficiais também havia cultos de mistério, com ritos e iniciações secretas, tais como o culto a Baco (equivalente ao Dionísio Grego), que atraía veneração orgiástica. Outros cultos incluíam os de Ísis e Osíris, de origem Egípcia, e de Mitra, divindade Celta. Esses cultos coexistiam com a Religião Estatal de veneração aos Césares, e ainda quando o Cristianismo começou a se difundir no Império, no início do Século I. Sofreram perseguições periódicas, não porque os Romanos não fossem religiosamente flexíveis, pois o eram, mas provavelmente porque os Cristãos se recusavam a venerar qualquer outro deus além do seu próprio. Essa recusa ameaçava a *Pax deorum* e talvez não tenha sido por acaso que as perseguições estivessem associadas com algumas catástrofes cuja culpa poderia ser imputada aos Cristãos, como no caso do grande incêndio em Roma, no Reinado de Nero (64 d.C.).

Mesmo assim, no IV Século, como sabemos, o Cristianismo tornou-se

Religião Oficial do Império; ainda assim, as Religiões Romanas ainda tinham grande influência, pois ocorreu uma fusão de imagens cristãs e pagãs. Por exemplo, o Orfeu Grego sendo representado como o Bom Pastor.

Como se vê, nem Gregos nem Romanos tinham uma personificação clara e definida do Mal. Ia de acordo com a veneta dos deuses, que, embora imortais, tinham os mesmos defeitos dos seres humanos, as mesmas fraquezas, e por isso estavam sujeitos a fazer tanto o bem quanto o Mal.

•**Pérsia**: o conhecimento que temos sobre a Religião dos antigos Persas baseia-se principalmente no Zendavesta, o Livro Sagrado daquele Povo. Zoroastro foi o fundador de sua Religião, em 660 a.C. que substituiu o politeísmo natural da Pérsia por um Monoteísmo pragmático. Seu sistema se tornou a Religião dominante na Ásia Ocidental a partir do tempo de Ciro (550 a.C.) até a conquista da Pérsia por Alexandre, o Grande, (Magno). Por esse motivo, os exilados Judeus na Babilônia, na Pérsia e em todas as regiões para onde se espalharam e formaram uma Comunidade Judaica, até mesmo no Oriente, estiveram debaixo de grande influência do Zoroastrismo. Foi na Pérsia que surgiu, talvez, a primeira representação "verdadeira" do Diabo, em VI a.C. (se levarmos em conta que as "Regiões Infernais" gregas não eram necessariamente regidas ou coordenadas por um ser maléfico em especial). O profeta Zoroastro ensinava a existência de um ser supremo, que criou dois outros seres poderosos e dividiu com eles sua própria natureza até o ponto que lhe pareceu conveniente. Destes dois, Ahura Mazda permaneceu fiel a seu criador e foi considerado a fonte de todo Bem. Ariman, em contrapartida tornou-se o "príncipe das trevas", rebelando-se e tornando-se o autor de todo Mal que há na Terra. O Mal e o Bem se misturaram em todas as partes do Mundo, e os seguidores do Bem e do Mal – adeptos de Mazda e Ariman – passaram a travar incessante guerra. Chegará, porém, o tempo em que o Bem triunfará sobre o Mal, e Ariman e seus seguidores serão condenados às Trevas Eternas. Parece uma crença bastante interessante para ser tão antiga! Essas duas divindades expressam a polaridade existente no Universo e dentro da própria alma humana. Aqui se fala em um Mal que *habita* o ser humano, não sendo jogado para longe, simplesmente. Ainda que o "culpado" por espalhar o Mal seja Ariman, seus seguidores são capazes de fazer o mal tanto quanto ele o faz. Os Ritos Persas de certa forma eram simples pois não exigiam a estrutura de um Templo, no entanto... que progresso cultuar ao ar livre, nos cumes dos montes e das Montanhas, sem qualquer trabalho de erigir colunas e paredes majestosas! (os Celtas só fariam isso Séculos depois). Os sacrifícios persas

eram oferecidos dessa maneira, e os Ritos e Celebrações sempre ao encargo dos Sacerdotes. Estes ficaram conhecidos como “Magos”, e os seus conhecimentos relacionavam-se à astrologia, astronomia, ciência (e encantamentos, podemos pressupor, pois eram Sacerdotes). Tornaram-se extremamente célebres no Mundo da época, pelo saber e erudição. Observe como Byron expressa-se sobre a Religião dos Persas:

“Não era sem razão que o persa antigo seus altares erguia nas Montanhas mais altas e, num Templo sem paredes, adorava o espírito que despreza os Templos pelos homens construídos.
Comparai, comparai, com as colunas e as moradas dos ídolos que os Gregos e os Godos levantaram.
Esses altares erguidos pela própria Natureza, só pela terra e pelo ar rodeados, onde não há paredes nem abóbodas que possam aprisionar a vossa prece”. (Childe Harold – Byron)

Mesmo depois do advento do Cristianismo, ainda no Século III, a Religião de Zoroastro era predominante no Oriente. Isso foi assim até que surgiu o Islamismo e a Pérsia foi conquistada pelos Árabes no Século VII (650 d.C.) o que obrigou a maior parte dos Persas a renunciar à sua antiga fé. Os que se negaram a abandonar a fé fugiram para a Índia. Ainda existem seguidores de Zoroastro hoje, com o nome de “Parses”. Os Árabes os denominam “Guebros”, ou infiéis. Mesmo assim, os Parses destacam-se por uma vida reta, esclarecida e próspera, possuindo hoje inúmeros Templos do Fogo, que adoram como divindade.

Durante o cativeiro na Babilônia, os Hebreus tiveram contato com o Zoroastrismo Persa, o que, segundo alguns Historiadores, foi fundamental para a concepção do que viria a ser o Satã do Judaísmo e do Cristianismo. Um “personificador” do Mal. No Velho Testamento, ele agiria como o “colaborador” de Jeová, o Deus Judaico-Cristão, para testar a lealdade ou castigar os seus escolhidos – como Jó, por exemplo (visão histórica, nunca se esqueça).

•**Mitologia Nórdica**: as histórias e Religiões até agora são importantes mas, há, contudo, outro ramo de antigas superstições que não pode ser ignorado de todo, especialmente porque pertenceu às Nações às quais está associada a nossa origem, através de antepassados ingleses que mesclaram a cultura dos Estados Unidos e, indiretamente, atingiram o Brasil. É a Cultura Nórdica. Eles também têm sua visão de Criação do Mundo, como já notamos ser um traço característico de quase todos os Povos e Sociedades. O que há de interessante para se notar é que eles também admitem a criação de um deus, e dele mesmo, a sua esposa, da raça dos gigantes, de quem

nasceram três irmãos. Estes três irmãos criaram a Terra com o corpo, sangue, ossos, cabelos, crânio, cérebro e a testa do gigante Ymir, gigante do Gelo que existia antes deles. Maneira estranha de criar a Terra, mas percebe-se que toda a mitologia Nórdica é bem pouco poética neste aspecto, apelando bastante para atos de violência e crueldade. Os deuses notaram que faltava algo na criação e fizeram o homem e a mulher.

Eles também aceitavam a existência de três regiões no Universo. Asgard, a Morada dos deuses; Jotunheim, morada dos Gigantes; Niffleheim, região das trevas e do frio, alimentada pela fonte da escuridão. Deuses como Odin e Thor são dois dos mais famosos entre os Nórdicos, bem como as Valquírias, virgens guerreiras cujo nome quer dizer “aquelas que escolhem os mortos”. Havia, contudo, uma divindade cuja personificação já é mais próxima daquilo que desejamos demonstrar. Loki. Era este o caluniador dos deuses e articulador de todas as fraudes e atos condenáveis. Belo e bem feito de corpo, porém dotado de temperamento caprichoso e maus instintos. Tinha três filhos: o lobo Fenris, a serpente Nidgard e Hela (a Morte). Os deuses não ignoravam que esses monstros acabariam por crescer e causar muito mal aos homens e deuses bons. Odin – principal divindade, responsável por parte da criação e de grande poder – mandou chamá-los e lançou a serpente Nidgard no profundo oceano pelo qual a Terra é cercada. O monstro, porém, crescera a tal ponto que enfiando a cauda na boca, rodeou toda a Terra. Hela, a Morte, foi atirada por Odin ao Niffleheim e recebeu o poder de dominar 9 Mundos ou regiões, nos quais distribui aqueles que lhes são enviados, isto é, os que morrem em consequência de velhice ou doença. A fisionomia de Hela era pavorosa e seu corpo, metade cor de carne e metade azul (provavelmente cianótico), não era a coisa mais linda do mundo. Já o lobo Fenris deu muito trabalho antes que conseguissem acorrentá-lo. Entretanto, o próprio Loki jamais cessou de fazer o Mal entre os homens e os deuses. Não escapou do merecido castigo, pois chegou o momento em que os deuses se indignaram contra ele e o acorrentaram, suspendendo sobre sua cabeça uma serpente cujo veneno cai constantemente sobre seu rosto, gota a gota. Ele se contorce de horror, com tal violência, que a Terra inteira treme, produzindo o que os homens chamam de Terremoto.

Além de Loki e seus filhos, havia os Elfos, bons e maus. Seu país era Alffheim, e embora fossem inferiores aos deuses, ainda assim eram dotados de grande poder. A linguagem dos maus era o eco das solidões e suas moradas as cavernas e covas subterrâneas. Supunha-se que eles tinham surgido como larvas, produzidas pela carne em decomposição do cadáver de Ymir, e receberam depois, dos deuses, uma forma humana e grande inteligência. Distinguiam-se

particularmente pelo conhecimento dos poderes misteriosos da Natureza e pelos caracteres que grafavam e explicavam.

O crepúsculo dos deuses era esperado também e vemos na narrativa alguns elementos interessantes: os nórdicos acreditavam que chegaria um tempo em que seriam destruídos, com toda a criação visível, os deuses das três regiões. Mas o pavoroso dia da destruição não viria sem aviso. Para anunciá-lo, viria primeiro um Inverno Tríplice, sem Verão para contrastá-lo; a neve cairia dos quatro cantos do céu, o congelamento seria rigoroso e o vento cortante. Haveria tempo tempestuoso e o sol não traria alegria. Depois, três outros Invernos viriam, durante os quais a guerra e a discórdia se espalhariam pelo Universo. A própria Terra ficaria amedrontada e começaria a tremer (terremotos?), o mar sairia de seu leito, o céu se abriria e os homens morreriam em grande número enquanto as águias se regozijariam sobre seus cadáveres. O Lobo e a Serpente conseguiram soltar-se e, junto com Loki, também liberto de suas cadeias, juntaríam-se aos inimigos dos deuses (um verdadeiro Apocalipse, hein?!).

Os deuses avançariam, chefiados por Odin, que atacaríam o lobo mas cairia vítima do monstro. Este, por sua vez, é morto por um dos filhos de Odin. Thor destaca-se matando a serpente, mas cai morto sufocado pelo veneno que o monstro moribundo vomita sobre ele. Loki enfrenta um dos deuses e ambos caem mortos. Tendo caído na Batalha tanto os deuses quanto seus inimigos, o Elfo mais importante, deus do sol, acaba morto e todo o Universo incendeia-se, consumido pelo fogo. O Sol se apaga, a terra se afunda no Oceano, as estrelas caem do céu, e deixa de haver o Tempo (que Apocalipse mesmo!). Depois disso Alfadur, o “todo-poderoso” fará com que surjam do mar um novo céu e uma nova terra, que contará com abundantes recursos que darão seus frutos sem que haja necessidade de trabalho para cultivá-los, ou preocupação. A maldade e a miséria não serão mais conhecidas e os deuses e os homens enfim viverão felizes.

•**Hebreus**: os Hebreus primitivos não tinham necessidade de corporificar uma Entidade Maligna, pois isso não foi ensinado no Velho Testamento, cuja Figura Central é Jeovah. Para eles Jeovah era um Deus Único, e como tal, superior aos deuses das populações vizinhas, que terminavam naturalmente fazendo o papel de adversários, expressões naturais da Maldade. Não é surpresa que ao ser personificado, recebeu nomes como Belzebu, um deus filisteu, e Asmodeo, deus da tempestade na Mitologia Persa. Admite-se que a influência Persa forneceu material para o dualismo Judeu, a dicotomia entre Bem e Mal que até hoje define a Religiosidade Ocidental, que assimilou perfeitamente a crença em espíritos benéficos e

maléficos (novamente: trata-se de uma visão puramente Histórica, fruto de sincretismo religioso principalmente; mas sabemos que há muito mais além disso).

Indo adiante, a mudança de perspectiva teológica fica mais evidente a partir do séc II a.C. com um desenvolvimento paralelo à tradição judaica ortodoxa e erudita: uma literatura apocalíptica sobre o Demônio. No Livro dos Jubileus (Apócrifo – sem autenticidade comprovada), escrito entre 135 e 105 a.C. são mencionados espíritos malignos acorrentados no "lugar da condenação". No Testamento dos Doze Patriarcas (também Apócrifo), escrito entre 109 e 106 a.C. pela primeira vez Satã aparece personalizado na figura de Belial. Percebe-se que ambos são mais ou menos da mesma época. Ainda que não seja o cerne do VT, as crenças *populares* Judaicas sobre o Diabo eram conhecidas e reconhecidas no tempo de Jesus e isto teria sido herdado, em muitos aspectos, de uma cultura "descendente" e "sincretizada" com a cultura Mesopotâmica, que por si só já era uma enorme fusão de crenças, mitos e Religiões (novamente: postura desprovida de fé). Se assim não fosse – se os Judeus do tempo de Jesus não tivessem uma ideia clara da personificação do Mal –, talvez deixassem de acusá-Lo tão veementemente de "ter parte com Belzebu". O fato de usarem o nome filisteu não diminuía a crença real na malignidade e personificação do Mal. Eles apenas não sabiam qual era o *nome* que deveriam dar ao Diabo. O famoso relato de Jó, conhecido dos Judeus e fazendo parte do VT usa a palavra Satanás (qual seria a original???), além de citar a queda do "anjo de luz" dos Céus no texto de Ezequiel (foi usada a palavra Lucipher?). Mas com o tempo, e sem nenhuma associação com o Cristianismo, os Rabinos perderam o interesse no Diabo, tornando-o figura de pouca ou nenhuma serventia.

3) A História do Diabo e o Cristianismo

Ao contrário do menor interesse que passou a ter Satanás dentro do Judaísmo, os Cristãos do primeiro Século já de cara não somente introduziram a Literatura Escatológica – o Apocalipse de João –, como também os Evangelhos, os Atos dos Apóstolos e as Epístolas de Paulo são bastante contundentes em mencionar a luta de Satanás contra Deus e contra Seus filhos. Estes textos Cristãos que compõem o Novo Testamento ampliaram os limites de atuação e "concederam" grandes poderes ao Diabo.

Ainda assim, mesmo com todos esses detalhes sobre o Diabo (cujo termo, aqui, significa "o Opositor"), não se pode ter ideia da sua face; somente o Apocalipse nos contribuiria com algumas das formas do seu "retrato falado".

No tempo do Imperador Cláudio I (41 – 54), os Romanos não faziam distinção entre o Cristianismo e o Judaísmo. Mas no Reinado de Nero, quando foram perseguidos pela primeira vez, já eram distinguidos nitidamente em sua particularidade. Nos dois primeiros Séculos a perseguição aconteceu de modo esparso, até que ser Cristão passou a constituir *crime*. No Século III as perseguições tornaram-se sistemáticas. Durante o Governo de diversos Imperadores os problemas foram aumentando. Sétimo Severo proibiu a conversão ao Cristianismo; Décio (249 – 251) e Valeriano (257 – 258) desencadearam violentas repressões. As últimas e mais terríveis perseguições ocorreram com Diocleciano (284 – 305), e depois com Galério (303 – 311).

Depois do ano 70 d.C., quando o general Romano Tito marchou contra Jerusalém e destruiu o Templo, realmente o "Cristianismo Judaico" começou a desaparecer. Especialmente quando os Cristãos gentios abandonaram por completo o Judaísmo, uma vez que a Lei de Moisés não lhes era imposta (tônica da pregação e do Ministério do Apóstolo Paulo). Aliás, entre Judeus e Judeus Cristãos começou a haver problemas sérios porque estes últimos já não eram bem vistos nas Sinagogas e sentiam-se excluídos de seu próprio Povo. A Comunidade Judaica foi dividida e os Cristãos em geral começaram a encarar a Ordem Religiosa Judaica, que se recusava a aceitar o Messias, como demoníaca (podemos até mesmo dizer que as raízes do antissemitismo começaram a implantar-se desde então).

O livro de Atos começa uma Missão voltada primeiro aos Judeus, mas ao longo da narrativa termina quase que praticamente voltada aos gentios. Iniciou-se em Jerusalém, mas terminou em Roma. O relato inicial é de um Cristianismo Judaico, mas depois se conclui com um Cristianismo mais "puro", relacionado à formação das Igrejas Gentias e às viagens do Apóstolo Paulo. O principal Apóstolo dos Judeus, Pedro, tem grande participação no início do Livro de Atos,

mas Paulo logo o substitui, como o maior Missionário dos Gentios.

A despeito da Literatura agora abundante, a corporificação do Diabo Cristão consumiu pelo menos 400 anos de debates e somente veio a ser consolidada no Séc. VII, por meio da Arte Cristã, pois – quer acreditem ou não – o Diabo até então não tinha rosto e nem aparência definida. Neste período, a figura horripilante dos Demônios começa a aparecer nos vitrais, colunas e tetos das Igrejas. Também nas ruas, em murais, estimulando a imaginação do Povo, de todos, e abrindo caminho para as práticas mais obscuras da Idade Média. O ápice ocorre com a Inquisição.

Padres já haviam dito: “O Demônio é uma criatura que seduz, apresentando-se muitas vezes como tentação da carne e da beleza”. Assim acreditavam estes Padres. “Às vezes se apresenta sob forma humana, possuidor de uma beleza sedutora, como um anjo de luz”. Esta foi a maneira de descrever o Diabo pelos primeiros Cristãos Gregos, que o pintaram como sendo jovem e encantador, dizendo, com isso, que o Mal é tão poderosamente sedutor e tão atraente que os homens cedem e consentem com ele. Porém, essas ideias não tiveram a penetração daquela divulgada pela Arte no Século VII.

Essa lenta construção da *imagem física* do Diabo é até compreensível, pois nos primeiros três Séculos, os Cristãos, membros de uma “seita” perseguida, não precisavam perder tempo com isto: imaginar uma face para Satanás, já que a conheciam sob a forma dos Gladiadores e leões que os destruíam em pedaços nas arenas Romanas. Todos nós já ouvimos falar do que aconteceu a muitos dos nossos primeiros irmãos na fé. Parte da hostilidade que era atribuída pelos Romanos aos Cristãos não era exatamente pelo fato de cultuarem um outro Deus, pois o Politeísmo imperava... Um Deus a mais, um a menos...

O problema era o caráter exclusivista, tanto dos Judeus, primeiramente, quanto dos Cristãos. Os primeiros sempre tinham realizado seus Cultos entre eles, com ausência de cerimônias públicas e ruidosas; sempre nas Sinagogas, além dos atos litúrgicos, acontecia a leitura e exposição das Escrituras de um modo que se assemelhava às aulas ministradas pelos filósofos a seus discípulos. Sabe-se que poderia haver uma certa “dor de cotovelo” aí, e devem ter sido julgados muito presunçosos. Esse comportamento gerou antipatia popular. O Cristianismo certamente herdou parte desta antipatia, e muito mais, uma vez que o Judaísmo nunca foi proibido no Império Romano e o Cristianismo, sim. Além da antipatia “herdada”, também pelo fato de Jesus ter sido Judeu, fato é que os Cristãos também se mantinham ostensivamente separados dos pagãos, rejeitavam seus Cultos e evitavam os jogos circenses.

Por outro lado, eram absolutamente desprezados pela classe mais abastada, a qual considerava *um absurdo* cultuar Jesus, alguém que havia morrido como

escravo! Desagradavam também diretamente ao Imperador por recusarem-se a participar do Culto em sua Homenagem; nem pensar em sacrifícios aos deuses e também servir ao Exército. O pior: pelo que se podia depreender, esse comportamento dos Cristãos estava enraizado numa crença indestrutível, por isso começou a gerar tanto desconforto. Sua vida cotidiana explicitava claramente sua diferença com todos os demais. A irredutibilidade e intransigência aparente do Cristianismo – que conquistara a alma dos pobres, dando-lhes elementos de incrível resistência – punham em cheque, pelo simples fato de existir, o poder e a autoridade sem limites das Camadas Opressoras Romanas e do próprio Estado Imperial. E este era o ponto particularmente INTOLERÁVEL! Com o Cristianismo, os humildes ousaram divergir, ao menos em matéria religiosa, do Sistema Dominante. Mas foi neste ponto que se desenvolveram as sementes do triunfo da nova Religião.

Então, apesar de toda essa perseguição, o Cristianismo veio a se tornar a mais poderosa Religião do Império, sob a direta proteção do Imperador (foi uma jogada de Mestre do Opositor!). Em 313, Constantino estabeleceu a tolerância através do Edito de Milão.

“(...) Assim, pois, tomamos esta saudável e retíssima determinação de que a ninguém lhe seja negada a faculdade de seguir livremente a Religião que escolheu para o seu espírito, seja a Cristã, ou qualquer outra que creia mais conveniente (...). Outorgamos aos Cristãos plena e livre faculdade de praticar a sua Religião (...).” – Trecho do Edito de Milão.

Depois de Constantino, todos os Imperadores foram Cristãos, com exceção de Julliano (361 – 363), que, por retornar ao paganismo, estimulando sua difusão, foi cognominado “o Apóstata”. Não obstante, no reinado de Teodósio, o Cristianismo ganhou o estatuto de Religião Oficial do Estado.

Assim, no Séc. IV, quando o Cristianismo aparentemente triunfava, primeiro sob o domínio do Império nas mãos de Constantino, e depois como Religião Oficial, os Cristãos talvez pensassem que isso significava uma derrota do anticristo e uma iminente vitória final. Mas não aconteceu assim. Embora a época das perseguições tivesse terminado, a Igreja entrou num período em que as influências pagãs incrustadas na cultura, filosofia e Religião morosamente contaminaram a fé pura legada pelos Apóstolos e seus primeiros seguidores. Veja só... Constantino, em troca de conceder aos Cristãos liberdade para conduzir seus assuntos sem medo, exigiu participação e voz ativa nos negócios da Religião. Aí... bom, dá pra ver, né? Esse pacto da Igreja com o Estado, embora já existisse oficialmente antes, com a própria Religião Romana, agora cooperavam mais entre si. Isto perdura até hoje. Direta ou indiretamente, as posturas teológicas acabam sendo concernentes com a Sociedade Secular da

época e o Estado. Entraram dentro da Igreja práticas pagãs: adoração a "relíquias" cristãs, veneração de mártires e de santos, e todas as formas de superstição. Ao invés de ser uma Instituição que se levantava contra o mundanismo como um testemunho Profético de Cristo, tornou-se uma entidade do Mundo, disposta a pagar – e bem caro – para adaptar-se às formas de politeísmo e paganismo prevalecentes dentro do Império Romano que logo entraria em colapso.

No caso do Império Romano, a associação da Igreja à estrutura do Estado Imperial criou uma burocracia própria e *muito dispendiosa*, pois o Cristianismo foi se definindo gradativamente como um sistema rigidamente hierarquizado, corporificado pela Igreja e assimilado pelo Estado e camadas dominantes. Os gastos para manter essa estrutura contribuiu para agravar a persistente crise financeira do Império, que duraria não muito mais do que 100 anos. Se a vasta extensão territorial foi o principal motivo da grandeza de Roma, com o tempo acabou sendo a causa de sua fraqueza. Já não havia mais como expandir e as fortunas arrecadadas deixaram de entrar, bem como os escravos. O fim da expansão e a estabilização das fronteiras assinalou a crise do escravismo (aumento de preço dos escravos nos séc. I e II) e do sistema Imperial. Sem expansionismo e sem despojos de guerra para a Nobreza e o Exército, só aumentou a turbulência militar. As ameaças externas aumentaram, vindas do Oriente, com os Persas, e do Ocidente, com os Germânicos.

Este já é o fim da nossa história em Roma, mas vamos devagar... Voltemos à Igreja.

Depois de virar Religião Oficial, apesar de cessar a hostilidade do Império, a continuidade de conflitos outros e as desigualdades na Sociedade e no Mundo da época sedimentaram a crença de que o Mal continuava a existir mesmo num Mundo dominado por Cristo (aparentemente – pois era a Religião Oficial). Isso seria um passo primordial para que os Cristãos, num futuro não muito distante, passassem a impor através da força e da violência a sua doutrina, o que vai muito longe de tudo o que Cristo pregou e ensinou. Uma vez que Satanás não pretendia arrefecer e teimava em disputar com Deus a hegemonia do Mundo e da Raça Humana, era *imperativo* o Cristianismo, única forma de "escapar" do Mal. Portanto, precaver-se contra o Mal tornou-se algo obsessivo na Idade Média. Via-se o Diabo e seus Demônios em todo canto!

Nos primeiros cinco Séculos do Cristianismo ocorreu um importante evento dentro da Igreja com a formação de cinco grandes cidades que se tornaram centros de atividade Cristã: Jerusalém, Antioquia, Alexandria, Constantinopla e Roma. Várias cidades tinham um Bispo nomeado, porém, os das maiores Igrejas gradualmente foram sendo reconhecidos como superiores aos das Comunidades

Cristãs menores. Então, os cinco Bispos das maiores Igrejas – os daquelas cinco cidades – foram reconhecidos como os mais importantes e chamados de patriarcas. Note que quatro das cinco grandes cidades estavam localizadas no lado Oriental do Império. Roma era o único centro patriarcal do Ocidente.

A Igreja em Jerusalém foi reconhecida como a mãe de todas, pelo menos no IV Século. Gradualmente, Jerusalém foi suplantada por Antioquia (onde, no I Século, os discípulos de Jesus foram chamados de Cristãos pela primeira vez – At. 11: 26). Desta cidade o Cristianismo estendeu-se para todo o Mundo Gentio, e muitos Bispos foram ordenados ali. A importância de Alexandria está em ser o maior centro Cultural do Oriente e era notável por seus grandes teólogos. Marcos desenvolveu trabalho Missionário ali. Constantinopla era importante porque o Imperador Constantino lá vivera. Antes, a cidade era chamada Bizâncio, tendo sido renomeada em sua homenagem. E Roma, evidentemente, era o centro do Império. Talvez por este motivo, do ponto de vista Religioso cada vez mais a atividade Cristã era direcionada para lá. O livro de Atos termina com o Apóstolo Paulo aprisionado nesta cidade.

Gradualmente, como já comentamos, as histórias de conquistas e invasões continuavam, como desde os primórdios da nossa História. No início do Século V, em plena virada do ano e no meio de rigoroso inverno, Bárbaros de origem Germânica (Godos, Hunos, Vândalos e Visigodos, Burgúndios) começaram a forçar as portas e fronteiras do Império Romano. Visigodos na Espanha, Ostrogodos na Itália, Vândalos no norte da África, Burgúndios na Saboia. Apesar de serem guerreiros, eram em bem menor número do que os Romanos, correndo risco de serem conquistados por eles. Então, foram cuidadosos na sua entrada dentro do Império: tendo conquistado algumas terras, em poucos meses a fome se espalhou devido à pilhagem dos conquistadores. Esta acabou por atingi-los também, e aceitaram a condição proposta pelo Império, a de federados. Ocupando principalmente a região espanhola, mantiveram-se separados juridicamente; Romanos e Germânicos permaneceram, cada qual, regidos por suas próprias Leis. Em termos religiosos, mesmo convertidos alguns ao Cristianismo, os Germânicos não aderiram ao Cristianismo Ortodoxo, mas à Heresia Ariana, criando, assim, uma Igreja Germânica separada.

Foi basicamente um erro do Império que permitiu a entrada dos Bárbaros. Com medo dos Hunos, povo citado nas antigas crônicas chinesas como sendo nômade e guerreiro, oriundo das estepes asiáticas, invencíveis e os melhores cavaleiros do Mundo, os Romanos permitiram a entrada de 200.000 Visigodos que fugiam dos Hunos em território do Império. Mas, uma vez que se pilharam ali, livres da ameaça dos Hunos, avançaram devastando o que viam pela frente, em direção ao Mediterrâneo. O Imperador da porção Oriental decidiu enfrentar

os Visigodos (379), mas foi aniquilado junto com seu Exército. Felizmente, para os Romanos, o sucessor Teodósio impediu que os Visigodos tomassem Constantinopla, forçando-os a fazer um acordo que os tornava federados, ocupando a região da Trácia. Morto Teodósio, os Visigodos retomaram as conquistas, saquearam e incendiaram Roma durante 3 dias, levaram reféns, inclusive a irmã do Imperador. Pretendiam ir para o Norte da África, mas com a morte súbita de seu chefe, mudaram de planos e procuraram reconciliar-se com o Império Romano; acabaram como federados no sul da Gália.

Preocupado em defender-se dos Visigodos, o Império começou a sofrer as ondas invasoras Germânicas que culminariam na queda do Império Romano do Ocidente. Com a unidade seriamente comprometida e já conformados com a presença Germânica em seu território, não demorou muito para que estes últimos rompessem os tratados e reiniciassem o seu próprio movimento expansionista.

Depois de contornada a primeira onda invasora e postados como federados na Espanha, o clima de aparente equilíbrio começou a mudar com uma segunda onda invasora Germânica, desta vez integrada por Francos, Anglo-Saxões e Lombardos. Estes grupos conquistaram, respectivamente, a Gália, a Inglaterra e o norte da Itália, territórios por onde se expandiram. Estes segundos conquistadores não precisaram percorrer grandes distâncias, pois quando os Francos conquistaram a Gália, toda a sua população já tinha se esvaído para a Bélgica, fugindo. Os Anglo-Saxões estavam concentrados no norte da Alemanha, de frente para a Inglaterra. Os Lombardos estavam no sul da Áustria, a um passo da Itália. Essa *proximidade* entre os conquistadores favoreceu um reforço populacional constante, um fluxo que possibilitava que cada avanço fosse bem consolidado. Outro detalhe importante é que estes povos, agora em grande número, nada negociaram. Simplesmente tomavam as terras e pronto! O Império se via acuado e cercado. Os Hunos, sob comando do famoso Átila, mudaram suas pretensões em ficar no Oriente, mudando para o Ocidente. O Império Romano Oriental se safa às custas do Ocidental. Contra eles se formou uma coligação romano-bárbara, o que foi providencial, pois rechaçou os temíveis Hunos. Mas eles tornaram a voltar e rumavam em direção à Roma, cuja população ficou espavorida. Para surpresa de todos, o Papa Leão I (440 – 461) tomou a iniciativa de negociar com Átila e ofereceu enorme quantia para que ele não atacasse Roma. Incrivelmente, foi aceita e ele se retirou da Itália. A união temporária entre bárbaros e romanos não eliminou a instabilidade do Império Ocidental. Em 476, Hérulos e Godos reivindicavam tornar-se federados, o que lhes daria a posse de terras. Diante da negativa Imperial, um dos chefes bárbaros derrubou o fraco Imperador da época e assenhoreou-se da Itália. Desapareceria, assim, o Império Romano do Ocidente. O Cristianismo, porém, sobreviveu à

destruição do Império, tendo se tornado o principal herdeiro da tradição Romana e fonte da sua propagação e perpetuação em meio à desorganização que se seguiu à invasão Germânica. Temos que retomar a história da Igreja para entender tudo isso, inclusive como surgiram os Papas, que acabaram de ser mencionados neste estudo. Espere só um pouquinho...

Com a queda do Império Romano no final do Século V (476) começa então o período da Idade Média, que durou quase 1.000 anos. Podemos distinguir dois períodos distintos: do Século V ao XI, denominamos Alta Idade Média; e o outro, que se estende do Século XI ao XV, é a Baixa Idade Média. Ao longo da primeira fase há a formação e dissolução dos Reinos Germânicos, num processo de acentuada ruralização da Economia. Na fase seguinte, a vida urbana é revigorada pelo desenvolvimento do Comércio. Porém, no Século XIV a Sociedade Medieval é atingida por uma grave crise que irá assinalar o final da Idade Média, que é marcada pela queda do Império Romano do Oriente (1453), com a queda de Constantinopla. Repare que a Idade Média fica compreendida entre o final do Imp. Rom. Ocidental e o final do Imp. Rom. Oriental. Vista como a Idade “do Meio” entre duas épocas “brilhantes”, a anterior (Antiguidade) e a posterior (Moderna), ficou marcada pelos Historiadores como uma época longa dominada pelo obscurantismo, superstição e ignorância – uma espécie de Idade das “Trevas”.

Bem, caindo o Império Romano em consequência das invasões que fracionaram o território, ficou ali um vácuo político que foi, muito estrategicamente, preenchido pela Igreja, única Instituição remanescente. Vamos entender como a Igreja sobreviveu sem o Império com quem tinha parceria. Estabelecida em Roma e cercada por vários Reinos Germânicos, a Igreja Ocidental não se desenvolveu como braço espiritual dependente do Estado. Em confronto com os invasores bárbaros, o Bispado de cada região do antigo Império Romano assumiu o comando da defesa e direção política de sua comunidade. O cabeça em Roma era seu Bispo, que assumiu obrigações e responsabilidades políticas cada vez maiores; esse processo culminou com o estabelecimento do Santo Império Romano. Cada vez mais, claro, os Bispos Ocidentais tiveram que reconhecer a supremacia do Bispo de Roma. A palavra latina Papa, que significa “pai”, foi aplicada pela primeira vez a Sirício, Bispo de Roma, em 384 – 399. Embora ele “possuísse a primazia da confissão, e não do cargo, a primazia da fé e não da posição”, ainda assim a noção incutida em todos da grandeza do Bispo de Roma como cabeça da Igreja estava pronta para emergir. Isso aconteceu como resultado de um poderoso conflito entre as Igrejas do Oriente e as do Ocidente. O Papado se viu obrigado a defender as suas prerrogativas diante dos patriarcas do Oriente (especialmente Constantinopla e

Alexandria), que consideravam o Bispo de Roma apenas “mais um patriarca”, devendo manter sua Jurisdição apenas no Ocidente.

Contudo, contendas à parte, em 440 ficou claro que Roma tinha a primazia sobre toda a Cristandade, alegação feita por Leão I, o Grande, o que estabeleceu o início de uma nova fase da Igreja. Pelo visto, bem a tempo de negociar com Átila, o que foi fundamental – não para o Império, mas para o destino da Igreja. O título Papa foi aplicado a cada sucessor do Bispo de Roma (imagine a fogueira de vaidades e os arranjos escusos por trás destas nomeações... Não sejamos ingênuos, porque o poder sempre fascinou o homem... e quase sempre o corrompeu. Vê onde estava indo, que rumo tomava a pregação pura do Filho de Deus e dos Apóstolos???...).

Muitos Historiadores argumentam que quando a Igreja passou do estágio de um movimento milenarista, consciente da realidade escatológica e da iminente volta de Cristo, para tornar-se uma Igreja totalmente “absorvida” e aculturada e contaminada pelo Império Romano, deixou de representar o verdadeiro caráter do Cristianismo. Argumentam ainda que este desenvolvimento levou a Igreja à deterioração. Assim como Israel corrompeu-se pelas Religiões pagãs, o mesmo aconteceu com a Noiva do Cordeiro. Não somos nós que dizemos isso, mas a História assim o comprova! A Doutrina pura e verdadeira parecia perdida para todo sempre...

Gregório, o Grande (540 – 604), é considerado o “Pai do Papado Medieval”, tendo sido eleito em 590. Em essência, este homem fez a ligação entre os tempos Antigos e a Idade Média. Neste tempo, a Igreja já se tornara uma das maiores proprietárias de terra da Itália e dispunha de eficiente administração. Só que antes de Gregório, o poder Papal era exercido de fato apenas na Itália. Mas ele era oriundo de nobres famílias romanas, havia exercido cargo administrativo em Roma e tinha servido como representante de Roma em Constantinopla. Só depois disso retirou-se da vida pública e se tornou Monge. Ser feito Papa só o trouxe de volta, só que com mais poder. Colocando a serviço da Igreja sua experiência prévia, o novo Papa tratou de pôr sob seu domínio *toda a Igreja do Ocidente*. Declarou sua superioridade em relação aos patriarcas. Com ele, o Papado começou a assumir a forma que realmente possui hoje. Esta foi uma Era da História marcada pela forte associação entre Igreja e Estado por meio da ascensão dos Papas às esferas mais elevadas do Poder Político e pelo estabelecimento do Sacro Império Romano. Dá pra você imaginar o poder que tinham esses Papas, dominando a Igreja e sendo grandes ícones dentro da hierarquia política? A Igreja consolidou-se como uma verdadeira Monarquia.

Depois da queda do Império Romano do Ocidente e o poder crescente que viria a ter, progressivamente, a Igreja, dentre os Povos Germânicos, os Francos

tomaram a dianteira e expandiram-se, em 480, sob comando do Rei Clóvis, de apenas 16 anos. Clóvis destacou-se não só pelos seus feitos militares, mas por ter sido o primeiro chefe Bárbaro a converter-se ao Catolicismo, fazendo-se batizar junto com 3.000 guerreiros, em 496. Derrotou os Visigodos em 507, anexando seus territórios. Seus filhos continuaram o processo de conquista, o que aconteceu com relativa rapidez. Os Francos se tornaram o mais poderoso dos Povos Germânicos e sob sua influência se constituiu uma nova Sociedade. O vasto domínio dos Francos ficou dividido em 3 Reinos. Nos últimos 100 anos de governo, após várias guerras entre eles, Pepino de Heristal, o Major Domus de um dos Reinos unificou os três sob sua autoridade. Seu filho e sucessor, Carlos Martel, enfrentou com êxito uma revolta dos Nobres, e consolidou o domínio definitivo da família, além de conquistar prestígio também ao vencer os Árabes, impedindo que conquistassem a Gália (732). Assim, preparou caminho para que seu filho Pepino, o Breve, assumisse o trono Franco. Com o apoio do Papa Zacarias, teve início uma nova Dinastia, a Carolíngea (em contraposição à anterior, Merovíngea), em homenagem àquele que viria a ser o maior Soberano da Dinastia, Carlos Magno, filho de Pepino.

Desde a conversão de Clóvis, os Francos eram os principais aliados da Igreja, e Pepino reiterou essa velha tradição. Depois de eleito “Rei de todos os Francos” foi consagrado pelo Arcebispo São Bonifácio. Mas esse apoio da Igreja a Pepino, lógico, não era desinteressado. Apesar de ter-se constituído como uma Monarquia, a Igreja não dispunha de meios para agir em completa autonomia política. O Sacro Império encontrava-se ameaçado pela chegada dos Lombardos, que já haviam fundado seu Reino no Norte da Itália em 568. A Igreja solicitou a ajuda de Pepino através do Papa Estevão II (752 – 757), pois não podia contar com a ajuda de Constantinopla. Pepino entrou na Itália e expulsou os Lombardos do Norte, doando à Igreja o território recuperado. Dessa concessão territorial nasceram os Estados da Igreja, cuja extinção somente ocorreria em 1870, com a unificação da Itália!!! Ainda em benefício da Igreja, Pepino transformou em lei a doação do dízimo (!!!!!), antes feita espontaneamente. Realmente... que precinho simbólico! Carlos Magno completou a obra do pai, derrotando e aprisionando o rei Lombardo, e confirmando a doação de terras. Tudo foi feito por solicitação do Papa Adriano I. Então, Carlos Magno cruzou os Alpes e em pouco tempo anexou o território Lombardo aos seus domínios, após cercar a capital deles. Proclamou-se Rei da Itália e do Papa recebeu o título de “Patrício dos Romanos”, que o tornava protetor da cidade eterna, Roma... Nada de novo... rios de sangue e luta por poder!

Pouco antes de investir contra os Lombardos, Carlos Magno já havia começado a conquista da Germânia; depois de pôr fim à independência da

Baviera, ele voltou-se contra os Saxões, derrotando-os em 777. Os Saxões se revoltaram, mas a conquista definitiva de Carlos Magno deu-se em 803.

Com algumas excessões (como o fracasso em reconquistar a Espanha Muçulmana, massacrando parte de seu exército), os domínios territoriais de Carlos Magno praticamente reconstituíram o antigo Império Romano (cuja queda, como já vimos, foi em 476). Essa proeza não passou despercebida à Igreja. No Natal do ano 800, Carlos Magno foi coroado Imperador pelo Papa Leão III, quando se encontrava em Roma. Sempre, *sempre* artimanhas políticas, não deixe de perceber... Mais tarde verá a verdadeira razão oculta por trás de cada episódio importante da História.

Com a coroação de Carlos Magno foi retomada, no Ocidente, a tradição do Império Universal antes representado pelos Romanos. Mas agora havia uma diferença crucial: o poder Universal tinha que se dividir em dois – o Imperial e o Papal. Teoricamente, nenhuma autoridade em assunto espiritual podia ser superior à do Papa; da mesma forma, em assuntos políticos, o Imperador era soberano absoluto. Na prática, porém, a realidade era bem outra... A relação entre esses poderes poderia tender a ser problemática.

Contudo, o Império fundado por Carlos Magno não estava destinado a durar. O sistema administrativo era rudimentar e ineficiente diante de um território tão grande. O Imperador deslocava-se por todo o território, dividido em dezenas de condados administrados por um Conde (nobre de confiança do Imperador), que tinha direito a uma porcentagem dos impostos imperiais. Imagine só!... Devido à distância e precários meios de comunicação, os Condes governavam como se o Imperador não existisse. Claro, os Condes eram fiscalizados por agentes imperiais (pelo menos, essa era a tentativa), em pares, um membro do Clero e o outro laico. Anualmente, o Imperador reunia-se com os nobres para tomar medidas necessárias para evitar tal descentralização de poder do Império. A impossibilidade de recolher impostos substanciais (naturalmente havia desvio) fez com que ficasse impossível manter um Exército permanente. Até Carlos Magno vivia das rendas de seus próprios domínios, que eram grandes, mas insuficientes para financiar a administração de um imenso território.

Como se vê... estavam desprovidos de uma estrutura administrativa compatível com a extensão do Estado Imperial. Depois da morte de Carlos Magno em 814, foi sucedido por Luís, o fervoroso, que se deixou dominar pelas autoridades religiosas. Isto causou mais ainda o enfraquecimento do poder Imperial. Os três filhos dele lutaram pelo domínio do Império, dois contra um. Este último, derrotado, aceitou dividir o Império. Claro que logo os ataques vieram, tal a fragilidade reinante. A vulnerabilidade desses Reinos foi aproveitada pelos Escandinavos (também conhecidos como Vikings ou

Normandos), Húngaros, Sarracenos (Muçulmanos da África do Norte) e Eslavos. Pilhavam povoados e roubavam principalmente Abadias ricas, e às vezes, cidades. O seu raio de ação era bastante extenso: os Suecos (Varegues) entraram na Rússia, onde fundaram o primeiro estado Russo, o Estado de Kiev; os Noruegueses se concentraram na Irlanda e os Dinamarqueses, litoral da França e Inglaterra, alcançando também Espanha e Itália. No início do séc. IX, os Normandos dedicavam-se às pilhagens. No séc. X, muitas dessas áreas foram reconquistadas pelos Cristãos, que ainda eram uma Monarquia independente, restando apenas um grupo de Normandos muito poderoso que se fixou no curso inferior do Sena (896), dando origem à Normandia.

Esse grupo, o mais influente dentre os escandinavos, conquistou a Inglaterra, o sul da Itália e a Sicília (que antes eram dominados pelos Muçulmanos). Enquanto os ataques Normandos vinham do norte, os Muçulmanos (sarracenos) devastavam o litoral da Itália. Do leste, por terra, chegavam os Húngaros, ameaçando a Alemanha e o sul da França. Por fim, estabeleceram-se no que seria a Hungria. Por último, os eslavos, provenientes da planície russa atacaram as fronteiras orientais da Alemanha. A esse grupo étnico pertencem Poloneses, Tchecos, Croatas, Sérvios e Russos.

Essas invasões do séc. IX detonaram o Império Carolíngeo em decomposição. O sonho Imperial renasceu em 962 quando um soberano alemão, Oto I, assumiu a coroa daquele que veio a ser conhecido como o Sacro Império Romano-Germânico, pois Oto foi coroado Imperador pelo Papa João XII. Tendo sua sede na Áustria, o Sacro Império foi o sucessor do Império Carolíngeo e estendeu seu domínio sobre a Itália. Por este motivo esteve sempre em conflito com o Papa, disputando com ele a hegemonia Italiana.

Impressionante como depois de tudo isso a Igreja e o Papa continuavam existindo... e reinando! Precisamos entender como isso foi possível...

Fica muito claro que os objetivos da Igreja não se limitavam à *divisão* do poder espiritual com o secular: não estava muito a fim de dividir o Poder com o Sacro Império Romano-Germânico. Era mais interessante modelar toda a esfera secular à sua moda, e mantê-la sob seu controle. Movida por estes espíritos, procurou trazer não somente os Reis, mas também a nobreza para sua esfera de influência. Uma boa estratégia foi incorporar ao Cristianismo algo “bem Bíblico”... (ou melhor, “bem pagão”...) que era ver o Rei como “ungido do Senhor”. Então, com esta estratégia, ao se ungirem os Reis Germânicos, o prestígio religioso destes pagãos ficava preservado, facilitando a incorporação dos seus Reinos à Cristandade. E, ainda por cima, os Reis passavam a depender da Igreja para a sua sagração. Mas havia de se convencer o Exército Germânico também... por meio do Ritual da Cavalaria, inspirado nos costumes germânicos

de promoção dos jovens a Guerreiros, quando ganhavam um escudo e uma lança de um Chefe Militar, a Igreja instituiu esta Cerimônia da Sagração de Cavaleiros, que se tornou base das relações vassálicas. Daquele que se sagrava Cavaleiro exigia-se, como principal virtude, a lealdade para com o seu senhor; mas o Cavaleiro verdadeiramente virtuoso deveria ser também defensor da Igreja, dos órfãos, das viúvas e dos pobres. A Cavalaria tornou-se uma Instituição Feudal expressiva nos Séculos XI e XII. É importante lembrar que o momento áureo da Cavalaria coincide aproximadamente com o período das Cruzadas contra os Muçulmanos, momento em que os Cavaleiros desempenharam papel significativo.

Como vemos, a Igreja agia politicamente para atingir objetivos religiosos. O confronto entre o Papa e o Patriarca de Constantinopla, por exemplo, tinha todas as características de uma luta de poder. A Igreja nunca hesitou em intervir no Mundo profano; sacralizava as relações políticas e ia em frente, tornando-se, assim, fator imprescindível – que beleza! – de legitimidade. Como no caso da sagração dos Reis ou da Cavalaria! Transformava-se, deste modo, uma categoria social numa espécie de ordem religiosa (e sem nenhum peso na consciência...). Isso porque cada Sociedade cria para si mesma uma representação do Mundo. Hoje, em nosso tempo, praticamente tudo passa pelo crivo da Razão e da Ciência. Mas essa não era a realidade dos homens medievais; eles viviam no Mundo da Fé, dos Dogmas, ou seja, as verdades eram absolutas e indiscutíveis, e os ensinamentos que tinham importância e legitimidade eram os do Novo Testamento (claro que “interpretados à Moda Medieval”). As verdades emanavam de Deus e vinham por meio de revelações; portanto, a verdade revelada não passava pela aceitação da Razão. Era porque era! E o Mundo Medieval fez da crença no Cristianismo o seu objetivo central.

Uma reação à aculturação da Igreja em relação ao Mundo foi o Monasticismo, no qual Monges e eremitas seguiam para os desertos do Egito, vivendo em cavernas e tentando levar uma vida santa. Uma enorme gama de discípulos foi atraída por esse modo de vida e o Monasticismo desenvolveu-se em diversas regiões ao ramificar-se do Egito. Depois de 200 anos começaram a surgir ordens Monásticas específicas, como os Beneditinos. Ao longo da Idade Média outras surgiram (Carmelitas – 1154; Franciscanos – 1209; Dominicanos – 1215; Agostinianos – 1256; Jesuítas – 1540), atravessaram a Idade Média e algumas sobrevivem até hoje. Cada uma delas tinha suas regras, princípios e prioridades específicas, sendo mais ou menos rígidas. Note que tantas diferenças naturalmente são disparatadas, porque se fizessem exatamente o que Cristo disse, não haveria o por quê de tantas diferenças... É o mesmo que acontece com a Igreja Protestante da nossa época...

Mas, voltando ao curso da nossa narrativa da Idade Média...

Não poderíamos deixar de citar o período das Missões, que começou logo depois da conversão dos Francos no final do Século V e estendeu-se por toda a Gália, província que passou a ser chamada de França. O Cristianismo chegou à Inglaterra através de soldados Cristãos do Império Romano. Monges levaram o Evangelho à Irlanda, Escócia e Alemanha. Da Inglaterra saíram muitos Missionários para o Mundo. Repare, então, que enquanto se formava o Sacro Império Romano, o Império Carolíngeo e o Sacro Império Romano-Germânico, durante estes séculos de brigas e conquistas e invasões Bárbaras e disputas entre o Poder secular e o Papado, as Missões estavam acontecendo em paralelo. Repare, também, que o Cristianismo que se propagava era contaminado e bem diferente daquele do Século I. A Igreja lutava pela sua independência e o Império, por outro lado, aproveitava qualquer oportunidade de enfiar o nariz nos negócios da Igreja. Em torno do ano 1000, o Cristianismo espalhou-se como fogo em rastro de pólvora, como incêndio pela Europa inteira, chegando mesmo às fronteiras da Rússia. Quando chegou à América, principalmente pelos Jesuítas, a obra Missionária foi conduzida como na Europa. O Catolicismo espalhou-se por todo sul e sudoeste da América do Norte e por quase todo o Hemisfério Sul.

Algumas crenças foram muito importantes nesta época. Delas partiu toda a violência e atitudes indizíveis da Igreja Católica Apostólica Romana. A brutalidade foi real, a violência legitimada a partir do momento em que a Igreja e o Estado concordaram em atacar aqueles que eram encarados como discípulos do Diabo. As Missões foram relativamente pacíficas enquanto o Cristianismo era aceito sem maiores delongas. Mas, de repente, encontraram um impasse daqueles...

Imagine qual?... Muçulmanos! O conflito com o Islamismo começou nesta época. Neste momento a face do Diabo era morena e de barba, induzindo ainda mais ao confronto. Foi aí que se deu o período das Cruzadas, para enfrentar e rechaçar o ataque Islâmico. Vê como essa briga é antiga?

E por falar em Diabo... Onde e como ficou ele nesta história toda? Na verdade, conforme explica a Professora de História da Religião da Universidade de Princeton, nos Estados Unidos, Elaine Pagels, esse comportamento Cristão, em duas palavras, pode ser traduzido assim: “Satanás é o *Inimigo*; é todo aquele que *não concorda conosco*”. E, de fato... assim aconteceu. Sob a aparência de levar a salvação aos perdidos, a Religião Católica perdeu-se em si mesma e, sem prumo algum, baseada em doutrinas distorcidas, matou e lavou de sangue a História, em nome de Deus. Combatendo o Diabo e seus representantes na Terra, a carnificina resultante mergulhou a Europa Ocidental em uma Sociedade

aprisionada pelo ódio e pelo medo. Devemos também nos lembrar da condição da Europa na época após a queda do Império Romano: no Século V, a Europa tinha poucos centros de Civilização, havia muita fome e doenças e a fé era a única maneira de lidar com as forças do Mal. A Europa assemelhava-se a um país de Terceiro Mundo. Acreditando que os seres humanos, no fundo, são criaturas irracionais, não somos capazes de manter em ordem a nossa psique, emoções, medos e neuroses subordinados à razão pura, e o que aconteceu foi justamente isto: a Europa lançou sobre quem pôde as suas fobias e terrores. A mesma perseguição sofrida pelos Cristãos dos três primeiros Séculos foi imposta aos outros – em maior escala! Quer dizer: Satanás nunca esteve tão em alta quanto na Idade Média.

Cria-se na existência dos pactos feitos com o Diabo em troca de fortuna, poder, conhecimento. O famoso relato do poeta e escritor alemão Goethe, "Doutor Fausto", de 1833, é baseado na história de Johannes Faustus, de Heidelberg (1480–1540), pouco depois do final da Idade Média. Goethe conta a história do sábio que compactua com Satanás e lhe vende a alma em troca de conhecimento, poder e mulheres. E por falar em mulheres... Acreditava-se também que elas poderiam ser possuídas durante o sono por Demônios chamados Íncubus. Os homens, por sua vez, eram tentados e atacados por Demônios de forma feminina, os Súcubus. O sexo tornou-se a principal armadilha do Diabo para conduzir os homens à perdição. Daí vem a mais comum representação do Diabo, na qual aparece com patas de bode e chifres, alusão à imagem de Pan, divindade Greco-romana que se divertia em orgias, tendo o sexo associado ao Diabo sempre um aspecto violento e "pouco natural" (dado o que se admitia como "natural" na Idade Média...). O pouco natural, vamos balizar um pouco a questão, é decorrente de uma *distorção* do sexo: quando é praticado com animais ou crianças; entre indivíduos do mesmo sexo; grupais; ou com conotações humilhantes ou torturantes para o parceiro. Mesmo assim, não seria somente isso que a Igreja havia de condenar, é óbvio...

Aliás, fora sua inclinação natural pelo poder, a Igreja (e, consequentemente, as pessoas em geral) aceitava a existência da possessão diabólica; portanto, o Exorcismo era prática comum. Veja que a "possessão" é uma crença totalmente nova; até então não tinha aparecido no Antigo Testamento e nem em qualquer outra Obra Literária anterior ao Judaísmo. Catástrofes, doenças e morte eram *manifestações do Mal*, mas não uma atividade direta do Demônio na pessoa. O primeiro Concílio que assumiu uma atitude solene e decidida sobre a questão do Diabo foi o Concílio de Praga (Portugal), em 561, para posicionar-se diante de uma vertente que dizia que o Diabo não tinha sido criado por Deus. A Igreja, então, afirmou que Deus criou anjos perfeitos que, segundo seu próprio livre-

arbítrio, rebelaram-se. Mais tarde outras afirmações foram consolidadas sobre a origem, obras e tentações demoníacas. Por isso, o Exorcismo só poderia ser visto e praticado dentro do contexto da Igreja e pelos Sacerdotes da Igreja.

Embora pareça incompatível e paradoxal com essa mentalidade, a verdade é que a relação entre Razão e Fé tornou-se o tema central de toda Filosofia Medieval que nasceu no Século XI. Por exemplo, alunos de escolas Medievais tanto recitavam os Salmos quanto aprendiam a lógica Aristotélica. No séc. XIII, as coisas se complicaram com a disseminação de obras de Filósofos Árabes da Espanha. Isso trouxe ameaças ao Cristianismo, uma vez que a Filosofia Aristotélica era incompatível com a Fé, pois concebia o Universo como realidade incriada e não possuía o conceito de alma imortal. Já a Filosofia Árabe acreditava em "níveis de conhecimento" – o literal e o Oculto –, destinados a pessoas de maior ou menor inteligência. Portanto, os conhecimentos não eram todos equivalentes; havia uma hierarquia, na qual o conhecimento Filosófico era tido como o mais elevado. Essa linha de pensamento, embora atraísse alguns Cristãos, foi prontamente combatida. Coube a São Tomás de Aquino (1225 – 1274) reconciliar de maneira equilibrada a Fé e a Razão. Mesmo assim, o domínio da Razão foi diminuindo cada vez mais na Idade Média, invertendo a tradição da Antiguidade Clássica. A supremacia da Fé e do conhecimento revelado foi se estabelecendo em detrimento da compreensão intelectual e da Razão. É o mesmo que dizer que o Sagrado se impôs ao Secular.

As Escolas eram bem divididas e a concepção de ensino era Aristocrática, ou seja: já separava as artes manuais das intelectuais, ficando as primeiras para os mais pobres, como servos e plebeus. As Escolas Monásticas, no campo, aceitavam como alunos apenas os Monges. As Escolas Catedralícias, nas cidades, no Século XII estavam em ampla ascensão, mas enfrentavam o problema de ter mais alunos que professores. Isso porque (para variar) a formação do professor era monopolizada pelo Bispado, que controlava as "licenças de ensino", sem as quais ninguém estava autorizado a exercer o Magistério. Não havia interesse por parte da Igreja em ampliar a rede de ensino. É perigoso abrir as mentes das pessoas, mesmo dentro de todo aquele monopólio. No Séc. XIII vieram as Universidades, como fusão de várias escolas já existentes. Resistiram à interferência, quer dos bispos, quer do patriciado, e acabaram reconhecidas como corporações autônomas.

Mesmo assim, neste período em que começou a abrir-se um mínimo espaço para a Razão, o Diabo *ainda* era considerado responsável por toda sorte de males físicos e enfermidades. Os próprios médicos, não conseguindo chegar a um diagnóstico, imediatamente atribuíam o caso aos poderes demoníacos. Particularmente a possessão demoníaca, que era, segundo a crença popular,

atribuída aos Demônios, que entravam por orifícios do corpo da pessoa. Em suma, o Diabo era conhecido por sua habilidade em ocultar-se sob uma enorme gama de disfarces!

Voltemos à História.

Como dissemos, diante do “empecilho” Muçulmano, chegou o período das Cruzadas, em 1095, que não tinham um cerne tão “pacífico” quanto as Missões. Estendeu-se por um período de 200 anos, desencadeando um frenesi de ódio e violência sem precedentes até então. Em 1100, a Europa, apesar de sempre ter sido uma Sociedade perseguidora, agora seria dominada por outro tipo de terror. O Diabo estava em toda parte! E a Igreja que pregava um Deus que amava tanto a Humanidade a ponto de dar seu Filho em sacrifício para livrá-la do pecado, da morte e do Diabo, mas acabou criando um inferno na Terra, que pode ser comparado ao Holocausto de Hitler!

Uma série de expedições Cristãs empreendidas contra os Muçulmanos foi o que nós mais comumentemente nos lembramos como tendo sido as Cruzadas. E, realmente, foi a parte mais importante do Movimento. A primeira delas foi uma investida contra Jerusalém na intenção de libertar o Santo Sepulcro – o túmulo de Cristo. E foi a única “bem sucedida” no sentido de que conseguiu tomar Jerusalém e, com isso, inundar de sangue Muçulmano e Judeu as ruas da cidade velha até a altura dos tornozelos. Mas não teve a participação de nenhum Rei. Quatro anos depois o Papa recebeu a notícia de que “Jerusalém tinha sido libertada”. Mas depois os Muçulmanos reconquistaram parte de Jerusalém (1144). Por sinal, o domínio Islâmico era muito amplo: todo o centro-sul da Espanha, a Sicília, Palma e outras ilhotas do Mediterrâneo, o Norte da África, a região da Mesopotâmia e Oriente Médio...

Observamos uma evolução das Cruzadas à Terra Santa. A primeira tinha realmente fervor religioso, mas só obteve êxito por causa da desestabilização no Mundo Árabe. Porém, depois da reconquista dos Muçulmanos, foi organizada uma segunda Cruzada, agora pelas maiores potências da época: Luís VII, Rei da França, e Conrado III, do Sacro Império. Nela já predominava o espírito guerreiro motivado por conquistas. Mas o saldo foi decepção. Com pesadas perdas, os Monarcas regressaram à Europa.

Quarenta anos depois do fracasso, o Imperador do Sacro Império partiu para o Oriente, mas morreu afogado. Junto com ele estavam dois grandes Líderes, o Rei da França, Filipe Augusto, e Ricardo Coração de Leão, da Inglaterra. O objetivo era reconquistar Jerusalém, tomada pelo hábil chefe Muçulmano Saladino, que em 1187 reuniu sob seu poder vasto território que ia do Egito à Síria. O pensamento por trás desta 3ª Cruzada também era a ganância pelas conquistas e o poder que isso gerava, e não mais a fé. Mas, novamente, os Cruzados foram

derrotados. A unificação exatamente do Egito e da Síria traduziu-se no impasse, apesar deste ter sido o maior esforço militar da Idade Média, levando ao ápice a fúria de todo o Movimento Cruzado e colocando frente a frente duas das mais notáveis e fascinantes figuras: Saladino, Sultão do Egito, Síria Árabe e Mesopotâmia... e Ricardo Coração de Leão.

Fazendo um pequeno aparte para rememorar este momento, coloquemos alguns adendos. Esse confronto de gigantes ainda ressoa na História e na Política Modernas do Oriente Médio de hoje. Na verdade, sua ressonância é bastante ampla. Nos conflitos entre Cristãos e Muçulmanos, onde quer que se deem no Mundo, da Bósnia a Kosovo, Chechênia, Líbano, Malásia ou Indonésia, ainda hoje Saladino continua sendo um grande Herói do Mundo Islâmico. Foi ele quem reuniu os Árabes, quem derrotou os Cruzados, retomou Jerusalém e expulsou os invasores Europeus das terras Árabes. Na luta que parece interminável dos Muçulmanos de hoje para reafirmar a natureza essencialmente Islâmica da Palestina, Saladino continua vivo, vibrante, como símbolo de esperança e tema de Mito. Em Damasco, no Cairo, em Hamã ou na Jerusalém Oriental pode-se, ainda hoje, ouvir falar de Saladino, pois as antigas lembranças são fundamentais para a sensibilidade Árabe e sua ideologia de libertação. Nas barras da pequena e mal iluminada cela da cidade velha de Jerusalém, onde ele viveu em condições humildes após suas conquistas grandiosas, lê-se a inscrição:

“Alá, Maomé, Saladino. Deus, Profeta, Libertador”!

Veja como é forte a ligação deste personagem com o deus e o profeta Muçulmanos. O Mundo Árabe parece que vive eternamente na espera de um “outro Saladino”. Na prece de sexta-feira, de canto a canto no Mundo Árabe, não é incomum ouvir-se a súplica para que alguém como ele venha libertar Jerusalém...

A vitória total de Saladino contra os Cruzados na Batalha de Hattin é tida hoje como símbolo imperecível do triunfo Árabe sobre a interferência Ocidental. Em Damasco, perto da estrada de Souq-al-hamadi-ya, ao centro há uma heróica estátua equestre de Saladino, que enfeita a principal praça da cidade. Assim, acredita-se que Saladino virá de novo algum dia... E algum dia haverá de novo uma segunda Batalha de Hattin.

Já com o personagem Ricardo Coração de Leão, embora famoso, a coisa é diferente. Seu legado não é menos vibrante, mas de natureza um tanto diversa. Ele foi uma brilhante mente militar e um temível general que compreendeu as estratégias e as táticas de grandes forças de maneira muito à frente do seu tempo. Não tinha rival em bravura e arrojo, mesmo tendo fracassado na Cruzada. Sua volta da Terra Santa e captura na Áustria tem o sabor homérico de Odisseu. Ricardo é lembrado pela bravata, astúcia e extravagância, mas não por

misericórdia ou moderação.

Apesar das motivações erradas, há de se imaginar o que não sentia o Guerreiro Cruzado ao percorrer a Terra pisada por *Jesus*, o que, sem dúvida, afetava a motivação para combater e, consequentemente, matar... Esse era o Cristianismo!

“Experimentei a espada do velho Godofredo num Muçulmano e dividi-o em dois como uma rosquinha. (...) E se eu tivesse um cemitério haveria de destruir todos os infiéis de Jerusalém! Limpei o sangue da espada e devolvi-a ao padre; não queria que o sangue novo apagasse aquelas manchas sagradas que um dia haviam roseado o seu brilho (...)”.

Do mesmo modo, tampouco é difícil compreender o esforço extra exigido para o soldado Muçulmano que defendia seu território e fé nativa. Afinal, como sabemos, Jerusalém é sagrada para Cristãos, Muçulmanos e Judeus. Assim como hoje, onde os sinos que dobram para as Nonas se misturam com o grito do Moesin, chamando para a prece, e o canto do Judeu Ortodoxo... onde a Mesquita de Omar está unida por tijolo e argamassa à Igreja do Santo Sepulcro, e não distante do Muro Ocidental... a cidade velha vive nos sonhos e imaginação de todos os seus participantes. A vibração desses sentimentos por Jerusalém, para tomá-la ou defendê-la para a Fé, aumenta a ferocidade do conflito. Essas paixões que vigoraram outrora não são menos vibrantes e coloridas hoje.

Enfim, a 3ª Cruzada foi Guerra Santa no mais violento grau. Inevitavelmente, teve muita coisa de profano, na verdade, *sacrílego mesmo*. A sede de saque, as efusões de ganância, a luta e matança por si mesmas... Sim, assim foi. Tudo em nome da Religião. Em nome de “Cristo”! Ali, a tão conhecida *Guerra Santa* ainda estava na infância, mas praticada no auge da ferocidade.

E, assim, é uma ironia do destino que hoje, de fato, a palavra Jirad leve tanto medo ao coração de muitos Ocidentais e Governos Ocidentais, que a associam com o Terrorismo e fanatismo Islâmicos. Mas observe, por definição, Jirad é um conceito *defensivo* condicionado à provocação de um agressor não crente (não-islâmico). No Alcorão, o fiel é chamado a “combater pela causa de Deus aqueles que vos combatem; mas não os provoqueis porque Deus não estima os agressores” (2:190). “Dessa luta de ação defensiva advirão grandes recompensas no céu”.

Mas a verdade é que nada há na História Islâmica que rivalize com o terror das Cruzadas ou o fanatismo Cristão demonstrado na Inquisição. Na longa lista de atrocidades cometidas contra Judeus, Mulheres, Muçulmanos e Grupos Étnicos, os Historiadores citam especificamente as Cruzadas. No quesito “desculpas religiosas”, as Cruzadas receberam posição semelhante ao Holocausto.

Voltando ao assunto.... que era...? Sim, esse mesmo, ainda as Cruzadas.

Na Quarta Cruzada, o interesse comercial já predominava. Foi convocada pelo Papa, e os nobres atenderam ao apelo Papal, pois o “rótulo” era religioso – ótima desculpa! – mas o interesse... monetário!!! Não havia dinheiro para o transporte dos Cruzados e um acordo com Veneza resolveu o impasse.

Os Soldados pagariam parte das despesas em dinheiro e o resto com 50% do que conquistassem. Como não tivessem o dinheiro para a primeira parte do pagamento, os venezianos propuseram um trabalho militar “extra” como quitação da dívida: a ocupação de Zara, cidade que, embora Cristã, era rival de Veneza. Também foi introduzido outro ingrediente no meio: um príncipe Bizantino (Império Romano Oriental, Império Bizantino) fez uma proposta sedutora ao Papa, convocador da Cruzada: prometeu colocar a Igreja Oriental sob a autoridade *dele*, Papa, caso os Cruzados o ajudassem a depor o usurpador que ocupara o Trono de seu pai...!!!

Com tanta confusão e interesses paralelos, a Cruzada era mera justificativa para os fins, e embora tivesse (mais uma vez) o objetivo de libertar Jerusalém, jamais chegou ao seu destino. Depois de acabar com Zara e derrubar o usurpador em Constantinopla, os Cruzados já estavam insatisfeitos com as promessas não cumpridas e resolveram eles próprios assumirem, em 1204, o governo Bizantino. Daí nasceu o Império Latino de Constantinopla, que durou até 1261.

Um dos Líderes desta 4ª Cruzada, Simon Montefort, tinha um caráter muito feroz. Ele cortou os lábios e o nariz de uma fileira de prisioneiros e cegou a todos, exceto um, ao qual deixou um olho para que lhe fosse permitido guiar a longa fila pelos vales para exibirem-se como “consequências da heresia”.

A 5ª Cruzada, desta vez contra o Egito, malogrou (1218 – 1221). A 6ª foi conduzida pelo Imperador do Sacro Império e limitou-se à fracassada negociação com o Sultão Egípcio, que tinha por objetivo a restituição de Jerusalém, Belém e Nazaré. A 7ª (1248-49) e a 8ª (1270) foram comandadas pelo Rei Luís IX da França. Na 7ª atacou o Egito, mas foi derrotado e feito prisioneiro. Foi libertado depois do pagamento de resgate. Na 8ª decidiu novamente atacar o Egito, mas morreu vitimado pela peste depois de desembarcar em Cártago, Norte da África.

Como você pode ver, ao longo de quase 200 anos todas as expedições foram um fracasso, excetuando a primeira, que só obteve êxito devido à desunião no Mundo Árabe, como dissemos antes. Mas aqui no nosso Mundo Ocidental ficou no inconsciente coletivo a ideia poética de que os Cavaleiros Cruzados, os “Soldados de Deus”, estavam a levar a salvação a povos pagãos e “libertando” a Terra Santa. Só serviu mesmo para banhar de sangue a História!... Somente interesses políticos e econômicos por trás dos Religiosos, uma vez que a partir do Século XII a Europa foi se tornando politicamente dividida em grandes

Monarquias, mas estava economicamente unificada pelo Mercado.

(Foi somente no séc. XIII que as Cruzadas começaram a ser chamadas de Cruzadas; antes disso eram nomeadas como Peregrinação ou Guerra Santa).

Na Idade Média os Cruzados alcançaram *indulgência plena* por sua participação nas Guerras Santas; além disso, várias outras indulgências foram acrescentadas: além da remissão dos pecados do passado, presente e futuro, as dívidas seriam suspensas. A venda de indulgências era fonte de lucro para a Igreja, por isso, de cidade em cidade encorajavam a Nobreza a unir-se à Guerra Santa. Já soldados mercenários, que nada faziam sem serem pagos, que andavam pelas estradas e viviam para momentos de prazer, cruelmente impiedosos e sem medo da morte, eram ideais para tropas de choque. Tão sedentos de sangue eram eles que inspiravam medo até naqueles que os pagavam pelo serviço prestado...

Embora “Cruzadas” estejam praticamente 100% associadas a “Muçulmanos”, a verdade é que não apenas existiram as Grandes Cruzadas; elas foram permeadas por uma série de outros eventos de menor porte. Um dos massacres pelo qual as Cruzadas são responsáveis foi a matança dos Valdenses, um dos primeiros grupos organizados a serem atormentados pela Igreja (1170). Não deixava de ser um grupo “protestante”, ainda que a Reforma levaria Séculos para acontecer, fundado na região francesa de Vaud. Repudiavam a riqueza esnobe da Igreja, vestindo-se com simplicidade; ministravam a Ceia e o Batismo; tinham seu próprio clero. O fundador da seita era um Comerciante que acreditava que todos os homens tinham o direito de possuir a sua própria Bíblia, traduzida na sua língua, e que ela era a autoridade máxima e final para a fé e para a vida. Tal liberdade não era permitida pela Igreja Católica uma vez que não havia submissão ao Papa e nem aos seus ensinos. Os Valdenses possuíam a Bíblia traduzida em sua língua materna, o que facilitou a pregação. Na escuridão das cavernas cada versículo era cuidadosamente copiado, lido e ensinado. Talvez tenham sido eles os primeiros a organizarem-se como uma nova Igreja (muito antes da Reforma) e enviarem Missionários para outras regiões da França e Itália. Tudo com muito sacrifício e implacável perseguição. Os Líderes Romanos deram um “basta!” e organizaram uma Cruzada contra esse povo, destruindo-o.

Outro exemplo importante aconteceu também no final do Século XII e início do XIII, na cidade de Albi, sul da França. Católicos e Cátaros a princípio convivam pacificamente numa região particularmente boa e bonita para se viver. Homens da cidade e do interior se misturavam, burgueses, cavaleiros e nobres compartilhavam seu gosto pelo luxo e decoro. Os trovadores traziam encantamento à cidade. Os Cátaros eram simples nas suas organizações eclesiásticas, sem construções monumentais para administrar e manter. Havia as “Casas para Boas Moças”, espécie de diaconisas a serviço de Deus, e ali se

reuniam Cátaros. Do mesmo modo havia as “Casas dos bons Homens”. Os Cátaros do Sul da França consideravam que um Deus Bom não poderia ter criado o Diabo. Embora se considerassem Cristãos, esse dualismo levava a uma crença em dois criadores, e não um só. O Catarismo cria que suas almas haviam sido roubadas do paraíso pelo Diabo e aprisionadas em seus corpos. Isto implicava em travar uma guerra constante com a carne. Essas crenças levaram a um conflito direto com a Igreja Católica Romana. O fanatismo desta culminou num desastre. De um lado, a certeza sádica de que o Diabo era o senhor dos Cátaros, contrapondo-se, por parte destes, de que seus oponentes é que eram servos de Satã.

O Catarismo tinha crescido e se espalhado por todo o leste Europeu, atacando a falsa moralidade e impiedade do Clero Católico. A despeito de execuções ocasionais, onde 1.163 hereges foram queimados (observe como Cruzadas e Inquisição se sobrepõem, unindo suas forças na tentativa de “acabar com o Mal”), no ano de 1165 havia tantos “Cátaros suspeitos” que a Igreja Católica decidiu desafiar seus Líderes em debate. Aconteceu em Albi, e foi depois desta reunião que todos os Cátaros passaram a ser conhecidos como “Albigenses”, mesmo aqueles que moravam longe de Albi. Houve ali uma alta audiência Católica, mas os Cátaros não se retrataram; ao invés disso, acusaram os Bispos e Abades presentes, sem nem se importarem com a presença da irmã do Rei da França.

Em 1207, o Papa Inocêncio III organizou uma Cruzada contra essa comunidade, que estava “debaixo de perversão vigorosa, devendo essas sujeiras prejudiciais serem esmagadas. A força da madeira prevalecerá; onde a gentileza e a bênção não foram capazes de alcançar nada, a vara deve ser usada”. Então, a terra ao redor de Toulouse, na França, conhecida como o País dos Cátaros, foi sede de uma carnificina; a crença dos Cátaros de que a criação do Mundo era do Diabo fez com que fossem considerados seus adoradores. Em 1209, 100.000 Cruzados se agruparam para expulsar Satanás do sul da França e marcharam pelo vale para tomar a terra. Quando as defesas da cidade foram derrubadas e aconteceu a invasão, alguém perguntou: “Como saber quem é Cátaro e quem não é?”. Dizem que o Papa respondeu: “Matem todos. Deus conhece os seus!”.

Os soldados de Deus aniquilaram completamente os Cátaros... e os Católicos que lá viviam, “deixando os homens com as tripas para fora e muitas mulheres e moças nuas e frias”. Foi o primeiro genocídio Europeu. A heresia dos Cátaros morreu, mas deixou os Cristãos mais convencidos ainda de que o Diabo espreitava em cada esquina.

Entretanto, a fase mais tenebrosa da Europa estava ainda por vir. Depois das Cruzadas, o maior terror da Europa tinha o nome de Inquisição.

A histeria coletiva, associada à manipulação política desses temores nos bastidores da vida religiosa, acabaram por levar milhões de pessoas a arder nas fogueiras da Inquisição. A Inquisição durou Séculos e... era o jeito "misericordioso" da Igreja salvar a alma daqueles que tinham se deixado seduzir pelo Diabo e suas artimanhas.

O que era a Inquisição?

Foi uma Instituição Judicial – só que composta por Tribunal Eclesiástico – criada para localizar, processar e sentenciar pessoas culpadas de Heresia. Em suma, punir crimes contra a fé Católica. No apogeu da influência Maligna neste Mundo (pelo menos assim consideravam) veio a caça às Bruxas. O Diabo foi vital para isso; é praticamente impossível imaginar um outro fenômeno local com tanto poder de influência que pudesse produzir tal efeito. O Diabo foi o bode expiatório universal, mesmo porque o fenômeno da Inquisição não foi isolado.

A Inquisição durou Séculos, muito mais tempo do que as Cruzadas. Desde o Século XII e XIII podemos encontrar resquícios da carnificina até meados do Século XIX!!!

Cabia aos Bispos, no entanto, assumir a direção moral da Sociedade e aquietar os abusos; como os ricos insensatos que exploravam os pobres, usando de violência. Segundo o pensamento da Idade Média, a *liberdade de fazer o mal* deveria ser coibida pelos que dominavam. Consequentemente, os Reis e os Bispos usavam de sua autoridade para, pelo terror e pelo amor, atuarem para impor a justiça e preservar a ordem. Porém... quem mandava mais? O Rei ou o Bispo? Na opinião Medieval, cabia aos Reis submeterem-se aos Bispos.

Somente nos últimos Séculos da Idade Média essa Ordem Social começou a ser transformada de maneira sólida. A realeza, até então inexpressiva no Sistema Feudal (ordem social que foi gerada lentamente depois da queda do Império Romano Ocidental, caracterizada pela exploração camponesa pelos Nobres, que estava apoiada no sistema de Suserania e Vassalagem sendo, portanto, uma forma de fragmentação do Poder Monárquico – querendo saber mais, olhe o apêndice no final do livro), começou a ganhar expressão por volta do Século XIII. A França forneceu um exemplo clássico deste desenvolvimento. A Monarquia Francesa se fortaleceu até atingir, no Século XVII (Idade Moderna), o seu apogeu com Luís XIV – o modelo do Rei absolutista. Sua origem remonta aos meados de 987 a 1328, durante uma Dinastia cujos Reis tinham como Vassalos duques e condes mais poderosos do que eles próprios (por causa do sistema de Vassalagem). Esse quadro começou a ser revertido pelo Rei Filipe Augusto (1180 – 1223) e o poder real atingiu, dentro ainda da Idade Média, o seu ponto mais alto com Filipe, o Belo (1285 – 1314). Ao longo deste período,

por meio de guerras e casamentos, os Reis da França praticamente unificaram o seu território. O poderio da França ficou patente quando Filipe, o Belo, depois de enfrentar e derrotar o Papa Bonifácio VIII (1294 – 1303), transferiu a sede do Papado para a cidade francesa de Avignon. Essa vitória assinalou uma importante reviravolta ao firmar a supremacia do poder temporal sobre o espiritual!

Na Inglaterra, o fortalecimento do poder real vinha acontecendo, mas perdeu impulso no Reinado de João I, um colecionador de fracassos. Foi excomungado, sofreu uma derrota contra o Rei Francês Filipe Augusto (1214) e, retornando à Inglaterra, foi recepcionado por uma revolta dos Nobres que impuseram severos limites ao seu poder por meio da Magna Carta (1215). Esse importante documento não foi progressista nem fruto de espírito moderno, mas visava o restabelecimento do Sistema Feudal e dos privilégios da Nobreza e do Clero. Um ponto positivo foi a limitação do poder real na cobrança de impostos. Algumas taxas só poderiam ser recolhidas com o consentimento de uma assembleia composta por Bispos e Nobres.

Mesmo com todas essas dificuldades, a Monarquia Inglesa conseguiu avançar e se firmar como entidade política. Não poderia ser de outro modo, pois o desenvolvimento do Comércio e das cidades, assim com o abrandamento da servidão, estava exigindo naturalmente uma autoridade superior à dos senhores locais. Na verdade, as Monarquias Feudais caminhavam para a Unificação Territorial, o que levaria à constituição das Nações.

O Sistema Feudal foi colocado em cheque por uma crise de grandes proporções. A fome, a guerra e a peste. O vigor do Feudalismo foi acompanhado – e depois ultrapassado – por um crescimento populacional que acabou conduzindo a Europa a um outro patamar demográfico, que desestabilizou a estrutura produtiva Feudal. A melhoria das condições de trabalho no campo que o Feudalismo gerou também contribuiu para melhorar a expectativa de vida. E, de repente, havia gente demais! Para agravar a situação, chuvas torrenciais de 1315 a 1318 foram responsáveis por más colheitas durante três anos seguidos. A dimensão da catástrofe pode ser avaliada pelo seu impacto na cidade de Ypres, em Flandres, cuja documentação a respeito – uma raridade – foi preservada. De maio a outubro de 1316, quase 3.000 pessoas foram sepultadas por inanição. A cidade tinha apenas 20.000 habitantes.

Houve uma crise monetária nesse período, o que afetou seriamente o setor mercantil, em plena expansão por causa das rotas comerciais do Mediterrâneo e também as terrestres. O volume de transações comerciais aumentou por causa do dinamismo da economia, mas a oferta de moedas e metais preciosos continuava insuficiente, causando aguda escassez de moeda no mercado. Tudo isso

aumentou o problema que o setor rural – Feudalismo – já vivia. Filipe, o Belo, da França, tentou dar solução ao problema misturando outros metais ao ouro e à prata, mas essa adulteração no valor do dinheiro fez com que a inflação tomasse conta da economia (alta incontrolável de preços).

Desde 1320 a fome causou séria retração demográfica. A procura por alimentos, portanto, diminuiu, mas isso não foi solução, como você possa vir a pensar. Houve queda nos preços dos produtos agrícolas, o que afetou as rendas dos grandes senhores de terra, já que os produtos manufaturados que vinham das cidades e eles consumiam mantiveram seu preço, ou foram elevados. Os senhores reagiram ao caos provocado pela queda em seus rendimentos e qualidade de vida. Sendo eles, por definição, homens guerreiros, trataram de recompor seus ganhos da forma que lhes era familiar: mediante rapinagem e violência. As Guerras Feudais se sucederam e se multiplicaram no Século XIV. A mais violenta, célebre e prolongada foi a "Guerra dos Cem Anos", entre a França e a Inglaterra, no período de 1337 – 1475 ("virou" para a Idade Moderna). O termo é um pouco impróprio e foi introduzido por Historiadores do Século XIX. Esta Guerra se desenrolou inteiramente em território Francês e as batalhas foram de pequena monta, entremeadas por períodos de paz e tréguas. De qualquer modo, essas guerras tiveram origem em período de crises e dificuldades, e os Senhores Feudais estavam profundamente abalados. Em declínio, muitos procuravam outras fontes rentáveis, como a Guerra, ou o Banditismo, formando companhias de Mercenários e colocando-se a serviço de Reis e de Cidades. Outro motivo para as guerras devia-se à sucessão do Trono da França, disputado também pela Inglaterra na pessoa de Eduardo III, uma vez que não havia sucessores homens para o lugar.

Essa época assistiu também a uma das mais graves rebeliões de camponeses franceses, a *Jacquerie* (1358). Foi num momento em que a Inglaterra sobrepujava a França, e durou apenas alguns dias. O ressentimento represado contra os senhores explodiu devido às pilhagens dos soldados ingleses. A desmoralização da Nobreza e Monarquia Francesas resultou numa das maiores rebeliões camponesas da Idade Média. Esse conflito longo, cruel e devastador só encerrou-se em 1475, pelo Tratado de Picquigni, por intermédio do qual, a preço altíssimo, a França reconquistou seus territórios, o que resultou, afinal, em vitória Francesa.

Foi durante a Guerra dos Cem Anos que surgiu uma das mais populares figuras da história da França, Joana D'Arc, jovem camponesa que, à frente de um exército, conseguiu evitar a tomada da cidade de Orleans pelos Ingleses. Depois, acusada de heresia, morreu sacrificada na Fogueira, em Rouen.

Não bastasse a fome e as guerras, as epidemias contribuíram para fazer do

Século XIV uma das fases mais sombrias do Ocidente Europeu. Assíduas, endêmicas, decorrentes em grande parte da desnutrição, ainda assim nenhuma conseguiu igualar-se à Peste Negra que, vinda do Oriente, espalhou-se calamitosamente, eliminando cerca de um terço da População Europeia!!! Vinda da Crimeia pelo Mar Negro até aos Bálcãs, a peste passou como um tufão pela Itália, Espanha e Portugal; atravessou a França, a Inglaterra e os Países Baixos; percorreu a Alemanha, a Escandinávia e a Rússia. Ainda que os flagelos da fome e da guerra tenham sido resolvidos mais rapidamente, a Peste Negra – que se apresentou sob duas formas, a pulmonar e a bubônica – foi um dos grandes flagelos da Humanidade, e por 400 anos (1348 – 1720) assolou a Europa, concomitantemente a outras doenças contagiosas. Seu desenrolar e consequências causaram profundas marcas na mentalidade Medieval, influindo não só na configuração física da população como no seu comportamento.

Por alguns foi comparada à praga que assolara o Egito; por outros, ao próprio cavaleiro do Apocalipse, ou um novo Dilúvio. Outros ainda achavam que tudo podia ter partido de pessoas que intencionalmente desejavam causar o Mal e, portanto, deveriam ser contidas. Essas concepções também se manifestaram na Arte e no meio Eclesiástico. Religiosos viam no flagelo a Ira Divina que punia o pecado dos Homens; os Artistas o concebiam na forma de flechas vindas do Céu de modo tão fulminante que ninguém, rico ou pobre, fraco ou poderoso, poderia escapar. Mesmo assim, é claro que as camadas inferiores da Sociedade sofreram muito mais, não só pelas precárias condições de higiene como pela dificuldade de abandonar os locais atingidos pela doença. O número de seitas autoflagelantes aumentou bastante, pois esses grupos procuravam encontrar nesse processo de penitência o remédio para conter a Epidemia. As tensões sociais cresceram, explodindo no ódio contra os ricos e contra as minorias, particularmente Judeus e leprosos, acusados de envenenarem, pelo contato, a água de rios e poços. Seja como for, pelas transformações sociais e psicológicas provocadas no Homem Ocidental, e pelas suas consequências, a peste, conforme salientam os Historiadores, foi “uma grande personagem da História”.

Perceba que todos os assuntos que estamos tratando não podem ser literalmente separados uns dos outros, pois assim é a História: multifacetada. E os eventos que decorrem uns dos outros estão em íntima associação. Nada pode ser estudado ou compreendido isoladamente porque estão acontecendo, muitas vezes, ao mesmo tempo!

Por esse motivo, depois desta contextualização terrível do que acontecia na Europa econômica e politicamente, voltemos ao aspecto religioso: à Inquisição... e às Bruxas. Como identificar uma Bruxa pelos preceitos da Idade Média?

Acabamos de citar Joana d’Arc (1412 – 1431) dentro do que comentamos

sobre a guerra dos Cem Anos... mas ela morreu como herege. *Em quê* – ela foi mais importante para a História? A "Heroína da França", por causa de suas ousadas atitudes, foi acusada de Feiticeira, falsa Profeta, invocadora de espíritos malignos, idólatra maldita e amaldiçoada, sediciosa, perturbadora da paz do País, incitadora de guerras, sequiosa de sangue, mágica, cruel, apóstata, cismática e herege. Vítima de uma traição, ela foi feita prisioneira e entregue ao Tribunal da Inquisição para ser julgada. Por ela, "Deus tinha sido ofendido sem medida, a fé excessivamente afrontada, e a Igreja desonrada". Foi queimada em praça pública. Cada um que julgue por si.

Uma espécie de "Manual" foi concebido para o estudo das técnicas de identificação de Bruxas e de como fazê-las confessar Heresias. Era uma poderosa mistura de ideologias com superstições e fantasias que tinham por objetivo dar dicas de como localizar o Diabo. Expressavam ideias tais como a de que as Bruxas causavam malefícios ou danos por meios ocultos. Por exemplo, através de Vodu: alfinetadas em bonecos de pano que simbolizavam a vítima. Mais adiante criou-se uma nova dimensão do problema ao afirmar-se que, na verdade, esse poder dado às Bruxas era decorrente de pactos feitos com o Diabo (lembra-se do Fausto?). Fazer sexo com Satanás era uma das maneiras de abrir a porta para adquirir poderes, espalhando o caos e a morte. O tal manual – o *Malleus* – resgata claramente a ideia da mulher sendo inferior ao homem e, portanto, muito mais sujeita a ser seduzida pelo Diabo, o que introduz a ideia sexual à teoria. Hoje vemos que tal Livro é uma interessante *prova* de um pensamento que vigorou durante Séculos. Mais tarde foi atacado por muitos escritores, uma vez que suas ideias não produziram nenhum resultado real, apenas um massacre em massa. Mas, ironicamente, era encarado como a "Misericórdia da Tortura", já que a confissão e a morte expurgariam o pecado!

Observe que a Inquisição estendeu-se pelo final da Idade Média, alcançando a Era Moderna. Uma coisa se interpenetra na outra. Não é porque a Idade das Trevas finalmente chega ao fim que imediatamente tudo muda. Tudo é fruto de um processo. E ainda que pensemos em Bruxas e horrores como fazendo parte da Idade Média, a era Moderna ainda foi visitada por esses fantasmas.

Os Teólogos desejariam fazer do Diabo uma figura real e poderosa, mas, de certo modo, era politicamente incorreto – especialmente naquele momento, e dentro daquele contexto – atribuir poder em demasia a ele; quer dizer, ele não poderia ter poder *algum*, não lhe seria permitido ser o verdadeiro *rival* de Deus. Quem acreditasse realmente nisso poderia ir parar na fogueira ao lado das Bruxas. Então, elas foram muito úteis, claro, pois criavam a noção de uma aliança maligna, contrária à Igreja e a Deus, o que era poderoso o bastante para explicar o mal que estava sendo causado contra vidas humanas.

Até então, a Bruxaria mal era prevista pela Lei Medieval, sendo algo de cunho particular da Igreja, controlada pelo Papa e pelos que nomeava como Inquisidores: Monges Dominicanos e Agostinianos. Mas em 1252, o Papa Inocêncio IV publicou um documento intitulado "*Ad Exstirpanda*", em que vociferou: "Os hereges devem ser esmagados como serpentes diabólicas". As autoridades civis, sob ameaça de excomunhão no caso de recusa, eram ordenadas a queimar os hereges. O "*Ad Exstirpanda*" foi renovado e reforçado por vários Papas nos anos seguintes.

As confissões pessoais foram o meio principal de condenar as Bruxas dentro do Sistema Legal do Continente, e já não como algo de exclusiva incumbência da Igreja (!!!!): sem confissão não há como provar o crime. Os acusados de Heresia eram obrigados a concordar com as acusações, tornando-se, assim, seus próprios acusadores. O depoimento de duas testemunhas bastava como prova de culpabilidade (é fácil notar que histórias de encontros noturnos em que se faziam orgias e se planejavam o mal de pessoas estavam presentes em muitas acusações a Judeus, leprosos e hereges, muito antes de serem usadas contra as Bruxas).

Para conseguir a confissão institui-se a prática da tortura, autorizada por Inocêncio IV, para obter a verdade dos suspeitos. Caso o Herege se apresentasse por vontade própria, os castigos seriam menores. Os castigos e sentenças se proclamavam, em cerimônia pública, no fim do processo (Auto de Fé). Podiam ser desde uma peregrinação, um suplício, uma multa, o confisco das propriedades, detenção, prisão perpétua ou morte. Claro que o que geralmente acontecia era a morte.

Haviam muitas formas de tortura, um verdadeiro arsenal de terrores. A manjedoura, para deslocar juntas do corpo; arrancamento das unhas; ferro em brasa em diversas partes do corpo; rolamento do corpo sobre lâminas afiadas; as "botas espanholas", que esmagavam as pernas e os pés; a "donzela de ferro", pequeno compartimento em forma do corpo humano, aparelhado com facas que dilaceravam o corpo da vítima ao ser fechado; suspensão violenta do corpo, pelo pés ou mãos às costas, para deslocamento das juntas; chumbo derretido no ouvido ou na boca; arrancamento dos olhos; açoites com crueldade; engolir pedaços do próprio corpo, excrementos e urina; violências sexuais; o "balcão de estiramento", que desmembrava o corpo das vítimas; esmagamento lento da cabeça da vítima, dentre outras formas de tortura. Além desta submissão quase ininterrupta a jogos emocionais e mentais indescritíveis, interrogatórios intermináveis e repetitivos, privação de alimento e dores terríveis, as Bruxas podiam também ser despidas (independente do frio que faz nesses países da Europa), e vigiadas dia e noite, aprisionadas numa cela completamente vazia. Poderia durar três dias e três noites. Quando a mulher começava a cochilar, de

terror e pura exaustão, entravam e impediam-na de dormir, obrigando-a a andar dentro da cela. A privação de sono, nestas condições, tem poderes indescritíveis, podendo levar à loucura.

As confissões podiam levar dias e dias, e só encerravam-se se a vítima desmaiasse. Como não podiam “repetir a tortura”, o fato de haver o desmaio e a tortura continuar depois era apenas uma “continuidade” e não uma nova tortura. Que pesadelo.....!!! Depois de acusados, os hereges tinham pouca chance de sobrevivência. O processo era sumário: rápido, sem formalidades, sem direito de defesa.

Quer dizer... que se podia fazer a não ser dizer o que eles queriam?!... Que escapatória havia? A única solução era confessar. Diante de tal estresse físico, emocional e mental, simplesmente confessar *qualquer coisa*: voar noite adentro para participar de orgias, matar pessoas por meio de Bruxarias absurdas, frequentar os Sabás. Aliás, o Sabá só podia ser entendido como a negação absoluta do Cristianismo e dos Países Católicos: em vez de adorar a Deus, você reza ao Diabo e faz coisas horríveis. Isto em todos os sentidos, o que não é humanamente compreensível. Mas, Historicamente falando, os detalhes do Sabá existiam apenas na imaginação popular; tão absurdo era que se admitia fazer parte de uma alucinação coletiva.

Além de condenar a Bruxa em questão, as confissões tinham por objetivo também levantar seus “cúmplices”, para “facilitar o trabalho”. É muito fácil de entender que as mulheres torturadas, depois de certo tempo, incriminavam quem quer que fosse, inclusive pessoas da família, como mãe e irmãs (que muito provavelmente eram tão inocentes quanto quem estava sendo torturada). As novas vítimas, uma vez denunciadas, eram submetidas ao mesmo processo injusto e indecentemente cruel.

Claro que o Deus de Amor que conhecemos jamais agiria de tal maneira. Boa estratégia do inimigo, porque conseguiu fazer com que o grande “Mandante” destes assassinatos em massa fosse o Senhor. O Diabo era a “vítima”!

A Bruxa típica era, em geral, uma pessoa comum. Indisposições com os vizinhos, ou com a Comunidade, ou com a Igreja, por mais tolas que fossem, acabavam criando fofocas e boatos. Fofocas e boatos sobre Bruxas e Demônios eram frequentes, e todo aquele que por algum motivo destoasse, logo a má fama corria, muitas vezes até lentamente; quer dizer... a pessoa logo era “transformada” em Bruxa. Na Inglaterra, achava-se que o Diabo poderia se mostrar como um animal doméstico e a mulher o deixava sugar sangue de uma “teta escondida”, e este era o sinal do pacto. Durante o processo de Inquisição, estas tais “tetas” eram absurdamente procuradas no corpo da mulher, ao mesmo tempo em que ela era dia após dia brutalmente induzida a dizer aonde estavam

escondidas. Cito este disparate absurdo para que você veja o *tamanho* do absurdo, que não tem jeito melhor de explicar a não ser dizendo que era mesmo *um absurdo*!!! Um negócio sem o mínimo fundamento!!

Quanto às execuções públicas, ainda que se fizessem “em nome de Deus” e com a intenção de “salvar a alma arrependida”, é claro quem foi o verdadeiro autor de tudo isso. Na Inglaterra elas eram enforcadas como criminosas. No Continente eram queimadas, depois de estranguladas. Se, porventura, não conseguissem a confissão, a pessoa morria como Herege e, então, não era estrangulada antes, mas morria lentamente na fogueira. Podia-se chegar ao cúmulo de usar lenha úmida, e o fogo não era suficiente para matar rapidamente...

Mas a Inquisição não aconteceu somente contra as Bruxas. E também não foi somente em um país da Europa.

O Massacre da Espanha foi dirigido por Tomás de Torquemada (1420 – 1498), espanhol, nomeado para cargo de Grande-Inquisidor pelo Papa Sisto IV. Ele dirigiu o Tribunal do Santo Ofício durante 14 anos e tornou-se um dos mais famosos Inquisidores, célebre pelo fanatismo e crueldade. De mãos dadas com os Reis Católicos, expulsou da Espanha os Judeus por Édito Real, em 1492 (já dentro da Era Moderna). Os Judeus tiveram prazo de 4 meses para se retirarem do país sem levar dinheiro, ouro ou prata. É acusado de ter condenado à fogueira mais de 10.000 pessoas, e cerca de 100.000 foram encarceradas, banidas ou perderam suas terras. A Inquisição Espanhola que, como as Inquisições de muitos países Europeus, já vinha acontecendo havia mais de um Século, formalizou-se um pouco antes deste absurdo cometido contra os Judeus, em 1478, através de um decreto dos Reis Fernando V e Isabel I. Este tinha o objetivo de se ocupar do “problema” dos Judeus e, mais tarde, dos Muçulmanos convertidos ao Cristianismo.

A Inquisição Espanhola foi um poderoso instrumento nas mãos do Estado, *servindo mais a este do que à Igreja*. Tornou-se, também, conhecida pela crueldade e obscurantismo. O Dominicano Tomás de Torquemada executou milhares de supostos Hereges. A Inquisição acabou na Espanha somente em 1843 (metade do Século XIX)!!!

Portugal repetiu o mesmo processo de violência Inquisitorial. Os Judeus espanhóis, fugindo da perseguição e da morte que os ameaçava na Espanha, atravessaram a fronteira após pagarem, por cabeça, uma soma em dinheiro ao Rei D. Manuel I. Mais tarde, estes Judeus foram submetidos ao Batismo forçado e as crianças separadas de seus pais e levadas para os arquipélagos de Açores e Madeira para, junto a casais católicos, cresceram na Fé Cristã...

Portugal instalou seu Tribunal do Santo Ofício no Rossio, em Lisboa, em

1536. As perseguições foram de tal magnitude que o comércio e a indústria na Espanha e em Portugal ficaram praticamente paralisados. As execuções públicas eram conhecidas como “Autos de Fé”, e os Portugueses triunfalmente encerraram os seres humanos na fogueira. Se o acusado, antes de o fogo ser aceso, confessasse sua culpa, era garroteado (estrangulado) para não ser queimado vivo. Mesmo assim, as chamas cumpriam seu papel de acabar de purgar os pecados e o fogo era aceso para consumir o corpo. Até meados do Século XVIII, a Inquisição funcionou em Portugal, mantendo a penalização de matar, garroteado ou queimado, os suspeitos de serem Judaizantes ou Heréticos. Até 1732, o número de sentenciados atingiu mais de 23.000, e 1554 condenados à morte. Na Torre do Tombo, em Lisboa, estão registrados mais de 36.000 processos. Daí porque os 4.500 processos liberados pelo Vaticano recentemente não contam toda a história da desumana Inquisição.

Em 1542, alarmado pela difusão do Protestantismo, o Papa Paulo III recrudesceu a Inquisição e estabeleceu o Tribunal do Santo Ofício (na prática, era a mesma coisa: acabar com a heresia).

Por exemplo, o Massacre de São Bartolomeu foi contra os Protestantes (apelidados de Huguenotes). Com a concordância do Papa Gregório XIII, o Rei da França, Carlos IX eliminou em poucos dias milhares de Huguenotes. A matança iniciou-se na noite de 24 de agosto de 1572, em Paris, e se estendeu a todas as cidades onde se encontravam Protestantes. Foram martirizados cerca de 70.000 neste conflito, e “quando a notícia chegou a Roma, a alegria do Clero não teve limites. O Cardeal de Lorena recompensou o mensageiro com mil coroas e o canhão de Santo Ângelo ribombou; os sinos dobraram em todos os campanários; o Papa, acompanhado dos Cardeais, foi à Igreja de São Luís em procissão, e ali o Cardeal de Lorena cantou o *Te Deum*, dando “graças a Deus e a São Luís”. Na noite de 24 de agosto foi assassinado um dos Líderes do Protestantismo, e sua cabeça enviada ao Papa Gregório III.

Calcula-se que a Inquisição, que pode ser considerada um Movimento Fundamentalista *Cristão*, matou milhões na Europa... Conta-se que num único dia podiam ser mortos até 100.000 hereges. A lista de mártires parece não ter fim! A Igreja Católica estava disposta a vigiar e manter sob seu domínio todo o universo do pensamento Humano. Qualquer um que ousasse defender suas ideias – científicas, religiosas, sociais, ou de qualquer espécie –, e que fossem considerado em desacordo com a interpretação da Igreja, a pessoa tornava-se uma herética. Por esse crime era julgada e condenada.

Pelo modo cruel como milhares perderam a vida, pelos meios indescritíveis com que foram subjugados, torturados e literalmente assassinados... pelos milhares que perderam a vida nas Cruzadas... os Historiadores não vacilam em

afirmar que o Santo Ofício (a Inquisição) e as Cruzadas foram crimes contra a Humanidade!!! E isto a Igreja não poderá apagar dos seus anais. A Igreja Católica Apostólica Romana, apenas no final do Século XX resolveu abrir os arquivos do Santo Ofício e colocá-los à disposição dos pesquisadores. Nestes arquivos, conforme noticiado, constam 4.500 obras que relatam fatos dos Séculos de Inquisição. A abertura destes documentos é de muita valia para os pesquisadores, interessados em conhecer melhor a chacina que levou milhões à morte. Todavia, até então tudo tinha ficado guardado a sete chaves... Os processos, os métodos de tortura... mesmo que aquilo que foi liberado não se traduza na realidade, isso não impediu que o Mundo tomasse conhecimento dos crimes Inquisitoriais. A História não pôde ser apagada.

A Era Moderna: o começo da Era Moderna na Europa chama a atenção imediatamente pelo surgimento de uma nova Cultura, o Renascimento. Porém, repare... Surgiu algo novo, só que havia ainda as marcas, os resquícios da Idade Média. Ou seja, ainda era uma Sociedade que nutria um enorme medo do Diabo. Esse momento psicológico ficou marcado nos versos da Divina Comédia, de Dante Alighieri, escritos no Século XIV. Também, a Arte Renascentista pintou em cores fortes o Inferno e seus horrores, especialmente porque o período da Peste Negra perduraria ainda durante muito tempo e a convivência com a morte e a desgraça era cotidiana.

Quando caiu o Império Romano do Oriente (1453) e a tomada de Constantinopla assinalou o final da Idade Média, em algum momento percebeu-se que as guerras já não eram tão lucrativas. Antes, as guerras tinham uma função política que propiciava aos Reis dividir com seus guerreiros os despojos do inimigo, e através desta “generosidade” reafirmar a autoridade chefe-guerreiro. Os povos conquistados passavam a pagar tributos ao conquistador e isto aumentava não só os grandes Impérios como aumentava os benefícios das vitórias militares. Os guerreiros eram considerados como hoje em dia o são os Empresários, desfrutando de posição social muito boa. Assim foi durante a Antiguidade e a Idade Média. Mas quando começou a Idade Moderna, esse padrão começou a mudar, tendo início uma forma inédita, na História da Humanidade, de desenvolvimento. Esse padrão desembocaria futuramente na Sociedade Capitalista atual – comandada por Empresários e não por Aristocracias Guerreiras e pela Igreja.

No Capitalismo, a Guerra ficou subordinada ao Comércio, e suas raízes aconteceram nessa transição de Idade Média para Moderna. As Cruzadas, no final da Idade Média, começaram movidas pela fé... passaram para uma sequência de conquistas e, por fim, interesses comerciais. As Expansões Ultramarinas também vieram para fortalecer os vínculos comerciais. Portugal

conquistou Ceuta (1415), a Nobreza defendia a conquista do Marrocos e os comerciantes já queriam uma expansão marítima para o Sul. Com Dom João II (1481 – 1491), Portugal entrou no apogeu da política comercial e marítima e a Nobreza foi ferramenta abatida. Mais até do que o final das Cruzadas, a Expansão Ultramarina assinala o momento histórico em que os comerciantes suplantam os guerreiros.

De resto, vieram as colonizações. Como os povos da Antiguidade ficaram conhecidos por sua agressividade expansionista, na América o fenômeno não foi muito diferente Os Espanhóis (1492 –1572) dizimaram Incas, Maias e Astecas que estavam, então, também em processo de expansão entre eles, os mais fortes dominando os mais fracos. Havia muito ouro dentre esses Povos, cidades magníficas e ricas. A coisa foi mais ou menos assim: “Gostei do que vocês têm... Acho que vou ficar com tudo”. Foi uma carnificina indizível, marcada pela crueldade dos conquistadores que não tinham realmente que prestar contas a ninguém dos estupros, dos assassinatos, da humilhação da pilhagem, da ganância pessoal que os motivava.

Os Portugueses foram os primeiros Europeus a colonizar regiões tão distintas como o Brasil, Moçambique e Macau; a organizar expedições para regiões ricas como Malaca (atual Malásia) ou às Ilhas de Especiarias, as Moluscas; a erigir fortalezas nos mais diferentes locais do Globo, como Calicute e Pernambuco; a enviar Missionários a países do Extremo Oriente. O apoio da Monarquia foi fundamental, pois o Império Colonial Português resultou, basicamente, da união dos esforços da Coroa, dos Comerciantes e da Igreja Católica. Os três grupos tinham interesses econômicos no empreendimento, pois iriam lucrar com as navegações e conquistas. Os Reis e Comerciantes queriam anexar novas terras e povos, a Igreja queria “evangelizar pagãos e infiéis”. Os recursos obtidos de cada viagem – como escravos, pimenta, ouro – ajudavam a financiar novas viagens. A colonização da América criou um importante ponto de apoio para as atividades na Europa. O modelo colonial português se caracterizou pelo escravismo colonial, que resultou da combinação entre economia açucareira, tráfico negreiro e pacto colonial (Monopólio). A produção açucareira do Brasil, por exemplo, somente era comercializada com Portugal, e deles compravam produtos manufaturados. Quer dizer, Portugal tinha exclusividade tanto para compra quanto para venda. O desenvolvimento urbano entrou em nova Era.

A consolidação da classe rica dos Comerciantes, conhecida como Burguesia, foi um importante fator da Era Moderna. O jogo de compra-e-venda gera a concorrência entre os agentes econômicos, concorrência inteiramente baseada no interesse comercial de cada um. O Comércio é uma atividade que divide as pessoas, transformando-as em concorrentes. É isso que, em grande parte, gerou o

moderno individualismo. Por outro lado, o fato de cada um precisar confiar na própria iniciativa e criatividade, sem desviar a atenção da realidade concreta, calculando riscos e lucros, estimulou o comportamento racional. O uso da experiência e de cálculos matemáticos na procura da Verdade tinha estreita relação com a crescente realidade da vida econômica.

E veio o Renascimento – já citado. Um dos seus cernes foi o Humanismo, cuja verdadeira base está no antropocentrismo, isto é, a *valorização do ser humano*. Esta foi a característica que começou a se opor ao Teocentrismo Medieval. Mas apesar dos Humanistas serem antropocêntricos, não quer dizer que fossem ateus; continuavam Cristãos. Mas ao se afastarem um pouco da Religião, os Humanistas fizeram da capacidade de conhecer pela Razão uma das qualidades mais elevadas do homem. A fim de poder empregar e desenvolver a inteligência humana, defenderam o livre exame dos textos sagrados, inclusive da própria Bíblia.

O espírito investigativo impulsionou o pensamento científico. Calcado na experiência e na demonstração matemática, foi isso que colocou Leonardo da Vinci na origem da Ciência Moderna:

“Minhas ideias nasceram da pura e simples experiência, que é verdadeira mestra (...). A experiência é a única intérprete da Natureza: é preciso, pois, consultá-la sempre e variá-la de mil maneiras (...). Sem experiência não há certeza (...). Antes de formular uma regra geral, repita a experiência e veja se os resultados são constantes (...). Nenhuma investigação humana pode se chamar de verdadeira Ciência se ela não passa pelas demonstrações matemáticas”.

Um pequeno aparte: na expressão do pensamento de da Vinci, no seu método de trabalho, e por sua linha de raciocínio, vemos como isso também serve indiretamente para nós, Cristãos... Quantas vezes fazemos das “experiências pessoais” doutrinas a serem ensinadas como regra geral, e nos comportamos como “donos da Verdade”, incorrendo em erro e levando muitos pelo falso caminho? Podemos aprender, sim, com o modelo de raciocínio desses Cientistas, que tinham mais interesse no descobrimento da Verdade do que simplesmente em “ter razão”, provando que eram “melhores do que os outros”.

Da Vinci, ao lado do polonês Copérnico (1470 –1543) e do italiano Galileu Galilei, foram os precursores da Ciência Moderna. Os três ficaram famosos por terem estabelecido, contra a vontade da Igreja, a Teoria Heliocêntrica (Terra gira em torno do Sol, não é o centro do Universo), em contraposição à Teoria Geocêntrica (Terra é o centro de tudo, tudo gira em torno dela). Mesmo assim, Galileu quase foi parar na fogueira da Inquisição. Por fim, teve também enorme importância para o estabelecimento da Ciência Moderna o inglês Isaac Newton (1642 – 1727), que coroou o trabalho de seus antecessores com a Lei da

Gravitação Universal.

Em linhas gerais, as realizações artísticas (que agora tinham duas características importantes: a naturalidade e a humanidade) e intelectuais do Renascimento contribuíram poderosamente para emancipar a Cultura da tutela eclesiástica, do domínio e interesses da Igreja. O Renascimento foi um importante elo no processo de libertação da Razão, completamente tolhida durante quase mil anos pelo regime imposto na Idade Média. Essa libertação culminou na Filosofia Iluminista e na constituição da Sociedade Burguesa e Capitalista. Isso foi fruto da nova "experiência social" experimentada a partir do Renascimento, um universo novo em cujo centro se encontrava o ser humano, e não Deus. Não se negava que Deus tivesse criado a Natureza e os Homens, mas o que importava agora era a compreensão racional tanto da Natureza quanto da Sociedade. Essa mudança de perspectiva fez toda a diferença, porque não é errado – em si mesmo – procurar o por quê das coisas, uma vez que Deus nos fez dotados de inteligência.

A língua foi algo que mudou um pouco também nesta época. Os escritores Medievais exprimiam-se em Latim – a língua falada pelos antigos Romanos e que a Igreja preservara como idioma oficial. Petrarca, autor de "Cancioneiro", a mais apreciada de suas obras, a qual reúne 366 poemas, fez dele o primeiro poeta lírico moderno, mas é preciso mencionar que sua obra foi escrita em italiano, algo inédito! "A Divina Comédia", de Dante, seguiu o mesmo caminho, sendo por isso considerada vulgar. O Latim continuou sendo a língua adotada pela Igreja, bem como pelos intelectuais. Era o idioma nobre, em contraposição às línguas faladas no dia a dia, pelo povo, como o italiano, o francês, o português, etc...: as línguas vulgares. Tanto Dante como Petrarca valorizaram a língua vulgar, fazendo do italiano uma língua literária. Isso quer dizer que qualquer um, alfabetizado, poderia ter acesso a obras e conhecimentos antes completamente inacessíveis. Isso, sem dúvida, era mais uma pequena "paulada" na soberania da Igreja. Também contribuiu para a transformação do italiano em linguagem literária o escritor G. Boccaccio, autor de "Decamerão", um livro com cem histórias que se tornou modelo da prosa italiana. Logo, o uso e a valorização da linguagem vulgar difundiu-se por toda a Europa; foi nesta língua que produziu suas obras o autor Shakespeare (Inglaterra: 1564 –1616), considerado um dos maiores dramaturgos de todos os tempos, mas que foi desprezado por seus contemporâneos uma vez que suas obras foram consideradas "vulgares" demais. Bem, que se há de fazer, né? Assim foi com *tantos* artistas que morreram na miséria e somente depois foram projetados como ícones, "sublimes, perfeitos, avançados para a época, etc... etc... etc.... Shakespeare escreveu, dentre outras, as famosas "Romeu e Julieta", "Hamlet" e "Macbeth". Cervantes (Espanha: 1547 –

1616) é autor da obra-prima “Dom Quixote”; Rabelais (França: 1494 – 1553) escreveu “Gargâtua” e “Pantagruel”; todos eles também difundiram o italiano para uso da obra literária. No Século XVI, a Itália nos deu um pensador político de grande importância: Maquiavel (1466 –1527), autor da célebre obra “O Príncipe”, em que a arte de governar é considerada sob a ótica puramente humana.

É até engraçado pensar como isso aconteceu, uma vez que a Itália era muito mais uma mera “posição Geográfica” do que um País, pois desde o Século XI da Idade Média ela era composta por uma multidão de cidades-estado independentes – junto com o Estado da Igreja – e assim continuou até o Século XIX. Mas na época do Renascimento, algumas destas cidades-estado destacaram-se pela sua riqueza e pela proteção que dispensavam aos artistas e intelectuais. Foi assim com Florença, Milão e Veneza. Florença se converteu no principal centro renascentista e nela trabalharam os mais célebres artistas e intelectuais da época, como o já citado Da Vinci, mas também os artistas plásticos Michelangelo e Rafael, que trabalharam para os Papas na pintura religiosa e deixaram *aquele* legado para a Humanidade!

Fora da Itália, brilhava o Humanismo Cristão do Holandês Erasmo de Roterdã (1466 –1536), autor de “O Elogio da Loucura”, obra na qual são satirizados os abusos cometidos pelos clérigos em nome da Igreja. Na Inglaterra, Thomas Morus se consagrava com “A Utopia”, na qual ele descreve uma Sociedade Imaginária, fraterna e sem desigualdades.

A difusão dos valores do Renascimento em muito se deve à invenção da Imprensa. Na época dos copistas Medievais, uma obra demorava muito para ser reproduzida, mas a partir da invenção da prensa com tipos móveis essa tarefa ficou muito mais facilitada. Isso deu impulso à produção e divulgação dos Conhecimentos Humanos. Dá até um alívio pensar que aquela “Era das Trevas” estava terminando...

O QUE FOI A REFORMA RELIGIOSA?

Um dos grandes legados da Era Moderna.

Se houve o surgimento de uma nova Cultura – o Renascimento –, e de uma nova Economia –, engendrada pela Expansão Ultramarina e o desenvolvimento do Comércio –, houve também outro processo que desempenhou papel da maior importância: a centralização política e o desmoronamento do Modelo Feudal, que fez dos Monarcas figuras cada vez mais poderosas. Os Estados Nacionais se formaram e se fortaleceram. Os embates políticos internos ganharam nova dimensão e as guerras se tornavam enfrentamentos de Nações. O mapa da Europa assumia uma nova configuração e isto alterava o Mapa do Mundo. Com a gigantesca exploração da América, transferiu-se para a Europa um volume simplesmente incalculável de riquezas que, posteriormente, dariam base e contribuiriam para promover a Revolução Industrial. E no final do Século XVIII, na Inglaterra, surgiria o Capitalismo. Tudo isso nós já estudamos até aqui.

Mas a Idade Moderna também foi palco do aparecimento de uma nova Religião: o Protestantismo.

As criações artísticas e intelectuais do Renascimento foram produzidas por pessoas culturalmente preparadas, e dado seu caráter inovador não atingiram todas as camadas sociais, como era esperado. Já a Reforma, pelo contrário: propagou-se rapidamente por toda a Europa e mobilizou a Sociedade, provocando desde rebeliões camponesas até guerras prolongadas entre Estados, passando por massacres e perseguições, como não podia deixar de ser. Quem está roendo o osso não está a fim de largá-lo de jeito nenhum? Claro! O Catolicismo não se entregaria facilmente. Desde o Século XIV, assolada pelas calamidades públicas já explicadas (fome, peste, guerras), a Europa presenciou uma lenta transformação no modo de vivenciar a Religião. Tendo passado pela traumática experiência de conviver com a morte diariamente, a preocupação com a salvação da alma assumiu uma importância enorme na vida das pessoas. Claro que nada acontece da noite para o dia; são precisos anos, gerações, para que largos passos sejam dados. Especialmente se esses passos não são incentivados pelos grupos dominantes.

O Protestantismo surgiu em decorrência da Reforma. Foi um Movimento Cismático dentro da Igreja Católica que questionou a supremacia Eclesiástica do Papa e que, por fim, propiciou a instauração das Igrejas Protestantes. O movimento surgiu no Século XVI, quando Martinho Lutero desafiou o Papa.

Como tudo começou???

A Igreja Católica encontrava-se despreparada para atender às novas necessidades espirituais dos fiéis, que buscavam explicações e tinham muito

medo da Vingança Divina. A Igreja, ao invés de exibir um modelo diferente, reproduzia as mesmas desigualdades sociais: existia o Alto Clero (Papas, Cardeais, Arcebispos, Bispos e Abades), cujos representantes vinham quase que exclusivamente da Nobreza; e o Baixo Clero (Padres Paroquiais, principalmente), constituído por indivíduos das camadas inferiores da Sociedade. O problema, entretanto, veio do topo da hierarquia Eclesiástica. Os Papas Alexandre VI (1492 – 1503), Júlio II (1503 – 1513) e Leão X (1513 – 1521), destacaram-se como grandes mecenas no Renascimento e são invariavelmente mencionados pelos Historiadores como religiosos negligentes em seus cargos e mais interessados nos afazeres do mundo profano. Os Bispos não davam exemplo melhor. Escolhidos entre as famílias nobres e por acordos entre Reis e Papas, a nomeação era muitas vezes simples pagamento por trocas de favores. Interessados apenas em seus salários, os Bispos nem sequer residiam na Diocese e muito menos davam a devida orientação aos Padres, cujas paróquias estavam lotadas de pessoas famintas por alimento espiritual, por *qualquer coisa* que as livrasse do medo da morte, do Diabo, do Inferno... e até da vida! Os Padres, por sua vez, muitas vezes eram escolhidos entre os próprios fiéis de um determinado local, sendo geralmente incultos, algumas vezes até analfabetos, que assumiam o cargo sem nenhuma espécie de preparo. Entendiam tanto quanto seus fiéis acerca da liturgia que pregavam. E para finalizar... As missas eram rezadas em Latim, uma língua que ninguém mais entendia!!!

É natural que as pessoas fossem procurar formas alternativas de religiosidade! A mentalidade progressivamente mais aberta do homem da Idade Moderna não conseguia engolir toda aquela ladainha por mais tempo. Já não era *nada* recente!

Os primeiros albores da Reforma vinha de tempos, já. Para dizer a verdade, desde o Século X, Papas, Reis e Imperadores envolveram-se numa disputa de poder. Este conflito criou antagonismos entre Roma e o Sacro Império Romano-Germânico, potencializados durante os Séculos XIV e XV. O descontentamento provocado pelos impostos Papais e pela constante submissão a dignatários eclesiásticos estendeu-se a outras áreas da Europa. No Século XIII, o Papado foi criticado pelos precursores da Reforma por causa da cobiça, imoralidade e arrogância de vários de seus membros.

Jonh Wycliffe (1325 – 1384), inglês, traduziu para sua língua a *Vulgata* de Jerônimo. Este Jerônimo foi um Monge educado em Roma e muito conhecido por sua erudição Bíblica. Passou os últimos 34 anos de sua vida numa caverna próxima do suposto lugar onde Jesus nasceu e uma das suas maiores contribuições, como membro da Igreja Ocidental, foi a tradução de toda a Bíblia para o Latim. Esta tradução ficou conhecida como *Vulgata* e foi feita dos originais Hebraicos, língua que Jerônimo dominava, e não a partir da

Septuaginta, em Grego. Tendo tomado conhecimento real da Bíblia através dela mesma, e não como fruto do que se pregava pela Igreja Católica, empreendeu severas reformas na Igreja. Jonh Huss (1372 – 1415) ensinou muitas das medidas reformadoras de Wycliffe, só que foi acusado de heresia e queimado vivo. Girolamo Savanarola (1452 – 1498) pregou contra a riqueza e o luxo do Clero; foi martirizado em 1498. Outros ensaiaram uma tentativa real de mudança. Mas ficou só no ensaio. Entretanto, já mostravam uma insatisfação meio escondida.

O próximo grande e real período de atividade teológica no Ocidente foi na época em que o clamor por reformas na Igreja chegou ao seu ápice. O Humanismo e a invenção da Imprensa derrubaram o escolasticismo como Filosofia principal da Europa Ocidental, privando os Líderes da Igreja do monopólio sobre a Cultura. Isto gerou as condições para que Martinho Lutero e Calvino instituíssem de fato a Reforma.

Martinho Lutero (1483 – 1546) não era um Humanista (Homem de Letras), mas, sim, um Monge Agostiniano que se desviou da carreira jurídica para a qual se preparava. Temendo não ser merecedor da Salvação, optou pela vida religiosa, fez penitências e chegou a Professor de Teologia na Universidade de Wittenberg, Capital da Saxônia (Alemanha). Mesmo assim, sua inquietação persistiu até que, com base nas Epístolas de Paulo, uma luz se acendeu e ele conseguiu formular uma Teologia de Salvação da Alma que finalmente o aliviasse de seus terrores (o medo do Inferno). Com a nova ideia, embasada na Bíblia, Lutero atacou o próprio *cerne* da Igreja Medieval, sua Doutrina, que afirmava que a Salvação era obtida como consequência das obras, isto é, das “boas obras orientadas pelas Instituições Eclesiásticas”. Nisso, a Igreja e o Corpo Clerical eram indispensáveis à salvação dos fiéis que, como leigos, não sabiam o que fazer para salvar a própria alma.

Neste espaço limitado não é possível conceder a Lutero aquilo que lhe é devido; afirma-se que mais livros foram escritos sobre sua pessoa do que qualquer outro personagem da Cristandade, exceto o próprio Cristo.

Lutero foi capaz de ler as Escrituras e entender o que elas realmente estavam dizendo sobre a Salvação. Ele passou a crer na salvação “somente pela graça” e “somente pela fé”, e que a única Autoridade em qualquer assunto de fé era “somente a Bíblia”. Lutero defendeu a Salvação pela fé em virtude de estar o Homem para sempre condenado por causa do pecado original. Digamos que ele estudou e compreendeu muito bem o cerne do Novo Testamento, seu encaixe com o VT, e passou a valorizar a vida interior do Cristão, e não suas obras exteriores.

Enquanto tudo permaneceu apenas uma convicção pessoal do Monge, isso não

representava nenhum perigo para a Igreja. A coisa “pegou” quando ele a tornou pública, o que ocorreu em decorrência da venda de indulgências na Alemanha. Comprar Indulgências, como atacou ele, faria com que se perdesse a Salvação, ao passo que se delas se esquecesse, “confiando somente em Cristo”, elas seriam totalmente desnecessárias. A indulgência era um perdão “antecipado” pelos pecados, obtido mediante pagamento de valor estipulado pela Igreja. Elas vinham instituídas desde a época das Cruzadas, quando os Papas concediam o perdão em troca da participação dos senhores nas expedições, dispensando-os das penas do Purgatório. Do ponto de vista Católico sobre a Salvação, nada havia de errado com a venda de indulgências, consideradas apenas *uma obra* (Salvação pelas obras). Mas Lutero considerava absolutamente essencial a manutenção da consciência do pecado, coisa que o comércio de indulgências não proporcionava. Portanto, ele resolveu manifestar-se!

Depois de traduzir a Bíblia para o alemão, usando o texto grego de Erasmo, em 1516, a Reforma Protestante, propriamente dita, originou-se em 1517, na Alemanha, quando Lutero publicou suas 95 *Teses*, documento que atacava as Indulgências e a autoridade Papal. Recomendando que a Religião se mantivesse fiel à fé individual baseada nas normas da Bíblia, essas declarações foram parar na mão do Papa e suas Teses foram condenadas. Lutero corria o risco de ser penalizado, como já tinha sido John Huss. A sorte de Lutero foi o Duque da Saxônia sair em sua defesa, tornando-se seu protetor. Mesmo assim, Lutero foi excomungado em 1521.

Mas a Igreja não conseguiu acabar com o problema, pois não tinha ainda percebido que as Teses de Lutero eram expressões de um movimento de interiorização da religiosidade que a Europa Ocidental estava vivendo. Isto quer dizer que Lutero teria seguidores. E foi o que aconteceu. O Luteranismo recebeu adesão de *todas as camadas sociais*, o que deu origem ao grande movimento das massas que ficou conhecido como Reforma Protestante. Foi o barco que apareceu para salvar os que literalmente se afogavam no mar de exigências e pesadíssimo jugo que impunha a Igreja Católica. Cada grupo tinha o seu motivo. Por exemplo, os camponeses humildes foram impulsionados por sua revolta contra a condição miserável em que viviam e fizeram do Luteranismo uma Bandeira Social, embora isso fosse do desagrado de Lutero. Para maior infelicidade da Igreja, as Teses Luteranas deram aos príncipes alemães o motivo que precisavam para romper com a Igreja e voltar a apropriar-se de seus bens – principalmente terras.

Em duas palavras: o Luteranismo foi um sucesso! Difundiu-se rapidamente por toda a Alemanha. Todas as tentativas da Igreja no sentido de refrear o Movimento fracassaram. Dá pra imaginar a confusão indescritível, hein?! E a

coragem desse homem, de enfrentar o poderio da Igreja Romana? Digno de admiração, só pra dizer o mínimo! Lutero foi um Herói da Fé que, com ousadia, ajudou na implantação de uma nova Igreja, livre dos abusos e submissa a Cristo. O movimento Reformista espalhou-se e Lutero foi recebido como Líder revolucionário, já que a Alemanha também estava dividida por motivos econômicos.

Tão grande era sua convicção na nova Doutrina que, em 1521, na presença do Imperador Carlos V e de vários Líderes da Igreja, ao ser questionado se era capaz de renunciar aos seus ensinamentos, Lutero replicou:

"A não ser que seja convencido pelo Testemunho das Escrituras ou por algum outro argumento convincente...(...). A minha convicção vem das Escrituras e minha consciência está presa à Palavra de Deus".

Ou seja, negou-se a qualquer retratação. Foi nesse momento que se deu a excomunhão; porém, Lutero queimou, em público, o decreto Papal de excomunhão.

Carlos V (1500-1568) era, ao mesmo tempo Rei da Espanha e Imperador do Sacro Império Romano-Germânico e, como tal, autoridade máxima sobre a Alemanha. Em 1529, novamente fracassou em tentar levar os Luteranos de volta para dentro da Igreja Católica; por fim, quis obrigá-los pela força. Os príncipes alemães *protestaram*, vindo desse episódio o nome de "Protestantes", dados aos seguidores de Lutero. A unidade Cristã na Alemanha estava rompida de maneira irreversível!

Outro grande reformador do Século XVI foi o Pastor Suíço Ulrico Zwínglio (1484 – 1531), que, como Lutero, considerava a Bíblia a única fonte de autoridade moral. O Reformador na França foi João Calvino (1509 – 1564). Calvino, Teólogo Protestante francês, fugiu para Genebra e, lá, liderou a instauração de uma variação do Protestantismo que, em sua homenagem, recebeu o nome de Calvinismo. Ainda na França, a contribuição para a Reforma também veio do Humanista e Teólogo Jacques D'Étaples Lefèvre, morto em 1537, que constituiu o "Cenáculo de Meaux". Na Escócia, a Reforma foi liderada por Jonh Knox (1505 – 1572), que implantou o Calvinismo como Religião Oficial. Já era uma divisão dentro do Protestantismo... O Calvinismo tinha como principal diferença a doutrina da predestinação, segundo a qual nada se podia fazer para modificar a vontade divina em relação ao destino de cada ser humano. Teoricamente, isso conduziria os fiéis à passividade, visto que, estando ou não entre os eleitos de Deus, nada podiam fazer a esse respeito. Em 1559, as Igrejas Protestantes reuniram-se em um Sínodo Nacional, em Paris, onde redigiram uma Confissão de Fé e uma regra disciplinária. Assim se organizou a primeira Igreja Nacional Protestante da França e seus membros foram chamados

de Huguenotes. Mas bem nos lembramos do que aconteceu aos Huguenotes...

Além de Alemanha, Suíça, Escócia e França, mais um foco da Reforma aconteceu na Inglaterra, e teve como particularidade o fato de ser liderada pelo próprio Rei. Na verdade, surgiu como uma combinação de influências, os ensinamentos de Lutero e as intrigas políticas do Rei Henrique VIII. Apesar de ser contra a Reforma Luterana, Henrique VIII brigou com o Papa e separou-se de Roma com o decreto "Ato de Supremacia" (1534) após não conseguir a anulação de seu casamento com Catarina de Aragão, que não lhe havia dado um filho, mas uma filha, a futura Rainha Maria Tudor. Excomungado após essa histórica decisão de romper com Roma, em 1534, já casado com Ana Bolena, obteve permissão do Parlamento para aprovar uma ata que o nomeava, e a seus sucessores, chefes supremos da Igreja na Inglaterra. Estabeleceu-se, assim, a Igreja Anglicana. Com Ana Bolena Henrique VIII teve outra filha, a Rainha Elizabeth I, sucessora de Maria Tudor. As terras dos Mosteiros foram desapropriadas e mais tarde vendidas a particulares, o que provocou intensa revolução econômica no campo. Mas a Igreja Anglicana foi, no tempo de Henrique VIII, uma versão Nacional Inglesa da Igreja Católica... Em 1539, o Rei obrigou o Parlamento a aceitar a *Ata dos Seis Artigos*, que tornava herética a desobediência aos principais dogmas do Catolicismo. Em contrapartida, a obediência ao Papado continuou sendo um delito. A estrutura Eclesiástica se manteve, à excessão do Papado, cuja autoridade foi passada para o Rei. A forma definitiva foi dada pela Rainha Elizabeth I, que adotou o Calvinismo, porém manteve a estrutura Episcopal e parte da Liturgia Católica.

Em resumo, enquanto o centro teológico de Lutero era a encarnação de Cristo e a Teologia da Cruz, o foco principal de Calvino estava na Glória e Soberania de Deus. Enquanto o primeiro enfatizava que a Igreja deveria operar de maneira independente do Estado, o segundo, pelo menos a princípio, argumentava que a Igreja, mesmo separada do Estado, poderia ter seus assuntos tratados por autoridades civis, as quais deveriam ser Cristãs. Lutero argumentava que a vontade humana está presa pelo pecado, bem ao modo Paulino/Agostiniano, e que Deus elegeu sua Igreja pela graça. Já Calvino, embora concordasse com Lutero, ia além em seus argumentos, pois Deus não somente predestinou os que são chamados para a salvação, mas também os que estão predestinados para a perdição. Apesar destas diferenças básicas doutrinárias, ambos concordavam com o ensino da doutrina a *todos* os crentes, coisa até então inimaginável! Concedia-se dignidade e honra a todos os crentes, pois durante a Idade Média o Clero e os Monges assumiram posição muitíssimo mais privilegiada do que as pessoas comuns, Cristãs ou não. A Reforma defendia a ideia de que todas as vocações são dignas de honra no Reino de Deus, e o Clero diferia, sim, mas não

em *posição*, antes simplesmente no *chamado*.

Durante a Reforma, apesar de atingir a Europa praticamente toda, dividindo-se em Luteranos e Calvinistas, ainda assim surgiu um outro grupo paralelo: o dos Anabatistas, que acreditavam que as ideias de Lutero eram boas, mas não iriam suficientemente longe, pois o ex-Monge ainda continuava com uma visão "demasiadamente Católica", aceitando o batismo de bebês e com uma visão muito elevada dos Sacramentos. Um ardente discípulo do Suíço Zwínglio logo afastou-se das doutrinas do Mestre e rebatizou os adultos que tinham sido batizados quando crianças. Daí o nome Anabatismo, que, em última análise, completou bem a Reforma, uma vez que tanto Calvino quanto Lutero, ainda que esbarrando em questões de menor importância, resgataram – graças a Deus – o espírito do verdadeiro Cristianismo.

Um segundo grupo de Anabatistas tentou edificar o "Reino de Deus" na cidade de Munster, liderados por três homens (M. Hoffman, Jan Mathys e Jan de Leyden), mas depois de um prolongado cerco feito pelos Exércitos Católicos e Protestantes, foram massacrados em 1535. Incrível como o Protestantismo, recém nascido, já se dividia em várias doutrinas paralelas, sem perceberem que – à excessão do Anglicanismo – *todos* tinham razão, *todos* tinham complementado a Revelação Bíblica. Não obstante, no Século XVI, por autorização do Papa Pio V, 100.000 Anabatistas foram exterminados. Outro grupo de Anabatistas foi fundado e introduzido na Holanda, numa forma mais leve.

Outra fragmentação do Protestantismo foi o grupo dos Amish, composto por seguidores de um severo disciplinador chamado Jacob Amman (1644 – 1730). Muitos destes grupos acabaram por estabelecer-se na América.

Enfim: o período da Reforma foi um tempo de grande atividade nos Credos da Igreja. Foram produzidas as seguintes confissões, consideradas as mais importantes:

–Os 67 Artigos – Zwínglio – em 1523.
–Confissão de Augsburgo – Luteranos – em 1530.
–Confissão Helvética – Suíços – em 1536.
–Catecismo Heidelberg – Calvinistas – em 1562.
–Os 39 Artigos da Religião Cristã, do Anglicanismo – Cranmer, forte influência Luterana – revisada em 1571.
–Confissão de Westminster – Presbiterianos – em 1647.

A CONTRARREFORMA

A Igreja Católica Romana respondeu à Reforma e às pressões internas pela renovação das práticas a atuação política do Clero com sua própria confissão e seu Concílio, realizado em Trento, reunido em 1545 e 1563 (Movimento de Contrarreforma). Em 1545, o Papa Paulo III tornou-se o primeiro Papa da Contrarreforma. O Concílio de Trento reafirmou sua doutrina e estabeleceu um conjunto de medidas defensivas e ofensivas diante do crescimento e influência das Heresias do Protestantismo.

A fim de impedir a contaminação dos países ainda não atingidos pela Reforma, o Concílio instituiu o *Index Librorum Prohibitorum*, com obras que os Católicos não poderiam ler, sob pena de excomunhão da Igreja. Também foi instituído o Tribunal da Santa Inquisição para reprimir a Heresia (só um nominho diferente para "Inquisição"). Criou também o Catecismo, para orientar os fiéis, e os Seminários, com a função de formar futuros Padres. Além disso, visando recuperar o terreno perdido, institui-se a Catequese. Apesar disso, o terreno perdido já estava perdido e o Concílio de Trento em nada adiantou para trazer os Protestantes de volta à Igreja Católica. Em 1534 foi fundada a Companhia de Jesus – a ordem dos Jesuítas – e com ela um importante veículo de difusão do Catolicismo, sobretudo na América Latina. Mas na Europa, o quadro desfavorável a ela continuou o mesmo.

Assim, os cem anos de 1545 a 1648 foram turbulentos, durante os quais guerras religiosas entre Católicos e Protestantes foram travadas de forma violenta. Carlos V declarou uma guerra para "desarmar a Heresia". No dia 24 de agosto de 1572, o Rei da França ordenou o massacre dos Calvinistas – Huguenotes – como já visto, e o Protestantismo foi banido do País. Mais de 18.000 foram massacrados na Holanda, pela Inquisição Espanhola. Em 1618, a paz de Augsburgo foi quebrada e a luta armada irrompeu novamente. Mas o Rei Sueco G. Adolpho II (1594 – 1632) adiantou-se e salvou a Alemanha e o Protestantismo.

Finalmente, depois de 1648 as Guerras declinaram. O tratado de paz de Vestfália restaurou a hegemonia da Alemanha, estendida também aos Calvinistas. De acordo com seus termos, a Religião de cada província seria determinada pelo principal Governante de cada uma.

Apesar de tudo o que já dissemos sobre o Renascentismo, o Iluminismo e o Humanismo, a Era Moderna na Europa ainda seria marcada por um enorme medo do Demônio. Mesmo depois da Revolução Francesa em 1789, que pôs fim à Idade Moderna e, finalmente, houve separação entre Igreja e Estado, nos séc. XVIII e XIX Satanás continuou sentindo-se à vontade pois, afinal, como

também já dissemos, as pessoas não deixaram de ser Cristãs. A Igreja Católica ainda tinha forças para enxergar algo de demoníaco no Saber Científico, mas fora do círculo religioso a imagem dele começou a sofrer mutação radical. Nesta época, os Revolucionários Franceses tiveram a mesma sensação de novidade experimentada outrora pelos Italianos do Século XVI. Tanto assim que deram o nome de "Antigo Regime" ao Sistema Social que acabavam de destruir. Os Italianos do Século XVI eram Renascentistas, enquanto só Franceses do Século XVIII eram Revolucionários. Até o Século XIX a Europa foi convulsionada por uma verdadeira Era das Revoluções.

O Romantismo, movimento que revolucionou as Artes a partir do final do séc. XIX, e que pregou a subjetividade, em rebelião contra o autoritarismo Católico, transformou Satanás num símbolo do espírito livre, do progresso e da revolta contra o obscurantismo medieval – o aliado do Homem condenado pela moral Cristã ao sofrimento (doutrina bem semelhante às que encontraremos na Irmandade Moderna). O Romantismo, a despeito do nome, foi um movimento "meio *blue*", se assim podemos dizer, uma vez que a melancolia e um certo pessimismo em relação à vida eram base profunda de todo o Movimento.

O Diabo entrou no séc. XX já com a imagem que dele fazemos hoje, como um personagem menos influente, apesar de continuar inspirando medo, ainda que de forma velada. Ninguém gosta de admitir e o homem secular nem perde muito tempo com isso. Mas os atributos mitológicos de Satanás estão estáveis e sua popularidade é *crescente,* com a proliferação de seitas que o reverenciam. Mesmo assim, a perda parcial do pânico e do respeito que antes impunha, para alguns Estudiosos da Sociedade, não é bom sinal: "Trata-se de uma situação perigosa, pois significa que o Mundo Moderno está perdendo o senso do Mal. E sem senso do Mal, e sem temer o Mal, a Civilização pode desagregar-se e ir, sem trocadilho, direto para o Inferno" (Jeffrey Russell, Professor de História da Religião da Universidade da Califórnia).

Mas, então... será que Satanás, "enfraquecido" pelo racionalismo da vida Moderna, está aposentado? Precisamos que ele volte a *atuar mais,* inspirando novamente respeito e temor para que não caiamos no extremo de achar que "tudo é lícito", que não há Verdades Absolutas, que a vida nos foi dada para ser vivida e devemos ser felizes a qualquer preço? Em última análise, o homem está aqui para *desfrutar* da vida, em total liberdade, de todas as maneiras, sem preocupar-se o tempo todo se vai ou não para o Inferno? Não é bem assim. A História admite: o Diabo está vivo! E desafia os que pensavam que não mais haveria lugar para ele no Mundo regido pela Ciência e pelo senso de que o Homem está acima da superstição, das crenças do Bem – Deus – e do Mal – Satanás.

Entretanto, como dissemos no início deste estudo, muito mais pela necessidade que o ser humano tem de vivenciar o sobrenatural, a julgar pelo cotidiano do Homem Moderno, Satanás continua na ativa. Na Política e na Religião... na Economia Mundial... nas disputas de Mercado... nos conflitos do Oriente Médio entre Judeus, Cristãos e Muçulmanos... e dos Protestantes e Católicos Europeus... e dos Norte-americanos com os Fundamentalistas Islâmicos... na discriminação das minorias... no bandido que afirma que só cometeu o crime porque estava possuído pelo Demônio. Nas crianças e adolescentes que matam a sangue frio seus colegas de escola. Ou ainda mais perto: filhos que matam os pais, ou vice-versa.

Em todos estes lugares, como afirmam os Historiadores, ele está. Personificando o Opositor, livrando o Homem da culpa de carregar uma porção do Mal em seu próprio coração, arremessando sobre ele a responsabilidade de todas as situações que nos desagradam. Em todos esses planos, e em muitos outros, o Diabo continua imbatível (lembre-se... este ainda é um estudo Histórico que envolve os Estudiosos da Sociedade e do Gênero Humano).

O DIABO NA HISTÓRIA

Já vimos anteriormente que a maioria das Culturas Antigas acreditava em Gigantes; era um traço comum e relativamente constante. Não é diferente do relato Bíblico, portanto, agora vamos ver o que a Palavra tem a nos dizer sobre isso. E vamos começar do começo!

1) A Criação

•Gn. 5: 1-2

A palavra hebraica traduzida por “Adão” (Adam) quer dizer “Homem”; em Gn. 5: 1-2 se diz: “No dia em que Deus criou o homem, à semelhança de Deus o fez; homem e mulher os criou, os abençoou, e lhes chamou pelo nome de Adão, no dia em que foram criados”.

O que chama a atenção neste texto, em oposição ao primeiro texto que fala da Criação, é que Deus chama de “Adão” tanto o homem quanto a mulher. Aparentemente, neste sentido, aqui o termo é empregado para designar a qualidade do Gênero Humano, os Seres Humanos *em geral*; e não uma pessoa em particular. Indo adiante pelo capítulo 5 de Gênesis, observamos uma das características constantes da Bíblia, que é a descrição de Genealogias. Estas demonstram que Deus realiza o seu plano por meio de certas pessoas, pois a Genealogia não descreve todos os filhos e filhas que foram gerados pelo nome, porém destaca alguns.

É muito provável que Deus tenha criado *vários homens e várias mulheres*, pois conforme o texto acima, descobrimos que Adão não é um nome próprio, mas um termo que designa a Raça Humana. Antes de Gn. 5, não é citado o termo Adão, mas sempre se fala “do Homem” e “da Mulher”, até mesmo dando a impressão impessoal que o texto aparentemente cria... Quer dizer, poderia ser “qualquer Homem” ou “qualquer Mulher”. Talvez isso queira dizer que no Jardim – antes do pecado original – não existisse apenas um casal.

•Gn. 2: 21-24

Logo após a criação da mulher, o Senhor a trouxe ao Homem. Sendo a mulher recém-criada, não havia ainda filhos, nem pais e nem mães. Contudo, imediatamente após entregar a mulher ao homem, no v. 24, o Senhor diz “Por isso deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne”. Aqui Deus está instituindo, logo de cara, o Matrimônio, ensinando ao homem como deveria ser seu relacionamento com aquela que lhe tinha sido dada. Pelo texto, depreende-se que nenhuma relação íntima tinham tido e não havia ainda filhos, e nem pais e mães para serem deixados. Tudo isso aconteceu ainda no Jardim. Deus apontava o caminho a ser seguido.

Repare... Não se diz neste texto que o homem tinha nome de “Adão”, muito menos que a mulher chamava-se “Eva”. Este nome foi dado a ela depois do pecado original, em Gn. 3:20, “por ser a mãe de todos os seres humanos”. Provavelmente, “Eva” foi a mãe de toda a raça pecaminosa que viria a seguir. Mas não podemos afirmar *qual mulher* foi seduzida pela serpente, uma vez que

cremos que Deus criou vários homens e mulheres, que habitavam no Jardim. Qual mulher parece ser de menor importância diante do fato em si – a queda. Ela somente foi nomeada após o fato consumado.

Inclusive, o "nome" Adão não é citado nestes primeiros capítulos do Gênesis; toda vez que se fala no homem, é apenas assim "o Homem". Novamente, não importa qual homem era desposado com a que veio a se chamar "Eva", ficando em evidência apenas a sua culpabilidade junto com ela e as terríveis consequências que esse casal trouxe a todas as futuras gerações da Terra. O nome "Adão" também aparece apenas nesse momento, tendo, agora, mais o sentido de um nome próprio. Assim, um homem qualquer tornou-se Adão e sua esposa tornou-se Eva. A partir daí começa-se a falar em genealogias e, em particular, da genealogia de Adão.

•Gn. 1

Um motivo a mais que nos leva a acreditar que Deus criou "Adão" – a Raça Humana – e não somente um único casal, pela própria maneira como toda a Criação se estabeleceu... Observe: tudo o Senhor fez em abundância! Não havia apenas *uma* árvore frutífera, *um* peixe, *um* réptil, *uma* ave... nos Céus, no Firmamento, não havia *uma* ou *duas* estrelas, mas um grande contingente delas formando o Universo. Gn. 1:14-17. "Povoem-se a terra de *enxames de seres viventes*; e voem as aves sobre a Terra, sob o firmamento dos céus. Criou, pois, Deus, os grandes animais marinhos e todos os seres viventes que rastejam, os quais povoavam as águas, segundo as suas espécies; e todas as aves segundo as suas espécies; e viu Deus que isso era bom. E Deus os abençoou, dizendo: sede fecundos, multiplicai-vos e enchei as águas dos mares; e, na terra, se multipliquem as aves". Repare: Deus criou uma grande quantidade de seres (enxame), mas ainda assim deu-lhes a ordem de aumentar ainda mais: após abençoá-los, diz: "Multiplicai-vos... sede fecundos..." (Gn. 1:20-23). Depois, Deus continua, dizendo para que a terra produza os animais domésticos, os selváticos e os répteis, segundo sua espécie. Antes da Criação dos seres viventes, à terra já tinha sido dada a ordem de produzir os mares e rios e lagos. Também relva e árvores frutíferas que continham nelas mesmas as sementes para *continuar* dando frutos e novas árvores! (Gn. 1:9-12).

No final do capítulo 1, "Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom. Houve tarde e manhã, o sexto dia". Observe a expressão "Isso era bom"... Ela aparece pela primeira vez depois que Deus diz "Haja Luz" (Sobre a Terra, claro, pois Deus é Luz; ali foi criado um novo tipo de luz, a luz terrestre). Esse foi o começo de tudo, pois sabemos que sem luz não haveria vida sobre a Terra, então Deus se alegrou, dizendo que "a luz era boa". É como se Deus estivesse a

antever um filme, o “Filme da Criação”, e aquele era o primeiro passo. No segundo dia, a coisa foi, digamos assim “impessoal’, pois Deus tão somente *preparava o ambiente Terrestre* para o que viria, por isso Deus se poupa de dizer “é bom”; pois aquele momento não era tão sublime quanto seriam os demais.

Enfim.....!!! Aquilo que Deus queria fazer podia começar!!!

No terceiro dia, quando surgem terras e mares, e começam a crescer a relva e as árvores, Deus se alegra com o seu “Filme” novamente, ansioso, cheio de expectativa, querendo ir adiante. E novamente fala, como uma cantilena de triunfo e aprovação, de alegria incontida pelo resultado...: “Viu Deus que isso era bom”. A partir de então, em cada etapa da Criação, a cada dia, Deus diz: “É bom!”. Assim foi até o sexto dia. Deus se alegrou com a luz, pois sem ela nada poderia existir, por isso disse que ela era boa; mas em relação à *Criação* em si a expressão é mais enfática, repetitiva, deixando bem claro o Amor daquele que tudo Criou! Deus não criou a Terra, os Mares e os Céus para deixá-los vazios! Deus amou a Natureza, pois *abençoou os animais* e permitiu que se multiplicassem. Era esse o desejo de Deus... que a Natureza crescesse e vivesse em toda a sua exuberância e plenitude.

Porém, no final do 6º dia, “Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus os criou; homem e mulher os criou” (Gn. 1: 27).

Ao homem foi dada a mesma bênção que os animais receberam, “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra...”, mas foi um pouco além... “e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, e sobre todo animal que rasteja sobre a terra” (Gn. 1: 28). A diferença entre homens e animais não é o *direito à vida*, pois ambos receberam de Deus a bênção para *viver e para multiplicar-se*. Note, porém, que a partir do momento em que Deus cria o Homem, o texto Bíblico não mais se refere a Deus como “Deus”, e sim como “*Senhor* Deus”. Há uma implicação direta nesse termo, que mostra uma diferença crucial no relacionamento do Homem com o seu Senhor, o que não acontece com todo o resto da Criação. Deus é o Senhor do Homem... e o Homem seria senhor da Terra *segundo* os preceitos recebidos do Criador, em seu espírito.

Quer dizer, quando Deus disse que o homem dominaria sobre a Terra e sobre os animais, inclusive usando-os para alimento, não queria dizer com isso que estava-lhe sendo dado o direito de *destruir* a Natureza e matar os animais de modo indiscriminado, Deus só aceita a morte dos animais como alimentação... Jamais por esporte ou por pura maldade.

Maus tratos, nem pensar! Pode ter absoluta certeza de que isso NÃO AGRADA a Deus. O homem seria o “rei” da Criação, dominando sobre ela, reinando sobre ela como *dádiva* recebida do Pai. Como o homem foi criado à imagem e semelhança de *Elohim*, isto quer dizer que dentro dele foi introjetado o

espírito, e este não poderia ser contra Deus e o que Ele fez, é incongruente! Só podemos entender os “Gemidos da Criação”, à espera da Redenção dos filhos de Deus, num Mundo como o nosso: corrompido e destruído pelo pecado. Mas ao Cristão, que foi restaurado em seu espírito, e que é dotado de consciência, vontade, inteligência, é *inadmissível* que aja como os ímpios sem Salvação e que têm prazer em destruir.

Justamente por ter sido feito à imagem e semelhança do Altíssimo é que Deus deu ao homem a *guarda* da Terra, a *guarda* dos recursos do Planeta, o que implica no *uso responsável* destes recursos. O texto que fala em domínio sobre a Criação não pretende, em hipótese alguma, ser uma licença para abusar do Meio Ambiente, desperdiçá-lo, levar os animais à extinção. Se Deus pretendesse a extinção completa dos animais não os teria salvo, um por um, casal por casal, de cada espécie, na época do Dilúvio. Se Deus não os levou à extinção, com que direito nós o fazemos??? Isso quer dizer que Deus, em momento algum, esperava que o homem destruísse Sua Criação!!! É como ganhar o maior e mais precioso presente de Alguém muito especial e destruí-lo sem piedade alguma, mostrando quão pouco valor demos ao presente e também a Quem nos presenteou.

Mas... retomando... depois de tudo terminado, “Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era *muito bom*”.

Sabe quando a gente vê um filme e gosta de diversas partes... mas quando ele termina e temos a história inteira na cabeça, percebemos com maior clareza: “Puxa! Esse filme é *muito bom*!”. Não apenas bom, mas “*muito bom*”. Acho que foi mais ou menos assim. Deus estava alegre, satisfeito... somente desta vez Ele diz que tudo era “muito bom”.

Portanto, diante da exuberância com que Deus criou tudo que existe, seria de estranhar que apenas *um* casal de seres humanos fosse criado no meio de tudo aquilo. Certamente que não. Um casal não poderia dominar sobre toda a Criação! Em Gn. 2:1 ainda há uma referência à Criação, no sétimo dia, dia em que Deus descansou: “Assim, pois, foram acabados os céus, a terra e *todo o seu exército*”: de plantas, de árvores, de animais e, assim creio, também de seres humanos (não podemos inferir que o exército a que Deus se refere seja o de anjos, porque, primeiro, os anjos já tinham sido criados, aos milhões, muito antes; segundo, porque todo o contexto se relaciona à Criação da Terra e da Raça Humana).

Outro detalhe: depois de expulsos do Jardim, quando Caim matou seu irmão e tornou-se fugitivo pela Terra depois de receber uma “marca” de Deus, ele temia que “quem o encontrasse o mataria”; mas Deus disse que ele não seria ferido de morte por quem quer que o encontrasse, visto haver nele uma marca. Quem o

matasse seria vingado 7 vezes. Isso demonstra que havia *mais* pessoas vivendo na Terra e não somente a família Adão, Eva, Caim e Abel.

Observação interessante: o Jardim do Éden provavelmente se situava na região da Mesopotâmia, pois a Bíblia relata a presença de um rio que se repartia em quatro braços: Pisom, Giom, Tigre e Eufrates.

•Os Sete Dias

Os dias da Criação, ainda que possam ser tomados em sentido literal (dias de 24 horas, pois “houve tarde e manhã”) já que Deus tudo pode, é mais coerente que os dias representem *Períodos da História*, uma vez que a sequência dos eventos é mais ou menos ordenada com o que a Ciência nos explica sobre a História da formação do nosso Planeta. Os seres humanos foram dotados de inteligência e receberam de Deus o privilégio de explorar, pela investigação científica, parte do que Deus projetou, como esses acontecimentos aconteceram e quanto tempo Ele gastou para executá-los.

2) Os Anjos Caídos e a corrupção na Terra

> •Gn. 6:1-4 – “Como se foram multiplicando os homens na Terra, e lhes nasceram filhas; vendo os filhos de Deus que as filhas dos Homens eram formosas, tomaram para si mulheres, as que, entre todas, mais lhes agradaram. Então, disse o Senhor: O Meu Espírito não agirá para sempre no homem, pois este é carnal; e os seus dias serão 120 anos. Ora, naquele tempo havia Gigantes na Terra; e também depois, quando os filhos de Deus possuíram as filhas dos homens, as quais lhes deram filhos; estes foram valentes, varões de renome, na Antiguidade”.

Fica patente uma distinção de termos aqui: “Filhos de Deus” e “Filhas dos Homens”. São coisas diferentes, para determinar indivíduos diferentes. Logo no começo do texto se diz que “os homens se foram multiplicando na Terra...”. Aí, o termo empregado para designar o *ser humano* é pura e simplesmente “Homem”. E os homens tiveram filhos e filhas, conforme o previsto, tanto é que a palavra usada para nomear uma mulher era “Filha do Homem”. Mas aí entra em cena uma segunda categoria de personagem designada pelo termo “Filhos de Deus”. Não se trata do ser humano, como já vimos, pois a palavra usada para designá-lo, desde o início do Gênesis, é “Homem” e “Mulher” e, depois, “Filho ou Filha do Homem”. Quem são, então, os filhos de Deus de que fala o texto?

Deus havia abençoado a união entre homem e mulher e dito a eles que fossem fecundos e se multiplicassem. Contudo, os filhos que nasceram dos filhos de Deus com as filhas dos Homens foram do *inteiro desagrado* de Deus.

Por quê? Será que foi por que foram filhos concebidos fora do Matrimônio que Deus instituíra? Pois o texto diz que os filhos e Deus “tomaram para si mulheres”. Uma mulher cada um? Várias? Será este o problema? A gota-d’água depois de tantas e tantas perversidades?! A gota que transbordou o Cálice da Iniquidade? *Mas bem antes* de o texto afirmar que nasceram filhos daquelas relações, Deus se pronuncia dizendo que “o homem é carnal, que Seu Espírito não agirá sempre no homem e que seus dias serão de 120 anos”. Veja bem... O Senhor fala do *homem*, reprova a conduta do *homem* e amaldiçoa o *homem*. Não diz nada sobre os filhos de Deus.

Os “filhos de Deus”, conforme veremos a seguir, são os anjos caídos. Não havia porque julgá-los, ou amaldiçoá-los, uma vez que isso já tinha sido feito. A queda de Satanás e o julgamento dos anjos que o seguiram aconteceu antes da Criação.

Segundo uma tradução antiga (a Septuaginta), mais fidedigna, quando Deus diz em Gn. 6: 3 que “Seu Espírito não agirá para sempre no homem”, está escrito: “Não deixarei o meu Espírito permanecer no homem”. Se este é o

sentido correto o texto então sugere que, ao retirar do homem o Seu Espírito, a vida deste se acaba. Ele morre. Isto concorda melhor com o contexto do Juízo e do Dilúvio que Deus traria sobre a Terra. Também com o fato de Gn. 6: 3 dizer que o homem é carnal; quer dizer, mortal. Pois antes não o era e foi somente por causa do pecado que se tornou mortal. Alguns acreditam que 120 anos se refere apenas ao período que Deus levaria para exercer o Seu Juízo e destruir toda aquela Geração pecaminosa. Mas eu creio que essa interpretação não é correta e que a maldição acarretada pelas relações entre seres humanos e Demônios foi muito mais profunda. Aquilo era tão *completamente abominável* que, mesmo depois de destruir aquela Geração, ainda assim a Raça Humana teria seu período de vida bastante encurtado.

Antes de irmos adiante, vamos esclarecer bem este texto, para que não reste dúvidas sobre as consequências dos atos dos seres humanos quando tiveram relações sexuais com os Demônios. Esta foi, sem dúvida, a última gota-d'água no Cálice da Iniquidade Humana, o que gerou profunda Maldição e Juízo terrível!

Observe: Noé tinha 500 anos quando gerou seu primeiro filho, embora o texto de Gn. 5:32 diga que "Era Noé da idade de 500 anos, e gerou a Sem, Cam e Jafé". Mas não se pode gerar três filhos em um ano, a não ser que eles sejam gêmeos, e a Bíblia não diz isso. Portanto, alguns anos decorreram na geração destes filhos. Sabemos que Sara amamentou Isaque até os dois ou três anos de idade, segundo o costume da época, observado em Gn. 21:8. O desmame era um importante rito de passagem, visto que a criança tinha sobrevivido até então (era um tempo de difícil sobrevivência). Não deve ter sido diferente com os filhos de Noé. Não havia papinhas industrializadas ou mamadeiras para serem usadas com leite em latinhas (!), e nem outro jeito de alimentar as crianças a não ser com o leite da mãe. Sabemos que a mulher que está amamentando não engravida. É fisiológico. Assim, embora a Bíblia não mencione, certamente havia boa diferença de idade entre os irmãos. Quantos anos se teriam passado? Dez? Esse é o primeiro ponto. O decreto de Deus aparentemente foi dado depois.

Sabemos que Noé entrou na arca e o Dilúvio começou quando Noé tinha 600 anos, segundo Gn. 7:11. Mas o seu chamado e direção para construir a Arca se deu da seguinte maneira: "A Terra estava corrompida à vista de Deus e cheia de violência. Viu Deus que a Terra estava corrompida, porque todo ser vivente havia corrompido o seu caminho na Terra. Então, disse Deus a Noé: Resolvi dar cabo de toda carne, porque a terra está cheia da violência dos homens; eis que os farei perecer juntamente com a Terra." (Gn. 6: 11-13).

Nesse momento da vida de Noé ele já tinha os seus filhos, pois Deus diz que com ele seria estabelecida Aliança, e deveria entrar na Arca com eles e com as

suas mulheres, além de sua própria mulher e sete pares de animais limpos, sete pares das aves do céu; dos animais imundos, um par. Ou seja, alguns anos tinham realmente se passado. Então, não há como pensar que 120 anos era o tempo que se passaria até Deus exercer o Seu Juízo, pois foi *menos* do que isso.

Indo por outra linha: Lameque, pai de Noé, gerou Noé e viveu ainda 595 anos, e morreu. Isto significa que ele morreu quando Noé tinha 595 anos, 5 anos antes do Dilúvio. Você chegará ao mesmo resultado somando as idades de Lameque antes e depois do nascimento de Noé (777). Porém, quando lhe nasceu Noé, Lameque disse: “Este nos consolará dos nossos trabalhos e das fadigas de nossas mãos nesta Terra que o Senhor amaldiçoou.” Gn. 5: 28-31. Lameque provavelmente estava se referindo, por inspiração ou revelação Divina, que aquele filho traria consolo no sentido de que salvaria a raça humana que Deus prometera destruir – Gn. 6:3? Ou somente demonstrava alegria pelo nascimento daquele filho, e nisto encontrava consolo? Não podemos ter exata certeza se o decreto de Deus foi tão antigo, a ponto de o pai de Noé já conhecê-lo, e neste sentido o consolo seria porque Noé receberia de Deus, no período pós-diluviano, a Aliança de que jamais haveria outro Dilúvio sobre a Terra.... ou se somente ele falou como pai, diante do nascimento de um bebê.

Partindo do pressuposto que o decreto do Juízo é tão antigo, claro está que, neste segundo caminho, que há muito *mais* que 120 anos?! Se realmente Deus *já havia* decretado a destruição da raça humana antes do nascimento de Noé, e por algum motivo Lameque sabia disso, ele sabia que era por causa da corrupção, da violência e dos Gigantes (como veremos logo mais).

Optamos por estabelecer, então, que o texto de Gn. 6:3 se refere realmente à idade que o homem passaria a ter *depois* do Dilúvio, como parte da maldição que tinha sido acarretada pela corrupção dos homens. O homem sobreviveria... mas não viveria tanto quanto antes. O texto diz: “O meu Espírito não agirá para sempre no homem, pois este é carnal (ou seja, o homem morrerá – através do Dilúvio – coisa que Deus somente revelaria mais tarde a Noé)...; e os seus dias serão de 120 anos (depois do Dilúvio). Como sabemos que pessoas viveram mais do que 120 anos depois do Dilúvio, Abraão, Isaque, Jacó, por exemplo. José é o primeiro a ser mencionado na Bíblia a morrer com menos de 120 anos, o que aconteceu muito tempo depois! Cremos, então, que a diminuição da idade aconteceu de modo progressivo, talvez em função das mudanças geomorfoclimáticas decorrentes do Dilúvio.

Concluindo: este texto de Gn. 6: 1-4 é muito rico em informações, e como você pode ver, de tudo o que o homem fez, nada foi tão abominável quanto a geração dos “Gigantes”. Agora podemos ir adiante e estudar os textos que se seguem, a fim de melhorar a nossa compreensão a respeito dos “filhos de Deus”.

•Jó 1: 6-12 – “Num dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o Senhor, veio também Satanás entre eles. Então, perguntou o Senhor a Satanás: Donde vens? Satanás respondeu ao Senhor, e disse: De rodear a terra e passear por ela”.

Jó morava na terra de Uz, região a leste de Canaã, conhecida como Oriente próximo. Devido a todas as suas numerosas posses, era o maior de todos os do Oriente (Gn. 1: 1-3). Deus falou das virtudes de Jó a Satanás, dizendo que “ninguém na terra havia semelhante a ele, homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desviava do Mal”. Sabemos hoje, por nossa própria experiência no mundo moderno – o que assim era desde a Antiguidade – quanto é difícil manter-se íntegro, reto e longe do Mal quando se tem poder e riquezas.

O importante aqui não é falar sobre Jó, mas notar que Satanás apresentou-se diante de Deus *junto com outros filhos de Deus*. Por mais difícil que seja acreditar, Satanás foi um filho de Deus!... Criado, sim, a princípio para servir ao Senhor. “Filho de Deus” é uma expressão Hebraica que significa “anjo”. Fica claro, pela passagem, que Satanás apresentou-se diante de Deus como ser espiritual, numa Dimensão que não é a nossa, pois pôde conversar com o Senhor diretamente.

•Jó 2: 1-6 – Depois da primeira terrível investida, novamente, noutro dia, “os filhos de Deus vieram apresentar- se perante o Senhor, e veio também Satanás entre eles apresentar-se diante do Senhor”. Segue-se a continuação do que Satanás pretendia fazer para que Jó blasfemasse e deixasse de servir a Deus; mas não é sobre Jó que queremos falar novamente, antes novamente citar o fato de que Satanás apareceu diante de Deus para falar-Lhe e discutir com Ele. Seja como intruso, ou não, fato é que Satanás teve acesso à presença de Deus, sendo citado, indiretamente, como um dos ex-filhos de Deus.

•Jó 38: 2-7 – Indagando a Jó sobre processos da Criação da Terra, fala, a partir do v. 4: “Onde estavas tu, quando Eu lançava os fundamentos da Terra? Dize-mo se tens entendimento. Quem lhe pôs as medidas, se é que o sabes? Ou quem estendeu sobre elas o cordel? Sobre que estão fundadas as suas bases ou quem lhe assentou a pedra angular, quando as estrelas da alva, juntas, alegremente cantavam, e rejubilavam todos os filhos de Deus?”. O texto se segue com uma imensidão de questões que Jó não poderia responder – e nem nós, mesmo hoje, a tantas delas – mas Deus começa com uma sequência lógica... “Onde estavas tu quando lancei os fundamentos da terra?”. Quer dizer, Deus começou pelo *Começo*! E logo no começo, numa sequência de *dois enormes capítulos*, Deus fala das estrelas

da alva que cantavam juntas e como se rejubilavam todos os “filhos de Deus”. Claro... os anjos acompanhavam a obra maravilhosa que Deus estava fazendo, ao trazer à Luz Sua Criação. Certamente não eram os homens, os humanos, que rejubilavam, pois não estavam presentes neste momento da Criação e nem teriam entendimento da sua dimensão.

O Livro de Jó foi escrito provavelmente num período pouco posterior ao Dilúvio. Historicamente falando, esse dado é incerto, mas os antecedentes culturais e históricos parecem remontar aos tempos de Gênesis 12 a 50, o segundo milênio a.C. Alguns acham que a história de Jó foi transmitida oralmente, de geração em geração, pois ele não era israelita (e nem poderia ser) e só depois registrada por escrito. Quem escreveu o livro não se sabe, talvez um israelita desconhecido, embora ninguém tenha certeza.

•I Re 22:19 – Deus muitas vezes reúne o Seu Conselho Angelical, para dar-lhes direções sobre nós, decidir assuntos do “Céu”, sei lá! Não diz a Palavra que “Há festa nos Céus quando o pecador se converte?”. Se os anjos são filhos, claro que podem estar na presença de Seu Pai. Embora poucas passagens Bíblicas nos falem sobre isso, é claro que os anjos que permaneceram fiéis a Deus têm acesso direto a Ele. Tal seria se assim não fosse; então, não seriam “filhos de Deus”, mas qualquer outra coisa. Às vezes temos dificuldade de entender que os anjos são seres com personalidades individuais, cada um à sua maneira, que amam e são amados pelo Pai, que é Pai deles também!

O texto de I Re 22: 19 fala a respeito de uma visão do Profeta Micaías, um dos poucos que ainda profetizavam segundo a palavra do Senhor (chegando o Rei de Israel a reclamar: “Há ainda (um Profeta) pelo qual se pode consultar ao Senhor, porém, eu o aborreço, porque nunca profetiza de mim, o que é bom, mas somente o que é mau. Este é Micaías, filho de Inlá” – I Re 22: 8). Como é engraçado, não? O Rei Acabe aceitava como verdadeira a Unção de Micaías, mas não dizia o que ele queria ouvir..... (quantos, *quantos* de nós não agem da mesma maneira diante de uma verdade que não é a que nos interessa?).

Mas, enfim... parte da profecia de Micaías apresenta uma visão: “Vi o Senhor assentado no Seu Trono, e todo o Exército do Céu estava junto a Ele, à sua direita e à sua esquerda (...)”. Mais um texto que revela a presença e acesso dos anjos diante de Deus.

•II Pe 2: 4 –5: “Ora, se Deus não poupou anjos quando pecaram, antes precipitando-os no Inferno, os entregou a abismos de trevas, reservando-os para juízo; e não poupou o Mundo Antigo, mas preservou a Noé, e mais

sete pessoas, quando fez vir o Dilúvio sobre o mundo dos ímpios (...)" – esse texto corrobora para mostrar que o precipitar dos anjos veio antes. *Quando* Deus fez isso, não sabemos. Provavelmente logo depois de se unirem à rebelião de Satanás contra Deus, mas é certo que foi *antes* da Criação do Homem. Por razões que discutiremos logo mais, nem todos os anjos caídos permaneceram banidos no Inferno; grande número deles obteve permissão para influenciar este Mundo. Estes são os "filhos de Deus" a que se refere Gênesis 6:4.

•Judas 6 e 7: depois de afirmar que aqueles que saíram do Egito e não creram, foram destruídos, faz uma comparação com os anjos: "(...) e a anjos, os que não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio domicílio, Ele (Deus) tem guardado sob Trevas, em algemas eternas, para o juízo do Grande Dia (...)". Os anjos que estão algemados em Trevas são os anjos caídos.

•Jó 38: 16-17, 19-20: no Livro de Jó faz-se menção às regiões tenebrosas: "Acaso, entraste nos mananciais do mar ou percorreste o mais profundo abismo? Porventura, te foram reveladas as portas da Morte ou viste essas portas da região tenebrosa? (...) Onde está o caminho para a morada da Luz? E, quanto às Trevas, onde é o seu lugar, para que as conduzas aos seus limites e discirnas as veredas para a sua casa?". Neste contexto, a Luz e as Trevas são personificadas como habitantes de lugares desconhecidos aos seres humanos.

Concluindo: os anjos não foram poupados de Juízo, Maldição e prisão. SE estavam aprisionados no Abismo... em algemas... como se soltaram? Guarde a pergunta!

3) Os Gigantes

Retomando o texto de Gn. 6: 4, vemos o seguinte: “Ora, naquele tempo havia Gigantes sobre a terra; e também depois, quando os filhos de Deus possuíram as filhas dos homens, as quais lhes deram filhos; estes foram valentes, varões de renome, na Antiguidade”.

• Gigante = *Nephilim*

Referência a pessoas de estatura Gigantesca. Isto certamente é literal, pois a Bíblia relata a existência de homens assim.

Mesmo como nos conta a História, observamos que praticamente todas as culturas estudadas assumiam a existência deste seres. Particularmente na Mitologia Grega, um dado a mais é adicionado: os Gigantes eram semideuses; e os semideuses eram filhos dos deuses com mulheres humanas! Muito sugestivo, não?

A Bíblia diz que nasceram filhos das relações dos anjos caídos com as mulheres humanas. Vamos tratar de nomear esses “filhos de Deus” convenientemente – Demônios, é o que são estes ex-filhos. Sabemos, pelos relatos de outras culturas, que existiam Ritos de Fertilidade. Talvez essas relações acontecessem nesses momentos; inclusive nos relatos Bíblicos, quem garante que assim não era??? Os Demônios escolheram mulheres de todas as que mais lhe agradaram, mas isso não podia acontecer no meio da rua, na casa de alguém... Pelo menos, não naqueles primórdios, como você virá a entender logo mais.

Como seriam esse filhos?

Parece haver uma relação entre dois textos: depois que Deus se desagrada profundamente com o que estava acontecendo entre a sua Criação e os Demônios, e amaldiçoa o ser humano, segue-se: “Ora, naquele tempo havia Gigantes na Terra; e também depois, quando os filhos de Deus possuíram as filhas dos homens, as quais lhes deram filhos; estes foram valentes, varões de renome, na Antiguidade”.

Parece estar claro que desta relação surgiram Gigantes... que pela alteração genética que sofreram no momento da concepção tornaram-se uma espécie de “Hércules” (se me permitem essa comparação meio lúdica), pessoas de extrema força, capazes de realizar coisas que os seres humanos comuns não poderiam. Daí a denominação “valentes”, “varões de renome”.

A Bíblia cita Gigantes em outras passagens.

•Nm. 13: 32-33: veja, por exemplo, o que aconteceu com os primeiros espias que foram olhar a terra de Jericó: “(...) infamaram a terra que haviam

> espiado, dizendo: a terra pelo meio da qual passamos a espiar é terra que devora os seus moradores; e todo o povo que vimos nela são homens de grande estatura. Também vimos ali Gigantes (...). E éramos, aos nossos próprios olhos, como gafanhotos e assim também o éramos aos seus olhos". A luta constante e violenta pelo controle desta área geográfica de grande importância, como aprendemos antes, tinha já destruído milhares de vidas, daí o termo "terra que devora os seus moradores". Mas o que importa foi a descrição que os Príncipes de Israel fizeram dos seus moradores: "TODO o Povo é de grande estatura; e também havia ali GIGANTES".

É relativamente fácil entender o que aconteceu: os Gigantes eram a primeira geração dos descendentes de Demônios e mulheres humanas. Mas, depois, nas outras gerações, os Gigantes certamente tornaram a se reproduzir.

Conhecimentos mínimos de Genética nos fazem entender que:

DEMÔNIO (FILHO DE DEUS) + MULHER HUMANA = GIGANTE.
GIGANTE + MULHER HUMANA = SER DE GRANDE ESTATURA (não tão grande quanto o Gigante).

A reprodução, a proliferação destes homens grandes e a geração de novos Gigantes aparentemente foi bem grande, pois sua fama correu pela Antiguidade, sua valentia, sua coragem. Imagine, então, como não deviam ser as muralhas da cidade, a fortaleza inexpugnável que ela representava? Ainda mais, era uma região muito visada, quer dizer, mesmo que os Israelitas conseguissem conquistar a terra... guerras e guerra enfrentariam depois, atraindo povos que haviam de saber que aquele lugar já não era de domínio dos Gigantes e dos homens de grande estatura, mas estava agora ocupada por "homens comuns". Realmente... era uma tarefa que só poderia ser realizada por meio do Altíssimo. Aos olhos humanos – e essa foi a conclusão óbvia dos espias – tratava-se da "Missão impossível"!

> •Dt. 9:1-2: a Palavra nos explica que tais Gigantes são descendentes de Enaque. Veja o texto, nas palavras de Moisés: "Ouve, ó Israel, tu passas hoje o Jordão para entrares a possuir Nações maiores e mais fortes do que tu; cidades grandes e amuralhadas até aos céus; povo grande e alto, filhos do anaquins, que tu conheces e de que já ouvistes: quem poderá resistir aos filhos de Enaque?". Em Dt. 1:28, é também feita referência aos Enaquins. Os Israelitas estavam convictos, bem como todos os povos da região, que os Enaquins descendiam de uma raça de Gigantes (Nephilim).
> •Dt. 3: 11: mais tarde, depois de os Israelitas terem perdido a chance de entrar em Canaã permanecendo no deserto, enfrentaram algumas batalhas.

> Vemos descritas as dimensões de um leito, o leito de Ogue, rei de Basã: “Porque só Ogue, rei de Basã, restou dos Refains; eis que o seu leito, leito de ferro, não está, porventura, em Rabá dos filhos de Amon, sendo de nove côvados o seu comprimento, e de quatro, a sua largura, pelo côvado comum?”.

Caso se trate realmente de uma cama, era, sem dúvida, uma cama de tamanho majestoso – cerca de 2.7 x 1.0 metros –, e ainda era de ferro (algumas traduções podem significar basalto). Mesmo assim, era de material bastante resistente e de tamanho desproporcional. Até para aqueles que supõem que se tratasse de um sarcófago, fica mais difícil ainda explicar estas dimensões porque os sarcófagos da época tinham cerca de dois quintos do tamanho deste. Como se vê, a Bíblia fala dos Gigantes em diversas passagens, e em algumas delas até dá nome aos tais, como nesta.

> •I Cr. 20: 4-8: esta é uma passagem interessante porque é bem posterior ao tempo que tratávamos até então, já na época em que Davi era Rei de Israel. O texto fala que houve guerra (pra variar) contra os Filisteus, e diz que “foi ferido Sipal, que era descendente dos Gigantes; e os Filisteus foram subjugados”. Noutra guerra, “foi ferido Lami, irmão de Golias (...)”. Nota: o próprio Golias era um Gigante, ou, pelo menos, alguém de uma segunda ou terceira geração, que tinha grande estatura. Não sabemos a diferença de tamanho entre os primeiros Gigantes, gerados diretamente das relações com Demônios e os homens que foram gerados depois, e que, carregando genes anormais, tinham grande estatura. Aliás, pelo que parece, surgiram algumas outras deformidades genéticas. Observe: “Houve ainda outra guerra em Gate; havia ali um homem de grande estatura, que tinha 24 dedos, seis em cada mão e seis em cada pé. Também este descendia dos Gigantes. (...). Estes nasceram dos Gigantes em Gate; e caíram pela mão de Davi e pela mão de seus homens” (v. 6,8).
>
> •II Sm. 21: 16-17: “Isbi-Benobe descendia dos Gigantes; o peso do bronze de sua lança era de 300 siclos, e estava cingido de uma armadura nova; este intentou matar Davi. Porém, Abisai, filho de Zeruia, socorreu-o, feriu o Filisteu e o matou”.

Não sabemos qual a capacidade reprodutiva destas novas Gerações, pois, biologicamente falando, uma espécie só consegue se perpetuar se os indivíduos dela forem férteis. Senão, a raça está fadada à extinção. Fica claro que os Gigantes tinham sofrido uma Mutação Genética, mas essa Mutação só é viável se produz seres capazes de se reproduzir. Talvez os genes responsáveis pelo grande crescimento também viessem acompanhados por outros que levassem a

alguns defeitos, como o caso do homem com 24 dedos. Talvez infertilidade fosse um defeito pois, ao que parece, a população deles começou a diminuir ao longo dos séculos. Talvez a mutação causasse algum problema com a multiplicação das novas gerações de homens grandes.

Mas está claro que havia Enaquins em Gaza, Gate e Asdode nos dias de Josué, e também nos dias de Davi, mas a população destes seres parecia estar em declínio. Seria um problema de infertilidade mesmo... ou será que Satanás aprimorava suas técnicas?!?

Segundo a Irmandade, estes Gigantes de fato existiram, e foram fruto de *experiências* que ainda estavam em seus primórdios. Não pense, contudo, que eles deixaram de existir. Hoje, o fruto dos Demônio com as mulheres ainda geram “Gigantes”. As alterações genéticas existem de fato, mas são “inaparentes”; o Diabo deu polimento aos seus experimentos ao longo das gerações, e hoje os seus Gigantes são pessoas de aparência comum, mas cujo metabolismo metabólico, cerebral e a inclinação das emoções propiciam a instalação não só dos conceitos da Irmandade, mas também facilidade para grandes “canalizações” de Entidades. Tendências de comportamento das mais diversas são geradas por alterações do DNA. Por exemplo: excesso de violência, grande atração do sexo oposto (pela produção de Fero-hormônios); pontos de contato para Demônios específicos. É como se esse Gigante fosse aquele tipo de ferramenta que só serve para um determinado tipo de parafuso, de um determinado aparelho eletrônico, de uma determinada Empresa. Sabe... a ferramenta da Bosch só serve para a furadeira da Bosch. É como se fosse criado um ser com características específicas e únicas que, encaminhado para uma situação específica na vida (destino espiritual dado pela Irmandade), somente este poderá desempenhá-la com o máximo de chance de sucesso e bom desempenho!

4) A Reprodução dos Demônios

Segundo a Irmandade, os Demônios podem materializar-se durante um certo período de tempo. Isso foi exaustivamente comentado no livro “Filho do Fogo”. Eles podem também interferir no Reino Material, e podem trazer mensagens, conversar abertamente com os filhos do Diabo. Só que a Bíblia também relata o poder que os anjos celestiais têm de se materializar e de intervir no Mundo Físico, de trazer mensagens e conversar com o seres humanos – igualmente. A diferença é que o fazem mediante ordem de Deus, em *obediência*. Pelo que parece, então, esse poder foi mantido nos anjos caídos.

•Gênesis 19:1-4: veja só este episódio, quando dois anjos vão até a casa de Ló, em Sodoma. Ló insiste para que eles pernoitem em sua casa, *sem perceber* que não eram seres humanos. Depois de muita insistência, os dois aceitam o convite. Ló manda assar pães e apresenta-lhes um banquete... “e eles comeram”. Depois disso, os dois anjos iam deitar-se, veja só! Depois do episódio terrível em que os homens de Sodoma, jovens e velhos, pretendiam abusar sexualmente dos dois anjos (“confundidos” com homens), Ló é salvo da fúria da multidão porque os dois anjos, com suas próprias mãos, fizeram Ló entrar em casa, além de eles próprios fecharem a porta. Mais uma evidência da “materialização” física destes seres espirituais. Não era somente uma visão, uma aparição espiritual... não! *Todos* na cidade os tinham visto entrar na casa de Ló. Os dois comeram, preparavam-se para deitar fisicamente em suas camas, puxaram Ló para dentro de casa (um gesto físico), e somente então revelaram parte do seu poder ao ferir com cegueira os homens que intentavam o mal contra eles todos. Pelo que parece Ló não percebeu essa manifestação de poder dos anjos, pois a porta já devia estar fechada. A partir daí, os dois anjos (que são chamados de “homens” neste texto, com excessão do v.15 – mas creio que aí é porque o evento da destruição da cidade já está prestes a acontecer, por isso os “homens”, de repente, nesse momento, eles são mencionados “anjos”; mas depois, ao lidarem com Ló e a família, novamente se diz “homens”. Parece que quando estão a relacionar-se com Ló e os outros são denominados “homens” para salientar a visão que estes tinham deles; quando a tônica é o Juízo que já está às portas – ao amanhecer – sua verdadeira identidade é salientada). Como Ló e a família se demorassem, os dois homens os pegaram pela mão e os puderam fora da cidade. Tanto os anjos não tinham aparência alguma de anjo, que os familiares de Ló acharam que ele estava a fazer graça quando disse que o Senhor destruiria a

cidade. Claro que eles os haviam visto... Não diz o texto anterior que todos na cidade tinham visto a sua entrada na casa de Ló? Quer “materialização” mais materializada do que essa?

•Gn. 18:1-22: episódio semelhante tiveram pouco antes Abraão e Sara, como nos relata o texto. Foi a intercessão feita por Abraão que salvou a vida de Ló. A Palavra nos conta que Abraão foi visitado por três homens, nos Carvalhais de Manre, na hora mais quente do dia. Exercendo sua hospitalidade, uma das virtudes mais consideradas no mundo antigo, ele oferece água para lavarem os pés e, junto com Sara, prepararam rapidamente um banquete àqueles homens. Então, Abraão “pôs tudo diante deles; e permaneceu de pé junto a eles debaixo da árvore; e eles comeram”. Foi então que Sara foi chamada e novamente recebeu a promessa do nascimento de seu filho. Certamente, estes homens pareciam bem comuns, bem humanos, bem “materializados”, pois Sara ainda “riu-se em seu íntimo”, não dando muito crédito à palavra deles, embora fosse a mesma que já tinham escutado antes. Então, o Senhor, dirigindo-se à Abraão, dá uma “sutil bronca” em Sara. Mas o encontro não tinha como finalidade principal falar sobre o filho, mas certamente fazer Abraão interceder por Ló; o que nos remete ao texto anterior, em que Ló tem uma experiência semelhante com a materialização dos dois anjos.

•Jz. 13: 3-23: mais um episódio relativamente semelhante acontece quando um anjo vem avisar a mãe de Sansão, estéril, que ela terá um filho. Depois do encontro, a mulher avisa o marido dizendo que “um homem de Deus tinha vindo a ela, mas sua aparência era como a de um anjo de Deus”. A pedido do pai, Manoá, o anjo vem uma segunda vez, e aparece novamente à mulher no campo; como mais uma vez seu marido não estivesse presente, pede ao “homem” que aguarde enquanto ela tem tempo de ir chamá-lo. E volta, e vem ao campo junto com o marido. “(...) tendo (Manoá) chegado ao homem, lhe disse: És tu que falaste a essa mulher?”. Observe que não existe nenhuma surpresa ou reverência na conversa, o anjo é tido realmente por um homem comum. Então, mais adiante, esclarecidas as questões sobre seu futuro filho, Manoá oferece-lhe comida: “permita-nos deter-te e lhe prepararemos um cabrito”. Embora o anjo não aceite comer o tal cabrito, diz que eles o podem oferecer como holocausto a Deus. Observe novamente: o anjo não disse que *não podia* comer, apenas que não *aceitava* comer, o que é bem diferente. Depois de oferecido o cabrito e a oferta de manjares sobre uma rocha ao Senhor, somente neste momento o anjo mostra sua glória, e eles entendem que se tratava de um ser espiritual. Talvez a visão tenha sido tão esplêndida que aquele que tomavam antes por

ser humano, e a quem ofereceram alimento, agora já era nomeado como sendo o próprio Deus. “Disse Manoá à sua mulher: certamente morreremos porque vimos a Deus”. Só que a Bíblia relata que somente Moisés tinha visto o Senhor face a face. Portanto, a glória angelical foi tão grande que os dois o tomaram pelo *próprio Senhor*. Mas o fato é que o anjo estava ali mesmo, em forma de homem, esperou pelo marido da mulher e foi tido como um ser humano e até convidado para comer. Não se tratava de uma visão, mas uma materialização corpórea, como no primeiro caso.

Acho que está bem clara a Materialização de anjos, não?! Também a questão de trazer recados, conversar... vamos ver um pouco mais, só que agora salientando as influências no Mundo Físico.

•Jz. 6:11-24: Gideão experimentou uma intervenção angelical. Quando a carne de cabrito e os bolos asmos que tinha preparado como oferta ao Anjo do Senhor foram consumidos com o fogo que saiu da ponta do cajado do Anjo, isso foi sinal para ele de que venceria os Midianitas. Isso após uma longa conversa, em que Gideão se queixa por causa dos Midianitas; somente depois de consumida sua oferta é que Gideão se dá conta de quem era o que estava em sua presença: “Ai de mim, Senhor Deus, porque vi o Anjo do Senhor face a face” (v. 22). Mesmo sendo grafada a palavra “Anjo” com letra maiúscula e o texto todo fala não em “homem”, mas em “Senhor”. Não sabemos se se trata de uma Teofania – pois Gideão viu o Anjo face a face – ou se era um Anjo especial que veio da presença do Senhor. O fato de Gideão ter edificado um altar não é problema, pois foi ao Senhor que o edificou. Creio que talvez tudo dependa da tradução; Gideão era homem simples, de família humilde. Não seria difícil tratar a qualquer um por “Senhor”.

Os anjos caídos podem produzir fogo do nada, podem queimar à distância uma pilha de lenha ou um prato de manjares... inclusive, dão tal Dom como dádiva a seus escolhidos, os Filhos do Fogo.

•I Re 19: 5-7: Elias experimentou o toque físico de um anjo, que o despertou desta maneira. Lembra do célebre texto do Profeta na caverna? Elias, exausto e desejoso da morte, dormia quando foi despertado pelo anjo, que o tocou. Perto do Profeta havia pão cozido sobre pedras em brasa e uma botija de água. Quem trouxe aquela comida senão o anjo, uma vez que ninguém sabia onde Elias tinha se escondido??? Elias obedeceu à ordem do anjo, comeu e bebeu, mas voltou a dormir. Pelo que novamente veio o anjo a despertá-lo por meio de um toque, dizendo-lhe que comesse e bebesse,

pois longo seria o caminho. Será que você crê ser possível sentir fisicamente o toque de um ser espiritual? Crê que ele pode manipular o Mundo Físico, conforme os desígnios de Deus, a ponto de preparar uma refeição a um servo do Senhor?...

Os “anjos caídos” podem fazer tudo isso... e nós não cremos que os *nossos anjos* podem fazer muito mais por nós?! Inclusive interferir fisicamente nas nossas vidas?!

•II Re 19:35-36: nosso já conhecido Rei da Assíria, Senaquerib, embora nem em sonhos tenha podido imaginar o que aconteceu ao seu exército, a verdade é que numa só noite, segundo a Palavra do Senhor, 185.000 homens morreram, feridos pela mão do anjo do Senhor. Ao amanhecer, quando se levantaram os que restaram, viram tão somente os cadáveres! E isso foi feito pela mão de um único anjo. Não foi muito diferente do que aconteceu no Egito, com os primogênitos, quando o Destruidor a todos matou. Este termo, “Destruidor” refere-se à “legião de anjos portadores de males” (veja o uso deste mesmo termo no Salmo 78:49). Ou seja... foram anjos, enviados por Deus, que causaram *morte física*.

Todos nós sabemos que Demônios podem matar... mas parece quase impossível crer que os anjos tenham esse mesmo poder... e, aliás, diga-se de passagem... *muito mais* poder do que os Demônios, dependendo da sua Patente.

•Dn. 3: 14-27: Sadraque, Mesaque e Abede-Nego foram salvos da fornalha de Nabucodonosor por um anjo. Alguns preferem crer que se tratava de um Teofania, mas nem tudo é Teofania; os anjos estão de fato *aqui*, a serviço dos homens, para protegê-los, curá-los, livrá-los do mal, trazer mensagens, trazer sinais, interferir na vida física se necessário. O Próprio Nabucodonosor se espanta ao ver um quarto *homem* na fornalha, só que com o aspecto de um “como filho dos deuses”. O Rei diz ter visto os quatro homens “passeando dentro do fogo”, e deve ter visto mesmo, a julgar pelo que fez depois. Leia o capítulo todo.

Lembram-se das descrições do Sabbath, quando se diz que os filhos do Fogo dançam com Lucipher na fogueira e o fogo não lhes causa nenhum dano? Esse poder que os Demônios têm, de interferir a esse ponto no corpo humano e na matéria, e nas consequências da matéria sobre o corpo... é inacreditável, não?! Causa verdadeiro “furor” no meio Evangélico! Mas por que não cremos que os anjos possam fazer o mesmo?! O grande problema dos Cristãos é que acreditamos muito mais no sobrenatural do Diabo do que no sobrenatural de Deus. Infelizmente. Se assim não fosse, nós o veríamos com mais frequência.

•Mt. 4:11: que dizer dos anjos que vieram e “serviram” Jesus depois dos 40 dias de jejum e do confronto com Satanás no deserto? Jesus estava com fome... e “servir”, na Bíblia, tem um sentido bem mais amplo do que nós, Ocidentais, conseguimos entender. Talvez estes anjos lhe tenham levado comida “física”, como foi com Elias, além do próprio revigoramento físico, mental e espiritual. E quanto ao anjo que removeu a pedra pesadíssima do sepulcro de Jesus? Pode haver interferência mais física do que esta? E o resultado foi tão estarrecedor que os Soldados Romanos perderam a compostura e a pose! Mt. 28: 2-4. Isso sem contar com o “grande terremoto” que sobreveio ali “porque o anjo desceu do Céu”, e nem na sua aparência, cujo “aspecto era como um relâmpago e as suas vestes alvas como a neve”.

Bem... então não somente os Demônios têm poder de interferir na Natureza causando terremotos, vendavais, catástrofes “naturais”.....! E não somente eles podem “refazer” as energias físicas dos seres humanos, através de uma descarga de sua própria energia.

•Lc. 22:43: Jesus, em sua agonia no Getsêmani, deixado pelos amigos, sozinho e em profundo desespero, foi “confortado por um anjo do Senhor, que apareceu do Céu”. Não podemos saber que espécie de conforto esse anjo trazia, mas talvez estivesse fazendo o papel que os discípulos não tinham conseguido fazer: estar perto, orar junto, enxugar-lhe o suor cheio de sangue, segurar-lhe a mão, oferecer o ombro, falar palavras de incentivo, chorar com ele... estar *junto*!

Fazer o papel do amigo! Talvez a presença do anjo fosse dispensável se os discípulos tivessem sido mais fortes naquele momento.

Se Demônios conseguem fazer o papel de “amigos”... e conseguiram convencer tantos filhos do Fogo de que *o são* de fato... por que um anjo não teria muito maior condição de desincumbir bem – perfeitamente bem! – esse papel, em momento oportuno e necessário?!

•At. 5:19 e At. 12: 1-11: a passagem do anjo que abre as portas do cárcere de uma prisão pública onde estavam os Apóstolos é muito conhecida. Abrir portas fechadas a chaves ou cadeados é algo bastante material! Porém, mais conhecida e ainda mais sobrenatural é a libertação de Pedro da prisão. A perseguição tornava-se mais intensa, Tiago tinha sido morto recentemente e Pedro foi lançado no cárcere, “entregue a quatro escoltas de quatro soldados cada uma, para o guardarem (...). **Mas havia incessante oração a Deus por parte da Igreja a favor dele. (...)**. Pedro dormia entre dois soldados,

acorrentado por duas cadeias, e sentinelas à porta guardavam o cárcere. Eis, porém, que sobreveio um anjo do Senhor, e uma luz iluminou a prisão; e, tocando ele o lado de Pedro, o despertou, dizendo: 'Levanta-te depressa!'. Então, as cadeias caíram-lhe das mãos. Disse-lhe o anjo: cinge-te e calça as sandálias. E ele assim o fez. Disse-lhe mais: Põe a capa e segue-me. Então, saindo, o seguia, não sabendo que era *real* o que se fazia por meio do anjo; parecia-lhe, antes, uma visão. Depois de terem passado a primeira e a segunda sentinela (será que dormiam... ou não??? Em se tratando de um prisão com guarda romana, muito provavelmente NÃO!), chegaram ao portão de ferro que dava para a cidade, o qual se lhes abriu automaticamente; e, saindo, enveredaram por uma rua, e logo adiante o anjo se apartou dele (certamente outros anjos, que a Pedro não foi permitido ver, os estavam esperando na porta da prisão para abrir passagem). Então, Pedro, caindo em si, disse: Agora sei verdadeiramente, que o Senhor enviou o seu anjo e me livrou da mão de Herodes e de toda a expectativa do povo Judaico".

Não podem fazer o mesmo os Demônios? Abrir e fechar portas, atravessar paredes e entrar onde não se espera que eles estejam? Mudar objetos de lugar, facilitar a entrada e saída dos filhos do Fogo, até mesmo ocultá-los dos olhos dos demais seres humanos? Especialmente em relação aos Cristãos, devido aos Encantamentos, os Demônios tornam esses adoradores de Satanás literalmente "invisíveis", no sentido de que não são denunciados em suas identidades?

Apesar de tudo que já dissemos, sabemos que o aspecto original dos anjos não é como o de simples homens; acostumados que estamos, com a nossa Tradição Católica arraigada no Inconsciente, talvez muitos de nós imaginemos a figura angelical como a de garotos rechonchudos, com os cabelos em caracóis e harpinhas na mão. Quando pensamos no som das suas vozes... o máximo que chegamos a imaginar é... bem... a voz de um *homem*! Mas quando pensamos nos Demônios, nenhuma figura parece horripilante o bastante, não é assim? Os filmes de terror carregam no som tonitruante e grave das suas cordas vocais. Percebem que não estamos muito preparados sequer para crer que anjos possam apresentar-se assim:

•Ap. 10: 1-3: "Vi outro anjo forte descendo do Céu, envolto em nuvem, com o arco-íris por cima de sua cabeça; o rosto era como o sol, e as pernas, como colunas de fogo (...). Pôs o pé direito sobre o mar e o esquerdo sobre a terra, e bradou em grande voz, como ruge um leão, e, quando bradou, desferiram os sete trovões as suas próprias vozes".

Bem... você pode estar dizendo que esta descrição trata-se de uma visão do

Apocalipse, do final dos tempos... não é *real*! Engana-se... Há Demônios que foram libertos para o final dos tempos, com poderes e tamanhos indescritíveis. Há anjos cujo poder é infinitamente mais indescritível... Se assim não o fosse... como poderia o nosso querido Capitão dos Exércitos, Mikhael, o Arcanjo, pelejar contra a Serpente, o Dragão... e vencê-lo?? Certamente não com um Exército de menininhos flautistas! É engraçado como não vemos com frequência, em *nenhum* lugar, a figura verdadeira de um anjo verdadeiro! Nunca a imagem de um Poderoso Guerreiro, um Majestoso Querubim... mesmo que não seja em tamanho real! Já viram o tamanho das estátuas de Buda, por exemplo? As estátuas dos antigos Faraós? Por que não há nenhuma estátua – nem mesmo em algum Museu – de um anjo em tamanho real, poderoso, cheio de glória? Não estou aqui dizendo para cultuarmos estátuas... mas que impacto teria em nós se tivéssemos uma ideia verdadeira e profunda da figura e da pessoa de um anjo?! Mesmo a Igreja Católica, que gosta tanto de cultuar santos... já repararam nas pequenas imagens de "São Miguel Arcanjo"...? Ou "São Gabriel"? Até mesmo a postura que assumem seus corpos... Cadê o poder destes Arcanjos? Tudo em miniatura, uma coisinha deplorável!!! E se, como o privilegiado profeta Daniel, víssemos e ouvíssemos algo assim:

> •Dn. 10: 5-10: "(...) levantei os olhos e olhei, e eis um homem vestido de linho, cujos ombros estavam cingidos de ouro puro de Ufaz; o seu corpo era como o berilo, o seu rosto como um relâmpago, os seus olhos, como tochas de fogo, os seus braços e os seus pés brilhavam como bronze polido; e a voz das suas palavras era como o estrondo de muita gente. (...) Fiquei, pois, eu só e contemplei esta grande visão, e não restou força em mim; o meu rosto mudou de cor e se desfigurou, e não retive força alguma. Contudo, ouvi a voz das suas palavras; e, ouvindo-a, caí sem sentidos, rosto em terra. Eis que certa mão me tocou, sacudiu-me e me pôs sobre os joelhos e as palmas das minhas mãos (...).Só eu, Daniel, tive essa visão; os homens que estavam comigo nada viram; não obstante caiu sobre eles grande temor, e fugiram e se esconderam".

Bem... dirão alguns outra vez: "Foi uma visão... não foi real...!". Mas alguma coisa aconteceu de fato, alguma coisa *todos* os homens puderam "pressentir no ar", o que os assustou. Sinal que alguma coisa real estava acontecendo. Começou como uma visão, mas a presença daquele ser espiritual ali era *fato*, tanto é que quando Daniel desfaleceu, foi o próprio anjo que o tocou fisicamente e o ajudou a colocar-se de "gatinhas", antes de dar o seu recado. Se antes, naquele tempo, o Ministério Angelical já era presente desta forma – aliás, como sempre foi presente ao longo da História Humana – quanto mais agora, que o

Conflito aproxima-se do seu ápice? A verdade é que a maioria de nós não tem experiências com anjos porque nem sequer acredita muito neles, a não ser quando oramos pedindo que Deus os coloque a nosso redor. Mas, para alguns, o relacionamento com eles pode ir além. É provável que a maioria de nós nunca tenha prestado atenção em textos como estes, mas, sem dúvida alguma, soletram de cor que “o próprio Satanás se transforma em anjo de luz”! (II Co 11: 14).

Não é verdade? Isso todos nós sabemos... Será que o Diabo se materializa? Sim, pode ser. Será que ele aparece em visão? Sim, também pode ser. Ninguém questiona, aqui no Brasil, que espíritos demoníacos falem e sejam vistos por pessoas, não é assim? No mais comum Centro Espírita ou Terreiro de Umbanda sabemos que os Demônios agem por meio de visões, através dos médiuns, pais e mães de santo. Isso porque nestes locais se manifesta a menor hierarquia demoníaca, entretanto nenhum de nós questiona a veracidade e o efeito. Ninguém gosta de passar perto de macumba. Ou gosta? “Vai que pega”... No fundo, todo mundo sabe que aquelas coisas têm o seu efeito, que os Demônios podem influenciar em nosso Mundo. Os Principados e Potestades, aliançados com a Irmandade, Demônios de alta patente, fazem tudo isso e muito mais...

Como acabamos de ver em alguns textos da palavra, os anjos de Deus têm muuuito mais poder para manifestar em nosso Mundo e a nosso favor.

Uma coisa, porém, os anjos não fazem: eles NÃO se reproduzem. Guarde isso!

Mas... então... como fica a história dos Gigantes? Os Demônios têm algum poder a mais, que lhes foi concedido depois da queda, e que os anjos que permaneceram fiéis a Deus não têm? Bem, no mínimo, esta possibilidade é absurda! Deus não daria *nada mais* a eles, não lhes daria nenhum *poder diferente*... É ridículo, até, pensar que o amaldiçoado tenha algum privilégio que o fiel e obediente não tem!! De fato... os Demônios *não têm* poder de reprodução.

Bom... deu nó, né?

Vamos por partes... Já aprendemos que os anjos e Demônios podem várias coisas. Dentre elas, materializar-se e se apresentar de diversas maneiras. Demônios podem vir como anjos de luz... ou como monstros horríveis que são... podem se materializar... e influenciar o mundo material. Aí está o segredo!

Os Demônios podem – através da manipulação de energia (leia “Filho do Fogo”) – apresentar-se na forma de Mulher, a qual é chamada de Súcubu; ou apresentar-se na forma de Homem, denominada Íncubu. A reprodução acontece da seguinte maneira: quando o Súcubu tem uma relação com um homem humano, recolhe o esperma deste. Em seguida, na forma de Íncubu, tem uma outra relação, desta vez com uma mulher humana. Assim, os Demônios, na

verdade, “transportam” as células germinativas de um homem para uma mulher, não que eles próprios as têm em si mesmos. Se fosse assim, teríamos que admitir que os Demônios são capazes de “criar” a vida, coisa que terminantemente é *inaceitável*. O que eles podem fazer – e o fazem com todo prazer – é profanar, distorcer e amaldiçoar a relação sexual, o ato mais íntimo com que Deus presenteou a sua Criação, uma alusão ao Amor do Cordeiro – o próprio Deus – com Sua Noiva, a Igreja. Nada é tão agradável a Satanás quanto perverter tudo o que Deus criou, e levar o ser humano à mais profunda decadência.

Então, você há de perguntar... *por que* nasciam Gigantes, se são apenas óvulos e espermatozóides humanos? É que na própria relação, e nesse “transporte”, o sêmem sofre alterações. O Demônio é dotado de uma forte energia, especialmente Principados e Potestades. Durante as relações, as células germinativas são expostas a uma fonte energética muito diferente da humana. Lembram-se da história das Bombas Atômicas? Aqueles que foram expostos à radiação nuclear sofreram mutações. Tiveram maior incidência de vários tipos de câncer, por exemplo. Mas seus filhos, a segunda geração também tinham muito mais chance de nascerem com doenças congênitas, defeitos de formação e maior predisposição a diversas doenças. Isso quer dizer que não somente os que receberam diretamente a radiação nuclear tiveram alterações, mas também seus filhos sofreram mutações. Isso aconteceu porque as células germinativas foram alteradas devido à exposição àquela fonte de energia poderosa que era a bomba atômica. Todos nós sabemos também que as células germinativas podem ser afetadas quando entram em contato com certas fontes de energia. Quem é da área de saúde sabe que os técnicos de Raio X trabalham com proteção contra a radiação. Mulheres grávidas não podem fazer um simples Raio X sem protegerem a região abdominal com um avental de chumbo, para que a radiação não entre em contato com o feto em formação.

Esta é a razão pela qual os que nasceram das relações sexuais entre os filhos de Deus e as filhas dos homens eram tão grandes. Sofreram alterações genéticas. Naturalmente que Satanás detém um conhecimento que o ser humano não tem e, através deste, como que “induziu” as mutações que queria criar. Não era nada conveniente produzir seres deformados, incapazes, ou que não pudessem continuar a proliferar-se. Claro que foi por tentativa e erro que ele chegou aos resultados que desejava. Conhecedor cada vez mais profundo da genética humana, ao longo da História da Humanidade aperfeiçoou suas “Técnicas para produzir Mutações” em parceria com o homem. O que Satanás queria era a produção de “Gigantes”, sim, mas não em estatura física. Chamam muito a atenção, despertam o interesse. Os Gigantes da Irmandade têm mutações, já comentamos um pouco sobre isso, mas, em última instância, o objetivo final foi

quase atingido: é a geração de seres humanos capazes de suportar a canalização demoníaca de Principados e Potestades de maneira *completa*, coisa que nenhum ser humano normal pode fazer, pois o nosso corpo não suporta. É morte certa. Mas se alguns puderem manifestar a plenitude dos Poderes de uma Entidade de Alta Hierarquia, essa pessoa seria – usando de uma analogia para facilitar –, como que "expressão do próprio Demônio". O máximo da manifestação demoníaca em um ser humano vai acontecer com o anticristo, mas foi um longo percurso, uma longa "linhagem de "Gigantes" (exatamente como Deus escolheu o Messias como sendo da raiz de Davi, assim também o anticristo não poderia aparecer "do nada"... um homem qualquer, escolhido por acaso, ou fruto de uma única geração. Não! Com certeza ele também é fruto de uma longa linhagem de seres humanos geneticamente alterados).

Para que fique claro, embora isso já tenha sido bem explicado em "Filho do Fogo", existe outra maneira de gerar filhos geneticamente alterados. Uma é esta que descrevemos, através dos Súcubus e Íncubus. Outra é através da relação de um ser humano, homem, semicanalizado ou canalizado por completo (neste último caso, se ele for um "Gigante", capaz de suportar a energia da canalização na íntegra), com uma mulher humana. A energia do Demônio presente no ato da relação altera da mesma forma a genética do embrião que vai se formar. Isso geralmente acontece dentro do Contexto Ritualístico.

Existe ainda mais uma forma de gerar seres humanos com capacidades especiais para servir ao Diabo. São ainda mais específicas e mais difíceis de serem realizadas, mas o intuito é o mesmo: gerar seres humanos diferenciados para que possam servir ao intento do Maligno, especialmente nos tempos do Fim. Você consegue perceber que estes são os "Semideuses da Antiguidade", os "Gigantes da Mitologia", os "Zoomórficos e Antropomórficos" do Egito...? Mas, muito ao contrário de pura fantasia, são totalmente reais. A Irmandade tem muitos "Híbridos". Mas nunca se esqueça: esse tipo de coisa somente acontece dentro do contexto da Irmandade, pois estes são os verdadeiros adoradores do Diabo, como você já aprendeu.

Comentaremos mais adiante sobre a outra maneira de gerar filhos para Satanás. Aguarde, pois é preciso introduzir um novo conceito antes.

Restam ainda dois pormenores:

1) Sobre a questão da forma masculina ou feminina assumida pelas Entidades, perceba que até para isso temos uma passagem Bíblica interessante para retratar, mais uma vez, que os anjos podem assumir diversas formas. A maior parte das vezes assumem a forma masculina, sua forma original. Mas veja que interessante o texto em Zacarias 5: 6- 11, na sequência de uma das visões de Zacarias. A

mulher dentro do Efa (v. 6-8) é descrita como sendo a impiedade; o Efa é a iniquidade em toda a Terra. Esse Efa é transportado por duas mulheres (v. 9): “Levantei os olhos e vi, e eis que saíram duas mulheres; havia vento em suas asas, que eram como de cegonha; e levantaram o Efa entre a terra e o céu” (v. 9). A tampa de chumbo talvez mostrasse a imensidão do pecado e a dificuldade terrível em contê-lo. O texto continua dizendo que as duas mulheres (que aparentemente tratam-se de seres angelicais) para a terra de Sinar, que também pode ser traduzida por “Babilônia”. Ali será edificada uma casa para essa mulher, onde ela será posta assim que a casa estiver pronta. O texto dá a impressão de que o pecado será finalmente banido, juntamente com a Babilônia (v. 11).

A mulher dentro do Efa (cesto com capacidade para 22 litros) é somente uma figura simbólica que retrata o pecado de toda a Terra. Muitas vezes, a figura feminina é usada para fazer menção ao Povo de Deus, especialmente no que se trata do relacionamento com Ele. Portanto, não é de se admirar que a iniquidade seja comparada à forma feminina: tudo aquilo que existe na Criação de Deus e que fugiu para longe Dele... tudo que em Israel se contaminou e se prostituiu com deuses estranhos... tudo que ficou manchado, maculado na Noiva de Cristo, a Igreja. Representado por uma forma feminina, já que Cristo é o Senhor (O “HOMEM”) neste relacionamento.

Mas não é isso que chama a atenção no texto, não é esse o ponto e, sim, o fato dos anjos terem assumido a forma feminina! Ainda que a Bíblia não relate com mais clareza, sabemos que os anjos podem assumir a forma que quiserem: de idosos, (homens ou mulheres), de crianças... Conforme a necessidade se faça presente, é claro que há um propósito bastante especial numa visitação angelical assim – quando é praticamente impossível saber que se trata de um anjo do Senhor!

2) Quem conhece melhor os processos envolvidos na fecundação do óvulo e geração do ovo (zigoto), que vai implantar-se no útero para dar origem ao embrião, que formará o feto, do qual finalmente virá uma criança, sabe que a concepção propriamente dita – o encontro do óvulo e do espermatozóide – não acontece imediatamente, mas pode levar até dois dias, às vezes um pouquinho mais. Neste caso, sobra mais uma pergunta... se a energia está presente no momento do ato sexual em si, perdura tempo suficiente para alterar geneticamente tanto o espermatozóide quanto o óvulo? É diferente do caso da energia da Bomba Atômica, pois a radiação ficou ali durante bastante tempo, e também o caso do técnico de Raio X: não é uma única exposição ao Raio X que vai ter resultado maléfico, mas a repetição contínua. A radiação nuclear levou tempo para se dissipar, além do que foi uma exposição maciça! Então, como

explicar a alteração genética das células germinativas nas relações feitas com Demônios? Como se comporta esse tipo de energia?

É simples. Vamos usar um exemplo que sempre facilita o entendimento. O sol é uma fonte de energia. Sabemos que se esquentarmos nosso corpo, uma piscina, madeira, tecidos, ferro ou qualquer outro material, leva tempos diferentes para que o calor (energia térmica) se dissipe de cada um destes elementos. Nossa pele resfria quase que imediatamente. É só entrar num ambiente fresco e pronto. O mesmo acontece com os tecidos. Mas a água, ou a madeira, levam muito mais tempo para deixar dissipar a energia térmica acumulada. É isso. A energia dos Demônios não se dissipa tão facilmente do corpo humano, tendo ‘tempo de sobra” para fazer seu trabalho genético.

5) O modo de agir do Diabo

A intenção de Satanás era não deixar pistas ao longo da História. Depois da queda, não sendo Onisciente como Deus, não imaginou que Deus criaria o Homem, feito à Sua Imagem e semelhança. Foi, sem dúvida, uma surpresa para ele dar de cara com a Raça Humana no Jardim. E ali, certamente, ele se pôs a observar. E, mais certamente ainda... a arquitetar.

Lucipher foi banido porque queria ser semelhante ao Altíssimo, ser adorado como Ele era, e é, e sempre vai ser. Quando deparou-se com a Criação Humana, reacendeu-se a chama da sua "esperança". Pelo menos temporariamente ele poderia ter o que tinha em mente: seu objetivo era ser adorado. Logo intentou um jeito de corromper a Criação que tinha livre acesso e comunhão com o Pai. Depois disso, impedindo esse livre acesso a Deus, talvez no seu entender "a coisa ia ficar mais fácil!".

Sabemos que os Povos Antigos ofereciam sacrifícios aos deuses. Mas, ficamos pensando... por que Satanás pensaria em estabelecer Cerimônias e Rituais, Sacrifícios e Oferendas, uma vez que Deus somente iria instituir os Ritos do Tabernáculo, o sistema de Sacerdócio e Sacrifícios *muito tempo depois*, apenas após a saída do Povo do Cativeiro Egípcio? É que Satanás conhecia algumas Leis Espirituais... sabia que certas coisas não iriam mudar. Portanto, ele poderia adiantar-se, ganhar a "dianteira" em relação a Deus.

Depois que o Homem e a Mulher foram expulsos do Paraíso, Satanás, tendo vencido a primeira batalha, pôde começar a observar melhor qual seria o comportamento do ser humano *depois* do pecado original. Seriam fáceis de manejar, ou não? Será que a essência Divina dentro deles faria muita diferença, mesmo depois da perda do "Elo"?

O que foi que o Diabo viu? Bem... muita coisa, mas a Bíblia destaca a história de Caim e Abel. Sem dúvida, esse foi o segundo ódio incontestável e incomensurável de Satanás! Não bastasse o sucesso com a corrupção do Gênero Humano, e agora aqueles dois irmãos, Caim e Abel, ofereciam ofertas ao Senhor, o que era uma forma de adoração. Ah, como o Diabo *odiou* aquilo! Como que depois do que tinha acontecido, aqueles homens jovens, filhos de uma primeira geração, cujos pais ainda certamente se lembravam de como era a vida e o relacionamento com Deus no Éden, tinham desejo de agradar Àquele "Ser cruel" que os havia amaldiçoado? Sinal que, mesmo fora da presença permanente de Deus, e agora como mortais, ainda assim o Amor de Deus estava sobre – e *dentro* – da sua Criação. De uma maneira diferente, mas ainda o Senhor amava e se manifestava aos seus. E os seus, pelo que estava parecendo... ainda buscavam a Sua Face!!!

Satanás precisava agir novamente. Observou a atitude de Caim e Abel e logo conheceu o coração do mais velho, por causa das suas atitudes. Óbvio era que o que contava naquela oferenda a Deus era a intenção do coração. Abel ofereceu a si mesmo, ofereceu das primícias do rebanho, e da gordura deste, sinal que houve um holocausto. Somente um coração puro e inclinado ao Senhor poderia, naqueles momentos tão iniciais da História, oferecer ao Senhor a gordura de um cordeiro! Caim, por sua vez, apenas ofereceu uma oferta do fruto da sua terra. Não era nada especial. Era, talvez, um protocolo a cumprir, uma vez que talvez Caim talvez soubesse que Abel queria honrar ao Senhor com aquilo que tinha. Se seu desejo fosse realmente agradar ao Senhor, e não apenas motivado pela competição e inveja (coisa comum entre irmãos que não são bem criados), não ficaria tão irado quando Deus lhe falou, ensinando-lhe o bom caminho e dando-lhe a garantia de que seria tão bem aceito quanto Abel.

Em Gn. 4: 4-7 observamos a sequência do episódio: “(...) Agradou-se o Senhor de Abel e da sua oferta; ao passo que de Caim e de sua oferta não se agradou. Irou-se, pois, *sobremaneira*, Caim, e descaiu-lhe o semblante. Então, lhe disse o Senhor: Por que andas irado, e por que descaiu o teu semblante? Se procederes bem, não é certo que serás aceito? Se, todavia, procederes, mal, eis que o pecado jaz à porta; o seu desejo será contra ti, mas a ti cumpre dominá-lo”.

Este episódio, por mais antigo e aparentemente sem tanta importância quando comparado à expulsão do Jardim e à morte espiritual do Ser Humano, não é tão inócuo assim. A maioria de nós nem lembra que Caim matou Abel, com tantas coisas mais importantes a serem compreendidas no Gênesis... afinal, era só uma rixa de irmãos, a primeira de muitas, muitas e muitas. Mas não foi uma rixa sem consequências desastrosas – novamente – para *toda* a Humanidade.

Você pensa que não? Quer saber como a Irmandade interpreta esses fatos?

Imagine só o Diabo observando isso! Quando a Palavra fala que “Caim andava irado” é sinal que era uma ira que vinha há vários dias e, certamente, em estado crescente porque bem sabemos a que fim nos levou esse episódio. O coração de Caim, inclinado *naturalmente* para o orgulho e a inveja, especialmente por ser o Primogênito, transformou-se num terreno farto para a ação do Maligno. Era muito fácil para Satanás ver... e entender o que acontecia. Caim não “dominou o pecado” como lhe aconselhou o Senhor; aparentemente não fez a menor questão, pois se julgava injustiçado. Ele se comportou exatamente da maneira como a maioria de nós se comporta hoje: se Deus não diz o que *queremos ouvir* ficamos de bico, emburrados e, por orgulho, fazemos do *nosso jeito mesmo*, abrindo as portas para o pecado que jaz ali mesmo, à porta, esperando para entrar, contaminar o coração e fazer com que tomemos as atitudes erradas.

Assim Caim fez. A Palavra de Deus, o conselho, a exortação feita com Amor e as advertências de nada serviram. Tudo entrou por um ouvido e saiu pelo outro. Deus havia dito que “o pecado estava à porta; o desejo de Caim seria contra ele”. Que desejo? Estaria Deus falando daquele excuso desejo que crescia dia a dia, o desejo de livrar-se de Abel?! “A ti cumpre dominá-lo”. Mas Caim não ligou, não obedeceu, deu vazão à ira, ao pecado, ao desejo de matar. Satanás apossa-se de Caim e usa da sua fúria utilizando para isso a porta aberta que tinha ele em seu coração: a inveja. O orgulho. O ódio. Caim matou seu irmão – não por acaso, mas de maneira premeditada, dando vazão “ao desejo do seu coração”. Porque era demais para ele conviver com o objeto da sua inveja e da sua ira.

Nem mesmo depois de matá-lo Caim demonstrou o menor arrependimento, o menor remorso nem que fosse: “Por acaso sou eu tutor de meu irmão?”, responde ele a Deus, grosseiramente, quando inquirido por onde andava Abel. Continuava a ira, continuava o orgulho, continuava igual... ou melhor... *muito pior* do que antes!

Podemos tomar esse relato como pouco relevante, mas Satanás conseguiu, mais uma vez , o que queria. Imagine a sua exultação ao perceber como era *fácil* corromper a Criação de Deus, feita à sua imagem e semelhança. A Bíblia não relata, mas é quase certo que o inimigo durante muitos dias alimentou aquela ira, falou e falou como Deus era injusto, cruel, desprezando o que, com tanto carinho, havia entregue em forma de adoração. Que Abel não era melhor do que ele, e já que Deus o amava tanto, por que não facilitar as coisas e enviá-lo logo para os braços do Senhor?!!

Caim foi amaldiçoado e recebeu uma marca de Deus, uma marca em consequência do que tinha feito. Como a Irmandade explica isso? Segundo eles, o que foi a marca de Caim?

Aparentemente, a marca de Caim era visível. Até a Bíblia dá a entender isso por causa do medo que Caim passou a Ter de ser morto por quem o encontrasse. Era como se agora houvesse *alguma coisa* nele, alguma coisa “estranha”, tão estranha que seria passível de morte! Mas o negócio vai além. Segundo os preceitos da Irmandade, a tal marca de Caim se estendeu para todo homem; todo homem passou a ter. Todo homem tem. Veja só: “Adão”, a raça humana pura, que habitou o Éden, era feita à imagem e semelhança de Deus. Embora essa semelhança fosse espiritual, não deixava de ser também emocional e física pois, afinal, o homem também é um ser triúno: corpo, alma e espírito. Portanto, não há sombra de dúvida de que, como os anjos de Deus, a beleza destes primeiros seres humanos deveria ser incomparável, perfeita, espetacular! De fazer babar qualquer Modelo Fotográfico de hoje em dia (sem querer desmerecê-los, é

claro)!

Desde o tempo dos Gregos e dos Romanos o segredo da beleza procura ser desvendado... O que torna alguém bonito, ou não? Segundo os antigos, é a simetria facial e corpórea.

Existem desenhos, modelos do que seria o homem perfeito, a mulher perfeita, e que medidas teriam eles, que *proporções* teriam eles. A Irmandade em especial dá valor primordial à simetria do rosto. De nada adianta o corpo bonito se o rosto for desagradável; e o que traz essa sensação de alguém ser "agradável" à vista é a simetria. Por exemplo, existem pessoas que são ícones de beleza em todo o Mundo, admiradas por todos, praticamente sem exceção alguma. Ou seja, não faz parte de um padrão de beleza regional, mas mundial. Quer ver? Todo mundo acha alguns atores e atrizes de Hollywood muito bonitos, e isso vai além da telinha, entendem? O Japonês acha, o Africano acha, o Europeu acha, os Americanos, então... sem comentários! Vai além da Mídia e do que ela possa produzir. Parece ser um "Padrão de Beleza Universal", assumido e reconhecido por todos.

É como ver um anjo. Mas quem vê um anjo em sua forma original é imediatamente impressionado fortemente pela beleza indescritível, incomensurável, perfeita, em todos os sentidos: o rosto, os olhos, o cabelo, o corpo, a musculatura, a pele, o porte físico...

Assim, diz a Irmandade (não se esqueça de que agora estamos não mais falando de História, mas tratando de preceitos do Satanismo): depois do feito de Caim a situação piorou um pouco mais para toda a Humanidade. A marca e a maldição de Deus abriu espaço para ser lançada uma contaminação nele. Uma contaminação diferente.

Perceba: desde a expulsão do Jardim, Satanás já tinha conseguido grandes feitos em relação à Criação. Aliás, é interessante perceber que ele tinha acesso ao Éden, e também ao homem. Mas note qual o único lugar, a única "porta de entrada" de Lucipher àquele intocado Paraíso: justamente o lugar onde Deus havia dito: "Não vá!". Ali era perigoso. Deus não podia simplesmente extinguir o Mal, uma vez que ele já existia. Haveria tempo certo para isso! Mas o Senhor alertou sua Criação quanto aos perigos de acercar-se da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, e comer do seu fruto. O resultado seria a morte. A Bíblia é sucinta, mas tenho certeza de que Deus foi bastante claro, bastante específico, bastante amoroso e explicou muito bem que... "Lá não, meus filhos!".

Uma vez que isso aconteceu, todo ser humano não somente passou a ter o *conhecimento* do Bem e do Mal, como também tornou-se *habitat* do Bem... e do Mal! Ou seja... todo homem é Bom e Mau ao mesmo tempo. Desde que

absorveram, introduziram, “comeram” da Árvore, todas as Gerações posteriores daqueles que tinham sido criados à imagem e semelhança de Deus tinham, lá no fundo do ser... uma essência maligna. Todo ser humano é capaz de matar, todo ser humano é capaz de destruir, todo ser humano é capaz de roubar... desde que as condições sejam favoráveis para isso. Não foi muito difícil para Satanás e todos os Demônios que o acompanhavam perceberem a fragilidade do Homem afastado de Deus. Todo ser humano “comeu”, “absorveu” uma essência do Diabo ao comer do fruto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Antes, detentores apenas do Bem em seus corações e em sua essência, agora a coisa tinha mudado de figura. Deus foi obrigado a expulsar o homem do Jardim, antes que, agora contaminado, comesse da Árvore da Vida e vivesse eternamente naquela situação inglória!

Essa contaminação com a essência do Diabo gerou uma sequela não somente espiritual, mas *em todos* os âmbitos: emocional, mental e também física. Começou apenas espiritualmente. Mas depois que Caim matou Abel... isso se ampliou, atingindo até o corpo físico. Se ele tivesse obedecido a Deus e procurado se acertar, mudar de rumo seu coração... mas não foi o que aconteceu. Amaldiçoado, sem a proteção de Deus... Caim foi tocado, *contaminado* pelo Diabo... a mesma perda de beleza que Lucipher e os anjos rebeldes receberam, Caim também recebeu de Satanás. Foi uma consequência natural da manifestação do Mal, e Caim pediu por isso. Depois de amaldiçoado por Deus em consequência do assassinato de Abel, da terra que lavrava não conseguiria tirar mais o seu sustento, sendo errante e fugitivo pela terra, *lançado longe* da presença do Senhor. Ainda que não fosse mais como no Éden, havia a presença do Senhor próxima à Sua Criação, mas ao que parece, sem demonstrar arrependimento algum quando lhe cabia fazê-lo, Caim agora colhia consequências irreversíveis em sua vida. E Deus nada mais podia fazer por ele, pois fora alertado e desobedeceu; ficou à mercê dos Demônios, de Lucipher... e sofreu uma alteração que se perpetuaria para todo o sempre.

Mas... *por que fugitivo*? Por que Caim tinha *tanta certeza* de ser morto por qualquer que o encontrasse? Indo para longe, não necessariamente as pessoas saberiam quem ele era e o que tinha feito. Então... *matá-lo* por quê??? De acordo com a Irmandade, a contaminação visível que Caim recebeu foi a perda da beleza, a perda da simetria facial, alterações de pele... ou seja... tornou-se um ser bastante “esquisito” para os padrões da época, um ser que talvez assustasse, e, portanto, merecesse a morte. Mas Deus não queria mais mortes, mais assassinatos, mesmo o de Caim. Por isso Deus colocou um sinal nele, um sinal que dizia (não sei como, mas assim foi), que quem matasse Caim seria vingado sete vezes.

Dessa maneira, embora com nossa mente humana talvez achássemos que Deus deveria ter permitido a morte de Caim, fato é que isso não aconteceu. E Caim teve filhos, gerou uma descendência e repassou a semente que tinha recebido, uma alteração genética por causa da contaminação de Satanás; que foi "homicida desde o princípio". Caim também... Ele foi o primeiro homicida da História. Mas teve um filho, e em homenagem a ele edificou uma cidade. A semente da maldade de Caim se espalhou, pois na sua quinta geração, Lameque, descendente de Caim, matou dois homens "um porque o feriu, o outro porque o pisou (...)". E esse Lameque já tinha, certamente, recebido Juízo de Deus, pois ao contar suas "proezas" às duas esposas que tinha, diz: "Sete vezes se tomará vingança de Caim, porém de Lameque, setenta vezes" (toda esta história, desde Caim e Abel, está narrada em Gênesis 4).

A semente de Caim se espalhou; a sua contaminação, que gerou uma deformidade física, tornou-se genética, permanente. Exatamente como aconteceu com os Demônios que, embora possam por algum tempo expor-se de maneira bela, hoje têm como estado original as deformidades físicas características daqueles que deixaram a presença de Deus através da rebelião. A Irmandade afirma que se usarmos de um experimento simples podemos ver a "Marca" em todo ser humano. Usando de um espelho, se observarmos apenas um lado do rosto, termos a impressão de placidez, de bondade; e o outro lado apresenta-se maldoso, cruel.

Então, essa alteração genética de Caim, e também alterações genéticas outras geradas aos poucos através da corrupção do Gênero Humano, começaram a fazer com que, gradativamente, surgissem pessoas mais feias, pessoas deformadas, com um organismo que não é mais perfeito, sujeito cada vez mais a doenças. Em outras palavras, queremos dizer que a Marca de Caim é visível, sim, no indivíduo, mas ela é enxergada bem melhor na Sociedade como um todo. É como jogar um grão de açúcar sobre uma mesa; não se vê o grão isoladamente, mas se derramarmos o açucareiro todo, é fácil perceber que a mesa está branca. A decadência a que se foi submetendo o homem, e os horrores da História, segundo a Irmandade, é a Marca visível – *totalmente visível* – de Caim. Talvez isso não tivesse acontecido de forma tão intensa e a desgraça do ser humano não fosse tão completa se o erro tivesse permanecido apenas no pecado original. Mas a atitude de Caim gerou mais uma maldição irreversível.

Contudo, a Adão e Eva nasceu outro filho, Sete, que o Senhor lhes concedeu no lugar de Abel. A Sete também nasceu um filho, Enos. E diz a Palavra que "a partir daí começou-se a invocar o Nome do Senhor" (Gn. 4: 25-26). Claro que Abel deve ter orado ao oferecer sua oferta, todavia, este parece ser o primeiro momento em que o Nome do Senhor – Yaweh – foi empregado. É interessante

notar que a Bíblia separa os descendentes de Caim dos descendentes de Adão, como se Caim já não fizesse parte daquela família. Tudo começa de novo no início do capítulo 5 de Gênesis, dizendo que Adão tinha 130 anos quando gerou um filho à sua semelhança, Sete. Este é o primeiro filho da genealogia de Adão, pois Caim foi boicotado dela, e Abel tinha morrido; depois de Sete, Adão e Eva tiveram "filhos e filhas", sinal que a ordem de multiplicar-se e povoar a Terra continuava, e Deus abençoou os filhos de Adão e Eva. De Sete veio, futuramente, Enoque, que, por sua vida íntima com Deus não conheceu a morte, pois "Deus o tomou para si". Noé foi bisneto de Enoque, e tanto ele quanto seu pai, Lameque, tinham vida com Deus, num mundo em que já imperava a corrupção, a violência, a degradação, a depravação sexual, a bigamia, a mortandade (Gn. 5: 3-4, 21-29). No meio de tanto "açúcar" em cima da mesa, foi possível que alguns, alguns poucos, tivessem conhecimento, agradassem e vivessem com o Senhor.

Entretanto... eram minoria. Pouquíssimos homens estavam dispostos a servir a Deus, ao passo que Satanás triunfava diante dos homens, com suas artimanhas e enganos. Se seria algo permanente, era questão de somenos; naquele momento estava recebendo o que queria: adoração! A adoração maior era ver e ouvir da boca da Criação de Deus, e perceber por suas atitudes... que pouco estavam se lixando para o Criador. Adoração por meio de deuses e deusas feitas pelas mãos humanas, "em quem não há folêgo". Mas por trás destes, lá estava ela... a Serpente! Mas ainda era pouco... O objetivo de Lucipher sempre foi um só: ser adorado *como Deus*! Mesmo tendo sido lançado à Terra, esse desejo permanente do seu coração não esmaeceu e ele queria receber a veneração de um deus.

Seu intuito era estabelecer um reino sobre a Terra. Se fosse possível a Satanás apropriar-se da Criação de Deus... então, estaria tudo realizado! No entanto, ainda nestes primórdios de Abel e Caim, esse reino não estava estabelecido; havia pouco sobre o que reinar. Para reinar ele teria – era *preciso* – que ele se revelasse progressivamente ao homem. A observação do que aconteceu com aquela mulher que recebeu nome de "Eva" por ter sido a Mãe de todos os seres humanos, e posteriormente com seu marido, que foi por ela influenciado a despeito do contato íntimo que tinham com Deus, mostrou muito ao inimigo sobre a natureza humana. Depois... Caim. Depois... deuses e deusas, e Ritos de fertilidade. E Gigantes!

Quer dizer... se bem manipulados... estava óbvio que os seres humanos, a menina dos olhos de Deus, o mais belo exemplar da Criação podia "mudar de lado". Eles podiam ser seduzidos, podiam desobedecer... podiam se esquecer completamente de Deus. Lucipher conhecia a questão do Livre-Arbítrio, pois ele mesmo e a Terça parte dos anjos do Céu fizeram uso dele. E logo ficou muito

claro que, tratando-se do Homem, as consequências desastrosas e aparentemente irreversíveis do pecado original só facilitariam sua tarefa. Satanás percebeu que bastava um “pequeno empurrão” e a Criação poderia ser dele. O Homem que Deus criou poderia realmente ser inclinado a fazer o que o Diabo queria. Essa seria, sem dúvida, a maneira de começar o seu reino na Terra! A sua vingança!

Foi o que ele fez, sem perda de tempo. Para isso, em sua astúcia, era necessária a personificação tanto do Bem quanto do Mal. A Bíblia diz que Deus colocou no coração de todo homem uma revelação de Si mesmo. Mas não adiantou muito. A História nos relata o que aconteceu: “Porque os atributos de Deus, assim o Seu Eterno Poder como também a Sua própria Divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do Mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. (Os) homens são por isso indesculpáveis; porquanto tendo o conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos, e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis” (Rm. 1: 20-23). Em suma, a Criação foi atrás das revelações e enganos do Diabo, pois não foi com Deus que aprenderam a fazer seus ídolos, adorando o pau e a pedra (“Imagens do Homem Corruptível” = Antropomorfismo; ou seja, formas de materialização demoníaca; “aves, quadrúpedes e répteis” = Zoomorfismo; ou seja, formas de Licantropia e a própria materialização de Demônios).

Isto não ficará impune, por certo: “A ira de Deus se revela do Céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a Verdade pela injustiça.; porquanto o que de Deus se Pode conhecer é manifesto entre eles, *porque Deus lhes manifestou*” (Rm. 1: 18-19).

A Palavra nos garante que a Criação oferece provas – para quem está disposto a aceitá-las – de um Poderoso “Alguém” por trás de tudo. Há evidências insuperáveis a favor de um Criador. A beleza intrincada e a complexidade de tudo que existe, desde as partículas subatômicas e os componentes moleculares básicos da Vida, até o Universo infinito repleto de corpos celestes dos mais variados, que seguem seu curso demonstrando a presença invisível de um “Arquiteto” que tudo planejou.

Ou seja, os homens não foram simples *joguetes* nas mãos de Satanás e dos Demônios, muito mais inteligentes e astutos do que eles. Deus garante que revelou no interior de todo homem a sua Glória e Supremacia, dizendo, inclusive, que os homens são indesculpáveis por terem feito o que fizeram. Não fomos abandonados à nossa própria sorte, mas como vemos, tudo o que se colheu até o momento atual da nossa História foi consequência do livre-arbítrio

humano, e não fruto de ignorância. E isso mesmo depois do pecado original.

Entende agora por que era necessário ao Diabo personificar tanto o Bem quanto o Mal? Por causa desta revelação interna do Bem, de Deus, do Criador que todo ser humano tinha no seu íntimo, era preciso que Satanás, para consolidar com força o seu engano e o seu lugar, oferecesse tanto figuras do Bem – o que ele fez em maior quantidade – mas também do Mal, pois os seres humanos precisavam de uma explicação para a existência dele. Era a melhor maneira de ludibriar o ser humano e confundi-lo. Foi uma técnica de sedução interessante que deu tremendos resultados.

A personificação do "Malvado" e do "Bonzinho" é mais ou menos o que fazem os policiais, em suas técnicas para enganar aqueles de quem querem extrair confissões. Imagine a seguinte situação: dois policiais abordando uma pessoa. Um deles faz o papel do "Malvado": "Vou te matar, vou arrancar a sua pele, você não sai vivo daqui se não fizer como eu estou dizendo"; tem crises histéricas, enfia o revólver na boca da vítima, aterroriza ao máximo, pressiona, faz o mal, ameaça. O outro policial faz o papel do "Bonzinho", aparentemente ficando *contra o outro e contra a sua violência*. Um aparente defensor, que enfrenta o outro na base do "Deixa disso, já chega!". E conversa com a vítima em outro tom: "Conte pra mim o que você fez; se você confessar, eu vou te ajudar, nada de mal vai te acontecer". Técnica comum, pelo menos aqui no nosso País. Mas o que a vítima não sabe é que os dois estão mancomunados, todo o "teatro" é um ensaio para que os dois se beneficiem. Não há o "mau" e o "bom"; é simplesmente uma técnica para confundir, enganar... e levar ao resultado que eles desejam: uma confissão, um suborno..... algo que beneficie a eles e não à vítima.

Sei que a analogia é fraca, mas serve para fazê-los entender que não havia Entidades boas e ruins na Antiguidade. Eram todas Entidades demoníacas, recebendo suas oferendas, suas cerimônias e seus rituais de adoração! Estavam de comum acordo – como os policiais –, mas não podiam simplesmente aparecer todos soltando fogo pelas ventas, é claro, pois então não encontrariam adeptos. Ou, pelo menos, não muitos. E a intenção do Diabo era ter muitos, muitos, *muitos* seguidores. O engano sempre foi a maior arma de Satanás, e isto começou desde que o Mundo é Mundo, desde que surgiram os primeiros seres humanos.

Foi exatamente o que a Serpente fez no Jardim: enganou! Foi o que o Diabo fez com Caim, induzindo-o àquele absurdo, algo *nunca feito antes*, uma atrocidade que ainda não existia no Mundo... em nome de quê? De provar que ele era melhor que o irmão, e para ser reconhecido como tal era necessário que Abel desaparecesse... Novas e severas consequências para a Humanidade!... Daí

pra frente foi uma descida na ribanceira tão grande que chegou o ponto de saturação de Deus, que decidiu trazer sobre a Raça Humana o Dilúvio.

Depois, conforme as Civilizações foram crescendo e se desenvolvendo, observamos pelo estudo das Culturas Antigas que eram todos Politeístas, desde os Povos Mesopotâmicos, as primeiras Culturas de que temos notícia. Tanto Satanás quanto os Demônios que com ele foram expulsos da presença de Deus foram aprisionados em cadeias, à espera do Juízo, à espera do Tempo do Fim. Mas a maior parte deles se libertou, e não foi Deus quem os soltou. A intenção de Deus não era – nunca – misturar o Homem com os Demônios. Mas aconteceu, e você vai entender como, só que, uma vez livres na Terra... vieram para dominar. E estavam indo bem, inegavelmente. Por isso, como aprendemos, não era incomum que *milhares* de deuses fossem adorados. Afinal, havia milhares de Demônios rondando a Terra, observando os homens e influenciando-os. Por trás destes ídolos, mesmo que fossem representação de uma Entidade "Boa", como os deuses do Sol, do Amor, da Beleza, etc... a verdade é que desde que as primeiras Civilizações surgiram, e surgiu também o engano do Politeísmo. A personificação pura do Mal, o entendimento de um deus totalmente maligno em sua essência aparece pela primeira vez apenas na figura de Seth, Entidade Egípcia.

Embora os Ritos da Mesopotâmia (e isto engloba, principalmente, a Babilônia, a Assíria, os Caldeus e os Persas), sejam de pouca importância para a Irmandade de hoje, foi assim que começou a revelação de Satanás e os seus planos de ser adorado como deus. E, mais ainda, de construir na Terra um Reino *maior* que o do Deus Verdadeiro. Esses povos antigos têm sua importância na nossa história porque foi aí que começou a revelação do Diabo ao Mundo, ao ser Humano. Assim como Deus trouxe a revelação de Si mesmo e do Plano da Salvação de maneira *progressiva* ao ser humano depois da queda, o mesmo aconteceu no modo de agir de Satanás. A revelação do Mal também foi progressiva, e nem poderia ser diferente. É preciso preparar a mente das pessoas, incutir ideias profundamente, torná-las parte da Cultura, incrustar o engano de tal modo que não possa ser arrancado.

Naqueles primórdios, talvez ele estivesse apenas "sentindo o terreno", familiarizando-se com o Homem, observando até que ponto poderia ir. Para isso, como já foi dito, ele precisava tanto da personificação do Bem quanto da personificação do Mal. Na Antiga Babilônia, observamos que os deuses comportavam-se de maneira estranha, eram "meio de Lua", quer dizer... se de bom humor, causavam o Bem, se irados, causavam o Mal. O Bem e o Mal podiam residir numa mesma Entidade, e isso era uma maneira de, sutilmente, Satanás introduzir sua doutrina relativista de que Bem e Mal não são Absolutos.

No período Neobabilônico aprendemos sobre os Zigurates, cujo maior deles fez alusão à famosa Torre de Babel. Lembram-se do que havia no topo do Zigurate? Um Templo a céu aberto, cheio de salas, e onde estava o Trono de Marduk, principal Entidade Babilônica. Quem seria Marduk, não? É relativamente fácil de adivinhar: o próprio Lucipher. Que faziam os homens ali a não ser quererem chegar aos céus, e serem, de algum modo, semelhantes aos deuses? Cometiam o mesmo pecado de Satanás! Os Assírios cultuavam milhares de Entidades... por trás de cada uma, um Demônio que se deliciava com a adoração que recebia. A Cultura Grega é especialista em personificar deuses sujeitos às mesmas paixões que os seres humanos, podendo sentir ódio, amor, ciúmes, inveja, orgulho, desejo de matar; alguns são altruístas, outros maquiavélicos. Os deuses gregos podiam ter seus filhos com as mulheres mortais, dando origem aos semideuses. Vê como esse tipo de relação é antiga?!

Por que isso tudo aconteceu? Não do ponto de vista Bíblico, mas do ponto de vista Satânico....

Uma vez que os homens tornaram-se *habitat* do Bem e do Mal, e são como que “meio filhos de Deus” e “meio filhos do Diabo”, agora eles podem, através do seu livre-arbítrio, fazer sua própria escolha. A que Deus querem servir... se ao Senhor... se a Lucipher! E se o Diabo conseguir ter um contingente maior de adeptos... se o seu reino for maior... ele é deus! Uma sutileza nada sutil, mas uma linha de raciocínio bem interessante. SE Deus criou o Homem para compartilhar com Ele a Sua Glória, e ser pelos homens adorado, e ter comunhão tão estreita a ponto de poder ser chamado de “Pai” pelos seus filhos... mas, se de repente, esses, que Deus criou preferirem servir e cultuar milhares de outros deuses, e, sendo influenciados por estes, tornaram-se *mais à imagem destes* do que à imagem de Deus... então, Lucipher venceu. Por isso a Terra se corrompeu tanto! Satanás acabou tomando a Criação de Deus para ele mesmo.

Portanto, ao longo da História, usando de todo artifício de engano, Satanás convenceu o Homem e este perdeu completamente o contato com o Deus verdadeiro. Logicamente que alguns poucos continuaram, mesmo no caos espiritual reinante, fiéis ao Senhor. Além do Politeísmo religioso, como aprendemos antes, quando uma Civilização era conquistada por outro povo mais forte, isto significava que seus deuses também tinham sido derrotados. Grande gracejo do Diabo e dos Demônios, uma vez que os nomes das Entidades e a forma de Culto ia mudando, mas os que eram adorados, fosse sob o nome que fosse, continuavam sendo os mesmos: Lucipher e seus Demônio de alta hierarquia. Claro que não havia espaço para todos... Por mais deuses que fossem cultuados, a terça parte dos anjos caídos certamente não conseguiria encaixar-se nesta listagem.

O Sincretismo Religioso foi muito intenso e, embora a Irmandade não entre em detalhes a respeito dos antigos Ritos da Mesopotâmia, a verdade é que foram, aos poucos, incutindo na mentalidade humana, ao longo das Gerações, a *necessidade* dos Ritos, das Cerimônias, das oferendas de sacrifício. Uma revelação progressiva de que era *importante*, e cada vez *mais um pouco*... procedimentos cabalísticos, astrológicos, etc...

Isso tudo chegou a um ponto de fato importante com dois Povos: os Egípcios e os Celtas. Pode parecer estranho que um povo que construiu algo semelhante à Torre de Babel não tenha sido citado como importante pela Irmandade. Ainda mais porque a Bíblia fala bastante em Babilônia como representante de um sistema mundano, totalmente decaído e desviado de Deus e da Verdade. Mas podemos dar um exemplo para facilitar a sua compreensão: os Romanos, do ponto de vista Histórico, impactaram sobremaneira com o domínio exercido pelos Imperadores. Já do ponto de vista espiritual, nem tanto... Você estudou a Religião deles. Nada de muito especial. Bem diferente dos seus precursores Egípcios, e também dos Celtas. Do ponto de vista *espiritual*, pode-se dizer que Egípcios e Celtas impactaram muito mais, pois influenciaram profundamente o comportamento de pessoas à sua volta... pessoas que *faziam* a História acontecer! Como já foi comentado, o Diabo não pretendia deixar seus rastros ao longo do Tempo. Sabemos que muita História dos Egípcios se perdeu; sua Religião era complicada e esquisita para nossos costumes, quase que inteiramente voltada a mumificar defuntos e buscar a eternidade. Os Druidas poucos manuscritos deixaram, praticamente *nada* escrito.

Mas não é o que aconteceu de verdade.

•Egito

O Egito é o primeiro povo de “peso” a ser citado.

Haviam Rituais Secretos para o Faraó e somente para os mais altos escalões Sacerdotais, quando já havia alianças com Principados e Potestades, que declaradamente demonstravam o seu Poderio. Não era algo mais tão sutil quanto antes, deuses bons, deuses maus... O Faraó e estes Sacerdotes escolhidos a dedo pelo Inferno sabiam com o que estavam lidando. Conforme conta a Irmandade, havia uma conscientização de que estavam adorando um deus de extremo Poder, que era um Pai verdadeiro, e que era a figura do Diabo! Isto, naturalmente, não está escrito nos livros de História, mas nos registros internos da Irmandade.

Lucipher era o chefe, o maioral, o Principal destes “deuses”. Mas havia toda uma Hierarquia Infernal de Principados e Potestades, *Espíritos Territoriais*, que era adorada e a quem se prestavam Cultos muito específicos. Digo específicos porque havia as Festas de que todo o Povo Egípcio podia participar, bem como

as Cerimônias que todos esperavam ao longo dos anos e dos meses. Mas havia aquilo que era feito tão somente no mais profundo recôndito dos Templos e das Pirâmides. Em determinado momento da História dos Egípcios foi dada a eles a urgência de terem aliança com os Espíritos Territoriais daquela região. Note que isso foi inédito, entende? A aliança com Espíritos Territoriais apareceu pela primeira vez com os Egípcios, pois tinha chegado a hora, tinha chegado o tempo, a mente deles estava preparada para isso, coisa que os Povos mais antigos não tinham condições de compreender e nem de aceitar – talvez. Quem sabe? A verdade é que ali no Egito, o contato com Espíritos Territoriais começou.

Bem, novamente você talvez esteja a se perguntar: “Mas eles já não tinham essa aliança? Não estavam prestando cultos e oferecendo sacrifícios aos deuses?

Prestar culto e “ter aliança” são coisas bem diferentes. Na Mesopotâmia também se prestava culto, e a Irmandade afirma que eles *não* tinham aliança com o Diabo e os Demônios. Era apenas um experimento, uma sondagem de terreno. Vamos tentar explicar melhor do que se trata essa aliança com os Espíritos Territoriais. Ainda que Satanás não tenha o poder de prever o futuro, ele é um ótimo observador da História e do ser humano. Isto faz com que muitas coisas sejam possíveis de serem “adivinhadas”, com grande margem de acerto. Por exemplo, o Diabo está olhando o curso da História de uma maneira que nenhum ser humano seria capaz.

Certo momento, a pergunta que Lucipher se faz é a seguinte: “Que Nação está crescendo o suficiente e é poderosa o suficiente a ponto para *vir a reprimir* aqueles que virão a se opor a mim, e um dia possam atrapalhar meus seguidores e meus intentos?”

Veja bem... nem tudo podemos entender cem por cento, mas a resposta foi: Egito! Lembra que, de repente, eles tiveram uma “explosão cultural” e começaram a se diferenciar, e muito, da Mesopotâmia (com quem vinham caminhando mais ou menos em paralelo na questão do desenvolvimento)? Ao Egito foram revelados segredos a que somente os mais poderosos Sumos Sacerdotes de nossos tempos têm acesso. Isso, é óbvio, não poderia ser por acaso! Alguma coisa Lucipher viu naquele Povo que o fez dar uma espécie de “grito” de urgência aos Egípcios.

Um dos grandes segredos da Alta Magia revelados aos Egípcios foi a maneira de construir as Pirâmides... e para que serviam elas. Isso aconteceu muito, muito antes de Israel tornar-se uma Nação. Antes que você pergunte o óbvio: o problema (para Satanás) é que havia *aquela promessa*. A promessa de Deus feita em Gn. 3: 15, na qual o Senhor prometera pisar a cabeça de Satanás por meio de um descendente de uma mulher. Pode ser que nós, Cristãos, ponhamos em dúvida a Palavra que sai da boca do nosso Deus... mas o Diabo nem sequer

cogita em *não crer*!

Por esse motivo, Lucipher sabia que tinha que ter a seus pés uma Nação bastante forte e bastante poderosa para impedir que o que Deus prometeu se cumprisse; usando – sempre! – o livre-arbítrio do Homem. Antes de falarmos daquilo que a História não sabe sobre as Pirâmides – portanto, não pode contar –, vamos entender um ponto importante: Satanás detinha uma "Chave de Tempo" (explicaremos mais tarde) e ele sabia *quando* um "Selado" de Deus iria nascer, uma pessoa escolhida para cumprir um propósito muito específico no Mundo (também explicaremos a seguir).

Noé era um deles. Mas haveriam outros. Era preciso estar preparado para o surgimento dessas pessoas. Pessoas com quem o Senhor já tinha, de antemão, desde antes do nascimento, estabelecido aliança e prometido grandes coisas. Se Deus iria contar com pessoas, para impedir o plano de Deus de se realizar – assim raciocinava o Diabo – era preciso que ele pudesse contar com o apoio humano também. Isso não se faz do dia para a noite, mas ao longo das Gerações; a parceria com o Homem, assim como a revelação do Mal, é progressiva. Já dissemos isso.

Mas vamos às Pirâmides. As primeiras Pirâmides verdadeiras apareceram no começo da Quarta Dinastia (2575–2465 a.C.), desenvolvidas a partir das Pirâmides em degraus da Terceira Dinastia. Estas, em degraus, foram uma espécie de preparo, de aprendizado para as que viriam a seguir. Também era preciso contar com as pessoas certas. Então, tais estruturas se desenvolveram rapidamente desde o primeiro Governante deste período, partindo depois para os enormes Monumentos de Pedra do Mundo Antigo. As Pirâmides em degraus não são consideradas Pirâmides "verdadeiras". Desde a época de Esnofru, o primeiro Faraó da 4ª Dinastia, a construção de Pirâmides tornou-se o principal projeto nacional. Mas foi com o Faraó Quéops e sua família que Satanás estabeleceu aliança verdadeira pela primeira vez!

A precisão de Engenharia e da orientação dessas colossais estruturas de pedra implica um profundo conhecimento de Astronomia e Matemática, do qual não há nenhuma evidência por escrito (sugestivo, não?). Um complexo de Pirâmides típico contém cerca de 14 componentes arquitetônicos, cada qual com sua função e sua localização específica. O grupo das famosas Pirâmides de Gizeh, dos Faraós Quéops, Quéfren e Miquerinos seguem este programa arquitetônico. A Pirâmide, situada no alto do vale, continha o túmulo do Faraó e era o ponto focal dos cultos executados nos Templos superior e inferior. Nestes Templos estavam todos os salões, salas e os corredores necessários para a execução dos Rituais, para o espírito do Rei e para os deuses. Eles também forneciam espaço para a estatuária e os relevos murais, exigidos para acentuar esses Cultos. Isso é

o que a História conta. Mas não é tudo.

Há inúmeros pontos obscuros em relação às Pirâmides, particularmente a Grande Pirâmide de Quéops, a primeira Pirâmide Verdadeira e considerada uma das Sete Maravilhas do Mundo.

Há dois fatores Marcantes na Civilização Egípcia: sua continuidade e longevidade, e a possibilidade de uma enorme centralização da Administração do Império que a Cultura Egípcia e a localização Geográfica do Egito permitiram.

A Pirâmide de Quéops tem uma base com 230,38m de comprimento e uma altura de 146,6m. Se você pegar duas vezes o comprimento da base e dividir pela altura, você chega a um valor de “3.14297...”. Número sugestivo este, hein? É praticamente o valor exato do *Pi*!

Durante 4.500 anos a Grande Pirâmide foi a maior construção erigida pelo homem. E continua sendo uma das maiores, devendo, sem dúvida, permanecer de pé por mais cinco mil anos. Erguida na planície de Gizeh, a Grande Pirâmide foi construída com seis milhões e meio de toneladas de pedra e erguendo-se a 146,5 metros em direção aos céus. A Pirâmide de Quéops tem 440 cúbitos de largura e contém mais pedras que todas as catedrais, igrejas e capelas da Grã-Bretanha reunidas: dois milhões e trezentos mil blocos de granito, pesando, em média, duas toneladas e meia cada um. Alguns desses blocos são maiores e chegam a pesar quinze toneladas.

Sem vê-la, o tamanho da Pirâmide é quase incompreensível. Ela cobre uma área de 52.611 m² e cada lado mede, na base, 228 metros. Tem 148 metros de altura. Erguendo-se sobre o relativamente alto platô de Gizeh, juntamente com as Pirâmides de Quéfren e Miquerinos, elas dominam uma área que se estende por quilômetros. Junto com elas, naquela região, são ao todo cerca de meia centena de Pirâmides.

Naquela época, a margem oeste do Nilo ficava bem mais perto de Gizeh do que agora. Como era habitual, uma estrada elevada foi construída desde o lado leste da Pirâmide até a margem oeste do Nilo e, segundo o costume, um edifício conhecido como Templo do Vale foi erguido ali; o Templo do Vale tinha comunicação com a Pirâmide. Ao pé da Pirâmide, no seu lado leste, construiu-se o Templo Mortuário. Contudo, os Arqueólogos afirmam que o plano do Templo Mortuário da Pirâmide de Quéops difere inteiramente dos que os precederam e sucederam. Os Egiptólogos dizem que foi construída pelos antigos Egípcios nos anos 2.500 a.C., aproximadamente na mesma época em que a Esfinge e as outras duas Pirâmides do complexo de Gizeh foram construídas também.

O que se discute atualmente é *porque motivo* a Grande Pirâmide foi construída.

A Grande Pirâmide é uma obra fantástica de engenharia, não só por seu tamanho, mas também pela exatidão com que foi construída. Por que razão os construtores se empenharam em obter tanta precisão? Para quê uma precisão tão grande se nem o olho humano pode percebê-la?

As faces da Pirâmide estão posicionadas para os quatro pontos cardeais com uma incrível precisão, apresentando somente 0,015% de margem de erro. Atualmente, para se conseguir tal precisão são necessários um teodolito de laser, um mapa dentro dos dez metros de precisão, engenheiros, astrônomos e mestres de obras. Realmente, permanece um mistério que tipo de conhecimento foi usado para a sua construção. A base da Grande Pirâmide forma um quadrado quase perfeito: a diferença entre o mais comprido e o mais curto dos lados é de apenas 25 cm. As esquinas diferem menos de um grau do ângulo reto (90°). Esta obra-prima de engenharia foi realizada sem a ajuda de roldanas e rodas, nem as sofisticadas ferramentas de corte que atualmente os engenheiros dispõem.

Calcula-se que a construção da grande Pirâmide levou algo em torno de 23 anos, com o trabalho diário de 100.000 homens. Somente a grande concentração de poder em torno da figura do Faraó consegue explicar tal projeto (pelo menos é assim o que especula a História, contudo, não podemos nos esquecer da ajuda recebida dos Demônios).

Imediatamente a leste da Grande Pirâmide erguem-se três Pirâmides menores, em condições relativamente boas até hoje. Elas foram construídas de acordo com o costume da época. Os Historiadores acreditam que a mais meridional foi destinada à Grande Esposa de Quéops, cujo nome era Henutsen, e que as duas outras pequenas Pirâmides provavelmente foram erguidas ou para outras mulheres de Quéops, ou para as princesas, suas filhas. Também de acordo com o costume da época, barcas “solares” foram colocadas em poços, nos vários lados da Grande Pirâmide. Como Quéfren fosse irmão de Quéops, e Miquerinos fosse filho de Quéops, percebe-se que a revelação do Diabo foi dada pela primeira vez a essa família, tornando-se como que um segredo – um pacto – entre eles.

Nesta Pirâmide não há hieróglifos ou murais. A única marca existente em toda a Pirâmide, e que a associa a Quéops, encontra-se na área de tensão estrutural acima da Câmara do Rei. Ali acha-se a marca do trabalhador da pedreira que está identificada com Quéops. A câmara da Rainha está posicionada no centro exato da Pirâmide, bem abaixo da câmara do Rei.

Voltemos agora a atenção para as afirmações dos místicos e dos românticos, de que a Grande Pirâmide não seria a morada eterna do Faraó Quéops. Não existem provas de que o enorme sarcófago de granito vermelho encontrado na Câmara do Rei, situada num ponto bem alto da Pirâmide, foi algum dia usado para sepultamento. Um especialista americano disse que Quéops providenciou

em segredo um funeral falso em sua Pirâmide e ordenou que seu corpo fosse sepultado em outro lugar. O corpo de Quéops jamais foi encontrado.

Entra-se na câmara por uma porta quadrada, de quase um metro. A sala conhecida como Câmara da Rainha nunca foi terminada, nem, portanto, usada. Na base da Pirâmide, ao pé de um corredor descendente, encontra-se o chamado poço. É uma câmara que alguns Arqueólogos acreditam ter sido destinada originariamente ao sepultamento do Faraó. Todavia, não há provas de que foi usada.

Se Quéops pretendia fazer da Grande Pirâmide um Templo de aprendizado e de iniciações, como muitos acreditam, não teria sido sepultado nela. Uma vez terminada, Quéops certamente angariou a veneração do Povo Egípcio. Segundo os arqueólogos, era um Monumento totalmente diferente de qualquer outro já construído. Diz-se que o califa Al-Mamoun foi o primeiro a penetrar na Grande Pirâmide no ano 820. Não encontrou nada em seu interior, nem corpos, tesouros, ferramentas ou inscrições hieroglíficas em parte alguma. Tudo o que pôde descobrir foi o sarcófogo vazio na Câmara do Rei. Ainda que muito tenham tentado encontrar algo no interior da Pirâmide, isto só ocorreu no ano de 1837, quando um explorador britânico, o coronel Howerd Vyse, explorou seu interior, a princípio sem encontrar nada de significativo. Mas o caminho foi aberto com pólvora através da rocha que existe em cima da Câmara do Rei e assim, descobriram quatro câmaras fechadas, mas vazias.

Os arqueólogos afirmam que após o término da Grande Pirâmide, deixou-se um corredor de fuga, que descia até a base, para os trabalhadores. Depois que o Faraó fosse sepultado – se é que o foi –, não haveria saída para os operários que estivessem dentro da Pirâmide, porque a estrutura teria sido vedada. Não seria possível que a suposta passagem de fuga fosse também usada como entrada para os que, naquela época, utilizavam a estrutura como Templo de aprendizado e de iniciação?

Em seu livro “A Profecia Simbólica da Grande Pirâmide”, o Dr. Harvey Spencer Lewis cita uma autoridade fidedigna, o Dr. Selim Hassan, que disse num artigo escrito em 1935: “Descobrimos uma passagem subterrânea usada pelos Egípcios há cinco mil anos. Ela passa (em ângulo reto) sob a estrada elevada que liga a segunda Pirâmide à Esfinge. Ela permite que se passe, sob a estrada elevada, do cemitério de Quéops (Khufu) para o cemitério de Quéfren (Khafra), que construiu a segunda Pirâmide. Dessa passagem subterrânea desenterramos uma série de túneis que descem mais de quarenta metros, com salas amplas e câmaras laterais”. Isto significa que essa passagem subterrânea começava na Grande Pirâmide, ou próximo dela, dirigia-se para o sul, passando pela Esfinge, que foi construída pelo Faraó que sucedeu a Quéops, ou seja,

Quéfren. Não seria possível que o corredor de fuga da Grande Pirâmide, a ser usado pelos operários, alcançasse esse túnel, o qual talvez tivesse aberturas para a superfície, na esfinge ou mais adiante? Com base nesta especulação, é fácil supor que o corredor de fuga e a passagem subterrânea fossem usados não só pelos operários, mas também, mais tarde, como entrada e saída para os estudantes e iniciados da Grande Pirâmide.

Graham Hancock e seu colega escritor Robert Bauval acreditam que o verdadeiro propósito da Grande Pirâmide pode ser encontrado observando-se em primeiro lugar as estrelas.

Devido à precessão, as constelações mudam sua posição aparente ao longo de um ciclo que demora 25.980 anos para completar-se. Reconstituindo por computador as posições das estrelas sobre as Pirâmides até 2.500 anos a.C., Bauval e Hancock observaram que um dos canais da Grande Pirâmide, orientado para o sul, apontava diretamente para a estrela Sírio (associada à deusa Ísis). O outro canal aberto ao sul apontava para a mais baixa das três estrelas do cinturão de Orion, a constelação que acreditava-se ser a residência do deus Osíris. Bauval e Hancock acreditam que estes alinhamentos não são casuais. Os construtores das Pirâmides, segundo Bauval e Hancock, construíram a Grande Pirâmide intencionalmente de forma que seus canais interiores ficassem alinhados com algumas estrelas.

O vínculo entre as Pirâmides de Gizeh e a constelação de Orion foi fortalecido quando Bauval percebeu que a terceira e menor das Pirâmides estava fora do alinhamento das outras duas. Observando o cinturão de Orion, comprovou que suas três estrelas também estavam localizadas da mesma forma. Chegou à conclusão de que as três Pirâmides poderiam ser uma representação simbólica destas estrelas. A disposição dos três monumentos utiliza a linguagem “comum” das estrelas. Portanto, qualquer Cultura pode deduzir a função das Pirâmides de Gizeh, desde que conheça os movimentos das Estrelas.

As Pirâmides têm “coordenadas de precessões” (como os canais da Grande Pirâmide) que permitem aos pesquisadores determinar datas específicas.

Contudo, o ângulo do cinturão de Orion não coincide exatamente com a disposição de Gizeh. Bauval e Hancock comprovaram que a única época em que o cinturão de Orion coincidia exatamente com a posição das Pirâmides foi em 10.500 a.C. Bauval e Hancock sugerem que, apesar das Pirâmides terem sido terminadas por volta de 2.500 a.C., o projeto do Complexo foi concebido 8.000 anos antes. Se foi concebido por Lucipher, não há o que se estranhar.

A verdade é que os arquitetos de Gizeh construíram as Pirâmides e a Esfinge porque desejavam deixar uma marca permanente que inspirasse o desejo de investigar sua finalidade nas gerações futuras. Mas, certamente, esse não era o

desejo de Satanás. Ele deixou alguns rastros do seu Ocultismo para trás porque não tinha outra alternativa! Mas escondeu como pôde a verdade por trás das Pirâmides, revelando-a somente aos seus.

O complexo de Gizeh tem ocultado salas que possuem as últimas mensagens que os construtores das Pirâmides desejavam transmitir. É possível que com o tempo nova luz seja lançada sobre o mistério da Grande Pirâmide (isto é o que o Diabo menos quer; só os Arqueólogos acham que os construtores das Pirâmides queriam que seus mistérios viessem a público!)

Um pouco sobre Quéfren – a mais famosa estátua real deste período é dele, em diorito, originária do seu Templo do Vale, em Gizeh. Ela é a incorporação da soberania divina. Sentado no trono, projeta elegância e majestade nunca vistas antes. Os detalhes do corpo enfatizam a expressão de força e estabilidade. Essa estátua também representa a famosa tríade: Osíris, Ísis, e Hórus. Hórus é o falcão; o Trono é o sinal hieroglífico de Ísis; e o Rei representa Osíris, monarca do Mundo subterrâneo, que chegou a ser venerado como senhor de todo o Egito. Ao que parece, mais importante do que a Grande Pirâmide de Quéops, em que nada foi encontrado, Quéfren é a figura do todo-poderoso Lucipher.

Estima-se que o complexo da Pirâmide de Quéfren em Gizeh contivesse inicialmente 58 estátuas. Apenas algumas sobreviveram. As posições designadas para 4 esfinges colossais, com mais de 8 metros de comprimento, ladeiam as entradas do Templo do Vale. Dentro do Templo do Vale havia as posições designadas para 23 estátuas do Rei, quase em tamanho natural. No Templo Funerário existiam pelo menos 7 grandes estátuas do Faraó nas câmaras internas e 12 outras, mais colossais, ao redor do pátio aberto. No Templo da Esfinge, próximo ao vale, estavam mais 10 enormes estátuas de Quéfren. Nenhum outro Templo do Antigo Império apresentou evidências de tantas estátuas em tal escala. Acaso??? Certamente que não! Uma das estátuas de Quéfren tem patas de leão como base do trono e as laterais dele têm o característico motivo decorativo *sema-tawy* em relevo, o “símbolo da união das duas terras”. O motivo é composto por duas plantas do Alto e Baixo Egito, o papiro e o lótus, cujos talos se entrelaçam ao redor do hieróglifo que representa a traqueia e o coração (Sema); junto com os pulmões, tudo pode ser lido como “Unidade”. A sensação de poder e força interior evocada pela face é ecoada pela poderosa musculatura, habilmente esculpida.

O Templo de Quéfren, uma obra-prima da arquitetura, fica ao lado de outra grande maravilha de Quéfren – a Esfinge, guardiã do sagrado túmulo do Faraó. Satanás. Esculpida no afloramento de uma rocha, a maior estátua deste Império é a Esfinge, aos pés das montanhas do deserto, próximo ao passadiço e aos Templos do Complexo da Pirâmide de Quéfren. Havia uma passagem secreta

ligando a Pirâmide à Esfinge.

Quanto a Miquerinos – está muito associado a Hathor/Anúbis... Cogita-se: Astaroth? Bélzebu? Só Deus sabe ao certo. Os Satanistas também. Quanto a nós, interessa saber apenas que a estes grandes Faraós estavam associados Lucipher e os Grandes Príncipes do Inferno.

Outros detalhes interessantes:

1. Os restos arqueológicos do Novo Império foram bastante preservados, o que não aconteceu com o Antigo e Médio Impérios. Na região de Tebas (onde hoje é Luxor), no Alto Egito, os Templos e Tumbas da 18ª e 20ª Dinastias acumulam-se em um complexo inesquecível. Como Centro Religioso da Nação, Karnak recebia presentes generosos dos governantes. Este era o local onde as obrigações religiosas tinham que ser honradas e as formas e símbolos do Poder real eram criados. Dar o próprio nome a uma estátua deste sítio era uma questão de orgulho para os líderes dos país. Várias vezes, durante a história de Karnak, seus corredores e salões ficaram tão cheios de oferendas que as estátuas tiveram que ser removidas e depostas em fossos, a fim de abrir espaço para as novas peças. No começo do Século XX, arqueólogos desenterraram 17.000 estátuas de apenas um destes depósitos.

2. Cemitérios importantes desenvolveram-se ao longo da margem oeste do Nilo, a partir de Karnak. Os Faraós do Novo Império foram sepultados no Vale dos Reis, em Tumbas escavadas no fundo das rochas. Eram imensos Templos Funerários nas margens do deserto. As Rainhas eram enterradas no Vale das Rainhas, junto com outros membros da família real.

3. Lembra de Akhenaton? Este não era seu nome verdadeiro. Era Amenóphis IV. Ele subiu ao trono por acaso, porque seu irmão morreu jovem. Em determinado momento, Amenóphis IV decretou que o deus sol, Aton, era o *único* deus verdadeiro. Foi a primeira (e única) forma de Monoteísmo que quase pôs o Egito abaixo. A rejeição de todas as divindades levou a mudanças que envolveram todos os aspectos da vida cotidiana. Isso também afetou toda a Arte Egípcia. Atrás do Templo Imperial de Amon-Rá, em Karnak, Amenóphis IV ergueu um enorme Templo dedicado ao deus sol Aton. Ali, colossais estátuas erigidas a Aton tinham características faciais e corpóreas incomuns. Isso no meio das outras atividades do Templo de Karnak! Certamente estavam incomodando muita gente! Essa nova religião levou a uma quebra das tradições. Amenophis e Nefertiti, e sua Corte, abandonaram as antigas residências em Menfis e Tebas, e o Rei mudou seu nome, que significa “Amon está contente” para Akhenaton, que quer dizer “glória do disco solar”. Fundou sua nova capital, Amarna. Mas após sua morte, tudo foi esquecido e a fúria dos Sacerdotes bem que queriam

simplesmente riscá-lo da História do Egito, o “Rei Herege”. Mas muitas das suas obras-primas sobreviveram. Nem mesmo o clacissismo da era de Ramsés II foi capaz de apagar por completo a herança deixada pela arte de Amarna. No apogeu de uma cultura baseada na continuidade e na consciência inata da Tradição, sob a influência de um único governante, ocorreu um salto evolutivo e uma semelhança com conceitos que apenas os escravos Hebreus tinham... se é que ainda tinham, naquela época. Talvez não tenha sido por acaso que Akhenaton fez o que fez. Das duas, uma: ou era louco, ou teve alguma experiência real com o Deus verdadeiro. Coincidência ou não, seus feitos e sua história não se apagaram do Egito, e chegam hoje até nós. Realmente, pode não ter sido coincidência nenhuma... pois Deus pode se revelar a quem quiser, e quando quiser, geralmente gerando grandes mudanças de atitude, dependendo de como acontece essa revelação. Associar o Senhor ao Sol era simplesmente a maneira que Akhenaton encontrou de glorificá-lo acima de tudo que conhecia! Seu filho, Tutankhamon, morreu provavelmente assassinado, aos 18 anos. Assumiu muito cedo o trono, e certamente alguma coisa guardou dos ensinamentos de seu pai. Seria muito divagar a respeito dele e acreditar que essa morte prematura – exatamente aos 18 anos – tenha algo a ver com sua crença religiosa, ainda, num Deus único? Será que Tutankhamon recusou-se a participar de algum Rito de Iniciação, coisa fundamental para que os Demônios pudessem governar o Egito através dele?... Neste caso, seria logo descartado, e o Sacerdote seria o incumbido de fazê-lo desaparecer, já que não queria colaborar... como o pai!

4. Os reis da 5ª e 6ª Dinastias construíram suas tumbas em Saqqarah e em Abusir; apesar de suas Pirâmides não serem tão famosas como as de Gizeh, elas incorporam várias inovações. O Faraó Unas, o último soberano da 5ª Dinastia cobriu as paredes das câmaras internas de sua Pirâmide com colunas verticais de Hieróglifos. Estes eram os chamados Textos das Pirâmides: uma série de Feitiços e de locuções mágicas baseadas em crenças religiosas.

5. Segundo a Irmandade, as Pirâmides foram construções cujo conhecimento foi liberado gradativamente aos Egípcios. A função delas não era pura e simplesmente servir de Câmara Mortuária. Aliás, esse era o menor dos objetivos dos Demônios. Essa talvez tenha sido a maneira de enganar o homem e facilitar seu trabalho, pois os Egípcios tinham grandes “promessas” em relação à vida eterna, tão diferente das crenças Mesopotâmicas. Naturalmente que tais crenças foram incutidas pelos Demônios. Portanto, os Faráos tinham que ter uma morada eterna digna do seu posto em vida. Esta foi a parte do engano. A parte verdadeira foi a abertura de segredos da Alta Magia. O objetivo principal daquelas construções era a liberação de energia suficiente, através de sacrifícios humanos,

para abrir “Portais ou Janelas Dimensionais” (veremos logo em seguida). Se os Demônios tinham que revelar o motivo oculto por trás das construções a alguns poucos determinados, a verdade é que tinham que prometer algo em troca. Talvez o mesmo que prometam hoje: vida eterna na “casa do verdadeiro pai”.

6. As Pirâmides estavam posicionadas de uma forma tal – segundo a Irmandade – para direcionar uma grande Energia Cósmica. Dessa maneira, poderiam abrir os “Portais Dimensionais”. Como percebemos, as Pirâmides são ricas em detalhes numéricos; e nada disso é por acaso! Foi uma revelação do Inferno. Os Egípcios tinham um conhecimento Matemático, Astronômico e Astrológico muito grande dado por Entidades. Este último detalhe a História não diz, mas os arquivos da Irmandade, sim. Evidentemente, isso não tinha intenção nenhuma de ser repassado fora das seitas secretas dos verdadeiros adoradores de Lucipher. O conhecimento se perpetuou de maneira obscura, oculta, e nada do que era realmente importante, o verdadeiro objetivo das Pirâmides, não deveria ser revelado ao Mundo. No Egito, os Faraós e altos escalões de Sacerdotes foram os incumbidos de receber e repassar as informações segundo as diretrizes dos Demônios. E, é claro, nem *todos* os Faraós e nem *todos* os Sacerdotes foram escolhidos para receber a revelação. Satanás também tem seus escolhidos.

7. Satanás investiu no Egito e, também segundo os Satanistas, o Egito os recebeu de braços abertos! Vamos tentar entender um pouco as datas, ainda que nos seja bastante difícil encontrar os momentos-chave desta tentativa do Diabo de preparar um Povo forte o suficiente para dar cabo do “Povo numeroso como as estrelas do Céu” que Deus ainda nem sequer tinha criado. Mas havia a promessa... Havia agora não só a promessa de Gn. 3: 15, mas também a promessa feita a Abraão, que morava em Ur, na Mesopotâmia. Naquela época de guerras e conquistas, não era errado pensar assim. Por mais forte que pudesse vir a ser esse Povo de Deus... ia levar um tempo enorme!!! Talvez fosse possível a Satanás *quebrar* os alicerces deles antes que viessem a constituir ameaça. Veja que foi exatamente isso que ele tentou fazer.

Para entendermos um pouco desse “Jogo de Xadrez” entre o Bem e o Mal, voltemos um pouco à história Bíblica.

Nesse tempo da 4ª Dinastia, no tempo em que se construíram as Pirâmides e o Egito despontou, a Nação de Israel ainda não existia, a personificação da “desgraça” de Satanás estava muito, muito longe ainda. Para você ter uma ideia, Moisés somente viria a nascer na 19ª Dinastia, centenas de Séculos mais tarde. Mas era bom para o Diabo sair na frente, como comentamos pouco antes. Ele sabia que o Deus de Abraão havia prometido fazer dele uma “numerosa Nação, como as estrelas do Céu, e nele seriam benditas todas as famílias da Terra”. O tal

Descendente tinha que vir daí, só podia ser, claro! Ele ficou à espreita. Sobrenaturalmente, Sara, que era idosa, concebeu. Depois, Rebecca e Raquel, estéreis também, da mesma forma, conceberam. Abraão – além da promessa, e da aliança firmada entre ele e Deus – tinha uma marca espiritual. "Coisa engraçada", deve ter pensado o Diabo... "A mesma marca que tinha aquele Noé. Será acaso?". Não!!! Ele sabia melhor que ninguém que o Senhor dos Exércitos *não* trabalhava ao acaso.

Então, percebeu que o mais novo dos gêmeos de Rebecca, Jacó, também tinha o "Selo". Era preciso tomar uma atitude! Noé foi escolhido para salvar a Raça Humana da destruição... Abraão tinha uma promessa indescritível e o Senhor firmara com ele uma aliança indissolúvel... que estava reservado para esse outro aí? O chato do Jacó, cuja personalidade de "espertinho" logo foi detectada por Satanás. Com este, não se perdeu mais tempo. "Melhor dar uma "desviada de rumo nesse cara", raciocinou Lucipher. "Antes que ele venha a ser mais um responsável por alguma desgraça para o meu lado!".

A família tinha problemas, partidarismos entre os filhos, não foi difícil que aquele plano louco de enganar Isaque em relação à bênção da primogenitura tenha partido da própria Rebecca, e Jacó aceitou. Satanás conhecia a personalidade feminina, conhecia Rebecca. Conhecia também o caráter de Jacó e o de Esaú. Creio que a intenção de Satanás fosse mesmo que Esaú fizesse o que fez Caim, e matasse Jacó. Talvez o tivesse feito, realmente, se Jacó não fosse afastado da família, fugido, e não desse mais as caras. Rebecca e Jacó não precisariam ter feito isso... Era dele a bênção, pois Deus escolhe quem quer, e na Sua Onisciência, sabia que Esaú pouco se importaria com ela. A deixa para destruir por completo aquela família já desestruturada foi o "golpe baixo" tramado entre mãe e filho. Foi o que terminou por desmoronar os relacionamentos. Jacó teve que fugir e trabalhou longe durante 20 anos. A rixa entre ele e o irmão bem poderia ter sido a chance de Satanás interromper o processo de Deus, afinal, ele não poderia saber o que se passava na mente de Deus. Fez o que pôde para "melar" tudo, mas não contava que era exatamente necessário Jacó passar pelo que passou, sendo humilhado e enganado, para que seu caráter fosse lapidado. Então, em dado momento da História, Jacó toma tudo o que é seu, suas mulheres, filhos, suas riquezas, e pega o caminho de casa.

Foi nesse momento que atravessou o Vau de Jaboque, foi vitorioso, persistiu, queria ser abençoado, tinha se arrependido, tinha mudado de caráter. Então, o Anjo do Senhor, neste caso uma Teofania mesmo, troca-lhe o nome e marca-lhe a coxa; sinal de que seu caminhar nunca mais será o mesmo. Ou seja... contra todas as probabilidades naturais lá estava Jacó, restaurado com Esaú... e com seus montes de filhos... e o mais novo deles com *aquele Selo*!!! Não era

possível!!!!! O que viria desta vez? Era hora de jogar sujo de verdade!

“Bem... chega de graça!!!”.

Certamente, foi o pensamento do Inimigo. Não sabemos em que momento da infância de José, se pelo que ele mesmo falou a respeito dos sonhos que tinha, aos quatro ventos, ou se pela falta de sabedoria dos pais, a verdade é que o seu “Selo Espiritual” foi identificado. José foi identificado por Satanás e, logicamente, “jogar pesado” era realmente acabar com a vida de José. Não havia lugar melhor, terra mais propícia, onde ele e seus Demônios reinavam com mais liberdade do que em qualquer outro lugar do que... o Egito! Nada de ficar em casa de parentes distantes. O intento de Lucipher era levar José para o Egito e destruí-lo ali.

Apesar de sua aliança com Faraós e Sacerdotes, Lucipher não tinha ainda revelado a ninguém, a nenhum homem, o mecanismo que fazia com que se pudesse prever e descobrir onde estavam estas pessoas “marcadas”. Mesmo porque, ele mesmo só começou a entender isso melhor pela observação. Parecia haver um padrão... Logo ele descobriria perfeitamente. Mas, a despeito disso, diante de mais aquele “garotinho” com uma marca espiritual semelhante às que já tinha visto, o Egito era a Nação perfeita, já tinha poderes suficientes e, em breve, as pessoas certas seriam usadas para dar cabo daquele “serzinho arrogante” que era José, o mimado, com sua túnica talar de mangas largas.

Usando do ódio lentamente fomentado entre os irmãos, da típica inveja de Caim, do orgulho ferido e da falta de sabedoria dos pais, chegou o momento certo. Satanás usou de sua ira monstruosa sobre os irmãos de José. Não foi nada no impulso; como Caim, tudo foi muito bem premeditado. O dia passou, a noite chegou, e eles não tinham mudado de ideia. Com extrema frieza, venderam seu irmão caçula, um adolescente de 17 anos, aos mercadores Midianitas. Até parece que Satanás ignorava o destino daqueles homens. José foi parar exatamente onde devia: no Egito.

Porém, Deus era com ele, de modo que prosperou na casa de Potifar, Oficial de Faraó, Comandante da Guarda Egípcia. E, de escravo puro e simples, foi abençoado e passou a ser o Mordomo da casa, e tudo quanto Potifar tinha passou às suas mãos. Óbvio que não era esse o plano de Satanás. “Mas que droga, droga, *droga*!”. Então, observando, quem ele viu que poderia servir-lhe aos intentos? Claro! A mulher de Potifar! Todos conhecemos a História. Fica cada vez mais claro que a intenção do Maligno era realmente matar José... Foi literalmente por milagre que ele *só* foi parar na Prisão. Ponto para o Diabo, mas ele não sabia, novamente, que José *precisava* passar por tudo aquilo para aprender a humildade e a dependência do Senhor. Julgando-se vitorioso e tendo o Selado de Deus aprisionado no Egito, aparentemente Satanás não tinha

motivos de preocupação: “Agora esse idiota vai morrer aqui... mas bem que já podia estar *morto de uma vez*!”.

José só saiu da prisão quando estava pronto para assumir o lugar que lhe cabia e estabelecer o propósito de Deus em sua vida. Aos 30 anos. Mas que destino! Com absoluta certeza, o Diabo foi tomado de completa surpresa e indignação diante da reviravolta incrível. O plano de Deus continuava indo adiante, a despeito de seus esforços. Governador do Egito! Era o fim...

A Irmandade admite que, nesse momento, eles perderam um pouco o controle da situação... Que “humildes”, eles, hein? Mas, como eles também dizem, logo tudo voltou ao normal. Isto é: a situação veio a ser do domínio deles outra vez.

A partir daí, fico a pensar nos sete anos de fome, fico a pensar em quem os causou... se Deus, para forçar a família de José a ir procurar alimento no Egito; ou se Satanás, sabendo que José não perdoaria os irmãos quando se deparasse com eles, e o seu rancor e desejo de vingança faria com que lhes negasse ajuda, levando-os a perecer e acabando por ali mesmo com os planos de Deus. Seja do jeito que for, José fracassou na primeira tentativa de perdoar seus algozes. Nenhum de nós pode imaginar o que aquele jovem sofreu, o drama emocional que viveu, sendo expulso da família com tanto ódio e indo cair em terra estranha, vivendo como prisioneiro. Mesmo gozando da mercê de Deus, que o fazia prosperar, mesmo na Prisão, é impossível conhecer os recônditos mais profundos do coração e da alma de José. Foi somente na segunda tentativa que ele, enfim, conseguiu liberar genuíno perdão. A família de Jacó estava salva! E, *dentro* do Egito! Setenta pessoas indesejáveis usufruindo do melhor da terra, e com a proteção do Faraó.

Imagino o quanto Satanás e os Demônios não se alvoroçaram com o ocorrido.

Depois da chegada da família de José ao Egito, a urgência tornou-se ainda maior. Realmente, alguma providência tinha que ser tomada, e logo, depois de tantos fracassos: o nascimento sobrenatural de Isaque, o não sacrifício no Monte, a reconciliação de Esaú e Jacó e não o assassinato deste pelo mais velho; e, pior do que tudo, José não morreu, mas tornou- se o “Poderoso Chefão” e trouxe a família toda para usufruir do melhor da terra do Egito. Agora Lucipher tinha que correr, pois os Israelitas se multiplicavam com rapidez. Assim, também com rapidez começou a procurar e manipular homens no Egito, envolvê-los mais profundamente com os Poderes das Trevas, para que pudesse passar mais revelação de si mesmo. Ele precisava dos homens para agir, e logo você vai entender melhor por quê.

Os Demônios sabiam – ou, pelo menos, tinham *quase certeza*, pelo conhecimento da “Chave de Tempo” (estudo do Selo Espiritual, aguarde!) –, que Moisés nasceria. Quer dizer, não sabiam que *Moisés* nasceria, mas pela

padronagem observada, ainda que em pequena amostra, sabiam que havia grande probabilidade de alguém “Selado”, “Escolhido”, “Marcado” nascer num momento que eles podiam prever. Por enquanto, mesmo sem entender, apenas creia neste dado. Foi nesse período, então, motivado pelo crescimento dos Judeus, que o Diabo adiantou-se em investir nas alianças com os Espíritos Territoriais. Não havia tempo a perder! Era preciso que eles estivessem precavidos, pois o Povo escolhido por Deus ali estava, e se multiplicando!... Mas talvez não fosse somente a “Chave de Tempo”, ainda pouco desenvolvida... Talvez os Demônios desconfiassem de algo também porque Deus tinha avisado a Abraão que sua descendência seria peregrina em terra estranha durante 400 anos, sendo reduzida à escravidão; mas depois sairiam dali com grandes riquezas (Gn. 15: 13-14). Se Deus permitiu a Satanás saber destas promessas, ou se foi a pura observação que o levou a descobrir quem eram os escolhidos do Senhor, os precursores da grande e numerosa Nação, realmente não podemos afirmar com certeza. Mas o desenrolar da história, como você mesmo pode perceber, não ocorre ao acaso. Fica patente que o Inimigo *sabia* que o Povo de Deus *era aquele Povo*. E – repare – muito antes do Povo ser Povo, desde o tempo em que não passavam de meras famílias de desconhecidos, uma poeira no meio do Mundo. E quando não ofereciam grandes Rituais ou tinham grandes relacionamentos com Deus, no sentido de que isso pudesse chamar a atenção.

Indo adiante: o Diabo já tinha revelado vários de seus segredos mais íntimos para ganhar Poder e, manipulando pessoas – Faraós e Sacerdotes – impedisse o crescimento daquele Povo a qualquer custo. Que segredos eram esses? Aqueles que nós já dissemos que somente os Altos Escalões de Sacerdotes de hoje têm acesso. Por exemplo, os Mapas Astrológicos; a “Chave de Tempo”, ainda que um pouco rudimentar, talvez; as dimensões das Pirâmides, e o seu principal uso; Ritos e Cerimônias para Abertura de “Portais ou Janelas Dimensionais”, bem como a localização destes pontos no Globo (tudo isto será explicado a seguir); Numerologia, Poções e Unguentos para Magia; etc. As serpentes, em especial, tinham profundo significado no preparo das Poções e Unguentos. Havia pessoas especialistas em lidar com elas, que moravam nos desertos e saíam em momentos determinados para buscá-las. O veneno era extraído com o intuito de se fazerem medicamentos, era para uso da Medicina da época. Mas essa não é a verdade *toda*, do mesmo jeito que as Pirâmides não são somente câmaras Mortuárias. Além de serem um símbolo de Lucipher, o veneno das serpentes era muito importante para o preparo dessas Poções Mágicas, e são ainda utilizados pela Irmandade até hoje; o veneno de serpente pode provocar torpor e são alucinógenos, especialmente quando misturados com algumas ervas; causam todo tipo de alterações orgânicas, principalmente do Sistema Nervoso Central e

do Metabolismo.

Feito isso, e bem preparados os Grandes do Egito, qual foi o próximo passo do Inferno? Transformá-los em escravos. Era um tudo ou nada! Aquele Povo estava numeroso demais, e se escapasse dali...? Haveria de vir um libertador... então, para garantir que o libertador não vivesse, era preciso usar de mais uma artimanha bem diabólica. O Libertador haveria, certamente, de ter um Selo... os 400 anos iam findando. Bem, ele teria que matar os meninos Hebreus. Para isso, tinha que contar com alguém "dos seus". Ótimo que aquele desvairado Akhenaton e seu filho Tutankhamon já tinham sido recentemente dizimados; não eram colaboradores de Satanás. Contudo, logo veio um que era, um que concordaria em decretar aquela carnificina.

Os meninos foram mortos. E veja só como o Diabo foi preciso... Dentre aqueles milhares de crianças, e em todos os anos que os Hebreus se multiplicaram, a determinação da morte aconteceu *exatamente* na época em que Moisés deveria nascer; não foi quando ele já tinha cinco anos, ou dez anos, um "chute no escuro", não... Foi precisamente no ano do seu nascimento! Isso prova que eles sabiam que um "Selado" ia nascer naquele ano, naqueles dias, e talvez fosse o tal Libertador! Era preciso cortar o mal pela raiz. Observe a precisão da Chave de Tempo e das associações Astrológicas e Numerológicas.

Como as datas são incertas temos que partir da frente, do momento do Êxodo, e voltar um pouco para conseguir entender a cronologia e descobrir qual foi o Faraó responsável por esse terrível decreto. Sabemos que Moisés e Ramsés II foram contemporâneos, tendo praticamente a mesma idade; acredita-se, inclusive, que foram bastante amigos. O pai de Ramsés II foi Seth I e, antes dele, quem governou foi Ramsés I. Ramsés II assumiu o Trono do Egito muito jovem, com 17 para 18 anos, e governou durante quase 67 anos (1290 – 1224). É passível de aceitar que Moisés tenha, igualmente, permanecido no Egito de seus 17, 18 anos (quando Ramsés II já era Faraó), até os 40. Isto dá um período de **23 anos**. Moisés permaneceu no deserto durante 40 anos, voltando, então, ao Egito pelo mandato do Senhor. Ramsés II estava, portanto no **63º ano** de seu reinado. Algo perfeitamente compatível tanto com a História como com a Bíblia.

Sabemos que entre a benfeitoria de José, trazendo seus familiares ao Egito, e o nascimento de Moisés, passam-se cerca de **400 anos**. Se Ramsés II assumiu o trono com cerca de 17 anos, em 1290 a.C., isso quer dizer que ele nasceu mais ou menos em **1307 a.C**. (1307 – 1290 = 17 anos); o mesmo acontece com Moisés. Provavelmente, Moisés nasceu neste mesmo ano, 1307 a.C.

Portanto, a matança dos filhos dos Hebreus deve ter acontecido por volta de 1307, um pouco antes, ou um pouco depois disso. Pode, portanto, ser atribuída a Horemreb (General da época de Tutankhamon, cujo último ano de reinado foi

em 1307 a.C. Mas também pode ser atribuída a Ramsés I. Ramsés I, “estranhamente”, reinou apenas um ano, e meu palpite é que ele foi *o* “homem”. Quase nada se sabe sobre ele, os registros são poucos. Praticamente a única coisa que sabemos é que foi o pai de Seth I e avô de Ramsés II. E reinou mesmo muito pouco! Deus pesou MESMO a Sua Mão!!!

Se tirarmos mais ou menos 400 anos desta data, temos indiretamente o momento em que o Povo Hebreu foi feito escravo, o ano de 1707 a.C. (um pouco antes ou um pouco depois), por terem atingido grande número, maior e mais forte do que o dos Egípcios (Êx. 1: 1-14). Só que não sabemos *quanto tempo* passou desde que aqueles 70, a família de José, chegaram, e o momento da escravidão. Mas não deve ter sido muito pouco tempo, pois já eram mais numerosos que os Egípcios. Será que os 400 anos em que Deus disse que seriam “peregrinos em terra estranha” se deu depois do momento da escravidão? Se assim fosse, teríamos que tirar mais 400 anos a partir de mais ou menos 1707 a.C., caindo em torno do ano de 2107 a.C., ano em que os Israelitas chegaram, quando José tinha 44 anos (assumiu seu posto com 30 anos, depois houve mais 7 anos de abundância e 7 anos de fome). Talvez José tenha nascido em torno de 2151 a.C., e entrou no Egito em 2134 a.C., na 11ª Dinastia. Admitindo os erros de cálculo por falta de dados, assumirei que ele chegou durante o reinado de Intef II, ou seja, apenas 16 anos depois dos nosso cálculos, em 2118 a.C. O período de reinado deste Faraó se encaixa com os longos anos que José passou no Egito, e a Bíblia não relata mudança de Rei. Esse Faraó, Intef II, reinou até 2069 a.C., ou seja, 49 anos. Se José chegou ali com 17 anos e foi feito Governador aos 30, e conviveu com esse mesmo Faraó até pelo menos os 45 anos, tudo se encaixa perfeitamente, pois nisso se passam somente 27 anos do reinado de Intef II.

Mas “José à parte”, um dado muito interessante e que completa nosso estudo é o seguinte: a chamada “Estela de Israel”, feita de granito cinza e exposta no Museu do Cairo. Usada pelos Faraós Amenóphis III e Merneptah em seus Templos Funerários, traz consigo diversas inscrições. Merneptah retirou-a do Templo de seu predecessor, usando boa parte do material do antigo Templo Funerário para construção do seu. Amenóphis III fez suas inscrições, mas a de Merneptah se baseia em momentos de sua história de vitórias. A lista inclui vários povos e lugares do litoral Sírio e Palestino, dentre os quais está a primeira menção feita à Nação de Israel, que segundo relato foi completamente destruída – “sua semente não mais existe”.

Nos anos posteriores à descoberta da Estela, esta era a única evidência de identificação de Merneptah como Faraó e a única citação do Êxodo do Povo de Israel, que partiu do Egito. Detalhe interessantíssimo e que comprova nossas

contas cronológicas: esse Faraó foi o *sucessor de Ramsés II*! É claro que depois da saída dos Israelitas e da derrocada no Mar Vermelho não souberam mais o que deles foi feito. Não me espanta que o Diabo tenha dito que eles pereceram, e deu a direção daquela sugestiva frase de Merneptah, de que “a semente deles estava extinta”... Quem iria dizer o contrário?

Sabemos que a História pouco ou quase nada fala sobre o Êxodo... A derrota de Satanás foi tão humilhante que ele procurou apagá-la dos relatos que o Homem conhece. A Irmandade procura apagar vestígios que possam fortalecer o Povo de Deus; contudo, não negam a existência de Moisés, e nem o fato de que ele sobreviveu à matança dos filhos dos Hebreus. Depois disso, com relação às dez pragas e à saída do Egito, são pouco convincentes e evitam falar muito. Fato é que todos aqueles Principados, Espíritos Territoriais convidados a ficarem e a governarem a terra do Egito, foram confrontados, um a um. Não se sabe quanto tempo levou isso, mas se Moisés regressou ao Egito no 63º ano do reinado de Ramsés II, ele veio a morrer pouco depois. E toda essa impressionante história ficou na cabeça de Merneptah, o sucessor, que relatou alguma coisa em sua Estela.

Embora as datas de nascimento de José e Moisés não sejam condizentes com a Cronologia Histórica Bíblica, prefiro usar de dois fatores Históricos inquestionáveis para determinar as datas que citei:

- A primeira evidência é que o Faraó contemporâneo a Moisés, e presumivelmente amigo deste, já que Moisés foi criado pela filha do Faraó Seth I, é Ramsés II.
- A outra evidência, e que se encaixa com esta em termos de datas, é a “Estela de Israel”, que deve ter ficado esquecida na História e chegou até nossos dias.

Estas evidências são fundamentais por serem Históricas, mas há outras, menos diretas, menos aparentes, mas que demonstravam o desejo de Satanás de engrandecer o Egito o mais possível, porque sabia que poderia haver um confronto. Embora os meninos tenham sido mortos.... será que justo aquele escapou? Não se via mais rastro dele em canto algum, mas era bom “pecar pelo excesso”. Repare, então, que o Egito na época de Ramsés II cria cada vez mais o esplendor, a glória e a magnificência que se pressupõe que o Reino mais Poderoso da Terra tivesse. Realmente, Ramsés II fez do Egito, naquela época, algo grandioso. Isso não apenas politicamente falando, mas pelo programa de construções sem precedentes, cuja finalidade era exaltar a figura do Rei e a Realeza. A arte no período de Ramsés II era colossal; tudo tinha que ser enorme e espetacular. Nenhum outro Faraó construiu tanto quanto ele. Tudo tinha que

surpreender e ser repleto de ornamentos e significados. Os Templos encomendados por Ramsés apresentavam efeitos visuais e perspectivas estranhas, modernas, diferentes. Quem visita a Sala Hipostila no Templo de Amon-Rá, em Karnak, sente-se como um inseto numa floresta de rocha. O Ramesseum é completamente surpreendente pela variação contínua das estruturas, num jogo arquitetônico cuja única regra é evitar a repetição e a simetria. O monumento mais característico do período é o seu Grande Templo, em Abu-Simbel. Sua característica mais impressionante não é visível de imediato ao espectador. O Templo é baseado em um plano "telescópico" típico, com uma série de corredores decrescentes e muitos Templos ao ar livre. Ainda assim, este relicário foi desenvolvido, na verdade, dentro da encosta de uma montanha. Esta forma de interiorização quase esconde a mensagem transmitida como um todo pela estrutura. Não é pura obra do acaso!

Raciocine um pouco – quando Moisés fugiu do Egito depois de matar um Egípcio por causa de um Judeu não foi difícil ao Reino Espiritual finalmente perceber que ele era *ele*! O *Selado de Deus* que durante 40 anos usufruiu do Egito e de seus conhecimentos sem ter sido notado!!! Mas o Selado tinha fugido, tinha sido demais para ele, estava confuso demais. Não voltaria. Morreria no deserto. Desapareceria do mapa! Mais um motivo porque não nos causa admiração que o período de reinado de Ramsés II tenha sido marcado por tornar o Egito uma Nação ainda mais invejável, com suas fronteiras muito bem posicionadas e grandiosidade por todos os lados. Se aquele indivíduo *voltasse*... teria muito o que enfrentar!

Como já dissemos, por mais que a Babilônia tenha sido um lugar mundano, não se fala ali numa guerra de Poderes como a que seria travada no Egito. Embora os Imperadores Romanos tenham sido instrumentos de Satanás na perseguição do Povo de Deus, não houve ali, em momento algum, tamanha manifestação do sobrenatural do Inferno quanto no confronto do Egito. Os Romanos se destacam pela sua maldade no âmbito humano, natural... mas não na Magia. Claro que eram instigados pelo Inferno, eram instrumentos do Maligno... mas não tinham a famosa "aliança"; não eram filhos do Fogo e, portanto, a eles não foi dado o conhecimento da Alta Magia que os Egípcios receberam.

Quando Moisés retornou – justamente *quem*! – o confronto não foi pequeno, mostrando a dureza do Faraó (mais do que convencido da sua supremacia) e o poderio dos Bruxos do Egito. Nove Principados e o próprio Lucipher teriam que ser derrotados durante o terrível confronto. Em nenhum outro local da Bíblia é narrado tão grande guerra entre os Poderes Espirituais! Sabendo que, teologicamente, a figura do Faraó personifica Satanás, não é de causar espanto que ele "deitou e rolou". Não somente no momento do confronto em si, mas

desde antes. Usando de uma *mesma família,* exatamente como aconteceu com a família de Quéops, Lucipher usou Ramsés I para extirpar os descendentes homens dos Hebreus, e depois usou Seth I e Ramsés II para *piorar* a vida dos escravos, especialmente Ramsés II, no momento do confronto. Assim, os Israelitas estavam ali, prisioneiros de uma Poderosa Nação. A perda de controle momentânea vivida no tempo de José estava mais do que recuperada.

Não deixa de ser o que a Irmandade faz hoje com as Igrejas. Podem crescer, desde que não incomodem, sejam inoperantes. Como escravos, os Judeus eram totalmente inoperantes. O Diabo não conseguiu impedir a formação daquele Povo, mas podia impedir que eles atrapalhassem. Ele tinha um Povo mais forte para contê-los! A estratégia não mudou muito... as Igrejas podem existir, podem até ser grandes, bem grandes... mas estando quietinhas, submissas... sem verem a realidade, sem conhecerem realmente o Deus a quem pensam servir.... tudo bem!

Quando Moisés confrontou os Poderes das Trevas já haviam sido abertas 10 Janelas Dimensionais, um número sugestivo que faz alusão ao próprio Governo do final dos Tempos. Satanás estava preparado e terminantemente disposto a *não ceder*, deixando o Povo ir. Somente no Egito houve um cenário destes... somente o Egito aprisionou como escravos o Povo de Deus por 400 anos... somente o Egito foi o causador de tamanho infanticídio, momento no qual Moisés é lançado no rio, dentro do cesto. Ramsés II, da mesma forma, era o sujeito ideal naquele instante, afinal tinha sido forjado para tal, preparado ao longo da sua história. Como seu pai, Seth, segundo os Egípcios encarnação deste deus, que era uma personificação de um ser maligno, Ramsés II também foi consagrado para tornar-se um filho do Fogo. Seth, mesmo sendo personificação do Mal... uma vez aliançado com o Mal, uma vez que o Mal estava ao *lado dele*... como escudo, como protetor.. então ele já não é mau, mas bom (é como andar com um Pit Bull na rua, um cão tido pela maioria como cruel; mas, como ele está ao *seu lado,* então... ele te defende!). Por isso, Seth não era considerado um Faraó ruim, pelo contrário.

Quanto ao seu filho Ramsés, que somente conheceu o pai aos 14 anos, segundo o protocolo Faraônico, contra todos os princípios da Hierarquia, herdou o Trono no lugar de seu irmão mais velho. Ele foi o escolhido dos Demônios! Certamente, eram enormes o seu orgulho e altivez, o típico homem que não receberia ordens de ninguém, muito menos depois de tudo o que realizou no Egito, dos constantes Rituais Secretos dos quais participara... e participava periodicamente. Sabendo-se encarnação do deus mais poderoso – no seu entender –, fosse o nome que fosse o desse pretenso deus, a verdade é que a aliança de Ramsés, ao longo dos anos e do seu mergulho mais e mais profundo no Abismo, era com o próprio Lucipher. Nem poderia ser diferente, num

momento crítico como este.

Perceba também o poder dos Sacerdotes, os Magos e Feiticeiros do Faraó, que fizeram grandes proezas também. Não se tratava de uma Magia qualquer, Magia esta que não é descrita na Bíblia com tantos detalhes em nenhum outro momento. Enquanto Moisés, pelo Poder de Deus, não derrotou todos os Principados, um a um... o Povo não pôde sair. Antes de enfrentar o próprio Satanás, na noite da morte dos Primogênitos, cada um dos Batedores Demoníacos, os quatro Grandes Príncipes e mais cinco poderosos Principados já tinham sido postos de escanteio. Quando os primogênitos morreram, inclusive o do Faraó – encarado como personificação de “deus”- era como se o Senhor estivesse dizendo a ele, e ao Diabo: “Você se julga deus... mas não pode dar Vida!”.

Nem mesmo quando Israel, já como Nação e conquistando outros povos, era orientado por Deus a NÃO ADERIR aos seus deuses, não há confronto igual, pois nenhum daqueles Povos tinha o porte do Egito, pois Satanás não tinha apostado neles, mas no Egito.....

A verdade é uma só: se o Povo escapasse dali... já era! Seria muito, muito mais difícil contê-los depois. Mas quem conhece a História de Israel sabe quantas vitórias Satanás teve sobre eles; contaminou o coração dos príncipes, que ao darem com os filhos de Anaque em Jericó perderam a bênção da Terra Prometida. Quarenta anos se passaram até que todos perecessem no deserto. Deus quase os destruiu, pois estavam a adorar o bezerro de ouro, como tinham aprendido a fazer, no Egito; não fosse a intercessão de Moisés...

Mais tarde, os Reis foram contaminados, houve muitos governantes de Israel que fizeram, mal, *muito mal* diante de Deus, levando o Povo a pecar, a adorar os Demônios novamente. Mataram os verdadeiros Profetas do Senhor, foram de dura cerviz, desobedientes. Finalmente, o Reino foi dividido, e a casa dividida não prevalece. Israel e Judá passaram pelos Exílios. Israel nunca mais retornou, sua linhagem perdeu-se para sempre. Os exilados de Judá reconstruíram o Templo, mas este já não tinha a mesma Glória do de Salomão. Mais tarde, dominados pelo Império Romano, recusaram o Messias....

Não é pequeno o Poder do Inimigo. Naquele tempo, no Egito, somente um Homem recebeu o Poder de Deus para enfrentar tamanha Batalha, Moisés, predestinado para ser o Libertador de seu Povo. A derrota dos Egípcios e de Satanás só aconteceu porque Moisés era a pessoa certa, que foi no tempo certo, e fez a coisa certa. Nosso relato, de maneira alguma, pretende ser um discurso triunfalista!

Vamos ver um pouquinho mais sobre os Egípcios, só um pouquinho. Embora o autor a quem pedimos uma ajudazinha não tenha tido nenhuma intenção em

falar do Diabo, selecionamos um trecho relativamente pequeno (diante de um conjunto de 5 livros inteiros) para que você entenda melhor tudo o que explicamos até aqui. Leia os trechos com atenção:

1. O segredo destinado às altas hierarquias sacerdotais e alguns faraós

“Naquele décimo ano de reinado, Seth decidira levar Ramsés a dar um passeio decisivo; embora tivesse apenas 18 anos, o regente seria incapaz de reinar enquanto não tivesse sido iniciado nos mistérios de Osíris. O Faraó teria preferido ver o filho amadurecer mais, mas o destino talvez não lhe concedesse muito tempo. Assim, apesar dos perigos que encerrava essa iniciativa para o equilíbrio do jovem Ramsés, Seth decidira levá-lo a Abido.

Ele, Seth, o homem do deus Seth, o assassino do seu irmão Osíris, construíra para este último um Templo imenso, o maior dos Santuários Egípcios. Assumindo pelo seu nome uma terrível força de destruição, o Faraó transformava-a em força de ressurreição. (...)

Caminhando atrás do pai, Ramsés transpôs a porta monumental do primeiro pilão; dois Sacerdotes purificaram-lhe as mãos e os pés numa bacia de pedra. Depois de ter passado diante de um poço, descobriu a fachada do Templo coberto. Em frente de cada estátua do deus Osíris havia ramos de flores e cestos cheios de víveres.

– Eis a região da luz – revelou Seth.

As portas de Cedro do Líbano, recobertas de uma liga natural de prata e ouro, pareciam impossíveis de abrir.

– Deseja ir mais longe?

Ramsés aquiesceu.

As portas entreabriram-se.

Um Sacerdote com veste branca, crânio raspado, obrigou Ramsés a curvar-se. Logo que avançou sobre o solo de prata, sentiu-se transportado para um mundo diferente, onde imperava o odor de incenso. (...). Seth (...) conduziu o filho pelo corredor dos antepassados. Ali estavam gravados o nome dos Faraós que tinham reinado no Egito (...).

– Estão mortos – disse Seth – mas o seu *ka* permanece; será ele que alimentará o seu pensamento e guiará a sua ação. Enquanto existir céu, esse Templo existirá; aqui, se comunicará com os deuses e conhecerá seus segredos. (...).

Seth e Ramsés saíram do Templo e dirigiram-se para uma colina plantada com árvores.

– O túmulo de Osíris; poucos seres o contemplam.

Desceram para uma entrada subterrânea, assinalada por uma série de degraus, e percorreram um corredor abobadado ao longo de uma centena de metros, com as paredes cobertas com escritos que revelavam os nomes das Portas do Outro Mundo. Uma curva em ângulo reto, para a esquerda, conduzia a um Monumento

extraordinário: dez pilares maciços erguidos sobre uma espécie de ilha rodeada de água e sustentando o teto de um Santuário.

– Osíris ressuscita todos os anos nesse Sarcófago Gigantesco, quando da celebração dos seus Mistérios. É idêntico à primeira saliência que brotou do oceano de energia quando o UM se tornou DOIS e criou milhares de formas sem deixar de ser UM. (...). Que o seu espírito mergulhe nele, franqueie as fronteiras do visível e beba a sua força naquilo que não tem começo nem fim.

Na noite seguinte, Ramsés foi iniciado nos Mistérios de Osíris. Bebeu água fresca proveniente do oceano invisível e comeu trigo nascido do corpo de Osíris ressuscitado; depois, foi vestido de linho fino antes de entrar na procissão dos fiéis do deus, guiada por um Sacerdote com máscara de chacal. (...) Travou-se uma luta ritual, ritmada por uma música angustiante. (...). Na colina sagrada, começaram uma sessão fúnebre na qual participavam as sacerdotisas, entre as quais a Rainha, sua mãe, que encarnava Ísis (...).

Ramsés conservaria no coração cada uma das palavras pronunciadas durante aquela noite fora do tempo; não era a sua mãe que oficiava, mas uma deusa. A Iniciação transportou o espírito de Ramsés ao coração dos Mistérios da ressurreição; por diversas vezes vacilou, julgou perder todo o contato com o Mundo dos homens e dissolver-se no Além. Mas saiu vencedor daquele estranho combate e seu corpo permaneceu ligado à sua alma”.

•Não há muito o que dizer, está claro. O Ritual secreto de Iniciação tinha que acontecer para que o jovem sucessor do Trono abrisse Portais e recebesse em si mesmo a conexão com os Demônios de Alta Patente.

2. O conhecimento profundo do templo e seu trabalho contínuo – as visitações demoníacas se fazem presentes sutilmente nas entrelinhas, enquanto Ramsés permanece ali

“Ramsés passou várias semanas em Abido; meditou perto do lago sagrado, rodeado de árvores imensas. Ali navegava, à mercê dos mistérios, a barca de Osíris que fôra construída pela luz e não por mão humana. (...) Para ele foi aberto o tesouro do Templo (...). Todos os homens que trabalhassem para o Templo deviam conhecer o seu dever e nunca se afastar dele; era por isso que todas as pessoas empregadas no domínio de Abido seriam protegidas dos abusos de poder, das tarefas pesadas e do recrutamento. (...). Os bens de Abido eram inalienáveis. Todos (os trabalhadores) ali viviam em paz, sob a dupla proteção do Faraó e de Osíris. A fim de que ninguém o ignorasse, Seth mandara gravar o seu decreto até o coração da Núbia (...). Quem quer que fosse que pretendesse modificar as regras do Templo ou deslocar um dos seus servidores contra sua vontade receberia duzentas pancadas com um pau e teria o nariz ou as orelhas cortadas.

Participando da vida cotidiana do Templo, Ramsés constatou que o sagrado e o econômico não estavam separados, mesmo que fossem nitidamente distintos um do outro. Quando o Faraó se comunicava com a presença divina no santo dos santos, o mundo material deixava de existir, mas fora necessário o gênio dos arquitetos e dos escultores para construírem o Santuário e tornarem as suas pedras falantes. (...) Local da energia espiritual, Vaso de Pedra cuja imobilidade era apenas aparente, o Templo purificava, transformava e sacralizava. Coração da Sociedade Egípcia, vivia do amor que ligava a divindade ao Faraó, e fazia com que os homens vivessem por intermédio desse amor”.

- Permanecendo ali, os Demônios consolidavam seu poder no jovem sucessor de Seth, por meio de mais Rituais e experiências fortes na presença dos Principados.

3. O lugar onde foram abertos os portais dimensionais

“Seth iniciou seu 11º ano de reinado fazendo uma oferenda à Esfinge de Gizeh, o Guardião do Planalto sobre o qual tinham sido construídas as Pirâmides dos Faraós Quéops, Quéfren e Miquerinos. Graças à sua vigilância, nenhum profano podia penetrar essa área sagrada, fonte de energia de todo o País. (...). O local impressionou Ramsés; a força que dele se desprendia penetrava em cada fibra do seu ser. Depois da intimidade e do recolhimento de Abido, Gizeh era a mais espantosa afirmação da presença do *ka*, dessa força invisível presente por todo lado (...). Aqui, tudo permanecia imutável; as Pirâmides gastariam o tempo”.

- Você logo entenderá porque havia uma sensação tão forte de Poder emanando de Gizeh. Aguarde o estudo dos Portais Dimensionais.

4. As obrigações permanentes para com as entidades – principados

"– Não penetrei em todos os Mistérios de Abido, mas este longo retiro ensinou-me que o mistério se encontrava no coração da Vida – (disse Ramsés).

– Regresse lá com frequência e vele por aquele Templo. A celebração dos Mistérios de Osíris é uma das chaves essenciais para o equilíbrio do País – (respondeu Seth)".

•Está claro que haveria uma periodicidade nos Rituais. A entrega já estava feita, Ramsés seria Faraó; e Lucipher saberia cobrar muito bem, e inundá-lo mais e mais nas profundezas do Inferno.

5. As mudanças comportamentais geradas pelos ritos de abertura de portais e a presença constante das entidades – por trás da figura humana, o futuro faraó – principados e potestades reinariam sobre o Egito

“(...) Quando Ramsés avançou na sua direção, ela sentiu-se subjugada. Ramsés tinha mudado, tinha mudado muito; já não era apenas o adolescente apaixonado por quem ela estava enamorada, mas também um autêntico regente, cuja função tornava-se cada vez mais evidente. A jovem teve a sensação de se encontrar diante de alguém que não conhecia e sobre quem não exercia qualquer poder. Sua raiva dissipou-se, dando lugar a um receio respeitoso. (...)

– Abido e o touro selvagem revelaram minha verdadeira natureza; na verdade, não sou um homem como os outros (...). Meu pai colocou-me sobre os ombros uma carga que talvez me esmague, mas aceito o desafio”.

•Dispensa comentários. Claro que as características físicas, emocionais, mentais e espirituais de Ramsés tinham mudado e mudariam muito mais, até torná-lo naquele Monarca que confrontaria Moisés.

6. Mais segredos do Egito – as revelações do inferno

“A Casa da Vida de Heliópolis era a mais antiga do Egito; ali eram conservados os livros que encerravam os Mistérios do Céu e da Terra, os Rituais Secretos, os Mapas do Céu, os Anais Reais, as Profecias, os Textos Mitológicos, as Obras de Medicina e de Cirurgia, os Tratados de Matemática e de Geometria, as Chaves de Interpretação dos Sonhos, os Dicionários de Hieróglifos, os Manuais de Arquitetura, Escultura e Pintura, os Inventários de Objetos Rituais que os Templos deviam possuir, os calendários das Festas, as recolhas de Fórmulas Mágicas, as Sabedorias redigidas pelos Antigos e os textos de “Transformação em Luz”, permitindo viajar para o outro Mundo.

– Para um Faraó – declarou Seth – não há lugar mais importante. Quando as dúvidas o assaltarem, venha aqui e consulte os arquivos. A Casa da Vida é o passado, o presente e o futuro do Egito; procure os seus ensinamentos e verá, como eu vi”.

- Também dispensa comentários: é uma súmula de tudo o que dissemos, só que escrito por um Historiador e Egiptólogo.

7. A verdadeira condição do ser humano que serve a Lucipher – poder... sim... e nada mais. Uma ilusão....

“– Não terei nenhum aliado? (Indagou Ramsés).

– Não confie em ninguém; não terá irmão, nem irmã. Será aquele a quem muito ajudou que o trairá, será o pobre que enriqueceu que o ferirá pelas costas, será aquele a quem estendeu a mão que fomentará rebelião contra você. Desconfie dos seus subordinados e dos que lhe são próximos, não conte com ninguém a não ser com você mesmo. No dia da desgraça, ninguém o ajudará. (...) Desde o tempo dos deuses o Egito é a filha única da Luz e o filho do Egito está sentado num Trono da Luz. (...). (Respondeu Seth).

– Não estou ainda pronto.

– Nunca ninguém está; quando o seu antepassado, o primeiro Ramsés, abandonou esta terra para voar em direção ao sol, eu estava tão angustiado e perdido como você pode estar hoje. Quem deseja reinar é um insensato ou um incapaz; apenas a mão do Criador, Ra, se apodera de um homem para fazer dele um ser de sacrifício. Como Faraó será o primeiro servidor de seu Povo, um servidor que nunca mais terá o direito ao repouso e às alegrias serenas dos outros homens. Estará só, desesperadamente só como alguém que esteja perdido, mas como o capitão do Navio que deve escolher a rota procurando compreender a verdade das forças misteriosas que o rodeiam. Ame o Egito mais do que a você mesmo e o caminho se abrirá”.

(Textos extraídos do livro “Ramsés – o Filho da Luz” – Christian Jacq)

•**Celtas**

Como já dissemos, a revelação do Mal é progressiva.

Parte dos Ritos Celtas, praticados pelos Druidas, vieram como aperfeiçoamento do próprio Egito; isto é, a eles foi ensinado o que os Egípcios sabiam, e algo mais. O período “áureo”, por assim dizer, das Sacerdotes Druídicos, aconteceu antes da Idade Média. Os Egípcios já tinham conhecimento e faziam uso da Licantropia, da consagração de pessoas a Entidades, da materialização demoníaca, dos Espíritos Territoriais, dos conhecimentos de Numerologia, Astrologia, Astronomia, Poções Mágicas, da abertura de Portais e Janelas Dimensionais (aguarde! Logo falaremos sobre as Janelas. Sei que você já deve estar cansado de esperar!), etc... etc...

Mas tudo isso foi sendo ampliado. Especialmente as Poções foram ampliadas. Elas têm a finalidade de baixar o estado de consciência (lembram-se do veneno das cobras, das ervas?); quando se está plenamente lúcido, muito do consciente humano bloqueia as experiências que os Demônios podem produzir. O estado de

alerta põe em evidência os nossos cinco sentidos; porém, quando eles são postos num estado mais torporoso, entra em vigor o sexto sentido. Perceba que isso já vai fazendo parte da Filosofia Satânica Moderna. Esse “sexto sentido” pode ser chamado de várias coisas: Paranormalidade, Terceira Visão, Telepatia. Aí estão os primórdios das “Artes Mágicas” (Leia “Filho do Fogo”). Claro que não ainda tão aperfeiçoadas, aquilo que a Irmandade viria a chamar verdadeiramente de Artes Mágicas aí começou.

A Magia ia sendo aperfeiçoada. Lucipher ensinava novos Rituais, outros tipos de Pactos, Sinalizações Demoníacas das quais os Rituais estão repletos. Assim como o homem estabeleceu uma linguagem de sinais para surdos-mudos, os Rituais também são cheios de sinais, músicas específicas, danças. Na época dos Druidas isso foi mais ampliado do que no Egito, embora as Sacerdotisas Egípcias sejam famosas pelas danças sensuais e o corpo extremamente flexível. Lembra que dissemos que os Druidas nada deixaram escrito, que sua Tradição era transmitida oralmente, o que muito chamava a atenção???. Os Sacerdotes Druidas deixaram sim, como legado, *montes* de manuscritos que nunca chegaram ao conhecimento do público, mas são relíquias de uso particular dos grandes Bruxos, dos filhos do Fogo, dos adoradores de Satanás. E, naturalmente, estão em poderio da Irmandade.

Merlin – ainda que seja por todos nós considerado como uma lenda muito antiga – existiu de fato. Segundo a Irmandade, ele foi o primeiro de cinco grandes Feiticeiros que a História teria o “privilégio” de conhecer. O último destes cinco é o anticristo. Claro que a impossibilidade de entender a Magia que ele realizava tornou-o mais um mito do que uma pessoa real. Estudiosos de hoje acreditavam que Merlin era o que chamaríamos de “Paranormal”, ou “Médium”; mas ele foi muito mais do que isso! A História diz que seu nascimento causou rumores estranhos uma vez que foi obscura a sua concepção. Para piorar tudo, ao que parece a mãe dele era filha de um Rei. A Lenda perpetuou-se diante da recusa da moça em dizer de quem tinha engravidado, e Merlin tornou-se uma espécie de “filho do Diabo”, no que não erram muito, ainda que o Diabo deles fosse muito, muito, muito diferente do verdadeiro!

A Irmandade afirma que ele foi concebido através de um Íncubu. Desde cedo, desde criança ele já teria experiências com as Trevas; começaria a ter contato com o mundo espiritual, com a Magia, mesmo que, como criança, não pudesse compreender exatamente as experiências que tinha. Mais tarde, seria um verdadeiro “filho do Fogo”, e um bem especial. Através das suas visões (revelações demoníacas), da sua “arte de produzir fogo do nada, a mais simples das mágicas, a primeira que se aprende, a que nunca se esquece” (A Caverna de Cristal – Mary Stewart), através dos seus conhecimentos na área médica, seus

unguentos e poções “medicinais”, sua capacidade grande de lidar com ervas... através do seu treinamento com um mentor desconhecido, numa Gruta desconhecida desde a adolescência... Merlin tornou-se grande e mais tarde influenciou de perto o Rei de toda a Bretanha. A concepção deste Rei foi facilitada por ele, o que mais tarde também se transformou em mito, dado que não podiam explicar como tinha feito o que fez. E a criança, recém-nascida, foi-lhe entregue, vivendo escondida até a idade de 14 anos, quando então, “acidentalmente”, entra em contato com seu mentor: Merlin. Exatamente como tinha acontecido com Merlin, quando ele mesmo era adolescente. A diferença é que o Rei não era filho do Fogo, mas seria influenciado de perto por quem era.

Merlin – ou Myrddin – é um ícone da Irmandade, juntamente com outros três grandes Bruxos da História, que deixaram suas marcas, suas pegadas. Rastros do Ocultismo que praticavam.

Segundo a Lenda – mas também segundo a versão da Irmandade – conta-se que Merlin reconstruiu a famosa e enigmática “Dança dos Gigantes”, a lendária “Stonehenge”, que já conhecemos do Módulo anterior. Como você bem se lembra, só a Grande Pirâmide pode ter comparação com Stonehenge. Óbvio que isso *não é* uma coincidência!!!

Vamos agora mais a fundo nisso. Vamos “descobrir o Oculto” por trás da Dança dos Gigantes! Porque assim como as Pirâmides foram fruto de revelação de Entidades, Stonehenge também foi. Sempre se pensou na Dança dos Gigantes como um túmulo, mas o que é um túmulo? Um lugar de passagem. “Morrer é nascer para outra vida; e nascer é morrer na vida em que se está vivendo”. É bem isso que Stonehenge é: uma Passagem. Um Portal. Segundo o conhecimento da Irmandade, não há nenhum Rei enterrado, mas uma Espada Ritual, a 27 metros de profundidade, e também um coração, dentro de uma caixa de prata revestida de ouro. Seria o coração de um Rei?... Isto já não sabemos... Segundo a Lenda, Merlin reconstruiu a Dança para coroar de Honra o túmulo de seu pai, um Rei. A incidência do Sol no Solstício de Inverno coroava exatamente o túmulo com a Luz.

De qualquer maneira, Merlin existiu para ser alguém de Poder, para estar perto dos grandes Homens, influenciar a Nação e a História do País de Gales, de toda a região que viria a ser hoje, Inglaterra e França que, como nos contou a História, não foram e nem são Países quaisquer. E ele, certamente, o fez. Mas a intenção era que Myrddin, embora influenciando profundamente a História, não deixasse *marcas* na História, tornando-se pura e simplesmente uma Lenda, e não algo real, para que seus passos não fossem seguidos. O poder do Diabo não era para ser exibido ao mundo antes da hora certa. Seu trabalho deveria ser sempre feito na sombra.

Existiram escritos dos Druidas, como dissemos, mas também *Livros* de Merlin... Igualmente, estes não estão por aí, ao bel prazer do Mundo; estão na Irmandade. Escritos em Céltico, os originais foram traduzidos em vários idiomas. Constam ali Ritos, palavras, nomes de Entidades, fórmulas mágicas de Poções, dentre outras tantas coisas. Para a Irmandade do presente Século, nada de muito importante, a maioria do que está nos Livros pouco se aproveita para a Irmandade de hoje já que estão muito adiante da época deste Feiticeiro. No entanto, trata-se de uma prova cabal da presença e da revelação de Lucipher aos seus antepassados, aos primeiros "filhos do Fogo". Somente se faz uso, hoje, dos chamados Rituais de "AbraMerlin", que precisam de 34 dias de retiro para serem realizados; 34 dias leva o Ritual completo. Trata-se essencialmente de um preparo para o corpo, que tem um sem número de detalhes sobre o que se pode comer e beber; inclui-se também a abstinência sexual. O corpo acumula energia, e tudo isto visa tornar aquele que faz o Ritual um canal perfeito para a canalização demoníaca.

Por sinal, segundo conta a Lenda de Merlin, ele teve que se manter "casto", sem contato com mulher terrena. Mas, certamente, isso não tem nada a ver com a abstinência sexual plena, pois ela foi farta em contato sexual com Demônios. Aliás, se Merlin se relacionasse intimamente com qualquer mulher, perderia seus Poderes.

Enfim: hoje os Satanistas detêm o conhecimento e poder dos Egípcios, dos Druidas e tudo isso bastante potencializado pois a revelação tornou-se completa. O Pentagrama se cumpriu. E, assim como hoje, nem todo o que diz servir ao Diabo o está servindo de fato. Somente esses dois Povos, nestes dois momentos específicos da História são citados como importantes, como tendo de fato recebido revelação do Inferno, tendo pacto com Principados e Potestades. Muitos foram somente usados, enganados, para difundir o Reino e os preceitos de Satanás, mas com apenas alguns ele estabeleceu aliança. Por exemplo, o Diabo usou Povos como os Maias, Incas e Astecas... Usou muitos Povos na África, na Ásia; tudo que ele pudesse fazer para destruir vidas, matar pessoas por meio de sacrifícios, contaminar locais com a sua presença... ele fez. Mas aliança verdadeira... com cuidado... com alguns!

ABERTURA DE JANELAS DIMENSIONAIS – ESPÍRITOS TERRITORIAIS

Finalmente, hein?! Vamos lá!

Antes, no tempo dos Egípcios e dos Celtas, a abertura das Janelas Dimensionais dependia de algumas "ferramentas". Hoje em dia a Irmandade não precisa mais disso, essa época já passou. É como o bebê que precisa do andador para aprender a se equilibrar, ou a criança que depende das rodinhas laterais da bicicleta para pedalar, ou das boias para nadar. Aquela era uma fase "infantil" da Magia, embora ela nada tivesse de medíocre ou simplista. O ser humano não é medíocre por ser criança; ele simplesmente, quando cresce, deixa de lado os "acessórios" de criança. Foi o que aconteceu. *Foi um processo de aprendizado*.

Antigamente eram necessárias as Pirâmides, por exemplo, ou os Monolitos (como Stonehenge), para a abertura das Janelas. Porém, hoje isto já não se faz mais necessário para alcançar as Janelas ou Portais Dimensionais.

Pois bem! O que são Janelas Dimensionais?

É muito importante que elas não sejam confundidas com as "Aberturas de Portais", que citamos no livro "Filho do Fogo" e também na "Apostila Nível I". Indiretamente, as Janelas têm uma certa relação com o que já foi explicado – no decorrer daquele assunto – sobre o conceito das Dimensões Superiores. Não vamos falar tudo de novo, só relembrar rapidamente o conceito principal: nós, humanos, vivemos num mundo de 4ª Dimensão (se precisar, relembre os conceitos pelo seu material antigo), mas existem 12 Dimensões. Para permitir que Demônios dessas Dimensões acessem o Satanista, os filhos do Fogo cumprem os "Rituais de Abertura de Portais", através dos quais passam a ter acesso – segundo a vontade e direção das Entidades – a Demônios de patamares cada vez mais elevados dentro da hierarquia de Principados e Potestades.

Como estamos falando de conceitos um tanto ou quanto abstratos, talvez seja difícil compreender realmente o que *são* essas Dimensões e em que *lugar do Espaço* (ou do *Universo*, sei lá!) elas estão. Por que dizemos que estamos, nós, seres humanos, na 4ª Dimensão? Porque temos que levar em conta não apenas a matéria física de três dimensões que conhecemos em nosso mundo, mas também

a dimensão de Tempo. Fico a me perguntar como é possível entender isso uma vez que matéria física, dotada de profundidade, altura e largura, pode ser "comparada" ao Tempo... Quer dizer, são coisas incomparáveis... É como comparar uma laranja com um relógio. Mas não o *objeto* relógio, mas aquilo que ele significa; ele marca o Tempo. Comparar laranja com o escoar das horas, dos dias... dos milênios...???? Que relação existe? Parece algo quase intangível entender o quê, afinal de contas, são as Dimensões Paralelas e onde elas estão. Isso não foi discutido antes, portanto, vamos aprofundar um pouco nosso entendimento desta faceta do Oculto.

Vamos pensar da seguinte maneira: todas as Dimensões coexistem num mesmo Espaço. Sabemos pela nossa Lei da Física que "dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço". Você aprendeu isto na escola. Mas essa é uma Lei da nossa Dimensão, uma Lei que expressa um realidade física, o que a faz muito simples: se tem um carro estacionado numa vaga do Shopping, é claro que você não consegue estacionar o seu carro ali, na *mesma* vaga. Se a sua geladeira está completamente cheia, você não pode vir do Supermercado com mais sorvete, iogurte, queijinhos e salaminhos e azeitoninhas, frutas lindas, refrigerantes, doces, bolo (hummmm...!) porque essas pequenas maravilhas não caberão – infelizmente – onde deveriam ficar. Entende? É uma Lei *Física*.

Mas sabemos, no entanto, que o Espírito de Deus pode habitar os Filhos de Deus... O próprio Deus é um Ser Triúno... Demônios podem canalizar, "possuir" os homens... ou seja, percebemos que no Reino Espiritual acontecem algumas coisas que não se explicam pela Lei dos "Dois corpos não coexistem no mesmo lugar no espaço". Nossos sentidos humanos captam apenas *parte* do Universo que existe à nossa volta. Por exemplo, como explicamos antes, nossos olhos não percebem o infravermelho, nem o ultravioleta; o corpo humano também não consegue perceber o Campo Magnético da Terra. Mas sabemos que certos animais têm o seu sentido de "navegação", de "direção", orientado por esse Campo Magnético, como pássaros, baleias, golfinhos. Então, está claro que eles possuem um sentido que nós não temos.

Isso significa que o *mesmo* Universo, o *mesmo* Mundo, o *mesmo* Espaço, o *mesmo* Lugar é captado e percebido de maneiras diferentes pelos seres de uma mesma Dimensão. Se você é um ser humano, um lobo, um golfinho, uma abelha, uma águia, um salmão ou um pato da América do Norte... note que o mundo à volta de cada um desses seres vivos é percebido de maneira diferente. Há quem ouça muito bem; quem fale e raciocine muito bem; quem enxergue muito bem; quem se norteie muito bem; quem sinta a necessidade de migrar, mas não há quem ensine o caminho...

Sabemos que os Demônios estão *aqui* na Terra porque esse foi o lugar que

Deus determinou que eles estivessem. O Reino Espiritual está aqui mesmo, neste mesmo lugar em que vivemos; as Dimensões Paralelas coexistem no mesmo espaço que a nossa Terra (e seus arredores), não estão do outro lado do Universo, ou num lugar completamente diferente. Só que os sentidos humanos não podem captá-las e as Leis Físicas não servem para descrevê-las, e muito menos compreendê-las. Nossos sentidos e nossa Ciência são limitados quando se trata do Reino Espiritual. As Dimensões paralelas coexistem no mesmo espaço, mas não é no mesmo *Espaço Físico,* entende? Como diremos melhor... é como se fosse uma bola. Tem o lado de fora da bola e o lado de dentro da bola; a parte externa da bola pode ser vista, e conhecida, mas a parte interna não se pode ver. Contudo, se houvesse uma forma de atravessar a parede da bola, aquela película, e entrar do lado de dentro... estaríamos numa outra dimensão, a dimensão de *dentro* da bola... compreendeu? Hum... vamos tentar mais um pouco...

Imagine um enorme edifício, e este edifício tem 12 andares. Todos os 12 andares estão ali, naquele lugar, naquele espaço. Se em cada andar morasse uma família, essas 12 famílias teriam o mesmo endereço... Só ia variar o quê? O ANDAR! Entenda que cada andar é uma Dimensão e há alguns elevadores em cada andar. Só se pode passar de um andar para outro pelo elevador. Mas... detalhe... não é um elevador comum, pois as famílias de cada andar gostam de manter sua privacidade e receber como visitas e hóspedes apenas seus melhores amigos e familiares. Por isso, o elevador tem um código secreto, uma senha, uma espécie de segredo que foi estabelecido pela família mais poderosa, aquela que ocupa a “Cobertura”, o 12º andar. Essa senha de acesso é passada com muito cuidado para alguns membros mais importantes da família do andar de baixo, que faz o mesmo com a família do outro andar. E assim sucessivamente.

Isso é somente uma ilustração para que possamos ir adiante. Vamos partir do princípio, então, que todas as Dimensões Paralelas do Reino Espiritual estão aqui mesmo, no nosso bom e velho Planeta Terra. Pois *aqui* foram lançados a Serpente e seus seguidores. Eles não estão no Planeta Marte, ou na Galáxia de Andrômeda.

A Bíblia fala em Demônios que foram aprisionados no Abismo. Fala nos seres que habitam o Céu, a Terra e abaixo da Terra. Assim, se estamos falando de um espaço físico que é o espaço do nosso Planeta, sua Atmosfera, seus Mares e Montanhas, quando falamos em Céu, não se está querendo fazer referência a “Paraíso”, ao lugar onde Deus habita... mas a regiões da Atmosfera Terrestre. Quando se fala em Abismo, pensamos nas profundezas do Mar, ou de Vulcões. Aliás, falando em Abismo, a Irmandade situa o lugar onde alguns Demônios estiveram presos (pois agora já não estão mais...) lá na Fossa das Marianas, um lugar que “está para os Oceanos assim como o Everest está para os Continentes”.

Não existe nada mais fundo; é um abismo submarino com exatos 11.033 metros de profundidade. Fica ao lado das Ilhas Marianas, diante do imenso Pacífico, perto das Filipinas. Lá embaixo, além do frio e escuridão eternas, a pressão é 1.100 vezes maior do que na superfície do Mar. Cada centímetro quadrado nas Marianas suporta o peso de uma coluna de água de 11 Km, o que equivale a quase 7 toneladas de pressão.

Entenda... Os Demônios não estão lá todos molhados, lutando para respirar, tremendo de frio e dando trombadas uns nos outros por causa do escuro. O espaço físico é lá... mas não estão na dimensão terrestre, não estão realmente no fundo do mar, mas numa Dimensão que ocupa o *mesmo espaço* da Fossa das Marianas. É a história do Edifício.

Para entender bem, vamos acrescentar um dado: digamos que esse edifício, além dos 12 andares (12 Dimensões), ainda tenha um subsolo, por exemplo, cujo acesso é extremamente restrito; os Demônios aprisionados estão no subsolo. Segundo os Satanistas, a Dimensão correspondente ao subsolo que ocupa paralelamente a mesma região da Fossa das Marianas; é uma "Região de Masmorra" – região de Prisão. A princípio todos estavam lá, ou pelo menos em algum lugar semelhante, caso não estivessem todos juntos. Mas não foi uma prisão eterna, caso contrário não estariam eles aí, rondando a Terra e causando desgraça. Como foi que eles se libertaram???

Claro, ainda restam alguns aprisionados, reservados para o Final dos tempos, para o Apocalipse, então é só uma questão de tempo. Lembra do texto de Apocalipse que fala da abertura do Abismo? Da Besta que emerge do Mar? Naturalmente que a Irmandade dá sempre seu toque pessoal de interpretação em tais textos. Eles dizem que a libertação desses Demônios não será por pura permissão de Deus, mas que Ele *será obrigado* a soltá-los por reconhecer o seu Poder; pois a Terra já não será mais Dele, e nem a Sua Criação; Satanás constituiu para si mesmo o maior Reino e Deus terá que libertar os que aprisionou.

Mas, para simplificarmos: "Abismo" é uma Dimensão Inferior. Há textos que falam das portas do Inferno, certo? O "Inferno" está aqui mesmo na Terra, nessas outras Dimensões; e é bem diferente do lago de fogo e enxofre para onde todos os Demônios e seres humanos serão lançados depois do Juízo. Este lugar... sinceramente não faço a menor ideia de onde fica!

Continuando... no edifício mencionado, nós seres humanos, estamos no 4º andar, na 4ª Dimensão; existem, portanto, Dimensões Superiores e Dimensões Inferiores. Já compreendemos que nesse edifício não há escadas de livre acesso, mas somente elevadores com senhas secretas.

O que é esse código secreto de acesso à outra Dimensão? No que ele se

expressa?

É expresso por meio de um Ritual, um processo *específico* (tanto do próprio ponto de vista ritualístico, como de palavras, gestos, sinais, poções, etc.), que se encaixa dentro de um contexto *específico* (momento certo, locais, detalhes cabalísticos específicos).

Note, porém, que a senha de acesso é revelada a alguns apenas. Não são todos que podem sair daquele andar! Digamos que somente os mais especiais, os escolhidos, os que foram dignos de serem *chamados* para tal. Mesmo dentre os filhos do Fogo – portanto, membros de uma mesma "família" – há os que são convidados a entrar no elevador, a passar para um outro andar... e os que nunca vão saber nem onde ele está situado, e muito menos o que fazer para entrar nele. Muitos filhos do Fogo nem vão saber que os elevadores *existem*! É só para o Alto Escalão dos Escolhidos!

Esse edifício tem algumas Leis Espirituais a que está sujeito. Nesta nossa analogia, quanto maior a Dimensão, quanto mais "alto" o andar, também tanto maior a Hierarquia daquela família de Demônios e maior a mobilidade que têm no Reino do Espírito. Quem está, digamos, no 8º andar, pode descer todos os outros andares até o 4º, pelos elevadores; pode subir um pouco, mas não tudo; a última e mais elevada Dimensão só é ocupada por Lucipher. Quem está nos andares de subsolo, de "Masmorra", não vai a lugar nenhum, pois ali é um local de prisão. No caso dos seres humanos, dentro da realidade da Irmandade, esse é um fato que acontece *de fato*!

Mas como acontece isso? Essa mobilidade?

Quem está numa Dimensão qualquer, por exemplo, a nossa, a 4ª, só pode subir se *alguém de cima* der a senha para ele. Se ele for convidado e aceitar o convite, então, nessa nossa ilustração, *o elevador é uma Janela Dimensional, ou um Portal Dimensional, que dá acesso a uma Dimensão Superior ou Inferior*.

Vamos entender como é o processo específico que leva à abertura do elevador (Janela). Como dissemos, trata-se de uma "senha", e qualquer um de nós sabe que uma senha é algo *absolutamente preciso*, que não pode ter um mínimo erro, senão... não funciona! E essa "senha" se expressa por meio de um ritual muito específico, feito dentro de contextos muito específicos. Vamos um pouco além...

Imagine agora que a Terra inteira, com sua Atmosfera, o fundo dos Mares e a superfície terrena é o nosso edifício. Onde estão os elevadores? Onde estão as Janelas que permitem a passagem do nosso Mundo Físico (4ª dimensão) para as outras Dimensões paralelas?

O Campo Eletromagnético e Gravitacional da Terra é relativamente homogêneo, Global; mas assim como no corpo humano, existem locais de maior concentração de energia, há pontos do Planeta que também sofrem pequenas

variações. Então, pautados nisso, é como se o Planeta também tivesse “Chakras”. Lembram-se dos Ritos de “Abertura de Portais”? (Observe bem a nomenclatura para não se confundir!) Neste caso, é uma coisa “individual”: há 9 pontos no corpo humano que os Satanistas consideram como “Portais”. São pontos por onde o Satanista, de livre e espontânea vontade, abre “portas” no seu corpo, através das Cerimônias Rituais, onde há derramamento de sangue humano e dá livre acesso a Entidades. É uma forma de permitir que os Demônios “drenem” seu Poder através do corpo e da vida do Satanista, e este opere suas façanhas através do poder concedido pelos Demônios, os “sinais e prodígios para enganar”. Relembre mais uma vez uma das máximas do Satanismo: “Poder à Força... Morte aos fracos”.

Da mesma forma, quando nos entregamos a Deus, com a nossa *permissão* o Espírito Santo terá ou não livre acesso à nossa vida, para nos usar, a realizar seus feitos, seus sinais e sua obra através de nós (claro que é uma comparação incomparável, pois a maneira de Deus agir é completamente outra... mas admito o uso do exemplo para mostrar que os Demônios precisam desse *consentimento* e dessa *parceria* para agir de forma muito poderosa, o que não seria possível de nenhuma outra maneira). A “Abertura de Portais” é uma maneira de dar acesso aos Demônios para *virem* até o Feiticeiro, o Bruxo, o Sacerdote; isto é, são os Demônios que saem de suas Dimensões e vêm até o ser humano, e não o contrário. Entenda e guarde bem isso. O Satanista continua em sua *própria Dimensão*, não vai para outra.

Até mesmo através das técnicas de Desdobramento, ainda assim ele continua no seu próprio andar, o 4º andar. Mas agora, por meio desse artifício, é possível “atravessar as paredes”, por assim dizer, andar por salas e locais daquele andar sem estar preso às limitações físicas da matéria que são impostas naturalmente para quem vive na 4ª Dimensão. Pois agora o indivíduo não está preso dentro do corpo, seu espírito anda com certa liberdade e está sujeito a outras Leis. Mesmo assim, ainda há limitações. Embora a Dimensão de Tempo seja deformada (a pessoa pode ter a impressão de que ficou fora apenas alguns minutos e, uma vez tendo o espírito retornado ao corpo, verifica-se que várias horas decorreram), há algumas restrições. Não se pode ficar por período prolongado demais fora do corpo e também há uma limitação de espaço. Não se pode ir por Desdobramento do Brasil até a China. Não se vai para outro Planeta, não se vai ao Inferno, não se vai ao Céu por Desdobramento. Permanece-se no mesmo Plano Dimensional. Ainda se está preso ao *mesmo andar*. Isso tudo já tinha sido discutido em outras ocasiões.

Agora, entenda bem: quando falamos em “Janelas ou Portais Dimensionais” estamos falando não de pontos do corpo, mas de pontos do Planeta que permitem

– desta vez, sim – *acesso do ser humano a outras Dimensões*... Embora a nomenclatura pareça semelhante, são coisas bem diferentes.

Assim como no corpo humano, os Portais são pontos específicos onde há variação da concentração de Energia – portanto, também do campo eletromagnético do indivíduo –, da mesma forma também é assim com os locais da Terra onde se pode acessar outra Dimensão; claro que não são escolhidos a esmo, de forma aleatória. Tudo está embasado em complexos cálculos astronômicos, matemáticos, alinhamento com trópicos ou outros lugares específicos do Planeta. Esses detalhes não vêm ao caso, mas a abertura de uma Janela Dimensional dá algumas regalias muito importantes aos Demônios. Em retribuição, eles aceitam o "pedido de permissão" para dar acesso aos Escolhidos de adentrarem essa outra Dimensão. É uma troca. Os Demônios saem no lucro (como você verá) e os filhos do Fogo também porque nestas outras Dimensões, nessas "visitas" a outro andar tem-se acesso a outra esfera de conhecimentos, outros tipos de Poderes e influências, segredos, novos Ritos Cerimoniais. Uma enorme série de "novidades", que se traduz em Poder de ambas as partes!

As Pirâmides foram construídas com um tipo de exatidão, porque elas são – mais do que Tumbas Funerárias – Janelas Dimensionais; para isso foram construídas. Então, o posicionamento tem que ser exato, nem um milímetro para a direita, nem para a esquerda, mais à frente ou atrás, nenhuma ângulo fora de proporção, nada! O mesmo acontece com os Monolitos, como Stonehenge. Lembra? Uma senha tem que ser absolutamente exata e precisa. E assim são todos os locais sinalizados no Globo para o acesso às Janelas. Ali estão os elevadores; digamos que a Pirâmide é um elevador, a Dança dos Gigantes é um elevador. E existem muitos outros mais. Mas eles não poderiam ser usados por nós, da 4ª dimensão, se os Demônios não nos tivessem ensinado, primeiro, a *construir* esses elevadores; e, segundo, a *entrar* neles. Construir é uma coisa... entrar é outra muito diferente! Aí está a "senha secreta" do elevador, nada pode sair do lugar, da orientação, da perfeita exatidão. E nada disso aconteceria se o homem não consentisse em realizar a tarefa proposta por Lucipher.

Por que esses lugares são tão especiais e a maneira de construi-los tão ímpar?

Porque não fazem parte da nossa esfera de conhecimento humano, não estão regidos por Leis Físicas, por isso se tornam tão incompreensíveis para a mente. Foram fruto de revelação demoníaca, coisas que o homem nunca descobriria por si mesmo uma vez que Deus não deu a nós esse tipo de saber. Veja só: os Maias construíam Pirâmides também, os Incas tinham sua cidade sagrada de Machu Pichu, os Astecas veneravam grandes estátuas de pedra. Era muito comum a veneração do deus Sol por parte destes antigos Povos da América Latina. Talvez uma influência velada dos Demônios, mas nada de especial. Como sempre

dizemos: não foi com estes que o Inferno estabeleceu aliança.

Veja que uma Pirâmide Maia que recebe a incidência solar todos os dias num determinado ângulo, num determinado horário, e que varia tão somente de acordo com as Estações foi construída puramente com base num conhecimento humano, uma vez que o Sol todos os dias nasce e se põe. Não precisa muito conhecimento para saber disso e fazer uma Pirâmide cuja luz solar incida de uma certa forma num determinado período do dia. É como um projeto de engenharia de uma casa: é muito fácil ao homem prever qual a melhor angulação da construção para que os principais cômodos se beneficiem da luz nos melhores momentos do dia e das Estações. É simples.

Agora... se um determinado monumento sagrado obtiver a incidência do Sol, ou da Lua, ou de alguma estrela, que só acontece uma vez por ano... ou uma vez a cada dez anos... concorda que o conhecimento para isso vai muito além, atingindo em seus detalhes algo de *realmente* sobrenatural?!

As Pirâmides Maias, os Rituais Incas, os ídolos Astecas... Tudo isso é um conhecimento natural, baseado na observação das Leis Naturais do Planeta. Claro que houve uma influência demoníaca, mas nenhuma revelação importante. Muito diferente das Pirâmides Egípcias, de Stonehenge. Há muitos outros elevadores no Planeta, estamos falando das Pirâmides e de Stonehenge para que nos sirvam de exemplo e facilitem a compreensão; mas há muitos outros lugares da Terra onde se pôde – e ainda poderá – abrir Janelas Dimensionais.

Contudo, o mais importante da abertura da Janela Dimensional é o acesso ao Patamar dos Espíritos Territoriais daquele local, que, obviamente, são Principados. O Diabo, para ter a permissão de influenciar *territorialmente* um determinado local – e com isso estamos dizendo que ele teria 100% de liberdade de ir e vir – precisava do consentimento humano, precisava de uma parceria com o Homem. É bem o que expressa a simbologia do Pentagrama. Concorda que essa parceria plena *nem sempre existiu*? Concorda que ela teve que ser feita progressivamente, ao longo de muitas e muitas gerações? Concorda que o Poder que o Diabo tem sobre a Terra é proporcionalmente maior à medida que ele *obtém alianças* com pessoas? Alianças cada vez maiores e mais profundas, cada vez com um número maior de pessoas, de seguidores, de adoradores que compactuam com ele de forma cada vez mais livre à medida que a revelação do Maligno se descortina e o ser humano a aceita, abraça-a, acolhe-a?!

Deus também “precisa” de uma parceria com o Homem, mas entenda bem... é um *precisar* diferente! O Senhor precisa no sentido de que Ele assim escolheu agir, Ele *escolheu* trabalhar na Terra com a ajuda espontânea, obediente, por puro amor... de seus filhos. Ele não precisaria realmente de nós para fazer absolutamente nada do que quer... mas assim o Senhor quis, por isso está sempre

perscrutando a Terra em busca dos verdadeiros corações e vidas sinceras que queiram deixá-Lo agir por meio delas. Se Deus quiser evangelizar uma Nação, Ele ali enviará os Seus Evangelistas; se quiser levar ao arrependimento, fará uso dos Seus Profetas. Mesmo Jesus, ao "materializar-se", vindo ao Mundo na forma humana, precisou dos Seus discípulos; e foi com estes que Deus contou para fazer propagar o Evangelho de Cristo e a visão do Reino. Mesmo na Sua Onipotência, Onipresença e Onisciência, Deus optou por "precisar" do Homem. E com ele estabeleceu Aliança Eterna.

Já Satanás *precisa mesmo* no sentido literal da palavra. Ele não poderia agir na Terra com liberdade sem o consentimento, a conivência e a ajuda do Ser Humano. Se – e isto é somente uma conjectura –, *se* a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal fosse uma Prisão, uma espécie de Portal que revelasse de vez em quando a Dimensão onde Satanás e a terça parte dos anjos caídos tivesse sido colocada depois da sua Rebelião, muito antes da Criação existir.... e eles estivessem *ali e tão somente ali*... aprisionados, como alguém que olha por trás das grades... grades invisíveis, sim, que a mulher não poderia ver. Mas, aparentemente, havia uma possibilidade de comunicação...

Não é uma ideia tão incoerente, pois de alguma maneira a mulher teve acesso ao Portal quando se aproximou da Árvore, entrou no *perímetro proibido*. No momento em que aquela mulher se deixou seduzir e consentiu em fazer o que a Serpente lhe pedia, ela consentiu, ainda que temporariamente, numa "aliança" com o Diabo, e se esqueceu do que o Senhor recomendara. Não sabemos se a sedução foi tão fácil assim, nem quanto tempo durou, nem – talvez – *quantas vezes* a mulher se aproximou da Árvore, e ficou a escutar a Serpente. Coisa que nunca deveria sequer ter feito. E para escutá-la é claro que tinha que estar por perto; e se estava por perto, é porque talvez realmente desejasse saber do que se tratava. Deus apenas tinha dito sobre o fruto da Árvore: "Dele não comereis, nem tocareis nele, para que não morrais". Nem tocareis nele... quer dizer: "Nem chegue perto dali, é muito perigoso!". Deus avisou. Contou com a obediência daqueles que tinha criado à Sua Semelhança.

Deus vinha todos os dias, na viração do dia, e estava perto do homem face a face naquele momento. Naquele momento específico, e não em outro. Talvez – e isto é somente outra conjectura – talvez o Portal dos Céus se abrisse e fosse a hora mais propícia para o homem ter contato com seu Criador. Deus vinha até a Terra.

Podemos dizer que foi mais ou menos isso que aconteceu. Foi assim que os primeiros Demônios se libertaram junto com Satanás. Aquela que veio a se chamar Eva deu liberdade para que os Demônios passassem da sua Dimensão de provável "aprisionamento" para a Dimensão Terrestre. Lembra daquela velha

história da lâmpada mágica do Aladim? O “Gênio” da lâmpada, aprisionado, somente podia ser liberto se pelo homem isso acontecesse. Em troca... favores especiais concedidos pelo Gênio.

Indo adiante... então, já que os Demônios precisaram do Homem para agir com liberdade, a partir do momento em que este último constrói um Portal (elevador) por meio do conhecimento dado por estas Entidades... Já entendeu, né? Usando da nossa analogia, o homem ofereceu oportunidade para que os Demônios *estacionem* o elevador no 4º andar (nossa Dimensão) e entrem. Eles podem, dessa forma, vir e voltar ao seu bel prazer. Foi dessa maneira que o ser humano foi progressivamente “libertando” Demônios de Dimensões paralelas e permitindo que eles invadissem a Terra. Claro que isso aconteceu debaixo de uma permissividade de Deus, baseada no livre-arbítrio que deu à Sua Criação; mas alguns Demônios não serão libertos antes do Tempo, antes do Apocalipse, antes do Fim, porque quem controla a História é Deus. Não é o Diabo, não é o Homem. Mas convenhamos que a parceria do Homem e dos Demônios causou muito estrago na Terra.

Tire disso um pequena grande lição para sua vida: o livre-arbítrio é uma arma poderosíssima, mais terrível do que a mais terrível arma nuclear ou química que o ser humano possa inventar. Pode causar grande bênção, quando se está realmente submisso ao Senhor; e estragos incalculáveis, tenebrosos, horrendos não somente para o indivíduo que desobedece, mas para toda a Humanidade.

Uma vez aberta a Janela, dá-se liberdade para os Demônios que saíram naquele local, extremamente Poderosos, influenciarem *toda a região*. Tornam-se assim, **Espíritos Territoriais**, e isso **não** poderia acontecer sem a abertura da Janela. **Guarde bem isso**!

A história é mais ou menos assim... imagine algum Principado muito forte que entrou em contato com um Satanista de Alta Patente através de um Rito de Abertura de Portais, numa Cerimônia Satânica. E ele diz ao homem algo mais ou menos assim: “Olha, eu não posso construir o Portal; mas posso te ensinar a fazer isso. Aqui, onde estamos agora, nesse ponto que você consagrou pra mim, eu posso chegar; é como se você me abrisse temporariamente um buraco no teto do seu apartamento, e eu posso ir até aí, no seu 4º andar”. Este Principado aparece em Cerimônias, até mesmo pôde se materializar ali. Mas ele somente pode estar na nossa Dimensão enquanto durar o Ritual. Se ele dura 12 horas, então os Principados e Potestades podem ficar em nossa Dimensão 12 horas. E depois são obrigados a voltar para a deles e deixar de influenciar nosso Mundo.

Era assim no começo, nos primórdios da Humanidade. Isso nenhum de nós imaginava, né? Sempre imaginamos os Demônios todos vagando por aí segundo bem entendiam, e não foi bem assim. Enquanto as *Janelas* não foram sendo

abertas – e isso se traduz pela construção dos elevadores – uma Pirâmide, um Monolito – esses Demônios não podiam acessar a nossa Dimensão com a liberdade de ação que gostariam de ter. **Nem sempre houve Espíritos Territoriais sobre a Terra**! Eles simplesmente podiam movimentar-se bem nas Cerimônias de adoração, de consagração... ali era, momentaneamente, território deles. Mas apenas *momentaneamente*. Depois disso... "pra casinha"!

Embora seja incomparável, os Satanistas usam do exemplo do Tabernáculo para melhorar a sua própria compreensão disso. A Glória de Deus enchia o Tabernáculo, o Santo dos Santos. Essa presença Forte e especial acontecia ali, não em outra parte do deserto, ou em alguma montanha. Pois o Tabernáculo, teve que seguir princípios específicos de construção, foi ungido, consagrado, e ali estabeleceu-se todo o Sistema Ritualístico do VT, que depois foi transferido para o Templo. Se alguém entrasse no Santo dos Santos fora do momento certo, ou sem a devida preparação, mesmo que fosse Sacerdote, seria fulminado. Deus ali estava porque houve um "consentimento" para Deus estar, através de uma parceria Dele com o homem. Assim, os Demônios também podem se materializar e *agir plenamente em locais específicos que foram a eles consagrados*.

Então, hoje, por exemplo, na Base da Irmandade em São Paulo os Demônios se materializam, conversam, aparecem, falam, aconselham, etc... etc...! Mas eles não podem se materializar na rua, sem mais nem menos. Contudo, através da Janela, mesmo depois de terminados os Rituais, eles já não precisam "voltar pra casinha", podem sair livremente por toda a região e atuar conforme queiram. Perto de São Paulo, num lugar relativamente próximo à Capital, existe uma Janela Dimensional aberta. Foi construída pela Irmandade justamente com o intuito de dar plena liberdade de ação para que os Espíritos Territoriais influenciem aquela região. Perceba que essa Janela não está na Base da Capital, mas em outro lugar, porque aquele outro lugar foi o local apontado para a construção do Portal; não é o Homem que define isso. Se fôssemos partir da pura lógica humana, era mais provável que a Janela estivesse dentro da própria Base. Mas esta Janela – algo semelhante a um Monolito, embora não seja um Monolito – está bem guardada num lugar onde mais ninguém teria acesso a não ser os filhos do Fogo.

Imagine só se os Cristãos fossem assim tão obedientes quanto os filhos do Diabo?

Uma vez repassado esse conhecimento dos Portais Dimensionais através do contato com os homens em locais consagrados, locais de Cerimônias, ao longo de Séculos e Séculos... e contando com a aquiescência destes, as Janelas foram sendo abertas. *Agora*, Demônios chamados Espíritos Territoriais (que não

deixam de ser Principados e Potestades, claro, um demoniozinho qualquer não é um Espírito territorial, ele somente se aproveita da liberdade que os maiores conquistaram), podem estar e agir não somente durante os Rituais, mas *todo o tempo*, na região em que a Janela foi aberta. Já não é mais somente um buraco no teto que dá acesso apenas à sala que foi consagrada ao Demônio, mas agora ele pode andar por todo o apartamento, todo o andar – e lá ficar – porque ele foi "libertado" para fazer isso.

Como esses Demônios deram tal conhecimento a alguns homens de Alta Hierarquia dentro da família de adoradores do Diabo, através dos Ritos de Abertura de Portais, em troca da liberdade de ação... os "Gênios" concedem aos Filhos do Fogo algo muito especial: o acesso a essas Dimensões.

Isso significa que alguém pode, literalmente, atravessar o Portal Dimensional, *fisicamente falando*, e entrar em outra Dimensão. É uma dupla possibilidade, na qual Demônios e seres humanos se beneficiam. O elevador estacionado no 4º andar dá a chance do homem entrar nele, e sair da esfera humana. Não se trata de uma viagem do espírito, como no Desdobramento, mas uma viagem literal mesmo: do corpo inteiro. É como ser "sugado" por um Buraco Negro e sair do outro lado... mas é somente uma comparação. As Janelas Dimensionas não são Buracos Negros ou Brancos.

Existem dois tipos de Janelas ou Portais Dimensionais: as Permanentes e as Temporárias. Vamos entender rapidamente a diferença entre ambas.

•PORTAIS DIMENSIONAIS PERMANENTES

São 90 as Janelas Permanentes, e a grande maioria delas já está aberta. Isso veio acontecendo desde a Antiguidade, como sabemos. Há cerca de 10 a 12 anos, 72 destas Janelas estavam abertas. Para abrir as últimas era necessário esperar o tempo certo. Por que o tempo certo? Porque para abri-las é necessária uma série complexa de condições que não acontecem sempre; não apenas condições de conhecimento ritualístico (que é progressivo, como sabemos), mas também conhecimentos e condições astrológicas e astronômicas. Não podemos ir além nos detalhes porque eram conhecimentos destinados apenas aos Sumos Sacerdotes. Mas como Deus é o Único Senhor do Universo, Ele detém a ocorrência destes fenômenos, de forma que a abertura das últimas Janelas ficou realmente reservada para o Final dos Tempos, não porque o Diabo assim preferiu, mas porque Deus determinou.

Essa minoria de Janelas libertará Demônios cada vez mais Poderosos das profundezas do Abismo. Em 2006, mais 9 serão abertas, e as últimas 9, em 2013. No entanto, lembremos que a abertura de uma Janela Permanente pressupõe não somente a entrada dos Demônios na Terra, mas recordam-se que dissemos que

era possível que seres humanos as atravessassem também? Isso é considerada uma honra muito especial, concedida a poucos escolhidos, e a passagem tem objetivo de gerar filhos de Entidades Poderosas de uma maneira diferente, num outro Mundo, guiado por outras Leis. Claro, tem que passar o homem e a mulher, pois a relação será mediante Súcubus e Íncubus. Uma honra como essa é algo muito, muito especial dentro da Irmandade, concedida a poucos. Sumos Sacerdotes em geral. E são programadas com extrema meticulosidade, por vezes durante anos, até décadas de antecipação. Pode ser usada a Janela Principal ou a Janela Secundária. Porém, como já citado, o principal objetivo desta "passagem" é a reprodução, a intenção de gerar crianças geneticamente alteradas para o serviço de Lucipher. São bastante utilizadas em Rituais de Fertilidade, e esse nome já vem desde a Antiguidade.

Peraí, agora já complicou demais! Portais Principais? Portais Secundários?!

Sim. Existe, na realidade, uma "Rede de Portais". Há Janelas Dimensionais que são como as Portas Principais de uma casa; por ali se entra na casa. Mas uma vez dentro da casa, para acessar outros cômodos, há Janelas Secundárias; para que o acesso seja ampliado. Um Demônio somente chega ao território de uma Janela Secundária depois de ter passado pela Porta Principal. Para entrar no quarto de dormir de uma casa, ou no banheiro, ou no quintal, primeiro você tem que atravessar a Porta de Entrada.

Todas as entradas de Entidades Demoníacas no Brasil vêm pela costa, e são três essas Portas Principais. Uma no Rio de Janeiro, outra em Florianópolis e outra em Salvador. Não apenas pelo fato de Leviathan ser o Principado que reina sobre o Brasil, mas, em tese, os Demônios aprisionados vêm das profundezas oceânicas (é uma metáfora, não quer dizer que eles estejam no fundo do mar, mas naquela Dimensão Inferior, na "Masmorra"). Por esse motivo as Portas Principais são sempre costeiras, pelo menos aqui no Brasil, mas não é uma regra absoluta, senão... as Pirâmides no meio do deserto não serviriam para nada. O fato é que as entradas principais são poucas (90), mas a partir daí começa uma espécie de rede, uma colmeia de galerias, uma tubulação subterrânea formada pelas Janelas Secundárias através das quais as Entidades podem transitar livremente e percorrer todo o Globo. Claro que dentro de um plano estratégico de Satanás. Ele é o único que percorre toda a Terra quando e como quer. Os grandes Príncipes, na mudança das Estações ou quando se faz urgente a presença de um deles em algum lugar. Mas sempre deixa um Escudeiro à altura em seu lugar. Os demais só abandonam o território em que estão sob circunstâncias muito especiais. Na verdade, um Espírito Territorial não pode sair do seu lugar de domínio.

Veja como se dá a ligação entre alguns Portais. Existe um Portal que parte da

Filadélfia, nos EUA, adentra a região do Oceano Atlântico e vem descendo, passa perto das Ilhas Caribenhas, cruza exatamente a região do Triângulo das Bermudas e, ao chegar na linha do Equador, sofre uma angulação de 32º para oeste e então se aproxima bastante da Costa Brasileira. Daí vem margeando a costa até as três entradas mencionadas. A mais importante é a que que passa bem no centro da cidade do Rio de Janeiro, no Trópico de Capricórnio. Uma vez entrando por aí, os Demônios circulam com liberdade pelo Brasil, acessando as outras cidades pelas Galerias de Janelas Secundárias.

Enfim...

Tudo isso que falamos sobre as Janelas ou Portais Dimensionais, como você pode facilmente perceber agora, está intimamente associado aos Espíritos Territoriais. E é mais claro ainda de perceber que tal conhecimento e realização espiritual custa um preço bastante alto. Um preço de sangue, de Ritos muito complexos, e de grandes conhecimentos por parte de quem os recebeu, seja ontem, nos primórdios da Civilização, ou hoje, dentro da Irmandade Moderna.

Por que estamos dando tanta atenção a esse assunto? Não queremos ficar rebuscando dentro do saco de lixos do Diabo, com mórbido interesse pelo Oculto. Nosso Deus e Pai quer que Seu Povo finalmente compreenda – e verdadeiramente assimile! – os diferentes níveis de Batalha Espiritual. Algumas vezes Deus revela ao Seu Povo que determinado lugar foi "consagrado ao Diabo". *Se* a revelação for verdadeira, vier realmente do Alto (tem isso também! Haja revelação falsa!), existe um propósito muito claro e específico nisto. Deus não revela *nada* se não for para que algo aconteça... ou *não* aconteça. Nós é que, de maneira tola e orgulhosa, na maioria das vezes estamos tomando os pés pelas mãos e tendo, em primeiro lugar, revelações que não vieram de Deus; e, segundo, *inventando* nosso próprio método de conquista. Marchando sem critério, em hora errada; ou "pensando" que estamos marchando, quando, em verdade, nem estamos... Estamos é bancando os bobos! Os Demônios só sentam na arquibancada pra assistir e dar risada. E todo esforço resulta em nada, ou em retaliação profunda do Inimigo. Muitas vezes nos baseamos em contextos Bíblicos que foram específicos para o Povo de Israel, num momento específico de sua História, como foi o caso de Josué, marchando por sete dias ao redor de Jericó. Muita gente fica "marchando sete dias", ou fazendo o "jejum do Profeta Daniel", ou recitando chavões Bíblicos do tipo "Mal algum chegará à nossa tenda", e "temos autoridade *sobre todo* o Poder do Maligno", etc... fazendo "Batalha Espiritual a nível estratégico", e "conquista de cidades"... batendo palmas e gritando a esmo!

Veja bem... não estamos aqui para dizer o que cada um tem que fazer, e muito menos que posição cada um ocupa dentro do Corpo de Cristo. Mas quando

falamos de abertura de Janelas Dimensionais estamos falando da maior consagração possível de um território ao Diabo. Não existe nada mais Poderoso no Reino das Trevas, nada que dê mais autoridade aos Demônios do que a libertação de Principados e Potestades como Espíritos Territoriais! Não se trata simplesmente de uma consagração de sangue, ou de um Encantamento feito com palavras... A abertura de uma Dimensão Demoníaca é coisa pesada de verdade! Ali é a porta de entrada e saída desses Demônios da cidade, do País. É coisa séria. Na cidade de São Paulo existe um Portal, e este também não está na Base, mas em local completamente diferente. Trata-se de um lugar onde há uma cripta subterrânea, uma caverna escavada na rocha, e nela foi feita uma consagração de Portais. No Brasil existem Janelas abertas em muitos outros pontos, não necessariamente nas sub-Bases, mas podem estar em locais diferentes das cidades.

Assim, Principados e Potestades que se tornam Espíritos Territoriais não saem mais daquele lugar, daquela cidade, daquela região, pois ali se tornou como que "a casa deles", com Escritura e tudo. Não é tão simples assim "pôr pra correr esses Demônios". É bem mais provável – aliás, *totalmente certo* – que *você* seja posto pra correr se estiver ali fazendo o que Deus não mandou, especialmente se nem chamado para isso você tiver. Para mexer com Espíritos Territoriais é preciso ter uma Credencial à altura. Por exemplo, a única pessoa que pode assinar um cheque é o titular da conta; o único que pode assinar os Diplomas de um Curso é o Diretor ou o Reitor de uma Universidade; o único que pode operar o coração de alguém é o Cirurgião Cardíaco. Entende? A assinatura verdadeira só é verdadeira e somente tem validade *se* for feita pela pessoa certa; a assinatura até pode ser falsificada, e bem falsificada, mas não tem nenhuma valor. Compreende? Pois falta a autoridade. Não adianta chegar lá no Palácio do Planalto e ficar berrando para o nosso Presidente sair dali, ir embora, porque estamos mandando! Ele é o Presidente, e nós? Mas, se de repente o Presidente dos EUA chegar aqui no Brasil com o seu exército e invadir o Palácio, e puser o nosso Presidente pra correr... bom, aí é diferente. O Presidente dos EUA, se quiser, pode fazer isso, e ninguém aqui no Brasil poderá impedir. Deu pra entender? Esse é um exemplo para definir melhor o que estamos tentando dizer. Esse nível de batalha, tudo isso, tem a ver com chamado, com Unção, com autoridade espiritual.

Não se conquistam cidades sem os devidos soldados, muito menos num ato apenas simbólico do prefeito entregando a "Chave da Cidade" para Jesus. Assim, a coisa vira meramente um rito sem efeito algum, a entrega da chave por um homem ímpio faz os Demônios assistirem a isso de cátedra e ainda darem risada. Pode ter certeza de que o senso de humor deles é melhor do que o nosso.

A Deus ninguém pode enganar, aos Demônios também não. A autoridade é conferida a pessoas específicas, e temos muitas, muitas, muitas outras pessoas que estão simplesmente “falsificando assinaturas”. O resultado é zero. Ou pior ainda do que zero. Vai indo para a escala negativa de valores porque quem assim age desagrada a Deus e cutuca o vespeiro. Não espere proteção se tomar essa atitude!

Por sinal, você há de estar se perguntando... depois de tudo isso, como é que se *fecha* uma Janela Dimensional? Bem..... aí é que está... Segundo a Irmandade, uma vez abertos, esses Portais não podem ser fechados. Lembra quando dissemos que o conhecimento é para um propósito definido, cuja revelação te leva a “fazer algo” ou “não fazer algo”. Talvez eles tenham razão, e realmente só a volta de Jesus possa realizar tal feito. Sabemos que o Mundo não vai melhorar no Final dos Tempos. Muito pelo contrário, será cada vez mais decadente e controlado pela Irmandade até que o Governo do anticristo se instale completamente. Nosso trabalho é manter a Noiva Pura, mesmo num Mundo como esse! As cidades não poderão ser restauradas, nem conquistadas de fato, mas a Noiva, esta sim, *deve ser restaurada*.

Esse é o desejo mais profundo do coração do Pai neste momento. Ver a Noiva pura, limpa, imaculada, esperando pelo Cordeiro. Por isso, sinto contrariar os Satanistas. Justamente por causa da Noiva – *não* por causa das cidades – Deus levantará alguns Guerreiros, alguns Soldados do Exército dos Últimos Tempos, que venham a ter autoridade para fechar alguns Portais. Ele conferirá autoridade para fechar Janelas Secundárias – veja bem, *algumas*! –, na intenção de “dificultar o trânsito” demoníaco em algumas regiões. Isso vai dar fôlego à Igreja, que tem levado golpe em cima de golpe, de se recuperar um pouco, de enxergar a Luz, de tomar decisões sábias sobre o combate que tem perdido até então. Mas os Portais Principais não poderão ser fechados, de fato, por ninguém.

Por homens foram abertos, com o conhecimento e a revelação do Inferno; homens escolhidos a dedo por Lucipher, de Alta Patente dentre os seus Escolhidos, que pagaram também alto preço para receber o Poder que receberam. Não será diferente se for da intenção de Deus fechar alguns Portais; o preço a ser pago é bem alto: em treinamento, em obediência, em mortificação da carne, em amor ao Pai. Não pense que num curso de fim de semana, ou mesmo se você está há anos no Ministério significa que faz parte destes que Deus irá selecionar, agora que o conhecimento foi revelado! Somente estes terão, de fato, o Poder de realizar essa tarefa, com a direção e proteção Divina. Caso contrário, não sejamos simplistas... Quem se aventurar pode cair do cavalo e nunca mais conseguir cavalgar....

Veja o exemplo de Elias, em Israel, depois que venceu os Profetas de Baal no

Monte Carmelo (I Re 18). O que aconteceu à Nação? No momento em que Deus se manifestou por meio de Elias, todo o povo se prostrou e assumiu que o Senhor era realmente Deus. Os Profetas de Baal foram todos mortos; houve chuva sobre a terra depois dos anos de seca que Elias tinha predito; houve vitórias contra os Sírios, Acabe e Josafá, Rei de Judá, fazem aliança... Aparentemente mais coisas boas do que ruins estavam acontecendo naquela Nação dividida e corrompida depois que Baal foi derrotado. Mais adiante, Acabe e Jezabel também morreram. Mas... que aconteceu com a Nação de Israel depois de tudo isso? No capítulo 3 de II Re, logo no início, percebemos que o filho de Acabe, Jorão, já recomeça a "fazer o que era mau perante o Senhor". Isso durou doze anos, e depois Jeú assume o reinado depois de matar Jorão, e toda a casa de Acabe. Foi segundo a palavra de Elias que Jeú assumiu o Trono. Matou os adoradores de Baal, que estavam ali novamente, mas não fez a obra completa, pois, politicamente receoso do Povo, manteve os bezerros de ouro (II Re 10) e o seu coração não foi de todo inclinado para o Senhor. Lembram dessa história? Comentamos nos Módulos anteriores. Não parece *estranho* que os Reis de Israel tivessem tanta dificuldade de serem fiéis ao Senhor, diferente do que acontecia em Judá? Seria a questão territorial?

No texto de II Re 13: 1-3, o filho de Jeú passa reinar sobre Israel e faz o que é mau perante o Senhor. Deus já vinha diminuindo os limites de Israel, mas a situação piora ainda mais. E a verdade é que Israel, como Nação, não se arrependeu, nem ouviu seus Profetas, e terminou destruída e no Exílio. Por quê? A verdade seja dita, a verdade é que Satanás triunfou..... a Irmandade assume que Baal não é um nome de um deus Cananeu qualquer, mas a sigla abreviatória dos Grandes Príncipes do Inferno: Bélzebu, Asmodeo, Astaroth e Leviathan. Quer dizer, está bastante óbvio que estes Principados assumiram o controle daquela região como Espíritos Territoriais bem antes do Povo de Israel se tornar uma Nação. Se tivessem obedecido os conselhos de Deus, se arrependidos dos seus erros, e os Governantes não se tivessem corrompido, e com isso, corrompido todo o Povo... quem sabe? A realidade é que Elias enfrentou os Demônios, mas a Janela Dimensional continuava aberta. Naquele momento, se o povo como um só Ser, um só Corpo, realmente tivesse sido levado ao arrependimento, e todos os ídolos tivessem sido banidos, e tivessem se voltado ao Deus Vivo, seguindo os passo de Elias, e os passos de Eliseu... talvez houvesse um jeito de banir para sempre os Espíritos Territoriais dali. Mas não foi o que aconteceu. Agora, pense só... o tamanho da unção destes Profetas! Quantos temos hoje iguais a Elias?!

Mesmo assim, mesmo tendo obtido vitórias temporárias, novamente os Demônios avançaram e terminaram por ganhar a guerra naquele tempo. Hoje

não é diferente, a não ser que a luta se tornou muito mais intensa, os Demônios bem mais poderosos e a Igreja... bem mais orgulhosa, e fria, e contaminada com o mundo. É nessas condições que pretendemos “conquistar cidades”? Já fazemos muito se restaurarmos nosso próprio Altar!...

•PORTAIS DIMENSIONAIS TEMPORÁRIOS

Até agora nos limitamos a discutir acerca dos Portais Dimensionais Permanentes; mas existem também os Temporários, ou Temporais. Vamos entender o que é isto!

Vamos supor que alguém esteja num Gira-Gira (aquele brinquedo de criança que todo mundo conhece). Imagine agora que em volta do Gira-Gira existe um tapume de madeira que o circunda completamente, formando um anel, um cilindro, ao redor dele. A distância entre o Gira-Gira e essa parede de madeira é, digamos, de um metro. Somente em um único ponto deste cilindro de madeira existe uma janelinha que pode ser aberta, e por onde pode passar o corpo da pessoa que está no Gira-Gira.

O Gira-Gira está executando um movimento circular, uniforme, sem variações. Contudo, o anel de madeira ao redor também está rodando em torno do Gira-Gira, só que no sentido oposto, ao contrário. E numa velocidade que *não* é constante.

Quem é quem nessa analogia?

O Gira-Gira é a Terra, onde nós estamos, um Mundo que existe na 4ª Dimensão. O que existe à volta da Terra é o Universo, que está em expansão; simplificando... a Terra gira em velocidade sempre constante, mas o *cenário* à volta dela está sempre mudando, tudo está em movimento. Vamos nos limitar a isto para não complicar.

Dentro deste exemplo temos que apenas num determinado ponto e num determinado momento – e apenas *nessas condições* – teremos um encaixe perfeito entre o Gira-Gira e aquele único ponto que pode, se “forçado”, dar lugar àquela única janelinha daquele outro objeto circular à volta. Este é o momento em que a pessoa pode saltar e atravessar aquele Portal aberto. Se você for antes do tempo, bate com a cara no cilindro... Se for depois.... bate com a cara no cilindro.

Então é algo bem diferente do elevador que estacionou no andar e pode-se entrar e sair a *qualquer momento* mediante a senha de acesso. Esse outro tipo de Janela não está estática, não está parada, isto é, não está *sempre ali naquele lugar*, está em movimento. Esta é a melhor ilustração para esse outro tipo de fenômeno, que não vamos poder explicar indo além, nossa Ciência e nosso Mundo de 4ª Dimensão não admite a existência deste tipo de fenômeno. Não há

como entender fenômenos espirituais sem usar de analogias. A do Gira-Gira é a que cabe neste momento.

Qual o seu uso?

Calcular e saber o momento em que a Janela vai se abrir não vem ao caso. São cálculos complexos alicerçados na Cabala, na Astronomia, na Astrologia. O que importa saber é que uma Janela Temporal destas pode ser aberta em qualquer lugar do Planeta, dentro de uma casa, ao ar livre... O que interessa é o momento certo. Vamos ver mais um exemplo: imagine uma profunda fossa no mar. E por cima dela, uma cúpula invisível que impede o acesso dos que estão sobre à Terra ao fundo da Fossa e também dos que estão lá à superfície das águas. Se fosse possível construir um canal de passagem que perfurasse a cúpula, temporariamente, haveria como passar de um lado para outro. Mas imagine que o "momento" de fazer esse canal temporário fosse exatamente ao meio-dia. Então, a conexão, a passagem "forçada", só pode acontecer no momento exato do sol a pino, nem um minuto antes, nem um depois. De acordo com o ponto do Planeta, o momento muda, percebe? É a "mudança de cenário" à volta do Gira-Gira; a mudança em si não importa, mas ela *demarca* o momento de "forçar a passagem" e criar a Janela. Claro que o cálculo do momento certo não é tão simples assim.

O segredo das Janelas Temporais está no momento certo de acessá-las, mas também na maneira certa de atravessá-las. Tudo isso se traduz por meio de Ritos e Cerimônias tremendamente específicas. Lembre sempre do Gira-Gira; repetimos: um dos segredos destes Portais é o momento de forçar a passagem, construir o canal. O outro, é o "jeito" de atravessar. Tudo isso está contido no Rito.

Quanto às Janelas em si, elas não simplesmente "aparecem", uma vez que não são fenômenos naturais, ou cíclicos, como o passar das Estações. Como sabemos onde e quando elas vão surgir é determinado por revelação dos Demônios somente aos Sacerdotes e Sumos Sacerdotes. Pois a abertura dessas Janelas, embora possa acontecer em qualquer lugar do Planeta, ainda assim são fenômenos espirituais. Contudo, há Janelas que podem ser abertas todos os dias, em horários específicos; outras, apenas em dias específicos, e aí entra todo um conhecimento associado à ocorrência de certos fenômenos, como um eclipse, ou um determinado alinhamento de planetas, determinadas Luas, mudanças de Estações, etc... esses dados, somados, dão a sinalização de que o momento é propício e favorece a realização dos Rituais específicos para a abertura do Portal Temporário.

Outro detalhe sobre eles: só permitem a passagem humana, e não o contrário. Quer dizer, como na Janela Permanente, o homem passa fisicamente, e podem

ser várias pessoas. Só que uma atrás da outra porque a Janela só permite a passagem de *um* ser humano por vez. Já aprendemos que os Demônios de Dimensões Superiores sempre podem descer para andares inferiores, mas quem está embaixo nunca pode subir a não ser que de cima tenha revelação do acesso. SE tais pessoas estão indo ao encontro de Demônios, fica claro que estão descendo para a "região de Masmorras", para a região de aprisionamento dos Demônios, pois caso contrário seria bem mais fácil o uso das Janelas Permanentes e os Demônios viriam até aqui. Porém, esse foi o jeito que Satanás encontrou para que pessoas escolhidas a dedo possam passar por uma espécie de Batismo, no qual se recebe Poderes especiais daqueles que ainda não estão na Dimensão terrena. Mas através deste Rito, parte do Poder destes Demônios em prisão já pode ser manifesto na terra por meio destes que foram Batizados. Tem condições muito específicas para acontecer, e precisa ser feito – naturalmente – no local onde o Portal estará aberto.

Para a nossa Dimensão de Tempo, a Janela fica aberta muito pouco tempo, coisa de minutos. Mas como a passagem entre as Dimensões sempre deforma o Espaço-Tempo, pode-se ter a impressão de que se passaram várias horas (para aquele que atravessou para a outra Dimensão).

SELO ESPIRITUAL – UM CHAMADO PARA A CAPITANIA

A Bíblia não faz menção a nenhuma “marca visível” que distinga um homem de outro homem, um chamado de outro chamado.

No entanto, sabemos que Satanás e seus demônios podem identificar “algo” em alguns filhos de Deus, muitas vezes durante a infância, ou adolescência... ou até mesmo durante a gestação se Deus assim o permitir... que faz com que possam predizer, com *absoluta certeza*, que tal pessoa é um escolhido especial do Senhor. A Irmandade tem meios de identificar e encontrar essas pessoas. Apesar de sabermos que esta é uma afirmação baseada em doutrina Satânica, vamos procurar encontrar a verdade – ou a mentira – por trás disso. Pois o assunto é de muita importância!

Veja bem: como sempre afirmamos, o Detentor de TODA A HISTÓRIA é o Senhor nosso Deus. Mas sabemos que o antigo Querubim da Guarda e aqueles que o acompanharam na primeira Rebelião conhecem mistérios e sinais que nós, humanos, também desconheceríamos se por eles não fossem esmiuçados e revelados.

Repare no texto: “Quando entrares na terra que o Senhor teu Deus te der, não aprenda a fazer conforme as abominações daqueles povos. Não se achará entre Ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador, nem necromante, nem mágico, nem quem consulte os mortos; pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao Senhor; e por essas abominações o Senhor os lança de diante de Ti. Perfeito serás para com o Senhor teu Deus. Porque estas Nações que hás de possuir ouvem os prognosticadores e os adivinhadores; porém, a Ti, o Senhor, teu Deus, não te permitiu tal coisa (Dt. 18:9-14).

O Senhor não permitiu tais coisas, e inclusive disse que esse era o motivo de Sua Ira para com os Povos que habitavam Canaã. Quer dizer... tudo isso existia de fato, e tinha algo por trás disso tudo. Se assim não fosse, por que proibir? Por que se irar? Deus está falando de Rituais, práticas de Feitiçaria e Magia, consulta dos Mortos – se a Bíblia já diz que os mortos não podem se comunicar como os

vivos... então, quem eram esses “mortos” consultados? Naturalmente que por trás de tudo isso está a ação satânica, mas, exatamente como fez no Éden, Deus apenas adverte do perigo, e diz “Não faça... não permito tal coisa!”. É Pai zeloso. O interesse de Deus era Ter Seu Povo para Si, obediente e com a palavra atada ao coração e à mente, “escrita nos umbrais das portas” para que dela não se esquecesse! Não era o cerne, naquele momento de libertação e conquista, de formação da Nação, vir a esmiuçar a ação demoníaca. Essa nunca foi a tônica do VT! Deus apenas diz muitas e muitas vezes sobre a questão da obediência... O filho obediente *não* corre perigo!

Estou querendo dizer que através destas práticas comuns dentre os Povos antigos os demônios e o Diabo se manifestavam. E se manifestavam para serem adorados, sim, mas também para exercerem parceria com o homem. E para isso era necessário passar revelações. Já ficou muito claro – espero que para todos – que há infinitos exemplos de que os seres espirituais têm conhecimentos dos quais os seres humanos sequer desconfiam. Esto batendo nesta tecla porque é mais fácil para todo Cristão aceitar uma revelação demoníaca “pura”... mas é muito mais difícil aceitar que eles possam ter algum conhecimento Bíblico que nós não temos! Ou que parta de alguma doutrina Satânica a “luz” para algo que diga respeito a nós – Cristãos. Geralmente, a tendência altiva que assumimos é a de dizer, dando de ombros: “Ele está mentindo... O Diabo é o Pai da Mentira”. Concordo. Mas ainda assim, é fato de que a inteligência dele é maior do que a nossa, e se deus está permitindo que tais assuntos sejam postos à Luz, é porque – vindo ou não de Satanás – podem nos ser úteis. E são úteis porque para alguns ele precisou falar a verdade, a *Verdade* mesmo! Existia uma verdade por trás das Janelas Dimensionais, não é?...

Embora nos desgoste um pouco, embora os que conhecem muita Teologia talvez sejam reticentes com este último Módulo.... vamos ver se há alguma verdade útil no conhecimento que vamos adquirir?

Bem... já notamos que Lucipher e os Demônios revelaram muitos segredos e muitos mistérios. Os motivos por trás da revelação: o amor de Satanás, o verdadeiro pai; a crueldade disfarçada de Deus; o relativismo entre o Bem e o Mal e toda a doutrina que muito claramente expusemos em “Filho do Fogo” é a mentira que astutamente foi usada para conseguir a colaboração dos homens. Mas... guarde isso muito bem: certas direções, certas verdades, certas revelações que foram dadas... eram reflexo da mais pura realidade. Quem é “filho de Deus”, mesmo depois de rebelado e destruído em sua posição de honra... viu e aprendeu e conheceu muitaaaaa coisa. Tenha certeza disso. Nem tudo que vem como revelação de Satanás – ATRAVÉS DA IRMANDADE – é mentira! Pois os mistérios, segredos e regras do Universo que estão ocultas aos nossos olhos...

podem não estar aos deles! O Senhor Deus não mudou a Ordem Universal por causa da Rebelião! Nem a Ordem Espiritual! Eles serão julgados, mas até lá... as Ordens que Deus estabeleceu continuam as mesmas. Não é chegado o tempo de "Novos Céus e Nova Terra" ainda.

Portanto, *creia* que aos seus escolhidos, aqueles que o adoraram ao longo dos milênios, e com ele estabeleceram aliança, e especialmente agora, com os Filhos do Fogo que formarão o seu exército.... Lucipher disse – teve que dizer – grandes Verdades. Teve que dar estratégias que efetivamente funcionassem, teve que revelar mistérios que produzissem efeito real! É um privilégio para nós ter acesso a essas informações, portanto... vamos examiná-las de coração aberto! Já estudamos sobre isso! Creio ter ficado claro, tanto pelo estudo Histórico, como pelo estudo Teológico feito até então, que o Diabo infiltrou-se pela Cultura, pela História e pela Vida Humana. "O Mundo jaz no maligno", como todos sabemos.

Hoje, a Irmandade é detentora de grande poder e conhecimento, pois o Fim se aproxima. Justamente por esse motivo que todo Cristão derrubado é ponto pra eles, especialmente quando se trata dos "Escolhidos".

Vamos por partes.

Deus mesmo designa "uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres" (Ef. 4: 11); diz também o mesmo Apóstolo Paulo: "A uns estabeleceu Deus na Igreja, primeiramente, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres; depois, operadores de milagres; depois dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas. Porventura são todos apóstolos? Ou, todos profetas? São todos mestres? Ou, operadores de milages? Têm todos dons de curar? (...) (I Co 12: 28 –30).

Também sabemos que "Os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. E também há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em nós. A manifestação do Espírito é concedida a cada um visando a um fim proveitoso. Porque a cada um é dada, mediante o Espírito, a palavra da sabedoria; e a outro, segundo o mesmo espírito, a palavra do conhecimento; a outro, no mesmo Espírito, a fé; e a outro, no mesmo Espírito, dons de curar; a outro, operações de milagres; a outro, profecia; a outro, discernimento de espíritos, a um, variedade de línguas; e a outro, capacidade para interpretá-las. Mas um só e o mesmo Espírito realiza todas essas coisas, distribuindo-as como lhe apraz, a cada um, individualmente (I Co 12: 4 –11).

Sabemos que dentro do Corpo de Cristo há uma ramificação de Ministérios e de serviços (serviço é o que não falta!). Para exercer o Ministério – verdadeiro! – Deus concede os dons necessários e a unção necessária. Não é? Até aí, nada de novo!

O Apóstolo Paulo argumenta – sempre maravilhosamente – sobre a unidade orgânica da Igreja. “Porque o corpo não é um só membro, mas muitos. Se disser o pé: porque não sou mão, não sou do corpo; nem por isso deixa de ser do corpo. Se o ouvido disser: porque não sou olho, não sou do corpo; nem por isso deixa de o ser. Se todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo fosse ouvido, onde o olfato? Mas Deus dispôs os membros, colocando cada um deles no corpo como lhe aprouve. Se todos, porém, fossem um só membro, onde estaria o corpo? O certo é que há muito membros, mas um só corpo. Não podem os olhos dizer à mão: não precisamos de ti; nem ainda a cabeça aos pés: não preciso de vós. Pelo contrário, os membros do corpo que parecem ser mais fracos são necessários; e os que parecem menos dignos no corpo, a estes damos muito maior honra; também em nós os que não são decorosos revestimos de especial honra. Mas os nossos membros nobres não têm necessidade disso (...) (I Co 12:14 –24).

Até aí, de novo, nada de novo. Assim funciona, ou *deveria* funcionar, a Igreja!

Temos nos esquecido, porém, de textos como estes, e nos deixado levar pela nossa alma e pelos desejos do nosso próprio coração.... “Ai, é tão lindo estar lá no Louvor, né? Tenho a voz boa, toco violão, *amo* cantar.... sou levita!”. Pode ser... pode não ser!

Ou então, a “fogueira de vaidades” vai aumentando... “Sou profeta”.... “Sou guerreiro”... “Sou apóstolo”. Pode ser, pode não ser. Nadabe e Abiú acenderam a sua fogueira de vaidades e morreram. Podemos morrer também: estar fora do lugar que Deus nos preparou no Corpo acarreta uma vida seca, infrutífera, frustrante, sem bênçãos. Morta. Já dissemos tudo isso no Seminário I.

Estou repetindo porque a Bíblia DIZ que há diferenças nos Ministérios e nos Dons. Portanto, no treinamento, e também na unção, e na maneira de realizar o trabalho. TODOS são do corpo, e todos são importantes. Mas é tempo de enxergarmos que “Poder ser... pode não ser”. E se você está a ler este livro é porque quer conhecer a verdade para sua vida!

Havia quantos Moisés??? Ou quantos Elias? Ou Davi? Ou Paulo? Ou Débora? Ou Esther?.... Quantos iguais a João Batista? Perceba que em alguns momentos da história, certos personagens parece que “se destacam”, não por serem melhores, mas por terem sido chamados a desempenhar uma *função bastante específica*, que foje do cotidiano. Não digo que são melhores, porque são seres humanos que passaram por duro treinamento na luta para aprender a dominar a carne e obedecer cegamente ao Senhor. Ocupar a posição de certos personagens – como vimos anteriormente – tem seu preço específico. Porque o trabalho é específico. Lembra da lista dos “Heróis da Fé”, do capítulo 11 de Hebreus? Leia, releia... pense a respeito! Não foram todos que foram lembrados nesta lista.

Abel, Enoque, Noé, Abraão, Sara, Isaque, Jacó, José, Moisés, Josué, Raabe, Davi, Gideão, Baraque, Sansão, Jefté, Samuel e os Profetas... Quantos mais? Continue e leia Hb. 11: 33–38.

Entende o que quero dizer?

Ainda hoje, e ao longo de toda a História da Igreja, pessoas fizeram algo especial, ou tiveram uma missão diferente. Veja, por exemplo, Martinho Lutero. Que coragem e que trabalho que marcaram época! Temos muitas histórias de irmão nossos, ao longo dos anos, que foram "Escolhidos" para desempenhar algo fora do habitual. Por exemplo, há quem será ungido e terá poder para levar milhares a Cristo, para efetuarem milagres verdadeiros, para amarem as Missões de forma incondicional e sofrerem muitos perigos e privações, para receberem Poder do Alto, forte, real... para libertarem cativos, curarem enfermos e oferecerem resistência ao avanço das Trevas. Não são todos!

São estes "Escolhidos" que interessam sobremaneira à Irmandade, e com grande interesse e indescritível faro aguçado nossos inimigos esforçam-se em identificar, em todo o Mundo, tais homens e mulheres de Deus. Eles têm meios de fazer isso. E, se identificados, o ataque é voraz e impiedoso desde cedo, a fim de impedir o cumprimento da Missão que lhes é destinada. Sabem que são pessoas "capazes de criar problemas, atrapalharem o bom andamento de seus planos".

Como eles podem saber disso, você há de perguntar? É como se estivessem "prevendo o futuro". E como pode ser isso possível?

A Irmandade chama de "Selo Espiritual" esta "Marca" que alguns filhos de Deus recebem desde o ventre. Mas vamos compreender muito bem a que estão se referindo. Naturalmente que não se trata do selo do Espírito Santo, pois a este selo a Bíblia faz menção. Todo filho de Deus é selado com o Espírito, é marca de todo e qualquer Cristão, tenha ele chamado Ministerial ou não, seja líder ou ovelha. E é recebido após a conversão, coisa que não acontece muito cedo na vida das pessoas em geral.

O que é, então, o Selo Espiritual? Ele existe de fato? Sim, existe.

Pode parecer que estamos pondo "o carro na frente dos bois" e partindo de uma declaração feita por Satanistas antes de comprovar pela Bíblia se ela de fato é verdadeira. Mas espere um pouco e acompanhe o estudo. A partir da doutrina da Irmandade vamos transportar os fatos para vermos as bases Bíblicas que descobrimos, ainda que não se use este termo (Selo) na Palavra de Deus.

É como se em *alguns* daqueles que são listados como "Heróis da Fé" houvesse uma marca. Não em todos, porque a marca que é comum a eles é a fé. Foi pela fé que fizeram o que fizeram. Mas raciocine... a História seria diferente se alguns deles não tivessem existido. Sem eles, tudo seria diferente...! Raabe

teve fé, mas ela foi usada ali porque Deus conhecia seu coração. Sabia que poderia contar com ela naquele momento. Se não fosse ela, seria outro. Mas como substituir Moisés... ou João Batista, por exemplo?

Parece que há uma série de "personagens" sem os quais a HISTÓRIA QUE DEUS JÁ ESCREVEU DE ANTEMÃO PARA A HUMANIDADE NÃO ACONTECERIA. Se não houvesse Davi, e se ele não fosse o que foi, homem segundo o coração de Deus... como ficaria a linhagem do Messias?! Estava escrito... *tinha* que acontecer. Da mesma forma, quando o Profeta Isaías fala da "voz do que clama no deserto", referindo-se à João Batista, centenas de anos antes... estava escrito, *tinha* que acontecer, João precederia o Messias!!! E se José não perdoasse seus irmãos, e a linhagem de Israel perecesse? Como ia ficar?! Não se poderia falar em Jesus como o "Leão da Tribo de Judá"! E Moisés, que se recusou terminantemente a permitir que Deus destruísse aquele povo rebelde e de dura cerviz, não cedendo à "sugestão" do Senhor, a de fazer dele – Moisés – uma grande Nação!

São essas pessoas – que Deus escolheu de antemão para "fazer sua História acontecer" – que os Satanistas chamam de "Selados" ou "Escolhidos". E em quem afirmam existir uma marca visível no reino Espiritual. Deus não usa de qualquer termo para identificar tais pessoas, mas quem conhece a Bíblia bem, conhece as profecias, conhece o *encaixe*, as genealogias.... e as encruzilhadas da História..... sabe que ela não teria acontecido e nem chegado exatamente ao ponto que chegou... não fossem por algumas peças-chaves! Pode não haver nomenclatura, mas é questão de observação. E também de compreensão profunda e *humilde* dos textos que lemos no início do estudo. Temos muita dificuldade em admitir que alguém foi chamado para algo que parece "maior ou melhor" daquilo que nós mesmos temos. Mas existe hierarquia, sim, existe diferença de função, de unção, de Destino Espiritual. E temos invejas, ciúmes... contendemos, ficamos de bico... Será que ninguém achou estranho um escravo e prisioneiro hebreu de repente, do nada, tornar-se Governador de todo o Egito? Será que não tinha ninguém na "lista de espera" para o cargo? Os irmãos de José quase o levaram à morte, pois como podia o caçula ser maior do que eles? O mesmo com Davi... Tantos irmãos mais velhos... só que Davi "era *o* homem"!

Bem, se tais argumentações não o convenceram ainda, deixe pra lá este estudo, pois não é pra você. Estas bases estão sendo colocadas para aqueles que entendem que existem diferenças, sim. Para aqueles que, com humildade, querem conhecer seu lugar no Corpo, servir ao Cordeiro em obediência, sem ficar prestando atenção se *parece* que "a grama do vizinho está mais verde".

Posto isso, vamos adiante.

Quais são as características que permitem ao Diabo identificar o Selo? Como

ele “descobre” essas pessoas “Predestinadas”?

Sim, porque o Selo é um sinal de Predestinação. Acabamos de provar isso pelas histórias mencionadas. Ter o Selo significa que a pessoa que o recebeu de Deus *não pode fugir do seu Destino Espiritual*; o que é de fato muito incômodo para os Satanistas. Quer dizer, *haja o que houver*, pela observação que eles fizeram da História – de maneira MACRO, ao longo de todos os Milênios desde que a gente se entende por gente – a verdade é que aquela pessoa *deve* cumprir seu propósito no Mundo. Mas o Diabo é muito persistente. Ele sabe que se derrubar uma peça-chave vai criar uma desordem e tanto.

Então, os esforços concentrados sobre estes são indescritíveis, na tentativa de, pelo *supremo livre-arbítrio dado à Criação*, estes mesmos, por pura, livre e espontânea vontade desistam do seu Chamado. O Livre-Arbítrio, de fato, é irrevogável. Ninguém pode mudá-lo, nem Deus, pois assim é a Ordem Espiritual estabelecida por Ele. Não muda. É uma Lei Espiritual. Você pode estar pensando... como conciliar a predestinação com essa afirmação sobre o livre-arbítrio?

A Mente do homem é pequena para compreender a Mente de Deus. Quando Deus usa uma longuíssima lista de perguntas e argumentos mostrando a Jó que ele era pequeno demais para conhecer os mistérios da vida, do Universo, do Mundo espiritual, não o fez para humilhá-lo, mas para ensiná-lo que não poderia se colocar no lugar de Deidade (Jó 38 e 39 ; 40: 1-2). A grande sabedoria é aceitar que Deus tudo sabe, pois é ONISCIENTE! Paulo também diz que “conhecemos em parte, em parte profetizamos; quando vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado.” (...)

Agora vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos face a face. Agora, conhecemos em parte; então, conheceremos **como também somos conhecidos**” (I Co 13: 9-10, 12).

VÊ??!!! Um dia **conheceremos** todas as coisas à Luz da Nova Jerusalém, quando esta vida tiver passado. Conheceremos todos os mistérios exatamente como Deus já nos conhece desde já, desde antes, desde sempre! Não sabemos tudo, Deus sabe. Ele nos conhece de uma maneira que nem nós podemos nos conhecer. Será que é tão difícil crer que Deus, **conhecendo** os seus Selados, sabe exatamente de que maneira eles irão usar de seu livre-arbítrio??? Quem somos nós para tentar entender *o que é* a Onisciência de Deus, ou o quê, ou como, Ele fez – e faz – para dominar a História e todas as coisas SEM obscurecer ou deixar de levar em conta o Livre-Arbítrio do Ser Humano?

Deus é Onipotente. Aconteça o que acontecer, pode o Mundo virar de cabeça pra baixo, podem desabar Céus e Mares, mas a Sua Palavra não deixará de ser cumprida jamais! Novamente, alguns podem, contrariados, estar dizendo: “A

Palavra que se cumpre é a Bíblia; não aquela que vem como fruto de interpretações erradas". Concordo plenamente com a parte das interpretações erradas. Mas a parte que diz que "é a Bíblia que se cumpre"... bem, *falta* algo aí, não? Deus não age só!! Ele sempre conta com o auxílio do Homem, a quem criou e tanto ama. O cumprimento da Bíblia, e dos preceitos nela contidos, e as suas profecias escatológicas... dependem também da participação do Homem, ora, faça-me o favor! Se formos parar pra pensar nisso, veremos que, *se* a História vai acontecer do jeito que Deus a escreveu, *mas* existe um adversário agindo contrariamente e influenciando os homens, só que contra o livre-arbítrio destes nada pode ser feito..... que *garantias* temos de que a Palavra vai realmente se cumprir, *na íntegra*, e não haverá qualquer surpresa desagradável para nós, no final? Se Deus não pode dar garantias das Promessas, porque o Livre-Arbítrio de uns e outros podem atrapalhar tudo... cadê a ONIPOTÊNCIA?

Como Jó, nossos questionamentos irão tomar um péssimo rumo!

Mas a verdade é que a História vai se cumprindo, e sabemos que Deus não precisaria de nós, realmente, mas uma vez que Ele escolheu fazer uso da nossa cooperação.... é de se esperar que alguns – aconteça o que acontecer – irão *exatamente* na direção que Deus quer e farão *exatamente* aquilo que Lhe apraz para dar seguimento ao Plano Divino estipulado desde antes da fundação do Mundo. Tais "personagens-chave", se assim os podemos chamar para facilitar nossa compreensão, podem dar mil e uma voltas por caminhos tortos.... mas no final, cumprirão seu Destino, porque dele não podem fugir. Estão predestinados porque a História que o Altíssimo escreveu para a Humanidade cumprir-se-á, e isso não se dá puramente *ao acaso*!

Vamos adiante novamente.

Satanás tem indescritível persuasão e grande poder. Arrastou para a ruína consigo a terça parte dos anjos do Céu, convencendo-os de que poderiam confrontar o Criador, e não somente isso, mas vencê-lo! Não é possível crer que Lucipher, ainda enquanto Querubim, tenha lutado e se arriscado de tal maneira por uma causa que julgasse perdida. Hoje ele sabe que foi derrotado e que seu tempo se aproxima, mas na Rebelião não creio que ele e os demais realmente pensassem dessa forma. Autossuicídio espiritual?!

Por que dizemos isso?

Se Lucipher, querendo igualar-se ao Altíssimo, teve inteligência para convencer os anjos, que conheciam e presenciavam a Glória e Santidade de Deus.... quanto mais não terá ele capacidade para convencer e enganar os filhos de Deus?! Quem sabe... até mesmo os "Escolhidos", os "Selados"?

Não podemos responder a todas as perguntas, uma vez que só conhecemos em parte, mas uma coisa podemos afirmar com absoluta convicção: a Irmandade,

detentora de conhecimentos específicos que vieram dos antigos filhos de Deus, faz a *mais absoluta questão* de identificar essas pessoas e, se assim conseguir, atacá-las com grande violência para, se possível, causar danos irreversíveis.

Por que? Vontade de perder tempo? O que ganhariam com isso? Como você vai ver, identificar uma pessoa destas é bastante complexo, gasta-se muito tempo... e para quê, se não houvesse nenhuma serventia? Que espécie de engano planejam, seja com os adoradores do Diabo, seja conosco?

Bom... Se eles não conseguirem fazer com que o indivíduo desista da Missão por si mesmo, o que é muito pouco provável, por tudo que já dissemos, podem, então, incapacitá-lo de várias maneiras: com doenças, por exemplo. Doenças do corpo, da alma, do espírito. Podem criar tantas situações terríveis que, mesmo ainda Cristão *e* exercendo seu Ministério, a manifestação das feridas ocultas e a desconfiança gerada sobre o amor e o caráter de Deus, deixe essa pessoa incapaz. Incapaz de receber a cura, de amar as pessoas e ser amado por elas, de amar ao pai e sua Igreja. Incapaz de receber perdão ou liberá-lo. Cheio de problemas, desvios de caráter, de personalidade, psiquiátricos. Podem ser males visíveis ou invisíveis. Mas... mesmo sem o uso do Livre-Arbítrio para “chutar o pau da barraca” e desistir de tudo, esse alvejado é incapaz de manifestar a Unção por completo. Portanto, deixa de poder ser usado por Deus em plenitude e pode não cumprir o papel que dele – ou dela – se esperava.

Satanás também pode persuadir, seduzir, ludibriar essas pessoas a fazerem falsas alianças... políticas, por exemplo... ou com falsos líderes... ou – o pior dos erros que alguém pode cometer – casar-se erradamente! Como a Irmandade usa destes subterfúgios. Conhece a fragilidade do ser humano. Colocar o homem ou a mulher errada na frente de um Selado é condená-lo – com grande margem de acerto – ao fracasso.

Pode, como terceira alternativa, deslumbrar a pessoa com o Mundo e as coisas do Mundo. Este pode ser o golpe final, depois de uma série de golpes. Quando uma pessoa acredita que “Deus não a ama”, perde o desejo de lutar pelas coisas do Senhor. Pra quê? E leva a vida Cristã, o Ministério, em banho-maria, como pano de fundo para uma vida secular mais interessante. Quer dizer, o serviço secular, o trabalho, a profissão são encarados como mais importantes.

Como será que Satanás faz isso? Bem, tenha certeza de uma coisa: é um trabalho a muito, muito longo prazo.

Se o Selo for descoberto inadvertidamente na infância, tudo que se refere à criança será minuciosamente vasculhado, especialmente os pontos fracos da família, que será usada como instrumento de destruição, infelizmente, e isto não significa que os pais vão se tornar monstros cruéis. O amor continua existindo, mas parece que tudo colaborará para existir um distanciamento, um esfriamento

das relações, especialmente se os demônios notarem que a criança tem algum relacionamento especial com o pai, ou a mãe, ou algum irmão ou amigo. Isso será destruído. O massacre é sutil, lento, bem calculado. As feridas dos pais e familiares próximos são sondadas, para serem tocadas e criarem mais problemas. Doenças, infortúnios profissionais, roubos da paz familiar, do lazer, da comunhão entre os membros da família. A escola é outro campo fértil a ser explorado... Há tanto material em alunos e professores que o Diabo pode usar a seu favor! Quando chegar a época da adolescência, o ataque se intensifica devido à importância do período para a formação da personalidade adulta, da autoestima, da definição do caráter.

Deu para perceber que não estou falando de algo *qualquer*, né?! Temos a tendência de subestimar a inteligência e sagacidade do príncipe das Trevas... Pode ter certeza de uma coisa... o ataque é extremamente concentrado, visando a alterar corpo, alma e espírito. Muito do que acontece a uma criança, ou adolescente, ou jovem, na maior parte das vezes é "encoberto". O ataque é furioso, mas velado, claro! Eles vão procurar não deixar rastros, pegadas que possam identificar o problema. Mesmo porque, cada idade tem suas fases e, sabendo disso, Satanás age de forma *específica*, leva em conta particularidades *específicas* de cada indivíduo, coisas às vezes que a própria pessoa nem consciência tem. Dessa maneira, a chance da contaminação ser perfeita e surtir indescritíveis resultados a longo prazo, é muito grande. Alguns passaram por isso e estão, nesse momento, em processo de cura e restauração feita por Deus. Porque quando o corpo, alma e espírito de um ser humano são contaminados, isso é como um câncer. Metastatiza e não há nada que a Ciência e a Medicina possam fazer.

Enfim... Poderíamos ficar falando até amanhã, mas o resumo é simples: tudo e todos que cercam a criança serão usados contra ela, no sentido de causar o maior estrago possível. Não é um trabalho a curto prazo, mas meticulosamente calculado e repetido nas mais diversas facetas de destruição e fases da vida. Normalmente existe um ciclo que se repete a intervalos, com golpes mais profundos dados a intervalos de tempos. Ludicamente eles chamam esses golpes de "Cruz". Visam preparar o corpo, a alma e o espírito para a mais completa e profunda destruição.

Perceba, então, que o Diabo não precisa realmente matar os "Escolhidos"... apenas torná-los inoperantes. Afastá-los do real objetivo de Deus; fazê-los perder a visão! Não necessariamente afastá-las da Igreja, ou do púlpito, ou das Missões... mas tornar o coração duro, insensível... inóspito ao Espírito Santo.

A astúcia do Diabo não pode ser compreendida pelos parâmetros humanos. E se ele se empenha tanto em identificar os "Selados" é porque deve valer a pena.

E, mesmo que a Predestinação seja verdadeira, quer dizer, não importa o que ele faça, em algum momento Deus vai intervir e mudar o rumo das coisas.... Ainda assim o Diabo aprontou, aprontou, aprontou... Não é bem o que ele gosta de fazer? Trazer sofrimento a quem Deus ama? O que vier, é lucro.

Na Irmandade existe uma galeria de pessoas, com fotos e identificações, que são como que “inimigos em potencial”, pessoas a serem destruídas a qualquer custo. Selados.

Quais são as características que permitem aos Satanistas identificarem o Selo Espiritual?

Como diz o título deste estudo, o Selo é um “Sinal de Capitania”; quer dizer: há muito menos Capitães do que Soldados, não é assim? Então, além de um “Sinal de Predestinação”, o Selo é um “Sinal de Autoridade”. Aqui não estamos nos referindo exclusivamente à Autoridade como Guerreiro, mas a todo aquele que será grande diante do Senhor como Profeta, como Evangelista, como Adorador, como Mestre, como Apóstolo, como Pastor, etc... todo aquele que será Capitão, que terá uma Unção diferenciada, que liderará, que irá adiante dos demais, que contagiará o Povo, que realizará os feitos que garantirão o cumprimento da História!

Convém lembrar que o Capitão não vence Batalha e nem trabalha sozinho. Precisa dos demais, de pessoas que lhe sejam fiéis. Mas os demais, sem o Capitão, também não irão muito longe, pois a Unção e o Poder de ir adiante, consumando todo propósito do Senhor é dado ao Capitão, ao Líder, e não aos soldados.

“Fere o Pastor e as ovelhas se espalham”... é o mesmo que dizer: “Fere o Capitão e os demais estarão *perdidos*!”.

Vou repetir um pouco mais, para aqueles que ainda têm dúvida sobre o seguimento da nossa linha de raciocínio.... que seria do Povo no Deserto sem Moisés? Ou sem Josué, depois dele? Ou que destino teria a Nação de Israel sem Davi? Que seria da família de Abraão sem ele e sua fé inabalável? Se tivesse fracassado no Monte, onde estaria Isaque? E, sem Isaque... onde as doze Tribos de Israel? Se Jacó, cansado de esperar, não desposasse Raquel? E se não cruzasse o Vau de Jaboque? Quanto a José? Nenhum de nós pode imaginar o que aquele jovem sofreu depois de vendido pelos irmãos... mas tinha que ser assim, e assim foi. Que poder especial teve e exerceu Elias, a ponto do Arauto de Cristo ser comparado a ele? E João Batista, a voz que clama no deserto? Sem ele, como preparar o Povo para receber a Palavra do Messias? E quanto às duas Testemunhas Mártires do Apocalipse, que são comparadas a Elias e a Moisés? Quem são elas, já que desde há dois milênios já se falaram das Duas Oliveiras?

E mesmo Jesus... É cômodo e conveniente dizer que “Ele era Deus”, portanto,

nada podia dar errado. É simplista porque a Palavra nos afirma que Ele esteve sujeito às mesmas paixões que nós, tendo que vencê-las como Homem que era, pelo poder do Espírito de Deus, o mesmo que está hoje sobre os verdadeiros filhos de Deus. Ele se intitulou “Filho do Homem”, marcando sua natureza terrena. Jesus chorou e se angustiou diante da sua Missão, e nem toda ela lhe tinha sido revelada em minúcias, porque talvez Ele não a suportasse. Talvez não suportasse saber de antemão o tamanho do sofrimento e do sacrifício que lhe era destinado. Quando pediu ao Pai que passasse Dele o cálice, expressou o mais profundo desejo da sua alma humana, e certamente não foi com toda a frieza costumeira a que nos referimos a esse texto que Ele mesmo responde: “Faça-se a tua Vontade”. Como podemos conhecer tão pouco a pessoa de Jesus a ponto de achar que Ele faria tal declaração como quem escolhe tomar vinho branco ou vinho tinto! Certamente, as gotas de suor e sangue revelam quão dura foi a sua entrega e quanta agonia havia na alma. Pois “o espírito está verdadeiramente pronto, mas a carne é fraca”!

Mas... e se alguém desistir da sua Predestinação? Será que isso é possível?

Não sabemos. Não sabemos se algum dos “Selados” de Deus não cumpriu o que era determinado... Está além do que podemos afirmar, mas, com certeza, o plano de Deus não deixa de ser cumprido. Creio que, se possível fosse a uma “personagem-chave” abdicar... Deus, em sua Onisciência saberia disso, e teria uma segunda “personagem-chave” para fazer exatamente o que a primeira não fez. Será isso..... ou não?

Lembram-se do conflitante, desesperador momento já comentado, quando Deus, irado com a idolatria do Povo recém-saído do Egito, promete destruir aquela geração e fazer de Moisés uma grande Nação?! Moisés, indignado, pede que o seu nome seja então tirado do Livro da Vida, pois como poderia o Senhor Ter Prometido a Abrãao, Isaque e Jacó, e com eles ter feito Aliança, para agora simplesmente destruir todos os descendentes??? Mesmo porque, dali viria a Casa de Davi, no futuro, da qual descenderia o Messias! Daria um *trabalhão* consertar tudo!

Então... qual seria a verdadeira intenção de Deus? Realmente usar Moisés como uma segunda opção, ou incitá-lo àquela poderosa intercessão a favor do desobediente Povo, porque muito pode o justo na sua súplica, e a intercessão do Libertador – também uma “personagem-chave” – aplacaria a ira de Deus? Quer dizer, talvez Moisés fosse *o único* que podia fazer aquela oração e ser ouvido! Compreende a importância da Missão de alguém Predestinado?

Naquele momento, não fosse a coragem e determinação de Moisés em subir ao Monte Sinai, certamente temerosíssimo das consequências (pois bem conhecia o caráter Santo de Deus), e Satanás teria tido estrondosa vitória, pois

teria conseguido seu intento de acabar de vez com “aquela racinha indesejável” o quanto antes!!!

Embora não possamos afirmar com absoluta exatidão, e muito menos nos dar ares de conhecer a plenitude da Onisciência de Deus, agrada-me mais pensar que as “personagens-chave” para o desenrolar da História são, *de fato,* Predestinados, e a marca desta Predestinação é o Selo Espiritual! No caso de Moisés, ele era o Predestinado para ser o Libertador do Povo e, consequentemente, estava impregnado no coração dele um amor sem palavras. Deus sabia que o Povo iria pecar, que Arão iria pecar... que Deus seria obrigado a destruir aquela gente toda por causa da Sua própria Santidade... mas havia Moisés, o Selado de Deus. Onisciente, o Senhor sabia que ele teria coragem para interceder. E o Destino do Povo seria mudado pela intercessão.

Raciocinemos com base no texto de Lc. 1: 5-25, que fala da anunciação e nascimento de João Batista. Gabriel, o Arcanjo, visita Zacarias – sacerdote do Turno de Abias – enquanto ele oferecia a queima do incenso no Lugar Santo. O detalhe importante é a afirmação do Arcanjo de que João seria “grande diante do Senhor, e já cheio do Espírito Santo desde o ventre materno”.

Ora, essa é uma afirmação interessante e pouco comum. Como pode uma criança que nem nasceu ser cheia do Espírito Santo? Sabemos que o enchimento com o Espírito é uma experiência posterior à conversão. Contudo, vamos levar em conta o que a Palavra diz e aceitar como verdade absoluta o que Gabriel veio anunciar ao pai, Zacarias, da parte de Deus. Tanto era estranha a afirmação, não somente por serem Zacarias e sua esposa, Isabel, avançados em dias, como também Isabel era estéril. Mais ainda... pelo Antigo Testamento, nenhuma criança poderia ser cheia do Espírito de Deus. Isso era algo para poucos... Profetas, Reis, em momentos específicos e para funções específicas. O Espírito permanecia sobre as pessoas... mas não *dentro* delas! Mesmo porque, a presença de Deus não podia ser suportada por reles mortais... Então... que teria de tão especial aquele menino???

Naturalmente que Zacarias não creu, por isso mesmo Deus permitiu que ficasse mudo durante todo o tempo desde que saiu do Templo até o final da gestação. Isso lhe serviu de sinal de que eram verdadeiras as palavras do Arcanjo, e assim aconteceria.

Fica claro que o nascimento de João Batista foi cercado de algumas condições proféticas especiais. Em outras palavras, quando se diz “Ele será cheio do Espírito desde o ventre”, está-se querendo dizer: Ele terá uma marca especial. E ao afirmar-se “Ele será grande diante do Senhor, (...) converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus, e irá adiante do Senhor no espírito e poder de Elias, para converter o coração dos pais aos filhos, converter os desobedientes

à prudência dos justos, e habilitar para o senhor um Povo preparado (Lc. 1: 13-17): convenhamos... trata-se de um descortinar muito claro da Missão daquele bebê que nem gerado tinha sido ainda. Podemos chamar isso de Predestinação, se me permitem o uso puro da palavra, simplesmente, sem entrar em questões Teológicas.

Outro detalhe importante: o nome da criança foi previamente determinado e comunicado ao pai. Aparentemente, Deus o comunicou também a Isabel, porque quando João nasceu, queriam dar-lhe o nome "Zacarias". Isabel interveio e disse que "João seria o seu nome". Ainda insistiram, dizendo que ninguém na família tinha tal nome, e foram interpelar o pai. Ele escreveu o nome numa tabuinha e então a sua língua se soltou, ao afirmar novamente que o nome seria João.

O nome é um dado importante dentro do contexto hebraico, uma vez que seu significado intrínseco sempre era muito específico espiritualmente. O fato do nome "João" ter sido previamente escolhido vem a corroborar ainda mais com a ideia da Predestinação. João é um nome hebraico cuja forma original é Yohannan, que quer dizer "Deus tem sido Gracioso; ou Deus é Misericordioso." Aliás, apesar da pregação contundente e afogueada que teve João, seu nome revelava a natureza profunda da sua Missão que, em suma, estava pautada na Misericórdia de Deus pelo Seu Povo!

Ao soltar-se a língua do pai, ficou cheio do Espírito Santo (no sentido do Velho Testamento, assim o creio, e não da maneira como viria a ser João), e profetizou (embora fosse Sacerdote, naquele momento sua vida foi usada, como pai da criança, para completar ainda mais as referências ao futuro Ministério de João): faz menção à antiga Promessa de Deus do livramento de Israel das mãos de seus Opressores, da antiga Aliança e do juramento que fez a Abraão; também fala da Redenção do seu Povo e da Salvação que viria da Casa de Davi. Isso aconteceu depois dos praticamente 400 anos de silêncio Profético em Israel. Mais um detalhe interessante relacionado ao nascimento de João.

A partir daí, como se uma coisa estivesse diretamente ligada à outra (claro, pois o Senhor não dá ponto sem nó, e naquele importante momento do nascimento de João era perfeitamente plausível citar o que Zacarias citou), ele continua: "Tu, menino, serás chamado Profeta do Altíssimo, porque precederás o Senhor, preparando-lhe os caminhos, para dar ao Seu Povo conhecimento da Salvação, no redimi-lo dos seus pecados, graças à entranhável misericórdia de nosso Deus, pela qual nos visitará o sol nascente das alturas, para alumiar os que jazem nas trevas e na sombra da morte, e dirigir os nossos pés no caminho da paz" (Lc. 1: 67-79).

Está mais do que clara para todos ali a ligação do recém-nascido com o futuro Messias que, como a família sabia, já tinha sido gerado pelo Poder do Espírito

Santo à virgem da Casa de Davi, Maria, prima de Isabel.

Mais um dado importante: João foi criado à parte da Sociedade principal, nos desertos, enquanto crescia e se fortalecia em espírito (Lc. 1: 80). É sabido e aceito que o clima rigoroso em que foi criado pode tê-lo ajudado a se concentrar em Deus e ouvir melhor a sua Voz à medida que crescia. O distanciamento dos poderes políticos e econômicos da época talvez tenha-lhe permitido estar mais livre para pregar sua mensagem de arrependimento, retidão e juízo. O estilo de vida também claramente o distinguia de outros líderes religiosos que apreciavam viver junto aos Centros de Poder da Nação.

Contudo, não podemos desprezar o fato de que talvez Deus o tenha mantido neste local principalmente para *escondê-lo*! A Palavra afirma que João viveu no deserto *até o dia em que se manifestou a Israel*, e sabemos que ele, a partir de então, expôs-se e foi identificado. Não só por todo Israel, mas pelo Reino Espiritual. Podemos depreender que Deus não permitiu que o Selo de João fosse identificado antes, mas somente quando começou seu Ministério. Ele o cumpriu, e morreu.

Alguém mencionou que "não se acende uma luz para colocá-la embaixo do alqueire": as pessoas são preparadas, e no momento certo enviadas. De fato. João foi preparado, como já citei, nos desertos e pelo seu modo peculiar de viver. Quando chegou o tempo, o Kairós para Yohannan, sua Luz brilhou, e brilhou *muito*, pois "saíram a ter com ele Jerusalém e toda a Judeia e toda a circunvizinhança do Jordão; e eram por ele batizados" (Mt. 3: 5-6).

O Ritual do Batismo foi algo totalmente sem precedentes em Israel, certamente fruto de revelação do Espírito a João, pois era simples, realizado fora do Templo, sem nenhuma preparação prévia ou dia predeterminado... o que ia longe de tudo que pregava a Lei Mosaica, anunciando nas entrelinhas que realmente estava começando um novo tempo, uma nova dispensação. O Batismo despertou o interesse da Nação, bem como a figura irreverente do Profeta que, pela tradição, deveria ter sido Sacerdote como o pai, servindo calmamente no Templo ao invés de gritar no deserto, batizar no Jordão homens e mulheres de igual maneira, e atacar contundentemente as autoridades hipócritas, inclusive Herodes. Tudo foi ímpar no Ministério de João. Ele realmente "clamou", deu testemunho do Messias e preparou todo o Povo que recebeu o batismo para a vinda de Jesus.

Então, que características podemos aprender a respeito do Selo através da vida de João Batista?

a) Tinha uma marca especial desde o ventre (cheio do Espírito Santo).

b) Predestinação em relação a uma Missão específica.

c) Nome escolhido previamente por Deus.

d) Permaneceu escondido.

Vamos adiante porque estas não são as únicas características. A mais importante de todas é a que vamos ver agora, e somente conseguiremos dados completos e fidedignos para isso analisando a vida de Jesus. No entanto, anote! *É regra*! A Bíblia não deixa claro esse aspecto em outros "Selados", mas os Satanistas descobrem e identificam essas pessoas levando em conta principalmente estes outros aspectos, então, é fato que estão *sempre presente*.

Que aspectos tão especiais são estes? Tenha calma... Vamos bem devagar.

Para entendermos isso melhor, precisamos determinar a data precisa do nascimento de Jesus. Para tanto, retornemos ao texto que fala da anunciação do nascimento de João a seu pai Zacarias.

O texto é bem claro em dizer que Zacarias fazia parte do Turno de Abias e cumpria seu trabalho na ordem do seu Turno. Diz também o relato que, terminados os dias de seu Ministério no Templo, Zacarias voltou para casa e Isabel concebeu. Fica bastante claro que João foi concebido logo após o Turno de Abias. Fica também fácil perceber que Jesus foi concebido seis meses depois de João, segundo os dados de Lc. 1: 26, 36. Quando o Arcanjo Gabriel visita Maria e revela que terá um filho pelo Poder do Espírito Santo, completa dizendo que Isabel está no sexto mês de gestação.

Logo, Jesus foi concebido mais ou menos seis meses depois do término do Turno de Abias.

Vem aí a pergunta fundamental: o que era o Turno de Abias e em que época do ano ele ocorre?

I Cr. 24 relata como se dividiam os Turnos de Sacerdotes. Essa disposição aconteceu pela primeira vez na época de Davi, no período final da sua vida. Davi gostaria de ter construído o Templo para adorar a Deus, mas essa tarefa estava destinada a seu filho Salomão, pois Davi tinha sido homem de Guerra e derramado muito sangue. Na verdade, ele preparou um Reino próspero e de paz para que o trabalho coubesse a Salomão. Contudo, Salomão era muito jovem ainda quando assumiu o Trono; talvez tivesse 18 anos, alguns acreditam que pudesse ter apenas 14. Sendo assim, Davi preparou tudo o que era necessário em termos de material e mão de obra, bem como organizou todo o trabalho que seria necessário para fazer funcionar um Templo de tamanhas proporções (se interessar saber como funcionava o Templo, veja o adendo no final deste estudo; uma vez que não faz parte exatamente do assunto que estamos tratando, deixaremos em anexo para sua curiosidade e conhecimento).

Uma das benfeitorias que Davi pôde realizar pensando no futuro do Templo foi a organização do trabalho dos Sacerdotes, que começaram a exercê-lo ainda

no Tabernáculo.

Veja: Arão e seus 4 filhos foram designados por Deus através de Moisés como aqueles que serviriam como Sacerdotes, e deu todas as diretrizes do trabalho.

–Nadabe e Abiú morreram; portanto, não deixaram descendência.

–Itamar e Eleazar deixaram filhos.

Na época de Davi, muitos séculos depois, naturalmente que esta descendência se tinha multiplicado. Por parte de Eleazar havia 16 chefes de família, e por parte de Itamar havia 8 apenas. Então, segundo o costume do Antigo Testamento, foram lançadas sortes para destinar a sequência dos 24 chefes. Assim, todos teriam chances iguais e Deus escolheria cada um conforme Sua Vontade Onisciente. Essa divisão dos Sacerdotes, segundo seus deveres no Ministério, foi feita por Davi em companhia de Zadoque (descendente de Eleazar), e Aimeleque (descendente de Itamar).

Ficou assim a divisão:

1º	TURNO JEOIARIBE	13º	TURNO HUPA
2º	TURNO JEDAÍAS	14º	TURNO JESEBEABE
3º	TURNO HARIM	15º	TURNO BILGA
4º	TURNO SEORIM	16º	TURNO IMER
5º	TURNO MALQUIAS	17º	TURNO HEZIR
6º	TURNO MIAMIM	18º	TURNO HAPIZEZ
7º	TURNO COZ	19º	TURNO PETAÍAS
8º	TURNO ABIAS	20º	TURNO JEEZQUEL
9º	TURNO JESUA	21º	TURNO JAQUIM
10º	TURNO SECANIAS	22º	TURNO GAMUL
11º	TURNO ELIASIBE	23º	TURNO DELAÍAS
12º	TURNO JAQUIM	24º	TURNO MAAZIAS

Então, o oitavo turno coube a Abias e a toda sua linhagem de descendentes. Zacarias fazia parte desta linhagem, portanto exercia seu Ministério no período correspondente.

24 sacerdotes divididos pelos 12 meses do ano equivale a dizer que 2 sacerdotes trabalhariam por mês, ou seja, cada um deles teria duas semanas de trabalho por ano. No tempo de Zacarias, ele trabalhava uma semana de cada vez.

Para entendermos perfeitamente de que se tratava isso é preciso saber em que período do ano caía o Turno de Abias, pois já sabemos que Jesus nasceu cerca de seis meses depois do seu término. Vamos entender como funcionavam as **Regras do Calendário Judaico**.

1) Segundo a Tradição, a contagem do tempo pelos Judeus começou no dia em que Deus criou o homem e a mulher – estimada em 3.760 anos e 3 meses

antes do nascimento de Cristo, usando para tal cálculo a soma das idades dos personagens Bíblicos.

2) O Calendário era Lunar, e não Solar, uma vez que a grande maioria dos calendários primitivos baseava-se na Lua, inclusive o calendário primitivo Romano. Entretanto, a forma atual do Calendário Judaico teve origem no Século IV e tenta manter alinhamento entre os meses e as estações, sincronizando-os com a Lua. O ano é dividido em 12 meses Lunares, mas 7 vezes em cada 19 anos acrescenta-se um 13º mês (chamado Veadar), de 29 dias. Esse mês extra, chamado embolísmico, é a maneira usada para contornar as discrepâncias entre o ano Solar e o Lunar, uma vez que este último é menor. Enquanto o ano Solar (tempo em que a Terra leva para dar uma volta completa em torno do Sol) tem 365,24199 dias, o ano Lunar tem 354,36708 dias, cerca de 11 dias de diferença. Mas os anos do Calendário Judaico podem sofrer algumas alterações e terem 353 ou 355 dias, ao invés de 354, num ano comum (os anos comuns podem ser chamados de “deficientes”, “regulares” ou abundantes”, de acordo com o número de dias); e 383, 384 ou 385 nos anos embolísmicos.

3) Por que isso acontece? Por que essa variação de dias? Isso acontece por causa do Yom Kippur (Dia do Perdão), que tradicionalmente *nunca* pode cair numa Sexta-feira ou num Domingo porque isso conflitaria com as observâncias do feriado religioso (Shabat). Para que isso não aconteça, um dia é adicionado ao oitavo mês do ano (que passa a ter 29 ou 30 dias; 30 quando este dia a mais é adicionado). Outra maneira de contornar o dia da semana para o Yom Kippur é subtraindo um dia do nono mês do ano anterior. Não me pergunte porque é assim, mas a verdade é que o comprimento do oitavo e nono meses de um determinado ano é calculado de maneira muito complexa, levando em conta o dia da semana em que começa o sétimo mês do ano seguinte e a hora em que se dá a Lua Cheia nesse mês!

4) Cada mês começa numa Lua Nova, ou melhor, no final da temporada da Lua Nova, quando a primeira cor prateada da Lua começa a aparecer depois do escurecimento da Lua. Isto é, quando a fase de Lua Nova passa para Quarto Crescente. Nos antigos tempos, o Sinédrio era encarregado de anunciar o início de cada mês, depois de observado o crescente da Lua por duas testemunhas independentes e de confiança. Para muitos Povos antigos, como na Grécia e na Babilônia, quando surgia a primeira claridade da Lua Crescente, após a Nova, o início do mês era celebrado com fogueiras e com tochas. A Lei de Moisés prescrevia a Festa da Lua Nova, todos os meses (Nm. 28: 11-15). Era feito holocausto de dois novilhos, um carneiro, sete cordeiros de 1 ano sem defeito, junto com quantidades específicas de flor de farinha, com azeite e vinho. O vinho e o azeite eram a chamada “libação” (dado em sacrifício para honrar a

Deus e expressar gratidão). O azeite, em especial, era bastante valioso. A libação, em geral, acompanhava os holocaustos ou ofertas pacíficas.

5) O mês Veadar, que existe apenas nos anos embolísmicos, também se associa ao incremento de um dia no 12º mês. Excepcionalmente, este terá 30 dias, ao invés de 29. Desde o Século IV, Veadar (29 dias) é introduzido num ciclo de 19 anos, no 3º, 6º, 8º, 11º, 14º, 17º e 19º ano de cada ciclo. A introdução de Veadar faz com que o primeiro mês do ano seja atrasado em 29 ou 30 dias, equilibrando assim a sua antecipação que ocorre nos anos anteriores por ser o ano lunar menor que o Solar ("astronômico").

6) Os dias são contados a partir do anoitecer, mais precisamente quando três estrelas específicas aparecem no céu. O mês Lunar, contado com precisão, tem 29, 53059 dias – isto é, 29 dias, 12 horas, 44 minutos, 2 segundos e 976 milésimos de segundo – Uau, hein?!

Compreendido isto temos que estabelecer uma correlação entre este calendário "super-simples" com o nosso Calendário Gregoriano e com o ano em que estamos, para determinar exatamente a data do nascimento de Jesus. Você verá que não será tão complicado assim...

Qual era o primeiro mês do ano Judaico?

Era o mês de Abibe, marcado pela Páscoa. Em relação a isso Deus foi bastante preciso na informação, e nos informa que dia 14 de Abibe era a Páscoa do Senhor, pois "neste mês saístes do Egito" (Ex. 12: 1-2 ; 13: 4 ; Dt. 16: 1).

Descomplicando tudo, aceite simplesmente a informação como verdadeira... estabelecendo um paralelo entre o Calendário Lunar Religioso Judaico e o nosso Calendário Solar Gregoriano, dá-se que Abibe corresponde ao final de Março, início de Abril. Eureka! Chegamos a essa crucial informação!!!

Portanto: o oitavo Turno, o Turno de Abias, corresponde ao final de junho, começo de julho. Assim, João Batista foi gerado no final deste período, talvez começo de julho; e Jesus, seis meses depois, em final de dezembro, começo de janeiro do ano seguinte.

OBSERVAÇÃO: talvez alguns fiquem intrigados com nossos cálculos se estiverem familiarizados com os costumes judaicos seguidos em todo mundo atualmente. Pois sabemos que eles comemoram o Ano Novo durante a Festa dos Tabernáculos, em Setembro, Outubro. Mas..... o ano não começava em meados de *março*?! No decorrer dos Séculos, o ano Civil foi mudado para o meio exato do ano Religioso. Portanto, existem duas datas para o início do Ano Judaico. Em Março é o início do ano Religioso, 14 dias antes da celebração da Páscoa. A Festa dos Tabernáculos se dá no 1º dia do sétimo mês do ano Religioso (Etanim), mais ou menos em Setembro/Outubro, para nós.

Contudo, o que importa neste estudo não são as demarcações posteriores, feitas pelo homem, mas aquilo que a Bíblia diz, senão nossos cálculos de datas ficarão errados. Portanto, o primeiro Mês do ano é Abibe (Março), e não Etanim (Setembro).

Sobre o nascimento de Jesus, ainda analisemos uns pequenos detalhes. Ele não poderia ter nascido em 25 de dezembro por vários motivos:

1) Era data de Festividades Pagãs. Deus é Onisciente e o detentor da História; é óbvio que, cheio de simbolismos como é tudo que se refere ao Culto Divino, o Senhor não traria Jesus ao Mundo numa data qualquer, especialmente durante o *Natalis Invictis Solis*, por exemplo ("Nascimento do Sol Vitorioso": Festa Mitraica, da Religião que adorava o deus Mitras, que competiu com o Cristianismo nos primeiros Séculos); ou a *Saturnalia* Romana (Festividade decorrente do solstício de Inverno), ou os Cultos Solares entre os Celtas e os Germânicos, que, como a *Saturnalia*, também tinham a ver com a chegada do Inverno. Por causa do Inverno rigoroso essas festas, cerimônias e rituais tinham por tema a súplica pelo "Retorno da Luz". A data de 25/12 foi fixada em 440 d.C., a fim de trazer uma "embalagem cristã" às festividades pagãs, uma vez que alguns anos depois do Edito de Milão o Cristianismo tornou-se Religião oficial do Império Romano. A "ideia natalina" era identificar Cristo como a verdadeira Luz do Mundo.

2) Se Jesus foi gerado no início de janeiro, levando-se em conta o período normal de uma gestação, Ele teria nascido em Setembro/Outubro que é.... lembram-se? A época da Festa dos Tabernáculos!!! Olhe só que legal! Isso não é mera suposição ou coincidência, mas podemos afirmar com bastante chance de acerto que Jesus veio ao Mundo não durante essas festas nada a ver do Inverno, mas durante o outono, na época de uma das mais importantes Festas Judaicas. Quanto a isso é interessante notar o termo do Apóstolo João ao iniciar seu relato no Evangelho: "En arché hô LOGOS..." (No princípio era o Verbo); "E o LOGOS se fez SOMA, e ESKENÓSEN entre nós..." (E o Verbo se fez carne e habitou entre nós). O termo "habitou" não é uma boa tradução porque João *inventou* este termo "Eskenósen", que não existia no Grego, a partir do substantivo "SKENÊ" (que quer dizer choça, cabana, tabernáculo), aplicando-a no pretérito para indicar que a Palavra, o Verbo (Jesus), fez-se carne, corpo (Soma) e "tabernaculou" entre nós. O termo é sugestivo se pensarmos que o termo criado foi uma espécie de trocadilho cuja raiz estava nos acontecimentos da momento, isto é, a Festa. Não foi por acaso que Jesus morreu durante a Festa da Páscoa, e também não foi por acaso que "ao cumprir- se o dia de Pentecostes" os Apóstolos receberam o preenchimento com o Espírito Santo. Assim como o

Pentecostes “se cumpriu” com este evento, a Páscoa também “se cumpriu” com a morte do Cordeiro Pascal, o Cristo. Assim, podemos implicitamente dizer que a Festa dos Tabernáculos “se cumpriu” quando Emanuel (Deus conosco) veio “tabernacular” conosco, nascendo em Belém... Muito sugestivo tudo isso, né?

3) 25 de dezembro era época de Inverno rigoroso. Certamente, os pastores a quem foi anunciado o nascimento do Messias não estariam nos campos guardando os rebanhos, mas dentro de suas casas; e os rebanhos, nos currais. Da mesma maneira, a época não era propícia para viagens; isto significa que César Augusto não convocaria recenseamento no Inverno porque muitos não poderiam viajar (Lc. 2: 1), e José não viajaria com sua esposa grávida, submetendo-a aos rigores do mau tempo.

4) Um detalhe a mais, vindo de fonte não Cristã, refere-se aos estudos realizados sobre as incontáveis profecias da Grande Pirâmide do Egito. Uma delas revela como dado importante o nascimento de Cristo em 4 de outubro de um ano que podemos considerar em torno de 4 a.C.

Por que é tão fundamental determinar o período exato em que Cristo nasceu para compreendermos o conceito do Selo Espiritual?

Antes de prosseguir para o último ponto importante, vamos analisar um pouco melhor a doutrina Satânica acerca deste assunto.

Eles definem as coisas da seguinte forma: no Universo tudo é regido por um Ciclo, como se fosse a engrenagem de um relógio; e esses Ciclos tendem a se repetir dentro de uma cadência específica. Não é uma cadência que possamos entender com a nossa lógica natural, humana, pois não se trata de algo humano. Então, por exemplo... se tomarmos o nascimento de Noé, de Abraão, de Jacó, de José, de Moisés, de Elias, de Davi, de Jeremias, de Daniel, de Ezequiel, de João Batista, de Jesus, por exemplo, podemos perceber que existe um período de tempo que os intercala, uma faixa temporal.

Embora não vejamos lógica alguma nesta sequência de eventos, se porventura essas faixas temporais forem consideradas (como em verdade o são) como um Ciclo, a tendência é que o Ciclo venha a se repetir.

Tudo bem até aí?

Não vemos lógica na progressão porque não se trata de uma ordem natural. Esse Ciclo não tem por base apenas parâmetros terrestres; ou seja, esse tempo não é medido pelo tempo da Terra, é medido por uma outra ordem de tempo. É uma Ordem de Tempo Espiritual, e Satanás detém a “chave” deste Tempo, a “chave” deste *conhecimento,* podendo revelá-la a quem lhe interesse: aos seus seguidores.

Vamos tornar a coisa um pouquinho mais palpável usando um exemplo

cotidiano:

Se citarmos uma ordem numérica qualquer a alguém que não conheça Matemática, por mais simples que ela seja a pessoa pode não ver qualquer relação entre os números.

Por exemplo: qualquer criança em idade escolar sabe que uma sequência 2-4-6-8-10-12-14-16 etc... refere-se a números pares. Ou seja, é necessário que a criança conheça um *princípio* para ser capaz de identificar a cadência naquela ordem. Uma criança um pouco maior vai entender que esta outra sequência numérica, por exemplo 4-9-16-25-36-49-64- 81 etc..., evidencia números racionais, e a sequência já não é linear, mas exponencial. Então, pelo primeiro prisma lógico, essa sequência fica totalmente sem sentido; mas por um *outro prisma igualmente lógico*, ela passa a ser perfeita, e perfeitamente decifrável!

Porém, se dermos essa ordem de números racionais a alguém que não detém *o conhecimento do princípio* que rege a sequência em suma, não tem a "chave" deste conhecimento... Há de convir que ela fica sem pé nem cabeça. Não vão passar de números aleatórios, indecifráveis em sua ordem, e sem conexão nenhuma.

Voltando ao assunto da Ordem de Tempo Espiritual: a "chave" deste princípio Satanás detém. Este é um fato. E esta "Unidade de Tempo Espiritual" é diferente da nossa "Unidade de Tempo Terrestre", ou "Material", medida em minutos, horas, dias, meses, anos... etc. A "Unidade de Tempo Espiritual" é um dos segredos mais bem guardados da Irmandade, revelada apenas aos Sumos Sacerdotes. Assim como não se ensina Equação de 2º Grau a pré-escolares, também não se ensina a complexidade deste tema àqueles que ainda não detém conhecimento suficiente para entender e digerir este *novo* conhecimento. Tudo tem seu tempo de ser. Por esse motivo somente aos Sumos Sacerdotes é repassado o conhecimento da "Chave de Tempo", uma vez que somente estes acumularam sabedoria e conhecimentos suficientes para entender a complexidade deste assunto.

Em se tratando dos personagens Bíblicos citados pouco antes, a Irmandade afirma que eles possuíam o Selo. Pela Chave de Tempo, é possível determinar uma sequência lógica entre esses nascimentos. Se é uma cadência decifrável, pode-se repeti-la. Ou melhor, espera-se que ela se repita dentro de um determinado período de tempo ao longo da História. Mas a Chave de Tempo prevê também mudanças bruscas no nascimento dos Selados. Convenhamos que é um conhecimento indecifrável para nós!.... Mas para eles têm fundamento, e fazem uso com grande chance de acerto.

No tocante ao Selo, já falamos e explicamos uma série de fatores que torna possível prever o nascimento, rastrear e identificar esses filhos de Deus. Para

isso, além do que já falamos, levando em conta a vida de João Batista, a Irmandade conta com mais três fatores que são determinantes:

1) Sinais astrológicos e astronômicos: por exemplo, sabe-se que vai haver, ou houve, um alinhamento de Planetas, ou um Eclipse Solar, ou Lunar, ou outro fenômeno qualquer. Entenda-se, no entanto, que o fenômeno – ou associação de fenômenos – em questão não é nunca um fenômeno *qualquer*, senão não haveria como ele ser determinante de coisa alguma. São eventos raros. E eles servem para apontar uma região qualquer do Globo com extrema precisão, chegando ao cúmulo de se poder não apenas determinar País e Cidade, mas até mesmo o bairro onde provavelmente aconteceu, ou acontecerá, o nascimento daquele que eles acreditam ser um dos "Selados".

Como isso é possível?

Um fenômeno Celeste em questão não é visto em todo o Globo. Ele é visto em *uma parte* do Globo. Por exemplo: tomemos por base um Eclipse Total da Lua que pode ser visto em todo o Brasil, ou em toda a América do Sul. Todos veem, mas digamos que apenas em São Paulo a visão do Eclipse foi perfeita. Então, **ali é o ponto**. São Paulo, no Brasil, é a cidade em que, dentro de uma cadência de Ciclo já previamente conhecida, há grande *probabilidade* de nascer algum Predestinado de Deus. Sabemos que é possível prever o melhor lugar e a melhor hora para observar um Eclipse Lunar. Então, é como se o Eclipse "apontasse" para um lugar!

2) O segundo fator importante é a "Chave de Tempo", como já comentamos, aquilo que Satanás tem e ensinou aos mais graduados dentro do seu rol de Adoradores. Essa "Chave Temporal" está codificada dentro do "Livro dos Grimories".

(Importante Tratado da Alta Magia e de uso absolutamente particular da Irmandade – leia "Filho do Fogo"), e também na Bíblia Satânica, mas o código é feito de maneira tão hermética que é impossível ao ser humano decifrá-lo. Esse segredo da Alta Magia somente é revelado ao Sumo Sacerdote, e **para entender a cadência dos Ciclos é preciso que o segredo seja conhecido**. Essa é uma doutrina Satânica, e não Bíblica. Estou falando daquilo que eles creem como sendo verdade. Independente disso, realço o que falei de início: muitas vezes o Diabo realmente descortinou verdades aos seus filhos, as quais, hoje, nos são preciosas. Então, eles sabem que em determinados anos, e em determinados meses destes anos, ou horários, haverá uma *probabilidade muito forte* de acontecer o nascimento de alguém que tenha o Selo Espiritual – ainda mais se estes períodos estiverem associados aos sinais celestes, que podem ser previstos pela astronomia humana sem tantos problemas – e em alinhamento com a Tabela

Numerológica. Podemos entender indiretamente a questão do “Tempo Espiritual” quando pensamos no “Kairós”. Deus tem o tempo certo de todas as coisas e embora não possamos compreender porque certas coisas parecem “rápidas” ou “demoradas” para acontecer, isso é porque as coisas só acontecem quando o tempo “Chronos” do homem se alinha com o “Kairós” de Deus. E os dois podem ser muito diferentes! A Bíblia diz, mais de uma vez que “Para Deus, um dia é como mil anos, e mil anos, como um dia”.

3) A Tabela Numerológica: este é o terceiro fator determinante. Tudo o que foi dito, tanto a “Chave de Tempo” quanto o Sinal Celeste, deve estar em concordância com uma Tabela Numerológica de Probabilidades extremamente complexa. Mais completa e complexa do que a Numerologia usada comumentemente pela Irmandade para outros fins. Mais uma vez, essa tabela também é de conhecimento apenas dos Sumos Sacerdotes por ser de alto grau de entendimento. O que interessa para nós é saber que, nos finalmente, os cálculos da Tabela têm que finalizar apontando o número 5 ou 9.

Como fica claro, não basta conhecer apenas uma faceta da fórmula, mas é fundamental conhecer a fórmula completa para determinar (Prever) o resultado (Nascimento do Selado) com baixíssima margem de erro.

Indo adiante... Talvez você esteja a se perguntar por que a tabela Numerológica tem que fechar em 5 ou 9, que são números de grande importância dentro da Alta Magia e no contexto do Satanismo, se aqui estamos a tratar do nascimento de filhos de Deus. Há de se imaginar que a identificação dos “Selados” tivesse algo a ver com... o número 3, digamos... ou 7... ou 12... números associados ao contexto do Cristianismo.

Mas segundo a crença cabalística, ligada ao Satanismo, é entendido que todo filho de Deus pode vir a ser um potencial filho do Diabo. Ou seja, eles acreditam que todos aqueles que Deus predestinou podem ser, *primeiro*, anulados; e *depois*, com a resistência baixa, revertidos para o lado deles. O lado da Irmandade.

Já que eles entendem a coisa desta maneira, o que você pode estar achando totalmente absurdo, tomemos um exemplo mais palpável para ilustrar: é como se os filhos de Deus fossem polos positivos, e os do Diabo, polos negativos. Se os elétrons de um determinado elemento forem manipulados, ele pode passar de positivo a negativo, por exemplo. É o *mesmo elemento*, mas é possível alterar a polaridade dele.

Um interessante exemplo, e bem em moda no nosso presente Século, é o caso dos Radicais Livres, tão estudados pela Medicina Ortomolecular. Eles são produtos do consumo de Oxigênio pelo nosso Organismo. No entanto, quando a Molécula de Oxigênio se torna “negativa”, ou seja, um Radical Livre, passa a

“destruir” as células do corpo, causando o envelhecimento. Parece um paradoxo, pois o mesmo elemento que nos é indispensável à vida, também está correlacionado ao processo que leva à morte. Tudo isso porque, vamos usar uma linguagem mais popular para nos fazermos entender: a grosso modo, a polaridade do Oxigênio foi “alterada”.

Traduzindo em termos espirituais, os Satanistas estão querendo dizer que o Bem e o Mal co-habitam juntos em cada ser humano. Deus é um Ser perfeito e não poderia criar nada imperfeito. Mas a partir do momento em que Adão e Eva foram criados e, comendo do fruto proibido, passaram a ser conhecedores do Bem e do Mal, isso quer dizer que o Mal – que antes não habitava neles – passou a habitar. Isso nós sabemos, como Cristãos, que é verdade: a Bíblia fala sobre a natureza maligna da carne. Já comentamos e explicamos muito detalhadamente esse tema em Módulos anteriores, mas retomo o conceito para fixá-lo bem.

Lembra? Depois do pecado original, todo homem passa a ser *Habitat* tanto do Bem quanto do Mal. O Mal, em essência, está no coração de cada ser humano, inclusive no dos filhos de Deus. Uma essência pecaminosa.

A Irmandade acredita, com base nisto e com base em exemplos da própria História Bíblica, que os filhos de Deus – inclusive os Selados, objeto do nosso estudo – podem ser mais influenciados pelo poder do Bem, pelo Espírito Santo... ou *não*!

Então, pautados numa lógica numerológica cabalística, os Satanistas acreditam que a numeração 5 ou 9, mesmo associada aos Selados, estará apontando também para potenciais filhos do Diabo. Mesmo porque essa numeração, quando jogada de outra maneira, em outra Tabela Numerológica de extrema complexidade, vai correlacionar-se também em números que espelham a Natureza de Deus, como já comentamos antes, no caso específico dos Selados apenas o 3 e o 7. Por outra fórmula cabalística, esse mesmo 3 e esse mesmo 7, avaliados por ângulos diferentes, vão-se tornar em 5 e 9!

Quer dizer, os cálculos são perfeitos demais, têm detalhes demais e, embora não possamos compreendê-los em sua profundidade, antes tão somente pincelamos sua periferia, uma coisa fica claríssima: quando tudo se encaixa, cada um dos parâmetros citados, a precisão é fantástica, indescritível! Pode-se, em nossos tempos, prever até mesmo o *Hospital* em que uma criança vai nascer, tal a capacidade de localização que estes dados fornecem.

Obviamente que Deus sabe perfeitamente de tudo isso, e muito mais. Então, não é surpresa que tenha *escondido* alguns dos Seus filhos, inclusive Jesus, até que fosse o tempo da manifestação dos seus Ministérios.

- Moisés foi escondido, dentro do próprio Egito, mas, para vergonha das

Entidades, ali seria o último lugar a procurar o homem que tinha nascido com um Selo. Mas eles sabiam que alguém com Selo tinha nascido!!! Onde ele estava? Perceba que nem todo o conhecimento eles tinham, mas sabiam da existência de uma criança. Crianças foram mortas, e de tal modo foi terrível a situação que a mãe de Moisés preferiu jogar seu filho no Nilo do que vê-lo esmagado pelas mãos dos soldados.

•Pouco se sabe sobre a vida pregressa de Elias, por exemplo, outro Selado de Deus, até que apareça como o grande Profeta que foi. Será acaso? Ou será que foi mais um dos que Deus escondeu dos olhos das Trevas até ser chegado o tempo de manifestar-se?

•O mesmo deu-se com João Batista, como comentado.

•Certamente com Davi foi a mesma "ocultação"; ele não foi perturbado, sendo o obscuro caçula, um simples pastor de rebanho. Só despertou o interesse do Reino Espiritual após sua Unção pelo Profeta Samuel, após o encontro com o Gigante Golias. Aí tudo muda de figura. Antes disso... quem era ele?

•Talvez José, o filho de Jacó tenha sido revelado antes do tempo por causa do alarido que a família fazia em torno dele; a brecha era o orgulho, a arrogância... e os demônios devem ter visto o Selo que José tinha. Conspirando contra ele, usando para isso o ódio e inveja dos irmãos, material farto nas mãos do Diabo, terminou por "dar cabo de José". Pelo menos assim devem ter pensado; mas essa foi também a maneira escolhida por Deus para quebrar aquele Vaso que tanto tinha sido corrompido pelos maus costumes familiares cheios de partidarismos, que incutiram nele um coração altivo que o inutilizaria para o serviço de Deus.

Bem... são suposições. Pois sabemos que tais personagens enquadram-se na lista dos Selados de Deus, pelo menos assim acredita a Irmandade, uma vez que constataram as evidências exatas em relação a essas pessoas. Muitos mais deviam haver, inclusive mulheres, e toda a observância da História e o conhecimento que Satanás detinha o levou a apurar ainda mais a repetição dos Ciclos e a Chave de Tempo.

NOTA: a Doutrina Bíblica da Eleição refere-se a pessoas escolhidas para a salvação e refere-se também àqueles que foram designados para um ministério especial (Abraão, J. Batista, etc). Embora tenhamos ciência do tema, mais uma vez deixamos claro que *não é disto que estamos falando*. A meu ver, trata-se de "nomenclatura", que muitas vezes são, elas mesmas, desmentidas pelos fatos e histórias Bíblicas. Não acho "politicamente correto" colocar no "mesmo saco" uma ovelha que tem a salvação – pura e simplesmente – junto com Abraão e

João Batista, porque são indivíduos incomparáveis em termos de Ministério e de contribuições para o Reino de Deus! Não são pessoas mais ou menos importantes, porque o Pai ama a todos... Estamos a tratar de pessoas que têm um Chamado Ministerial muito específico, muito particular, e, portanto, consideramos que são Predestinadas. Contudo, a nomenclatura Bíblica os denomina como Eleitos – Mt. 24: 24 ; I Pe. 1: 1-2. Neste nosso estudo, há que se entender que muita coisa vem da observação de relatos Bíblicos, somando-se a um conhecimento da Doutrina Satânica. Portanto, não podemos ser rígidos sobre a Nomenclatura. “Eleitos”, neste estudo, é o termo que usamos para designar todos os que são chamados para o Ministério – é como se Deus convocasse uma Assembleia Santa, propusesse os nomes de muitos dos Seus filhos e os anjos votassem, imagine assim... uma Eleição de pessoas Não Predestinadas, em quem o livre-arbítrio está “assegurado”. Os Eleitos podem ou não aceitar o Chamado Ministerial e cumpri-lo. Os Eleitos não têm Selo Espiritual. Se quiserem desistir do Chamado, apostatar, até... é passível de acontecer!

E os salvos... são os salvos! De toda Tribo, Raça, Língua e Nação! São as ovelhas do rebanho. Podem ser bênção, ou não. Espirituais ou carnais. Podem ser inclinados para o espírito ou para a carne. Podem estar ao lado dos Eleitos, como baluartes fiéis, ou mesmo ao lado dos Selados, também como baluarte, apoio e sustentação.

Repare novamente: é tudo questão de nomenclatura. Não há porque nos degladiarmos, pois encontramos de fato estas três categorias de pessoas dentro da Bíblia. Dentro dos “Convertidos”.

Ainda antes de seguir adiante, embora a Irmandade não tenha citado o Selo de nenhuma mulher, sabemos que elas existiram e existem. Quando o Arcanjo diz a Maria: “Bendita entre as mulheres...”, e a profecia já falava muitos séculos antes sobre a Virgem que conceberia, está falando da predestinação daquela mulher. O mesmo talvez seja com Sara, esposa de Abraão, que recebeu promessa muito semelhante à dele no sentido de que seria Mãe de milhares. Raquel, estéril... mas foi mãe de José e escolhida por Jacó desde o início. Como foi retardado o matrimônio dos dois! Acaso? Jacó tinha o Selo... talvez ela o tivesse também. Mas não é regra. Mais uma vez as brechas familiares talvez tenham permitido o vislumbre do Selo de Jacó antes do tempo e o conflito gerado por causa da bênção de Primogenitura foi tão desastroso que Jacó teve que fugir. Ora, ora... talvez ele não cumprisse nunca mais seu destino, ainda mais com aquele caráter pouco trabalhado... É a velha questão do Bem e do Mal que habitava dentro de Jacó. Mas depois do moldar de Deus em tudo que ele sofreu, no Vale de Jaboque o seu nome foi mudado.

Quer dizer... o Selo significa de fato uma Predestinação imutável!

Quando o Diabo pensa que venceu, Deus transforma aquelas mesmas situações de humilhação, isolamento, tristeza, dor e perseguição em algo puro e forte. Quando o Povo de Judá voltou do Cativeiro, veio realmente arrependido e disposto a mudar: quer dizer, o Diabo foi um instrumento nas mãos de Deus para isso. O mesmo se dá com as pessoas. Veja que a intenção primeira de Deus não é permitir o vislumbre do Selo! Deus prepara maneiras de esconder esses "escolhidos" até o *Kairós*. Nesse momento, o Reino Espiritual é desperto. O treinamento pode ter acontecido antes – como foi com João Batista, que realmente pegou todo mundo de surpresa, simplesmente "aparecendo com sua peles de camelo e seus cintos de couro, tendo se alimentado com mel e gafanhotos, e pregando arrependimento".

Mas se porventura o Selo for descoberto antes, o inimigo é usado para – em última análise – fazer um grande favor: forjar o caráter daqueles que foram *determinados* para fazerem a História da Humanidade se cumprir! Assim foi com Davi, assim foi com Jacó, assim foi com José... e foi no deserto, nas cavernas, nas lutas diárias, nas perseguições de morte, nas prisões, nas injustiças, nas angústias do Inferno, em meio às lágrimas, desespero, tristeza e sofrimento que o puro diamante que eles eram foi lapidado pelo fogo!

Já dissemos que praticamente sempre Deus vai esconder os Selados. Podemos até mesmo nos arriscar a dizer que esconder essas pessoas é a maneira como Deus age *sempre*! Por quê?

Porque em algum momento da vida destes que têm um Selo, é permitido, é *possível* às Entidades o enxergarem (o Selo). Por alguma razão que desconhecemos, as Entidades conseguem vislumbrar esse Selo normalmente ainda na Infância, entre 5 e 7 anos. O Selo (que já existe desde o ventre), por algum motivo começa a tornar-se mais visível. Antes disso é mais difícil e eles ficam apenas com as probabilidades calculadas da maneira como já explicamos antes, o que lhes dá um raio de ação a ser monitorado (um território qualquer). Se formos usar e abusar de nomenclaturas, então trata-se de um verdadeiro Mapeamento Espiritual. Basta saber quantas crianças nasceram naquele quadrante, naquele horário, e monitorar as circunstâncias através dos demônios. Pode ser que haja "sorte" e apenas uma criança nasça correspondendo a todas as previsões. É praticamente certa a presença do Selo e o monitoramento será especial, até que haja comprovação (visualização).

Aí, sim, uma vez confirmada, a suposição é montada toda uma estratégia específica para neutralizar aquela pessoa. Como foi comentado no início do estudo.

O objetivo é enfraquecer primeiro, antes de destruir. Depois de enfraquecer, o Diabo intenta trazer para si essas pessoas, porque se Deus os predestinou, então

são indivíduos que podem compor um Exército forte. Se Deus Selou, é porque podem ser muito úteis dentro da Irmandade. Se eles foram chamados para serem “grandes diante de Deus”, podem também vir a ser “grandes diante do Inferno”. Se o recrutamento fracassar... a ordem é DESTRUIR!

A DIFERENÇA ENTRE OS PREDESTINADOS E OS ELEITOS (CHAMADOS):

Vamos entender, contudo, uma grande verdade! Deus predestinou alguns (Selados), mas *muitos* foram chamados (Eleitos)!

No Novo Testamento, a Irmandade considera como Selados apenas João Batista e Jesus. Mas muitos outros foram Ícones da História da Igreja e dos primórdios do Cristianismo, como nós muito bem sabemos. Certamente, havia Selados entre eles. Agora, entenda a diferença, e tomemos por exemplo os Apóstolos. Eles foram “Chamados”, foram “Eleitos”, e nesta condição poderiam ter escolhido seguir Jesus ou não. Sempre fui levada a acreditar que Paulo deveria ter um “Big Selo”, tal seu raio de ação e influência, que foi fundamental para a existência do Novo Testamento e da explicação de enormes Verdades do Cristianismo. Ou Pedro, ou João... homens simples... homens de coragem!

Mas o próprio Paulo define sua Missão: “Fui chamado para ser Evangelista e Apóstolo”. Observe: “Chamado”. Ele poderia ter apenas continuado como Saulo de Tarso, embora salvo e Cristão. Poderia não se submeter às “leves e momentâneas tribulações”, às viagens, às privações, às humilhações por amor ao Chamado, à entrega incondicional a Cristo. Mas usou bem seu livre-arbítrio e aceitou seu Chamado.

Quem é maior? Moisés ou Paulo? Não podemos medir desta maneira. Um era Predestinado... o outro “combateu o bom combate, completou a carreira e guardou a fé”. Cumpriu seu Chamado! Não há maior ou menor quando se está perfeitamente no centro da Vontade de Deus e se cumpre o seu Destino Espiritual. A diferença está em que uns poucos não podem fugir deste Destino, para que a História se cumpra. Quanto aos demais... se quiserem perder a bênção, morrer no deserto, deixar de conquistar, de obedecer, de amar o Pai... continuam salvos e filhos, mas experimentam pouco da vida Cristã e das suas conquistas.

Dentro da Irmandade crê-se que Judas, por exemplo, Deus escolheu de fato. Mas, segundo a visão do Satanismo, eles conseguiram alterar a “polaridade” de Judas e ele passou a ser uma ferramenta, um instrumento nas mãos do Inferno. Então, embora Deus o tivesse escolhido, eles cancelaram isso e aquele que poderia ser bênção tornou-se instrumento de maldição... O mesmo se deu com muitos outros chamados por Deus: perderam sua bênção, não cumpriram a carreira: a primeira geração dos Israelitas que saíram do Egito; Nadabe, Abiú; até mesmo Moisés, que teria não somente contemplado a terra, mas habitado nela; Saul; muitos Profetas do Antigo Testamento, que optaram por profetizar segundo a alma e não segundo o Espírito; a maior parte dos irmãos de Jesus, que

teriam outra vida se tivessem crido Nele; Ananias, Safira... tantos e tantos! A julgar pelas exortações do Apóstolo Paulo às Igrejas... muitos, embora salvos, preferiam viver segundo a carne e não segundo o espírito. Não muito diferente do que acontece hoje em dia...

No entanto, como os Selados estarão, em um momento de suas vidas com um "alvo no meio das costas", é claro que a esses o Pai terá, muitas vezes, que usar de estratégias diferentes para treiná-los e prepará-los para a Missão que lhes cabe. "Diferentes", esta é a palavra; se haverá muito ou pouco do sobrenatural de Deus, não sabemos... Davi era Selado e não viu anjos, não presenciou grandes "efeitos sobrenaturais" como Moisés, por exemplo. Paulo não tinha Selo e experimentou uma vida inteira de sobrenaturais por causa da Nova Dispensação da qual fazia parte e do Ministério recém chegado do Espírito Santo; João Batista tinha o Selo... mas terá ele visto muitos milagres? É relativo. O Treinamento depende da Missão.

O que os Selados têm que o resto não tem, ou isso não tem fundamento?

Falamos tudo isso para evitar um "delírio coletivo" dentro da Igreja, porque temos percebido que muitas pessoas estão divagando, acreditando que têm o Selo, quando isso não é verdade. E qualquer tropeção na rua já é sinal de que a Irmandade as está perseguindo. Isso decididamente não é bom. O que interessa é que cada um ocupe, no Final dos Tempos, o seu lugar correto dentro do Corpo de Cristo, e não venham a perder tempo com futilidades que somente as afastam do verdadeiro propósito de Deus. Como foi possível perceber até agora, existem evidências comprováveis e muito específicas. Não se pode sair por aí simplesmente dizendo "Eu tenho o Selo".

Embora no final dos Tempos venham a existir muitos Selados, como *nunca houve* na História, o seu número é bastante pequeno em relação ao número de filhos de Deus. É uma mínima porcentagem, e isto não digo para vanglória de ninguém, nem enfurecimento de outros, mas para que a Verdade seja conhecida e aqueles que desejam realmente servir ao Pai possam fazê-lo sem cometer enganos em relação ao seu Destino Espiritual. Não é hora para divagações, e quem for maduro e realmente sábio saberá entender o que estamos dizendo.

Apenas para que você tenha uma ideia dos números: hoje somos cerca de 26 milhões de Evangélicos apenas no Brasil (segundo dado da Revista Veja/ 2004). Podemos afirmar que os Selados que Deus já recrutou e ainda vai recrutar até 2006 (depois disso, não mais), cuja Missão é de *Restauração da Noiva* para a volta de Jesus (isto é bastante abrangente), é um Exército cujo número já foi Predeterminado. A Irmandade espera, para o final dos Tempos, que esse Exército seja erguido. Não sabem qual o número exato que Deus predeterminou, mas pela sua "Chave de Tempo" e conhecimentos específicos, sabem que serão muitas

pessoas e estas, as que *têm o Selo para o final dos Tempos*, na maioria (mas não na sua totalidade, obviamente), em 2006 deveriam oscilar entre 35 e 40 anos. Claro que alguns serão mais novos, ou mais velhos, mas trata-se de pequena, pequena, *muito* pequena minoria.

Mas quantos são esses?

Observe a seguinte conta, levando em consideração tão somente 3% dos Evangélicos Brasileiros:

26.000 + 26.000 + 26.000 = 78.000

O número de Selados que Deus separou, em TODO O MUNDO, é menor do que esses 3% de Brasileiros! Portanto, deixemos de divagar, perdendo com isso de exercer o que Deus tem para cada um de nós! Algo, no entanto, podemos dizer àqueles que já passaram pelos nossos Seminários e receberam a Unção. Sob direção de Deus, em alguns Seminários foi determinado que se liberasse sobre uns poucos a mesma Unção que foi derramada sobre nós (leia Guerreiros da Luz). Hoje sabemos que todos os que receberam a Unção são Selados de Deus!

Sabemos também que para cada casal de Selados será dado mais onze casais de Eleitos, para totalizarem doze homens e doze mulheres. Esses onze serão como um Corpo Vivo junto com o casal de Selados, como os valentes de Davi. Contudo, como serão Chamados, poderão aceitar ou não o Chamado, permanecer nele ou não. A vontade perfeita de Deus é que todos permaneçam até o fim... mas isso irá do livre-arbítrio de cada um. Quando o Selado for um homem apenas, ele terá mais onze homens com ele; se for uma mulher, terá mais onze mulheres com ela. Poderá haver casais em que apenas um dos dois é Selado, e o outro pode ser Eleito; ou até mesmo uma obediente Ovelha. Isso não denigre ninguém, por favor, que fique bem claro. Muitas Ovelhas obedientes serão honradas e ocuparão lugares e verão coisas que os falsos “Profetas”, falsos “Levitas”, falsos “Apóstolos” nem sonham. Estes perceberão, tarde demais, que a Ovelha se foi – arrebatada com o Noivo – e eles ficaram, para contemplar face a face o anticristo e experimentar os horrores do Apocalipse.

Os Satanistas sabem destas coisas pautados na “Chave de Tempo”, que no final dos Dias haverão muitos Selados (em comparação aos que já tinham surgido até então); um verdadeiro Exército, erguido para o Fim, em todo o Globo. Isso é motivo de muita atenção deles, pois o tempo já chegou. A monitoração é muito importante porque, contando com o livre-arbítrio do ser humano, eles esperam poder impedir o reavivamento, impedir a Restauração da Noiva! O maior prazer do Diabo seria, quando Jesus voltar, não haver praticamente ninguém digno de ser levado, e dizer a Ele: “Destruí toda a Sua

Criação, não sobrou pedra sobre pedra! Todos aqueles que Você criou, e esperava grandes coisas deles... Veja só! Eles me servem e Você será obrigado a mandá-los para o Lago de Fogo e Enxofre junto comigo!!!"

É claro que o que Satanás ensina aos seus filhos é que, quando houver a Batalha Final, eles (Irmandade, todas as legiões rebeldes e o próprio Lucipher) serão os vencedores, neutralizando os que têm o chamado para o Final dos Tempos. Pergunta-se... Já não é sem tempo... será que Satanás ainda não percebeu que quem tem um Selo não arrefece nunca? É predestinado mesmo?

Entenda o seguinte. Ele não é onisciente. Várias vezes observou alguém que estava indo muito bem. Atacou, atacou... nada! Será que tem o Selo? É provável... Olham, olham, esperam confirmação. Por algum motivo, eles sabem que nem sempre conseguem ver o Selo, sabem que Deus esconde essas pessoas. Então, de repente... Pimba! Conseguem derrubar o tal. Era um Selado mesmo? Não era? Fica a dúvida. Então, Satanás não tem preguiça. Ele sempre, sempre, sempre irá contar com o livre-arbítrio dos homens. Para ele ainda resta a dúvida se os Selados podem mesmo se desviar ou não. Mas a resposta é não. Não podem.

Então, irmãos, por favor... sejam sábios! Está havendo uma torrente de histórias cuja interpretação é errônea. Pessoas têm sido atacadas por demônios, sim, mas na sua grande maioria é em decorrência das brechas e legalidades que têm em suas próprias vidas. Nada tem a ver com a Irmandade, nem todo ataque espiritual tem a ver com a Irmandade! Aliás, tratando-se de 26 milhões de Evangélicos, podem ter certeza de que é uma pequena minoria que é alvo real dos verdadeiros Satanistas. Eles sabem que esse número é virtual. Não faz muito tempo e um Sumo Sacerdote da Irmandade, pelo telefone, rindo, disse-nos que nem 1% destes 26 milhões de fato é comprometido com Deus.

Cada um que julgue por si se a afirmação dele tem fundamento ou não.

Enquanto isso, ficamos a nos vangloriar, contando histórias mirabolantes, procurando com isso chamar atenção para nós mesmos! No fundo, no fundo, essa é a realidade: parece que ser alvejado pela Irmandade tornou-se um símbolo de "orgulho", de pessoas que estão querendo dizer, em outras palavras: "Olhe pra mim! Veja como sou bom, veja minha espiritualidade... Por isso o Diabo está interessado em mim!"

Sinceramente, irmãos... e isso dizemos pois muitos de vocês são os Líderes da Igreja Brasileira... de todas as infindáveis histórias que ouvimos e recebemos por *e-mail*... quase nada tem a ver com a Irmandade. O problema real, a verdade nua e crua é que os demônios fazem festa em pessoas, casamentos, famílias, empregos e ministérios por *falta de compromisso* com Deus. Com esses, não há porque a Irmandade intervir, concordam? Não aprenderam o básico ainda.

A seguir, para sua curiosidade e aprendizado, há um resumo da vida e do Ministério de Jesus. Analisamos seu nascimento, Ministério, estratégias contra o inimigo, etc... porque, se alguém foi, de fato, alvo exclusivo do Diabo, essa pessoa foi Jesus! Ele é exemplo para nós!

QUANTO À VIDA DE JESUS NA TERRA

Jesus = nome da pessoa do nosso Senhor
Cristo = designa o título da sua pessoa (Chistos – Grego; Mashiah – Hebraico).

A) Nascimento – Data x Dados Históricos

O nosso Calendário é o Calendário Gregoriano e ele teve sua origem pouco antes de meados de 556 d.C., criado por um Abade Romano que tomou por ponto de partida o ano da encarnação, isto é, o ano do nascimento de Cristo. E o ano I da nossa Era, segundo ele, coincidiu com o ano 754 da fundação de Roma.

Já sabemos que Jesus não nasceu em 25/12. Sabemos que foi durante a Festa dos Tabernáculos, no ano seguinte à anunciação da concepção de João Batista pelo Arcanjo Gabriel. Vamos agora determinar em que ano isso aconteceu e logo você entenderá porque estamos batendo tanto nesta tecla.

Houve um erro por parte do Abade Romano, e vamos ver com calma isso agora. Segundo o conhecido Historiador Josefo, analisemos alguns eventos históricos:

–A morte de Herodes, o Grande: foi pouco depois do nascimento de Jesus. A História nos conta que isso aconteceu alguns anos antes do ano 754 da fundação de Roma. Portanto, o ano I da nova Era não pode coincidir com o ano 754. (Mt. 2: 19-22).

–A duração do seu Reinado: Herodes, o Grande, esteve sobre o trono da Judeia como Rei durante 37 anos; sabemos pela História que esta nomeação, instituída pelo Senado Romano, deu-se em 714. Portanto:

714 + 37 = 750 ou 751.

–O Eclipse Lunar: pouco antes da morte de Herodes, o mesmo Josefo conta que ele mandou executar dois rabinos judeus, e na noite da execução ocorreu um eclipse lunar. Cálculos astronômicos evidenciam um eclipse parcial da lua na noite de 12 ou 13 de março de 750, ao passo que nada aconteceu em 751.

–A Páscoa: narra também Josefo que a morte de Herodes aconteceu pouco antes da Páscoa. Naquele ano esta festividade aconteceu em 12 abril do ano de Roma 750.

–Em resumo: a morte de Herodes aconteceu menos de um mês após a execução dos rabinos, no início de abril de 750; portanto, 4 anos *antes* do marco da Era Cristã, cujo início ficou datado em 754, e não 750.

É fácil concluir que se Jesus nasceu alguns meses antes da morte de Herodes, o Grande, é muito provável que tenha sido no final do ano 5 a.C., ou o ano 749 de Roma!

Puxa, parece confuso?! Está claro até aqui? Tudo isso foi uma pequena confusão de datas, mas leia com atenção e entenderá melhor. Em breve você verá qual a importância de conhecermos exatamente a data correta do nascimento do Messias. Não é meramente uma cultura inútil! Vai nos ajudar a compreender como se manifesta o Selo Espiritual, e como esse tipo de conhecimento influencia e fornece ferramentas importantes nas mãos de nossos inimigos, pois este é um conhecimento que eles dominam (em parte).

O TODO, somente o Senhor Altíssimo, Onisciente, conhece. Ele é o Senhor da História, mas há sinais que se podem aprender a conhecer, e com base neles, fazer-se predições com extrema exatidão. A Irmandade sabe e se utiliza destes sinais.

Por isso, vamos adiante!

–O Batismo de Jesus: este é mais um dado que facilita e sustenta a nossa hipótese do nascimento de Cristo ter-se dado antes do demarcado início da Era Cristã. Lc. 3:23 diz que o batismo de Jesus aconteceu quando ele tinha *quase* 30 anos. Pelo que vimos anteriormente, Jesus completaria 30 anos em final de 25 d.C. Portanto, foi batizado e iniciou seu Ministério antes de setembro de 25 d.C.

–A reconstrução do Templo feita por Herodes: durou 46 anos. Dados Históricos provam que isso começou cerca de 19 ou 20 anos antes do início da Era Cristã. Novamente: 20 + 26 = 46. Supondo que o término fosse recente ou estivesse decorrendo quando os judeus fazem esta citação, isso novamente nos leva para meados do ano 26 d.C., quando Jesus já estava em pleno Ministério e tinha seus discípulos.

–O décimo quinto ano de Tibério César: conforme afirmação em Lc. 3:1, João Batista iniciou seu Ministério neste período, e sabe-se que Tibério esteve associado com Augusto César no início do seu governo do Império Romano, em 11 a 12 d.C. Some-se: 12 + 15 = 27 d.C. Isto aparentemente não confirmaria nossos cálculos, pois João Batista começou seu Ministério antes de Jesus; mas nos esquecemos que a contagem deles (no momento em que foi escrito o Evangelho) não confere com a nossa devido à mudança de Calendário! O 15º ano de Tibério César aconteceu alguns anos antes de 27 d.C., pela contagem do nosso calendário. Aí, tudo volta a bater corretamente. 27 – 5 = 22; dependendo do mês, isso pode cair tanto no ano 22 d.C., como já em 23 d. C. Se Jesus começou seu Ministério antes de setembro de 25 d. C., dá aí uma diferença de mais ou menos dois anos, dois anos e meio, até três anos entre o início do Ministério de João e o Ministério de Jesus. O que é aceitável, pois João precisava de um mínimo

de tempo para “preparar o caminho do Senhor”.

–O ano da morte de Jesus: determinado pelo número de Páscoas de que fala o Evangelho de João. Ele menciona três Páscoas (Jo 2:13; 6:4; 13:1). A Páscoa acontece no início do ano, como já vimos, em meados de Março. Jesus completaria 34 anos em Setembro/Outubro de 29 d.C., pois 29 + 5 = 34. Isso coincide com o início do Ministério em 25 d.C. E sua morte teria acontecido na Páscoa de 29 d.C., quando ele estaria com 33 anos.

Agora que determinamos perfeitamente a data do nascimento de Cristo podemos analisar o último fator que a Irmandade cita como sendo uma parte fundamental da Fórmula para identificar um Selado: o fenômeno Astrológico, ou Astronômico. Se a Chave de Tempo estava correta, os cálculos Numerológicos... algo tem que ter acontecido nos Céus! Em relação a outros personagens Bíblicos não vamos encontrar referências na Bíblia, mas a Ciência aponta para algumas coisas interessantes.

A Bíblia nos traz relato sobre a “Estrela de Belém” em uma única ocasião, em Mt. 2: 1-16.

B) O que era a Estrela de Belém???

1) Temos as opiniões simplistas:

–Trata-se de um Milagre, portanto, não há explicação possível.

–Não se deve tomar a Bíblia ao pé da Letra, fazendo dela uma Verdade Histórica em todos os sentidos; portanto, nunca houve uma “Estrela de Belém”.

2) Temos o fruto das imaginações populares, que confundem o que é Bíblico com o que não é:

–Por exemplo, ao longo do tempo os Magos foram transformados em Reis, seu número era de três e até nome receberam. Nada disso condiz com a Bíblia. O número 3 foi estipulado devido à natureza de seus presentes, mas segundo a tradição Oriental foram 12 os Magos que visitaram Jesus.

–A Estrela passou a ser retratada sobre a manjedoura; e acabou transformada num Cometa, como vemos no célebre quadro de Giotto, pintado em Pádua no Século XIV; detalhe: este quadro foi feito depois de uma passagem espetacular do Cometa Halley!

Haverá algo de concreto e verdadeiro na Estrela de Belém?

Tem de haver, para comprovar parte da Teoria dos Satanistas, de que “Os Céus apontam” para esses enviados de Deus. Mas que tipo de fenômeno é? Já dissemos que são fenômenos raros, não se trata de qualquer coisa.

3) Vamos ver o que diz a Ciência:

–Quanto aos Magos: terão vindo provavelmente de regiões da Babilônia ou Pérsia. O termo “Mago” é referente a homens sábios, astrônomos, astrólogos; dominadores das Ciências da época. Não estava necessariamente ligado a qualquer tipo de Magia e eram bastante respeitados em todo o Médio Oriente. Aliás, chamá-los de “Reis” apenas poderia ser uma maneira de refletir sua importância na Sociedade da época. Isso já foi comentado antes, em algum lugar...
–Quanto ao fenômeno Celestial:

•Uma das primeiras Hipóteses: proposta por Orígenes (183 – 254 d.C.), ele supôs que o agora conhecido cometa de Halley teria sido o astro visto pelos Magos; contudo, se levarmos essa explicação como correta, iríamos conflitar com registros chineses – notáveis observadores do Céu – e teríamos um erro de mais de 11 anos na data atribuída ao nascimento de Jesus. Mas ficou a hipótese da Estrela de Belém ter sido um cometa não periódico, de intenso brilho.
•Final de 1572: Tycho-Brahe, astrônomo dinamarquês, descobriu uma estrela muito brilhante na Constelação de Cassiopeia, cujo brilho era tão grande que o novo astro pôde ser visto mesmo à luz do dia, durante quase 20 meses. Mais tarde esse fenômeno seria conhecido como Nova e Supernova, terminologia empregada em Astronomia para designar estrelas que explodem, aumentando assustadoramente de brilho (podem chegar a ser até 10 bilhões de vezes mais brilhantes que o Sol), para depois de algum tempo praticamente desaparecerem do Firmamento. O núcleo da estrela, que sobra após a explosão, transforma-se geralmente em uma Anã Branca. Astrônomos de fato encontraram ocorrências de Novas no ano 5 a.C., o que não se contrapõe à data do nascimento de Cristo. A hipótese da Nova ou Supernova encontra adeptos até os dias de hoje para explicar a Estrela de Belém.
•1603: J. Kepler, Astrônomo e Astrólogo Imperial, além de falar na Supernova, citou uma conjugação prévia de Júpiter e Saturno; eles apareceram no mesmo meridiano celeste, um debaixo do outro, e isso foi seguido por um agrupamento de ambos os planetas com Marte de maneira que os três ficaram muito perto um do outro. Astros brilhantes como Saturno, Júpiter e Vênus (a conhecida estrela d’alva) podem aparecer no Céu em posições que dão realmente a ideia de proximidade entre eles. Essa é a chamada conjugação de que falou Kepler, e uma conjugação tríplice poderia ter sido a Estrela de Belém. Só que a partir daí ele imaginou que essa disposição dos planetas teria criado a Supernova brilhante. Seria um

avanço a mais, no entanto, hoje sabe-se que essa explicação é impossível.

•Depois de Kepler: levando em conta a conjugação de Planetas, alguns admitiram que os Magos até poderiam tê-la visto, mas esse não é um fenômeno raro e espetacular a ponto de despertar tanto interesse. Embora haja registro da conjugação de planetas, como Kepler já havia demonstrado, não há qualquer registro de uma Supernova *espetacular* na data compatível com o nascimento de Cristo, apesar dos registros citados antes. Nem toda Nova vai causar uma comoção...!

•Cometa? Mas por que não haveria registro dele em nenhuma outra cultura contemporânea à época?...

•A verdade é que estas explicações possuem duas grandes falhas: primeiro que nenhum dos fenômenos celestes citados poderia apresentar o estranho "comportamento" da Estrela de Belém. Pois ela teria precedido os Magos na viagem, depois os teria orientado de Norte para Sul, tendo parado no local onde estava Jesus. Segundo: os Judeus de Jerusalém deveriam igualmente ter visto um fenômeno tão ímpar e estranho no Céu, fosse ele estrela, ou cometa, ou seja lá o que quer que fosse! E teriam sua atenção despertada. A não ser que os Judeus não tivessem qualquer noção de que aquilo fosse algo importante, que estivesse sinalizando algo importante...

4) A atual perspectiva do fenômeno:

•Mark Kidger: Astrônomo Britânico, seu livro foi editado pela Princeton University Press, e ele lançou a "Teoria das várias Estrelas de Belém", ou seja, a Estrela de Belém não foi um evento único, mas uma *sequência de eventos*. Foi justamente isso que possibilitou a interpretação dos Magos e a localização do lugar onde Jesus tinha nascido.

•Primeiro Sinal: tripla conjugação de Júpiter e Saturno, que se registrou no ano 7 a.C., na Constelação de Peixes. Ridger argumenta que Peixes é o signo da Judeia, sendo que qualquer fenômeno aí registrado imediatamente reportaria os Magos à região. Os Magos da Babilônia e da Pérsia viviam sob influência da Astrologia Grega, Romana e Zoroastrista.

•Segundo Sinal: agrupamento dos planetas Júpiter, Saturno e Marte, que se registrou em fevereiro do ano seguinte, 6 a.C., igualmente em Peixes (até aí, palmas para Kepler).

•Terceiro Sinal: conjugação de Júpiter e da Lua, que se realizou em fevereiro de 5 a.C., na mesma Constelação (não se esqueça que, segundo o que foi discutido até então, Jesus teria nascido em setembro de 5 a.C.).

•Quarto Sinal: aí vem a diferença fundamental com Kepler, pois Ridger afirma o aparecimento de uma Supernova, mas não tão espetacular que

pudesse despertar interesse na Judeia, onde aparentemente esse tipo de conhecimento não era chegado. Portanto, simplesmente passou despercebido. Mas para os Magos Orientais, aquele evento seria complementar dos outros três, e teriam se colocado a caminho para a Judeia. Chegando a Jerusalém, pelo movimento natural dos Céus, a Nova que teriam visto a Oeste durante a madrugada apareceria agora a Sul, indicando o caminho para Belém.

A Teoria é bastante interessante, mas não esclarece a linha de raciocínio que eles usaram, porque o aparecimento da Nova teria apontado caminho para a Judeia, ou porque teria relação com os eventos anteriores observados na Constelação de Peixes. Nem nos dá qualquer dica de por que aqueles fenômenos indicavam o "nascimento do Messias, do Rei dos Judeus". Pois segundo Mt 2: 1-2, os Magos do Oriente chegaram a Jerusalém perguntando onde estava o "Rei dos Judeus, pois viram a Sua Estrela no Oriente e vieram adorá- lo".

Claro está que o conhecimento que eles tinham sobre o Mapeamento Espiritual que se podia observar nos Céus está além da compreensão da Ciência!

–Michael Molnar: Astrônomo Norte-americano, teve sua obra publicada pela Rutgers University Press, e apresentou um argumento bombástico contra a teoria de Ridger ao afirmar que segundo dezenas de estudos e autores da Antiguidade, inclusive o renomado Ptolomeu, o signo da Judeia não era Peixes, e, sim, Carneiro. Sua própria explicação da Estrela de Belém é inovadora e baseou-se em leituras das edições mais antigas do Evangelho de Mateus, escritas em Grego.

•Júpiter teve conjugação com a Lua em 17/ 04/ 6 a.C. Mas essa conjugação não seria visível a olho nu pois aconteceu perto do Sol. Apenas Astrônomos e Astrólogos poderiam tê-la calculado.
•Então, o texto de Mateus poderia ser traduzido de uma forma bem mais simples: Júpiter nasce a Oriente do Sol, seguindo movimento de Leste para Oeste no Céu (movimento chamado retrógrado), e depois estaciona. Isto teria acontecido em 19/ 12/ 6 a.C., oito meses depois do conjugação, o que cairia em junho/julho de 5 a.C. pelo Calendário Judaico. Depois recomeçou o movimento habitual dos planetas, ou seja, de Oeste para Leste.

Dado que não sabemos quanto tempo é possível que Júpiter tenha permanecido estacionado, a verdade é que bem poderia ter ficado até setembro de 5 a.C., data do nascimento de Jesus.

Resta saber se tal fenômeno seria incomum o suficiente para que os Magos o associassem ao nascimento de um Rei. Mas a verdade é que, para eles, não havia

a menor sombra de dúvida, uma vez que vieram muito bem provisionados, a julgar pelos presentes caros que foram dados àquela família tão simples. O que estava escrito nos Céus, fosse lá como fosse que tenham lido e chegado às suas conclusões, era de tal maneira forte e tão absolutamente significativa que a aparência das circunstâncias em nada mudaram as convicções dos Magos!

Talvez... veja bem... *somente talvez,* em suma, possamos acreditar que a explicação para a estrela de Belém não esteja exatamente no fenômeno celeste *em si,* mas no simbolismo e na interpretação que pode ser dada a ele, ou eles, de acordo com conhecimentos que vão além da nossa compreensão humana.

Falta ainda uma explicação sobre o fenômeno que aconteceu sinalizando o nascimento de Jesus: a que é dada pelos Satanistas.

5) O que diz a Irmandade

Eles sabiam que o Messias ia aparecer depois do seu Precursor. Sabiam pelas Escrituras (eles dão mais crédito à Bíblia do que nós). E sabiam que estava próximo o tempo deste Precursor nascer por causa da Chave de Tempo. Embora não pudessem saber que *João* era o Precursor, a Chave de Tempo e as evidências astrológicas, astronômicas, numerológicas apontaram o nascimento dele. Mas aparentemente, João não foi descoberto antes do início do Ministério. Mas a Chave também deve ter indicado que em seis meses alguma outra coisas estava para acontecer... havia prenúncios nos Céus... e também na Terra, na Sociedade Romana, que o Messias estava para chegar... o Reino das Trevas observava os indícios. Era chegada a Plenitude dos tempos!

Observe o exemplo: imagine sua entrada num salão vazio; aquilo não diz nada. Está vazio, não revela nada sobre o que poderá acontecer ali. Mas se você observar que o salão está sendo limpo, adornado com flores, fitas, está sendo enfeitado... é também erguido um palco, cadeiras e mesas são colocadas à volta... a dedução torna-se óbvia: vai haver uma festa!

É isso. Eles sabiam, por várias razões, que estava chegando o tempo do Messias vir. É o salão sendo adornado para a Festa!

No caso de João, houve certamente sinalização de alguém que teria o Selo, mas no caso de Jesus, eles descrevem o fenômeno celestial de uma maneira um pouco diversa, pois detêm alguns conhecimentos que, para a Ciência Moderna, ainda são um pouco “conceituais”. Quer dizer, podemos provar matematicamente a existência de certos fenômenos, mas não necessariamente garantir que eles existam de fato.

Enfim: no nascimento de Jesus aconteceu algo ímpar, porque a Ele seria dado *muito* Poder. Então eles creem que houve uma abertura de um “Portal Dimensional”; e isso foi tão forte, tão intenso, que promoveu algo como um

rasgo no Espaço-Tempo, dando a impressão no Céu daquilo que os Astrônomos chamariam de “Buraco Branco”. Isto é, durante um tempo esta “Janela Dimensional” ficou aberta e foi possível vislumbrar a Energia de uma outra dimensão, um “outro Universo”, digamos assim. Entendo que este tipo de conceito é muito novo e completamente intangível para muitos, totalmente não digno de crédito para a maioria.

Mas não é um absurdo, e podemos entender. Na prática, o que aconteceu realmente foi uma enorme estrela de grande brilho, algo que poderia de fato ser comparável à Supernova que foi comentada anteriormente. Mas vamos entender o que é o Buraco Branco, porque hipoteticamente ele seria como um “Túnel” que pode ligar duas regiões do Espaço absolutamente distantes uma da outra, instantaneamente. Por isso os Satanistas falam em “Rasgo no Espaço-tempo”.

Entenda melhor... Para chegarmos ao buraco Branco precisamos entender como morrem as Estrelas.

•**Estrela**: grande corpo celeste composto de gases quentes, sobretudo Hidrogênio e Hélio, com quantidades variáveis de elementos mais pesados, que emite radiação eletromagnética, em especial a Luz, como resultado das reações que ocorrem no seu interior. A Energia produzida pela Estrela é responsável pelo seu brilho, visto a centenas, milhares de anos-luz de distância, sendo esta Energia resultante da fusão dos núcleos de Hidrogênio para formar núcleos de Hélio. Esse processo (fase de sequência principal de uma Estrela), quando ocorre numa Estrela de tamanho médio, por exemplo, dura 10 bilhões de anos (calcula-se que o nosso Sol tenha 5 bilhões de anos).

•**Processo de morte da Estrela**: o processo de morte de uma Estrela depende do seu tamanho.

1) Estrelas do tamanho do Sol (ou seja, não muito grandes): terminam sua vida pacificamente, isto é, quando o “combustível” termina a região central se contrai, e ela joga ao espaço as camadas externas formando as Nebulosas Planetárias. No seu interior fica uma estrela de pouca luminosidade chamada Anã Branca. Ela fica com o tamanho da Terra, mas a densidade do Sol. Isto quer dizer que ela é muito pequena e muito densa: uma tonelada por centímetro cúbico! Suas temperaturas são elevadíssimas, a mais fria delas tem 3500º Kelvin.

2) Quando a Estrela que morre é maior do que o Sol: depois de converter todo o seu Hidrogênio em Hélio, segue queimando os elementos restantes, mais pesados (Carbono, Oxigênio, Neônio, Magnésio, Silício e, finalmente, Ferro). O núcleo do Ferro é o mais estável da natureza de modo que não há mais como continuar produzindo energia a partir dele. A produção de Energia da Estrela

para abruptamente quando se formam os núcleos de Ferro. Então, a estrela sofre um colapso. Contrai-se aumentando de maneira indescritível a densidade do centro, as camadas externas da Estrela que “caem” para o seu interior ricocheteiam devido à grande resistência do centro nuclear. Desta maneira, ocorre uma enorme explosão que destrói a Estrela violentamente e libera todo o seu material num show de brilho que pode ser até 10 bilhões de vezes maior do que o Sol, como já dissemos. Estas são as Supernovas. O núcleo da Estrela que sobra depois da explosão se transforma geralmente em:

–uma Anã Branca, se a massa for até pouco maior do que a do Sol;

–uma Estrela de Nêutrons: se a massa for maior que 1.4 massas solares; nesse caso, a matéria restante se comprime ainda mais do que em uma Anã Branca. Então, os elétrons dos seus átomos se colidem com os prótons formando nêutrons, pois estão muito comprimidos. Quando seu tamanho se reduz ao redor de 10 Km de diâmetro, com bilhões de toneladas por centímetro cúbico, a Estrela de Nêutrons aumenta violentamente a quantidade de giros, o que faz com que emita periodicamente sinais de rádio, os Pulsares;

–um Buraco Negro: a Estrela de Nêutrons vai de 1.4 até 3 massas solares. Se ela possuir mais de 3 massas solares, a Gravidade gerada pelo núcleo da Estrela não pode ser contrabalanceada de modo nenhum... Sua densidade passa a crescer indefinidamente... Não há mais como comprimir a matéria... Os Buracos Negros são possíveis pontos finais definitivos na Evolução de morte de uma Estrela. Enquanto as Estrelas são fontes Energéticas do Universo, o Buraco Negro faz o papel exatamente inverso. São como redemoinhos Energéticos uma vez que suas forças de atração gravitacional são incomensuráveis.

O Buraco Negro é resultado da perda do equilíbrio no núcleo das Estrelas, quando a massa é grande demais para o volume, e uma grande compressão gravitacional é gerada resultando no esmagamento da matéria desses corpos celestes. O grande desafio para a Ciência resume-se em explicar como pode haver um total “desaparecimento” da matéria atraída para o Buraco Negro. Eles têm a maior atração gravitacional dentre todos os corpos celestes encontrados no Universo. Inclusive, podem atrair e desviar os raios de luz. Seu Poder de atração é tal que os feixes luminosos incididos nas suas proximidades são obrigados a propagar-se de maneira curvilínea. Portanto, como sabemos que os raios luminosos se propagam em linha reta, é interessantíssimo notar que os Buracos Negros, no final das contas, são responsáveis pela “quebra” de uma das Leis da Física que regem nosso Universo. Diante disso, quantas mais alterações podem

estar contidas nesses corpos celestes que a nossa Ciência não explica e nem consegue entender, por que não parecem fazer parte do “mundo que conhecemos”?

Finalizando, sabemos então que nenhuma matéria ou Energia, nem mesmo a luz, consegue escapar dele; tudo é sugado e “desaparece”. O primeiro Buraco Negro foi descoberto em 1972 – Cygnus X-1 – a cerca de 6000 anos-luz da Terra, na Constelação de Cisne, mas hoje sabemos que cerca de 10 deles já foram identificados.

Vamos concluir nossa linha de pensamento e estudar o último tema desta série “estelar” para chegarmos onde queremos chegar.

•Os Buracos Brancos

São Corpos Celestes que podem ser previstos a partir da Relatividade Geral, mas a Ciência só pode comprová-los dessa maneira. Eles existem na Teoria. Seriam uma “extensão” de um Buraco Negro porque, afinal, para onde vai tudo o que é “sugado” para dentro dele? Dentro do Buraco Negro existiria um “*Wormhole*”, um espécie de Túnel que liga duas regiões do Espaço, de modo que entrando pela boca do Buraco Negro se sairia instantaneamente “do outro lado”. Que outro lado é esse não sei... Vai além da nossa compreensão... mas assim como o Buraco Negro só pode “sugar” tudo, o Branco só pode “cuspir” tudo. Ele seria um farol brilhante e uma fonte aparentemente infinita de matéria e Energia provenientes de outro ponto do Universo. O Buraco Branco é a versão “Tempo Invertida” do Buraco Negro.

Muito foi explorado nas ficções científicas a possibilidade de viagens interestelares rápidas. Imagine lançar-se dentro de um Buraco Negro e praticamente imediatamente encontrar-se em outra região do Universo, saindo por um Buraco Branco? Poderíamos pressupor também um outro Tempo... A passagem entre um e outro possibilitaria a união de dois Espaços-Tempo completamente diferentes! A maneira de demonstrar isso matematicamente varia, podendo-se usar equações de Einstein ou de outros estudiosos. A Teoria que aceita e define os *Wormholes* admite ser possível ligar dois Universos diferentes ou regiões diferentes do mesmo Universo.

Compreenda que nossa explicação é bastante tosca, pois seria impossível descortinar a profundidade deste tipo de conhecimento.

Note que genial: em 1986 foi descoberta uma solução das Equações de Campo de Einstein que descreve um *Wormhole* “transitável”, isto é, em que se poderia passar sem ser destruído pelas forças ali existentes. Os detalhes me são incompreensíveis. Eu teria que conhecer muita Física e muita Astronomia! Mas segundo essa Teoria, a viagem de ida e volta seria possível e as forças a que os

viajantes seriam submetidos seria pequena. Isso vai de encontro a outras teorias prévias que demonstravam que as forças a que seria submetido o “viajante interestelar” (forças de maré nas vizinhanças do Buraco) o esmagariam completamente. Seria submetido a acelerações indescritíveis! E mesmo que a viagem fosse possível, não haveria volta, uma vez que o Buraco Branco não permite a entrada, apenas a saída. Contudo, segundo a teoria mais recente, esses seriam problemas contornáveis.

Mas o que interessa para nós realmente é saber que a Ciência já demonstrou, pelo menos teoricamente, a existência deste tipo de fenômeno que a Irmandade admite como verdadeiro e absolutamente normal! Esse é o principal exemplo usado para explicar o fenômeno da abertura de um Portal, para comunicação com as Entidades. Claro que não se faz uso de nenhum Buraco Negro para isso, mas o fenômeno de passagem para dimensões paralelas é explicado *como se fosse* o que acontece com os Buracos Negros e Brancos!

Anos atrás assistimos a uma palestra de um Preletor Norte- americano, na qual era descrito um Ritual de certa Tribo da América Central, para crianças que deveriam tornar-se sacerdotes. Ele assistiu, ao vivo e a cores, como peles costuradas de animais eram tingidas com unguento e nelas se punha fogo. As crianças eram atiradas ali, pois, segundo eles, estava aberto um Portal. As crianças desapareciam, e depois de alguns minutos voltavam... mas sempre alguma delas se perdia, nunca mais sendo encontrada. Era como se elas fossem batizadas por uma Entidade do outro lado daquele Portal.

Nem me peça para explicar, mas minha gata também atravessou um Portal, por isso sei que tudo o que foi dito até então tem fundamento.

Em relação ao nascimento de Jesus, a Irmandade não definiu o fenômeno astronomicamente, pois não há definição, uma vez que não ocorreu um fenômeno astronômico... mas um fenômeno espiritual tão intenso que pôde ser visto no mundo natural. Algo que os Cientistas chamariam de Buraco Branco, embora nunca ninguém tenha visto um. Foi um vislumbre de uma outra Dimensão, uma explosão de Energia Luminosa, e só aconteceu porque Deus fez acontecer, porque era preciso que os Céus anunciassem a Glória do Messias que chegava!

Da mesma maneira, quando Jesus morreu os Cientistas também tentaram explicar o que teriam sido aquelas “Trevas que cobriram a Terra por três horas”. Um Eclipse? Este, no entanto, nunca foi encontrado. Novamente: foi um fenômeno Espiritual, a aproximação do Inferno em peso ao redor da cruz e a ausência das legiões de anjos.

C) O Panorama do tempo em que Jesus viveu

Isso determinou a maneira como ele foi criado e como Deus o preparou para cumprir a Missão a que era destinado. Apesar do fulgor da Estrela de Belém, da Chave de tempo, dos cálculos Numerológicos, do nascimento do Precursor, das profecias... Jesus não foi morto quando bebê e nem encontrado, exatamente como foi com João. Isso somente aconteceu depois do seu batismo.

–Condições Políticas em Roma

a) Morte de Herodes, o Grande, e divisão do território por ele governado entre seus filhos (Judeia, Samaria e Galileia).

b) Herodes Antipas recebeu a Galileia e a Pereia.

c) Judeia e Samaria passam a ser governadas por Procuradores Romanos a partir do décimo ano do reinado de Herodes Antipas, quando seu irmão Arquelau foi deposto por Augusto César.

d) Domínio de Pôncio Pilatos: como Governador da Judeia. Esteve à frente da Província de 26 a 36 d.C.

Os Romanos procuravam dar à Nação de Israel a maior autonomia possível. Isso é evidenciado pelo fato do Sinédrio (Corte Suprema Judaica) exercer jurisdição sobre grande número de casos. Os privilégios aos Judeus também eram marcantes no tocante à questão religiosa. Mesmo assim, os Judeus odiavam o governo Romano, quer direto, quer indireto, pois, sempre que necessário, eles mostravam quem era que realmente “mandava no pedaço”. A verdadeira e antiga liberdade não existia mais, é evidente.

Mas havia uma parcela do povo Judeu que não se importava com o domínio de Roma na Palestina. Quem eram eles???

a) Fariseus e Escribas.

b) Saduceus.

c) Herodianos.

Faziam parte da Aristocracia Judaica e para eles estava tudo muito bom. Os fariseus geralmente evitavam conflitos políticos, pois tinham bastante poder dentro do Templo, o que não era pouca coisa. Confusões com Roma não estavam dentro dos seus planos. Os Herodianos eram a favor das pretensões da família de Herodes ao trono da Judeia. A maior parte dos Saduceus também simpatizava com os Romanos.

É óbvio que qualquer um que tivesse a “pretensão” de ser o Messias daria muito pano pra manga e, sem sombra de dúvida, arrumaria terríveis complicações com essas poderosas classes Judaicas. Se despertasse o interesse do Povo a ponto de atrair a atenção de Roma e, pior, a represália do Imperador, as consequências seriam funestas para todos os Judeus. Quer dizer, o Ministério

de Jesus não poderia evitar influência e implicações políticas, uma vez que criou verdadeiro reboliço e exaltação no espírito público, o que veio a afetar as classes altas da Sociedade.

Condições Religiosas

Naturalmente, a Religião de Moisés foi profundamente afetada pelas condições políticas a que estava submetida Israel. As classes superiores da Sociedade Judaica já quase se tinham esquecido das antigas promessas e esperanças de seus antepassados. Não era para menos, pois já perdurava um silêncio Profético de cerca de 400 anos. Deus se havia esquecido de Seu povo?! Talvez...

Mas, afinal, não havia muito com que se preocupar! Para os mais abastados e bem colocados socialmente, isso não fazia muita diferença, uma vez que, em última análise, viviam muito bem em sua simbiose com o Império Romano.

Eram duas as seitas dominantes dentro do Judaísmo, já bastante defasadas do ensino puro de Moisés e dos Profetas:

a) Fariseus: punham a Religião em primeiro lugar, mas davam excessiva atenção às Tradições teológicas e sutilezas das Cerimônias, esquecendo-se da Palavra de Deus em si e do que ela realmente significava. O que tinha vindo de Moisés e dos Profetas tomou forma bem diferente nos seus ensinos.

b) Saduceus: rejeitavam as tradições farisáicas, estando mais interessados em negócios e privilégios políticos do que em religião. Paradoxalmente, eram eles que formavam parte da Aristocracia Social e deles provinham as famílias dos Príncipes Sacerdotes, que estavam saturados e contaminados pelo paganismo vigente no Império Romano. Claro que nada realmente bom podia vir desta classe tão afastada dos preceitos do Senhor.

Qual seria o problema deles com Jesus?

Os Fariseus opunham-se aos seus ensinamentos porque o que Jesus falava era totalmente espiritual, despido de formalismos, fazendo maior apelo ao que as Escrituras diziam do que aos “formatos” religiosos. Além do quê, percebiam que quase sempre eram colocados em cheque pelas pregações do Messias. Pior ainda... e se ele acabasse por promover uma insurreição do Povo?! Roma não toleraria isso. Deportaria os Judeus, destruiria o Templo e eles – Fariseus – perderiam seu poder e seu lugar de prestígio na Sociedade.

Os Saduceus tinham birra com Jesus porque seus triunfos no meio do Povo perturbavam o equilíbrio aparente da Sociedade Judaica e podiam vir a abalar as relações políticas existentes.

Em contrapartida, a grande massa do Povo ainda sonhava com um Reino, o Reino prometido pelo Senhor através de seus Profetas. O Reino do Messias! Mas

a realidade, nua e crua, é que eram poucos os que ainda conservavam o espírito da pura doutrina e a fé viva no Deus de Abraão, Isaque e Jacó (se não fosse assim, se estivessem prontos a receber o Messias de braços abertos, João teria sido dispensado da sua missão de levar o Povo ao arrependimento). Estes elementos que ainda criam em YHWH encontravam-se, na esmagadora maioria, nas classes humildes da Sociedade. Neles, obviamente, não se extinguira a sede e esperança de um Salvador. Por isso a pregação de João Batista foi tão importante no preparo do Povo para receber a mensagem que Jesus iria entregar. Muito distantes estavam eles do Deus verdadeiro, e necessitavam de arrependimento, retorno às raízes, apesar de continuarem um Povo religioso, que conhecia o Antigo Testamento e o ensinava às crianças na escola!

D) Detalhes da Vida e do Ministério de Jesus

Como já vimos, as circunstâncias do nascimento de Cristo condiziam com sua dignidade e estavam em acordo com as Profecias a seu respeito, inclusive as que falavam de sua humilde aparência sobre a Terra.

Aliás, esse é um curioso aspecto... Claro que entendemos porque Jesus apresentou-se de forma humilde para entregar a doutrina do Reino de Deus, mas também há um outro detalhe em que talvez você nunca tenha pensado: o Messias tinha que aparecer sem aparência do que era por causa dos inimigos de Deus, Satanás e seus seguidores. Estes, sem nenhuma sombra de dúvida, devem ter *rastreado a Terra*, inquietos, apavorados, à procura de Jesus, pois o seu nascimento foi sinalizado nos Céus... mas não o encontraram! Jesus foi identificado, *talvez*, aos doze anos... *talvez* tenham ficado "desconfiados" daquele adolescente inteligente e conhecedor das Escrituras. Mas como nada mais a Bíblia diz, sinal que o adolescente Jesus continuou crescendo em secreto.

A certeza definitiva e absoluta da identidade de Jesus como "O Cristo" só deve ter ocorrido realmente após seu Batismo, quando então Satanás aproxima-se como *perfeito conhecedor de sua Pessoa e sua Missão*: o que pisaria em sua cabeça e livraria o mundo do jugo da morte e do pecado! Muito antes de qualquer pessoa, muito antes dos Apóstolos, muito antes de sua própria família, Jesus foi perfeitamente identificado e reconhecido pelo Diabo, e isso tinha um *momento certo para acontecer.*

Nem antes, nem depois.... mas no *Kairós* de Deus!

É também particularmente interessante notar que o nascimento de Jesus, embora em local humilde, não passou sem notável aviso. Contudo, mais uma vez: essa informação não fez eco no grande mundo da época. O fato, embora registrado nos Céus e presenciado por diversos personagens, não "vazou" no Inferno, não deu na vista nem foi descoberto por nenhum dos Principados e

demônios poderosos que governavam aquela Nação, a mais grandiosa e importante do Mundo. Bem que eles procuraram, mandaram matar os meninos... mas o Senhor não permitiu que ele e seus pais fossem encontrados; somente os anjos podiam vê-los e, sem dúvida, guardá-los.

Quem soube do nascimento do Messias?

a) Os pastores que guardavam seus rebanhos nas campinas próximas de Belém, a quem uma milícia de anjos celestiais anunciou que era nascido o Salvador, o Cristo Senhor.

b) Os Magos do Oriente, que viram a estrela do Rei dos Judeus nos Céus.

c) No Templo, 40 dias após o nascimento, ao cumprirem o que preconizava a Lei, isto é, a consagração do menino e o ritual de purificação da mãe, o velho Simeão (a quem Deus havia prometido ver o Messias antes de morrer, Lc. 2: 25-35); a velha Profetisa Ana (que também por revelação do Espírito Santo falou de Jesus a todos como a "esperança de Israel", Lc. 2: 36-38).

É claro que somente o nosso Deus poderia encobrir do Reino das Trevas tal evento e impedir o acesso deles ao menino. Tanto eles não sabiam quem era ou onde estava Jesus, que foram levados à morte todas as crianças menores de 3 anos em Belém. Deram "tiro pra tudo quanto é lado", e Jesus escapou!

Isso seria totalmente desnecessário se Satanás tivesse conhecimento de que Jesus e seus pais estavam no Egito! É incrível notar como as hostes demoníacas foram cegadas, tanto as que atuavam em Roma... que não viram a saída de José e Maria com Jesus... como as que atuavam no Egito, que não puderam perceber a sua entrada. Isso prova que é possível de fato permanecer escondido, literalmente "invisível" no Reino Espiritual quando seguimos às risca as instruções de Deus e levamos uma vida condizente com a Palavra. José foi avisado por um anjo que deveria ir para o Egito, onde ficaram por alguns meses, até que a morte de Herodes, o Grande, foi anunciada pelo anjo e José recebeu novas instruções a fim de ir para Nazaré. O intuito de José era permanecer em Belém, porém isso não era seguro, pois Arquelau reinava na Judeia.

Em outras palavras: José e Maria obedeceram a Deus sem questionar, não fazendo sua vontade, mas a Dele, e isso lhes garantiu a segurança completa e perfeita. Talvez Maria não estivesse disposta a deixar a família depois de um parto tão recente e morar em terra estranha como no Egito. Era uma grande responsabilidade para José, como cabeça da família e homem humilde, ir para um lugar estranho, longe de tudo o que conhecia, e agora com um bebê recém-nascido!

A obediência absoluta e a fé dos pais permitiu que Jesus levasse uma infância tranquila e certamente feliz, como uma criança perfeitamente normal, que

cresceu saudavelmente, brincou com seus irmãos e amigos, foi à escola, era conhecido nas redondezas e pelos vizinhos. Nada havia de “estereótipo Divino” (tanto é que quando seu Ministério começou, diziam: “Não é este o filho do carpinteiro?).

Nada nos faz pensar que Jesus tenha levado uma vida reclusa ou diferente das demais crianças. O que já foi bem diferente de João Batista, que viveu nos desertos.

Qualquer sinal da sua Divindade que tenha se manifestado neste período não é relatada, ainda que seja quase certo que os pais e familiares mais próximos tenham presenciado “lampejos” dela à medida que Jesus crescia. Era importante que eles não se esquecessem de quem era aquele menino, e o Senhor deve ter providenciado isto! Mas foi algo a nível familiar, pessoal, particular... e os Evangelhos têm por objetivo relatar a vida pública de Jesus, e não sua vida íntima, a não ser naquilo que importa para provar sua identidade e favorecer que todos possam crer no relato Bíblico. Por exemplo: a julgar pela eloquência de Jesus aos 12 anos, verificamos que ele foi devidamente instruído e educado nos princípios da Palavra de Deus, o que revela que José e Maria zelavam por isso; embora de humilde classe, José era de alta linhagem e de elevado sentimento religioso, e o mesmo se dava com Maria, donzela da linhagem de Davi.

Quanto ao lugar onde Jesus cresceu, pode parecer totalmente inexpressivo, mas Deus é Deus, e por certo que escolheu o melhor lugar e cuidou com absoluto esmero da educação de Jesus, que não podia ser deficiente... interiorana... primitiva... tipo “Jeca Tatu”. Tudo que o nosso Deus faz tem sua razão de ser e nada é por acaso, ou a esmo. Nazaré foi escolhida cuidadosamente desde a Antiguidade para que, ao mesmo tempo em que mantinha o menino escondido, não lhe privava de saber o que acontecia no mundo em que vivia.

Ainda que um pouco oculta, Nazaré era uma cidade que estava à beira dos principais eventos do Mundo Judaico. Dali, a olho nu descortinavam-se muitos dos lugares associados a grandes eventos. É muito provável que Jesus acompanhasse com interesse os acontecimentos de sua Pátria ao invés de permanecer alheio a eles. Desse modo, desenvolveu-se a Humanidade Dele, sua adaptação ao Meio e seu preparo adequado para a obra futura, quando oferecer-se-ia ao seu Povo como Filho de Deus.

E então o tempo chegou!

Quando João Batista começou a percorrer o Vale do Jordão, Jesus sabia que se aproximava a sua hora. Ele estava pronto, completamente pronto para dar conta e levar a bom termo sua incumbência! Assim Deus procede com os seus escolhidos, os seus “Selados”: esconde... protege... treina.... ensina... até que chegue o tempo da Unção se manifestar! Jesus é, sim, um bom exemplo para nós

porque Ele mesmo se apresenta como “Filho do Homem” (e esse termo você já conhece e sabe o que significa – enfatiza a Humanidade de Jesus). Tudo o que realizou, o fez por intermédio do Espírito Santo, o mesmo que em nós habita. Portanto Jesus não é um exemplo intangível, muito pelo contrário, porque Ele mesmo prometeu que obras iguais e maiores do que as Dele faríamos nós, seus Eleitos e Selados! (ovelhas, não se sintam mal, desprezadas... Este estudo é um estudo para Líderes. Vocês têm toda importância dentro do Corpo, mas agora estamos nos referindo aos que exercem Ministérios *verdadeiros* perante o Senhor dos Exércitos).

O Ministério de Jesus teve algumas fases distintas, e vamos apenas “pincelar” os principais momentos para que você tenha uma visão perfeitamente clara do impacto da pregação e dos feitos do Messias naquele tempo e naquela região, segundo a vontade pré-estabelecida e profetizada do Senhor Altíssimo.

a) O Batismo: Jesus veio no meio das multidões para ser batizado, e João dá testemunho dele. O Ministério de João já tinha ido longe, como arauto e precursor do Messias. De todos os lugares o Povo acudia para ouvi-lo e quem cria na sua poderosa pregação incitando ao arrependimento, era batizado. No momento do Seu Batismo, estava plenamente consumada a soma e simbiose da natureza humana de nosso Senhor com o revestimento de Poder para exercer o Seu Ministério. Verdadeiramente Homem e verdadeiramente Deus, Ele provou isso durante o confronto com Satanás que logo se seguiu. Como já dissemos, Jesus estava pronto! Não podemos subestimar a força e a intensidade da tentação: a presença do próprio Satanás e do cerco de Principados e Potestades no Deserto não foi qualquer coisa. Era preciso destruir aquele Homem! A sutileza com que o Mundo lhe foi apresentado talvez parecesse muito mais atraente do que a vida de obediência a Deus e seu cruel desfecho. As meias verdades parecem tolas para nós, que estamos sentados confortavelmente em nossas casas. Mas enfrentar cara a cara o príncipe das Trevas não foi fácil. Jesus foi testado emocionalmente, mentalmente, fisicamente e espiritualmente naquele período, e foi vitorioso!!!

b) Jesus escolhe os primeiros discípulos (João, André, Pedro, Filipe e Natanael – Jo 1: 35-51). Com este pequeno grupo retorna à Galileia e realiza o primeiro milagre em Caná. Os discípulos vislumbram o primeiro lampejo de sua futura Glória. O Ministério do Messias começava, junto a um pequeno grupo de obscuros galileus.

c) A Purificação do Templo: nesse tempo Jesus morava em Cafarnaum com a família e já os 12 discípulos o acompanhavam. Era o momento de expor-se aos Judeus como sendo o Messias. Este momento oportuno deve ter sido durante

uma Festa da Páscoa, em Jerusalém. Em outras palavras, a purificação – do jeito que aconteceu – foi ato digno de um Profeta, e, mais ainda, Jesus fala em “Casa de Meu Pai”, colocando-se como alguém *além* de um Profeta. Deve ter soado estranhíssimo, mas era um chamado para a reforma da religião.

d) Ministério na Judeia: foi o Apóstolo João que nos relata o primeiro Ministério de Jesus na Judeia, em Jo 2:13 até capítulo 4:3. Depois desta Páscoa Jesus passou a pregar o arrependimento, como João já vinha fazendo. Os dois trabalharam em paralelo durante cerca de nove meses, até que os discípulos de Cristo se tornaram em maior número do que os de João, e o Ministério do Batista estava por terminar. Então, Jesus passou a trabalhar sozinho.

e) Volta à Galileia: neste trajeto passou por Samaria, e vivenciamos junto com Ele o episódio da mulher à beira do poço de Jacó (Jo 4: 4-42). Chegando à Galileia, a fama já o precedia. A Galileia foi o centro principal de suas atuações. E ficava longe do centro nevrálgico da Sociedade Judaica, longe de Jerusalém. Logo, João Batista foi preso e executado; tinha terminado a Missão do Precursor, da “Voz do que clama no Deserto”, que chamou o Povo ao arrependimento e reforma de seus costumes. Jesus passa a pregar o Reino de Deus na Galileia, anunciando os princípios da Nova Aliança e do Novo Tempo que era chegado. Este período durou cerca de 16 meses e ficou centralizado em Cafarnaum e arredores, pois Cafarnaum era o Centro Comercial da província, a população era predominantemente Judaica e estava cheia de autoridades eclesiásticas. Jesus tinha em vista estabelecer o caráter do Reino de Deus, contrapondo-o ao que se pregava e vivia atualmente. Por meio de suas obras maravilhosas e milagres, confirmava sua Identidade e Autoridade. O Homem Jesus manifestou seu caráter de Cristo, seu caráter Divino.

f) A princípio Jesus não fez alusão à sua morte, pois não era tempo desta Verdade ser compreendida. Ensinando os princípios da verdadeira Religião com a Autoridade de sua própria Pessoa, de tal modo maravilhou o Povo, que de todos os lugares vinha toda sorte de gente para vê-lo e ouvi-lo.

g) O Ministério na Galileia teve várias fases distintas, a saber:

1ª Fase: o Povo não compreendia as Verdades Espirituais. O cerne da mensagem de Jesus estava contido na leitura que Ele fez na Sinagoga do texto de Isaías 61. Mas somente um pequeno grupo de discípulos lhe era fiel, a despeito dos seus esforços. Certamente, a pregação de Jesus não era destituída de toda a ênfase, emotividade e empenho de alguém que deseja ardentemente ser crido. Ele não falava por falar... certamente falava com extrema Autoridade, mas, ao mesmo tempo, profunda paixão... pois conhecia o destino daquele Povo, caso O recusasse. Os milagres eram apelos para que cressem no Evangelho. Contudo,

embora servissem para despertar grande interesse na sua Pessoa, não foi suficiente para fazer a maioria entender o que Jesus queria dizer. Foi rejeitado em Nazaré. Neste período encaixam-se, por exemplo: a cura do endemoniado (Mc. 1: 23-27) ; a cura do leproso (Mc. 1: 40-45) ; a cura do paralítico (Mc. 2: 1-12); a pesca miraculosa (Lc. 5:1-12).

2ª Fase: o trabalho ganha um novo aspecto à medida que começa, obviamente, a incomodar os Fariseus. Quando era inquirido, Jesus fazia questão de deixar bem claras as diferenças entre o espírito do verdadeiro Reino de Deus contidos em seus ensinamentos e a religiosidade cheia de vícios dos doutores da Lei. Aparentemente, alguns conflitos são provocados de propósito. Numa visita a Jerusalém, Jesus cura um paralítico em dia de Sábado (Jo 5: 1-18), provocando a ira de Rabinos e Sacerdotes. O mesmo se dá com o episódio da colheita de espigas e a cura do homem da mão ressequida. Observa-se em Jesus, sempre, uma sensibilidade em dar o sentido real das doutrinas do Antigo Testamento ao mesmo tempo em que expressa sua Autoridade como Filho de Deus. Naturalmente, um *escândalo* digno de primeira folha de manchete!!

3ª Fase: o Povo Judeu mostrava um interesse crescente pela figura de Jesus, o que era muito perigoso para as autoridades religiosas. Por causa dos conflitos gerados, faz-se necessário que Jesus organize melhor os seus discípulos como um corpo, indivisível. Nomeia os futuros Doze Apóstolos. No famoso Sermão da Montanha, descreve o caráter e a vida dos verdadeiros membros do Reino de Deus. A Vida Espiritual verdadeira é a manifestação do Reino de Deus; falou sobre uma ligação genuína com o Pai, consagração ao seu serviço e cumprimento da Antiga Lei, ainda que se opondo ao formalismo e superficialidade com que era tratada pelos Fariseus. Neste Sermão, Jesus não ensinou o caminho da Salvação nem resumiu as doutrinas do seu Evangelho, mas atacou vigorosamente o Farisaísmo e a ignorância popular. Somente um Homem de grande coragem e ferrenha determinação e fé teria feito o que Jesus, praticamente sozinho, fez. Dentro do Império mais poderoso da face da Terra, ele levantou-se contra o sistema falido das autoridades de seu Povo, sem temer as consequências. Revestido, sim, pelo Espírito Santo, ainda assim Homem Ele era, sujeito às dores e frustrações de qualquer homem. Podemos, de boca cheia, dizer veementemente: “Que *tremendo* Homem era esse Jesus!”.

4ª Fase: é caracterizada por uma sucessão de viagens de Jesus e seus Apóstolos pela baixa Galileia, acompanhadas de milagres, com o intuito de estender sua influência pelo Reino. Continuou o crescimento do interesse do povo por Jesus e, consequentemente, a oposição cada vez mais acirrada das Classes Eclesiásticas, todas elas, e não somente os Fariseus. Um dos mais notáveis pontos desta história, neste momento, é o dia das Parábolas. Nisto,

Jesus era inteligentíssimo e imbatível. A Parábola, como Jesus mesmo explicou mais tarde, era uma maneira de trazer instrução às mentes receptivas e aos corações abertos, em quem o Espírito podia agir. Ao mesmo tempo, confundia seus inimigos e evitava o uso de expressões ou afirmações que servissem de arma nas suas mãos! Talvez, hoje, muitos dissessem a Jesus: “De que você tem medo? Fale abertamente!”. Sempre há o modo e o tempo certo para todas as coisas, e o homem sábio conhece isso. Jesus falava abertamente sobre os “sepulcros caiados”, a “raça de víboras”, os “hipócritas” quando confrontava os Fariseus e Escribas, mas havia momento de ser prudente! Então ele saía de cena.

Por fim, sobrevem uma crise no Ministério de Jesus na Galileia quando Herodes Antipas começa a indagar a respeito Dele. Isto era de grande gravidade, pois poderia originar sua prisão e morte, exatamente como aconteceu com João Batista. Está claro que o “Fuzuê” estava armado, e cada vez pior, com a interferência de muita gente poderosa. Nessa ocasião, Jesus se retira para um local mais afastado, com os Doze, mas é seguido pela multidão até o nordeste do Mar da Galileia. Compadecido de suas necessidades Jesus alimenta toda a Multidão com cinco pães e dois peixes. De tal maneira subiu o entusiasmo do Povo que o queriam arrebatar e fazer Rei. Quão longe estavam de compreender a verdadeira Missão do Messias...! Nesse tempo Jesus já dava a entender sobre sua morte e que somente pela sua morte poderia salvar o Mundo. No dia seguinte a esse milagre, proferiu o discurso sobre ser o Pão da Vida, e a necessidade que todos tinham de comer a sua carne e beber o seu sangue para terem Vida Eterna.

5ª Fase: devido aos conflitos na Galileia, Jesus foi com seus discípulos para Tiro e Sidônia. Foi a única vez em que Ele penetrou em território Gentio durante o seu Ministério, e ali permaneceu durante seis meses.

6ª Fase: acalmados os ânimos, Jesus voltou para Cafarnaum. Estava já próxima a sua hora. Era tempo de preparar-se para o sacrifício. E também aos seus discípulos. Este é um período marcado por este triste e comovente aspecto: preparar seus amigos para a sua partida. Falou-lhes sobre a extensão do Seu Reino, entre todos os Povos; falou sobre o que aconteceria quando voltasse e tudo o que se encontra no Sermão Profético; na raiz do Monte Hermom provocou a confissão de seus Apóstolos acerca da sua identidade – coisa que a maioria ainda não havia conseguido apreender – e falou claramente sobre sua ida a Jerusalém, quando seria entregue à morte para ressuscitar no terceiro dia. Pouco depois, deu-se a Transfiguração, presenciada por três dos Apóstolos. Jesus continua vez após vez a predizer a sua morte. Chegando outra vez a Cafarnaum, instruiu os Apóstolos sobre o serviço de Deus, sendo Ele mesmo exemplo permanente.

7ª Fase: embora seja impossível determinar uma cronologia exata das viagens de Jesus, algumas são características deste último período da vida do nosso Senhor. Agora, Ele procura atrair a atenção pública de todo o País, inclusive a Judeia, onde andou menos. Enviou 70 discípulos para anunciarem a sua vinda, precedendo-o nas cidades, efetuando curas e expulsando demônios. Visitou Jerusalém na Festa dos Tabernáculos (Jo 7) e na Festa da Dedicação (Jo 10:22), e em ambas as vezes mostrou-se ao Povo, chamando-se Luz do Mundo e o Bom Pastor do Rebanho Divino, disputando ferrenhamente com os doutores da Lei que se contrapunham à sua doutrina. Andou pela Judeia e pela Pereia, ensinando com muitas Parábolas (Samaritano, Banquete de Núpcias, Dracma perdida, Filho Pródigo, Servo infiel, Ovelha perdida, Viúva importuna, o Fariseu e o Publicano).

Estamos agora quase no princípio da Primavera de 29. Jesus sairá de Cafarnaum pela última vez, rumo a Jerusalém, para a Festa da Páscoa.

Assim, ao mesmo tempo em que a oposição dos seus inimigos se fazia cada vez mais violenta e feroz, algo de maior importância aconteceu: a ressurreição de Lázaro. Este foi um milagre estupendo que deixou a perder de vista todos quantos Ele já tinha feito antes. Aconteceu em Betânia, muito perto de Jerusalém, o que fez o fato repercutir, não só na Capital, mas também no Sinédrio, cujo presidente era o Pontífice Caifás. Reunido o Conselho dos Pontífices e dos Sacerdotes, desta vez realmente a coisa ficou feia. Decidiram que a única maneira de acabar com a influência “desastrosa” de Jesus era matando-o (Jo: 47-53). Claro que de maneira “disfarçada”.

8ª Fase: daí em diante Jesus se esconde, subtrai-se, anda pelo deserto com os Doze, decidido a não se entregar antes da Páscoa. Logo que chegou a época da Festa, Jesus veio vindo da Pereia (Mt. 19-20 ; Mc. 10 ; Lc. 18:15 até 19:28) junto com seus Apóstolos, que estavam contristados e desconfiados pela maneira como Jesus falava constantemente do que iria lhe acontecer quando estivesse em Jerusalém. A celebração da Páscoa exigia que os Judeus estivessem em “condições” de comê-la sem acarretar maldição sobre si. Era necessário passar pelo ritual de purificação e, dependendo deste, precisavam chegar a Jerusalém até uma semana antes da Celebração, pois estes rituais somente podiam ser realizados no Templo. Então, a cidade de Jerusalém ia progressivamente se enchendo dos Judeus que vinham de todas as partes de Israel, e dia a dia fervilhava mais.

Seis dias antes da Festa, Jesus chegou novamente a Betânia onde teve os pés ungidos com o perfume puríssimo de nardo pela irmã de Lázaro, Maria, fato este que silenciosamente lhe dava a honra merecida e anunciava a sua morte. Um

perfume de nardo puro equivalia a *um ano* de serviço! No dia seguinte aconteceu o célebre episódio da “Entrada triunfal de Jesus em Jerusalém”, quando o Povo colocou diante dele ramos, e o aclamava. Era um costume da época receber um General vitorioso com este “tapete” de ramos; ou seja, naquele momento Jesus foi recebido como um Rei. Entretanto, montado num burrinho, simbolizava a Pureza e Paz do Reino que tinha vindo instituir na Terra. Isso desvairou ainda mais o ódio dos Príncipes dos Sacerdotes, que não pretendiam perder mais tempo, ainda que não pudessem fazer nada a Jesus abertamente, com medo de desagradar ao Povo.

No caminho ainda para Jerusalém Jesus viu a Figueira sem frutos, símbolo da Igreja de Israel, tão pretenciosa, mas sem fruto algum; e foi amaldiçoada. No Templo, como havia feito três anos antes, expulsou os mercadores que profanavam os átrios. Novamente, um último convite à purificação da Nação de Israel. Os peregrinos que tinham vindo para a Festa o acompanhavam, plenos de entusiasmo. No dia seguinte Jesus entra no Templo e há intenso confronto, pois o Sinédrio tinha enviado uma delegação para saber com que autoridade fazia tudo aquilo (como quem diz: “Quem você pensa que é?”), além de tentar pegá-lo em alguma cilada, fazendo-lhe vários questionamentos e perguntas capciosas, com a intenção de acusá-lo para logo o prenderem. Com suas respostas reduziu ao silêncio um a um de seus inquisidores, além de confundi- los. Este foi um dia de grande conflito, quando Jesus, sem pudor algum, denunciou perante toda aquela gente a indignidade dos condutores religiosos de Israel.

Saindo do Templo, foi com pesar e coração apertado que Jesus contou aos seus Apóstolos o que aconteceria àquele lugar. O esplêndido lugar de Adoração a Deus seria destruído... Revelou a quatro discípulos que a cidade também seria destruída, que o Evangelho se espalharia pelo Mundo e os Cristãos sofreriam grandes perseguições e sofrimentos. A verdade é que talvez naquela noite tenha sido finalmente decretada a morte de Jesus, mas deveria acontecer depois da Festa... quando Jerusalém seria evacuada de seus forasteiros. Aliás, por sinal nem esperaram muito...

Na quinta-feira depois do sol posto deveria ser comida a ceia com o cordeiro pascal. Jesus escolheu um lugar escondido para não correr o risco de ser interrompido em seu último momento de íntima comunhão com seus Apóstolos e amigos. Por isso cremos que Judas não o delatou antes. Ele mesmo não sabia onde seria celebrada a Páscoa deles e teve que “fingir um pouco” antes de deixar a mesa e sair para trair seu Mestre. Sem provas reais contra Jesus, foi de bom grado que as autoridades religiosas aceitaram a proposta de Judas.

Apenas o Apóstolo João, tão querido de Jesus, deixa de lado o relato da Páscoa em si para dar ênfase àquilo que lhe parecia muito mais importante: a

tristeza de todos pela separação que se aproximava, ao mesmo tempo que enfatiza o discurso de Jesus, afirmando uma união indissolúvel entre eles e o Ministério do Consolador, que seria enviado quando Ele partisse. João também recorda a Oração Sacerdotal de Cristo e as declarações de amor e ternura. Creio que nenhum de nós pode realmente compreender o que significou esse último momento... Tudo iria mudar dali para frente e eles não compreendiam direito porque *tinha que ser assim*. A caminho para o Getsêmani Jesus declara que em breve eles seriam espalhados e retornariam para casa, mas deveriam esperá-lo na Galileia, quando ressuscitasse.

E) A Morte e a Ressurreição de Jesus

1) A agonia que Jesus experimentou no Getsêmani foi a última rendição à vontade de Deus, a aceitação do sacrifício por amor ao Pai, a negação completa da carne e da sua humanidade. No entanto, seu Destino já estava cumprido desde o momento em que Jesus disse a Judas: “O que tem a fazer, faze-o depressa”. Não foi a Judas, mas a Satanás que Ele se dirigiu, e da Sua boca veio a Palavra de liberação.

No jardim, Ele esteve sozinho. Os Apóstolos dormiram, de tristeza e, muito provavelmente, de opressão, pois o Inferno inteiro se achegava. Nenhum deles suportou o peso daquele momento. Jesus orou e chorou sozinho. Até mesmo a Voz do Pai, sempre presente, ausentou-se nesse momento. Pela primeira vez na vida Jesus sentia-se desesperado, separado do Pai, e com isso Ele não contava. Enfim, foi interrompido por Judas, acompanhado por soldados tirados da Tropa que guardava o Templo com a incumbência de prender uma pessoa sediciosa (Jo 18: 3, 12). Junto com eles vieram também as Guardas dos Levitas e servos do Sumo Sacerdote. Neste momento, os Apóstolos o abandonaram e fugiram.

2) Jesus foi levado pela escolta primeiro à casa de Anás, que era sogro de Caifás, o presidente do Sinédrio, e ali sofreu o primeiro interrogatório. É provável que ambos morassem no mesmo lugar porque a negação de Pedro deu-se no átrio do Palácio, enquanto acontecia o primeiro interrogatório e também quando se dava o segundo, em presença do Sinédrio. Foi por Jesus se negar a responder que o Sinédrio se reuniu às pressas. No entanto, não puderam colher provas de peso para acusá-lo de blasfêmia, crime que desejavam a todo custo evidenciar. O Sumo Sacerdote se viu obrigado a conjurá-lo para que dissesse ser Ele o Messias. Jesus respondeu da maneira mais explícita. A ira do tribunal foi ao auge e o declararam digno de morte pelo crime de blasfêmia.

Havia, porém, ainda um pequeno detalhe a interpor-se ao que queriam. Segundo a Lei, as decisões tomadas pelo Sinédrio só tinham efeito Jurídico se tomadas de dia! Mais essa, hein?! O desespero de acabar com a vida de Jesus era

tanto que bem cedo de manhã o tribunal reuniu-se de novo, observando as mesmas formalidades de antes (Lc. 22: 66-71).

3) Decidida a sorte de Jesus pelas autoridades Judaicas, mais um detalhe... a execução de penas contra delinquentes só podia ser feita depois da permissão do governador, Pôncio Pilatos! Esse era o ponto X da questão, inclusive extremamente conveniente nesses casos, pois evitaria que algum movimento popular viesse a prejudicar o julgamento uma vez que estava sendo feito por Roma! Pilatos ocupava o palácio de Herodes no Monte Sião, e era ainda muito cedo quando ele foi chamado para atender aos sacerdotes. Novamente repetimos: a ânsia era tanta que queriam que Pilatos assinasse a sentença de morte sem mesmo tomar conhecimento das causas, ao que ele se recusou (Jo 18: 29- 32). Ali a acusação já tinha tomado uma "outra cara", para convencer Roma das intenções "subversivas" de Jesus. Agora Ele era acusado de perverter a Nação, vedar o tributo a César e se fazer Rei (!).

4) Conhecemos a história, a afirmação de Pilatos e a resposta de Jesus. Ainda assim Pilatos o interroga em particular (Jo 18: 33-38), e não encontra culpa Nele. A partir de então, procurava inocentá-lo. O problema é que Pilatos foi fraco. Temia contrariar seus súditos, que insistentemente pediam a morte de Jesus pela crucificação. Não é difícil imaginar a quantidade absurda de demônios ali presentes, sedentas do sangue, incitando a multidão e aqueles que já tinham atuado nos torturadores de Jesus, alimentando sobremaneira a crueldade dos açoites, que foram muito mais do que 40, e das maldades físicas, emocionais e toda humilhação que Jesus sofreu. O relato Bíblico é seco – por razões óbvias – em relatar o sofrimento físico de Jesus. Mas sabemos que os Romanos não usavam chicotes comuns. Neles havia afiadas lâminas feitas de ossos, que arrancavam a carne e expunham músculos e órgãos internos... A coroa de espinhos não era uma simples coroa de espinhos, mas eles eram longos, grossos, capazes de perfurar o crânio. É absolutamente indescritível o sofrimento físico, a dor emocional e o peso espiritual disso tudo. Havia somente um homem capaz de suportar isso: Jesus. Pois para isso Ele nasceu, para isso Ele foi treinado. Mais ninguém poderia ocupar o seu lugar. Pilatos lançou mão de todo subterfúgio para tirar de si a responsabilidade e tentou mandá-lo a Herodes Antipas, uma vez que este era o governador da Galileia, mas estava em Jerusalém naquele momento. Só que Herodes se recusou a exercer jurisdição e Pilatos ficou entre a cruz e a caldeirinha. Querendo por toda sorte livrar-se, então Pilatos propôs a soltura de Jesus por ocasião da Páscoa, esperando que a popularidade Dele contasse a seu favor, mas a furiosa multidão preferiu Barrabás. Nada mais havia a ser feito. Quando Jesus foi trazido, após os açoites, completamente moído e desfigurado, Pilatos ainda disse que não achava nele crime algum. Porém, os Príncipes dos

Sacerdotes e os seus Oficiais, vendo-o, pediram para crucificá-lo pois “se tinha feito Filho de Deus”, pelo que Pilatos temeu ainda mais e tentou reverter a situação mais uma vez perguntando “Donde és Tu?”, ao que Jesus nada diz. Os Judeus gritavam de fora que se Pilatos o livrasse estaria indo contra César, não era amigo de César porque todo que se faz Rei contradiz a César (Jo 19: 1-12). Então, Pilatos condenou Jesus. Não era a execução de uma sentença, mas, sim, um assassinato Jurídico.

5) Que alegria para Satanás e todas as suas hostes demoníacas! O restante nós sabemos: Jesus desfaleceu sob o peso da cruz e foi pregado sem nenhum cuidado, nu, entre dois ladrões, à hora sexta (meio-dia). Para vermos como tudo foi tremendamente rápido, dada a precipitação dos Judeus... na madrugada Jesus foi preso e ao meio dia estava já semimorto na cruz. A causa da condenação foi colocada sobre sua cabeça em hebraico, grego e latim: Jesus Nazareno, Rei dos Judeus (Jo 19: 19). Houve Trevas sobre a Terra, pois todo o Inferno se acampou ali para ver o sangue sendo derramado. O corpo enfraquecido de Jesus não poderia suportar longa agonia, pelo que expirou na nona hora (três da tarde). José de Arimateia, discípulo oculto de Jesus, homem rico, membro do Sinédrio e que não havia consentido na morte de Jesus (Lc. 23: 51), pediu o corpo e sepultou-o num sepulcro aberto em rocha que ninguém havia usado ainda.

6) É interessante – e ao mesmo tempo muito triste notar – quão poucos ficaram ao lado de Cristo nos piores momentos de sua vida. No monte das Oliveiras nenhum vigiou com Ele, não houve nenhum ombro amigo, nenhum abraço... exceto o consolo do anjo. Ao pé da cruz, mais mulheres do que homens... Maria Madalena, a mãe de Jesus... Dos Apóstolos, tão somente João. Dignos de admiração são todos eles, pois que coisa terrível contemplar o estado e triste fim daquele que amavam. Nada é mencionado sobre o pai de Jesus, ou seus irmãos, ou os demais Apóstolos. Tomara nós sejamos tão fiéis quanto estes foram, quando a situação se tornar negra e ameaçadora!

7) Apesar de Jesus ter dito aos Apóstolos que o esperassem na Galileia, era tanta a tristeza e o desapontamento, as esperanças se haviam de tal maneira esmaecido, que ainda permaneciam em Jerusalém ao invés de ir ao ponto de encontro. Mas a Ressurreição aconteceu, como todos nós sabemos. Os Evangelhos não se preocupam em dar a notícia completa dos acontecimentos, muito menos colocá-los em ordem... As provas do fato existem no testemunho repetidas vezes, em diversas ocasiões, e envolvendo diversas pessoas. Encontra-se nos Evangelhos grande número de incidentes. Mas tudo começou com as mulheres que foram ao sepulcro no Domingo pela manhã para o sepultamento definitivo, que não podia ser feito no Sábado. Viram a pedra removida, encontraram o anjo que anunciou a ressurreição, não acharam o corpo, viram o

próprio Jesus e foram anunciar o fato aos Apóstolos e aos demais, que deviam seguir para a Galileia conforme combinado, e lá veriam o Mestre. Correndo ao sepulcro, Pedro e João constataram-no vazio. Seguem-se os relatos, inclusive a ocasião em que Jesus comeu diante dos discípulos, provando a *realidade física* da ressurreição, tudo isto ainda em Jerusalém.

8) Depois os discípulos foram para a Galileia, onde Jesus apareceu no Mar da Galileia e, sobre um monte, deu-lhes a "Grande Comissão" (Mt. 28: 16-20); pode ser que esta tenha sido a ocasião em que apareceram a 500 irmãos reunidos! Depois, vieram novamente a Jerusalém, e foram para Betânia, onde Jesus os abençoou e foi-se, numa nuvem que O ocultou de todos os olhos! Este período inteiro durou 40 dias. Era preciso que os Apóstolos em especial tivessem amplas, variadas e repetidas provas da ressurreição para que fossem capazes, depois de cumprido o Pentecostes, levar a cabo a incumbência de propagar o Evangelho, com conhecimento completo dos caracteres do Reino! As experiências vividas capacitaram os Apóstolos a pensar em Jesus como *Alguém vivo,* tão somente "ausente" fisicamente; ressurreto para a Nova Vida, mas mantendo a antiga natureza que aprenderam a conhecer e amar. Exaltado, à destra de Deus... mas, ainda assim, o *mesmo*! Era o Homem de Nazaré e o Cordeiro de Deus que tirou o pecado do Mundo! Jesus revelou progressivamente Sua Pessoa e Sua Obra, e as experiências finais, em somatória com o testemunho do Espírito Santo, fixaram, de uma vez por todas, a crença na Divindade de Cristo, o Messias.

AUTORIDADE ESPIRITUAL

"(...) O Senhor buscou para si um homem que lhe agrada(...)"
I Samuel 13:14

Neste último Módulo queremos analisar a vida de dois servos de Deus. Um Predestinado (Selado) e o outro Chamado (Eleito). São eles Moisés e Paulo. Ainda que todo Cristão venha a se beneficiar destes estudos – porque são Palavra de Deus, e esta é sempre útil, viva, eficaz, cortante, apta para facilitar o discernimento dos propósitos do coração, sem nunca voltar vazia – tudo que será dito é mais voltado para os Líderes. Quer sejam Selados, quer sejam Eleitos!

Os Estudos foram desenvolvidos de maneira diferente, pois são pessoas muito diferentes, com Destinos Espirituais muito diferentes, e que viveram em tempos muito diferentes. No Bloco "Moisés", menor que o Bloco "Paulo", salientamos em letras garrafais todas as características do Líder verdadeiro que evidenciamos na vida deste servo de Deus. Com "Paulo", tomamos uma direção um pouco diferente, pois ele já está imerso dentro do contexto da Igreja e fazendo parte da Era do Espírito Santo. Então, simplesmente contamos sobre sua vida e seu trabalho, e o relato fala por si.

MOISÉS

•ORIGENS E FUGA DO EGITO – O CARÁTER PRÉVIO DE MOISÉS

Origem: Moisés era da Tribo de Levi e foi escondido durante 3 meses para evitar ser alvo da chacina causada pelo decreto do Faraó. Desconhece-se quem teria sido esse Faraó, mas chegamos a um consenso em outro módulo do Estudo, de forma que temos bastante evidência para afirmar que tenha sido Ramsés I.

Moisés era o mais novo dos três filhos de um casal levita, Amram e Jocabed. Logo, tornou-se muito perigoso ocultá-lo, e fico a imaginar a dor e fé daquela mãe, colocando o filho nas águas do Nilo. Ela só fez isso porque cria que o Senhor poderia salvá-lo!

Achado por uma das filhas do Faraó no Nilo, e por intervenção de sua irmã mais velha, a criança poupada da morte é somente mais um dos exemplos claros da bondade e fidelidade de Deus. Acabou sendo criada pela mãe verdadeira até seus 2 ou 3 anos, período que vai até o desmame. Alguns acreditam que ela tenha permanecido um pouco mais, até 3 ou 4 anos; com isso, Moisés teve alguma oportunidade para aprender algo sobre as bases da fé em Deus e da cultura hebraica.

Quanto ao nome, naturalmente não foi a mãe verdadeira da criança que o escolheu. O nome “Moseh” é um particípio de um verbo que significa “Extrair”. Esse nome também pode ser entendido como uma forma do verbo egípcio “Msw”, ou seja “ser dado à luz”. Levando em conta que ele foi “extraído” do Nilo, e nisso “veio à luz”, é sugestiva a escolha pois, mais tarde, aquele menino seria o “Extraidor” do Povo opresso e cativo no Egito, que os “traria para a Luz”. Em Sua Onisciência, Deus já sabia de tudo isso, e até o nome do futuro Libertador de Israel não foi dado ao acaso.

Como dissemos, sua mãe pôde dar-lhe algumas bases doutrinárias, coisas que, como sabemos, às vezes as crianças nunca esquecem! E mesmo que Moisés esquecesse, parte disso ficou no inconsciente, e Deus certamente não o deixou à parte ou insensível ao sofrimento de seu Povo. É difícil saber se Moisés tinha consciência clara da sua origem ou não, mas a verdade é que me parece que a educação dada pela mãe ficou impregnada, de um jeito ou de outro. Quer ele soubesse ser um Hebreu de fato, quer tudo aquilo tenha ficado arquivado numa memória mais profunda, à qual ele não tinha acesso, a verdade é que “algo” foi mexido dentro dele quando viu a agressão de um dos escravos Hebreus por um Egípcio, uma espécie de “*start*” aconteceu! A reação foi violenta, de fúria, de ódio... e Moisés matou o Feitor Egípcio. Provavelmente, Moisés passeava vistoriando um dos numerosos canteiros de obras dos gigantescos Templos

construídos na época em que lá viveu. Eram necessários milhares de operários.

Mesmo assim, a reação parece um tanto “desproporcional” a alguém que foi criado dentro da alta hierarquia do Egito, conhecedor da Ciência e do Saber Egípcio.

Acho muito mais provável que Moisés desconhecesse sua origem, pois se a filha do Faraó o tomou para si, foi para criá-lo como Egípcio e não como Hebreu, é claro. Já que a ordem era matar os meninos hebreus, ainda que ela, como princesa real, talvez não estivesse sujeita a tais decretos, podendo até mesmo infringi-los, não acho que colocaria uma criança Hebreia debaixo do nariz do Faraó. Como cremos que o Faraó em questão foi Ramsés I, ele logo morreu (reinou apenas um ano), dando lugar ao seu filho Seth, irmão da princesa. Mesmo assim, pela cultura Egípcia, as crianças reais não ficavam “esbarrando” no Faraó. Nem mesmo os filhos do próprio Faraó tinham acesso ao pai, a não ser depois de certa idade, e o primogênito tinha supremacia. Creio que Moisés foi uma criança que até passou meio “despercebido” no Palácio, mesmo porque... era ele um dos “Selados” de Deus, e Deus tinha intenção de escondê-lo.

Mesmo assim, também era interesse de Deus que Moisés conhecesse profundamente a cultura daquele Povo que haveria de confrontar num longínquo futuro. Como filho da filha do Faraó, e depois como “sobrinho” do Faraó Seth, ele foi educado com o que havia de melhor. O Egito era a maior potência conhecida no Mundo, daquela época, portanto Moisés recebeu Educação Acadêmica, Militar e de Liderança, fatores primordiais na Missão que cumpriria no futuro!

Esta providência divina favoreceu Moisés no sentido de fazê-lo poderoso e culto, além de retirar-lhe a mente servil. É difícil saber ao certo que relacionamento teve Moisés com o futuro faraó, Ramsés II, aquele que seria confrontado pelas dez pragas, mas ao que parece – o que nos conta a História – era que talvez se conhecessem bem e fossem inclusive amigos, pela proximidade de idade e também pelo fato de Ramsés II não ser filho primogênito, uma peça um tanto ou quanto “descartável” no Palácio, exatamente como seria Moisés. Logicamente, isso não os isentou de estudos de primeira linha!

Já homem feito, aos 40 anos, após a morte do Egípcio, Moisés procurou apartar uma briga entre dois Judeus, e eles o ignoraram, não reconhecendo nele um Hebreu-óbvio –, mas um Egípcio. Responderam torto e mostraram que sabiam da morte do egípcio, o que não tardou a chegar aos ouvidos do Faraó, que procurou matá-lo (Ex. 2: 15). Aqui fica bem evidente o caráter prévio de Moisés, antes de iniciar-se o tratamento do Senhor em sua vida: ao que parece, com arrogância e violência ele resolvia suas causas. Seu comportamento devia ser de tal maneira presunçoso que aqueles Hebreus não hesitaram em responder-

lhe mal, no furor e quentura da discussão prévia que já havia entre eles. Podiam ter tido o mesmo destino que o egípcio, mas se rebelaram com a intromissão de Moisés. Ele devia ser uma pessoa arrogante, como todo aquele que tinha qualquer "sinal de realeza".

Contudo, a fuga para o deserto revela um Moisés que agiu sem pensar, e que preferiu esconder seus erros ao invés de enfrentá-los; foi uma atitude impulsiva, mas que denotava nele uma certa autossuficiência, de quem diz, lá no íntimo: "Vou me virar sozinho... não preciso deles. Aliás, *chega deles*! Já deu!". Certamente tinha chegado o tempo de Deus na vida de Moisés, mas ele não sabia disso. O Chamado ele já tinha, desde antes do nascimento. Creio que a atitude impensada, impulsiva e que o impeliu para o deserto era, sim, fruto de uma personalidade prévia, forte, autoritária (não baixarei a cabeça nem ao Faraó), formada dentro dos moldes do Egito.

Mas creio ser também fruto daquele "*start*", daquela coisa impossível de definir, como um grande "ponto de interrogação" na alma... O Egito não o havia preenchido. Aí estava a grande verdade que ele teimava em não admitir: a cultura, os deuses, a mordomia... seu lugar, por algum motivo desconhecido, não era ali! Não podia ser... Por que nenhuma daquelas lindas e sensuais mulheres não o atraíam? Quem não gostaria de estar ligada à família real? Moisés certamente foi muito assediado. Por que um homem de 40 anos ainda não tinha constituído família? Estava muito tarde, já, para os padrões da cultura Egípcia! Por quê? *Por que* aparentemente Moisés não conseguiu fixar raízes naquele lugar?...

É que no fundo do seu ser, o "Selo" de Deus queimava... Era preciso encontrar a si mesmo!

A verdade é que nada justifica a sua fuga. Foi sobrenatural.

O Faraó que reinava agora era Ramsés II, aparentemente um amigo de infância; quer dizer, não *mataria* Moisés... Talvez a história nem sequer tenha chegado direita aos seus ouvidos, ou, se chegou, talvez ele tenha mesmo se irado, mas... era algo de momento, com toda certeza, coisa do caráter do próprio Ramsés. Não há explicação humana para o fato. Moisés não era um qualquer dentro do Egito! Sua fuga foi feita com a roupa do corpo, ele não se despediu de ninguém, não voltou atrás para pegar nada... não há explicação, a não ser a Divina: era o *Kairós* de Deus na vida de Moisés! A Predestinação!

•CHAMADO E A UNÇÃO DE DEUS – O QUEBRANTAMENTO

No Deserto de Midiã, Deus começa a preparar o caráter de Moisés para a obra que desejava confiar-lhe. Lembram-se como foi com Davi? O chamado já existia, mas a unção precedeu o *treinamento* – e não a coroação! O mesmo se

deu com Moisés. Perdeu tudo! A opulência do Egito, o bom viver. Acabou indo para junto de um Sacerdote Midianita que servia ao Senhor, Jetro (os Midianitas talvez descendessem de Abraão por meio de uma de suas concubinas). Defendendo as filhas do Sacerdote contra um grupo de Pastores, perto de um poço, foi acolhido. Agora, casou-se logo, pois não é bom ao homem estar só! Muito diferente de como foi com José, cuja escolhida estava no Egito, o mesmo não se deu com Moisés. Aquele que poderia ter tido qualquer mulher que quisesse como esposa, casou-se com a filha de um Sacerdote Midianita.

O homem que tinha defendido, desarmado, as moças de um grupo de pastores (vários homens) revelava seus conhecimentos de combate aprendidos no Egito; mas, como sogro de Jetro, Moisés passou 40 anos como simples pastor de ovelhas. Era a segunda metade dos conhecimentos que ele deveria ter: conhecedor profundo do deserto, seus caminhos, suas fontes de água, aprendeu as muitas lições que seriam cruciais para governar o Povo de Israel mais tarde.

As mais importantes, logo de cara, são Humildade e Paciência. O cuidado com as ovelhas, ignorantes, indefesas e sem saber como cuidarem-se sozinhas lhe dava uma prévia do coração do Povo, embrutecido, que o aguardava. Além do mais, passou 40 anos conhecendo a fundo o deserto por onde peregrinaria mais tarde.

Mas mais importante do que tudo isso é que Deus preparava em Moisés um homem que teria um coração que creria Nele, e confiaria Nele inteiramente. Como Deus fez isso? Bem... taí algo que só Ele sabe! O verdadeiro crescimento e o verdadeiro transformar do coração de pedra em coração de carne, vivo, pulsante... é uma trajetória muitas vezes invisível aos olhos humanos. Acontece nos desertos, nas cavernas, na solidão do quarto e da vida, regada por lágrimas que ninguém viu.... mas Deus viu! E cada uma destas lágrimas foi regando, regando, regando as sementes que Deus tinha plantado no solo do coração.

O mover do Espírito, enquanto Moisés passava horas a fio no ermo, na solidão, no silêncio das vastidões do deserto, o processo foi acontecendo. A vida suntuosa da corte foi substituída, toda a autoconfiança se escoava gradativamente, o treinamento egípcio, enraizado em estratégias baseadas na inteligência e habilidades humanas, já não valia de nada ali.

Ficamos a imaginar a ânsia das respostas... quem seria aquele Deus dos Hebreus? Teria ele agora a consciência plena de ser um deles? É bem possível que o contato com Jetro e os outros o levassem a conhecer um pouco mais do *Ell Shaddai*, e isso tenha lhe despertado, do fundo da consciência, alguma coisa que sua mãe tenha lhe dito, ou sussurrado enquanto ele já estava quase a dormir, em oração... ou alguma canção... O “start” já não era tão somente um “start”... Era um processo em andamento. E, num dado momento, Moisés encontrou a si

mesmo... e encontrou o Deus de Seus Pais.

Ele estava pronto... Tudo o que tinha de ser feito no seu caráter, no seu espírito, na sua alma para que ele pudesse ser o instrumento de Deus para saciar o clamor de Seu Povo estava pronto! Ao deparar-se com a Sarça Ardente, Moisés já estava pronto para ir. Não foi a Sarça que o despertou. Aquele foi o sinal de que o tempo tinha chegado. Imagino que no mais profundo do ser de Moisés ele soubesse... Soubesse que o Egito não tinha acabado para ele. Que havia algo a ser feito lá. Ele sabia do sofrimento do Povo de *ver e sentir* esse sofrimento! Se Deus tinha mesmo uma Aliança com esse Povo, por que não fazia nada para salvá-lo, deixando-o definhar-se sozinho no Egito? Quantas vezes ele não se terá indagado isso? Quantas vezes não terá se sentido aliviado de ser um Hebreu e, mesmo assim, ter gozado da liberdade no Egito e, agora, também a tinha junto da esposa, dos filhos, do sogro, mesmo ali no deserto? Por que Deus não fazia nada pelo Seu Povo?!

Mas, falando a Moisés do meio da Sarça Ardente, Moisés encontrou resposta à sua pungente pergunta. E Deus encontrou um novo espírito naquele homem: e isso, como já sabemos, não se cria nem se faz do dia para a noite. Moisés aprendera lições totalmente opostas às que recebera no Egito. Agora ele se conhecia melhor como ser humano, sem os “aparatos” do Egito, e sabia que não era nada. Normalmente, o chamado específico de Deus *se concretiza* somente após o período de arrependimento, quebrantamento, humilhação, autoentrega e sacrifício dos ídolos. Depois de negarmo-nos a nós mesmos, aceitando a Cruz, e vencendo-a!

Deus, então, apresentou-se, finalmente, a Moisés, por meio da visão do Anjo do Senhor na Sarça. Chamou-o pelo nome. Disse-lhe que tirasse dos pés a sandália. Moisés reconheceu a Poderosa presença de Deus, pois escondeu seu rosto, temendo olhar. Ele tinha ouvido falar de Deus, sim, mas ainda não conhecia Deus! Porém, ali no Monte, ele teve um encontro com o Senhor do Impossível. Deus disse o Seu próprio Nome.... mas o que YHWH pedia era impossível de ser realizado! Mas era o Senhor, *sim*, era Ele sem dúvida!!! Ele tinha escutado os clamores de Israel, não era o Deus distante das Montanhas! Só esperava que Moisés estivesse apto a compreender aquela espantosa verdade sobre Deus e sobre ele mesmo!!!

Ainda assim, sendo a pessoa certa, tendo passado pelo processo de transformação de Deus, Moisés colocou vários tipos de empecilhos para recusar-se a ir ao Egito. Diante da visão, diante do ocorrido, diante do próprio Deus...

Aprenda isto também: quando conhecemos a verdade sobre nós e nos deparamos com tanta pequenez e insignificância, e o Senhor se coloca diante de nós e apresenta a Missão para a qual nos destinou... temos medo. Sim, isso

mesmo. Medo. Pavor. Nenhum Guerreiro vai à luta sorrindo e se vangloriando, alegrando-se com a Batalha, tocando sanfonas e cornetas como se fosse dia de festa. Isso é coisa dos tolos que não foram treinados! Que não se esvaziaram do orgulho.

Mas... Deus, o "EU SOU", já tinha começado a forjar nele o *verdadeiro caráter de Líder*. Não o Líder que ele tinha aprendido a ser no Egito, que impõe o seu querer pelo Poder maior que exerce, mas o *Líder humilde* que *ouve* a voz de Deus e a *obedece*. Custe o que custar. Ele era um simples Pastor de Ovelhas, mas era o Homem certo. Quem poderá julgar pelas aparências? Progressivamente, como nos mostra o relato Bíblico, Moisés vai começando a aprender que TERÁ QUE CONFIAR EM DEUS. Não há nenhum outro jeito, e nem escapatória! É tudo ou nada! Claro que Moisés tinha suas qualidades naturais: conhecia tanto o Egito quanto o deserto, mas agora era diferente: tinha recebido *a unção e a autoridade de Deus*! Ele desceu do Monte Horebe diferente de quando subiu. Nada mais seria igual na vida dele.

Aprendemos, então, que Liderança Espiritual é uma mistura das qualidades naturais potencializadas por dons e talentos espirituais. Assim como um Pianista não vai poder tornar-se um *Maître* de repente, aquele que é chamado para Levita ou Pastor não vai se tornar Profeta de repente. Até pode haver uma somatória de Unções, como aconteceu no decorrer da vida de Moisés, mas elas eram todas direções verdadeiras de Deus e tinham que existir por causa do momento específico que viviam. Muitas vezes um talento natural é usado de base, pois foi Deus quem plantou esses talentos em nós. Mas aprenda que jamais, *jamais* o talento natural será suficiente para qualquer Missão Espiritual. Pois é puramente humano, por favor, irmãos, entendam isso de vez para seu próprio bem. Pode convencer os Homens, mas não tem Poder Espiritual *nenhum*. Creia nisso! A Alma Humana pode produzir muita coisa, muita coisa que parece Espiritual. *Parece*. Mas não é, pois falta o principal. A Unção, que vem em decorrência de um Chamado específico e um Treinamento específico. Tudo isso leva a uma Autoridade específica. Em suma: sem um comissionamento do Alto, é tudo fogo estranho!

Mas... você perguntará... Moisés era uma Selado, um Predestinado. Aconteceria de qualquer jeito, não é? Sim, aconteceria, sim. E isso inclui que o treinamento aconteceria de qualquer jeito, sem sobra de dúvida! O Selo em hipótese alguma nos isenta do treinamento!!! De jeito nenhum! O Selado *precisa* do treinamento, precisa vencer a carne, precisa aprender a confiar cegamente em Deus sem questionar, precisa aprender a obedecer imediatamente e não relativizar, nem inventar nada à sua moda... só porque é Líder! do mesmo jeito que o Eleito precisa de tudo isso, o Selado também!

As línguas de Fogo que desceram sobre os Discípulos foram um Batismo de Fogo, um Batismo com o Espírito Santo, mas uma “Marca de Formatura” também, se assim o podemos dizer, pois tinham passado pelo treinamento junto com o próprio Jesus, estavam prontos para exercer o seu Chamado a partir de então. A partir daquele momento se transformaram em Apóstolos realmente. Já o eram por chamado e treinamento, mas a capacitação sobrenatural veio no Pentecostes. O Poder Espiritual não pode jamais ser gerado pelo homem, nem comprado, nem inventado!!! Enfiemos isso na cabeça e busquemos de fato o Poder Verdadeiro, porque é somente este que satisfaz a Deus e preenche o ser humano. Tanto você mesmo, quanto os que te ouvem, os que são alvo da sua Missão. Não é nada bom... aliás, a *pior coisa do mundo* é viver de aparências!

Como vemos, Jetro não se opôs à partida repentina de Moisés, como se já esperasse por aquilo, como se Deus já lhe tivesse comunicado tão tremenda Missão. Que homem deixaria a filha e os netos partirem “para a morte”, apenas dizendo: “Vai-te em paz”? Porque, vamos e venhamos – em termos humanos, era um verdadeiro suicídio!

Quanto a Moisés, o Senhor já lhe havia dado provas suficientes, sinais milagrosos do Poder que estava sobre ele. Quando questionamos muito em obedecer, às vezes podemos perder o melhor de Deus em nós. Moisés tanto questionou que Deus prometeu mandar Arão, seu irmão, ao encontro da família e Moisés falaria – a princípio – pela boca de Arão. Foi a vontade permissiva de Deus, não a perfeita.

No caminho para o Egito, Deus adiantou um pouco como seria a peleja, que o coração do Faraó seria endurecido. Esse foi o decreto de Deus para que o Egito pagasse por todo o mal que tinha feito a “Israel, Meu Primogênito”. Não se tratava tão somente de libertar o Povo, mas de fazer cair o Juízo sobre o Egito. Já sabemos quantos males tinham sido feitos nessa terra, e como Satanás seduziu, abriu Portais, ensinou Magia e oprimiu os filhos de Israel. Era momento de Juízo! Claro que Moisés não deve ter entendido bem o que Deus quis dizer com: “(...) Israel é meu Filho, meu Primogênito. Digo-te, pois, deixa ir meu filho, para que Me sirva; mas se recusares deixá-lo ir, eis que Eu matarei teu filho, teu primogênito” (Êx. 4: 22-23).

Tanto Moisés não entendeu bem a questão espiritual da Missão, nem entendeu a questão do que Deus dizia acerca dos primogênitos, que desobedeceu conscientemente ao Senhor e não circuncidou seu filho. Temos uma interessante e importante passagem a analisar antes de seguirmos adiante: “Estando Moisés no caminho, numa estalagem, encontrou-o o Senhor, e o quis matar. Então, Zipora tomou uma pedra aguda e cortou o prepúcio de seu filho, e lançou-o aos pés de Moisés e lhe disse: Sem dúvida tu és para mim esposo sanguinário.

Assim, o Senhor o deixou. Ela disse: esposo sanguinário por causa da circuncisão" (Êx. 4: 24-26).

Embora pareça uma passagem sem pé nem cabeça, é de fundamental importância e dela tiraremos pelo menos 3 princípios importantes. Moisés não obedeceu a Deus, porque certamente Ele lhe disse o que fazer. Embora a Bíblia não relate, quando "o Senhor quis matá-lo", a esposa bem soube o motivo, e ela mesma fez o trabalho. Trabalho "sujo", com o qual ela não concordava. Talvez tenha sido por influência dela que Moisés não circuncidou Gérson. Ele deve ter dito, e ela deve ter sido terminantemente contra, a julgar pelo que diz: "Esposo sanguinário".

Analisemos um pouco este texto:

1. Quando somos chamados, mesmo os que estão mais próximos de nós, como cônjuges, pais ou filhos, podem não entender. É duro o momento da escolha. Se escolhemos agradar a Deus ou aos que amamos. Foi uma dura decisão depois disso, pois não sabemos mais que fim deu a esposa de Moisés, mas certamente Deus dela não se agradou. O chamado pode trazer divisão no lar, e teremos que decidir se amaremos ao Pai, ou se amaremos mais às pessoas. Não é nada fácil. Moisés deve ter-se entristecido muitíssimo. Não somente pela atitude da esposa, mas por suas palavras de repulsa e escárnio.

2. Por causa do mau uso do livre-arbítrio (mais uma vez, o livre-arbítrio), o Senhor preferiria matar Moisés do que vê-lo perecer nas mãos do Diabo. Ele estava indo à Guerra sem a santidade requerida, sem o sinal do Pacto, sem a obediência plena. Veja só que coisa séria, a qual muitas vezes damos tão pouca importância! A circuncisão era sinal de consagração. Quando confrontasse os Principados do Egito, por causa desta brecha seria *massacrado*, e Deus não poderia fazer nada a favor de Moisés, pois fora escolha dele. Um pequeno detalhe... um detalhezinho... uma "*coisinha sem importância*" diante do *esforço maior de ir até lá*!!! Lembre-se sempre: é melhor obedecer do que sacrificar.

3. Os Guerreiros escolhidos para esse tipo de confronto, contra as Altas Hierarquias do Inferno, contra Espíritos Territoriais, *têm* que obedecer a Deus cegamente, quer entendam na hora, quer não; quer agem justo, quer não. Têm que obedecer e ponto final! Mais tarde, entenderão, sem dúvida, o por quê de tudo que Deus lhes exigir. Como já disse, é certo que Deus já tinha falado mais de uma vez, e houve um conflito familiar diante daquele "absurdo sem sentido", um conflito não resolvido. E Moisés partiu em desobediência. A santidade não estava completa. A consagração e anuência ao Concerto Divino não estava feita de forma integral. Ele morreria, a família morreria. Nesse caso, Deus preferia matá-lo, Ele mesmo, a ver sua morte com dor e sofrimento nas mãos do Inimigo

furioso. Nunca brinquem com as ordens de Deus! Zipora sabia qual o motivo do confronto com o Senhor, reconheceu-o e entendeu. Mas não concordou. A aliança deles foi trincada. Entre o casal, e entre Zipora e Deus.

4. Entretanto, mesmo com a aliança matrimonial trincada, agora Moisés poderia ir, pois o tratamento era com ele; o Libertador era ele. Naquele ato, cumpriu-se a obediência. Moisés não era Senhor do destino de sua esposa, e ela certamente colheria as consequências de suas decisões, mas isso não afetaria a missão de Moisés. Essa é uma dura lição a ser aprendida pelos casais. Zipora entendeu o que devia ser feito e teve chance de escolher, por diversas vezes, mas se recusou. Era o livre-arbítrio dela, contra o qual Moisés nada podia fazer. Diante disso, é preciso escolher fazer o que Deus quer. Cada um dará contas de si. Não obstante, você há de se questionar... mas não eram os dois uma só carne? Ela não estava indo junto? Como Deus permitiu que ela continuasse depois disso? Realmente, não sabemos se continuou. Há circunstâncias muito específicas em que Deus permitirá o rompimento do cordão que une homem e mulher. Certamente, ela e os filhos retornaram à casa de Jetro e Moisés continuou – exercendo sua fé, e não o desejo do seu coração – continuou adiante.

5. A vontade perfeita de Deus nunca é separar as famílias... mas cada um usa seu livre-arbítrio da forma que quer, cada um é responsável por seu próprio destino. Aquela mulher perdeu seu marido... e fez com que os filhos perdessem o pai, pelo menos momentaneamente. Só se reencontraram muito tempo depois, quando Jetro, ouvindo falar do que Deus tinha feito no Egito, veio ao seu encontro trazendo a mulher e os filhos. Será que foi tudo como antes? Não sei. A verdade é que Arão recebeu ordem de Deus para encontrar Moisés, e os dois seguem juntos.

•CONFLITO COM FARAÓ – AGORA A BATALHA É VERDADEIRA!
MAIS FORJAR DE DEUS NO CARÁTER DE MOISÉS.

Moisés aceita o desafio. Ele não enfrentara o Faraó 40 anos antes, mas agora volta para enfrentar algo bem maior. A coragem como Líder Espiritual começa a despontar, na prática, pois a proposta que ele leva consigo é das “mais indecentes”, digna de piada! Além de “aparecer do nada” diante do Faraó e do Povo, mas principalmente pela pedida: “Deixa ir o Meu Povo”.

Há coisas... princípios, formas de pensar, de ver a vida, de ver a Deus e a si mesmo, de entender as Escrituras que só a aceitação do Treinamento trazem até nós e nossa consciência. Não há outro jeito. Entretanto, uma vez “provados e aprovados”, há novas coisas... Os novos conhecimentos e o continuar do desenvolvimento espiritual vêm com o desempenhar da Missão, do cumprimento

do Destino Espiritual. As coisas novas não viriam sem o sucesso na etapa de treinamento.

Logo vêm os primeiros obstáculos da Batalha, obstáculos que só quem foi treinado e escolhido para estar ali têm condições de enfrentar e vencer: no caso de Moisés, sua aparição só causou mais tormento no trabalho e nas agruras dos Judeus. Muitas vezes, no meio da Batalha o barco balança, a tempestade ruge, a sequência dos eventos não é a que esperamos; tem-se a impressão de que vamos perecer! Nada à nossa volta colabora. Praticamente ninguém permanece ao nosso lado, ou pior ainda, voltam-se contra nós. A *única* esperança que nos sustenta é a Promessa do "EU SOU", impregnada no coração. Palavras de homens não trazem consolo ou direção, nada nos alenta... a não ser a Promessa. Nossos olhos já não contemplam o Mundo Físico à volta, mas olham para *o Alvo*, para o Caminho a seguir, mesmo cheio de obstáculos é por ali que iremos, pois sabemos que – apesar de TUDO – o Senhor vai adiante de nós. Isso se aprende do dia pra noite? Nem em sonhos! Quando a coisa aperta, aí é que vemos em que tipo de Deus nós cremos e que tipo de pessoas somos nós. Do tipo que põe os pés pelas mãos e faz tudo do seu jeito, pois Deus deve ter-se enganado em algo, senão não estaria tudo ruindo ao redor... ou do tipo que aguenta firme até o fim; e então, num dia, vê as trevas se dissipando, e o sol raiando, e a Promessa – enfim! – sendo conquistada!

A atitude de Faraó só comprova nossa tese. Embora Moisés soubesse que "o coração dele seria endurecido", talvez não imaginasse quanto. Realmente, não ia ser nada fácil, o que só fez evidenciar ainda mais que somente o Poder de Deus poderia livrar o Povo. Os Hebreus, apesar de mais desejosos de sair do Egito, culparam amargamente o que se lhes tinha sido dado como "Libertador", Moisés.

E quanto a ele? Temeroso como estava antes, ao pôr os pés na tão familiar terra do Egito, com seus Templos imensos, seus deuses em forma de estátuas impressionantes, o Palácio do Faraó. Que terá Moisés sentido? E ao contemplar a face do antigo amigo, Ramsés II? Talvez tudo que ele quisesse era ir logo *embora* dali, que Deus cumprisse de uma vez o que dissera, pois era tão penoso estar ali! Não que ele sentisse qualquer saudade do Egito, mas talvez tenha imaginado que Deus faria a obra num estalar de dedos. Não era saudade, mas, quem sabe, uma certa nostalgia? Moisés era humano, gente! OU, diante do quadro, uma tremendo pesar... tudo, em cada canto, havia recordações de uma outra vida, de um outro homem... e visitar o passado nem sempre é bom. Se foi um passado ruim e as lembranças não são boas... entende-se!

Mas se houve algo de bom nesse passado, ficamos divididos. Não sejamos "crentosos" demais! Moisés experimentou o que o Egito tinha de melhor, teve

amigos e companheiros. Claro que isso mexeu com o seu íntimo. E ver Ramsés... como vocês acham que ele foi levado tão facilmente à presença do Faraó, como se este fosse o quitandeiro da esquina e não a encarnação de um deus? Ver Ramsés... e não abraçá-lo?! Mas falar duramente e começar um duelo de forças? Ah, tenha certeza de que não foi nada, nada fácil. As emoções foram profundamente mexidas, e quando isso acontece, nem sempre é coisa simples permanecer com os olhos fitos no espiritual, no alvo.

Com a demora e o balançar do barco por ondas que só tinham a tendência a crescer, Moisés protestou, murmurou, reclamou perante o Senhor com incredulidade e desânimo. Ele não tinha recebido a estratégia completa do Êxodo, só o primeiro passo. Obedecer, realizando a primeira tarefa abre espaço para a revelação do novo passo. Muita gente por aí quer fazer as coisas ao seu modo. Não obedecem, mas esperam que o Senhor as guie e proteja... não cumprem nem o primeiro passo e reclamam que "está tudo muito demorado". Claro! Experimente dar o primeiro passo que Deus te ordenou, e veja como o segundo passo será mostrado. Se obedecido, virá o terceiro. Assim por diante. E quem experimenta isso não quer mais deixar de viver no centro da vontade de Deus!

Aprenda isso também! Basta a cada dia seu mal, devemos aprender a não estarmos ansiosos com nada. Deus normalmente revela um ou dois passos, não todo o percurso da nossa vida e da Batalha. Se assim fosse, para que Fé? É desta maneira que o nosso ser continua sendo trabalhado, lapidado. Moisés foi, cumpriu o primeiro passo que era ir até o Egito e dizer ao Povo de Israel que "EU SOU, YHWH, o tinha enviado para levá-los a uma Terra Prometida, pois tinha ouvido seu clamor". Deveria também dirigir-se ao Faraó como Embaixador desse Deus, que lhe ordenava: "Deixa ir Meu Povo!".

Fica claro o temor do coração de Moisés, como nem podia deixar de ser; precisou da ajuda de Arão, pois sua boca não conseguia abrir e certamente suas pernas bambeavam enquanto o coração pulava no peito. O Moisés que chegou ao Egito seria muito diferente do Moisés que sairia de lá. Mas, por enquanto, ele só parecia feliz enquanto tudo ia bem. Diante da aparente desgraça que acontecia (ainda antes de começarem as Pragas), Deus o reanima relembrando promessas (Êx. 6: 1-8), revelando a Moisés o significado pleno do Seu Nome (Êx. 6: 3), dizendo que "o constituiu como Deus sobre o Faraó, e Arão seria seu Profeta" (Êx. 7: 1). A partir daí, após este "início de Ministério", o coração de Líder e as qualidades essenciais deste começam a brotar em Moisés. Mesmo com medo, o incentivo de Deus o fez levantar-se e ir em frente.

O que vemos aqui?

–PERSEVERANÇA: ainda que ele discuta com o Senhor e novamente apresente empecilhos, enfatizando que “não sabe falar bem”, cede e volta a falar com Faraó. Foi somente quando Moisés e o Povo sentiram-se impotentes que Deus começou a manifestar-se por meio das pragas. Calcula-se que este período tenha durado pouco menos de um ano. A perseverança e determinação de Moisés são claras.
–SUBMISSÃO e OBEDIÊNCIA: durante este período, observamos estas características, que já tinha despontado, crescendo mais e mais. Chega um determinado momento em que Moisés para de “discutir” com o Senhor e passa à OBEDIÊNCIA IMEDIATA. Isto começa a ocorrer basicamente após o sinal com a vara de Arão, que se torna em serpente, e devora os bordões dos Magos Egípcios, que também se tinham transformado em serpentes (Êx. 7: 12).
–OUSADIA E CORAGEM: Moisés começa a apresentar cada vez mais. Deslanchou rapidamente. Na 2ª praga, ele mesmo fala com o Faraó e acrescenta o motivo verdadeiro pelo qual tudo aquilo vem ocorrendo: “Para que saibam que ninguém há como o Senhor nosso Deus” (Êx. 8: 10). É o início de uma *visão espiritual* propriamente dita que vem da profundidade do relacionamento mais íntimo e consequente conhecimento de Deus. Isso veio como manifestação direta do Poder de Deus através de Moisés. Sinal que, diante da aquiescência, perseverança, ousadia, submissão, coragem, determinação, obediência... Deus começou a agir. E, agindo... aumentou naturalmente a Fé de Moisés! Perceba que é uma espécie de “bola de neve”, em que uma coisa leva à outra.
–CONFIANÇA PLENA: em Êx. 8: 10 Moisés fala pela 1ª vez como o Faraó, perguntando-lhe – com certo tom de sarcasmo – quando deve pedir ao Senhor em favor do Faraó e de todos os Egípcios para que a praga se vá. Ao que o Faraó responde: “Amanhã”. Moisés concorda e diz que será feito segundo o pedido do Faraó. Estamos aí apenas na 2ª praga; na 4ª praga Moisés *afirma que ela cessará “amanhã*”. É uma certeza absoluta, não uma vaga esperança. Isso demonstra que Moisés estava apurando os ouvidos, discernindo melhor o que Deus dizia, e observando a cada passo que Ele honraria a Sua Palavra.
–FÉ: após isto, Deus começa realmente a usar Moisés, como era de seu intuito desde o princípio. É interessante notar que antes Deus se dirigia à Moisés falando: “Dize a Arão” que faça isto e aquilo. Mas agora, em decorrência da FÉ LAPIDADA de Moisés, pela 1ª vez na 7ª praga (Ex. 9:22-23) foi Moisés quem estendeu a vara. Na 8ª praga se dá o mesmo; na 9ª praga Moisés ergue as suas mãos. E não somente isso. Pela fé Moisés

aprende cada vez mais a argumentar com Faraó, apresentando o que antes não tinha:

–INICIATIVA e ELOQUÊNCIA: segundo a Palavra do Senhor.

Deus causou uma profunda impressão não somente nos egípcios e Povos distantes, mas principalmente em Moisés e nos Israelitas. Estes, mais do que ninguém, necessitavam conhecer a natureza de Deus. Foi, contudo, necessária a terrível praga da morte para que finalmente o Povo saísse do Egito.

O coração de Líder de Moisés recém-despontado encontraria agora, novamente no deserto, a verdadeira escola que terminaria o seu lapidar. A continuidade do trabalho obediente diante de Deus e diante do Povo aumentaria a patente de Moisés, faria-o amigo de Deus, e o único Profeta a vê-lo face a face. Seriam muitos os desafios ainda. Tudo estava apenas começando e o período no Egito, embora tenha sido um confronto real, também serviu como mais uma etapa do treinamento. Quando Moisés entrou no Egito, tinha uma Patente espiritual. Quando saiu – sua Patente já era outra!

Agora, o restante da travessia transformaria Moisés ainda mais; a ocupação da sua verdadeira posição e o cumprimento do seu Destino Espiritual ocorreria durante a peregrinação no deserto.

Ao sair do Egito, vemos agora um Moisés que já não é tímido nem excessivamente temeroso, mas um homem que conhece a VONTADE DE DEUS para si, CONHECE O TRABALHO para o qual está sendo chamado, CONHECE O DEUS QUE O CHAMOU e decididamente colocou-se como SERVO para ser usado e orientado para CUMPRIR O PROPÓSITO ATÉ O FIM.

Moisés sabia que o Povo Hebreu, como escravos recém-libertos, não estavam preparados para lutar nem para entrar na Terra Prometida. Inicia-se aqui algo especial.

–LIDERANÇA TEOCRÁTICA: Moisés foi capacitado por Deus para ser o “PROFESSOR” daquele Povo na “Escola do Deserto”, levando-os a conhecer o Senhor para serem transformados, a fim de que o objetivo final pudesse ser alcançado. Repare bem no termo “Liderança Teocrática”. E não “Homocêntrica”. Moisés não fez, em momento algum, o que lhe deu na veneta. Tipo: “Oba! Consegui! Agora está fácil”. De modo nenhum. Se era para virar à esquerda, assim Moisés o fazia; se era para virar, à direita, também assim ele obedecia. Esse é o espírito do verdadeiro Líder: “Liderança Teocrática”! Guarde isso muito bem no seu coração. Senão... como guiar o Povo para onde o Senhor quer????

•A TRAVESSIA DO MAR VERMELHO – UM NOVO MOISÉS

Na hora do aperto, o Povo esqueceu de tudo o que Deus já fizera, tirando-os do Egito.

Revoltaram-se contra Deus e contra Moisés. (Ex. 14:10- 14). Mas Moisés já não era o mesmo homem tímido e inseguro. Ele conhecia Deus e a Sua Vontade: foi ousado e corajoso ao dizer ao Povo: “Não temais, aquietai-vos, vede o livramento do Senhor que, hoje, vos fará; porque os Egípcios, que hoje vedes, nunca mais os tornareis a ver. O senhor pelejará por vós e vós vos calareis”. Mas talvez, no íntimo, apesar de já ter provado a Fidelidade do Senhor, ele foi tomado de pânico. A sós com o Senhor, seu pavor aparece, mas de uma maneira controlada, em forma de súplica e oração, e não reclamações como fez o Povo. Parece-me que assim foi, pois o Senhor lhe responde: “Por que clamas a mim? Dize aos filhos de Israel que marchem” (Êx. 14: 15).

O conflito durou toda a noite, pois o anjo que acompanhava o Povo passou para trás deles e também a Nuvem, de modo que escureceu os olhos dos Egípcios, mas clareou a noite dos Israelitas. Imagine só como batia o coração desse povo nessa noite. Será que alguém dormiu? Mesmo Moisés, sabendo que deveria levantar o bordão e dividir o Mar... mas... *dividir* o Mar?! Nunca se esqueça: ali estavam seres humanos como nós. Imagine-se nesta mesma situação. Não preciso dizer muito. Você sabe o que eles sentiram.

Madrugada. A Voz de Deus certamente ecoou no espírito de Moisés: “É hora!”. E ele se levantou, à vista do Povo, e obedeceu ao comando e à estratégia. As pragas agora pareciam fichinha perto disso, elas eram aparentemente controladas, conversadas... o Mar se mostrava como exatamente era: um Mar de impossibilidades, e o momento não dava pra conversar e nem esperar mais um minuto. Este episódio revelou em Moisés um coração que, apesar de continuar sendo lapidado pelos métodos de Deus, já sabia que *não morreriam*! Eram os olhos fitos na Promessa. Qualquer outro que não tivesse passado pelo treinamento e sido vitorioso no Egito por causa de todas as características já mencionadas antes, nunca poderia terminar vencedor nesse momento, nunca! Uma coisa levou à outra, e assim será conosco também. Perceba o que Moisés fez:

> –ORAÇÃO: ele orou para ENCONTRAR OS MÉTODOS E A ESTRATÉGIA ESPECÍFICA DE DEUS. Revela dependência total do Senhor, mesmo num momento em que as emoções estão fortemente abaladas por algo que ele não esperava que acontecesse, e a responsabilidade tinha aumentado milhares de vezes. Era só olhar para aquelas crianças, aqueles idosos, os homens e as mulheres de seu Povo. Ele tinha que fazer a coisa certa, não podia errar. Tinha que levá-los, em

segurança, ao seu destino: a Terra Prometida.

–Romper da manhã. Novamente Deus fala a Moisés sobre o que devia fazer. Moisés OBEDECE imediatamente. E as águas retomam sua força, acabando com os Egípcios. Glorioso momento este. Foi, talvez, a primeira vez que de fato Moisés recebeu a honra que lhe era devida, do seu Povo. Diz a Palavra que "o Povo temeu ao Senhor, e confiaram Nele, e em Moisés, seu SERVO" (Êx. 14: 31). O reconhecimento dos liderados da Liderança verdadeira de Moisés é um presente sem preço. Concorda? O verdadeiro Líder não precisa apregoar nada a ninguém. Suas ações falam por ele.

Então, Moisés, JUNTAMENTE com o Povo, pela 1ª vez (começa a existir um elo verdadeiro, uma EMPATIA MÚTUA) cantam ao Senhor agradecendo o livramento e profetizando a entrada em Canaã. (Ex. 15:1-20). A Profetisa Miriã, irmã de Arão, tomou um tamborim e ela e as mulheres saíram com danças e tamborins, continuando a canção. Foi um momento de muita alegria!

•AS PROVAÇÕES NO DESERTO – MAIS TREINAMENTO PARA MOISÉS; SEU PAPEL COMO LÍDER VERDADEIRO

As dificuldades da caminhada no Deserto são maiores do que podemos imaginar e toda a viagem deverá ter sido muito penosa. Era necessário que as provações os disciplinassem e adestrassem para conquistarem a Terra Prometida. Ainda não estavam em condições de enfrentar as hostes de Canaã, nem desenvolvidos espiritualmente para servirem ao Senhor uma vez que entrassem. O papel de Moisés nesse sentido foi fundamental; sem ele o Povo não chegaria a lugar algum.

Deus desejava que os Israelitas aprendessem a confiar inteiramente Nele, e isto tinha que começar em Moisés. Como isso aconteceu? Depois do respeito inicial que tiveram, não tanto pelas pragas, mas pela travessia do Mar... isso deveria continuar a acontecer, cada vez em maior escala. Claro que o respeito de um Líder é conquistado pelas atitudes que ele toma diante do seu Povo.

–Moisés verdadeiramente foi EXEMPLO. Nas principais provações relatadas (Mara, a fome, Horebe) o Povo revela a covardia, murmuração e rebeldia típicos do espírito escravo.

–Moisés OUVE e CLAMA AO SENHOR EM TUDO PARA RECEBER A DIREÇÃO. Faz empatia com o Povo, sempre incentivando-os ao ensinar as lições que deveriam aprender. O Povo vai aprendendo a "Teoria" na Prática → Exemplo: em Mara, ensinou-lhes que deveriam "ouvir atentos a voz de Deus, e fazer o que é reto, e dar ouvido aos mandamentos, e guardar os estatutos" e provou que a recompensa viria realmente na prática. Lá é

também revelada outra faceta do caráter de Deus: *Jeová Rafa* (Ex. 15:26).
–Com o Maná, Moisés ensina ao Povo como deveria proceder, sem avareza ou ganância, obediente às normas de recolhimento. Moisés pôde ensinar porque ele próprio aprendera que a provisão divina era diária. E obedecia.
–Em Refidim, por causa da água a contenda foi pior ainda e o Povo até falava em apedrejar Moisés. Ele se manteve firme, com TENACIDADE, e novamente obteve o livramento do Senhor (Ex. 17:2-7).
Enfim: Moisés cumpria cabalmente sua função de Líder em relação aos liderados:

•É EXEMPLO Ele aprendeu tudo isto (vide o que foi dito até agora) e pôde, então, ser usado como instrumento para modelar o Povo e levá-lo a Deus.
•É SERVO
•ENSINA → Dt. 28; Ex.18:20
•EXORTA → Dt.4:1-40; Ex.16:8; Ex.17:2; Dt.8:5-6 e 11-20
•DISCIPLINA → Lv. 10:3-7
•JULGA → Ex. 18:13
•PROMULGA JUÍZO → Ex. 32:25-28
•APRESENTA IRA SANTA → Ex. 16:18-20
•É AUTÊNTICO E ÍNTEGRO → Ex. 32:30-32
•INCENTIVA → Ex. 14:13-14
•LEVA O POVO AO AMOR A DEUS E À SUA VONTADE → Ex. 35:20-29; Ex.39:42-43
•É HUMILDE E SIMPLES → Moisés estava à frente do Povo, mas também estava *com* eles; não houve honrarias especiais, lugares especiais nem nada que o Povo passasse que Moisés também não passasse junto. Mesmo diante de severas murmurações ele manteve o coração de servo.

•A DIVISÃO DO TRABALHO COM OUTROS LÍDERES – O CERNE DA VERDADEIRA LIDERANÇA

–Guerra com Amaleque: Deus começa a mudar seus métodos para ensinar a Moisés e ao Povo que seu Líder não fará tudo sozinho, *sempre*. Israel deveria tomar parte em sua própria salvação e, com isso, Deus vai introduzindo o princípio de cooperação.
–Moisés também começa a aprender que Onipresença, Onipotência e Onisciência são atributos de Deus. Foi ele que teve que orientar e comissionar Josué como “General” da 1ª Batalha e ele próprio foi para o Monte com Arão e Hur (Josefo, nosso já conhecido Historiador Judeu apresenta Hur como marido de Miriã). Erguer o Bordão, como símbolo do Poder de Deus, já tinha nas pragas, na abertura do Mar e na ferida da rocha

em Horebe. Mas Moisés o fez sozinho. Desta vez, ele contou com dois auxiliares, pois não teria forças para manter o cajado erguido durante toda a batalha, um símbolo do Poder de Deus novamente, que faria com que o grupo que guerreava sob a liderança de Josué lutasse com maior valentia. Pela primeira vez Moisés soube o que era trabalhar com uma pequena equipe, em conjunto. Moisés viu que sua função espiritual no alto do Monte, assessorado por Arão e Hur, somando-se aos esforços de Josué à frente dos Israelitas, tornou eficaz a luta, e houve vitória.

–Nota-se que Moisés CONHECIA O GRUPO, pelo menos em parte, e sabia com quem contar e de que forma contar. Assim, INVESTIU NO POTENCIAL daqueles a quem confiou tarefas específicas e CONFIOU que estariam à altura do propósito de Deus. Líder centralizador e que boicota o potencial dos seus Liderados não é um bom Líder. Nenhum Guerreiro vencerá a batalha sozinho. Precisamos uns dos outros e o papel do Líder é encaminhar *bem* aqueles que Deus colocou em suas mãos, e não impedi-los de alcançar a plenitude!

–Moisés aprendeu ali, naquele momento, que não somente ele tinha sido Predestinado para algo. Havia muitos que o Senhor pretendia usar; aquele momento foi o primeiro de muitos outros em que as tarefas seriam divididas. Isso só aconteceu porque Moisés começou a aprender que Deus dá diferentes incumbências (Ministérios) a pessoas diferentes. Isto facilitou o evento seguinte, quando, com HUMILDADE e SABEDORIA, OUVIU a seu Sogro Jetro e, com COMPETÊNCIA, escolheu os cabeças do Povo com quem iria dividir os árduos trabalhos de julgar e liderar aquele Povo. Jetro estava certo. Não era bom o que Moisés fazia, centralizando em sua pessoa todo o serviço. Moisés “desfaleceria de tanto trabalho e, com ele, todo o Povo” (Êx. 18: 13-26). E nisto mais uma vez Moisés provou conhecer o grupo e o potencial de cada um.

–Muitos Líderes temem dividir responsabilidades especiais, preferindo ser “pau pra toda obra”, independente se foram chamados para fazer mesmo tudo aquilo. Quando você, Líder de qualquer Ministério, ocupa um lugar que não é seu, está automaticamente roubando esse lugar de quem deveria realmente estar ali. Só que o medo de sair no prejuízo é mais forte: “Vai que, se eu ajudar esse cara, der o Púlpito, facilitar para que as portas do seu Ministério se abram, de repente ele vai me *eclipsar*!”. Quantos e quantos não pensam assim, meu Deus? Têm ciúmes do Ministério que “é deles” – não do Pai... – e costumam pôr pra correr qualquer pessoa com potencial, esquecendo-se que, no Corpo, cada um ocupa um lugar definido. Enquanto se é obediente, seu lugar e seu crescimento como Líder estarão assegurados

por todo o sempre. Ninguém vai eclipsar ninguém, cada um vai cumprir o seu próprio Destino.
–A partir daí, em todo o relato do livro de Êxodo, mais e mais começam a aparecer nomes em particular, Dons específicos e Ministérios específicos, que continuam nos demais livros do Pentateuco.

•Êx. 24:1 → Arão, Nadabe, Abiú e 70 anciãos sobem ao Monte Sinai para Adoração. Sinal que Deus tinha um propósito especial com estes.
•Êx. 24:13-14 → Josué (o servidor); Arão e Hur (líderes temporários para julgar o Povo enquanto Moisés fica 40 dias no Monte.
•Êx. 28:1 → Arão, Nadabe, Abiú , Eleazar, Itamar (Sacerdócio).
•Êx. 31:1-6 •Êx. 35:30-35 •Ex. 36:1-2 Bezabel, Aoliabe e homens hábeis (artífices, escultores, lapidadores, marceneiros, ourives para construção de objetos do Tabernáculo

•Nm. 1:4-17 → Homens (1 de cada tribo) para ajudar no censo
•Nm. 3 → Separação dos levitas
•Nm. 13:1-16 → Separação dos Espias
•Dt. 16:18-20 → Os Juízes e seus deveres

–Saber entregar o cajado na hora certa, e para a pessoa certa, também são características do verdadeiro Líder. Lembram que Moisés passou a Liderança para Josué? Foi no momento de sua morte, às portas de Canaã; e Moisés *nunca* “temeu” que Josué “roubasse” seu lugar. Pelo contrário... Josué, durante todos os 40 anos no deserto, foi um Discípulo chegado a Moisés, de quem aprendeu muito, e contra quem jamais conspirou, nem jamais questionou sua autoridade. Começando como simples servidor, Josué jamais poderia imaginar que o lugar de Moisés um dia seria dele! Quem serve bem ao Homem, como quem está servindo a Deus, sempre é recompensado.
–Mas a verdade é que os Líderes são, sim, muitas vezes alvo de complôs; de pessoas que o invejam e desejam seu lugar. Não tema, servo do Altíssimo! Enquanto você estiver 100% no centro da Vontade de Deus, nada poderá derrubá-lo, ninguém tirará o que o Senhor te deu. Lembra-se de como Miriã – a própria irmã de Moisés – veio a questionar sua autoridade, junto com Arão, e nisso realmente intentavam tomar-lhe o lugar? Era inveja, pura inveja da posição que Moisés ocupava. A desculpa

da mulher cuxita era só uma desculpa! É triste, mas acontece muito... Os que mais te apunhalam vêm de dentro de sua própria casa. Mas não se esqueça: o Senhor mesmo defendeu Moisés (Nm. 12: 1-15).

•MONTE SINAI – AUGE DA LIDERANÇA TEOCRÁTICA

Israel chegou ao Monte Sinai mais ou menos 6 semanas após a partida do Mar Vermelho. Lá ficaram quase 1 ano, pois Deus tinha propósitos específicos: daquele lugar o Povo escravo recém-liberto sairia como uma Nação capacitada a enfrentar a conquista de Canaã.

Tão logo chegam ao Monte, Moisés subiu a Deus: a impressão é que Moisés apartou-se do Povo com a intenção de buscar o Senhor, provavelmente com relação à direção da caminhada (CONFIOU no Povo, deixando-o "só" ao pé do Monte. Mas é claro que havia Liderança sobre eles, especialmente Arão e Hur). Antes de receber as duas Tábuas da Lei, Moisés já havia subido por duas vezes ao Sinai, só que de forma mais rápida, levando consigo algumas pessoas. Estas deviam parar no meio do caminho e somente Moisés continuava (Êx. 19: 16-25; 24: 1-11). O Senhor dava instruções rápidas, começou a mostrar o caminho espiritual que deveria ser trilhado antes do caminhar físico (a conquista de Canaã em si): fala em purificação, santificação e consagração do Povo, dá os Dez Mandamentos, começa a descortinar Leis e Estatutos. Assim, Deus revela mais do seu caráter, ensinando lições a Moisés e ao Povo. Quanto a este último, sequer podia chegar perto do Monte quando a Glória de Deus ali se manifestava. Quem chegou mais longe nessa subida foi Josué, justamente na 3ª vez, que foi quando Moisés recebeu as Tábuas (Êx. 24: 12-18).

Concluindo: esse período no Sinai deu aos Israelitas todo um sistema de Leis Sociais, Religiosas, Civis; além do modelo do Tabernáculo. Assim eram feitos Nação, e o Senhor orientava como essa Nação deveria governar-se.

•A VIOLAÇÃO DO PACTO – EVIDÊNCIAS DAS DISCIPLINAS INTERIORES DE MOISÉS

Cada vez mais o Senhor confirma Moisés não apenas como Líder, mas também como Mediador, Legislador e Profeta. Os eventos do Monte Sinai são talvez o mais belo exemplo da Liderança Teocrática: Moisés recebia de Deus face a face para repassar ao Povo. Este recebeu de coração aberto tudo quanto o Senhor propusera a Moisés (Êx. 24: 3,7). Creio que Moisés deva ter se alegrado muito com isto e já quase podia antever a entrada na Terra Prometida como algo muito próximo.

Moisés aprendeu o que era fé, santidade e agradar ao Senhor em tudo, e cria que o mesmo se dava com o Povo. Ao ser chamado pela segunda vez para subir ao Monte, primeiro levantou-se para celebrar de forma palpável o que Deus já

tinha feito: com isto, Moisés ensinava o Povo a ter um espírito ADORADOR, de REVERÊNCIA e PROSTAÇÃO perante a Glória e Poder do Senhor. Depois de escrever o que o Senhor já lhe havia dito, de madrugada erigiu um altar ao pé do Monte e doze colunas; ofereceram holocaustos e sacrifícios pacíficos. O sangue, aspergiu sobre o altar e sobre o Povo (isto bem antes de construído o Tabernáculo, dadas as Tábuas e as direções sobre todo o Sistema Levítico e as formas de adoração – Êx. 24: 1-8).

Menos de 40 dias após haverem prometido solenemente que guardariam as Leis que Deus já havia dado, os Israelitas quebram a aliança com o Rei Divino. Arão, mesmo sendo Líder, demonstrou sua fraqueza e covardia, cedendo à pressão do Povo e consentindo na Idolatria. Acostumados ao que viam acontecer no Egito, não é surpresa para ninguém porque a escolha foi a de um Bezerro de Ouro. Era uma personificação divina tipicamente Egípcia, e eles não conheciam a face de YHWH, não tinham a menor ideia de como Ele seria. A intenção talvez nem fosse das piores, queriam continuar crendo naquele mesmo Deus que os tinha livrado do Egito, só que precisavam de algo palpável que os ajudasse a manter acesa a Fé. Seu único referencial era o Egito. Então, fizeram um deus semelhante, e uma festividade semelhante (imoralidade sexual – I Co 10: 6-8).

Na sua GRANDEZA E AMOR, Moisés intercede pelo Povo antes mesmo de descer do Monte (Êx.32: 11-14). O único que não participou desta coisa horrível foi Josué, porque embora deixasse de subir ao cume com Moisés, não se apartou do Monte (Êx. 32: 17-18).

Evidências das Disciplinas Interiores de Moisés:

- Oração → Ex. 33:7-11
- Intercessão → Dt. 9:25-29
- Jejum → Ex. 34:28; Dt. 9:25

MOISÉS NÃO FOI CONIVENTE OU NEGLIGENTE COM O PECADO TÃO GRAVE DO POVO: irou-se, quebrou as tábuas (anulação da Aliança) e mandou matar os idólatras. NÃO FICOU EM CIMA DO MURO. Embora a Bíblia diga que não havia homem tão manso quanto Moisés sobre a Terra, naquele momento a ira santa de Deus invadiu-o completamente. Faz-nos lembrar da purificação do Templo feita por Jesus. Uma atitude tão ímpar que quase não se reconhece a pessoa. Mas é uma IRA QUE VEM DE DEUS.

Vamos e venhamos, esse é um dos pontos mais cruciais para todos nós, quer sejamos ou não Líderes. A conivência com o pecado tem imperado em nossas Igrejas! Por isso ela está tão doente. Mas Moisés só pôde disciplinar com tanta autoridade, a ponto de mandar os filhos de Levi matarem até mesmo amigos e familiares, porque ele mesmo era santo o bastante para fazer valer o seu decreto.

Mesmo depois de mortos uns 3.000 homens, Deus diz que não mais os acompanhará à Terra Prometida por causa da dura cerviz do Povo. “(...) Se por um momento Eu subir no meio de ti, te consumirei (...)” (Êx. 33: 5). Imagine só... que desgraça, no sentido mais literal possível da palavra! Somente o anjo iria com eles. Pranteou o Povo e Moisés, temeroso, inseguro sobre o futuro da Nação, novamente intercede diante de Deus, desta vez na tenda que costumava armar fora do arraial, longe de todos. Naquele momento, Moisés devia estar apavorado com a simples ideia de Deus não seguir junto com eles (é... quantos de nós não estão nem aí se Deus vai, ou não vai conosco vida afora). TENAZMENTE, COM AUTORIDADE E COM O AMOR PECULIAR dos grandes homens de Deus, Moisés lutou em oração com o Senhor. Sua vida estava tão intimamente ligada à do Povo que ele preferia ser riscado do Livro de Deus a ver o Povo sem perdão. Agiu semelhantemente a Cristo, estando, de certa forma, pronto a dispor de sua própria vida em favor dos seus amigos.

O CORAÇÃO RETO E PURO de Moisés foi a chave na sua intercessão. Deus reconsiderou, mostrou-lhe a Sua Glória como sinal de que o desejo dele seria atendido, um sinal da Fidelidade e do compromisso do Senhor com Israel. Moisés NÃO TINHA PECADO EM MOMENTO ALGUM, POR ISSO SUA INTERCESSÃO FOI ACEITA. Bem como foi tolerada a presença de Josué, jovem e corajoso, o tempo todo perto da Tenda (Êx.33: 11). Ele também não tinha pecado.

•O FRACASSO DA MISSÃO – O PREÇO A SER PAGO PELO LÍDER

Após o episódio de revelação e construção do Tabernáculo, e depois que Moisés PAGOU O PREÇO PELO POVO, ficando novamente 40 DIAS no Monte sem comer nem beber, Israel prepara-se para a viagem a Canaã. Do ponto de vista de Deus, eles estavam prontos para a conquista.

Mas aí... o Livro de Números relata a triste história do fracasso dos Hebreus em cumprir os ideais que Deus lhes havia proposto. É uma história de falta de fé, queixas, murmurações, deslealdade e rebelião a despeito de tudo o que viram anteriormente. Moisés está a ponto de fraquejar, pois o peso é muito grande sobre ele. Sofre CANSAÇO E DESÂNIMO (Nm. 11: 1-6 ; 11-15), Deus reconhece o cansaço de Moisés e designa 70 anciãos para o ajudarem. Momentaneamente, pois o tempo de entrar em Canaã estava muito perto.

Como Líder, Moisés nada mais podia fazer. O Povo também tinha o seu livre-arbítrio. Das queixas mais leves passaram às críticas pesadas contra Moisés, e isto também partiu dos Líderes mais próximos e fidedignos. Somente Josué e Calebe permanecem crendo na Promessa da conquista.

Tudo culmina mal após o relatório dos Espias. Depois de uma difícil viagem de 320km do deserto até Cades, a incredulidade e a murmuração são para o Senhor a última gota-d'água a ser tolerada. Agora, não há mais retorno, a bênção foi perdida de vez; em seu lugar, Juízo e castigo de Deus, mais 38 anos de peregrinação no deserto e a destruição daquela geração.

As provações individuais de Moisés sem dúvida foram piores neste período. Veja algumas delas:

•Reclamações intermináveis do Povo → Nm. 20: 2-5: isto foi logo depois da morte de Miriã. Moisés devia estar TENSO, TRISTE E SATURADO como qualquer ser humano. Contemplar tão de perto a Bênção e perdê-la... nem posso imaginar!

•Competição, inveja e críticas destrutivas → Nm 16. Rebelião de Corá, Datã e Abirão. Aqui havia não só o aspecto religioso, mas também o político. Moisés novamente não se defende, mas propõe uma prova para que o próprio Senhor confirme quais eram os detentores da autoridade e do sacerdócio.

•Rejeição/Rebelião → Nm 14. Tendo fracassado na Missão, furioso, o Povo falava até em apedrejar Moisés, Arão, Josué e Calebe. Deus teve que intervir mostrando sua Glória na Tenda da Congregação. Prometeu destruir o Povo. Mais uma vez, a despeito da terrível, horrorosa e desesperadora situação, Moisés intercede e pede que o Povo não seja destruído, mas perdoado. Mais uma vez Moisés foi atendido; o Povo foi perdoado. Mas perderiam a Bênção. Certamente, esse foi O MOMENTO MAIS TRISTE DA VIDA DE MOISÉS.

•O PECADO DE MOISÉS E O CASTIGO DE DEUS

Não se lhe apaga o coração servil.

Acredita-se que o acontecimento no qual Moisés e Arão pecaram ocorreu no último ano da peregrinação de Israel. No mesmo ano morreram Miriã, Arão e Moisés. Não havendo água, surgiu no meio da nova geração o mesmo espírito de murmuração que condenava a antiga.

Moisés deve ter-se sentido muito amargurado. O Salmo 106:32-33 diz que os Israelitas o indignaram e "irritaram o seu espírito, de modo que falou imprudentemente com os lábios". Moisés perdeu a paciência e irou-se: em vez de falar à rocha, usar tão somente da Palavra para dar de beber àquele Povo, como Deus havia ordenado, Moisés falou com ira ao Povo e a seguir feriu a rocha 2 vezes. Não somente desobedeceu a Deus, mas se arrojou o poder de operar milagres, dizendo "faremos sair água desta rocha...". Desobedeceu em tudo, pois Deus havia dito "Ajunta o Povo... fala à Rocha..."; e Moisés, num

acesso de raiva, falou ao Povo e feriu a rocha duas vezes. Deus fica desgostoso pois Moisés não O Santificou diante dos filhos de Israel (Nm 20: 7-12). Moisés aparentemente não creu no que Deus disse, que pelo simples falar a água seria providenciada e pronto. Aparentemente, foi uma somatória de erros e Deus não queria que Moisés, como Líder, desse nenhum tipo de mal exemplo diante do Povo, nada que desonrasse ao Senhor e nem Moisés.

Deus determinou esta atitude de Moisés como rebelião (Nm 27:14). Impedido de entrar na Terra, impedido de guiar o Povo na conquista de Canaã, Moisés ainda assim demonstrou o seu imenso e eterno AMOR PELO SEU POVO. Pediu a Deus que providenciasse outro para guiá-los, não os deixando como "ovelhas que não têm pastor" (Nm. 27: 16-17). Nesse momento, o escolhido foi Josué.

•O SUCESSOR DE MOISÉS – FINALIZANDO O MINISTÉRIO

Novamente, o caráter inequívoco de Líder se faz presente em Moisés num dos momentos mais difíceis de todo o seu Ministério: a nomeação daquele que ficaria em seu lugar.

Moisés submete-se ao Juízo de Deus (Nm 27: 12-14), revelando novamente o espírito MANSO, PACIENTE E CHEIO DE ZELO pelo cumprimento da vontade do Senhor. Seu único cuidado era o bem-estar do Povo. Não se preocupou consigo mesmo: novamente a semelhança com Jesus aparece fortemente. Não queria o Povo como "ovelhas sem pastor".

Moisés HONROU O SENHOR ATÉ O FINAL, IMPONDO AS MÃOS SOBRE JOSUÉ e reconhecendo-o PUBLICAMENTE como o novo dirigente escolhido por Deus (Nm. 27: 22-23/ Dt. 31:7-8).

Cabalmente cumpriu o que lhe restava de sua Missão, orientando Josué e todo o Povo com relação a como proceder ante à iminente entrada em Canaã, como conquistar e como permanecer na Terra que o Senhor lhes daria.

No último dia de sua vida (Moisés sabia perfeitamente disso), ele ABENÇOOU A TODOS OS FILHOS DE ISRAEL ANTES DA SUA MORTE (Nm. 33). O amor e dedicação de Moisés permitiu que, como um pai, abençoasse a todos os seus filhos como era o costume na Antiguidade. Esse é o papel do verdadeiro Líder em relação a todos os que o Senhor lhes coloca nas mãos; foi exatamente o que Moisés fez: CUIDOU DELES COMO FILHOS!

Esta conquista – e o cumprimento da Palavra do Senhor – Moisés contemplou pelos olhos da Fé, sobre o Monte Nebo, no cume de Pisga, defronte a Jericó e debaixo dos Olhos do Senhor (Dt. 34:1-4). E Moisés descansou; o próprio Deus o sepultou num vale em Moabe (Dt. 34:5-8).

Como predestinado a ser o Libertador e Líder daquele Povo, a despeito do fracasso na conquista de Canaã, Moisés não fugiu do seu Destino Espiritual. Não

fazia parte da sua Predestinação entrar na Terra, mas ser Libertador, Líder Espiritual e Guia. Isto sim era seu Destino. Se o Povo tivesse crido e obedecido, Moisés teria cumprido seu papel em menor tempo e usufruído de Canaã. Mas o pecado do Povo impediu a sua entrada na primeira tentativa. Quanto ao seu papel, seu Destino Espiritual como Libertador, Líder Espiritual e Guia daquele Povo, isto Moisés CUMPRIU, ATÉ O FIM, durante 40 anos, até que o último rebelde daquela geração morresse. Era esta sua Predestinação.

Ele cumpriu o que lhe estava proposto, e nenhum outro Profeta em Israel foi como ele, o “amigo de Deus”, que com Ele tratava “face a face”!

PAULO

Para compreender melhor os escritos de Paulo é importante conhecer o próprio Paulo. Quem foi ele, como ele viveu, que curso teve sua vida, e, depois de convertido, como foi o seu Ministério. Senão, as cartas tornam-se muito impessoais e a grande maioria não encontra como aplicá-las em sua vida. Na verdade, não há porque ler as cartas de Paulo apenas para conhecer os problemas daquela época, mas para lança luz às nossas vidas, *hoje*!

Esse termo “Hoje” é o que urge em nosso ouvidos.

Hoje dentro e fora da Igreja, a vida não é fácil e muitas vezes o que está escrito nas cartas de Paulo não nos serve para superar o dia a dia, não nos dá força para atravessar o deserto. As motivações para ir em frente pelo caminho de Deus não são fortes o suficiente para desbancar e derrotar os empecilhos que se nos interpõem à toda volta. O que mais impressiona em Paulo é sua coragem e determinação inabaláveis, a ousadia com que enfrentava todos os problemas e vivia o Evangelho. Terá sido ele um super Herói da Fé, impossível de ser imitado?

Hoje muitos acham difícil, senão impossível, conciliar a vida secular e o anúncio do Evangelho. Paulo fez isso. Hoje, os conflitos são muitos... como vivê-los sem perder o amor pelo Evangelho, a Fé, a Esperança e a Paz? Hoje, como combinar o Cristianismo e a Política? Hoje, religiosos podem subir nos púlpitos e bradar como Profetas, mas depois voltam para suas casas, onde não falta comida... O mesmo não acontece com os leigos que dependem de empregos e este – muitas vezes – falta. Como continuar bradando como Profeta? Às vezes é preciso escolher entre a família e o trabalho de Cristo, o trabalho da Comunidade. E quando se é acusado e não há ninguém que te defenda? Como “adaptar” o Evangelho àqueles que são de outra cultura, como os orientais, os muçulmanos, os próprios Judeus de hoje? Os que sofrem nas ruas, em abandono, ou nos Hospitais, com doenças incuráveis? O Evangelho das Boas Novas que foi pregado antes, ainda deve ser o Evangelho das Boas Novas capaz de transformar vidas. *Qualquer* vida!

Paulo assim fez e viveu tudo isso, e muito mais... Novamente pergunto: era ele um Super-herói da Fé, ou pode ser imitado por aqueles que tenham o mesmo chamado que ele nos dias de hoje? É fácil dizer que Paulo viveu como viveu porque “era naquele tempo”! E hoje é diferente. Terá, então, o Evangelho mudado e as direções que encontramos nas cartas de Paulo simplesmente têm se tornado um tipo de Romance Histórico, tão somente, consultado apenas quando convém? Mais precisamente na hora de exortar alguém, mas nunca para realmente moldar vidas segundo o que ali está escrito?

Em suma, podemos ou não ver as cartas de Paulo como escritos literais para nossos dias, excetuando tão somente o que era fruto da cultura da época, e não o que é espiritual e serve para todos nós.... ainda *Hoje*?

O NASCIMENTO E A JUVENTUDE DE SAULO

Vamos conhecer um pouco do homem chamado Saulo. Talvez, ao fazermos isso, possamos encontrar nele muitas coisas que existem em nós mesmos. Talvez possamos encontrar a mesma Fonte de força, fé, esperança, determinação e honra que marcaram a vida deste homem de Deus. Antes de ser alguém "chamado" pelo Senhor, Saulo foi uma pessoa comum. Exatamente como todos nós somos.

A Bíblia fala pouco sobre o primeiro período da Vida de Paulo (Paulo é a versão grega do Nome Saulo, preferido por ele). A maior parte das informações vem de outros escritos da época, tanto judaicos como gregos e romanos. Paulo nasceu e se criou em Tarso, região da Cílicia, na Ásia Menor, onde hoje é a atual Turquia. Era uma grande cidade bonita e podia ter cerca de 300.000 habitantes segundo o cálculo de alguns estudiosos. Imagine esse ambiente cheio de gente, de casas, muitas ruas, muitos entretenimentos, muito barulho. Tarso era um importante centro de cultura e comércio, tendo um porto muito ativo no Mar Mediterrâneo. A estrada que fazia conexão entre o Ocidente e o Oriente também passava por ali.

Você pode se perguntar como que alguém como Paulo, judeu, nasce na Ásia Menor. Na verdade, desde a época de Esdras, os Judeus passavam pela Diáspora, ou seja, uma dispersão por todo o território do Império Romano. Em quase todas as cidades do Império havia bairros e comunidades Judaicas, cada uma com sua Sinagoga e sua própria organização comunitária. Ainda assim havia uma intensa comunicação entre Jerusalém e essas cidades de dispersão, que continuavam sendo judaicas praticantes. Paulo mesmo dizia: "Todos os Judeus sabem como foi minha vida desde a juventude e como, desde o início, vivi no meio do povo e em Jerusalém" – At. 26: 4.

De fato. Paulo teve seu ensino básico em Tarso. Como todos os meninos Judeus da época, ele recebeu educação na casa dos Pais, na Sinagoga e na escola ligada à Sinagoga. Paulo foi criado numa família Judaica dentro das exigências da Lei e das "Tradições Paternas". A preocupação maior dos Judeus da Diáspora era a Observância da Lei. Não participavam dos Cultos ao Imperador, não serviam o Exército e não trabalhavam em dia de Sábado. Paulo nasceu e cresceu nesse ambiente protegido do bairro e da comunidade Judaica, tanto é que tinha dois nomes, Saulo, seu nome Hebreu, e Paulo, nome greco-romano para usar na grande cidade grega que fervilhava à sua volta.

Na sua formação básica em Tarso, onde aprendeu a ler e escrever, estudar a Lei de Deus e a história do Povo, assimilou tradições religiosas, aprendeu as orações – sobretudo os Salmos. O método não deixava de ser bem grego, pelas

perguntas e respostas, repetindo e decorando, sob disciplina e convivência com os demais alunos e mestres. Fora isso, Paulo foi depois para Jerusalém receber sua Formação Superior, coisa que não era privilégio de todos.

Estudou com Gamaliel, Mestre da Lei e acatado por todo o Povo – At. 22: 3 – e aprendeu a Torá, cujos estudos frequentes faziam com que se conhecesse tudo de memória. Aprendeu a Tradição dos Antigos, que se dividia em duas partes: a primeira ensinava como viver a vida de acordo com a Lei de Deus (Halaká), compreendendo costumes e Leis complementares reconhecidas como tais pelas autoridades competentes. A mais comum e mais escrita era a dos Fariseus. Paulo viria a se formar na Tradição dos Fariseus. Por isso, os chamamos de "Doutores da Lei"; esse conhecimento equivalia a uma espécie de "faculdade". A Segunda parte da Tradição dos Antigos era a Hagadá, que não tinha aprovação oficial das autoridades por ser uma interpretação mais livre, algo como "aprender a ler a vida à luz da Lei de Deus". O jeito de ler as histórias do seu Povo levava o aluno a Ter uma compreensão mais pessoal dela, levando-o a ler sua própria história e descobrir nela os apelos de Deus. A última matéria importante que Paulo estudou era a Midrash, que significa "Busca". Ensinava as regras e o jeito de buscar sentido na Sagrada Escritura para a vida do Povo e das pessoas; isto é, descobrir que "a janela do texto, por onde se vê o passado do Povo, é também o espelho por onde se vê o hoje do mesmo Povo".

Fica bem claro que o ambiente de vida de Paulo foi totalmente urbano, bem diferente do de Jesus, por exemplo. Suas metáforas são, na maioria das vezes, ligadas a esse ambiente. Tarso, por seu tamanho, certamente tinha seu estádio e a cada 4 anos havia jogos de atletismo. Sem dúvida Paulo, como jovem, gostava e assistia aos jogos. Mais tarde, em suas cartas, fará uso de analogias da sua juventude para compara com certas exigências fundamentais do Evangelho e do Seguidor de Cristo: "ganhar a coroa", "perseguir o alvo", "alcançar o prêmio", "lutar sem dar soco inútil no ar", "correr na direção certa"; fala do atleta como quem conhece o esforço e a disciplina dos mesmos.

Como você vê, Paulo era uma pessoa comum, que foi privilegiado nos estudos, pois sua família pôde conceder-lhe isso. Sabemos que Paulo era "Fabricante de Tendas", e deve ter aprendido a profissão com o Pai. Mas, ao que parece, não para exercê-la, mas para cuidar dos negócio da família. O pai de Paulo deveria ser bastante abastado financeiramente. Paulo faz questão, em certo momento de sua vida, de dizer que era "Cidadão Romano", e para um Judeu tornar-se cidadão romano era preciso muito, muito dinheiro. Isso talvez queira dizer que o pai ou o avô de Paulo conseguiu apropriar-se da cidadania romana a ponto de poder passá-la aos seus filhos e netos. Isto requeria "vultosa soma de dinheiro" – At. 22: 29.

Paulo vivia, então, como cidadão romano e, portanto, era membro oficial da cidade e podia participar de suas Assembleias do Povo nas quais se discutia tudo sobre a vida e organização das Pólis (cidades) Romanas. Embora fossem nomeadas como “Assembleias do Povo”, somente fazia parte delas uma pequena elite de cidadãos, e não o povo em geral.

Quanto aos Judeus em geral, que viviam nas comunidades espalhadas pelo Império, politicamente falando, seus maiores objetivos eram lutar para fazer prevalecer seus direitos junto ao Governo do Império; pleiteavam, através de “associações”, a integração como cidadãos (assim teriam isenção de certas taxas e impostos), bem como liberdade religiosa. Não sabemos ao certo como o cidadão Paulo de Tarso participava da vida política de sua cidade ou nas associações dos Judeus. Mas sabemos que ele participava ativamente na vida de sua Comunidade, logo apresentando seu caráter de Líder. Foi testemunho oficial na execução de Estêvão (At. 7:58); foi Emissário do Sinédrio para Damasco (At. 9: 2; 22: 5; 26: 12). Alguns estudiosos acham que Paulo chegou a ser membro do Sinédrio, isto é, do Supremo Tribunal da Comunidade Judaica em Jerusalém.

Em suma: Cidadão Romano, Cidadão de Tarso (At. 21: 39), aluno de Gamaliel, teve Formação Superior, Líder nato, membro ativo da Comunidade, provavelmente herdaria os negócios do Pai. Todas estas qualidades e títulos enquadram Paulo entre a elite da Sociedade do seu tempo, tanto por formação quanto por posse e liderança. Sem dúvida, ele tinha um futuro promissor e brilhante pela frente. Mas Paulo deveria Ter um diferencial em inteligência, em princípios, em dinamismo, em ativismo... como ele mesmo diz, muito mais tarde, aos Gálatas, não para enobrecer-se, mas para explicar que a tudo isso deixou imediatamente por causa de Cristo:

“Na minha Nação, quanto ao Judaísmo, avantajava-me a muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais” (Gl. 1: 14-15). Realmente, como homem de Fé, Paulo sempre foi um Judeu praticante, irrepreensível, e cuidadoso observante da Lei.

A base da Religiosidade Judaica estava na Aliança feita com Deus. Ela tinha, essencialmente, dois aspectos: o primeiro era a questão desta Aliança ser eternamente “Grátis”, pela Graça, pois foi o Senhor quem escolheu seu Povo, sem que eles nada tenham feito para *merecer* essa Eleição. O segundo aspecto da Aliança tinha a ver com o homem, e era a observância da Lei. Em alguns momentos da História, por causa da Graça, os homens caíam em desleixo e num ritualismo vazio, pois “Deus faz tudo”. No tempo de Paulo, entretanto, o cerne da religiosidade judaica estava na Observância. Esqueciam-se da Graça e da Misericórdia, fazendo com Deus um relacionamento quase comercial. Por conseguinte, quanto mais rígida a observância da lei, mais perto estavam de

conseguir – e ter garantida – a Justiça. Cada vez mais surgiam movimentos Reformistas da lei que pregavam a rígida observância; dentre estes, estavam os Zelotes e os Fariseus. Paulo era Fariseu (Fp. 3: 5).

Na prática, talvez bem no fundo do seu coração, o futuro Apóstolo observava uma contradição. Conforme escreveria mais tarde, já quando convertido, o fato inequívoco de “querer fazer o bem estava nele, mas não poder de realizá-lo; o bem que ele gostaria de fazer, não o faz, mas o mal que repudia, esse o faz....”. Talvez Paulo estivesse vivendo em conflitos no seu íntimo. Não raro, a mudança em nossas vidas é precedida por uma crise; a crise não é agradável e a mudança envolve muitas perdas. Paulo percebia que apesar de todo o seu estudo e todo o seu esforço, não conseguia cumprir a Lei. Sem cumpri-la, não alcançava a almejada Justiça, não era justificado... O que estava havendo de errado? Por que o Senhor tinha proposto uma Aliança impossível de ser cumprida??? Com quem conversar, onde tirar as dúvidas de algo que parecia sem solução?! Era uma dolorosa experiência com a própria fraqueza, mas talvez nem todos estivessem assim preocupados, uma vez que tinham os melhores lugares e os privilégios na Sociedade.

O Apóstolo Pedro, muito embora fosse simples e iletrado pescador, muito diferente do erudito Paulo de Tarso, observou a mesma coisa: a observância da Lei é um peso “que nem nosso pais, nem nós mesmos, pudemos suportar” (At. 15: 10). Sabemos que o objetivo da Lei era salientar o pecado e fazer com que o ser humano percebesse finalmente que nunca conseguiria ocupar o lugar desejado por Deus pela mera observância de exigências. Não está dentro do homem a capacitação para tal. E talvez Paulo já tivesse percebido e entendido isso, mas guardou para si mesmo. Ainda não tinha chegado o momento de entender essa realidade...

O testemunho de Estêvão, que ele presenciou pessoalmente, deve tê-lo impactado bastante, pois, depois do seu discurso, Estêvão claramente “pôs os pingos nos is”, acusando os Judeus de cegueira e surdez diante da Palavra de Deus manifestada em Jesus, literalmente chamando-os de traidores e assassinos. Condenar Jesus era o mesmo que condenar Moisés! O Sinédrio realmente devia estar de cabelos em pé com o desenrolar das coisas depois da morte de Jesus. Esperando pôr fim naquele incômodo, agora havia cada vez mais homens que operavam sinais, que pregavam com coragem e sem cessar a mesma Palavra de Cristo. Como acabar com *aquela raça*??!!!! Quanto a Estêvão, sua morte foi muito covarde, pois subornaram homens para que o acusassem de falar contra Moisés e a Lei. Por isso foi preso e levado ao Sinédrio. Ali, falsas testemunhas continuaram com a mesma acusação. Estêvão fez um longo discurso, mostrando seu conhecimento da História, mas diante de algozes que já “rilhavam os

dentes", deixou de ser diplomático.

A reação foi bastante violenta. Cheio do Espírito, Estêvão diz "ver os Céus abertos e o Filho do Homem à direita de Deus", mas os do Sinédrio tapam seus ouvidos e o arrastam para fora da cidade (At. 7: 56-57). Imagine a cena deplorável!

Homens poderosos levando aos trancos e barrancos um pobre Cristão, um homem sozinho. Ao ter a visão dos Céus abertos, isso significava que Estêvão estava sendo acolhido por Deus, estava indo para o lugar dos Justos. No momento de sua morte, Estêvão – muito provavelmente colega de estudos de Paulo – tinha a Justiça que Paulo não possuía, e isto sem observar a Lei. Jesus, morto por suas "Heresias", ocupava lugar de honra ao lado de Deus. Acolhendo Jesus, e acolhendo Estêvão, Deus condenava o Tribunal, condenava o próprio Paulo. O testemunho de Estêvão e sua intrepidez e coragem não foram tão à toa assim. Paulo talvez não tenha conseguido tirar aquilo da cabeça tão cedo. Ele ficou ali, observando, consentindo naquela morte brutal e injusta.

Talvez servindo de arauto aos que passavam, dizendo o motivo da morte daquele homem. Mas... que homem daria seu sangue por uma causa louca...? E se ele, Paulo, estivesse errado? Estêvão ocupava um lugar que ele, através de todo esforço para observar a Lei, não tinha ainda conseguido e nem sabia se um dia o seria capaz de ter!

A partir daí, Paulo passou a perseguir os Cristãos. Mas a verdade é que talvez quisesse fazer calar a voz da sua própria consciência. Era difícil admitir que ele, Fariseu, Cidadão Romano, letrado, culto, endinheirado... pudesse não ter aquilo que pessoas bem mais simples aparentemente estavam conseguindo ter: serem justificados diante de Deus! E sem cumprir a Lei.

A entrada de Jesus em sua vida modificou a situação cômoda, e o que era lucro se tornou perda... Mais uma vez na história dos grandes homens de Deus... por causa de Cristo, por causa do chamado de Liderança, ele perdeu tudo (Fp. 3: 7-8).

Quando ia para Damasco, aos 28 anos de idade, Paulo teve uma experiência que foi como um "divisor de águas" na sua vida. Não foi uma experiência pacífica e suave, muito pelo contrário, violenta e inesperada. Deus conhecia o caráter e a personalidade de Paulo; ele precisava que seu mundinho fosse completamente quebrado de uma só vez! Gozando de poder e prestígio, Paulo liderava a perseguição dos Cristãos até a Síria, distante cerca de 200 Km, cerca de sete dias de viagem! (At. 9: 1-2 ; 26: 9-12). E não liderava porque tinha sido incumbido, mas por livre decisão, pois a Bíblia diz que Paulo, "respirando ainda ameaças e morte contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao Sumo Sacerdote e lhe pediu cartas para as Sinagogas de Damasco, a fim de que, caso achasse

alguns que eram do Caminho, assim homens como mulheres, levassem-os presos para Jerusalém.

Daí, todos conhecemos a história; de repente, Paulo encontrou-se sozinho, caído por terra, envolvido por uma luz tão forte que o cegou, e aquela voz... *aquela voz*...! Voz que toda a comitiva ouviu, mas não viu de quem poderia ser.

“Saulo, Saulo por que me persegues?”.

O impacto foi tão grande que Paulo já se refere ao dono da voz como “Senhor”:

“Quem és tu, Senhor?”. “Eu sou Jesus (...)”.

Como Jeremias, Paulo podia dizer que Deus o seduzira, e ele se deixou seduzir; “dominaste-me, e me derrubaste” (Jr. 20: 7). A imagem de um vendaval nos vem à mente! Um vendaval no corpo, nas emoções, na mente, no coração... algo tão intenso, tão forte, tão marcante que a cegueira posterior certamente foi algo de somenos. A luz que o envolveu nos remete ao Profeta Ezequiel, que caiu por terra ao ver a Glória de Yaweh (Ez. 1: 27-28).

O grande homem agora teve que ser guiado pela mão, como um deficiente, como um bebê, para Damasco, conforme Jesus lhes dissera. Três dias de cegueira, sem comer nem beber. Estes talvez tenham algum simbolismo com três dias de morte e, por fim, a ressurreição. Paulo se refere a si mesmo como “um aborto”. O aborto é o nascimento de uma criança morta, que vem fora, geralmente, por expulsão do útero da mãe. A figura de linguagem tenta dar algum sentido de como Paulo foi *expulso* do seu Mundo, dos seus ideais, das suas crenças, das suas credenciais e, de repente, como um aborto permaneceu três dias. Morto.

Bem mais pra frente, na sua carta aos Filipenses, ele usa o termo “apanhado por Deus” (Fp. 3: 12). Isso nos remete a uma imagem de laço... aliás, várias foram as figuras de linguagem empregadas para descrever a conversão de Saulo de Tarso: como que tomado por um vendaval, foi derrubado, laçado, apanhado, manietado, sem visão alguma mais parecia um aborto.... completamente perdido. As imagens falam por si mesmas, não? Tinha que ser assim. Foi como laçar um boi no pasto! Na Sua Poderosa Onisciência, Deus decidiu tomar um dos maiores Opositores do Cristianismo e transformá-lo no seu maior defensor!

Paulo tinha que se ver totalmente caído no chão, sem socorro de ninguém, sem visão alguma. Contudo, ao invés do pranto e do desespero, ele esperou. Esperou porque no meio de todo esse turbilhão, aquela voz ecoava.... ecoava... ecoava... “Eu sou Jesus, a quem tu persegues”. *Jesus* (At. 9: 1-9).

A presença de Jesus o acalmou. No meio da crise e do desmoronamento do seu Mundo, no meio dos escombros de morte... estava Ele, ali, em pé: Jesus! Aquele mesmo que causara a ruptura na vida de Paulo seria o responsável pela

continuidade. Já nada seria como antes. Deus lhe havia mostrado e impregnado Seu Amor, de maneira sobrenatural, a ponto de aquele único incidente mudar para sempre o rumo de Saulo de Tarso. E a revelação do Deus Vivo, e de Jesus como seu filho, veio quando Paulo ainda era perseguidor, blasfemo e insolente (I Tm. 1: 13 ; I Co 15: 9 ; Gl. 1: 13 ; Rm. 5: 7-8 ; II Co 5: 19).

Depois daquele episódio, Paulo já não mais conseguiria confiar em nada daquilo que ele fazia por Deus, mas no que Deus faria por ele! Por isso... esperou.

Adoro quando Deus é tão específico como foi naquele momento, chamando seu servo Ananias! Deu o endereço completo e o nome de Saulo, seu apelido, e disse-lhe o que estava ele fazendo naquele momento. Orando. E, em visão, tinha visto um homem chamado Ananias impor-lhe as mãos para que recuperasse a vista. Ananias reclamou um pouco, alegando a quantidade de males que Paulo tinha causado aos santos em Jerusalém, e agora vinha fazer o mesmo em Damasco.

“Vai”, respondeu o Senhor, “Porque este é para Mim um instrumento escolhido para levar Meu Nome perante os Gentios e Reis, bem como perante os filhos de Israel; pois Eu lhe mostrarei quanto lhe importa sofrer pelo Meu Nome” (At. 9: 10-16).

Bem... o chamado de Paulo foi diferente, pouco comum... e Paulo aceitou o chamado. Foi batizado imediatamente. Ele sabia, depois do ocorrido na estrada para Damasco, que nunca mais seria o mesmo. Imagino Paulo contando à família e às autoridades Judaicas sua nova decisão: tornar-se um Cristão.

Daqui por diante, a Graça e o Amor de Deus darão rumo à vida de Paulo, sustentando-o nas crises que virão em seguida. Essa nova certeza, fonte da sua espiritualidade, faz brotar em Paulo um nova energia, para cumprir seu destino conforme Deus determinara. Sentindo-se, enfim, justificado, agora podia deixar de preocupar-se consigo mesmo e servir aos outros através da prática do amor, que é “a plenitude da Lei” (Rm. 13: 10 ; Gl. 5: 14). Observe que Paulo não “trocou de Deus”. Ele continuou fiel ao seu Deus e ao seu Povo, pois tinha entendido o “sim” de Deus na figura de Jesus para todas as antigas promessas feitas a eles.

Depois do episódio em Damasco, que foi a conversão de Paulo, houve um lento e longo processo de Treinamento e Maturação. Deus não apenas queria que Paulo parasse de perseguir os Cristãos. Ele queria que Paulo levasse as Boas Novas como Apóstolo de Deus na Terra. Se assim não fosse, Paulo poderia, muito tranquilamente, Ter voltado para sua casa, casado, tido filhos, etc... mas não era isso que estava destinado a ele. Portanto, começou um forjar de Deus todo especial na vida dele, até que estivesse pronto para começar a cumprir sua

Missão. Assim foi com Moisés, assim foi com Davi... assim será com os verdadeiros Líderes do nosso tempo. Ninguém sai por aí, seja lá para exercer a Missão que for, sem antes ter passado pelo treinamento. Era necessário que Paulo viesse não somente a aprender novas Verdades, mas a *apreendê-las como quem as viveu pessoalmente*, e não como alguém que ouviu falar. Todo treinamento é longo, muitas vezes doloroso, cheios de decisões difíceis a serem tomadas nas encruzilhadas do caminho, do deserto, na solidão das cavernas e no meio das lágrimas, nos vales de tentação, nas acusações injustas, na perseguição do Inimigo. Não há como se tornar um Líder sem passar pelos Vales, os Mares, as Montanhas, os Furacões, as Neblinas e a Solidão do Treinamento. Esta é a maneira de Deus forjar homens fortes, segundo o Seu Coração, e que possam vencer quando as verdadeira batalhas se fizerem presentes.

O aprendizado não se dá do dia para a noite; erramos e caímos muitas vezes até que as Verdades de Deus sejam completamente introjetadas em nós e em nossas vidas de forma que não precisamos mais pensar para agir de acordo com elas. Já faz parte do nosso ser. Embora o Evangelho de Lucas narre a conversão repentina de Paulo, nada fala dos 13 anos seguintes, período de silêncio. O que Deus fez na vida de Paulo neste tempo, para que depois ele se tornasse o que se tornou, o maior Apóstolo dos Gentios? As cartas, quando falam dele pessoalmente, ou quando Paulo faz algum comentário sobre sua própria pessoa, indiretamente nos mostra que tipos de Verdade ele assumiu como fazendo parte integralmente do seu ser. Não sabemos exatamente como foi o treinamento de Paulo, pois a Bíblia também não fala sobre esse período da vida dele. Mas, mais tarde, pelos seus escritos e suas atitudes, por frases soltas que ele libera sobre si mesmo em suas cartas, podemos depreender algo daquilo que lhe foi incutido e assimilado durante o treinamento.

O TREINAMENTO DE PAULO

Primeiro, Paulo descobriu o sentido da morte de Cristo. Foi na antiga esperança de seu Povo que ele descobriu que Jesus era o Servo enviado para o resgate e libertação dos Judeus, oferecendo-se a Si mesmo como preço do resgate daqueles que estavam cativos. “Ele me amou e se entregou por mim”. Mais conturbado para alguém como Paulo, colérico por natureza, cheio de títulos e com uma história pregressa invejável, foi aprender e aceitar, e gostar e ensinar “que agora já não sou eu quem vivo, mas Cristo vive em mim” (Gl. 2: 20). A experiência de Paulo foi fazendo com que ele abdicasse do controle da sua vida, experimentando que um *Outro* mandasse nele. Sabemos o quanto isso é difícil. Ninguém quer abdicar do controle de sua vida, do direito de ir e vir conforme dite sua consciência e desejos do coração. Mas o Cidadão Romano, o homem livre, “se diz e se faz escravo de Cristo” (Rm. 1:1 ; Gl. 1: 10). “Quer morramos, quer vivamos, pertencemos ao Senhor” (Rm. 14: 8). Paulo só pode ensinar o que aprendeu. Se não tivesse aprendido, não teria autoridade alguma para ensinar. Seriam somente palavras da boca para fora, e quem o conhecesse um pouquinho mais a fundo veria quão falso era aquele Cristianismo que ele pregava. Sabemos da autoridade de Paulo; sabemos que estas frases não são frases de efeito, como usam muitos pregadores e falsos profetas, mas verdadeiros Servos de Deus.

Paulo aprendeu que a experiência da morte e da ressurreição fez dele um homem *realmente* livre! Ao sentir que tinha vencido o medo da morte (Rm. 6: 3-7), isso deu sentido à renúncia que fez de sua vida secular, do Paulo que ele era antes, promissor e cheio de oportunidades especiais na vida. Ele começou a perceber que o que os olhos veem não é real, mas passageiro! A verdadeira realidade não se contempla com olhos humanos, mas apenas através dos olhos do Espírito Santo, e essa nova realidade é a *Verdadeira Realidade*! Quando se passa a viver assim, o mundo não importa mais. Entenda “Mundo” como o sistema distorcido, corrupto, onde a pequena elite dita as regras e despreza os humildes, vendo neles meros objetos descartáveis, que atrapalham a paisagem; então, que pelo menos sirvam para os trabalhos braçais que irão embelezar a paisagem que eles enfeiaram, para satisfazer a concupiscência dos olhos, da vida e da carne. Assim foi em todas as culturas, em todas as épocas da Humanidade. Arrogância, falta de escrúpulos, inveja, assassinatos, idolatrias, avarezas, torpezas de toda sorte... essa realidade é falsa! Um dia vai passar, desaparecer como névoa para nunca mais existir. Para Paulo, agora tanto faz: Ter muito ou pouco (I Co 7: 29-31), viver na riqueza ou na pobreza (II Co 6: 10), abundância ou penúria (Fp. 4: 11- 13). Ele já vive no futuro, sua esperança de estar com Cristo é o dínamo que move sua vida, mesmo nos momentos mais difíceis.

Super-Herói? Ou um líder que guardou, recebeu, introjetou, *apreendeu* no íntimo do coração a essência de Cristo? Quem faz isso não consegue mais ser o mesmo, nem viver do mesmo modo, mesmo que queira. É impossível recuar. Mesmo nos piores momentos, durante as mais horríveis injustiças, quando sua própria carne sofreu a dor dos flagelos, dos açoites, naufrágios, fome, frio, perseguição, traição, mentiras...

Não estou dizendo que tudo isso é *muito fácil*, que a dor na carne e as privações doeram menos em Paulo do que doeriam em qualquer um de nós. NÃO, não é assim que funciona! Paulo afirma que "morreu e ressuscitou" (Ef. 2: 6 ; Cl. 2:12). Sim! É fato. Esta é a maneira de viver, no dia de hoje, o futuro e a Glória que se nos está proposta, não apenas aqui, nesta vida, mas na vindoura. Paulo não desistiu por amor a Cristo, por fidelidade absoluta Àquele que ele não mais podia deixar de amar e obedecer, fosse aqui, fosse nos confins da terra. Já não sou eu quem vivo... e por isso Paulo continua, continua e continua. Só que, muitas vezes, frustramo-nos pelo egoísmo dos irmãos, os julgamentos, as palavras de acusação, os perigos que partem do seio da Igreja, lugar de onde não se deveria sequer esperar tal coisa.

Mas não foi somente por amor a Cristo que Paulo trabalhou, exortou, ensinou, fundou Igrejas, escreveu cartas, enfrentou perigos em viagens, em jejum muitas vezes, com poucos ao seu lado. Foi também por amor à Noiva de Cristo, recém-nascida, que Paulo fez o que fez. Seu desejo maior era partir e estar com Cristo, o que, sem dúvida, era infinitamente melhor. No entanto, convinha estar ainda na carne, por causa dos irmãos. Essa é uma bonita maneira de dizer que a Missão dele na Terra ainda não tinha acabado. Mas Paulo já não temia a morte. O testemunho de Estêvão, que tanto o havia marcado, agora era uma lembrança do passado, pois ele mesmo, Paulo, já "havia morrido e ressuscitado" (Ef. 2: 6; Cl. 2: 12); quer dizer, essa realidade era presente de uma maneira incompleta enquanto ainda na carne, mas seria verdadeira e perfeita quando chegasse o tempo da partida!

A esperança que as Promessas de Deus, acompanhadas do Seu Sobrenatural, podem impregnar no ser humano rendido a Ele são uma inesgotável Fonte de Vida, de bom ânimo, de levantar depois de cair... A prostração pode durar um tempo. Mas a presença e ação do Espírito de Deus nos ergue novamente, e novamente nos dispomos a caminhar. Paulo desejou – e foi – aquilo que Cristo foi para ele: o servo mais próximo que dá a sua vida pelos irmãos, a fim de restabelecer-lhes a posse da Justiça e da Liberdade. Isso é algo totalmente sobrenatural, porque denota um amor não humano, completamente diferente de tudo o que o Mundo ensina e nos apresenta como certo. Devemos nos preocupar conosco, com nosso sucesso pessoal, com a estabilidade da nossa vida e da nossa

família. Mas... o Povo de Deus??? Que tem isso a ver conosco, que temos nós a ver com eles e com o problema deles? A mensagem foi entregue, cada um que aja de acordo com a própria consciência. Esse tipo de amor pelo qual Paulo foi inundado é algo sobrenatural, o amor pelos irmãos. Por isso, embora desejasse estar permanentemente com Cristo, permanecia na carne por causa dos irmãos. É um amor que vai além da compreensão... e que a maioria de nós não aprendeu ainda, e nesta lista eu me incluo.

Estamos preocupados em agradar a Deus para receber dele as Promessas que nos beneficiam. Uma Igreja Maior, dízimos maiores, mais dinheiro, mais Igrejas... e as vidas? As vidas cheias de problemas, cheias de pecados ocultos, sem saberem o que fazer, passando necessidades físicas, materiais, emocionais, espirituais? Paulo não era Pastor... mas estava bem ciente dos problemas de cada Comunidade, era responsável por elas e escrevia dando diretrizes, exortando, ensinando, explicando. Não as deixou ao Deus dará! Treinou os Líderes, ensinou a hierarquia Pastoral, mostrou que qualidades e características deveriam Ter o homem chamado a ser um Líder da Comunidade. Foi responsável! Não se esqueceu de nenhuma das “suas filhas”, nem mesmo quando escrevia através das grades.

Essa entrega – repare e guarde muito bem – é concreta, perfeitamente e literalmente concreta. Nada de palavras vazias, promessas que não se tem nenhuma intenção de cumprir, atitudes tais como “Vou orar por você, irmão”. Ótimo que oremos uns pelos outros, mas o amor é prático, o amor é prestativo, é paciente, não se ostenta para ser visto pelos outros, não se irrita, não se alegra com a injustiça, não faz nada de inconveniente, não busca interesses próprios, tudo perdoa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta, jamais passará. O amor é uma atitude concreta, não um altruísmo barato cuja intenção é ser louvado pelos homens, ou quando se sabe que amar o Empresário cheio de dinheiro quando ele foi internado para uma pequena cirurgia de apêndice te renderá muito mais lucro do que cuidar de uma pobre família cujo homem, imigrante do Norte, está sem emprego, a mulher se mata trabalhando com faxina e os dois mal podem alimentar os cinco filhos, cuidar da saúde e dar estudo decente. Quem é mais fácil de “amar”? Amamos aqueles que nos trarão algum retorno! Isto não é amor. É um mero disfarce da nossa ambição.

Paulo amou verdadeiramente, pois pagou o preço do amor em sua própria carne. Suportou os trabalhos, a pregação, a fundação das Igrejas, o treinamento dos Líderes, as viagens enormes, os perigos, a canseira do dia a dia; sacrificou-se a si mesmo, ao exemplo de Cristo, a ponto de poder dizer não como quem papagueia e se autoexalta: “Sede meus imitadores, como eu sou de Cristo”! Que autoridade, não? O trabalho e o sofrimento de Paulo ganha sentido a partir do

Amor Maior de Sua Vida: Cristo! Por causa Dele foi tido por “louco” pela cultura grega e “escandaloso” pela Comunidade Judaica Ortodoxa. Aquele era o *famoso Saulo de Tarso*? De que espécie de mal sofria ele, sem dúvida algo muito sério, a ponto de abandonar sua promissora carreira, seus contatos no Sinédrio, os negócios do Pai, os amigos, a família... sem dúvida... algo de desastroso havia acontecido com ele. *Pobre* rapaz! Sem dúvida, muitos do círculo antigo de Paulo assim o consideraram...: “Pobre rapaz! Que fim dará tudo isso?!”.

Mas o tempo foi passando. Treze anos. E Paulo vai, pouco a pouco, por meio das experiências vividas, proporcionadas pelo Pai, transformando-se no que viria a ser, o Apóstolo dos Gentios. Ele não poderia ensinar o que não viveu, não poderia conquistar autoridade para viajar, enfrentando espíritos territoriais sem ter, antes, recebido a coroa de Formatura, a Unção que vem do Alto, o Comissionamento depois de vencidas as etapas do treinamento. Aqueles treze anos foram cruciais.

Paulo também aprendeu como a grandiosa experiência da habitação do Espírito Santo dentro dele podia fazer maravilhas em termos de consolo, refrigério, autoridade e renovação do corpo, alma e espírito. Ele escreveu “Quando sou fraco, então é que sou forte” (II Co 12: 10). Ah! Como seria tremendo se todos nós já tivéssemos descoberto a Poderosa Energia que emana do Santo Espírito de Deus! “Se habita em vós o mesmo espírito que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os Mortos, vivificará também o vosso corpo morto, por meio do Seu Espírito que em vós habita”!(Rm. 8: 11). Paulo não falava da boca para fora, porque o que ele estava realmente *lucrando* com um discurso destes? Ele, Paulo, como ser humano, que lucro tinha?! Mas ele aprendeu, não como conceito teórico bonito, filosófico, erudito – mas *apreendeu, deixou entrar no coração* – certamente, por um sem número de experiências pessoais que a Bíblia não narra, que é possível, sim, ser vivificado pelo Espírito. Quando estamos fracos, pensando em desistir, em morrer, em largar tudo já que não dão valor ao trabalho árduo que fazemos e nem sequer sabemos o preço que tudo isso custou, e se alegram em fomentar discussões insensatas, em acusar o inocente... sim... nesse momento, deitados nos braços e no colo do Pai, a força que emana do Espírito transforma essa fraqueza em força sobrenatural. E Dele, como Pai, recebemos consolo, conforto, alento, empatia, palavras doces, amor, novas forças... Quem sabe Paulo não pensou em desistir?... Quem pode afirmar que ele nunca pensou em continuar levando sua vida de sempre, agora como Cristão, mas sem encarar tudo a ferro e fogo?

Mas não... Ele tinha sido chamado, e o chamado ficou marcado como ferro em brasa no seu coração. *Nunca mais* ele poderia ser o mesmo Saulo de Tarso de

antes. Ele aprendeu, dolorosamente, sem dúvida, que “nada poderia separá-lo do Amor de Deus que está em Cristo Jesus”. E segue-se uma longa lista de possibilidades: tribulação, angústia, perseguição, fome, nudez, perigo, espada, morte, vida, anjos, principados, presente, futuro, os poderes do Mal, as forças das profundezas ou das alturas, *nada*!!! (Rm. 8: 35, 38-39). Isso Paulo escreveu já na terceira etapa de sua vida, quando efetivamente o seu Ministério estava em andamento. Mas, certamente, ele aprendeu tais coisas antes, durante o treinamento. O treinamento forja todas as circunstâncias do que será a Batalha real. Se assim não fosse, o soldado nunca estaria apto a ir para a luta de verdade, ficaria sempre de molho no quartel. Mas Paulo aprendeu; e o que aprendeu, pôs em prática quando assim se fez necessário... E da sua mente nunca saiu aquilo que ele desejou tanto ensinar... “Se Deus é por nós, quem será contra nós?”. Palavras estas que não conseguimos compreender a profundidade do seu sentido, porque quando a coisa aperta para o nosso lado, ficamos como ovelhas alvoroçadas no curral, com medo do uivo e da presença dos lobos, completamente esquecidos da presença do Pastor. Ficam em paz tão somente aquela que, como Paulo, aprenderam a conhecer a voz do Pastor e sabem que ele deu a vida pelas ovelhas. As demais, fora do aprisco, longe do Pastor, fora do alcance da sua mão, longe da sua voz, podem recitar à vontade “mal algum me tocará”. Bela cantilena, mas sem poder algum.

Paulo estava dizendo, neste trecho de sua carta aos Romanos, que nada poderia desviá-lo de sua missão. Nada! Absolutamente nada! Hoje, podemos citar alguns outros motivos de desvio: dinheiro, poder, prestígio, admiração, luxúria, corrupção, adultérios, homossexualismo, medo de ser ridicularizado... medo de perder! Ouve-se vozes por aí: “Pra que agir assim, levar a Bíblia ao pé da letra? Hoje em dia isso é bobagem. Vamos dar um jeitinho de garantir a nossa parte, para que nada nos falte! Quem prega o Evangelho, que viva do Evangelho!”. E roubam, roubam descaradamente. Roubam do Povo, roubam dos pobres, roubam dos Missionários, das viúvas, dos mais simples... ROUBAM DE DEUS! E isso tudo vai, aos poucos, como um câncer que cria metástases, separando-nos do Amor de Deus, ao ponto de estarmos servindo a *nós mesmos e aos desejos do nosso coração*, só muito bem disfarçadinhos com um capa podre de espiritualidade, que engana os mais incautos e apontam caminho errado àqueles que deveriam ser guiados pelo caminho perfeito!

“Maldito aquele que faz o cego errar o caminho”, “Maldito aquele que faz a obra do Senhor desleixadamente”! Desta parte da Bíblia ninguém gosta. Ninguém gosta do Sermão da Montanha, das duras palavras de Cristo aos “Doutores da Lei”, como se a carapuça somente servisse para aqueles, naquele tempo longínquo, mas não no dia de hoje, nas nossas Igrejas, que estão

abarrotadas de títulos e de arrogância: “Senta-te aqui ao estrado dos meus pés”. Quer dizer: “Eu sou melhor do que você!”. E como nos irritamos quando Deus levanta o pequenino, o que nada era, e envergonha aqueles que pensam que são alguma coisa?

Líderes carnais assumem sua “cara de santo” quando sobem ao Púlpito. Pisam no altar depois de terem literalmente pisado nos menores, nos mais fracos, na própria família para estar ali, e *brilhar, brilhar, brilhar*. Não a Luz de Jesus, como gostamos de cantar de mãos ao alto, entre lágrimas de crocodilo: “Brilha, Jesus, Brilha em Mim”... mas esse não é o brilho de Jesus, é o opaco e passageiro brilho do ser humano, teatral, que não tem *poder algum* de transformar vidas, mas afasta ainda mais as pessoas do Evangelho. A discrepância entre o viver e o falar enoja aqueles que poderiam encontrar a verdadeira Luz. Do mesmo modo, ninguém gosta das exortações de Paulo à Santidade, do Apocalipse, do Juízo...

“Louco! Essa noite pedirão a tua alma...”. Bobagem!! É só uma figura de linguagem.

Quem pagará o preço de viver a vida pura e o Evangelho incontaminado que Paulo viveu e pregou, e por Cristo pagou alto preço? Paulo rompeu terminantemente com o Mundo e as coisas do Mundo. Ele continuava comendo, vestindo-se, tendo amigos (ainda que poucos de fato verdadeiros), mas rompeu definitivamente com o sistema corrupto do Mundo regido pelo Príncipe das Trevas. Foi uma ruptura definitiva e que nunca mais teve retorno. Esse é o verdadeiro Líder! Daí a decisão tão firme e inabalável de pregar a Cristo tão somente, e “Cristo crucificado” (II Co 2: 2).

Rompendo com o Mundo e o sistema do Mundo. Toda a vida de Paulo resumiu-se em construir um “Novo Mundo”, onde estejam superadas as diferenças de classes, de cultura, de raça, de religião ou de sexo! Esse Novo Mundo teve origem nas Comunidades fundadas por Paulo, onde, exaustivamente, ele ensinava os mistérios e a simplicidade da vida com Cristo. Estas Comunidades deveriam Ter sido a semente germinativa de um Novo Povo, o Povo Cristão, os adoradores do Messias, morto por nós e ressuscitado. Quanto trabalho, quanta canseira, quanta preocupação e quantas noites mal dormidas por causa desse povo que, desde sempre, foi de dura cerviz e não entendia que não se pode servir a dois senhores, não se pode amar o Mundo e servir a Cristo ao mesmo tempo. Onde, onde está, hoje, a semente deste Povo? Onde estão os verdadeiros adoradores de Cristo, que não se deixam contaminar e nem impedir de ir adiante por nada, nada, *nada*?!!

Paulo descobriu, e ensinou, que o próprio Jesus intercede por nós, e o Espírito intercede com gemidos inexprimíveis, quando não somos capazes de orar por

nós mesmos... Isto que dizer que o Espírito pode produzir em nós os mesmos sentimentos de Cristo. Invadidos por Jesus, espalhamos o seu perfume, como flores lindas, abertas... mas, se não é o bom perfume de Cristo que espalhamos... que haverá de ser? Nem ouso dizer... A podridão dos sepulcros caiados, o cheiro da morte e não da vida. Se Jesus disse aos seus Discípulos, no tocante àquelas cidades que não os recebesse, e nem os ouvissem a sua Palavra: “Batam a poeira das sandálias; e eu lhes garanto que no dia do Juízo haverá maior clemência para Sodoma e Gomorra do que para aquela cidade”. Que será que ele não diz aos Líderes falsos de hoje, que têm a Bíblia completa que os Apóstolos e discípulos não tinham, e hoje se revela um mover maior do Espírito de Deus – para aqueles que verdadeiramente o servem? Que espécie de destino terão esses que *se fingem* de líderes mas cuja única intenção é se dar bem na vida, engrossando seu próprio patrimônio, que passa de pai para filho, e nada tem a ver com o chamado de Deus?! Para que falar em Juízo, em Santidade, em vida reta e ilibada, em arrependimento, em pecados... se podemos falar em prosperidade, em curas miraculosas, em dízimos e ofertas, que nada mais são do que barganhas com Deus, mas não desafiam ninguém a *mudar de vida*? Fizemos de Deus o maior “Papai Noel” da História, e já nem dizemos que precisamos ser “bonzinhos” o ano todo para ganharmos o presentes... Simplesmente pagamos por eles antecipadamente... com cheques em branco, com todo o dinheiro do bolso, com alianças políticas... o bom e velho Deus entenderá que “é pelo Reino”!

A quem pensamos que estamos enganando?

Onde estão, hoje, os sinais da Nova Criação, dos verdadeiros adoradores de Cristo?!

Paulo sabia o que era enfrentar guerra Espiritual. Foi ele quem mais falou sobre as artimanhas do Inimigo. Claro, era de assustar... O Messias tinha vindo e os planos de Satanás fracassado. Agora, para seu desepero e surpresa, a presença de Deus habitava não mais sobre o Povo, sendo manifesta apenas por alguns, em situações bem específicas... mas agora, em todo e qualquer filho de Deus, em todo aquele que recebesse o messias como Senhor e Salvador. Como ele poderia dar conta disso, como poderia impedir o Evangelho de se espalhar e de Cristo constituir um Reino maior na Terra?

Mas, como conta a História, apenas temporariamente durou o fracasso do Diabo. Sabemos que fim deu no Cristianismo do Primeiro Século! Centenas de vírus, de contaminações, pois Lucipher conhecia o coração corrupto do ser humano. Depois de muitos séculos, a Reforma... mas – novamente bato na mesma tecla, no mesmo termo... e *Hoje*??? Como estamos HOJE? O Cristianismo é capaz de impactar e transformar vidas verdadeiramente? Não de fachada.Vidas de fachada nossas Igrejas estão cheias, reflexo de muitos Líderes

que vivem vidas exatamente assim, de pura aparência externa. Então, seu rebanho aprende que ser Cristão é isto: Ter o palavreado “Crente”, as roupas “Crentes”, os “cacoetes” Crentes?

HOJE, o Cristianismo que Paulo pregou e viveu ainda existe? É capaz de transformar vidas não no exterior apenas, mas no coração, na essência, no mais profundo do ser... a ponto de poderem dizer: “Não sou eu quem vivo, mas Cristo vive em Mim, que se dane o resto, o que vão pensar, as chacotas, as perseguições, as inevitáveis perdas que vou sofrer, as humilhações... Nada mais me importa, senão agradar meu Deus. Se Ele não quer que eu faça algo, quer que mude a direção do meu caminho, assim faço, porém, não porque Ele me obriga a isto, mas porque aprendi a amá-Lo; se Ele quer que eu aja de alguma maneira específica, faça algum trabalho específico, eu faço, não porque estou coagido a fazê-lo mas porque *eu o amo*!”

Bem...

HOJE, estamos divididos em dezenas de denominações que tão somente se *toleram* entre si, desde que uma não invada muito o espaço da outra, não “pesque no seu aquário”, não desvie os membros para outra Igreja... A Casa dividida não prevalece. Os líderes não pensam muito nisso, O que importa não é o Reino, mas se sua Igreja – a denominação em si – vai bem; isto é, se está construindo, indo para um lugar maior, aumentando o número de Membros, a receita que entra, o salário dos pastores, o “lay-out” externo. O que será que tudo isso tem a ver com o que o Apóstolo Paulo ensinou, e pregou, e gastou a sua vida, e a entregou à morte, para que houvesse, enfim, a formação de uma nova geração de Homens e Mulheres? Uma semente multiplicadora de Cristo! (Gl. 3: 28 ; Cl. 3: 11 ; I Co 12: 13 ; Ef. 2: 15, 4: 22-24 ; Cl. 3:9-10 ; II Co 4: 16 ; I Co 15: 45-49). Deveria ser como uma Nova Criação em andamento (II Co 5: 17)!

Embora Moisés tenha escrito muito, não retrata experiências ou emoções pessoais... Davi, melancólico e romântico, ainda que Guerreiro nas mãos do Senhor, é rico em falar de si mesmo nos Salmos. Já Paulo, usa pouco de seus sentimentos e experiências pessoais em seus escritos, a não ser para encorajar outros, as Comunidades, o Povo recém-nascido de Deus a continuar caminhando e crescendo. Mas bem sabemos, quem passou pelo verdadeiro treinamento de Deus sabe quanto é difícil... mas também o quanto se aprende. E se aprende com a finalidade de repassá-lo a outros. Foi o que Paulo fez. Aprendeu, foi treinado, labutou... venceu a carne em lutas de sangue, em dores monstruosas, porque a carne grita ao ser morta, arrasada, manietada, crucificada. Não é um trabalho curto, e muito menos simples. Requer, principalmente, que usemos do nosso livre-arbítrio para deixar Deus agir e nos jogar no moedor de grãos, no fogareiro da fornalha.

Foi justamente fazendo uso do nosso livre-arbítrio que Lucipher obteve as vantagens que hoje tem. Usando a matéria-prima do Homem, a podridão do coração, que é mais corrupto do que qualquer coisa na face da Terra. E agora? E agora, que a Noiva de Cristo está suja, feia, com as vestes rasgadas, sem adornos nos cabelos, com as mãos ásperas de fazer o que Deus não mandou, os pés descalços de tanto ir para onde não devia, prostituindo-se com ídolos e se regalando com o que o Mundo e seu Príncipe oferecem? Bêbada, sem senso de crítica ou razão, motivo de risos ao invés de admiração? Mais parece a Gata Borralheira do que a Cinderela... Se a Noiva não se tornar logo uma verdadeira "Cinderela", que dirá dela o Noivo, quando a vir? Levará tal personagem para compartilhar com Ele as Bodas?!!! Esqueça... O Noivo deu bastante tempo para que Sua Noiva se adornasse, penteasse, vestisse e aprendesse boas maneiras... Agindo como uma "Virgem imprudente", que não manteve acesa a sua lâmpada com óleo, ficou a ver navios; ou melhor, a ver o anticristo e a desgraça inimaginável do Apocalipse e da Ira Daquele com quem havia de se desposar.

A maneira de Paulo agir e falar deixa entrever um pouco do relacionamento que ele mesmo tinha com Deus: para ele. Jesus não era só uma ideia que alumiava seu caminho, um ideal, uma força abstrata que o empurrava adiante... Nada disso. Jesus, Aquele que o deixou ouvir Sua Voz a caminho de Damasco, Voz Poderosa "que parte os cedros do Líbano", ele não era apenas uma Voz, mas uma *Pessoa real*! Tão real quanto eu ou você. Paulo deveria ser de cinco a oito anos mais novo que Jesus. Certamente, tinha ouvido falar daquele homem, talvez até mesmo o tivesse visto, numa das Festividades em Jerusalém, que atraíam os Judeus de todos os cantos do Império. Mas, naquela época, Paulo ainda era Fariseu, talvez ainda estivesse a completar os seus estudos. Cheio das doutrinas dos "Doutores da Lei", não havia espaço para mais nada. Jesus era pobre, do campo... um *coitado*, quase um mendigo, um escravo a quem o Povo fazia questão de atribuir Poderes para tornar sua vida miserável um pouco mais dotada de sentido. Foi um ou outro Fariseu que creu na Pregação de Jesus: Nicodemos e José de Arimateia. Jesus! Talvez, naquela última Páscoa, Paulo de Tarso, como rígido observante da Lei, estivesse em Jerusalém para as comemorações e tenha visto, mesmo que de relance, aquele homem imundo, nu, abandonado por todos os seus seguidores, massacrado pelos Romanos, pregado na cruz com aquela frase "cômica" à sua cabeça coroada de espinhos.

"Mais um lunático", talvez ele tenha pensado. E foi comer seus pães asmos, sem peso algum na consciência. Depois, apesar da morte daquele mendigo, ainda assim aqueles seus seguidores continuavam querendo perturbar o mundo. E Paulo tomou para si a missão de acabar com eles. Mas aí... você já sabe. E é isso o que eu chamo de mudança de vida verdadeira!!!

A espiritualidade não é um conjunto bonito de ideias para meditar e recitar, mas a experiência concreta de Deus a cada dia, a cada problemas, em cada encruzilhada da vida.

Enfim... Chegamos à idade dos 41 anos de Paulo. Foi somente então que o Ministério começou de verdade, e aquilo que Deus almejava em Seu Coração podia ser feito através daquele filho amado que se deixou moldar. As perseguições, os perigos e a iminência da morte física seriam mais intensas e chegariam mais perto do que durante o treinamento. Mas Deus acreditava que seu Guerreiro seria vencedor, estava apto, tinha aprendido as lições, tinha recebido o Diploma de Formatura e estava pronto para partir para outra terras, levar adiante o Evangelho aos confins da Terra, aos Gentios. Aquela Fonte que Paulo encontrou no caminho de damasco se tornou Nele uma Fonte permanente, jorrando em rios pela estrada da sua vida, lugar onde ele podia beber e sentir-se melhor quando o fardo lhe parecia pesado demais.

Sobre as Viagens Missionárias de Paulo, muito ao contrário destas duas primeiras fases de sua vida, a Bíblia é clara e repleta de detalhes. Se fôssemos realmente falar sobre tudo isso, teríamos que fazer um resumo do Novo Testamento inteiro! Vamos guardando somente os pontos-chave. Relembremos um pouco o resumo da vida de Paulo.

•O primeiro momento, até seus 28 anos de idade: observamos um Paulo que recebeu educação privilegiada, falava, certamente, várias línguas (hebraico e grego; aramaico – língua falada por Jesus – e, talvez, o Latim de Roma), era cidadão Romano, membro do Sinédrio com pouca idade, por conseguinte um Líder por excelência; Fariseu por formação superior em Jerusalém, um erudito “Doutor da Lei”, próspero financeiramente e assumido perseguidor dos Cristãos: alguém que teve “estômago” para assistir a morte a pedradas de um provável companheiro de escola (pois, assim como Paulo, Estêvão era Judeu... só que agora, um Judeu convertido). Isso nos revela um pouco do caráter forte de Paulo, colérico; o tipo de homem que não gosta de ouvir um “não”, que não gosta de ser contestado, cheio do ranço do Fariseus. O tipo de homem que os demais “mortais” costumam temer e evitar, pois são explosivos, querem as coisas à sua maneira. Para Paulo, certamente mansidão era sinônimo de fraqueza; tolerância, sinônimo de falta de princípio e pulso firme. Para Paulo, o que ele julgava certo, estava certo, e o que ele julgava errado, estava errado. Ponto final! E não me desafiem! Ao ir tão longe, até Damasco, Paulo revelava o desejo quase obsessivo de exterminar aqueles perturbadores da ordem e dos bons costumes!

•O segundo momento na vida de Paulo veio depois do encontro com Jesus, o período em que perdeu as rédeas de sua vida, o período de 13 anos que a Bíblia pouco cita, e podemos indiretamente pressupor as transformações através das entrelinhas das cartas que ele escreveria muito mais tarde. Ensinava o que aprendeu. Já comentamos bastante sobre o novo Paulo, o Paulo que se apaixonou por Jesus e por ele deixou o Mundo e seu sistema. Com o mesmo ímpeto, dedicação, determinação e paixão com que viveu seu primeiro período de vida, muito mais agora ele deixava marcas das mesmas características. Mas, certamente, o moldar do caráter não foi fácil. Não era fácil deixar que Outro dominasse sua vida e lhe dissesse o que fazer. Imagino quantas cabeçadas Paulo não deu para aprender que o melhor lugar é o centro da Vontade de Deus. Não foi fácil ser rejeitado pela Comunidade Cristã, que se recusava a acolher aquele terrível algoz. Poucos foram os que estiveram com ele; muito diferente de antes, pois, como fariseu, era saudado nas praças e nas ruas, tinha o melhor lugar nas Sinagogas e era “cocado” por todos. “Senhor Paulo...”, “Doutor Paulo de Tarso”...

•Agora ele não era mais nada disso. Tudo o que ele tinha sido e tudo o que ele tivera como bens e posses... já não mais existia. Quem lhe prestou a primeira assistência foi Ananias (At. 9: 17). Depois dos três dias de “morte”, o início da ressurreição, o nascimento de um novo homem.... mas um homem que teria que ser muito trabalhado por Deus, e aprender muito. Dedicado aos estudos, não me admira a imagem de um Paulo vestido com roupas simples, debruçado sobre as escrituras num final de tarde, preocupado em entender porque *Jesus* era o Messias. Paulo sabia que Jesus era o Messias, mas ele precisava de comprovação das Escrituras. Mais tarde, Barnabé veio até ele (At. 9: 27 ; 11: 25; 13; 2 ; I Co 9: 6). Estava começando ali uma aliança importante, que nasceu como simples amizade de alguém que teve a coragem de chegar perto do “ temível Saulo de Tarso”. Este não foi o único amigo que Deus providenciou para Paulo; os Cristãos que deram suporte a ele naquele momento de transição, que foi benéfico, sim, mas não deixou de ser doloroso. Toda passagem envolve dor. Eunice, Loide (II Tm. 1: 5), o jovem Timóteo (Rm. 16: 21; I Ts 3: 2, 6 ; I Co 16: 10; I Tm. 1: 2), Pedro, Tiago e João (Gl. 2: 9), Febe, a diaconisa (Rm. 16: 1), o casal Priscila e Áquila (At. 18: 2, 18 ; Rm. 16:3 ; I Co 16: 9), Lídia (At. 16: 14-15, 40). Como um diamante que vai sendo lapidado, o caráter de Paulo foi sendo tratado. Certamente, em meio a dor e muitas lágrimas, lágrimas que Davi não economiza, e talvez mesmo o invulnerável e colérico Paulo tenha derramado também (mas talvez ele não goste de

admitir). O brilho do próprio diamante, iluminado pelo brilho de Cristo, refulgiu finalmente em cores nunca dantes vistas, algo que só ocorre numa pessoa mudada no corpo, na alma e no espírito. É muito belo o processo de como ele, que ainda não era denominado “Apóstolo”, foi sendo mudado de rude e tosco pedregulho no lindo diamante de Deus. Talvez não seja à toa que Paulo gasta tanto tempo tentando falar e definir o indefinível, o Amor (I Co 13). Não deve ter sido fácil para ele aprender a amar, e muito menos perceber que todas as obras, sem amor, valem coisa alguma diante de Deus. Foi por amor que Cristo veio, e é pelo amor a Ele e aos irmãos que Cristo deseja que nós também caminhemos. Não adiante peripécias mirabolantes. Por vezes, entregar uma flor a um doente e falar do Criador da flor revela mais o amor do que falar línguas, distribuir os bens aos famintos, Ter tanta fé a ponto de transportar as montanhas, morrer queimado como um mártir. Paulo aprendeu, finalmente, muito ao contrário de tudo o que tinha vivido até então..... Quem sabe, as Palavras de Cristo, que devem Ter sido assunto na roda dos Fariseus tantas e tantas vezes, não ecoassem nos ouvidos de Paulo, e somente agora ele percebesse quão tolo, *quão tolo* tinha sido! Os Fariseus devem Ter, indignadíssimos, repetido o que aquele “Herege” dizia a respeito deles: “Fazei e guardai tudo quanto (os Fariseus) vos disserem, porém, não os imiteis em suas obras; porque dizem e não fazem(...). Praticam todas as suas obras com o fim de serem vistos pelos homens (...); amam o primeiro lugar nos banquetes e as primeiras cadeiras nas sinagogas, as saudações nas praças e o serem chamados ‘Mestres’ pelos homens(...) Ai de vós, escribas e Fariseus, hipócritas, porque dais o dízimo da hortelã e do cominho e do endro, e tendes negligenciado os preceitos mais importantes da Lei, a Justiça, a Misericórdia, e a fé; (...) Ai de vós, (...) porque limpais o exterior do copo e do prato, mas estes por dentro estão cheios de rapina e intemperança. Fariseu cego, limpa primeiro o interior do copo, para que também o seu exterior fique limpo, Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora se mostram belos, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e de toda imundície (...). Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação do Inferno? (trechos de Mt. 23).

•Assim era Paulo, assim vivia Paulo; não se muda da noite para o dia, e muito menos sem querer, querer muito!!! Arrependido do seu pecado e do sangue inocente que tinha nas mãos, Paulo se entregou ao Senhor de todo coração. Por isso foi o que foi! Aprendeu a ser o oposto do que era antes, e que mais vale a intenção do coração, e não a atitude e aparência externa. Atitudes externas precisam existir, as *obras* precisam existir. Só que como

fruto de amor. Temos que ser cautelosos, porque pode não haver amor algum nas nossas obras, apenas vontade de sermos apreciados pelos Homens. Nunca se esqueça: Deus é quem pesa o coração, quem esquadrinha o mais profundo do nosso ser. A Raça de Víboras não deixou de existir, MAS CRESCE A CADA DIA, pois julgam servir a um Deus cego, surdo e mudo! Que aguardem, pois receberão a devida paga do seu desserviço. É interessante quando Paulo passa a falar do amor... e incessantemente tenta mostrar a grandeza deste, que não é um sentimento, e pode não ser uma atitude. Ele tinha entendido que “o cumprimento da Lei é o amor”. É lindo notar como todas essas belezas foram aparecendo na vida de Paulo.

LUGARES ONDE PAULO ANDOU NESTE SEGUNDO PERÍODO DE SUA VIDA

Informações geográficas, além de poucas, não são muito certas. A Bíblia teve por objetivo narrar o período de Apostolado de Paulo, momento em que se tornou líder. O Líder nem sempre precisa Ter multidões à sua volta seguindo-o, como teve Moisés, nem valentes e exércitos e súditos como Davi. Paulo foi líder de um pequeno grupo que viajou com ele nas suas 3 viagens Missionárias. Depois, tornou-se o Líder por excelência das Comunidades que fundou, mas não estava sempre lá. Contudo, mesmo distante, sabia tudo a respeito de todos, estava sempre em contato, sempre sendo o verdadeiro responsável pelo que ocorria, tomando sobre seus ombros o bom ou mau andamento das coisas, ensinando, exortando, disciplinando e formando novos líderes locais, capazes de gerir bem a Comunidade. Num tempo como aquele, em que as viagens eram longas, perigosas e não havia correios e e-mails, é de admirar como Paulo conseguiu ser um verdadeiro Líder para toda essa gente, tão distantes umas da outras. Hoje em dia – perceba que falaremos muito no HOJE – muitos dos nossos Líderes moram do lado da Igreja e nem se consegue falar com eles!...

Mas, bem, vamos lá... Onde esteve Paulo depois da sua conversão???

Ele queria pregar, isto é fato! Queria imediatamente sair gritando aos quatro cantos que Jesus era o Messias! Parece que se esqueceu total e completamente da vida que tinha em Jerusalém, pois ainda em Damasco, ele começou o anúncio das Boas Novas. Naturalmente provocou um conflito com os Judeus, pois todos sabiam quem era o temível Saulo de Tarso! Aquela historinha pra boi dormir só podia ser alguma artimanha suja para descobrir os verdadeiros Cristãos e degolá-los!!! Tudo o que aquele homem fazia era devastar as Comunidades de Judeus Cristãos que começavam a surgir.

Era só o que faltava, aquele homem tinha que ser expulso dali o quanto antes! Ou... melhor ainda! Sozinho e desguarnecido, por que não matá-lo de uma vez?!

Logo que se sentiu refeito depois dos três dias de jejum, e que voltou a enxergar, Paulo logo pregava nas Sinagogas; mas todos que o ouviam ficavam atônitos. “Não é *este* aquele que exterminava os Cristãos em Jerusalém??! E que aqui chegou para levar amarrados os que invocam o nome de Jesus aos principais sacerdotes?!”. Bem ao jeito determinado e característico do antigo Saulo, ele continuou pregando que Jesus era o Filho de Deus e confundia os Judeus de Damasco. Apesar de Paulo ser muito convincente no que dizia, para todos aquilo era inconcebível! Agindo de modo irracional, tudo o que viam em Paulo era um inimigo, independente do discurso. Logo, em dias, estavam dispostos a tirar-lhe realmente a vida. Mas Paulo acabou por descobrir o plano,

só que dia e noite as portas da cidade estavam guardadas! (At. 9:20-24).

Paulo já devia ter alguns discípulos que criam nele, e foram estes que o tiraram da cidade, de noite, naquele célebre episódio do cesto. Foi uma fuga desesperada e perigosa. Pela primeira vez Paulo sentia na pele o terror de ser perseguido por quem quer a sua morte. E isso poucos dias depois da conversão! Temos a tendência de não contextualizar muito bem certos textos da Bíblia, e por vezes dá-se a impressão que esse episódio aconteceu muito depois, quando Paulo estava já "acostumado" às perseguições. O ato da fuga foi arriscado. Ele corria o risco de ser interceptado por uma turba assassina e ser linchado. Mas fugindo à noite, pela muralha, havia o perigo de cair e se machucar seriamente, pois as muralhas das cidades antigas eram altas, provavelmente vários andares.

Dali Paulo foi para a Arábia, onde ficou por três anos. Ele mesmo conta, mais tarde, na sua carta aos Gálatas, que não mais voltou a Jerusalém depois de sua fuga de Damasco, e nem procurou os que já eram Apóstolos antes dele, tal sua convicção do chamado (e, talvez, pela péssima recepção dos Judeus de Damasco, achou melhor não correr riscos desnecessários). Não sabemos o que ele fez durante esse tempo, mas é certo que Deus deve ter operado muito, quer Paulo o percebesse, quer não. Acabou, então, voltando para Damasco, e enfim foi para Jerusalém (Gl. 1: 15-18). Procurou, então, os Apóstolos – não por orgulho ou presunção, mas certamente por reconhecer neles uma autoridade especial, pois tinham andado com o Senhor. Esteve 15 dias com Cefas, e era de se esperar que os demais viessem vê-lo. Mas ninguém foi. Paulo tão somente conheceu Tiago, irmão de Jesus (Gl. 1: 19). Bem, aparentemente ele não foi acolhido pela Comunidade de Jerusalém. Que haveria de fazer? Todos o temiam e não acreditavam que ele fosse realmente Cristão. Não ali, em Jerusalém, depois de tudo o que tinha feito, à vista de todos! (At. 9:26).

Paulo estava sozinho; não tinha ninguém, não tinha nada. Somente o chamado e a presença do Senhor Jesus. Se Paulo visitou algum amigo pessoal ou membro do Sinédrio não sabemos. Mas creio que, se o fez, deve ter sido tachado de louco e abandonado por todos.

Ora... não havia muito mais o que perder. Só a roupa do corpo...

Mas, então, um "milagre aconteceu"! Depois daqueles três anos de isolamento na Arábia e de sua tentativa frustrada de aproximar-se dos Discípulos, Barnabé, crendo na sua sinceridade, levou-o consigo e o apresentou aos Apóstolos e contou-lhes o testemunho de Paulo. Ali ele ficou, pregando com os Apóstolos, entrando e saindo da cidade. Mas o caráter colérico e impulsivo de Paulo ainda tinha que ser trabalhado. Talvez ele pudesse Ter permanecido mais tempo em Jerusalém e aprendido mais com aqueles que já eram Apóstolos; talvez não tenha sido a perfeita vontade de Deus que Paulo novamente tivesse que partir.

Mas criou confusão com os chamados Helenistas, e estes acabaram por querer – novamente – tirar-lhe a vida. Ao que parece, nesse começo o fervoroso Cristão recém-convertido queria praticamente *impor* sua crença de qualquer modo, a qualquer preço, e na sua ânsia acabava gerando conflitos e discussões de porte. Quando isso chegou ao conhecimento dos Apóstolos, tiraram Paulo de Jerusalém e o enviaram a Cesareia, cidade próxima.

Mas depois o mandaram novamente para Tarso. Ao que parece, no fundo, no fundo, preferiam ver longe aquele homem. Talvez não tivessem realmente conseguido perdoá-lo pelos danos que causara, assolando a Igreja e até mesmo invadindo as casas com a ferocidade de um animal, arrastando homens e mulheres e os encerrando no cárcere.

Enfim... lá estava Paulo... novamente *em casa*. Em Tarso!

Acho que não era bem ali que ele gostaria de ficar, e deve ter-se sentido extremamente insatisfeito e irrequieto, típico da juventude que se lhe aflorava no corpo e invadia a alma, ambos "contaminados" por um espírito recém-vivificado. Como conseguir ficar quieto? Não consigo imaginar Paulo quietinho, conformado, desanimado. Desanimado, só se fosse com a impossibilidade de sair de pronto em viagem pelos quatro cantos do Mundo.

Bem, uma coisa acho que ele teve que fazer, e isto foi visitar a família para dar-lhe alguma satisfação do que estava acontecendo! Coisa que novamente a Bíblia não relata... A coisa que com certeza não foi das melhores experiências de sua vida. Imagine! O antigo e pressuroso e responsável e irrepreensível Saulo certamente tornou-se motivo de imenso desgosto. De filho promissor, estudante em Jerusalém, que em breve assumiria os negócios do Pai e seguiria sua carreira "político-religiosa" como Fariseu, de repente retorna à casa como um dos seguidores daquele *bando de lunáticos*, os Discípulos de Cristo!! Era o fim da picada!

Sem sombra de dúvida, Paulo deve ter sido rejeitado, literalmente *excomungado* da família. A julgar pelo seu caráter ilibado e criação excelente, devia ter um pai austero que enchia o peito só pelo fato de ser cidadão de Roma e dono de prósperos negócios... Que vergonha... *que vergonha inimaginável* seu filho o fazia passar!!! Depois de tanto esforço e dedicação por parte da família, era assim que ele agradecia???? Pois que fosse procurar ajuda noutra paróquia!

Agora era fato... Já não havia mais o que perder. Mesmo durão, esse talvez tenha sido momento de muitas lágrimas escondidas...

Pobre Paulo... Ali ficou ele, em Tarso, submisso às ordens da Igreja de Jerusalém. Pouco sabemos o que fez ali... Talvez tendas, para sobreviver, ter o que comer e vestir... mas não creio que ligado aos negócios do pai e da família. Porém, deve mesmo ter ido dar umas bandas em outra paróquia, pregando, sim,

do seu jeito, sozinho. Ao que parece ele não ficou todo o tempo em Tarso, mas andou por regiões da Síria e Cilícia, onde não era conhecido de vista e, portanto, não o temiam. Deve ter participado da vida nestas Comunidades e contribuído para a expansão do Reino nestas regiões. Ainda assim, existe um vácuo na Bíblia sobre este período. Aparentemente, Paulo não arrumou mais nenhuma confusão e talvez, com o passar dos anos, tenha pensado que ali era seu lugar. Afinal... já estava entre os Gentios. Ou não... Quem o saberá senão o Senhor?

Talvez Paulo soubesse que o seu dia chegaria, o dia de ir embora, de servir completa e integralmente ao Senhor Jesus. Ele não constituiu família. Esperou. O cerne deste período de sua vida não está nas viagens e nos grandes acontecimentos, mas na nova experiência de vida através e com o Senhor. Deus não se olvidou de seu filho, a quem tinha escolhido e eleito desde o nascimento. Talvez esse período tenha sido recheado de intensas experiências pessoais com Deus, o que o capacitariam a estar pronto e confiar inteiramente no Senhor dos Exércitos quando o dia de partir, enfim, chegasse. Ele continua vendo as mesmas coisa de antes: o Povo, a Sinagoga, a Lei, a Cidade, o trabalho, os conflitos, os lugares... tudo que pertencia ao seu Mundo. Mas, agora, ele via tudo com novos olhos, via com os olhos de Jesus. E a experiência do amor de Jesus o ajudou a enxergar o que antes não via e a descobrir novos valores. Os valores do Reino! Só então estava pronto, só então o treinamento findou...

E chegou, enfim! Chegou o momento de começar sua verdadeira Missão! E veio de maneira bem inesperada.

Catorze anos se passaram até que Barnabé veio à procura de Paulo (Gl. 2: 1). Paulo era carta fora de jogo havia muito tempo, e se Barnabé o achou, é porque foi em Tarso que o achou. Mas tinha um propósito esta visitinha!

O que estava acontecendo com a pregação do Evangelho era estranho. Tudo tinha começado bem, mas depois que a perseguição começou, com a morte de Estêvão, houve grande dispersão dos Cristãos e todos, exceto os Apóstolos, saíram de Jerusalém para outras regiões da Judeia e Samaria (At. 8:1). Os Judeus, povo acostumado às perseguições, trataram de continuar pregando o Evangelho na Judeia e em Samaria. Mas ainda era a Palestina, e o problema era que este estava sendo anunciado tão somente aos Judeus. Decididos a sobreviver como Nação, não podiam “exceder os limites do aceitável”. Depois, os da Dispersão se espalharam também até a Fenícia, Chipre e Antioquia (importantíssima cidade do Império Romano Oriental). Mesmo assim, continuavam anunciando o Evangelho somente a Judeus. Entretanto, alguns mais corajosos foram a Antioquia e falaram aos Gregos de lá, e muitos aceitavam a Palavra, convertendo-se, pois o Senhor era com aqueles valentes (At. 11: 19-21). Não foi predeterminado. Simplesmente foi acontecendo, tanto é que os

Apóstolos não estavam informados de nada. Foi um começo realmente corajoso, pois o Evangelho, de origem “rural”, agora tinha que se adequar à realidade de grandes metrópoles. Para que você forme uma ideia aí na sua cabeça, imagine que Antioquia, na Síria, tinha cerca de 500.000 habitantes; Éfeso, pouco menos; Corinto, um pouco mais, cerca de 600.000. Roma, já beirava 1.000.000! Naquelas cidades juntava gente do Mundo inteiro. Sem dúvida, foi preciso coragem. E o Evangelho se espalhou rápido entre os Gentios, pois havia um “vácuo religioso”, essa era a verdade. O politeísmo e a Filosofia Grega não podiam satisfazer a ânsia interna do ser humano. As massas escravizadas da periferia viviam abandonadas, à deriva, à procura de quem as acolhesse. As estradas do Império viviam cheias de Missionários e Filósofos ambulantes, e muitas seitas do Oriente vinham chegando também. Uma bela confusão! Neste contexto, a religião revelada dos Judeus atraía muita gente.

A notícia sobre a conversão destes Gregos chegou até os ouvidos da Igreja de Jerusalém; e Barnabé foi enviado até Antioquia para dar uma espiada. Ali tinha-se formado uma Comunidade, e Barnabé, homem bom e cheio do Espírito, encorajou-os a se manterem firmes (At. 11: 22-24). Sem dúvida, Barnabé recebeu de Deus o chamado para permanecer ali, pois o Evangelho precisava ser anunciado aos Gentios, e essa era tarefa perigosa que ninguém estava muito a fim de fazer. Daí a “visitinha” em Tarso. Quem era “louco” o suficiente, corajoso, determinado, intrépido, que não tinha medo de dar a cara para bater, e nada a perder? Claro! *Aquele* lá! Saulo de Tarso! Desta vez, a Igreja de Jerusalém lembrou-se da existência dele, afinal, Barnabé não podia ir sozinho, o trabalho era muito. Paulo haveria de servir (At. 11: 25). E Barnabé, creio eu, muito se alegrou, pois desde o princípio acho que ele “foi com a cara do homem”!

Aí está prestes a começar o Ministério de Paulo, Ministério voltado aos Gentios, conforme a Palavra do Senhor em Damasco, tantos e tantos anos antes. Era o trabalho que ninguém queria fazer, mas Paulo o faria, pois para tanto tinha sido eleito. Então, em Antioquia, durante um ano, Paulo e Barnabé se reuniram e ensinaram naquela Igreja a numerosa multidão! Foi a primeira coroa que Paulo recebeu, pois nessa cidade os Discípulos foram chamados de “Cristãos” pela primeira vez! (At. 11: 26). Depois de breve saída para ajudar a Igreja de Jerusalém, que era pobre e passava necessidades, Barnabé e Paulo voltaram a Antioquia trazendo com eles João Marcos, primo de Barnabé, autor do segundo Evangelho. A despeito da confusão gerada com a entrada dos gentios na Comunidade Judaica, por causa da Lei e da circuncisão, no que Paulo foi extrema e terminantemente irredutível em impor tais coisas aos gentios, dividiu-se a Igreja; e para resolver o problema convocou-se uma reunião que entrou para

a História como o Primeiro Concílio Ecumênico de Jerusalém (At. 15: 6-21 ; Gl. 2: 1-10). A contribuição de Paulo no Concílio foi decisiva. Depois de tantos anos comparando as Escrituras que tão bem conhecia com a mensagem do Evangelho, já tinha chegado a conclusões que, para ele, futuro Apóstolo dos Gentios, eram óbvias. Ele movimentou a opinião pública e ajudou Pedro a decidir a favor da entrada direta dos Gentios, sem imposição da observância da Lei de Moisés e da circuncisão. Tudo terminou bem. Pedro, Tiago e João foram designados para os da circuncisão, e Paulo, para os da incircuncisão, pois o seu chamado foi reconhecido pelo principais dos Apóstolos.

Assim acordados, o trabalho de cada lado continuou por si. Mesmo assim, um problema prático ainda se impunha, que era a convivência entre os Judeus convertidos e os gentios dentro da mesma Comunidade (como esses tipos de problemas, e sectarismos e discriminações e pré-julgamentos são antigos, não?!). Assim, já que os Judeus abriram mão de um ponto que consideravam importante (ainda que totalmente sem sentido, como é difícil se livrar das tradições herdadas! Era Paulo quem tinha absoluta e total razão), eles achavam que os gentios também podiam ceder um pouco nos seus costumes em nome da boa convivência, e observar alguns costumes próprios só dos Judeus (At. 15: 19-21), o que foi escrito num documento enviado às Comunidades (At. 15: 23- 29). O Concílio foi um importante marco na História e um início para a solução de um conflito que poderia nem ter existido se eles se lembrassem de histórias como a da Samaritana, dos leprosos, dos publicanos, das prostitutas e do exemplo de Jesus; mas o ser humano é sectário por natureza e arrogante por natureza e egoísta por natureza. Mesmo assim, é dentro deste contexto que ocorre a briga entre Pedro e Paulo. Paulo estava com a razão. Se Pedro não mais viva como Judeu, por que obrigar os Gentios a fazê-lo? Até Barnabé vinha se deixando ludibriar pela hipocrisia que Pedro apresentou certa ocasião (Gl. 2: 11- 14). Embora Pedro não negasse a *Letra* do Concílio, na prática estava a negar o *Espírito* do mesmo!

Paulo agora tinha entre 41 e 44 anos. Estava bem mais maduro em todos os sentidos. A Bíblia fornece muitos dados sobre este período, porque este é o período do Apostolado de Paulo. Ele não se tornou Apóstolo na estrada de Damasco, do mesmo jeito que Davi não se tornou Rei no dia seguinte à sua Unção por Samuel, e igualmente Moisés levou 40 anos para retornar ao Egito exibindo o título de Libertador.

Quando Deus nos dá uma promessa, um Ministério, um chamado... *nunca* se esqueça disso! Se você aceitar o chamado, o Ministério, se crer na Promessa... isso implica que deu licença ao Senhor para fazê-lo passar pelo treinamento. Deus não quer Líderes despreparados, que vão tropeçar na primeira pedra, ou

recuar no primeiro impasse, ou não discernir a Sua Voz e a sua Direção em momentos cruciais! Ninguém vira Líder de nada, de NADA, num cursinho de fim de semana, num ano de Seminário... leva um certo tempo. Você só irá ao campo de trabalho que o Senhor te determinou depois de receber a sua marca de Formatura, depois de vencer todas as provas que lhe forem propostas. E tenha certeza de que será testado muitas vezes.

Continuemos nossa história... Voltando Paulo e Barnabé de Jerusalém, observamos como era próspera, espiritualmente falando, a Igreja de Antioquia, tendo ali Profetas e Mestres, e um serviço sincero e legítimo ao Senhor. Pelo que, certo dia, em meio ao serviço e ao jejum, o Espírito Santo se pronunciou dizendo: “Separai-me, agora, a Barnabé e a Saulo para a obra que os tenho chamado”. Assim foi feito, e, pela imposição das mãos, pelo jejum e oração, os comissionaram como Igreja para a obra, e os enviaram.

Guarde isto também: ninguém vai ao campo sozinho. Ninguém vai ao campo sem cobertura da Igreja. Ninguém vai ao campo sem o chamado do Espírito, e sem a testificação das demais figuras de autoridade da Igreja. Ninguém vai ao campo sem a unção do Alto manifesta pela imposição de mãos e unção das figuras de autoridade da Igreja. Se assim não for, cuidado.... pode ser aquele *Fogo Estranho*! Por esquecer destes princípios básicos, muitos “pseudoministérios”, “pseudoprofetas”, “pseudolíderes” naufragam em suas “pseudo-obras”, levando muitos a naufragarem junto! Que o Senhor nos ensine a ter mais zelo, a esperar o tempo e o modo certo. Se Paulo insistisse em sair antes, teria perecido. Esperou, e não foi pouco tempo. Um dos grandes problemas das nossas Igrejas de hoje é a velha história do “Deus me *revelou*, só a mim, me *mandou* fazer isso”. Não testifica em mais ninguém, não se comunicam os líderes, ou estes impõem as mãos precipitadamente, só para se verem livres do tormento. As “Missões” mais mirabolantes nascem do orgulho de pessoas que não se submetem à autoridades, não ouvem ninguém e se justificam dizendo que “também têm o Espírito Santo”. Diante disso, como questionar? Diante de quem diz: “Deus me falou!”, que se pode fazer? A desobediência e a dura cerviz tem levado muitos, muitos, muitos a grandes desvios, grandes erros. Aprendemos no Seminário I que quem perde a visão também perde a unção e a estratégia. Julgando estarem a serviço de Deus, afastam-se Dele, e agradam aos demônios, que destes só fazem rir. Quando o ato disciplinar de Deus começa... a conclusão de quem há muito tempo nada mais sabe sobre o Senhor: “Estou sendo atacado pelo Diabo! A Irmandade está me perseguindo!”.

Para quem ainda não aprendeu isso, não há benefício e alegria maior em OBEDECER, seja qual for a circunstância. Pode parecer um tédio, um atraso de

vida... mas há tanta recompensa para quem assim se comporta! Feliz o homem e a mulher que já perceberam isso! Quem ainda não percebeu, que aprenda com Paulo. Pois sua obediência e espera paciente no Senhor mudaram para sempre o destino da Igreja!

AS VIAGENS MISSIONÁRIAS DE PAULO

Começou aí o 3º período da vida de Paulo, o mais conhecido de todos. Em Nome de Deus, a Comunidade de Antioquia interfere e manda Paulo e seu amigo para andarem pelo mundo como Porta-vozes do Evangelho. Os assuntos que envolvem as Viagens são vastos e variados, impossível de serem tratados aqui. A despeito disso, esperamos que o estudo até aqui tenha feito você criar por Paulo um carinho e empatia diferentes, que o farão ler suas cartas e aprender com ele como nunca antes.

A primeira Viagem foi no ano 46, a terceira no ano 58; no início o Imperador de Roma era Claudio, no final, era Nero. Foram 12 ou 13 anos de andanças, por terra e por mar, milhares de quilômetros. No Pentecostes, Lucas enumerou os Povos ali presentes e, depois, durante a descrição das Viagens Missionárias, percebe-se como estes e outros Povos vão sendo alcançados pelo Evangelho, trabalho que se deve tão somente ao esforço e tenacidade de Paulo e seus poucos companheiros de Viagem. A desintegração dos Povos vai sendo refeita através das Viagens Missionárias de Paulo. Ele andou por muitos lugares: Chipre, Pisídia, Licaônia, Judeia, Fenícia, Samaria, Síria, Cilícia, Frígia, Mísia, Macedônia, Grécia, Acaia, Ásia. É muita gente, gente diferente, costumes diferentes, comida diferentes, Sinagogas diferentes. Um aprendizado imenso!

Vamos entender rapidamente um pouco dessas Viagens, suas dificuldades e perigos, seus esforços e trabalhos:

- Só as grandes estradas do Império eram boas e seguras, com hospedarias. As demais... só pela graça de Deus. Não era um tempo fácil para se viajar, especialmente grandes distâncias e para terras desconhecidas. Havia pessoas que ofereciam proteção mediante pagamento, mas Paulo não tinha nada disso. Ia com os amigos e com Deus.
- A língua era outro problema. Embora Paulo falasse vários idiomas, grande era a variedade de línguas e dialetos dos Povos. Paulo falava grego, mas muitos não entendiam grego; já no interior da Galácia, falavam uma língua que Paulo não entendia; certa vez, em Listra, ao curarem um paralítico, o povo gritava e queria adorá-los como deuses. Paulo nada entendia, e acho que só um intérprete pode impedi-los de oferecerem sacrifícios a Paulo. Aliás, ele realmente “se fazia de tudo para com todos”. Na Galácia, ao que parece, Paulo estabeleceu comunicação por meio de gestos e desenhos, pois mais tarde escreve: “Diante de vocês foi desenhada a imagem de Cristo crucificado” (Gl. 3: 1).
- A saúde também acabava sendo afetada diante de tantas andanças a pé, frio

de cair neve, calor de deserto, subindo e descendo; fora as pedradas, os açoites, as perseguições, as calúnias, os perigos de todos os tipos; sem contar com o trabalho braçal como operário – fazendo suas tendas ou biscates – para não morrer de fome e nem deixar que isso acontecesse aos companheiros –, e "mais ainda: morto de cansaço, muitas noites sem dormir, fome e sede, muitos jejuns, com frio e sem agasalho. E isso sem contar o resto: a minha preocupação constante com as Comunidades" (II Co 11: 27-28). Durante a 2ª viagem Paulo adoeceu, o que o obrigou a uma parada na região da Galácia. Não sabemos ao certo que doença era essa. Mas o fato de Paulo preocupar-se também com a saúde dos companheiros e de recomendar a Timóteo que bebesse um pouco de vinho por causa das dores de estômago e frequentes fraquezas (I Tm. 5: 23) revela uma pessoa boa e sensível, que não se importava apenas consigo mesmo e sabe o quanto é importante a boa saúde para os que estão no Ministério Itinerante.

•Mas o maior problema de todos nas Viagens era o sustento (acho que nada mudou de lá pra cá!). Como arrumar dinheiro para comer numa viagem que ia levar, por exemplo, 20 dias? Pois é, isso mesmo... tinham que parar, arrumar algum trabalho que lhes rendesse o dinheiro necessário; assim, uma viagem de 600 Km, que poderia levar 20 a 25 dias, acabava levando 2 ou 3 meses; até mais. O lema de Paulo era: "Quem não trabalha também não deve comer". "De ninguém cobicei prata, nem ouro, nem vestes. Vocês mesmos sabem que estas mãos providenciaram o que era necessário para mim e para os que estavam comigo" (At. 20: 33-34). Complicadinho isso, hein? Dinheiro sempre foi tabu. Agora, HOJE, NEM SE FALE!!!!

•O contato com as Comunidades que se iam formando era difícil de ser feito, mas sempre acontecia, por meio de mensageiros; a partir da 2ª Viagem, também por meio de cartas, que eram ditadas por Paulo e escritas por alguém especializado no assunto. Ele costumava pedir que as cartas fossem lidas nas reuniões das Comunidades e, também, que as cartas fossem trocadas entre elas. O Apóstolo carregava dentro de si a preocupação constante com o conjunto todo e com cada um em particular: "(...) Quem fraqueja, sem que eu também me sinta fraco? Quem cai, sem que eu me sinta com febre?" (II Co 11: 28-29).

•Conflitos com os Judeus se tornaram progressivos, apesar do Concílio de Jerusalém. A difusão do Evangelho entre os gentios – estimulada pelo próprio Concílio – fez diminuir a influência dos Judeus na Sociedade. Ao passar pelas Sinagogas de Antioquia, Icônio, Filipos, Tessalônica, Bereia, Atenas, Corinto e Éfeso, Paulo atraía os Gentios que simpatizavam com o Judaísmo. Os que "temiam a Deus" e se agrupavam em torno das Sinagogas

começaram a ir para as Comunidades Cristãs, o que era *óbvio*, era o que Deus *queria*, a Lei tinha encerrado, Jesus tinha vindo, a liberdade tinha chegado! Mas, ai! Ó coração vil do homem! As Sinagogas, perdendo sua influência, tiveram a reação esperada: raiva e inveja. Quem era o principal culpado? Paulo! (At. 13: 45 ; 17: 5 ; I Ts. 2: 14 ; At. 21: 28). Assim, os Judeus reagiram de várias maneiras. Pobre Paulo, já arrumando mais problemas sem culpa! Eles contradiziam Paulo (Fp. 3: 2-3), instigaram o Povo contra os Cristãos (At. 13: 50), chegaram a querer matar Paulo (At. 20: 3, 23: 21). Em alguns lugares os Judeus chegaram a mobilizar as Instituições do Império Romano contra os Cristãos.

•De tudo isso nasceu um conflito quase insolúvel entre Paulo e os "falsos irmãos", coisa que o Apóstolo menciona em suas cartas aos Gálatas e Coríntios (Gl. 2: 4 ; II Co 11: 26), referindo-se ao perigo que eles representavam a ele. Provavelmente, essa gente era do grupo dos Fariseus que, mesmo convertidos, não admitiam "cair do cavalo" e explicavam a "novidade" do Evangelho a partir de sua antiga mentalidade, anterior ao Concílio e mesmo anterior à vinda de Jesus!!! Tinham um véu no coração que os impedia de ver a nova realidade; ao invés de olhar o AT à luz de Jesus, entendiam as Boas Novas a partir do AT e o reduziam ao tamanho de suas pobres e minúsculas ideias. Realmente, só um homem da estatura de Paulo para sobreviver, praticamente só, a tudo isso. Ninguém ia a lugar nenhum defendê-lo, muito menos em Jerusalém... Ele tinha que se impor por si mesmo.

Para atingir seus objetivos, esses "falsos irmãos" tentavam solapar as bases do Ministério de Paulo nas Comunidades: ele não seria um Apóstolo (I Co 9: 1-2); não teria aprovação dos outros Apóstolos e agia por conta própria (Gl. 2: 9); não teria visto nenhuma aparição de Cristo ressuscitado (I Co 9: 1); estava agindo contra o Povo, contra o Templo e contra a Lei (At. 21: 28). Por onde Paulo andava eles iam atrás, destruindo o trabalho, dividindo as Comunidades, semeando confusões e contendas, escrevendo cartas falsas como se fossem de autoria de Paulo (II Ts. 2: 2), e tentando por todos os meios afastar o povo de Paulo (Gl. 4: 17). Criaram um ambiente insuportável cujo mal-estar ainda se percebe no relato que Paulo faz dos fatos (Gl. 1: 11, 2: 14), e na defesa que ele foi obrigado a fazer de si mesmo (II Co 10: 1-13, 10). Mas Paulo jamais cedeu diante de qualquer empecilho que pudesse vir a comprometer o Evangelho; entretanto, embora enfrentasse ferozmente as pressões, chegando a "rogar praga" sobre quem procurasse corromper o Evangelho de Cristo (Gl. 1: 7-9), também soube ser flexível e humano para colaborar com o bom andamento da

convivência entre Gentios e Judeus, pedindo aos primeiros que respeitassem certos costumes Judaicos (At. 15: 23-29), e também circuncidando Timóteo, pois era filho de mãe Judia, mas de pai Grego (At. 16: 3). No entanto, como grande homem que era Paulo, sem meias medidas ou meias palavras, comprou briga feia e não economizou palavras das mais severas, pouco se lixando para o que viessem a pensar dele! Admirável, não?! Hoje em dia todos temos "tantos dedos" e acabamos sendo tão falsos, com medo do que "vão pensar de nós e da nossa espiritualidade, e da nossa imagem de 'servos de Deus'", e vamos ficando em cima do muro, divididos... afinal, porque a este não podemos ofender, aquele tem certo título que impressiona, o outro acolá me dá certos privilégios que sem ele não teria... E se perder meu cargo na Igreja? E se começar a ser mal visto? Não lutamos pelo que é certo, simplesmente deixamos rolar porque a nossa "Grande Fogueira de Vaidades" – nossa Igreja –, tem que continuar existindo, nem que seja aos trancos e barrancos, e para nada servindo... a não ser como cabide de empregos... "e ópio do Povo", como já se dizia muito antes de estarmos nós aqui, a escrever esta apostila que você tem em mãos. O que será que vale mais a pena?... Agradar a Deus ou lamber os pés dos homens?! Você é dono do seu livre-arbítrio. Paulo não tinha medo; era um homem de grande coragem. Ninguém, a não ser ele, teria suportado. Foi chamado, recebeu a unção do Alto. Se fosse hoje em dia, talvez muitos estivessem a se autodenominar "apóstolo dos gentios" e sairiam por aí. Mas não teriam resultado. Percebe? É o verdadeiro chamado que pode realizar *todas as coisas*... Os "falsos irmãos", a mando de Satanás infernizaram a vida de Paulo. Mas não venceram! Só se vence no lugar certo, no tempo certo e do modo certo. O resto... é só pra que os homens vejam. Como aqueles lobos... que queriam ter um motivo de glória (Gl. 6:13). A carta aos Gálatas foi escrita no fervor e na quentura da coisa fresca, quando um grupo de falsos irmãos entrou nas Comunidades da Galácia e procurava destruir o trabalho que Paulo tinha realizado na 2ª e 3ª Viagens. Uma parte das pessoas já tinha aderido, e se tinha circuncidado. Paulo estava em Éfeso ou Corinto, no final da 3ª Viagem quando soube do ocorrido e ficou furioso. Pelo estrago causado e o tipo de artimanha não se pode descartar que esses tais "falsos irmãos" fossem realmente verdadeiros filhos de Lucipher, filhos do Fogo. Claro que o Diabo urrava em derredor do Apóstolo e de seu trabalho justo e íntegro. Paulo teve que ir muito a fundo na sua experiência com Cristo para conseguir manter-se firme, porque nada havia de escrito para solucionar tais problemas. Só havia o AT, a fé, os amigos e a experiência pessoal de Paulo. Ele briga com os fatos, com as pessoas, com as ideias e até consigo mesmo. Depois de ganha a Batalha, ele escreveu aos Romanos, Comunidade em que nunca tinha estado, elaborando bem melhor a linha de pensamento para pôr definitivamente um

ponto final naquela história que o perseguiu durante todo o seu Ministério. Sua intenção é que a carta precedesse a sua vinda. A luta com esses “falsos irmãos” e com os “irmãos de raça e sangue” (Rm. 9: 3) foi o que mais exigiu de Paulo e o que mais o fez sofrer... mas fidelidade a Cristo e determinação na liberdade que Ele veio trazer foi a marca de Paulo em tudo que fez e disse... Agora... *pra que isso*?!

Olhando hoje a História com os olhos de quem não a viveu, podemos ostentar o peito e dizer “Que absurdo”! Mas não é o que acontece em nossos dias também? Invejas, ciúmes, brigas para ver quem tem razão, quem é o dono da verdade, quem é o mais Ungido, o mais espiritual, o mais isso, o mais aquilo. E bem no fundinho do coração, invejando quem tem real posição de destaque. Paulo sofre porque brigava “em casa”, “em família”, com gente amiga, que servia o mesmo Deus, ou pelo menos tentava. Mas ele não podia ceder... O Evangelho não era dele... Ele era do Evangelho e de Cristo. Até hoje, a pergunta não cala realmente, porque entendemos a Letra, mas talvez não tenhamos entendido bem o *espírito* da Letra, como muitos deles... “Quem é que salva e liberta? Deus, pela Sua Graça, ou nós mesmos, pelo nosso esforço e luta?”. Para muita gente a resposta continua difícil até hoje...

A verdade é que Paulo nunca “desligava”. Continuava na Liderança e coordenação geral de todas as Comunidades entre os Gentios, conforme ficou designado na reunião entre ele juntamente com Pedro, Tiago e João, tão logo Paulo chegou a Jerusalém com Barnabé depois daqueles 14 anos de “exílio” (At. 2: 6-10).

Por esse motivo, em extremo zelo agora muito mais do que quando era “tão somente” Fariseu, Paulo mantinha contato estreito e constante com as Comunidades por ele fundadas, bem como com a Igreja como um todo. Que trabalheira *indescritível*!!! O objetivo da ação Missionária era atingir os confins da Terra. No caso, os confins da Terra era Roma. É lá que o Livro de Atos termina, com Paulo na prisão, mas ainda falando “com coragem e sem impedimento” (At. 29: 31). Lucas, autor dos “Atos”, não tem por objetivo fazer uma biografia de Paulo, de modo que não sabemos exatamente como ele morreu. Mas o “Médico amado” deixa claro que o Evangelho foi pregado em Jerusalém, na Judeia e Samaria e até os confins da Terra, como havia de ser.

Grande, GRANDE HOMEM, GRANDE LÍDER! Que pessoa admirável, corajosa, determinada, verdadeira, pura de coração, limpa de mãos! Quantos de nós podem chegar ao dedo mínimo do Apóstolo Paulo? Quantos e quantos se autodenominam apóstolos.... e nem sabem o que é isso, muito menos quanto *custa* isso... Querem somente a aparência, para se autoglorificarem, enganando aos homens e a si mesmos. É tão fácil ter títulos... Difícil mesmo é Ter vida de

verdade com Deus! Lendo sobre a vida e o Ministério de Paulo, muitos de nós – no que me incluo – só temos do que nos envergonhar.

OS AMIGOS DE PAULO

Os amigos que viajaram com Paulo lhe davam conforto, segurança e participavam de tudo, até mesmo de palpites nas cartas, como acontece com todos os bons amigos que trabalham juntos em prol de algo comum e cujo Líder tem ouvidos abertos para ouvir a opinião dos seus baluartes. Havia também amigos nas Comunidades que eram mais chegados, portanto, cabe citá-los nas cartas. Eles aparecem no começo e no fim de quase todas as cartas (Rm. 16: 1-16, 21-23 ; I Co 1: 1, 16: 19 ; II Co 1: 1 ; Gl. 1: 2 ; Fp. 1: 1, 4: 21 ; Cl. 1: 1, 4:10-13 ; I Ts. 1: 1 ; II Ts. 1: 1 ; I Tm. 1: 1 ; II Tm. 4: 21). Isso mostra que a verdadeira doutrina produz uma amorosa comunhão entre as pessoas, e também que Paulo, mesmo com o título e a unção de Apóstolo, via a si mesmo como mais um Crente – cooperador e amigo dos que estavam em Cristo.

Guarde isso: se o seu título o torna um ser "superior" aos demais , a ponto de fazer de você alguém arrogante e altivo, que despreza a Comunidade e os mais simples... se antes de dizer "olá!" você anuncia seus títulos... e se por causa deles você se julga merecedor de privilégios humanos que outros não podem ter porque não possuem "credenciais suficientes" (seja uma sala, um banheiro melhor, uma comida melhor, "paparicos e sedas" das pessoas... um mero sorriso, um gesto de simpatia): se você acha que pode desobedecer regras e desrespeitar os outros porque tem um título "maior"... pode ser que alguma coisa esteja errada...

Embora Paulo tivesse muitos conhecidos, colegas, irmãos e irmãs, não tinha muitos amigos, no sentido Bíblico do termo. Nem poderia ser diferente, dado seu chamado e Missão. Mas havia os que lhe foram sempre fiéis! Guarde isto também: quando Deus te dá uma Missão, Ele providenciará, sempre, alguns baluartes fiéis e valentes que o amarão como Cristo ama! Isso é necessário a todo homem, toda mulher de Deus que exerce cargo de Liderança. O líder *tem que ter* com quem contar! Não pode ser um caminhante solitário pela estrada da vida. Se for... algo está errado!

Alguns companheiros e companheiras, quer nas Comunidades, quer como viajantes ao seu lado, aparecem como amigos especiais. Sem a ajuda deles Paulo não teria conseguido fazer o que fez. Veja a maneira como Paulo se refere a Febe: "tem sido protetora de muitos, de mim inclusive"(Rm. 16: 2), ao casal Priscila e Áquila, "meus cooperadores em Cristo, os quais pela minha vida arriscaram a sua própria cabeça" (Rm. 16: 4), à mãe de Rufo, "que tem sido mãe para mim" (Rm. 16:13). Mesmo Barnabé, o amigo da primeira hora, foi especial em momentos cruciais: na conversão, apresentando-o aos Apóstolos, ao buscá-lo em Tarso, na 1ª viagem; foi um amigo temporário. Mas, sobretudo, Timóteo

tinha lugar especial no coração de Paulo. Eles se conheceram melhor durante a 2ª viagem, quando Paulo e Silas chegaram a Listra, na Ásia Menor, onde Paulo, na 1ª Viagem, tinha sido apedrejado e dado como morto, mas foi acudido pela Comunidade.

Deus já tinha separado aquele rapaz para acompanhar Paulo, no lugar de Barnabé. Na 2ª Viagem, Paulo o levou consigo com o consentimento da família (At 16: 1-3). Deu-lhe importantes tarefas, sinal que a *pouca* idade não o impediu de ser um *grande* homem nas mãos do Senhor. Timóteo ministrava junto com Paulo e foi enviado à Macedônia (At. 19: 22), onde estava apto a admoestar e exortar pessoas. O próprio Paulo o incentiva a combater o bom combate e manter-se firme na fé, por causa dos dons e do chamado que ele tinha para o Ministério (I Tm. 1: 18-19). Foi enviado à Tessalônica como Ministro de Deus no Evangelho para confirmar-lhes a fé e exortá-los; o mesmo se deu com os Coríntios, a quem foi Timóteo enviado para lembrá-los do bom caminho ensinado por Paulo. O Apóstolo o considerava um trabalhador na obra do Senhor tanto quanto ele mesmo.

Ao escrever-lhe, Paulo usa do termo “meu amado filho Timóteo”, “homem de Deus”. Realmente, os dois viajaram muito juntos, e Paulo o enviou diversas vezes em seu próprio nome, como seu representante perante as Igrejas, pois pessoalmente o ensinava e treinava. Realmente, amava-o muito e se preocupava como com o filho que nunca teve; desde a saúde, até o trabalho, que por vezes lhe era pesado por ser considerado muito jovem para tanta responsabilidade. Esse amor e cuidado do Apóstolo sem dúvida foi recíproco, a julgar o número de cartas em que o nome de Timóteo aparece logo no começo, denotando que os dois estavam viajando juntos.

Aprenda e não despreze: a Unção não está necessariamente ligada à idade. Moisés foi libertador do povo cativo aos 80 anos, mas Davi tornou-se rei provavelmente aos 23 ou 25 anos, e matou Golias com 17.

Resumo das três Viagens: o ponto de partida é sempre Antioquia, mas Paulo sempre sobe até Jerusalém (A Igreja) de quando em quando.

Sempre que chegava a um lugar, Paulo ia primeiro à Sinagoga, em respeito aos Judeus e sua prioridade no Plano de Salvação (At. 13: 5, 5: 14, 14: 1, 16: 13, 17: 2,10, 18: 4,19: 8). Ali, falava a Judeus e Gentios, e o resultado era sempre o mesmo: os Judeus rejeitavam, e muitos dos Gentios aceitavam a Palavra. Paulo se afasta da Sinagoga e fica entre os Gentios.

1. Paulo e Barnabé não viajaram sozinhos. Na 1ª Viagem, João Marcos foi junto, mas logo desistiu e voltou para Jerusalém. Guiados pelo Espírito, iam andando por onde Deus indicava. Houve muitos conflitos em muitos lugares,

com Judeus, Gentios, senhores nobres e principais da cidade, chefes, populações inteiras, multidões. Ainda não se formula nenhuma acusação formal contra Paulo, só confusão e agitação. Como resultado, foram expulsos, tiveram que fugir e Paulo foi apedrejado em Listra. Mas nessa primeira empreitada santa ele fica ainda perto de casa, não sai da Ásia, andando somente por regiões que já conhecia. Além disso, Paulo não ficava muito tempo no mesmo lugar; o objetivo era pregar o Evangelho, montar a Comunidade e ir adiante. Não se tem notícia de qualquer carta nesse período.

2. Na 2ª Viagem, depois da briga com Barnabé por causa de Marcos, Paulo viajou com Silas. Foi uma pena a desavença dos dois...! Deus deve ter-se entristecido. Os dois vão confirmando as Comunidades formadas na primeira viagem, e criando outras. É necessário ajudá-las na caminhada, a superar o aparente isolamento em que vivem, mostrando que existem outras Comunidades em outros lugares. Logo levam Timóteo consigo. Há mais conflitos do que na 1ª Viagem. Novamente com Judeus e Gentios, mas também com Magistrados e Pretores em Filipos, assembleias, indivíduos perversos, tribunais, filósofos gregos, multidões. Muitas e muitas vezes terminam expulsos das cidades. Ou são açoitados; ou são presos; ou presos e libertos sob fiança. Agora já se formulam acusações, ainda que infundadas; as principais são de ir contra os costumes de Roma, contra as leis de César, aceitar Jesus como Rei, ser contra a Lei, pregar divindades. O que mais impressiona nas Viagens é a tremenda quantidade de problemas e dificuldades na caminhada. As Comunidades nascem em meio a muitas tensões, conflitos e perseguições de todo tipo, tanto internos quanto externos. Algumas vezes, permanecem mais tempo em determinados lugares, como em Corinto, uma das últimas cidades visitadas neste período, onde Paulo ficou por 18 meses, algo que nunca tinha acontecido antes. Vai até Éfeso, onde promete voltar. Isso significa que, agora, Paulo foi bem mais longe, adentrou a Europa, ainda que não tivesse muita certeza de que rumo tomar. As direções vêm pelo Espírito, no momento certo. A primeira Comunidade da Europa é fundada em Filipos, através de um grupo de mulheres cuja coordenadora é Lídia. Na Europa o Evangelho é mal recebido: prisão, tortura, conflitos. Paulo carregou pela vida “as marcas de Cristo no seu corpo”, resultado dos açoites, pedradas e maus-tratos. Por incrível que pareça, os Judeus sentem inveja por causa do crescimento das Comunidades Gentias e conseguem ajuda de autoridades da alta sociedade e dos poderes Romanos contra os Cristãos (At. 17: 5-9, 13; 18:5-17). Os Cristãos não têm nenhuma influência sobre o Império; não conseguem movimentar a opinião pública a seu favor. São gente sem poder. Já os Judeus possuem grande influência junto às classes mais altas e autoridades. Paulo escreveu várias cartas nesse período.

3. Nesta última ele levou Timóteo, Lucas, dentre outros. Mas nem parece uma viagem. Apesar de irem confirmando as Comunidades, Paulo já tem o objetivo traçado de cara: vai direto a Éfeso, onde permanece por três anos. Falsos irmão tentam prejudicar o trabalho de Paulo. Termina saindo de lá após um conflito e vai para a Macedônia. Depois, fica mais três meses em Corinto. Ameaçado de morte, muda seus planos de viagem e sai de lá. Vai para Trôade, e a Mileto, viajam em dois grupos. Paulo segue de navio até Tiro, na Síria, para visitas às Comunidades. Nessa Viagem ele escreve o restante da cartas. As dos Efésios, Filipenses, Colossenses e o amigo pessoal Filemon foram escritas durante uma prisão. Paulo esteve preso em Éfeso. De Mileto continua até Ptolemaida e Cesar. Depois sobe até Jerusalém, onde foi preso na praça do Templo. A 3ª Viagem, de certa forma é o oposto da 1ª. O objetivo maior é irradiar o Evangelho de algumas Comunidades Centrais, enquanto as viagens servem apenas para visitar as Comunidades já existentes. Não se criam novas Comunidades.

Como você pode ver, foram muito poucos os que Deus enviou ao Mundo Gentio, distante. Embora as Comunidades fossem sendo criadas, as viagens sempre foram reservadas para poucos escolhidos. Lembre-se...: espíritos territoriais, expansão do Evangelho, enfurecimento do Inferno. Não é à toa que Paulo fala com tanta autoridade sobre Batalha Espiritual. Ele, como líder, e seus companheiros como auxiliares, foram ponta de lança em todo esse território dominadíssimo por Demônios Poderosos. E talvez ninguém tenha passado por tantos perigos a vida toda como passou Paulo. Ele tinha um “alvo” nas costas, sem dúvida alguma. E por ser o Líder das expedições, a responsabilidade e o ataque eram maiores sobre ele. Sem Paulo na Liderança, aquelas Comunidades talvez não viessem a existir!

E detalhe: Paulo nunca hesita em pedir orações em suas cartas, sinal que ele sabe que precisa delas tanto quanto qualquer um aliás, até mais. Impressiona a frequência com que os Atos fazem menção à Oração e Celebração, sem o que a Missão não seria completada. “A oração anima a Missão e as pessoas; a abertura para os Gentios é motivo de louvor a Deus (At. 13: 48); a confirmação dos coordenadores das Comunidades é acompanhada de oração e jejum (At. 14: 23); Paulo ora por eles; passa a noite orando na prisão em Filipos, junto com Silas, louvando a Deus (At. 16: 25); Paulo participa da oração nas Comunidades; em Trôade toma parte na “fração do pão” (At. 20 : 7); em Mileto, ora com o Povo (At. 20: 36); em Tiro, a Comunidade foi com ele até a praia e lá eles oraram (At. 21: 5). No fim da 2ª Viagem, Paulo fez uma promessa a ser cumprida em Jerusalém (At. 18: 18); no fim da 3ª viagem aceitou ir ao Templo como padrinho de promessa (At. 21: 23-26). Diante da teimosia do Apóstolo em querer ir a Jerusalém a despeito das ameaças, o Povo se conforma e diz: “Seja feita a

vontade de Deus” (At. 21: 14). Vale a pena verificar a mesma frequência das orações nas cartas de Paulo”.

Mais uma lição: o verdadeiro Líder nada esconde dos seus amigos e da Comunidade, contando com o seu apoio em momentos de adversidade. Não é sinal de fraqueza e nem “falta de espiritualidade”, como muitos consideram hoje em dia, e escondem seus problemas porque são Líderes, e o Líder tem que ser sempre o Super-Homem! Paulo era um Líder tremendo, de caráter forte, mas tinha humildade suficiente para admitir que “sem Cristo, nada podia fazer”. Que bom que ele nunca perdeu a visão desta irrefutável realidade!

O PANO DE FUNDO DO MISSIONÁRIO ITINERANTE

Paulo não precisava falar sobre aquilo que todos sabiam em suas cartas. Falar sobre a parte de sua vida pessoal que vamos abordar agora era o mesmo que dizer que o Sol aparece de dia e a Lua aparece à noite.

A conversão de Paulo e o seu profícuo Ministério é apenas o lado mais conhecido dele; mas sua vida pessoal, embora bem conhecida por todos na época em que viveu, foi perdida ao longo dos Séculos, de maneira que hoje temos uma ideia bem distorcida – ou, quem sabe, *nenhuma ideia*! – do que Paulo fazia para ganhar a vida. A maioria talvez imagine que Paulo vivia do sustento das Comunidades que fundou, o que seria muito justo, como o próprio Apóstolo admite; mas não era assim. Vamos entender rapidamente porque, e isto só nos fará admirar ainda mais este notável homem.

A conversão tirou Paulo da privilegiada posição que ocupava na Sociedade e o colocou em outra, bem inferior. Ao invés de empregador e dono de negócios, acabou ele mesmo sendo um assalariado, com aspecto de escravo. Quem trabalhava "com as próprias mãos" era o mais baixo nível do escalão social, coisa de escravos mesmo, o que garantia, inclusive, mão de obra mais barata. Costumava-se dizer, na época de Paulo, que numa Oficina nada havia de bom a nenhum homem livre ou cidadão. "Por causa de Cristo, perdi tudo", disse Paulo certa vez aos Filipenses, mas não na base do queixume (Fp. 3: 8). Claro que ele tinha perdido seu círculo de amizades, e, depois, mais tarde, como Missionário Itinerante por mais de uma década, sem domicílio, não tinha como montar um negócio próprio e adquirir clientela fixa.

Ele poderia, sem nenhuma dúvida, ser sustentado pelas Comunidades, inclusive o eram vários de seus companheiros (I Co 9: 6-14). Mas Paulo não aceitou essa condição, ainda que reconhecesse que ele tinha o mesmo direito. A cultura grega incentivava o sonho de todo homem, que era viver uma vida tranquila em que pudesse ocupar-se apenas dos estudos e da meditação; mas essa era um realidade para poucos. Filósofos e Missionários Itinerantes eram vistos de bom grado, pois espelhavam o sonho de todo o Povo. Contudo, a grande massa da Sociedade urbana daquele tempo dentro do Império Romano era de escravos, pessoas pobres, assalariados, gente que "trabalhava com as próprias mãos" e passava necessidade. Um escravo jamais poderia sair de sua condição de escravo... Era uma sina eterna. A grande massa da Sociedade jamais poderia realizar o "sonho grego", uma grande ilusão.

Paulo queria, de fato, anunciar o Evangelho a todos os Povos, até os confins da Terra, e pagou um preço alto, novamente, "ao fazer-se de tudo para com todos, com a intenção de com isso ganhar alguns". Ele rompeu com o sistema de

trabalho da época, e como homem livre e cidadão que era, não podia alcançar aquela gente com a mesma eficácia se estivesse numa "posição de privilégio, superior". Quem de nós nunca se sentiu constrangido ao pregar o Evangelho a gente tão miserável, que parecia difícil saber o que dizer. Na favela, no Hospital, no meio dos que nada são... A qualquer momento tem-se a impressão que esses judiados da vida poderiam nos dizer: "É muito fácil para *você* falar de Cristo... depois vai para sua caminha quente e não pensa no que vai ser do dia de amanhã, não sofre fome, frio, nem tem uma doença terrível e incurável. Por isso esse tal Jesus te serve tanto e te faz tão bem. Mas olhe *pra mim*!".

O Evangelho e a Palavra de Cristo é de tal forma Poderosa e eficaz que mesmo quando julgamos não ter nada a dizer diante de tanto sofrimento, e timidamente começamos a esboçar as Palavras de Vida, elas são acolhidas calorosamente. Pois estes que nada têm percebem, pelo Poder do Espírito de Deus, a preciosidade do que significa Cristo neles! É um verdadeiro milagre!

Paulo, com certeza, já tinha experimentado isso. Mas ele queria mais. Se ele estivesse vivendo na mesma condição dos humildes, teria mais chance de ganhar os humildes! Ele apresenta um Evangelho que já se expressa no seu próprio estilo de vida, que Paulo define como sendo "digna de honra", e não algo que pareça estar *além* dos escravos e dos trabalhadores. Paulo apresenta um novo sonho, um sonho real, que pode ser abraçado por qualquer um. E ele insiste: "Que seja para vocês uma questão de honra viver em paz, ocupando-se das suas próprias coisas e trabalhando com as próprias mãos, conforme recomendamos. Assim vocês levarão uma vida honrada aos olhos dos estranhos e não passarão mais necessidade de coisa alguma" (I Ts. 4: 11-12).

Esta carta aos Tessalonissences é a mais antiga das cartas de Paulo, escrita durante a sua 2ª Viagem. Enquanto escrevia isso, ele mesmo trabalhava na Oficina de Áquila (At. 18 : 3). Assim, Paulo estava ensinando, pelo seu próprio exemplo, que ao invés de ficar olhando e cobiçando o que não se podia ter, correndo atrás do vento, do "sonho grego", impossível, e reclamando da vida e da "má sorte", podiam ocupar-se de suas coisas, trabalhar com dignidade e honradez, e isso faria com que nunca mais passassem necessidade, o que seria motivo de espanto não somente para os demais trabalhadores, mas até para os estranhos! Neste sentido Paulo demonstra uma sensibilidade social muito grande, um amor extremo pelo Evangelho e um respeito pelo Império, pois as autoridades também são instituídas por Deus. Ele não era um fomentador de revoluções, nem pretendia modificar o sistema vigente. Mas, através de Cristo, ensinou a como viver bem *em Cristo, dentro do Império*! Trabalhar com as mãos já não devia ser encarado como motivo de vergonha e revolta, mas podia ser a fonte de uma vida de paz e que traria a eles todo o sustento de que necessitavam.

Embora Paulo ensinasse isso, era mais cômodo para quem tinha seu emprego fixo e sua família. Ele mesmo não podia fazer isso, vivendo como andarilho e de emprego em emprego. Isso não lhe garantiu uma vida nada fácil, muito pelo contrário. Como cidadão e homem livre, fazia algo humilhante. Ele também escreveu isso, com uma ponta de seu característico sarcasmo e ironia quando se irava: “Será que foi um erro meu anunciar o Evangelho de graça, humilhando-me a mim mesmo para exaltar vocês?” (II Co 11: 7). A Igreja de Corinto fez Paulo sofrer muito por causa de sua dura cerviz. Pelo menos, em Corinto estavam Priscila e Áquila! Teria sido peso demais para Paulo carregar sozinho..... “Mesmo sendo livre, fiz-me escravo de todos” (I Co 9: 19). O salário de Paulo nas suas longas e infindáveis viagens e longa lista de empregos não deve ter sido alto, justamente pelo fato de estar sempre viajando. Na maioria das cidades por onde passava, ele deve Ter vivido de algum biscate conseguido nas Oficinas que ficavam perto dos Mercados. Tinha que “trabalhar de dia e de noite” para poder sobreviver sem depender de ninguém e sem ser pesado a ninguém (I Ts. 2: 9 ; II Ts. 3: 8). Ele fala do cansaço provocado pelo trabalho manual e das “vigílias” (horas extras), mas mesmo assim passava necessidades, sem dinheiro para comprar comida e roupa; vivia quase como um indigente. É interessante que esse tipo de discurso seja quase sempre dirigido aos Coríntios e Tessalonissences (I Co 4: 12 ; II Co 6: 5, 11: 27 ; II Co 11: 9, II Co 6: 10 ; II Co 11: 27). A única ajuda fraterna que Paulo aceitou receber foi da Comunidade de Filipos, onde estava Lídia (Fp. 4: 15 ; II Co 11: 8-9). Paulo ensinava e pregava nas horas livres, isto é, nas suas horas de descanso. Em Éfeso, por exemplo, temos que Paulo ensinava diariamente numa escola de um homem chamado Tiranos (At. 19: 9); e uma tradição muito antiga informa que esse ensinamento era feito entre a 5ª e a 10ª hora, isto é, entre 11 da manhã e 4 da tarde, as horas de descanso de Paulo!

Este é o testemunho de vida de Paulo, o pano de fundo de toda a sua obra Missionária, fruto do seu amor pela Obra, mas também de uma direção pessoal. Assim como Paulo optou permanecer solteiro, e isso foi rhema para ele, o mesmo se dá com a questão do sustento. Deus nunca dá uma cruz maior do que se pode carregar. Paulo não era contra o casamento e muito menos contra que aqueles que pregam o Evangelho e possam (e devam) viver do Evangelho.

“Vocês sabem como devem imitar-nos: nós não ficamos sem fazer nada enquanto estivemos entre vocês, nem pedimos a ninguém o pão que comíamos; pelo contrário, trabalhamos com fadiga e esforço, noite e dia, para não sermos um peso a nenhum de vocês. Não porque não tivéssemos direito a isso, mas porque nós quisemos ser um exemplo para vocês imitarem. De fato, quando estávamos entre vocês demos esta norma: quem não quiser trabalhar, também

não coma!” (II Ts. 3: 7-10 ; I Ts. 2: 9). Nesta mesma linha ele também escreve para a Comunidade de Corinto (I Co 9:14-15; II Co 11:9).

AS PERSEGUIÇÕES, ACUSAÇÕES E PRISÕES DO APÓSTOLO

Tirando a *briga eterna* por causa da Lei e da circuncisão, dos falsos irmãos e de todos os que contra ele se puseram, houve alguns momentos mais críticos na vida de Paulo. Ele teve conflitos e sofreu perseguições desde o dia de sua conversão até o último dia de vida. Mas os conflitos diretos com o Império Romano foram complicados. Paulo teve problemas com tudo o que dizia respeito ao Império: com a Guarda, com a Justiça, com a Opinião Pública, com a Ideologia e Religião Oficial, com as Instituições e Autoridades, com grupos de interesses opostos. Todo esse conjunto chegou a ser mobilizado contra Paulo, tanto pelos Judeus como pelos Gentios, várias vezes e em diversos lugares. Ele mesmo discursa a respeito: “Dos Judeus recebi cinco vezes os 40 golpes menos 1. Fui flagelado 3 vezes; 1 vez fui apedrejado” (II Co 11: 25). Uma vez, para defender-se dos Judeus, Paulo fez uso dessas Instituições, pois ainda era Cidadão Romano e apelou para César (At. 25: 6-12); duas outras vezes foram essas mesmas Instituições que salvaram Paulo da sua morte certa em Jerusalém (At. 21: 31-32, 23: 12-24).

Os Atos relacionam melhor os dados e informam onde e como aconteceram essas perseguições:

–Damasco: vigiam as portas da cidade para matá-lo (At. 9: 23-24).
–Jerusalém: helenistas querem matá-lo (At. 9:29).
–Chipre: o Mago procura afastar o Cônsul de Paulo (At. 13: 8).
–Antioquia: mulheres piedosas e os chefes da cidade são instigados contra Paulo (At. 13: 50).
–Icônio: conspiração de Judeus e Gentios, de comum acordo com os chefes da cidade (At. 14: 5).
–Listra: Judeus instigam as multidões contra Paulo (At. 14: 19).
–Filipos: a multidão leva os “pretores” da cidade a torturá-lo, junto com Silas (At. 16: 22).
–Tessalônica: indivíduos perversos conseguem uma assembleia do Povo contra Paulo (At. 17: 5-9).
–Bereia: os Judeus agitam a multidão contra Paulo (At. 17: 13).
–Corinto: Judeus levam Paulo até o tribunal (At. 18: 12).
–Éfeso: os ourives amotinam toda a cidade (At. 19: 23- 40).
–Jerusalém: a multidão amotinada na praça do Templo avança sobre Paulo para matá-lo (At. 21: 27-30).

Quanto às acusações e prisões:

–Filipos (At. 16: 23) – provocar desordem, pregar costumes Judeus.
–Jerusalém (At. 21: 33) – ensinar contra o Povo, a Lei e o Templo.
–Cesareia (At. 23: 23, 29) – o oficial Romano não via nenhum crime contra o Império, e os Judeus diziam que Paulo era uma peste, provocava conflitos entre os Judeus do mundo inteiro, era líder da seita dos nazireus e tentou profanar o Templo (At. 24: 5).
–Roma (At. 28: 20, 30).
–Éfeso (I Co 15: 32 ; II Co 1: 8-9).
–Além disso, teve que comparecer a vários tribunais: em Corinto (At. 18: 12); em Jerusalém (At. 22: 30); em Cesareia (At. 24: 1-2). Os crimes para tentar condenar Paulo foram: desordem, contra Roma, contra o Povo Judeu, contra a Lei e o Templo, provocar conflitos entre os Judeus, profanar o Templo, misturar culturas, introduzindo gregos no Templo, ser uma peste, liderar nova seita. Isso era pura conveniência; o próprio Império, quando inquirido a respeito, reconheceu que Paulo não tinha crime e nem merecia a morte (At. 23: 29). Tratava-se apenas de uma questão religiosa, assunto com que o Império não costumava envolver-se (At. 18; 15).

Apesar disso, apesar desta constatação, apesar de Paulo não ter nunca cometido crime algum nem ser subversivo, o conflito entre os Cristãos e o Império cresce progressivamente. Nunca Paulo instigou o Povo contra o pagamento dos tributos e taxas, nem contra a escravidão, nem contra o serviço militar. Ao invés disso, ele pedia que a Comunidade de Roma obedecesse às autoridades constituídas. Em nenhuma carta há menção de qualquer conflito aberto com o Império. Então... que aconteceu??? Qual o verdadeiro motivo do conflito crescente dos Cristãos e do Império Romano que acabou culminando na morte do Apóstolo Paulo?

Lucas escreveu os Atos nos anos 1980, justamente depois da violenta perseguição de Nero aos Cristãos. Ele recolheu dados suficientes para provar que os Cristãos não representavam nenhum perigo para o Império, nem mereciam condenação. Pena que Paulo já tivesse entregue sua vida pela causa havia muitos anos....

Impressiona a quantidade de fatos que Lucas ajuntou:

–O Oficial Romano de Chipre abraçou a Fé (At. 13: 12).
–O Oficial de Corinto não quis condenar os Cristãos (At. 18: 14-17).
–Os Pretores de Filipos reconheceram que a prisão e o açoitamento de Paulo foram um engano (At. 16: 35-40).
–Autoridades de Éfeso absolveram Paulo, dizendo que subversivo era quem o tinha prendido (At. 19: 40).

–Dois Militares Romanos reconhecem que Paulo não é subversivo (At. 21: 38, 23: 29).

–O Governador Romano da Palestina reconhece que Paulo não tem crime (At. 25: 25-26, 26: 32).

Apesar de toda a boa vontade de alguns dos representantes do Império Romano... não foi possível provar que Paulo era inocente. A história contada no Livro de Atos é uma semente viva do que viria logo a seguir: a futura perseguição do Império contra os Cristãos e a facilidade com que este foi usado contra os que defendiam a Justiça e a Verdade.

QUAIS OS VERDADEIROS MOTIVOS DE ATRITO COM O IMPÉRIO ROMANO?

As causa reais só apareceram na prática e ao longo dos anos. Em nome do Evangelho, mesmo sem perceber, Paulo propõe um sistema e modo de vida completamente contrário ao que se vivia em Roma: um tipo de convivência entre os seres humanos em que deve estar superado todo e qualquer jugo de dominação por parte de um sobre outro. Veja como ele escreve: “Já não pode haver diferença entre Judeu e Grego, escravo e livre, homem e mulher, Grego e Bárbaro” (Gl. 3: 28; Cl. 3: 11 ; I Co 12: 13). Isto é, qualquer dominação, seja de religião, classe social, sexo ou raça não combinava com as Comunidades de Cristo. Se fosse somente uma Comunidade... ou se fosse somente um fogo de palha... mas muitas Comunidades nestes termos não deixa de ser um fator profundamente subversivo dentro do Império.

Por sinal, quando um Sistema de Governo sobrevive graças à prática da “impiedade e injustiça, que abafam a Verdade” (Rm. 1: 18)... (Paulo, Paulo, como que você escreve isso e manda para *Roma*???!!). Você não era tolo, nem ignorante. Sabia muito bem como as coisas funcionavam social, econômica e politicamente no seu tempo. Tomou tantas decisões arriscadas ao longo da sua vida! Ao optar pela classe pobre e trabalhadora, você expôs como proposta de vida algo contrário à ideologia dominante; teve uma visão crítica da situação moral e social, o que expressou na sua carta aos Romanos; era justamente essa percepção de que o sistema injusto e repressor produzia esses males sociais e morais; mesmo assim, para você, a ressurreição de Cristo era sinal de que o futuro já tinha chegado, não? A vinda definitiva do Reino era somente uma questão de tempo. Pena que nós, pequenos diante da Onisciência de Deus, não tenhamos como compreender o Kairós!... Sei que sua experiência com Cristo relativizou todo o resto; só Cristo era absoluto, e a Sua Palavra. Por isso entendo seu entusiasmo e animação com aquela utopia: uma Comunidade sem nenhum tipo de dominação, onde todos tivessem seus direitos assegurados mediante o cumprimento dos deveres. Sei – entendi, enfim – como você pensava. Acreditava de coração na Universalidade da Promessa e do Amor de Deus; era só questão de tempo. Em Abraão seriam benditas todas as famílias da Terra! É maravilhoso perceber como estava acontecendo e como você tinha o privilégio de estar participando disso. A sua consciência estava muito clara que a todos os Povos devia ser anunciado o Evangelho. Por isso podia dizer: “Vivemos como indigentes e, não obstante, enriquecendo a muitos; como nada tendo, embora tudo possuamos”; “Aprendi a adaptar-me às necessidades; sei viver modestamente, e sei também como haver-me na abundância; estou acostumado

com toda e qualquer situação; viver saciado e passar fome; Ter abundância e sofre necessidade. Tudo posso naquele que me fortalece" (II Co 6: 10 ; Fp. 4: 11-13). "Se temos comida e roupa, estejamos contentes", "O tempo se fez curto. Aqueles que compram, sejam como se não comprassem; os que usam deste mundo, como se não usassem plenamente. Pois passa a figura deste mundo". "Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho" (I Tm. 6: 8 ; I Co 7: 29-31 ; I Co 9:16). E toda a sabedoria que tinha aprendido com o Mestre Gamaliel pôs a serviço de entender e repensar a História do seu Povo e de Deus, e tudo que sabia colocou debaixo de nova interpretação. Tudo tomou um sentido novo pelos olhos de Jesus, vivo neles e na Comunidade.

Não posso me igualar a alguém como este Apóstolo, mas se tivéssemos uma dúzia como ele...

É claro que cedo ou tarde, os que lutam pela Verdade e pela Justiça, muito menores em poder e número, pagarão caro. O fato é que Paulo NÃO adaptou o Evangelho à eficiência da organização do Império Romano.

Ao longo dos anos, a liberdade impregnada nos Cristãos, por causa da ressurreição prometida por Cristo, deu aos pobres do Império uma força que o sistema de escravidão não conseguia mais abafar. Isso não era nada bom para Roma! O Diabo foi batendo em pontos nevrálgicos, ano após ano, para cutucar o Império! E veja outro pormenor: se é algo isolado, quem se importa? Mas de repente, muita gente crê num Deus único, não reverencia e exclui a divindade de outros deuses e, portanto, faz do Imperador um homem comum. Ui! Desastre iminente!

Em suma, a semente que os Cristãos plantavam era profundamente subversiva, ainda que nenhum deles fosse de fato subversivo, mas é claro que o Evangelho de Cristo não combinava em nada com o que estava em vigência no Império. Essa semente carregava dentro de si um modo de viver e conviver, e uma concepção de Deus completamente opostos a tudo no Império. Em Éfeso (At. 19: 8-40), por exemplo, apareceu uma amostra do que estava acontecendo, apesar de todo o controle. Os pobres, como formigas, trabalhando por baixo, abalaram o sistema na base. Graças à pregação constante de vários anos, "todos os habitantes da Ásia, Judeus e Gregos, puderam ouvir a Palavra do Senhor (...), e descobriram que os deuses fabricados pela mão humana não são deuses" (At. 19: 10, 26). Em duas palavras: descobriram a falsidade do Sistema. Ui, ui, ui! Agora... pegou!

Nosso Deus é um Deus de Paz. Mas o conflito e a aflição existem enquanto estamos neste Mundo. É preciso aprender a beber da Fonte de Água Viva, para podermos transformar o conflito em fonte de fé, esperança e amor. Paulo viveu sua vida em totalidade dentro do sistema conflitivo: primeiro, consigo mesmo,

pois o resultado da conversão não se dá do dia para a noite, mas é um processo longo; na verdade, a vida inteira podemos nos permitir crescer e aprender com Deus e com nossos erros; por isso, como tudo era novo, e Paulo era pioneiro, pisava lugares que nunca ninguém pisou e fazia o que ninguém ainda tinha feito... lógico! Havia muitos conflitos internos: com seu próprio despreparo, a falta de experiência, a dificuldade de transformar o ambiente Judaico em algo acolhedor para os Gentios, a adequação da mensagem – rural – às grandes metrópoles do Império, pois lhes parecia algo muito estranho e de difícil aceitação.

Depois, vieram os conflitos com os Judeus que queriam fazer o mesmo que Paulo fez antes de se converter; com os Gentios que entraram na Igreja; com os "falsos irmãos"; com amigos (Estêvão, Barnabé, Pedro); com a religiosidade popular manipulada pelo Império; com a mentalidade e cultura diferente dos Gregos, o que se expressou particularmente na Comunidade de Corinto, a que mais criou problemas, pensando que podiam julgar tudo conforme bem entendiam (foi a contragosto que Paulo teve que criticá-los em vários pontos); com seus "irmãos de raça e sangue", Judeus convertidos, problema que não podia ser resolvido, pois não podia Paulo mudar o Evangelho... Isso tem um peso indescritível! Não há o que fazer a não ser aguentar o peso e não quebrar. É trágico! E, por fim, conflito com o Império Romano, o que o levou à morte.

Foi enfrentando com coragem e bom ânimo essa vida conflitiva que o Apóstolo Paulo cresceu, do "menor dos Apóstolos", até o "Maior dos Apóstolos". Cresceu na vivência do Evangelho e atingiu grande maturidade, concedida a poucos. Tirou muitas lições dos seus fracassos a partir do momento em que os reconheceu e assumiu como fracassos, e não relativizou e nem se justificou. Observe um interessante episódio, que seria até cômico se não fosse tão "trágico" para Paulo. É certo que Paulo era um homem inteligente, bem acima da média, provavelmente, e confiava em sua oratória e argumentos de persuasão. Confiou *mais* nisso do que no Poder de Deus. Aconteceu durante a 2ª Viagem Missionária. Ele vinha de uma verdadeira maratona pela Ásia Menor e Macedônia. Tinha fundado várias Comunidades, mas em quase todas essas cidades (Galácia, Filipos, Tessalônica, Bereia) foi perseguido e torturado; teve que fugir várias vezes, mas nada foi capaz de desanimá-lo. Então, chegou, sozinho, a Atenas. Ali, passeando pelas ruas, sentiu o conflito: ficou revoltado ao ver a cidade cheia de ídolos, altares de todos os tamanhos em todos os cantos. E... inclusive um altar "ao deus desconhecido", tal o receio que tinham de terem-se esquecido de alguma divindade não conhecida (At. 17: 23).

Na praça do mercado Paulo, um "mosquito" solitário, tentou começar a sua pregação e anunciar alguma coisa do Evangelho, mas a dificuldade de

comunicação era grande; pensaram que Paulo estivesse a anunciar um novo casal de deuses: Jesus e Anástasis (Anástasis significa Ressurreição, *imagine*!) (At. 17: 18). Convidado a expor suas ideias no Areópago – afinal, gregos adoram filosofar –, todo feliz e com grande expectativa Paulo preparou seu discurso cheio de bons e irrefutáveis argumentos, chegando a citar alguns poetas gregos (At. 17 : 19-31). Paulo deu algumas voltas, falou de Jesus sem citar seu nome, e não falou da cruz, só da ressurreição. Ao chegar nesse ponto... "infeliz homem que sou... droga, droga, droga"... os ouvintes se desinteressaram. Zombando dele, interromperam a sessão, chamaram-no de "Periquito"... "Vamos deixar o resto pra próxima!" (At. 17: 32). Poucos acreditaram, o resultado foi fraco, o contrário das outras vezes. Na realidade, um verdadeiro fracasso...!

Paulo pensava em poder, talvez, derrubar sozinho e pela sua convincente argumentação, o sistema de Religião Pagão, convertendo-os pela força dos seus argumentos. Belo erro! Montou um discursos baseado nas leis da oratória que muito dominava e da sabedoria que não lhe faltava como homem culto. Belo erro! Erro bem comum. Creio que todos nós já fizemos isso, não é mesmo?! Bem diferente do resultado que o pescador Pedro, iletrado, que mal sabia falar direito ou assinar o nome teve, logo após a experiência do Pentecostes, 3.000 convertidos!!! Claro que as circunstâncias eram outras, mas Paulo definitivamente usou o caminho errado. Experimentou a total inutilidade de seus argumentos. Repito: foi um fracasso! O sistema sequer se abalou um milímetro, ninguém sequer se interessou. Paulo experimentava, a duras penas, seus próprios limites e aprendia na prática, mais uma vez, que "sem Ele... nada se faz"! O Senhor permite o fracasso muitas vezes para que, se percebermos nosso erro, sejamos transformados e cresçamos. Se insistirmos no erro, estagnamos. Ficamos ali, à beira do caminho, sendo testados vez após vez, até que aprendamos o que Deus quer. Sem isso, sem *apreender* cada lição a seu tempo, não há como continuar a caminhada!

Paulo, em sua pretensão e afoitamento, em vez de derrubar o inimigo, ele mesmo foi derrubado. Sua reação foi estranha. O incansável e inabalável Paulo, que parecia Ter sempre uma força invencível para superar QUALQUER CONTRATEMPO, inclusive prisão e tortura, desta vez amoleceu. Como Elias, sua vontade era de que a terra o tragasse. Todo Líder passa por isso de vez em quando, por um abatimento intenso, um esgotamento espiritual, emocional e físico. Mas, neste caso, creio que Paulo resolveu fazer fora do tempo o que o Senhor não lhe ordenara. Veja bem, ele indiretamente foi confrontar Principados que reinavam há séculos na região, a quem tinham sido abertos Portais Dimensionais, assim, desse jeito meio louco... Levou um rebote daqueles! Saiu de Atenas e foi para Corinto (At. 18: 1), onde, no próprio dizer dele, chegou

“cheio de fraqueza, receio e tremor” (I Co 2: 3). Bem característico do ataque demoníaco pesado: cansaço inexplicável, acima do normal, medos infundados, quase terrores, a sensação horrível de que tudo pode dar errado a qualquer momento e acabar em desgraça. Os tremores e sacolejos do corpo podem bem ser decorrentes do terror imposto pelos demônios nas emoções e no físico; mas poderia ser também uma enfermidade física, como febre, por exemplo, também causada por demônios. Foi uma retaliação bastante intensa, e Paulo literalmente desabou, entrou quase em depressão por causa de um sermão fracassado.

Mais tarde Paulo conta aos Coríntios como chegou por lá, vindo de Atenas, e, com *grandiosa humildade*, descreve *a todos* a lição que tirou do seu fracasso, pois uma vez escrita a carta, era ela do conhecimento de *todos* na Comunidade (coisa bem pouco comum hoje em dia, em que os Líderes fazem de tudo para esconder seus erros, admiti-los, por medo de perderem o prestígio: “Irmãos, eu mesmo, quando fui ao encontro de vocês, não me apresentei com o prestígio da oratória ou da sabedoria para anunciar-lhes o mistério de Deus. Entre vocês, eu não quis saber de outra coisa a não ser de Jesus Cristo e Jesus Crucificado. Estive no meio de vocês cheio de fraqueza, receio e tremor; minha palavra e minha pregação não tinham brilho nem artifício para seduzir os ouvintes, mas a demonstração residia no Poder do Espírito, para que vocês acreditassem, não por causa da sabedoria dos homens, mas por causa do Poder de Deus” (I Co 2: 1-5).

Não parece um Paulo bem diferente? Bem diferente do que discursava no areópago em Atenas? Que bom que aprendeu logo a lição! Em vez de ser ele a causa da conversão de quem quer que seja, a causa da conversão – como ele faz questão de deixar claro – é Deus em Pessoa, por meio do Seu Espírito. Dentro do próprio fracasso, clareou a Luz: ele experimentou a força e a sabedoria de Deus, que residem e se manifestam na loucura e escândalo da Cruz (I Co 1: 21-25). E, em Atenas, ele sequer tinha mencionado o Nome de Jesus, e muito menos citado a Cruz...

Assim acontece conosco muitas vezes, com todos os verdadeiros servos de Deus. Muitas vezes só percebemos um problema interno quando este se evidencia por meio de um problema externo. O tratamento de Deus e o processo de transformação pessoal requer esses momentos de “queda”, de “fracasso”... então, se ao invés de nos revoltarmos, relativizarmos, irando-nos e insistindo no erro, pararmos para consultar o Senhor de coração realmente aberto e, de fato, disposto a conhecer a verdade a nosso respeito, nossas limitações podem ser transformadas em grandes potenciais. Foi vivendo quedas e aparentes fracassos que Paulo descobriu que “quando sou fraco, então é que sou forte”.

Como já dissemos, a conversão é um processo dinâmico e permanente, que se vai realizando ao longo dos anos e da vida (se assim o permitirmos).Veja nosso

exemplo em Atenas e o mal que isso causou a Paulo; assim como a Luz que o derrubou na estrada de Damasco, produzindo um doloroso nascimento para uma nova realidade, essas mesmas quedas e cegueiras momentâneas continuavam acontecendo na vida do Apóstolo. Naquele tempo longínquo, Ananias chegou e trouxe a luz de volta. Depois do fracasso em Atenas, quem o ajudou a reencontrar o ânimo foi Timóteo, que veio de Tessalônica com boas notícias, e ajudou Paulo a novamente, com coragem, "dedicar-se inteiramente à Palavra" (At. 18: 5). Mas... o que estamos querendo dizer, na prática?

Que só quando caímos percebemos *onde e como* temos que ser *mais fortes*; só quando erramos e notamos as *consequências desastrosas* conseguimos *perceber onde está o erro*. Sem a queda, sem a consequência do erro, sem o fracasso... como mudar? Como crescer? O doente só toma remédio se souber que está doente... O mesmo se dá conosco... Só mudamos de direção quando Deus nos permite perceber que estamos na direção errada. Não se trata de punição ou disciplina, são coisas diferentes. A disciplina vem para aquele que, mesmo caindo muitas vezes não se amolda, não se dobra, não ouve, insiste no erro. Mas a queda é um processo natural na vida de todos nós; mas, especialmente, aquele que é Líder tem que ser aperfeiçoado de maneira especial, porque seu trabalho e chamado são diferentes e ele será cobrado de tudo que fizer, a Deus prestará contas. Então... se cair... levante! E veja o que essa queda te ensina.

Paulo foi profundamente humilhado, ridicularizado e fracassou na sua tentativa de fazer os atenienses se interessarem pelo Evangelho. QUEDA! No meio do problema externo, Paulo viveu um problema pessoal que estava escondido dentro dele; havia uma limitação na sua maneira de anunciar o Evangelho porque ele ainda confiava mais na oratória do que no Poder de Deus. Diante daqueles homens tão cultos, que tantos grandes filósofos legaram para a Humanidade e que tanto apreciavam a oratória, talvez fosse melhor adequar a mensagem ao jeito grego de ver a vida... E não era isso que Deus queria de Paulo, não foi isso que ele aprendeu e experimentou de Cristo! O problema de fora fez aflorar o problema de dentro, e Paulo aprendeu que nunca mais queria saber de nada, a não ser de Cristo, Cristo crucificado. Em Atenas ele tinha escondido sua própria fraqueza e medo atrás da força dos argumentos, da sabedoria e da oratória. Mas aprendeu. Entendeu. É precisamente através de uma vivência saudável de todos esses problemas, grandes e pequenos, que Deus continua falando Paulo... e a nós.

Teimar com Deus é "jogada furada". Essa é a maneira errada de vivenciar a queda e o problema. Claro que nos entristecemos, sentimo-nos abatidos, desgostosos... mas uma vez passando a frustração e a raiva normal de todo ser humano, pois não sejamos hipócritas de dizer que não nos frustramos e

enraivecemos quando as coisas dão errado, por favor! Não estamos aqui pra isso! É normal, sim, é esperado...! Mas aí, o inevitável... o latejar do Amor no coração é maior e olhamos para o Pai... talvez ainda um tantinho emburrados, um tantinho entristecidos, ansiando por uma resposta que acalme o nosso coração que somente deseja agradar ao Dele... “Pai, me diga... o que foi que fiz de errado? Me ensine a fazer o certo da próxima vez...”: isto é o que chamo de vivência saudável do problema! E veja, mais uma vez... não sejamos hipócritas! Pode ser que tenhamos “sorte” de cair somente *uma vez* no mesmo buraco, no mesmo erro, mas pode ser que, mesmo tendo entendido a questão e desejando de fato mudar e acertar, ainda não sejamos capazes. Então... não há outro caminho senão o das lágrimas de petição e súplica, o do arrependimento e da oração constante, até VENCERMOS!!! Temos de resistir, e persistir, como Paulo fez, até o sangue!

Aprenda, aprenda esta lição, guarde com cuidado no fundo do seu coração: você só pode ensinar o que aprendeu... só pode fazer alguém enxergar até onde você já enxergou. Senão, é pura aula teórica, puro conceito, não é fruto da Fonte de Água Viva que todos nós que estamos em Cristo, verdadeiramente, temos dentro de nós. Essa Fonte tem que fluir, como Cristo disse, que “Rios de Água Viva fluiriam do nosso interior”. Esse fluir é que transforma a oratória em Palavra de impacto, a sabedoria humana em Poder de Deus, e os nossos métodos calculados em bombásticas manifestações do Espírito. O que realmente vale é a nova criatura!

Entretanto, dentro de nós existem ainda muitos obstáculos, muitas pedras, muitas barragens que impedem o livre fluir da Água. E grande parte do terreno da nossa vida fica sem ser inundado por essa Água Viva, pois a fonte está obstruída. Mas eis que, de repente, os terremotos da caminhada, os vendavais poderosos, as quedas e dores que vêm da parte do Altíssimo derrubam as pedras, quebram as fortalezas das barragens, desobstruem a saída da Fonte... e a Água, antes parada, estagnada, já cheirando mal e sem vida em si mesma, jorra abundantemente para fora!!!! A posição anterior das pedras, das barragens, dos canais de curso d’água que foram cuidadosamente colocados e montados durante anos perde seu sentido completamente. É o milagre do novo ser em Cristo!

Fácil de falar... mas isso é para os fortes e corajosos, os que correm a corrida até o fim e alcançam a coroa, sem desistirem! “Sim, porque a mim me parece que Deus nos pôs a nós, os Apóstolos, em último lugar, como se fôssemos condenados à morte; porque nos tornamos espetáculo para o Mundo, tanto a anjos quanto a homens. Nós somos loucos por causa de Cristo, e vós, sábios em Cristo; nós, fracos, e vós, fortes; vós, nobres, e nós, desprezíveis. Até a presente hora sofremos fome e sede e nudez; e somos esbofeteados, e não temos morada

certa, e nos afadigamos, trabalhando com as nossas próprias mãos. Quando somos injuriados, bendizemos; quando perseguidos, suportamos; quando caluniados, procuramos conciliação; até agora, temos chegado a ser considerados lixo do mundo, o esterco do Universo!" (I Co 4: 9-13).

É fácil de ler... quando não é na nossa pele! Um homem do quilate de Paulo foi considerado por tantos como esterco e lixo! E o Pai nos pergunta, não a todos, mas a alguns: "Você paga o preço, meu filho, minha filha amada? Por Amor a Mim?".

O desabafo de Paulo fala por si. Ele aprendeu, e pouco se importava em ser julgado, com o que pensavam sobre ele. Importava o que DEUS pensava dele! Seu sarcasmo era recurso de retórica eficaz quando queria abrir mais depressa os olhos e ouvidos dos ouvintes. Ele queria, não envergonhá- los diante de seus erros, como diz em seguida, mas abalar-lhes a justiça própria e fazê-los olhar na direção CERTA! Pois Paulo os amava como pai, uma vez que "pelo Evangelho, vos gerei em Cristo Jesus. Admoesto-vos, portanto, a que sejais meus imitadores (I Co 4: 15-16). As duas lutas eram importantes... tanto a luta da grande caminhada do Evangelho de Deus no Mundo, como a sua luta interior, pessoal. Uma coisa completava a outra.

Quantos dos Coríntios realmente o ouviram naquela ocasião e, arrependendo-se, cumpriram seu destino espiritual? Deixaram a Fonte jorrar? Foram transformados de fato?

"E você? Você está ouvindo?".

O chamado não é para todos, mas Jesus insiste: "Filho amado, tu me amas?"

"Filha amada, tu me amas?".

"Filhos e filhas amadas, vós me amais? Vozes que clamam no deserto, preparai o Meu Caminho, endireitem as Minhas Veredas...".

Aqueles que esperam no Senhor renovarão as suas forças, subirão com asas como de águias, correrão, e não se cansarão; caminharão, e não se fatigarão.....

Como Paulo conseguia "não quebrar", em meio a tantos conflitos? Onde e como encontrava meios para se refazer? Ele foi capaz de criar em si mesmo um espaço onde encontrava paz e refrigério, águas de descanso e pastos verdes... Isso é fruto de um contato íntimo, profundo e constante com o Pai. Não um contato teórico e fruto de divagações em ideias, mas um contato *real*. "Eu te amo, ó Senhor, força minha. O Senhor é a minha rocha, a minha cidadela, o meu libertador; o meu Deus, o meu rochedo em que me refugio; o meu escudo, a força da minha salvação, o meu baluarte" (Sl. 18: 1-2). Aquilo que Davi aprendeu, Paulo também aprendeu. Ele é a Fonte de todo Consolo e Poder e Amor; pelas Suas Promessas, vivemos; e da esperança tiramos força, e por meio da fé, conquistamos; amanhecemos e vivemos, fortes, inabaláveis.... por causa,

simplesmente, da Sua presença constante, real, permanente; da Sua Voz penetrante que nunca se cala; e do Seu amor, que nos aninha e aconchega. Ser humano algum poderia substituí-Lo, o Lírio dos Vales, a Rosa de Sarom, o Amor da nossa vida...

Se fosse apenas algo teórico, não resistiria na hora crítica, ao julgamento, às perdas e perseguições. As nossas certezas estão baseadas em algo bem mais sólido e forte do que tudo isso. E Deus sabe recompensar aos Seus. Tenho certeza que Paulo, quando escreveu da prisão “Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a Fé”, ele tinha dentro de si uma inequívoca certeza de que não teria escolhido outro caminho na vida!

O QUARTO E ÚLTIMO PERÍODO DA VIDA DE PAULO

O Evangelho de Jesus Cristo pregado por Paulo e ensinado a milhares, as novas Comunidades que aceitavam Judeus convertidos e *qualquer outro* que aceitasse o Evangelho foi como um novo "Êxodo"! Um processo doloroso de transição e impossível de ser vivido sem conflitos. As Comunidades fundadas por Paulo mostravam na prática como era o novo modo de ser do Povo de Deus.

Muitas mudanças tinham ocorrido e a quase totalidade dos conflitos que Paulo viveu desde seus 28 anos de idade foi por causa deste período complexo de transição.

- •Passavam do Mundo Judaico para o mundo Grego, do rural para o urbano, do mundo mais ou menos pequeno, harmonioso, coerente dentro dos seus Ritos e da Lei de Moisés para o Mundo conflitivo e multiforme das grandes Cidades do Impérios, onde se desenvolveram as principais Comunidades.
- •De Comunidades soltas e quase sem organização, como foram na Síria e na Palestina, no início do Ministério de Paulo, ganharam consistência e muita organização na Ásia Menor e na Europa.
- •De uma Igreja fechada só para Judeus convertidos, agora a Igreja aceitava todos que fizessem do Evangelho seu meio e modo de vida.
- •Do período dos Apóstolos para a Igreja pós-Apóstolica, formada por pessoas que não tinham conhecido Jesus pessoalmente
- •De uma Igreja que tinha sua própria liturgia e doutrina, para Comunidades que passaram a elaborar sua própria doutrina, disciplina e liturgia, baseado na liberdade que Cristo veio trazer, e que nada mais tinha que ver com o antigo Judaísmo liderado pela Lei.
- •De uma religião ligada às Sinagogas da Diáspora, socialmente bem colocadas, para as Comunidades que aceitava e incentivava o povo mais pobre a um novo ideal de vida. De religião que cultivava o sonho e o ideal das classe dominante, à religião corajosa que incentivava a classe trabalhadora e os escravos "a trabalharem com suas próprias mãos, e de nada mais teriam falta".
- •De uma religião ligada somente aos Judeus para uma Religião Universal, ligada à Humanidade toda.

A transição do antigo para o novo foi um parto doloroso e cheio de complicações. A própria prisão de Paulo, aos 53 anos, foi uma reação exacerbada dos conservadores contra a mudança já em andamento.

A Bíblia só nos fala de 4 anos de prisão. Praticamente nada informa sobre os outros 5 ou 6 anos do período; para chegarmos às nossas conclusões, temos que

nos valer das poucas informações Bíblicas e também dos estudiosos do assunto.

O 4º período começou quando, no final da 3ª Viagem Missionária, Paulo foi a Jerusalém, como era de seu costume, para encontrar-se com os Líderes da Igreja em Jerusalém e contar-lhes as Boas Novas. Esteve em casa de Tiago, participando de uma reunião, quando lhe foi dito que milhares de Judeus tinham abraçado a Fé Cristã e continuavam na justa observância da Lei. Coisa que Paulo era terminantemente contra.

A conversa continua dizendo que “têm chegado até Jerusalém boatos de que você anda ensinando aos Judeus que vivem no meio dos Gentios que eles devem abandonar a Lei de Moisés, que não devem mais circuncidar seus filhos e nem seguir as tradições. Certamente vai juntar muita gente aqui quando souber que está aqui”. Então, deram-lhe como conselho que fosse ao Templo junto com quatro homens que deviam pagar uma promessa; Paulo poderia purificar-se com eles e pagar as despesas da promessa, mostrando, assim, que os boatos a seu respeito não têm fundamento e que você também continua fiel à observância da Lei (At. 21: 17-24).

Paulo aceitou a proposta de ser o padrinho da Promessa (imagino a que contragosto), e foi ao Templo sete dias seguidos. Quase ao final do período, os Judeus o descobriram, agarraram-no e levaram-no para fora do Templo, com intuito de fazer a ele o que tinham feito a Estêvão, cerca de 25 anos antes. Sua sorte foi a intervenção da Guarda Romana que, libertando-o dos Judeus, levou-o preso (At 21: 26- 33).

Durante esse tempo, que certamente afetou profundamente a vida de Paulo, acostumado a viver em liberdade, pregando por todo canto e cuidando dos seus “filhos na Fé”, ele teve tempo de refletir em tudo o que tinha vivido e aprendido naqueles longos anos de trabalho como Missionário e Apóstolo.

> •No confronto com os Judeus: “Digo a verdade em Cristo, não minto, e disso me dá testemunho a minha consciência pelo espírito Santo; tenho uma grande dor e um contínuo sofrimento no coração. Sim, eu gostaria de ser amaldiçoado e separado de Cristo em favor dos meus irmão de raça e sangue. Eles são Israelitas e possuem a Adoção Filial, a Glória, as Alianças, a Lei, o Culto e as Promessas; deles são os Patriarcas e deles nasceu Cristo segundo a condição humana, que está acima de tudo. Deus seja bendito para sempre, amém!” (Rm. 9: 1-5). Como se vê, Paulo nunca negou a eleição especial de seu Povo, mas mudou o enfoque depois de conhecer o Messias e de andar com Ele. O Privilégio dos Judeus sempre seria um privilégio, mas foi no contato com os gentios que Paulo entendeu perfeitamente o motivo pelo qual tinha Cristo se sacrificado, e teve o alcance único da missão do

seu Povo como o salvador de toda a Humanidade! E foi isso que os Judeus ortodoxos e tradicionais não entenderam, senão não teriam novamente matado a Verdade. Como fizeram com os Profetas, com o Messias e com o principal cumpridor da Grande Comissão.

•No confronto com os Gentios: “Eu, Paulo, prisioneiro de Cristo por causa de vocês, os Gentios! Certamente vocês ouviram falar como a graça de Deus me foi confiada em benefício de vocês. Foi por revelação que Deus me fez conhecer o mistério que acabo de expor brevemente. Lendo esta carta, vocês poderão entender a percepção que eu tenho do mistério de Cristo. Deus não manifestou esse mistério para as gerações passadas da mesma forma que o revelou agora, pelo Espírito, aos Seus santos Profetas, a saber: em Jesus Cristo, por meio do Evangelho, os gentios são chamados a participar da mesma herança, a formar o mesmo Corpo e a participar da mesma Promessa. Eu fui feito Ministro deste Evangelho pelo Dom da graça que Deus me concedeu através do Seu Poder eficaz. A mim, o menos de todos os santos, me foi dada a graça de anunciar aos Gentios a incalculável riqueza de Cristo, e de esclarecer a todos como se realiza o mistério que esteve sempre escondido em Deus, o Criador do Universo. (...) Por isso peço que não desfaleçais nas minhas tribulações por vós, pois nisso está a vossa glória (Ef. 3: 1-9, 13).

O mistério que sempre esteve “escondido” em Deus é este: que Ele nos escolheu. Antes de criar o Mundo, para que fôssemos santos e sem defeito diante dele. Ele criou tudo por Cristo, em Cristo e para Cristo, e isso nem sempre esteve revelado. O destino de todos para Cristo não era conhecido... era o segredo do Criador! Desde Abraão, Deus empurrou o Povo e a História para culminar em Cristo! É um privilégio que muitos Judeus convertidos se gloriavam em dizer: “Isto é a nossa história, a orientação para Cristo é um privilégio nosso”. E Paulo dizia: “Não, a orientação para Cristo é o privilégio que, nós, judeus, temos de espalhar o privilégio a toda a história, de todo povo do Mundo. *Esta* é a grande Boa Nova!”.

Mesmo hoje em dia, somos egoístas e sectários, julgando-nos mais dignos e mais cheios de honra e privilégios do que certas pessoas, certos povos, certas raças. Quando Deus não faz, e nem nunca fez, acepção nenhuma de pessoas. Mas tudo tinha seu tempo determinado, e o tempo de todos ouvirem falar de Cristo já chegou, o tempo de todos serem acolhidos dentro da Igreja já chegou.

•Do homem amarrado, cheio de obrigações pesadas e o jugo da Lei, Saulo percebeu que “Encontrei em mim essa Lei: quando quero fazer o bem, acabo encontrando o mal. No meu íntimo, amo a Lei de Deus; mas percebo

> em meus membros outra lei que luta contra a lei da minha razão e que me torna escravo do pecado que está em meus membros. Infeliz homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte? (...) Mas encontrou também um novo caminhar, do homem abatido e derrotado por dentro, temos um homem liberto que soube assumir suas próprias fraquezas como manifestação da graça libertadora de Deus: “Se habita em vós o Espírito daquele que vivificou a Cristo Jesus dentre os mortos, este mesmo que vivificou Cristo Jesus dentre os mortos vivificará também o vosso corpo mortal, por meio do Seu Espírito, que em vós habita”. “Quem me poderá separar do amor de Cristo? (...) Estou convencido de que nem a morte, nem a vida, nem qualquer outra coisa nos poderá separar do amor de Deus, manifestado em Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm. 7: 21-25, 8: 11, 35,38-39).

Dos 28 aos 53 anos muita coisa foi quebrada em Paulo, e muita coisa foi feita nova. Tornou-se livre pela liberdade recebida da sua fé em Cristo. As “cartas da prisão” (Efésios, Colossenses, Filipenses, Filemon) revelam um homem mais purificado, mais consciente da Missão, do que ele crê como sendo Verdade e do que não crê.

Essas cartas da Prisão são consideradas as cartas que escreveu em Cesareia ou Roma; outros acham que foram escritas quando estava preso em Éfeso, durante a 3ª Viagem (I Co 15: 32 ; II Co 1: 8-9). Mesmo assim, essas cartas refletem o esforço incansável de Paulo de confrontar o Evangelho com a cultura grega e com o Judaísmo. As “cartas Pastorais” são as cartas a Tito e Timóteo, ajudando-os a resolver problemas da Comunidade. As Cartas aos Romanos e Gálatas refletem o confronto com o Judaísmo; cartas aos Coríntios refletem o palpável esforço em enquadrar os problemas bem concretos das Comunidades na periferia das grandes cidades, dentro dos preceitos do Evangelho.

Bem, a verdade é que depois da sua prisão em Jerusalém na praça do Templo, Paulo permaneceu dois anos na prisão em Cesareia (Palestina) (At. 24: 27), e dois anos em Roma (At. 28: 30). Depois foi solto e viveu mais 5 ou 6 anos, até uma nova prisão, que o levou à morte.

Pouco sabemos o que Paulo fez nesse período, mas talvez o Senhor já lhe comunicasse que o tempo dele seria breve, e havia coisas a serem postas em ordem. Esteve em Éfeso, deixando Timóteo como Coordenador (I Tm. 1: 3). Passou pela Macedônia (I Tm. 1: 3), Trôade e Mileto (II Tm. 4: 13, 20); escreveu uma carta a Timóteo dizendo que queria reencontrá-lo novamente em Éfeso (II Tm. 3: 4). Na carta aos Romanos manifestou seu desejo de ir à Espanha (Rm. 15: 28). Se o fez, realmente, não sabemos. Mas fica claro que o Apóstolo, já idoso,

cuidou de andar pelas Comunidades novamente, cuidando de organizá-las e preparando-as para o futuro.

No final deste período, Paulo é novamente preso e levado para Roma. É o período da perseguição de Nero. Está armada a tempestade. Na primeira vez havia gente para recebê-lo em Roma (At 28: 15); desta vez não havia ninguém. A opinião pública é contrária e ninguém quer correr o risco de ser visto com o Apóstolo. O ambiente está tenso e carregado. Paulo prevê sua condenação (II Tm. 4: 16) e sente que o fim está próximo. “Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. (...) Sei em quem coloquei a minha fé” (II Tm. 4: 7, 1: 12).

Não sabemos como foi a última prisão de Paulo, nem como foram o julgamento, a condenação e a morte. A tradição conserva a história de que ele morreu pela espada, decapitado, fora dos muros de Roma. Os motivos... bem, já comentamos anteriormente. Paulo foi poupado de ver o que seria feito dos Cristãos em breve, as perseguições e mortes de todos aqueles que foram amigos e “filhos na Fé”. Talvez fosse mais do que ele pudesse suportar... De qualquer forma, esse ícone do Cristianismo primitivo soube corresponder à Graça recebida. Procurou ser fiel, fiel até a morte. Sua vida foi de trabalho limpo e gerado por mãos limpas e pés que andaram calçados com as sandálias do Evangelho da paz. Em paz trabalhou e labutou, nenhum crime dos que foi acusado realmente cometeu. Era homem bom, íntegro, justo, corajoso. Homem de muita oração. Homem de ações de graças (“em tudo dai graças”), a despeito de todas as tribulações que viveu. Nada pôde aprisionar o Evangelho e nem fazê-lo calar (“Quando sou fraco, aí é que sou forte! Não eu, mas a Graça de Deus em mim. E a sua graça não me foi estéril!” – II Co 12: 10 ; I Co 15: 10).

A morte pela espada foi o último conflito que ele enfrentou, com honra, mais ou menos aos 62 anos. Um homem que deixou suas marcas na História para todo sempre.

Sobre a morte ele escreveu aos amigos da Comunidade de Filipos: “Para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro. Mas, se eu continuar ainda vivendo, poderei fazer algum trabalho útil. Por isso não sei bem o que escolher. Fico na indecisão: meu desejo é partir e ficar com Cristo, o que é muito melhor. No entanto, por causa de vocês, é melhor permanecer na carne” (Fp. 1: 21-24).

Mas a espada do soldado romano rompeu a indecisão. E, ao invés de ver apenas em parte, Paulo, o grande Apóstolo, passou a vê-lo face a face e todos os mistérios lhe foram desvendados!

NOTA

De tudo o que Paulo falou em suas cartas, de tudo que ensinou e viveu, vale agora um lembrete muito importante: o lugar que as mulheres ocupavam da vida dele e da Comunidade.

Vamos ver de perto o lugar das mulheres nas Comunidades fundadas por Paulo.

1. Ele manda lembranças para as amigas: na carta aos Romanos, uma das cartas que ele escreveu no período da 3ª Viagem, quando era homem já experiente e maduro. Ele recomenda Febe, “nossa irmã”, diaconisa, com palavras de carinho, elogiando o trabalho que ela realizava na Comunidade, inclusive a ele próprio. Já somos conhecedores o suficiente do caráter de Paulo para saber que ele não iria “jogar confete” a ninguém. Talvez Febe tenha sido, inclusive, a portadora da carta, e Paulo jamais lhe confiaria isso se ela não fosse íntegra e capaz de realizar a tarefa (Rm. 16: 1-2).

2. Quando fala de Priscila e Áquila, tem a honradez de falar deles como casal (coisa pouco comum; geralmente a única figura importante do casal é o homem, e o peso que a mulher carrega sobre si nunca é reconhecido e nem notado); fora isso, Paulo sinaliza a coragem de Priscila tanto quanto a do marido dela, pois diz, sem louros a mais para Áquila, que ambos, AMBOS arriscaram a própria cabeça para salvá-lo (Rm. 16:3). Paulo sabia dar honra a quem merecia honra, e admitiu numa carta que seria lida publicamente a coragem daquela mulher.

3. Manda lembranças específicas para Maria, que muito trabalhou; também para Trifena e Trifosa, e para a “querida Pérsida”, dizendo o quanto elas se afadigaram no Senhor (Rm. 16: 6, 15: 12). Paulo reconhecia e louvava a disposição, integridade e amor pela obra destas mulheres; e creio que ele sabia julgar muito bem, muito além do que os olhos podem ver. Lembra-se especificamente também da esposa de Filólogo, Júlia (novamente tratamento como casal), a irmã de Nereu, e Olimpas (Rm. 16: 15); aparentemente, a Comunidade reunia-se na casa deles.

4. Lembra-se da mãe de Rufo, por quem parece que o Apóstolo tem especial carinho, pois a chama de mãe também! (Rm. 16: 13)

5. Paulo saúda Andrônico e Júnia, seus parentes e companheiros de prisão,

Apóstolos importantes (Rm. 16:7).

Puxa, por essa poucos esperavam, hein? Por sinal, alguns manuscritos antigos transformaram o nome de Júnia em Júnio, pois era de se admirar que uma mulher fosse por *Paulo* considerada uma Apóstola importante e companheira de prisão por causa do Evangelho... (oops! Isso aí não é trabalho de homem, não? Só homens recebem essa unção e tem essa coragem...ué?!).

Perceba como Paulo, nessas corriqueiras recomendações que faziam parte de seu caráter e de sua educação, fala com naturalidade de mulheres que são diaconisa, colaboradoras em Jesus e Apóstola. Paulo e as Comunidades devem muito ao trabalho de muitas delas, de suas fadigas e dedicação aos irmãos. De algumas, Paulo fala com carinho, referindo-se a elas como irmã, mãe e companheira de prisão. Em dois casos, a Comunidade se reúne na casa delas. Seria algo incompatível essas interferências que temos a respeito de Paulo e do seu relacionamento com essas mulheres e o que ele aparentemente parece dizer nos textos que citamos primeiro. Parece estranho que uma Apóstola não tenha direito de abrir a boca, ou de ensinar... seja homem ou mulher, pois é Apóstola e já alto preço pagou pelo amor ao Evangelho; ou que uma mulher cuja Comunidade se reúne em sua casa tenha que permanecer como uma defunta enquanto os homens deblateram entre eles; e só receba atenção na hora de servir o cafezinho: “Obrigado, irmã!” (se tanto). Ou Priscila, que na hora de dar sua cabeça por Paulo foi muito bem vinda, mas ai dela se desse um pio diante da Comunidade, devendo falar tão somente com o marido, em casa, se tiver qualquer dúvida sobre o que está sendo dito. Será que Paulo mandaria se calar aquela que ele chama de mãe, sem respeito nenhum?

Estará ou não havendo aqui algum tipo de dupla interpretação, ou interpretação dúbia?

Qual era de fato o lugar das mulheres nas Comunidades fundadas por Paulo? Logo no começo deste tópico eu disse que pessoalmente concordava com o que Paulo estava dizendo naqueles textos, e se os entendermos dentro do contexto veremos que não conflitam em nada com o relacionamento carinhoso e o papel importante e fundamental que as mulheres tinham, e têm, dentro da Igreja.

Entenda o pano de fundo da época! Dentro *da Cultura daquele tempo*, a mulher não podia participar da vida pública não havia lugar para ela. A função da mulher era exclusivamente doméstica, onde, de fato, ali ela imperava, era a dona da casa. Ora, as Comunidades fundadas por Paulo eram Domésticas, funcionavam nas casas. Assim, dentro de suas próprias casas, as mulheres podiam ter participação ativa na Comunidade. Desta maneira, Paulo abriu espaço, com uma “pequena” revolução nos valores, para que as mulheres começassem a exercer a função de Coordenadoras das Comunidades. Em quase

todas as cartas e em quase todas as Comunidades aparece o nome de uma mulher em cuja casa se reuniam os irmãos todos: Priscila e Áquila (Roma e Corinto); Ápia e Filemon (Fm 2); Lídia, em Filipos (At. 16: 15); Ninfa, em Laodiceia (Cl. 4:15); Filólogo e Júlia, Nereu e sua irmã, e Olimpas.

Agora avalie o alcance desta novidade, desta iniciativa de Paulo: naquele tempo, os Judeus, ainda extremamente arraigados aos costumes e tradições, não permitiam que se criassem Sinagogas ou Comunidades só de mulheres. Exigiam que houvessem pelo menos 10 homens para que se pudesse formar uma Comunidade. Por este motivo não havia Sinagoga em Filipos, somente um grupo de mulheres que se reunia fora da cidade para orar (At. 16: 13). Paulo, sabendo disso, teve coragem de transgredir o costume do próprio Povo e permitiu que o grupo de Filipos formasse uma Comunidade!

Convém lembrar que naquele tempo e naquela cultura era muito raro que as mulheres tivessem direito a instrução. Por este motivo Paulo orienta que elas devem escutar e aprender primeiro, sem atrapalhar o bom andamento da reunião. Mas isso não quer dizer, em momento algum, que uma vez tendo aprendido, elas não pudessem exercer seus Ministérios e dons conforme eram chamadas a isso pelo Senhor. Quem era Paulo, ou qualquer outro, para *interpor-se* entre Deus e alguma de suas filhas amadas a quem tinha chamado para servi-Lo? Estaria causando un grande mal em todos os sentidos: à mulher, a Deus, à Comunidade. Esse é um erro comum hoje em dia, quando já se tem formatado na cabeça: “Isto é para os homens: lideranças de Batalha, Finanças, Reuniões Administrativas, títulos pomposos; e isto é para mulheres: coordenação da cozinha e da equipe de limpeza; teatrinho e coral das crianças, organização de chás da tarde, e o pesado da intercessão. Homens gostam de fazer logo... dobrar os joelhos é com as irmãzinhas”. Pare pra pensar... é estranho ver uma mulher que profetize e aja como João Batista ou Elias; logo ela se torna sinônimo de “Jezabel”. Também é mais difícil ver homens sensíveis ao Espírito e fiéis em oração como muitas mulheres. Homens que lavam roupa, descascam batatas e limpam banheiros, embora estas sejam árduas tarefas, e não menos ou mais espiritual.

A verdadeira espiritualidade de tarefa, seja ela para um homem ou para uma mulher, reside no fato simples e puro: foi Deus que mandou? Então, acabou a discussão. Quem somos nós para discutir com que criou o Universo e o ser humano à sua imagem e semelhança, que conhece o mais profundo do nosso ser. Ele pode encontrar numa mulher uma coragem e determinação dignas de um homem, e num homem a sensibilidade e ternura características das mulheres. Uma mulher corajosa e determinada bem poderá ser – de fato – uma Guerreira dos últimos tempos e apóstola de Jesus. Um homem cheio de sensibilidade, emotivo, terno, poderá Ter um grande chamado como Levita, e levar multidões à

Adoração. Ou, quem sabe, um excelente Líder Infantil, que saberá impregnar nos pequenos a verdadeira Palavra e o verdadeiro Caminho, do qual eles nunca se desviarão?

Quem somos nós para decidir? Dando “empurrõezinhos” em uns e milhares de obstáculos à frente de outros?! Cuidado! Pode ser que estejamos indo contra Deus e não contra as mulheres, ou contra os homens... e de cada atitude nossa prestaremos contas Àquele que é o Juiz de toda a Terra!

Um detalhe interessante na carta de Paulo aos Gálatas nos faz refletir um pouco e repensar nossos conceitos: ele enumera as “obras da carne” e os frutos do espírito”, lado a lado (Gl. 5: 19-23). Na nossa língua, “carne” é um substantivo feminino, mas no Hebraico é uma palavra masculina. “Espírito”, em nossa língua, é masculino, e no Hebraico é termo feminino. Confira na carta quantas das “obras da carne” são defeitos tipicamente masculinos? E quantos dos “frutos do espírito” são tipicamente femininos? O resultado desse confronto é significativo. Os homens que me perdoem, mas têm deixado de seguir o bom caminho e tomar sábias decisões porque já se consideram muita coisa só pelo fato de serem homens e isto, especialmente dentro da Igreja, é um privilégio antiquado que o Mundo já não aceita. E nisso eles têm razão. Já as mulheres, parece que têm uma obrigação a mais de se desdobrarem em duas, três, quatro, *dez*... porque a condição de mulher já as coloca em desvantagem!

Não há “vantagem ou desvantagem” em relação ao sexo. O que importa é o chamado e a Unção recebida. E isso quem decide é Deus. Ponto. E se a mulher for mais espiritual do que o homem, terá maior honra que ele, nem que seja no Dia do Juízo. Já é hora de agirmos como seres humanos *adultos* e nos darmos as mãos em prol do que realmente importa, que é restaurar a Noiva e nos prepararmos para a vinda de Cristo libertando cativos, salvando vidas, pregando as boas novas aos quebrantados, curando os enfermos, vencendo o Inferno e exercendo o Poder do Alto para impactar o Mundo que se perde à beira do Abismo! Essa historinha de clube do Bolinha e clube da Luluzinha já era! Século XXI, gente! Paulo escreveu para a cultura da época!

Mesmo sendo o Paulo colérico, sem meias palavras, forte e corajoso que conhecemos até agora, também transparece nele um espírito terno e carinhoso quando se trata do seu relacionamento com as Comunidades, e isso quer dizer com *todos eles*, como já vimos pelas suas saudações e lembranças tanto a homens quanto a mulheres. Talvez Paulo tenha aprendido parte desse seu “lado maternal” pela convivência pacífica e respeitosa, mas estreita, com as mulheres de Deus. Uma pequena amostra desse relacionamento carinhoso e tipicamente feminino transparece na narrativa que Lucas fez da despedida de Paulo da Comunidade de Éfeso. Depois de falar, “Paulo se ajoelhou e orou com todos

eles. Então, todos começaram a chorar muito; e, lançando-se ao pescoço de Paulo, beijavam-no. Estavam muito tristes, principalmente porque tinham dito que nunca mais veriam o seu rosto. E foram com ele até o navio" (At. 20: 36-38).

Essa mesma sensibilidade e ternura extravasa nas cartas muitas vezes; sobretudo na carta aos Filipenses, que no começo era uma Comunidade só de mulheres, Paulo deixa transparecer a amizade que sentia por aquela Comunidade. Paulo soube ser duro e inflexível na defesa dos valores da vida e do Evangelho, mas isso não apagou dele a capacidade de ser um amigo carinhoso e acolhedor, delicado e atencioso. Não perdeu a ternura e, aliás, talvez parte disso, como já falei, seja herança das mulheres com quem conviveu! Grande homem, esse Paulo de Tarso... Grande homem!

Para compreender tudo o que Paulo disse e ensinou temos que ler todas as suas cartas e entender o tempo e contexto tanto de sua vida Ministerial, quanto da Comunidade à qual está escrevendo. São dezenas de assuntos, todos atuais e verdadeiros para nosso tempo. Portanto, quero apenas abordar mais um tema, segundo a ótica de Paulo. A questão do casamento. Quando Paulo escreveu aos Coríntios, não era casado; alguns estudiosos acham que Paulo era viúvo; outros acham que a mulher tinha se separado dele (I Co 7: 15-16). Mas não sabemos. Contudo, ele não era contra o casamento, como alguns podem pensar. Naquele tempo havia uma doutrina que proibia o casamento, coisa que Paulo condenou como "doutrina demoníaca", "hipocrisisa de mentirosos" e "fábulas ímpias de gente caduca" (I Tm. 4: 1-2, 7). Mesmo não casado, ele defendia o direito que ele mesmo tinha de ter uma companheira (I Co 9: 5). O fato de escolher não se casar tinha a ver com o que era rhema para ele, e também com a sua vocação e experiência pessoal em Cristo (I Co 7: 32). E com a sua convicção de que o final dos tempos já tinha chegado e tudo era urgente, mobilizar tudo e todos era urgente. Nisto ele se enganou, porque o tempo de Deus não é igual ao nosso tempo (I Co 7: 29- 31). Por isso, chegou ao cúmulo de incentivar – apenas incentivar – que as solteiras permanecessem como estavam, pois assim poderiam dedicar-se exclusivamente ao Senhor. Naquela época, a mulher casada estaria presa ao marido e não teria condições concretas para dedicar-se à Missão. Mas, ele também disse que se fosse para viverem "abrasados", então que se casem, tanto o homem quanto a mulher. E nisso não pecam. SE as viúvas mais novas desejassem casar novamente, ainda que Paulo, pessoalmente falando, sugiria o contrário, era mera sugestão. Ninguém peca por casar-se e viver dentro das regras estabelecidas por Deus para o casamento.

Portanto, se pegássemos aqueles textos isoladamente, seríamos partidários de uma ideia totalmente distorcida do que Paulo pensava acerca da mulher e da sua

participação na Comunidade. Pensaríamos que ele era contrário ao casamento porque ele mesmo decidiu fazer assim, e não é nada disso. Aquelas palavras duras que lemos no começo, Paulo não as formulou dentro do contexto Universal da Igreja. Entenda que cada Comunidade era peculiar, com povos e costumes diferentes, portanto, com maneiras diferentes de receber e praticar o Evangelho. Embora a Bíblia seja nossa única e grande fonte de referência, não podemos deixar de entender certas particularidades individuais para não fazermos dessa experiência particular uma doutrina. Lembre-se.... eram cartas, dedicadas a pessoas reais, que estavam cometendo erros reais. As duras palavras foram formuladas de maneira ocasional, para resolver definitivamente um problema bem concreto de uma determinada Comunidade. Uma vez *que não exista o erro,* torna-se dispensável a exortação, e caímos no contexto geral do que Paulo pensava sobre as mulheres.

É importante entender que Paulo estava trazendo não uma diretriz única, e ponto final, como doutrina permanente do Cristianismo. Era algo específico.

Vamos entender um daquele problemas que provocou as duras palavras de Paulo sobre as mulheres. Como já vimos, Paulo sempre foi sim, sim; não, não...doesse a quem doesse. Um dos problemas concretos era na Comunidade de Timóteo. Na Comunidade onde Timóteo era coordenador, infiltrou-se um grupo de falsos “doutores” (I Tm. 1: 3, 6). Puxa... que bom que Timóteo não estava jogado aos Deus dará, que tinha a quem pedir ajuda e conselho, e o seu Líder estava sempre pronto a atendê-lo porque era mais que um discípulo e amigo pessoal de Paulo, era um “filho espiritual” dele. Quantos... quantos dos nosso Pastores estão ao léu, sem Ter viva alma que lhes dê apoio e cobertura.

Timóteo passou a enfrentar um grupo que espalhava doutrinas falsas, condenavam coisas boas que Deus tinha dado transformando-as em más, interpretavam mal a Escritura e não aceitava a Ressurreição. Ou seja... aquele abacaxi!!! Não duvido que estes fossem de fato filhos do Fogo... Que mais tinha o Diabo de mais importante a fazer que não fosse neutralizar o trabalho de Paulo e dos seus discípulos? Era ali que o Cristianismo estava crescendo e frutificando! Os olhos dos demônios se voltaram para Paulo e suas Comunidades e, pelo visto, o princípio era o mesmo: infiltrar para dividir. Os antigos Apóstolos, a meu ver, não cumpriram a Grande Comissão. Talvez pelo fato de terem caminhado pessoalmente com Jesus tenha lhes ficado escondida alguma semente de soberba que deu fruto e impediu que eles levassem o Evangelho não apenas até Samaria e Judeia, mas até os confins da Terra. E isso quem fez não foi nenhum deles, mas Paulo. No Livro de Atos, que começa com a participação tão forte dos Apóstolos de Jesus, mas cada vez mais não há o que dizer da Igreja de Jerusalém... a história de Paulo e suas viagens e seus trabalhos tomam conta do livro até o fim.

Na Comunidade de Timóteo, esses doutores tinham *aparência* de piedade, mas não havia coração convertido a Cristo em nenhum deles. Paralelamente a isso, aparece um grupo de mulheres (sugestivo, não? Parece até nos dias de hoje... Aparentemente eles não se conheciam previamente. As mulheres foram "seduzidas" por eles, mas talvez fossem somente um jogo para assistência, como é feito até hoje). Mas, enfim, a história nos conta que eles conseguiram "cativar" algumas mulheres, talvez "recém-convertidas" (ou Satanistas mesmo), mas o fato é que, ainda, participavam das "instruções". Eram mulheres de certa posse, pois viviam bem, ostentando objetos de ouro, pérolas e vestidos suntuosos, numa Comunidade de gente simples (será mesmo por acaso tudo isso?). O fato é que por causa disso eram bastante visadas pelos "doutores". No entanto, estudando sempre, rodeavam-se de professores para o que lhes convinha, mas nunca chegavam ao conhecimento da Verdade. Conforme os costumes da época, professores, mestres, Filósofos ambulantes, é claro que essas mulheres ricas os abrigavam, e seu interesse no conhecimento era um lugar de maior prestígio e influência. Queriam liderar e influenciar, e influenciadas pelos falsos doutores repudiavam o casamento, aceitavam qualquer doutrina, andando de casa em casa – já que não tinham sua própria família – espalhando tagarelices e fofocas e doutrinas destrutivas, contaminado a Comunidade toda, provocando brigas, raivas, contendas e divisão... (trechos de I Tm, principalmente, e alguns textos de II Tm).

A maneira como a carta apresenta e descreve a situação dessas senhoras é, óbvio, negativa. Era difícil saber o que havia por trás desses desejos, de fato, Talvez o desejo de libertar-se da condição de "prisioneira" do homem, pois é claro que muitos homens se aproveitaram, sempre, desta situação privilegiada de domínio. Mulheres sempre foram tratadas como objetos de uso e abuso. Expressão semelhante de libertação ocorria nas comunidades pagãs.

Procurando ajudar Timóteo, jovem – talvez bem mais jovem do que estes a quem nos referimos – Paulo, no difícil no texto de I Tm: 2: 9-15, enfrenta o problema bem vivo e concreto da Comunidade dele. Paulo não está falando da mulher em geral, mas está pensando naquele grupo específico de solteironas de Éfeso. Paulo não é contra a participação da mulher na Comunidade, muito menos que exerçam cargos de liderança, mas estava falando daquele grupo de mulheres que desejavam cargos e usavam de meios excusos para consegui-los. Por isso pede a elas que sejam mais modestas a fim de não "provocar"; o Apóstolo não é contra que a mulher estude, mas pede que aquelas senhoras estudem com calma e humildade, enquanto ainda estiveram na vida inicial da Comunidade. Paulo não estava ensinando que toda mulher precisa passar pela maternidade para salvar-se, mas no caso daquelas viúvas jovens que

desprezavam o casamento, endinheiradas, o caminho delas seria de perdição e apostasia no futuro; portanto, via como única solução para elas aprenderem a seguir o bom Caminho com um casamento com um bom homem, e sendo mães. (Textos de I Tm.)

Entendemos que, dentro do contexto adequado, entendendo o que se passava e em que circunstâncias aquelas instruções foram dadas, tudo fica bem mais claro. Observando melhor, ao invés de retrógrada, a pregação de Paulo é inovadora e progressiva, porque, através do ensino, ele estava abrindo espaço que nunca dantes fora dado à mulher. Se elas se saíssem bem, sendo piedosas, responsáveis, trabalhadoras idôneas... Paulo seria, sem dúvida, o primeiro a confiar cargos de maior responsabilidade e inclusive Liderança a elas, o que foi o que aconteceu diversas vezes! Contra tudo e todos, contra a mentalidade da época, o Apóstolo considerou a coisa mais normal que as mulheres aprendessem e fossem usadas por Cristo tanto quanto os homens, na justa medida do aprendizado e do chamado de cada um. Inclusive em cargos de Liderança, algo nada comum naquela época!

“O homem é a glória de Deus, mas a mulher a glória do homem” (I Co 11: 7); neste texto não se ressalta que, em última análise ambos foram criados à imagem e semelhança do Altíssimo (Gn. 1: 27). Alguns entendem que a maneira de Paulo se expressar no texto enfatiza o *prêmio* que o homem recebeu – a mulher –, e não o fato de haver alguma diferença entre ambos terem sido criados à imagem e semelhança de Deus, coisa que Paulo dispensou de mencionar, por ser absolutamente óbvia. Para Deus, foi um “Prêmio”, um “Presente” dos mais preciosos a criação humana, filhos e filhas que são como menina dos olhos. O texto realça a figura da mulher como “menina dos olhos” do seu marido!

Vamos entender mais um nó, porque deste algumas denominações não se livraram até hoje. Quando Paulo falou do véu... na cultura da época, o véu era um símbolo de submissão ao marido e, consequentemente, ao Senhor. O ensinamento sobre a mulher ser submissa ao marido está correto; ele é, de fato, o cabeça sobre a mulher, mas sempre nos esquecemos que o texto diz também: “Cristo é o Cabeça do homem” (I Co 11: 3). Isso é muito sério... Se o homem não se deixar guiar por Cristo, sendo Ele o seu Cabeça, muito menos o será para sua mulher, por mais que tente com forças humanas. Já dissemos que o amor entre homem e mulher, no Seminário I, é sobrenatural. Não voltaremos a falar sobre isto, no entanto, percebemos que muito pouco efeito tem surtido entre os casais aquela pregação. Ninguém quer admitir que o casamento vai mal e, não raro, são mulheres que arrastam seus orgulhosos maridos à frente, no púlpito, para receberem oração... mas e depois?... E no dia a dia?

“Cabeça” dá uma ideia pejorativa de “dominação”, e dentro daquilo que

aprendemos de Paulo, e da sua luta pela utópica Igreja sem figuras autoritárias de Poder, naturalmente que “Cabeça” não está se referindo a um símbolo de dominação ou poder; porque antes, ele cita sendo Cristo o cabeça do Homem e Cristo não é figura de autoritarismo nem dominação! “Cabeça” é simplesmente o termo usado para dizer que ele deve ser o responsável pelo corpo, pela sua mulher e pela sua família; o que se une como uma só carne não pode fazer mal a si mesmo... Portanto, com alegria ele se torna provedor material, provedor emocional, sacerdote espiritual, o Líder que leva os seus seguros pela tempestade da vida, com as mãos firmes no leme, tendo por principal auxiliar a esposa. Não uma empregada, ou serviçal, ou um ser inferior... mas a “menina dos olhos”!

Este é o cônjuge “amante e amigo”, que tem na sua companheira de vida a maior e mais importante auxiliadora, sem a qual seria difícil conduzir o barco para portos seguros. Ela é importante tanto quanto ele, na sua função de esposa, auxiliadora idônea, intercessora, companheira, mãe, amiga, amante. Já viu uma casa sem a presença de uma mulher virtuosa? É um verdadeiro caos! Pode até manter as aparências, o homem solteiro arrota sua “pretensa liberdade”, mas quando vê os amigos casando, constituindo família, o vazio vai ficando cada vez maior. Homem e mulher não foram feitos para viverem sozinhos, mas EM PARCERIA, sem jugo de dominação de nenhuma das partes, mas em *mútua cooperação*. Cada um dentro dos talentos naturais e característicos do sexo a que pertencem, e exercendo os dons espirituais que Deus lhes concedeu, seja como ovelhas do rebanho ou como líderes, a amizade, o companheirismo, a cumplicidade, a fidelidade, a intimidade estreita em todos os sentidos têm que existir e ser saudável. Pode Ter certeza de que era isso que Paulo esperava, e mesmo que tenha se precipitado em alguns julgamentos por imaginar que seria iminente a volta de Cristo, ainda há tempo de muitos casais serem felizes se lutarem segundo as normas do jogo do Amor.

Voltando um pouquinho aos tempos antigos dentro do Oriente, além de símbolo de submissão o véu falava algo sobre a sexualidade da mulher. Sem o véu eram consideradas sexualmente desinteressantes. Por sua vez, o homem de cabelo comprido se colocava abaixo de sua posição masculina, uma vez que o cabelo longo significava subordinação. Alguns creem que Paulo estava preocupado, devido às novidades liberais das novas Comunidades e do novo tempo, que as mulheres abandonassem os seus véus, que era de uso diário, e não somente nas Sinagogas, provocando uma espécie de libertinagem precoce e expondo os “cabelos das virgens e das casadas” diante de todos os homens. Tinha que ser algo progressivo. E foi. Como todas as outras coisas dentro da Igreja, ao longo dos anos. A novidade tinha que vir aos poucos, senão podia virar

uma bagunça da qual eles perdessem o controle depois. “Todas as coisas são lícitas... mas nem todas convém, e nem devemos nos deixar dominar por nada”. Uma coisa de cada vez... Hoje o aprendizado, amanhã outras concessões. Creio que foi somente uma questão de prudência, e não uma diretriz absoluta para todos os tempos da Igreja. Ele tinha consciência de que sua liberalidade em relação às mulheres na Missão e na vida da Comunidade fazia dele alvo de muitas críticas por parte das Comunidades mais conservadoras. Era apenas uma questão do decoro da época. Observe que embora Paulo oriente o uso do véu, não impede a mulher de profetizar! Pense nisso! (I Co 11: 2-16). Ele considera isso algo normal, nem discute; é ponto pacífico. O que ele proíbe é a falta do véu, que ela faça isso de cabelos soltos, como faziam as mulheres pagãs nos Cultos de Ísis, um claro apelo à sensualidade. O que ele estava pedindo era que as mais apressadas tivessem paciência e mais moderação, para que o exagero precipitado de algumas não colocasse em risco a própria abertura para a participação maior das mulheres na vida das Comunidades.

Uma coisa de cada vez! Hoje, tudo isso mudou... Não preciso explicar! A submissão é um atitude concreta e espontânea que a mulher virtuosa tem em relação a seu marido por amor a Deus, e amor a ele. Em retribuição ao amor que ele mesmo dedica a ela, pois sendo Cristo seu cabeça, aprendeu a suprir a esposa em todo e qualquer sentido. A mulher saciada física, emocional e espiritualmente sabe fazer o mesmo por ele!

Em suma... colocamos as palavras de Paulo dentro do contexto exato e entendemos na dureza delas o motivo que as gerou: problemas específicos dentro da Comunidade. Assim conseguimos compreender seu exato sentido. Caso contrário, como também já foi citado, incorreríamos em erro de interpretação, não somente naquela época (II Pe 3: 15), mas até hoje essas interpretações ao pé da letra tornaram-se fruto de confusão. O próprio Paulo, algumas vezes, não tinha plena certeza de estar dando o conselho certo I Co 11: 6) e estava bem consciente de que nem todos concordam com ele (I Co 14: 36-38).

Deus criou a mulher diferente do Homem, mas Ele assim o fez porque assim lhe agradou. As mulheres gostam de falar, gostam de comprar coisas, são mais sensíveis em todos os aspectos, choram com maior facilidade, gostam de se arrumar, de estarem bonitas, de adornos para o corpo e para o cabelo; são mais vaidosas do que o homem por natureza, aquilo que lhe agrada e desagrada faz parte de uma essência plantada por Deus... Assim Deus fez, faz parte da essência da mulher, e é assim que Ele gosta. Tudo dentro do contexto da mulher virtuosa, não se esqueça. Estamos falando para Líderes, para pessoas que – espero – já tenham virado certas páginas do livro de aprendizado da Vida.

Os homens também têm suas peculiaridades. Às vezes querem algum tempo sozinhos ou com amigos. Gostam de certos tipos de esportes e de assuntos (como negócios e política) que agradam menos às mulheres. A fisiologia dos hormônios masculinos e femininos é uma das principais diferenças, mas a principal é que Deus fez o homem como Ele gostaria que fosse: mais forte, capaz de trabalhar duro e trazer sustento à sua casa. A mulher, "vaso mais frágil", tem outras habilidades. Deus fez um e outro com habilidades e personalidades diferentes. Estou falando em termos gerais, né? Na complexa rede de cromossomos do nosso DNA. Claro que há nuances que se misturam, levando a mulheres fortes e corajosas, que preferem os trabalhos mais pesados e de maior responsabilidade, e homens que são pacatos e introspectivos, expressando-se melhor através da música, da poesia, da arte em geral.

Por que estou falando do que parece ser óbvio? Porque a Igreja se deixou contaminar por conceitos do mundo. Os Homens, particularmente, reúnem-se em rodinhas para depreciar o sexo feminino. SE alguém fez alguma coisa "errada" no trânsito, eles dizem: "Só pode ser mulher!"; se vão os dois juntos a um passeio pelo Shopping, as mulheres perdem até o prazer do passeio, por terem alguém atrás a reclamar: "Mulher é gastona, perdulária, não se decide logo, entra em 1 milhão de lojas... Pensa que tenho tempo pra isso?".

Por outro lado, nas rodinhas femininas: "Homem não presta, é egoísta, só pensa em si, não é digno de confiança... Se me trair, eu também vou trair".

Onde está o amor, a cumplicidade, a parceria, as palavras bonitas de antes?! É um fato que os homens falam muito mais mal das mulheres do que o contrário. Sempre com piadinhas depreciativas, todos dia, gotejando, muitas vezes no coração da própria esposa: "Você é incompetente. Como que foi fazer isso; Só podia ser coisa sua!". Essas palavras vão machucando... vão cortando... vão tirando a segurança que ela tem como pessoa e como mulher. É uma espécie velada de tortura. Sabem as brincadeiras tipo "espírito de porco"?

Algum comentário maldoso ou pejorativo que é feito na base da "brincadeira"? Às vezes a mulher está feliz, descontraída, e o homem faz uma dessas. Se ela não gostar e fechar a cara: "Poxa, foi só uma brincadeira. Já vai emburrar?". Sim. Há palavras que machucam muito, ferem muito. E fazer da mulher um ser inferior, tolo, sem talentos... é como uma espécie de murmuração diante de Deus. Creia no que estou dizendo! Falar mal, mesmo na base da "brincadeira", depreciar a parceira, ou as mulheres em geral, tornou-se uma murmuração da qual Deus não se agrada. Ele nos fez diferentes e é nas diferenças intrincadas do nosso ser que podemos ser um só. Duas metades iguais não se complementam, não se encaixam.

Estas – novamente faço questão de deixar claro – que estou falando de

mulheres virtuosas, que seguem ao Senhor de coração e que têm tido minadas a sua fé, a sua segurança, e a sua autoestima por maridos pouco sábios que não aprenderam a cuidar dos seus “vasos frágeis”.

Como o Seminário II é para Líderes, essencialmente, ou aspirantes a algum tipo de Ministério, falo com clareza que isso é intolerável diante de Deus.

Do mesmo modo, as mulheres, se querem ser louvadas por seus cônjuges, e respeitadas por todos, têm que fazer por merecer! A mulher tem sua importância, sim, e não é errado dar vazão àquilo que foi colocado em nós como essência de Deus, em termos de beleza, cuidados com o corpo, uma bela tarde de comprinhas, uma casa aconchegante, bonita. Nada disso é errado, desde que feito de comum acordo com seu marido. Um corte de cabelo, uma tintura, uma depilação, uma dieta para perder peso, umas “coisinhas” diferentes para a mulher usar quando se deita com seu marido, tudo isso faz parte, e é bom!

Mas quando disse que os conceitos do mundo estão entrando na Igreja, eles têm afetado (pelo menos na aparência), mais às mulheres do que aos homens. Elas estão ficando cada vez mais levianas, vulgares, vestindo-se inadequadamente, fazendo do corpo – que é Templo do Espírito Santo – objeto de comércio e prostituição, instigando, pela sensualidade, os homens ao pecado. Isto as mulheres têm feito muito mais do que os homens, abertamente, sem pudor. Os adultérios são histórias comuns dentro da Igreja, e não se pode mais falar em excessão, está quase que se tornando regra.

Por quê? A esposa foi massacrada dentro de casa, dia após dia, ano após ano, por um homem que, julgando-se “Cabeça”, tornou-se um tipo de déspota, alguém que cerceia cada movimento, que ridiculariza, que faz “brincadeirinhas “de mau gosto na frente dos outros; faz a sua florzinha murchar”. Quando ela murcha, torna-se fria, desinteressante, mas não foi culpa dela; muitas são mulheres de Deus (é destas que estou falando), mas as interpretações erradas da Bíblia têm feito um contingente *enorme* de mulheres sofrerem caladas.

“Se eu disser como é minha vida com o Pastor... que será de nós? E se ele perder o cargo, do que vamos viver?”.

E ficam quietas. E suportam as amantes, porque as mulheres exibindo sua sensualidade e abertamente se entregando aos homens tornam-se cúmplices do problema. É preciso suportar as amantes, senão.... “do que vamos viver?”.

Pensam que é um caso ou dois? Não!!! Muitos e muitos e muitos!

Homens adulteram e chegam até a ter uma segunda família. E continuam, fingidamente, em seus cargos dentro da Igreja, contaminando o púlpito e tudo que tocam com suas mãos podres. Creia-me. Se vocês são Líderes, sabem bem do que estou falando. Se não são, creiam-me do mesmo jeito. A Igreja está podre por dentro!

Homossexualismo? Parece arroz com feijão! Demônios têm invadido o Corpo de Cristo e danificado suas células (as pessoas), a ponto de se criar um câncer que precisa de solução drástica e urgente para que haja chance de salvar a Noiva, que está tão doente.

De tudo que falamos, este ponto é crucial: relacionamento matrimonial. Se ele afundar... esqueça do resto. Vai tudo à bancarrota. É somente questão de tempo...

Guardemos bem as exortações de Paulo. Quem ama de verdade pode criticar, porque nas duras críticas está visando o bem e não o mal. Quem ama de verdade pode dar um tapa no rosto de um amigo, para trazê-lo de volta à razão. Embora Paulo não pudesse perceber o que viria adiante, o processo de libertação da mulher enquanto *Mulher*, uma vez que a cultura e o nível de consciência não eram os mesmos que os de hoje. Ele não poderia perceber o problema deste processo enquanto um problema real. Não era da sua alçada o que viria depois. Ele fez o que era certo dentro da cultura do seu tempo.

Fato é que ficou bem esclarecido dois importantes pontos:

- Ele não era contra a participação ativa da mulher nas Comunidade.
- Nas Comunidades fundadas por Paulo as mulheres tinham bem mais participação, voz ativa e responsabilidades do que nas nossas pretensiosas Igrejas do Século XXI!

CONCLUSÃO

Espero que você tenha, como nós, apaixonado-se pelo caráter de Paulo: pelo seu cuidado com as Igrejas, sua dedicação, abnegação, coragem, força, fé, obediência, determinação, perseverança, compreensão das Escrituras, conhecimento e intimidade com Deus, mortificação da carne, amor e amor e amor pelos irmãos e por Cristo... e tanta, tanta AUTORIDADE ESPIRITUAL! Que Deus nos faça ter um coração disposto como o de Paulo, pronto a pagar o preço da vida vivida segundo os preceitos Daquele “cujo Amor nada nem ninguém pode nos separar”. Por isso Paulo fez o que fez, e foi o que foi. Foi “mais do que vencedor por meio de Jesus” (Rm. 8: 37-39).

Creio ser totalmente desnecessário fazer qualquer outros comentários a respeito de Autoridade Espiritual depois de estudarmos as vidas destes homens. Elas falam por si. Quem quiser ser como eles, que siga o exemplo que nos foi deixado.

Se puder, responda:

Quem é o maior? O Selado... ou o Eleito?!

FIM

REFERÊNCIAS

BAUVAL e HANCOCK. *O Mistério da Grande Pirâmide.* Disponível em: <http://www.colegioacademia.com.br/admin/professores/arquivos_upl/28_os-segredos-da-grande-piramide.pdf>

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Estudo*. Tradução de João Ferreira de Almeida, edição revista e atualizada. São Paulo: Editora Vida, 2009.

BOWKER, John. *O Livro de Ouro das Religiões*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

BURL, Audrey. *Hereges de Deus – A Cruzada dos Cátaros e Albigenses*. São Paulo: Editora Madras, 2003.

BULFINCH, Thomas. *O Livro de Ouro da Mitologia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

Buracos negros, buracos brancos e buracos de minhoca – qual a diferença? Disponível em: <http://www.misteriosdouniverso.net/2015/03/buracos-negros-buracos-brancos-e.html

Buraco Negro; A Vida das Estrelas. Microsoft Encarta Multimedia Encyclopedia. Multimedia digital encyclopaedia produced by Microsoft Corporation (1993–2009)

CÉSAR, Tibério. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tib%C3%A9rio>

_____. Disponível em: <http://wol.jw.org/en/wol/d/r5/lp-t/1200004398>

Contra-Reforma. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Contrarreforma>

GRIBBIN, John. *Buracos Brancos - O princípio e o fim do espaço*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves.

HIEROMONGE, Pe. Pavlos. *A presença dos Demônios nos Textos da Bíblia e da Tradição*. Disponível em: <http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/fe_ortodoxa/o_demonio_na_biblia_e_na_

KOSHIBA, Luiz. *História – Origens, Estruturas e Processos*. São Paulo: Atual

Editora, 2000.

LACK, Gwendolin. *Mesopotâmia – Invenção da cidade.* São Paulo: Editora Imago, 2003.

MATHER, G. & NICHOLS L. *Dicionário de Religiões, Crenças e Ocultismo.* São Paulo: Editora Vida, 2000.

MESTERS, Carlos. *Paulo Apóstolo, um trabalhador que anuncia o Evangelho.* São Paulo: Editora Paulus, 2013.

METZGER, Bruce & COOGAN, Michael. *Dicionário da Bíblia – Vol. 1.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.

MURÃO, R. R. F. *Explicando a astronomia e o poder religioso.* Rio de Janeiro: Edições Ediouro, 1987.

O Calendário Judeu. Disponível em: <http://www.pt.chabad.org/calendar/1000year_cdo/aid/900173/jewish/Conversor-de-Data.htm>

OGILVIE, Lloyd J. *O Senhor do Impossível.* São Paulo: Editora Vida, 2009.

Satã vive. Revista Super-Interessante. Março de 2002. Edição 174.

TIRADRITTI, Francesco. *Tesouros do Egito – do Museu Egípcio do Cairo.* Fotografias: Arnaldo De Luca. São Paulo: Editora Manole, 1998.

DANIEL e ISABELA MASTRAL moram em São Paulo, são casados desde 1999 e têm um filho. Ela é formada pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e ele desenvolveu um trabalho ímpar como congressista, sendo conhecido em todo o Brasil por suas palestras sobre espiritualidade, temas ocultos, Teologia e História, dentre outros temas aplicados à fé e à motivação de vida.

Autores de extenso repertório literário, incluindo muitos títulos de ensino e reflexão, o conjunto de suas obras engloba, também, vários romances, alguns deles best-sellers nacionais, desenvolvidos a fim de recriar a densa realidade que parte dos mais diferentes ângulos dos mundos espirituais paralelos.

Entre os livros de autoria do casal destacam-se os livros Filho do fogo, Guerreiros da Luz e Voz do que clama no deserto, sendo este último, ganhador do Prêmio Areté, em 2006, na categoria romance.

Daniel Mastral também é autor da trilogia composta pelos livros Kilaim, Nephilim e Ikarim.

www.agape.com.br

#Ágape nas redes sociais

Table of Contents

Folha de Rosto
Créditos
Sumário
Introdução
A História do Diabo
    1) Introdução
    2) A Formação do Diabo na Mente Humana – Aspectos Históricos
    3) A História do Diabo e o Cristianismo
    O que foi a Reforma Religiosa?
    A Contrarreforma
O Diabo na História
    1) A Criação
    2) Os Anjos Caídos e a corrupção na Terra
    3) Os Gigantes
    4) A Reprodução dos Demônios
    5) O modo de agir do Diabo
Abertura de Janelas Dimensionais – Espíritos Territoriais
Selo Espiritual – Um Chamado para a Capitania
    A diferença entre os predestinados e os eleitos (chamados):
    Quanto à vida de Jesus na Terra
Autoridade Espiritual
    Moisés
    Paulo
    O nascimento e a juventude de Saulo
    O treinamento de Paulo
    Lugares onde Paulo andou neste segundo período de sua vida
    As viagens Missionárias de Paulo
    Os amigos de Paulo
    O Pano de fundo do Missionário Itinerante
    As perseguições, acusações e prisões do Apóstolo
    Quais os verdadeiros motivos de atrito com o Império Romano?
    O quarto e último período da vida de Paulo
Nota
Colclusão
Referências

Sobre o Autor
Colofão